



Gisafran Nazareno Mota Jucá

Seminário da Prainha

Indícios da memória individual e da memória coletiva

160 anos
1864 ♦ 2024





FACULDADE
CATÓLICA DE FORTALEZA

Seminário da Prainha

Indícios da memória individual e da memória coletiva

160 anos

1864 ♦ 2024

FACULDADE CATÓLICA DE FORTALEZA
Arquidiocese de Fortaleza

CHANCELER
DOM GREGÓRIO BEN LÂMED PAIXÃO, OSB
Arcebispo Metropolitano de Fortaleza

Direção-geral
Prof. Dr. Pe. Francisco Antônio Francileudo

Direção Administrativo-financeira
Prof. Me. Pe. Joaquim Fernando Pontes III

Direção Acadêmica
Prof. Me. Pe. Tiago Geyrdenn de Oliveira Gomes

Gisafran Nazareno Mota Jucá

Seminário da Prainha

Indícios da memória individual e da memória coletiva

160 anos
1864 ♦ 2024

FACULDADE
CATÓLICA DE FORTALEZA

Fortaleza – Ceará
2024

© 2024 Copyright by Gisafran Nazareno Mota Jucá

Todos os direitos reservados.

Esta obra não deve ser reproduzida integral ou parcialmente em qualquer meio sem a prévia autorização de seu autor.

Projeto gráfico, capa e diagramação
Stephane Leal Petrola Martins
Wendell Gabriel Silva Santos

Fotos da capa
Album Historico do Seminario Episcopal do Ceara: en commemoração das "bodas de ouro" de sua fundação (1914)

Organização
Adriana Nobre da Silva Ribeiro

Revisão de texto
Gisafran Nazareno Mota Jucá

Revisão do prefácio e do posfácio
Profª. Kercya Nara Felipe de Castro Abrantes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Vanessa Moreira Maciel de Sousa CRB-3/1775

J91s Jucá, Gisafran Nazareno Mota.
Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva 160 anos 1864-2024. [livro eletrônico] / Gisafran Nazareno Mota Jucá; – Fortaleza: [s.n.], 2024.
2Mb; PDF
530 p.; il.

ISBN: 978-65-01-17430-3

1. Seminário da Prainha-Memória. 2. Igreja Católica-História-Ceará. 3. Fortaleza-História. I. Título

CDD – 981.31

Faculdade Católica de Fortaleza
Rua Tenente Benévolo, 201 – Centro, Fortaleza – Ceará, Brasil
CEP: 60160-040
Telefone: (85) 3453-2150 – WhatsApp: (85) 99855-0056
Site: catolicadefortaleza.edu.br

À memória da professora Sandra Jatahy Pesavento, minha supervisora no estágio de Pós-doutorado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com quem aprendi a visualizar "a sensibilidade como uma escrita e leitura da alma", sem esquecer que "a história cultural apresenta mais dúvidas do que certezas". Para ela, "... se nos ensinaram, e desde há muito, que a história estuda processos e privilegia, sobretudo, a mudança, concluímos que Clio mudou, mudaram os historiadores, mudaram as perguntas, os campos de trabalho, os objetivos, os problemas" (PESAVENTO, 2007, p. 9-21; 2003, p. 8). Sempre que a encontrava e quando a ela me dirigia, usando o termo "a senhora," a resposta era a mesma: "A senhora está no céu, somos colegas, colegas de trabalho". Curioso é que ela se foi, mas ainda sempre a encontro, no meu cotidiano acadêmico, nas referências, nas perguntas, nos comentários que os alunos me apresentam, sobre o mar revolto da "história cultural". Por isso, o melhor é substituir o peso da tragédia grega — "que as nossas lágrimas amargas adocem a dor da existência" — pela definição do poeta Carlos Drummond de Andrade: "a morte é algo natural, desde que não aconteça com aqueles que nos são caros".

Agradecimentos

À médica, psiquiatra e historiadora Nádia Maria Weber Santos, a quem muito estimo e denomino "minha outra supervisora", pelas aulas que me foram ministradas, em diferentes pontos desse "Porto Alegre", desde aquela, no jantar de chegada, oferecido pela professora Sandra, aos diálogos, mantidos nos intervalos do atendimento a seus clientes e nas rápidas refeições compartilhadas, com suas exposições sobre Jung, que me convenceram do valor da sensibilidade em confronto com a racionalidade, considerando o manancial dos símbolos e das emoções, como fonte reveladora, capaz de explicar o que nem Freud explica.

Ao nosso guia, meu e dos que por ele foram iluminados (LEMENHE, 1981; PONTES, 2005; SANTIAGO, 2011), na busca da identificação do patrimônio material de Fortaleza, capital provinciana que se autodenomina pós-moderna: "o excêntrico" e "concêntrico" professor José Liberal de Castro, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), cuja produção representa um marco na historiografia urbana de Fortaleza.

À professora Raquel Glezer, minha orientadora no doutorado em História Social da USP, a quem fui conduzido pelo "áspero irmão" Sílvio Frank Alem, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que partiu. Ela me fez descobrir, na prática, o valor da "interdisciplinaridade", que me levou às revelações da "transdisciplinaridade", no estudo da história urbana. As valiosas sugestões apresentadas pelos membros da banca examinadora da minha tese de doutorado ainda hoje me fazem ver que as trilhas da história não têm fronteiras. Foram membros da referida banca os seguintes professores: Murilo de Azevedo Max, da Arquitetura; Flávio Azevedo Marques de Saes, da Economia; Odete Carvalho de Lima Seabra, da Geografia; e Inez Garbuio Peralta, da História.

Em memória, agradeço ao professor Armando Souto Maior, que nas aulas práticas de Métodos e Técnicas da Pesquisa Histórica, da primeira turma do mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1974, no Arquivo Público do Estado de Pernambuco, inconscientemente, me abriu as portas do interesse pela história urbana.

Ao professor Marc Jay Hoffnagel, um americano, mais parecido a um mexicano, brasilianista que se tornou pernambucano, meu orientador do mestrado em História na UFPE, que me ensinou a escrever história, deixando de lado "a história de cola e tesoura".

Aos mestres, João Alfredo de Sousa Montenegro e Luiza Teodoro, professores de "Filosofia da história" e "história da Arte", na antiga Faculdade de Filosofia do Estado do Ceará (FAFICE), agregada à UFC, nos anos sessenta, anos não dourados, que me ensinaram a estudar história em sua essência, pensando sobre o que foi dito e foi feito, para uma compreensão da sua contínua mutabilidade.

À Tania Alves, com estima, convidando-a a reler Jung, sem ofender o patriarca Freud, para quem "A religião estorva esse jogo de escolha e adaptação ao impor igualmente a todos o seu caminho para conseguir felicidade e guardar-se do sofrimento. Sua técnica consiste em rebaixar o valor da vida e deformar delirantemente a imagem do mundo real, o que tem por pressuposto a intimidação da inteligência" (FREUD, 2011, p. 29).

À colega Maria Juraci Maia Cavalcante, professora titular da UFC, coordenadora da linha de história da educação comparada do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da UFC, que crê nas possibilidades das práticas cotidianas em prol da interdisciplinaridade, apesar dos entraves sempre presentes em uma instituição pública, com admiração e apoio.

Ao professor José Jackson Coelho Sampaio, reitor da UECE, sempre envolto nos entraves burocráticos, com seus longos e loquazes pronunciamentos, mas que me estimulou a trabalhar, com mais dedicação, em busca de um sentido coletivo e social, na Universidade Estadual do Ceará.

Ao professor Antônio Colaço Martins, reitor da Universidade Vale do Acaraú (UVA), nosso contemporâneo de internato, no Seminário da Prainha, com dois irmãos dentre os entrevistados, pelo apoio à publicação deste livro.

Ao CNPq, que nos concedeu a bolsa do estágio de pós-doutorado, sem a qual as entrevistas realizadas fora do estado do Ceará provavelmente seriam prejudicadas e a aquisição das múltiplas fontes adquiridas tornar-se-ia mais onerosa.

Em rigor, em rigor, penso que as chamadas falsas memórias não existem, que a diferença entre elas e as que consideramos certas e seguras se limita a uma simples questão da confiança, a confiança que em cada situação tivermos sobre essa incorrigível vaguidade que chamamos certeza.

"As pequenas memórias",
de José Saramago

Prefácio

Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva, de Gisafran Jucá, é uma obra essencial para os amantes da história e da cultura cearense. Com maestria singular, o autor — ex-seminarista, membro do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, Professor Adjunto, aposentado, do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, Professor Titular, aposentado, do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará e atualmente Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFC — nos convida a uma jornada fascinante pelo coração histórico de Fortaleza, revelando os segredos e encantos do Seminário da Prainha.

Por meio de uma pesquisa meticulosa e um olhar sensível, Jucá tece uma rica tapeçaria de memórias, entrelaçando histórias individuais e coletivas com notável habilidade. Utilizando a história oral como ferramenta central, o autor nos transporta para um tempo em que o Seminário não era apenas uma instituição de ensino, mas também um celeiro de ideias, um palco para a formação de líderes e um reflexo da alma cearense.

Personalidades importantes que marcaram a história de Fortaleza passaram pelos corredores do Seminário da Prainha, absorvendo seus valores e visões. Com sua habilidade narrativa e profundo conhecimento da história local, Jucá revela os bastidores dessa formação, desvendando os significados simbólicos e as nuances que moldaram a identidade do Seminário.

A obra é um convite à reflexão sobre o passado, o presente e o futuro da sociedade fortalezense e da Igreja no Ceará. Ao explorar os meandros da memória, Jucá nos mostra como o Seminário da Prainha foi um espaço de resistência, construção de identidade e transformação social. É um livro que emociona, inspira e nos leva a valorizar nosso patrimônio histórico e cultural.

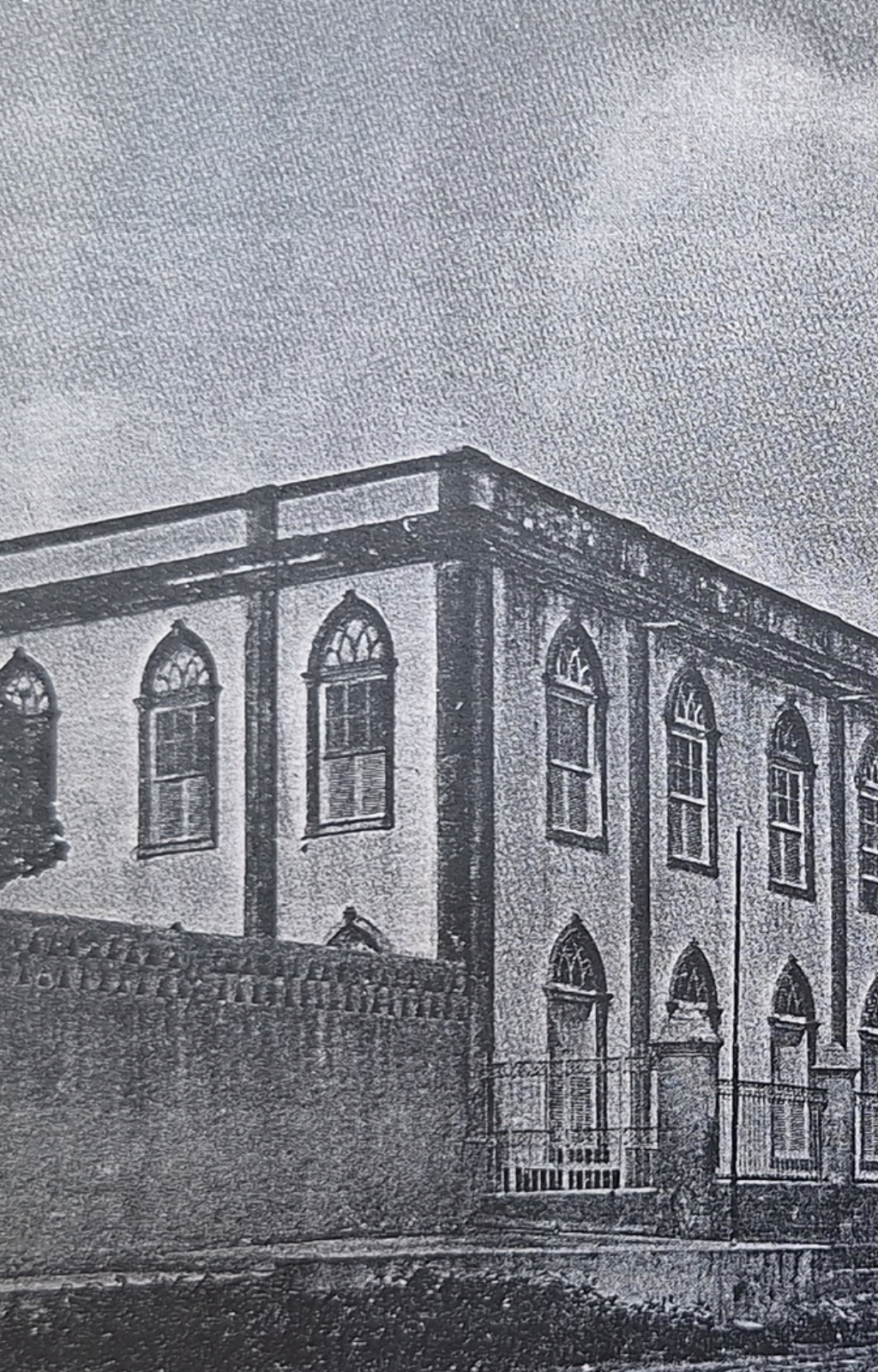
Seminário da Prainha é uma leitura indispensável para todos aqueles que se interessam pela história do Ceará e pelo poder transformador da memória.

Prof. Dhenis Silva Maciel
Graduado e Mestre em História e Doutor em História Social pela Universidade Federal do Ceará
Professor de História e Coordenador do Curso Propedêutico da Faculdade Católica de Fortaleza

Sumário

21 Introdução
76 O Seminário da Prainha na micro história urbana: individuação e memória social.
109 A memória social de Fortaleza expressa pela Literatura
109 O cotidiano de Fortaleza, na segunda metade do século XIX
122 Fortaleza do pós-guerra e seus contrastes sociais
138 Resquícios da memória individual
149 Memórias da Prainha, no processo de individuação
171 Memórias individuais, memória social: depoimentos
174 Dom Vicente Joaquim Zico
187 Padre Sebastião Agatão Dias
199 Padre Antonio Gomes Pereira
209 Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte
224 Professor Alberto Barbosa Viana
238 Monsenhor Dermival de Anchieta Gondim
256 Padre Osvaldo Carneiro Chaves
272 Padre Gotardo Thomaz de Lemos
313 Padre Francisco Alves Teixeira

327 Professor Lauro Nogueira Sá Mota
360 Raimundo de Assis Holanda
380 Modesto Siebra Coelho
394 Roberto Caminha Cavalcante
407 Professor Paulo Cartaxo Andriola
419 Memórias coletivas, memórias individuais
419 Representação do imaginário sacralizado e os contrastes redimidos
435 O peso do celibato e o ideal de sua sublimação
456 A crise nos anos sessenta no Seminário da Prainha
474 Considerações finais
485 Fontes
485 Entrevistados
488 Fontes documentais
490 Referências bibliográficas
507 Estatutos do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza
521 Galeria do Seminário
527 Posfácio
529 Sobre o autor









Introdução

A princípio, o interesse em trabalhar com a temática do Seminário da Prainha resultava de um crescente envolvimento meu com a opção metodológica da "história oral", também instigado pela escassez de fontes bibliográficas e documentais sobre uma temática que me incitava ainda mais, uma vez que dizia respeito a uma história de vida, pois ali ingressei aos onze anos de idade, permanecendo até os dezessete, durante os anos, não considerados "dourados". Desse modo, a subjetividade de uma experiência de vida me remetia ao Seminário, que aos poucos se me afigurava não mais como um espaço social de reclusão, longe do profano, um extremo entre o sagrado e o mundano, mas como "outra Fortaleza", sempre protegida pela força do Deus Onipotente, que conduzia os jovens a espaços cada vez mais afastados da vida mundana, é verdade, mas a ela os reconduziria, afinal o jovem era moldado de acordo com a tradição "tridentina", para sentir-se capaz de enfrentar os perigos de um mundo ignóbil, campo fértil aos desrespeitos das "Leis do Senhor".[1]



1. **Seminário da Prainha: uma outra Fortaleza** foi o título do nosso projeto de pesquisa do pós-doutorado em História, na Universidade Federal do Rio Grande

Entretanto, a minha proposta de estudo não estava desvinculada da temática da história urbana, afinal a simpatia inicial pela história oral decorrera do desejo de complementar uma análise apresentada sobre a história de Fortaleza, que tivera como fontes básicas os jornais e as atas da Câmara Municipal.[2]

Se fizermos um levantamento bibliográfico acerca da história urbana de Fortaleza, deparamo-nos com diversas teses e dissertações, voltadas à análise de diferentes momentos do processo de urbanização registrado, o que comprova o reconhecimento de sua dimensão no campo das Ciências Sociais. Entretanto, o conteúdo da maioria dos trabalhos publicados, apesar de revelar diferentes aspectos da vida urbana, sobretudo em relação ao seu crescimento registrado, a partir da segunda metade do século XIX, apenas algumas páginas ou referências são encontradas sobre a instalação do Seminário da Prainha pelos padres lazaristas, em 1864. Além de artigos, de uma monografia, capítulos de livros e de trabalhos



do Sul (UFRGS), sob a supervisão da Professora Dra. Sandra Jatahy Pesavento, no período de set. 2006 a set. 2007. Antes da saída para o período de férias, os seminaristas eram conduzidos à capela de Nossa Senhora das Graças, onde cantavam um hino de louvor à Virgem Maria, pedindo-lhe sua proteção durante aquele período em que eles permanecessem longe do seu manto: "Ao te deixar, Virgem Maria, os teus auxílios imploramos. Vela por nós, teus caros filhos, em qualquer parte em que estejamos. Ides deixar meu santuário, ó filhos meus, ó filhos meus adeus, fiel estarei ao vosso lado, fiel ficai também ó filhos meus."

2. **Verso e Reverso do Perfil Urbano do Recife e de Fortaleza (1945-1960)**. Tese de Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo (USP), Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1993. 566p. Posteriormente, parte desta tese foi publicada: **Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do estado do Ceará, 2000, 196p. A segunda edição desse livro data de 2002. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003, 130p., cujo título original era **Fortaleza na Visão dos Velhos**, foi elaborado como tese para concurso de Professor Titular do curso de História, da Universidade Estadual do Ceará, em 2002. A sua segunda edição foi em 2011, sob o patrocínio do Governo do estado do Ceará, Secretaria de Cultura — SECULT — Prêmio Otacílio de Azevedo, Reedição. Premius Editora.

memoriais (MENEZES,1992; JOSAPHAT, OP, 2004; ANDRADE, 1967; CASTELO, 1970; LIMA, 1982) e das referências presentes em diferentes publicações, apenas duas dissertações se concentraram, mais especificamente, no estudo do Seminário da Prainha, a partir dos anos noventa (cf. REIS, 2004; COSTA FILHO, 2004).

Entretanto, na historiografia internacional e nacional, duas obras recentes nos prenderam a atenção, fazendo-nos melhor refletir acerca da temática escolhida: padres, Celibato e Conflito Social, uma história da igreja católica no Brasil, do brasilianista Kenneth P. Serbin e **A Elite Eclesiástica Brasileira**, de Sergio Miceli, professor da USP, dedicado à "história social das corporações e elites não econômicas do país." (SERBIN, 2008; MICELI, 2009) Como a história do Seminário da Prainha envolve o singular e o plural, o local e o regional, o nacional e o internacional, uma micro história, que não foge da macro história, essas duas obras nos serviram de pano de fundo às diferentes paisagens, visualizadas no histórico da instituição educacional analisada.

O professor Serbin, como todo brasilianista, dedica-se a uma macro análise, sem a preocupação de apoiá-la em paradigmas teóricos, fazendo bom uso do tempo, reservado à pesquisa e do apoio financeiro condizente com as necessidades de melhor explorar a temática. Ele apresenta uma análise reveladora do papel da igreja Católica, na sociedade brasileira, destacando o significado do "ser padre no Brasil," desde o período colonial "a uma graça especial recebida de Deus — experiências em psicanálise e a psicologia da libertação", revelando o significado da "romanização e a grande disciplina, 1840-1962," identificando que "o santo moderno é um santo social." Reflete sobre a crise nos seminários e a busca de um novo sacerdócio, 1945-75, tendo como epílogo "os seminários e o clero no novo milênio," após a análise da arrancada das pequenas comunidades, apoiadas no Instituto de Teologia do Recife.

O referido autor assim define a sua obra: "é uma história social e cultural do clero e dos seminários do Brasil" (SERBIN, 2008, p.12). Ele divide a "transformação da história religiosa e eclesiástica brasileira" em duas etapas: a "Cristandade Brasileira Colonial, de 1549 a 1759, que começa com a chegada dos jesuítas e termina com a expulsão da referida ordem pela coroa portuguesa e a segunda, de 1759 a 1840, que intitula "crise da cristandade brasileira," caracterizada pela ascensão dos padres seculares, quando o clero secular se projetava com "um novo cunho, acentuadamente político" (SERBIN, 2008, p.42).

O capítulo terceiro, sobre a "romanização", foi o que mais nos prendeu a atenção, pois nele encontramos uma apurada análise da ação dos responsáveis por esse processo e a sua melhor definição: os padres vicentinos, os lazaristas, são considerados como "os principais agentes da romanização," destacando que "A fase mais intensa da romanização começou no pontificado de Pio IX, em 1846, e prosseguiu até a Primeira Guerra Mundial" (SERBIN, 2008, p.79). E acrescenta

> A romanização foi a modernização conservadora do catolicismo brasileiro. Ao mesmo tempo que representou uma reação contra a modernidade foi também seu produto e sua promotora. [...] A romanização ao mesmo tempo mudou a igreja e preservou-lhe as tradições [....] a romanização foi a "europeização" do catolicismo brasileiro. (SERBIN, 2008, p.81)

O que mais me chamou a atenção no trabalho do professor Serbin foi a não inclusão do histórico do Seminário da Prainha como uma marcante demonstração da atuação dos padres lazaristas, na formação do clero brasileiro. Ele entrevistou alguns sacerdotes, formados na Prainha, como o padre José Alberto Castelo e

seu irmão, o padre Luciano Castelo, que se tornou lazarista, padre Francisco Pinheiro Landim, padre José Ernanne Pinheiro, dom Paulo Eduardo Andrade Ponte, padre Francisco Manfredo Tomás Ramos, mas sem qualquer referência ao papel da Prainha como polo da romanização do clero regional.

O mérito do trabalho do professor Sergio Miceli é a demonstração do marcante papel do clero brasileiro, no período 1890 - 1930, em reposta às imposições do sistema republicano, tornando-se a principal entidade da rede de ensino privado no país, além da criação de jornais e aberturas de novas dioceses, como a do Crato-Ce, instalada em 1914 e a de Sobral-Ce, em 1915, a primeira como uma das "frentes capazes de resistir aos avanços de Juazeiro", do padre Cícero (MICELI, 2009, p. 60). Ao invés de uma igreja perdedora ante o ímpeto do pensamento positivista, o professor Miceli assim expressa a sua ação

> Na verdade, as coisas ocorreram de maneira bastante distinta do que reza a historiografia consagrada. Guardadas as proporções e sobretudo as diferenças de estilo organizacional e peso político, poder-se-ia dizer que a igreja católica atravessou um período de "construção institucional" bastante similar àquele por que passaram as Forças Armadas (e o Exército em particular) na República Velha. A exemplo do que sucedeu no Exército, a igreja Católica logrou êxito considerável em múltiplas frentes de atuação: estabilizou as fontes de receita e recuperou o patrimônio imobiliário, reconstruiu e "modernizou" as casas de formação e seminários, dinamizou em larga escala sua presença territorial, "moralizou", profissionalizou e ampliou os quadros de pessoal — ainda que para tanto tivesse que apelar à importação maciça de mão de obra religiosa —, diversificou a rede de serviços escolares, que passou praticamente a

> monopolizar, celebrou alianças com facções oligárquicas estaduais... em suma a igreja Católica viabilizou-se como empreendimento religioso e como organização burocrática. Tais conquistas logo garantiram retorno quando a igreja passou a operar numa posição de relevo no centro da vida política nacional ao longo das décadas de 1930 e 1940. (MICELI, 2009, p.161)

E antes, durante e após esse período, objeto de análise, acima demonstrada, o Seminário da Prainha agia e reagia ante a maré revolta da temida, mas enfrentada modernidade, expressão de uma ameaçadora secularização.

O Seminário da Prainha, instalado em Fortaleza, Ceará, no ano de 1864, representa um marco simbólico no processo de "romanização" promovido pela igreja Católica, sempre precavida ante o perigo do rolo compressor do processo de modernização, fruto da expansão capitalista, que ainda ensaiava os seus primeiros passos no país, em especial nas capitais das províncias.

É verdade que o processo de implantação dos serviços básicos, na maioria dos centros urbanos do Brasil, ocorreu nas últimas décadas do século XIX, mas a sua segunda metade representou uma etapa decisiva, em virtude das mudanças registradas nas relações econômicas e sociais: a proibição do tráfico negreiro, a expansão da economia cafeeira e o início do fluxo migratório, das "Províncias do Norte" às "Províncias do Sul" — especialmente em relação à mão de obra escrava — são apontados como demonstrativo da "modernização do Brasil."[3]

3. Para uma melhor compreensão das diferenças entre o Brasil da primeira e da segunda metade do século XIX, vide MANCHESTER (1973) e GRAHAM (1973) e, em especial, os capítulos 1 e 4 da obra desse último autor indicado: o início da modernização do Brasil, p. 31-58 e Os hábitos urbanos de vida, p. 117-129.

Como mostra das diferenças, entre a primeira e a segunda metade do século XIX, é imprescindível confrontar o teor da primeira, com a força do seu perfil agrário, quando a maioria das cidades representava um apêndice do campo, apesar do controle administrativo nelas instalado, bem diferente da segunda, associada ao processo de urbanização, que dera seus primeiros passos com a instalação do aparelho burocrático do governo provincial e o surgimento de novas funções administrativas e sociais.

As ideias de modernização, provenientes da Europa, facilmente se propagavam pelo país, pois o liberalismo mostrava-se adequado ao perfil de um "novo indivíduo", que se afigurava atuante na defesa dos direitos de liberdade e de expressão. Aos poucos, novos espaços surgiam, sob a sombra do modelo liberal europeu, apesar do forte avanço da sociedade patriarcal.

Em posição frontal ao avanço do liberalismo, que se associava à força do movimento maçônico, o despertar da reação da igreja Católica pode ser delimitado, desde a instalação do Seminário da Prainha, embora só tenha atingido seu ápice com a conhecida "Questão Religiosa," — mais indicada como causa do declínio do Império, nos compêndios escolares do que analisada — até fugindo à busca do seu real significado. Para compreender a ação da igreja Católica no Ceará basta acompanhar a trajetória da formação eclesiástica de seu fundador, D. Luís Antonio dos Santos, primeiro bispo da Província, ao confiar a direção do Seminário à congregação dos padres lazaristas, de origem francesa, pois partilhara da austeridade disciplinar e rigidez moral dessa ordem religiosa, na condição de aluno interno do Seminário do Caraça, em Minas Gerais.

Já o confronto entre fé e razão foi agravado, através da tentativa de ruptura entre a representação da igreja Católica e o poder imperial, conforme nos esclarece Antonio Carlos Villaça:

> A Questão religiosa é a questão do padroado em seu ponto crítico. Tudo gira em derredor do placet, a placitação das bulas. Mas, de fato, o que há são duas mentalidades em conflito: o catolicismo tradicional e o rigorismo antimaçônico do Syllabus.Os bispos defendem a liberdade, contra a concepção galicana e regalista do Conselho de estado. Os liberais curiosamente julgam defender a liberdade em face do ultramontanismo. A desobediência civil aos bispos terá sido um conflito ou um delito? (VILLAÇA, 2006, p. 85)

Mas a decantada modernização se apresentaria em passos lentos, apesar das autoridades provinciais reconhecerem a necessidade de melhorias da urbanização. Só no final do século XIX, mais precisamente no decorrer dos anos oitenta, o processo de urbanização se materializava, em Fortaleza, com a implantação dos serviços urbanos, como os bondes de tração animal pela Companhia Ferro Carril e a inauguração do primeiro pavimento do Passeio Público, na antiga Praça dos Mártires, defronte à Santa Casa de Misericórdia, como novo espaço de sociabilidade da elite e do povo. As duas alamedas, nela instaladas, exibiam as diferenças sociais da cidade, seguindo um fluxo, em vias paralelas. Também, no final dos anos oitenta, foi inaugurada a primeira Fábrica de Fiação e Tecidos, pelo Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, de tradicional família.

Conforme ressaltamos, a documentação disponível sobre o Seminário é escassa, presente apenas em um pequeno acervo, disponível no prédio da própria instituição, onde hoje funciona o Instituto de Ciências Religiosa (ICRE), mantido pela arquidiocese.

Por isso, optamos em recorrer à oralidade, como metodologia a ser mais explorada, além do desejo de estabelecer um elo entre estes dois momentos históricos do Seminário: o de 1864,

quando da fundação da Prainha, como um marco decisivo no processo de romanização e o de 1963, ano em que os padres lazaristas entregaram a sua administração à arquidiocese, numa década de mudanças na igreja, provenientes da efervescência das ideias do Concílio Vaticano II.

Entretanto, deixo explícito que não foi apenas a falta de documentação escrita que me fez recorrer à "história oral." O aspecto revelador do potencial dessa opção metodológica nos remete a um tipo de fonte valiosa, o testemunho oral, uma fonte que fala e com a qual o pesquisador dialoga e que expressa muito mais do que uma simples informação: a sensibilidade de quem é entrevistado, o que propicia uma perspectiva diferente de penetrar no âmago das questões tratadas. Em síntese,

> Podemos, pois, concluir, com relação à especificidade da história oral: sua grande riqueza está em ser um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações **tomados como dados objetivos**, capazes de incidir (de agir, portanto) sobre a realidade e sobre o nosso entendimento do passado. (ALBERTI, 2004, p. 42)

Situar cronologicamente a instalação do Seminário da Prainha no curso das melhorias urbanas implantadas, não significa considerá-lo como um dos pontos de partida do processo de modernização urbana de Fortaleza. Afinal, o conservadorismo da ordem lazarista, defensora de uma mentalidade moralista, representava uma barreira contrária à propagação dos ideais liberais, mais condizentes com as práticas sociais dos adeptos de algumas correntes protestantes.

A coleta de depoimentos sobre o Seminário da Prainha teve início há mais de dez anos, mas o trabalho foi interrompido, em virtude de uma pesquisa, quando no submetemos ao concurso

para a função de professor titular, do curso de história, da Universidade Estadual do Ceará (UECE).[4]

Dos dez entrevistados, na fase inicial da pesquisa, quatro continuam exercendo as funções sacerdotais, quatro desistiram da carreira eclesiástica e dois são ex-seminaristas. Se a saída dos lazaristas, da direção do Seminário, permanece como uma questão ainda não respondida a contento, outras indagações vieram à tona: será que o perfil delineado pela tradição — que sempre definiu o Seminário, como templo do saber, superior a todas às demais instituições de ensino existentes na capital cearense — expressa uma memória coletiva? Se todos os entrevistados foram unânimes em reconhecer a importância cultural da instituição, outros depoimentos não poderão revelar os limites ou as contradições dessa função? Pela minha própria experiência de vida, interno da Prainha dos onze aos dezessete anos, além de alguns bons momentos ali vividos, há muitas recordações relativas ao rigor disciplinar e à contradição, entre o decantado ambiente de estudo e de reflexão e a pedagogia punitiva e repressora à livre maneira de ser, de sentir.

O que mais me chamou a atenção, na maioria dos depoimentos coletados, foi o reconhecimento da importância do Seminário da Prainha como instituição educacional de valor, ou



4. Com o objetivo de melhor compreender a função desempenhada por aquela conhecida instituição educacional na sociedade cearense, no período de setembro de 1999 a agosto de 2000, trabalhamos com 02 (dois) bolsistas, apoiados pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica, da Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa — FUNCAP — e pelo PIBIC/CNPq, no desenvolvimento do projeto "O Seminário da Prainha na Memória da Sociedade Cearense". A pesquisa foi iniciada com a consulta às fontes documentais, apesar da reduzida disponibilidade das mesmas. Desse modo, embora a consulta documental tenha servido de suporte inicial a uma melhor compreensão da temática proposta, o conteúdo específico foi obtido através de entrevistas, realizadas com dez pessoas, incluindo padres, e padres que deixaram a opção de vida eclesiástica e contraíram matrimônio e de ex-seminaristas. O relatório dessa pesquisa serviu de suporte a um artigo, publicado na Revista de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará (UECE). — (cf. JUCÁ, 2000, p.35-42).

seja, os méritos se sobrepondo às limitações disciplinares que eram impostas aos seus internos. Entretanto, em virtude da minha própria experiência como aluno do antigo curso ginasial e também dos dois anos do curso Clássico, no período de 1960 a 1966, senti a necessidade de ir mais além, procurando detectar os impasses resultantes de uma estrutura disciplinar, que estabelecia rígidas regras e impunha severa vigilância a seus jovens internos. O objetivo básico da nossa pesquisa não foi destacar apenas um dos extremos de um padrão classificatório, em relação ao Seminário, mas procurar revelar as diferentes modalidades de experiências de vida ali vividas, contrapondo diferentes opiniões e visões acerca do enigma da Prainha (Cf. GODELIER, 2001).

A consulta a um trabalho de experiência de vida, quando do levantamento das fontes deste projeto de pós-doutorado em história na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a supervisão da professora Sandra Jatahy Pesavento, me fez recorrer à chamada "Ego-história" (Cf. NORA, 1993) que prefiro denominá-la "memória individual," não como uma dimensão restrita à própria experiência, mas como uma opção de abrir perspectivas de melhor refletir acerca dos depoimentos coletados. Desse modo, confrontando os informes extraídos das fontes bibliográficas e documentais, incluindo a literatura como fonte, com o das entrevistas e o da minha própria experiência pessoal, novas perspectivas de análise puderam ser exploradas.

Através das entrevistas realizadas com professores e alunos da instituição, procuramos estabelecer uma análise, recorrendo às histórias de vida, envolvidas na dinâmica da "memória coletiva" ou "memória social"[5], procurando descobrir a relação da vida



5. O conceito de "Memória Coletiva," é do sociólogo Maurice Halbwachs. François Dosse nos explica o alcance da adoção desse conceito: "No início do século, ele

privada com os espaços sociais dos agentes históricos, envolvidos no processo, a fim de melhor perceber o alcance cotidiano na nossa formação cultural. Entretanto na análise apresentada não pretendemos apenas reforçar o que já foi dito, "Seminário, modelo impar na educação cearense", fazendo eco a uma interpretação já bem conhecida, que ressalta o seu papel categórico na formação cultural da sociedade cearense.

O conceito de "memória coletiva," (Halbwachs, 1990) foi consagrado pelos pesquisadores da história Oral, como expressão da análise sociológica, mas no nosso entender o uso da denominação "memória social"[6] melhor revela as ações e as contradições em práticas sociais, onde o individual e o coletivo se entrecruzam, sem sobrepor um deles ao outro. Entretanto, no caso específico do histórico da Prainha, "memória coletiva" se encaixa melhor, considerando a sacralização dessa instituição na tradição dos que lá viveram ou foram por ela beneficiados.

Halbwachs reconhecia a história nos limites positivistas a ela impostos, voltada a uma objetividade bem expressa no conteúdo factual de como era trabalhada. Essa oposição entre memória e história tinha a sua validade no momento em que foi indicada, mas considerando o avanço teórico e metodológico da história, as diferenças permanecem, mas a teia que as envolve se apresenta de uma



opôs, termo a termo, os dois universos, colocando do lado da memória tudo o que flutua, o concreto, o vivido, o múltiplo, o sagrado, a imagem, o afeto, o mágico, enquanto a história caracterizar-se-ia por seu caráter exclusivamente crítico, conceitual, problemático e laicizante. Uma distinção tão radical levaria à visão que a história só começaria quando terminasse a memória. Essa distinção foi, para Maurice Halbwachs, o ponto de partida de uma reflexão inovadora sobre a maneira pela qual uma memória coletiva enraíza-se e se fixa em comunidades sociais concretas." — DOSSE, 2003, p. 280.

6. É importante considerar o caráter subjetivo e conceitual da memória. Desse modo, a memória: "Não é um receptáculo passivo, mas um processo de reestruturação activa em que os elementos podem ser retidos ou suprimidos." — Cf. FENTRESS e WICKHAM, 1992, p. 58.

forma mais reveladora do contínuo entrecruzamento entre ambas. Pierre Nora partiu dessa fronteira, indicando os limites existentes entre elas, para melhor compreender a dimensão da memória (NORA, 1981, p. 27-28 e 1984-1992). Le Goff, levando em conta os limites e as possibilidades indicados, entre ambas, afirma que "O conceito de memória é crucial," ao destacar que "A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro." (LE GOFF, 1990, p. 423 e 477).

O importante é reconhecer a reaproximação entre esses dois polos que, apesar de diferenciados, se mesclam nas novas proposições apresentadas pela história, sempre beneficiada pela revelação da interdisciplinaridade. Nessa perspectiva, "a oposição: memória e história" deixa de constituir uma prioridade axiomática.

James Fentress aponta o "destaque talvez excessivo", atribuído por Halbwachs a função coletiva da consciência social e um certo desprezo ao problema do relacionamento entre a "consciência individual e a das colectividades", constituídas por uma certa reciprocidade. Assim, o conceito de consciência coletiva se apresenta como se estivesse desligado da maneira de pensar de um determinado indivíduo (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p.7).

Entretanto, a memória individual e a memória coletiva se entrelaçam e apesar do reconhecido valor da definição da identidade social dos envolvidos no processo histórico analisado, o individual não deve ser menosprezado ou colocado a reboque das experiências coletivas. Afinal, nenhuma memória individual existe sem a sua relação com o social, da mesma forma que a memória coletiva nada significaria sem a presença do individual. Nobert Elias nos fornece subsídios de apoio ao reconhecimento dessa interseção entre o individual e o coletivo, ao reconhecer a ilusão da força de tal individualidade, que destaca o "foro interior" como "essencial," pois "A teoria do processo civilizador permite reconhecer que essa experiência

de individualização é, ela também, resultado de um devir, que ela faz parte de um processo social." (ELIAS, 2001, p. 150).

No princípio da pesquisa, senti-me inseguro em recorrer à memória individual, mesmo após a descoberta da discutível categoria intitulada "Ego história", mas no decorrer da pesquisa e após a leitura de uma obra especial, de Paul Ricoeur, (2007) descobri o enlace contínuo entre memória e história como algo mais revelador. Segundo ele, a memória individual e a memória coletiva são postas em rivalidade, mas

> [...] a tarefa de um filósofo preocupado em compreender como a historiografia articula seu discurso com o da fenomenologia da memória é, primeiro, a de discernir as razões desse mal entendido radical por um funcionamento interno de cada um dos discursos sustentado de um lado e de outro; em seguida, é da lançar pontes entre os dois discursos, na esperança de dar alguma credibilidade à hipótese de uma constituição distinta, porém mútua e cruzada, da memória individual e da memória coletiva. (RICOEUR, 2007, p. 107)

Nessa perspectiva, "o individualismo metodológico" permite ir além do seu oposto, "o holismo metodológico," bem estruturado pela perspicácia analítica de Maurice Halbwachs. Na realidade, Ricoeur reconhece que "não nos lembramos sozinhos," o que não implica em menosprezar a memória individual como uma condição válida para o recordação e o reconhecimento da lembrança, que nos remete a uma não dissociação entre o singular e o plural que se entrelaçam no panorama histórico. Por isso Ricouer propõe

> [...] explorar os recursos de complementaridade que essas duas abordagens antagonistas contêm, recursos mascarados, de um lado, pelo preconceito idealista

de individualização é, ela também, resultado de um devir, que ela faz parte de um processo social." (ELIAS, 2001, p. 150).

No princípio da pesquisa, senti-me inseguro em recorrer à memória individual, mesmo após a descoberta da discutível categoria intitulada "Ego história", mas no decorrer da pesquisa e após a leitura de uma obra especial, de Paul Ricoeur, (2007) descobri o enlace contínuo entre memória e história como algo mais revelador. Segundo ele, a memória individual e a memória coletiva são postas em rivalidade, mas

> [...] a tarefa de um filósofo preocupado em compreender como a historiografia articula seu discurso com o da fenomenologia da memória é, primeiro, a de discernir as razões desse mal entendido radical por um funcionamento interno de cada um dos discursos sustentado de um lado e de outro; em seguida, é da lançar pontes entre os dois discursos, na esperança de dar alguma credibilidade à hipótese de uma constituição distinta, porém mútua e cruzada, da memória individual e da memória coletiva. (RICOEUR, 2007, p. 107)

Nessa perspectiva, "o individualismo metodológico" permite ir além do seu oposto, "o holismo metodológico," bem estruturado pela perspicácia analítica de Maurice Halbwachs. Na realidade, Ricoeur reconhece que "não nos lembramos sozinhos," o que não implica em menosprezar a memória individual como uma condição válida para o recordação e o reconhecimento da lembrança, que nos remete a uma não dissociação entre o singular e o plural que se entrelaçam no panorama histórico. Por isso Ricouer propõe

> [...] explorar os recursos de complementaridade que essas duas abordagens antagonistas contêm, recursos mascarados, de um lado, pelo preconceito idealista

> da fenomenologia husserliana (ao menos na parte publicada da obra) e, do outro, pelo preconceito positivista da sociologia em seus gloriosos primórdios. (RICOEUR, 2007, p.134)

Ao invés de uma preocupação contínua com a busca de uma verdade, pronta e acabada, acerca do conceito de memória, o mais revelador é ir além das fronteiras impostas pelo racionalismo, recorrendo ao uso de "uma linguagem da probabilidade," para superar o enlevo da "certeza positivista." O "método indiciário", (GINZBURG, 1990)[7], "guiado pela imaginação afetiva" nos permite uma compreensão mais reveladora das temáticas propostas, rompendo as rígidas fronteiras antes idealizadas, como garantia do individual e memória coletiva.

Para superar os limites idealizados, entre determinados campos do saber, é preferível aceitar o desafio de romper com os preceitos consagrados e reconhecer a perspectiva de ampliar o universo da análise a que nos propomos apresentar, sem se preocupar em apresentar indicações conclusivas acerca do que se pretende compreender, pois como nos adverte Paul Ricoeur,

> [...] não é apenas com a hipótese da polaridade entre memória individual e memória coletiva que se deve entrar no campo da história, mas com a de uma tríplice atribuição da memória: A si, aos próximos, aos outros. (RICOEUR, 2007, p. 137, 142, 360 e 504)

Essa associação do individual ao coletivo nos permite ultrapassar o segmento objetivo da memória, ou seja, aquele que informa



7. Para uma melhor compreensão da análise histórica desse autor, vide LIMA, 2006, p. 279-363 e, em especial, o item 3 desse capítulo, intitulado Mitos, signos, indícios: paradigma de uma ciência do individual, p.330-363.

forma o acontecido, o fato em si, porque há nela um significado especial, a sua parte subjetiva, que apresenta não apenas informações, mas também sentimentos, que revelam a peculiaridade de cada um de nós de ver e perceber o significado das experiências vividas, pois ela se situa no íntimo de cada um de nós. É imprescindível reconhecer o seu duplo valor que se manifesta através da memória social com sua dupla composição

> Em si e por si, a memória é simplesmente subjetiva. Ao mesmo tempo, porém, a memória é estruturada pela linguagem, pelo ensino e observação, pelas ideias colectivamente assumidas e por experiências partilhadas com os outros. Também isto constrói uma memória social. Qualquer tentativa de usar a memória, de uma maneira sagaz, como fonte histórica, tem que se confrontar à partida com o carácter subjectivo, embora social, da memória. (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 20)

Se o Seminário da Prainha foi sacralizado, como um modelo de instituição educacional, o valioso é tentar descobrir outras visões acerca das influências deixadas pelo papel do referido educandário na formação dos que ali viveram uma experiência social. Além de uma nobre função, emergia o seu caráter repressor, através da rígida disciplina imposta, as exigências disciplinares percebidas por aqueles que a consideravam uma barreira à livre manifestação da maneira individual de cada um expressar suas ideias.

Uma questão que merece ser esclarecida diz respeito à saída dos lazaristas da direção do Seminário nos anos sessenta. Como é do conhecimento dos que se dedicam à história eclesiástica, um traço marcante dessa ordem religiosa diz respeito ao conservadorismo de suas normas regulamentares em relação ao comportamento dos seus membros.

Na época da instalação do Seminário, em 1864, como resultado do estabelecimento da diocese de Fortaleza, na visão das autoridades religiosas, as falhas e limitações do comportamento clerical tinham de ser corrigidas com a austeridade de uma experiência voltada à formação religiosa, que já deixara a sua marca na formação do clero brasileiro, em consequência do estabelecimento do Seminário do Caraça, no interior de Minas Gerais, longe das perigosas experiências mundanas.

A implantação de uma instituição, voltada à formação religiosa, constituía uma medida saneadora ante a crise moral temida pelas autoridades eclesiásticas, pois um rígido sistema disciplinador se impunha como condição estratégica para enfrentar o avanço da laicização e da ação dos pastores protestantes, que encontravam espaços nas cidades mais importantes do país, que se modernizavam com a presença do capital e dos usos e costumes dos europeus. A adoção de normas reguladoras, visando superar as falhas existentes num desrespeito à moral, tornou-se conhecida como a "romanização", ou seja, o estabelecimento do rigor disciplinar, que preservasse a moral e os bons costumes, destacando-se a exigência da manutenção do celibato, cujo desrespeito tornara-se algo frequente no cotidiano do clero secular.

Se para muitos, o Seminário evoca boas recordações e o reconhecimento de um amadurecimento intelectual, numa sociedade onde terminar o curso secundário era privilégio, será que todos que ali viveram comungam de uma mesma ideia acerca do papel da instituição na formação cultural dos jovens católicos? Ante tal indagação nos parece valioso recorrer ao conceito de "memória social" como uma explicação mais plausível ante a diversidade do ser e do agir daqueles que foram internos no Seminário da Prainha, na medida do possível, mesmo reconhecendo o peso de uma "memória coletiva", expressa na sacralização

atribuída pelos entrevistados ao Seminário. (Cf. HALBWACHS; FRENTRESS; WICKHAM).

Considerando a "multiplicidade de discursos" e os "jogos de linguagem", um novo questionamento pode ser apresentado, sem o objetivo de denegrir o papel do Seminário na sociedade cearense. (MALERBA, 2006, p. 13) Para tanto, torna-se significativo o enlevo de usufruir das dimensões analíticas "de história cultural do urbano e que se propõe a estudar a cidade, através de suas representações." (PESAVENTO, 1999, p. 8) E nesse campo o Seminário é centelha, onde o social e o cultural, o sagrado e o profano se mesclam nas teias da vigilância eclesiástica, presente no ontem e no hoje. Desse modo, para fugir a um esquema tradicional, na tentativa de definir essa época, é imprescindível considerar que múltiplos, também, foram os agentes da modernização implantada, cuja configuração se expressa no confronto entre os parâmetros educacionais do Seminário e as práticas da laicização, considerando a "multiplicidade de discursos" enunciados, fugindo ao velho anseio de confirmar as verdades reveladas.

Na realidade, a instalação do Seminário, considerada na linguagem corrente como um marco inicial das mudanças registradas na cidade, com destaque na formação cultural da juventude cearense, se impunha como uma barreira contrária à "modernização nacionalista", a cargo do estado, que, ao assumir as primeiras atividades na área da educação, não mais se opunha ao avanço da laicização da sociedade.

Recorrendo às novas opções de análise, presentes na história cultural, as indagações apresentadas, à cata de explicações, se ampliam em especial quando situamos o segundo período da história do Seminário, em princípio dos anos sessenta, do século passado, no momento em que a ânsia de modernização da igreja ia além dos propósitos estabelecidos, pois eles se configuravam em

ações, dissonantes do perfil sacerdotal aspirado pelos lazaristas, mas demonstrativos da aplicação de uma nova pastoral, que seria fundamentada nas decisões do Concílio Vaticano II. Desse modo, esses questionamentos não levantados ou mesmo antes não respondidos são reforçados, ante a opção metodológica da memória social, que nos apresenta a oportunidade de constituir um coral maior, com várias vozes, coesas ou dissonantes, mas reveladoras da pluralidade de olhares e de testemunhos históricos.

Aliás, o conceito de testemunho, como expressão de um campo de estudo interdisciplinar, que nos remete a uma "nova abordagem da produção literária e artística," lembra-nos outro conceito, o de testemunho histórico, que não é sinônimo de literatura do testemunho, mas que reconsidera a definição tradicional do agente histórico. O importante é ultrapassar as fronteiras de uma classificação, que traduza os testemunhos apresentados, como as inúmeras "generalizações", que simplificam o complexo, na criação de um modelo ideal do que é apresentado.

Para tanto, o melhor é buscar um apoio teórico, como o de Michel Certeau e Paul Ricoeur, demonstrativo do enlace e do limite entre memória e história, fugindo "da superposição quanto da separação radical" entre ambas, pois

> [...] Tal interação apóia-se na heterogeneidade de perspectivas sempre em movimento como uma série de postos de observação, que criam uma modalidade da escrita histórica cuja finalidade, em última instância, é restituir a pluralidade de olhares possíveis. (DOSSE, 2004, p.219)

Se a vinda dos lazaristas a Fortaleza pode ser compreendida, ante a realidade daquela época, o mesmo não ocorre em relação à saída dos mesmos da direção do Seminário, principalmente se situarmos historicamente o seu registro: os anos sessenta do século

vinte, quando a igreja Católica se propunha a uma renovação em seus preceitos e em suas práticas religiosas. Desse modo, a saída dos lazaristas da direção do Seminário da Prainha constitui um tema ainda inexplorado nos estudos elaborados, deixando sem resposta várias indagações: qual a razão determinante da desistência em continuar dirigindo a instituição? Teria sido um resultado da ação do Concílio Vaticano II, que estimulou a reação dos seminaristas, contra a visão reacionária presente na educação ministrada ou a resistência aos lazaristas teria decorrido apenas de uma crise financeira por que passava a arquidiocese?

Ante tais indagações, a opção metodológica pela história oral constitui uma oportunidade de responder o que ainda não foi explicado pelas fontes documentais disponíveis. As entrevistas realizadas com ex-diretores, professores do Seminário e com ex-alunos certamente nos proporcionaram subsídios capazes de uma melhor compreensão da experiência histórica registrada, em dois espaços temporais diferenciados.

Nosso intuito foi analisar o papel desempenhado pelo Seminário da Prainha no contexto sociocultural do Ceará e do Nordeste, afinal o Seminário Maior acolhia internos de outros estados, em dois momentos decisivos da sua história: quando da sua fundação como agente de romanização — nos anos sessenta do século XIX — e por ocasião da saída dos padres lazaristas, na segunda metade da década de sessenta do século passado. Mas o conceito de memória individual e de memória coletiva nos levou bem mais além do que essa proposição inicial, afinal a memória não tem fronteiras e nos remete a labirintos, que pareciam impenetráveis e

> o conhecimento histórico é sempre mais do que aquilo que se encontra nas fontes... Toda fonte ou, mais precisamente, todo vestígio que se transforma em fonte por meio de nossa interrogações nos remete a uma história

> que é sempre algo mais ou algo menos que o próprio vestígio, e sempre algo diferente dele. (KOSELLECK, 2006, p. 186)

Sobre Fortaleza do século XIX, as fontes documentais, como os relatórios dos Presidentes da Província, nos fornecem dados e informes, das mudanças registradas e das barreiras que a elas se antepunham. Mas na produção historiográfica, a forma da ótica positivista, sempre voltada à análise política, impede-nos de poder contemplar o panorama urbano, com suas belezas e mazelas, contagiantes e repulsivas, sempre presentes na maneira de ser e de agir dos seus transeuntes, que se movimentam como atores num cenário panóptico.

Para transpor essa cortina que anuvia o panorama da urdidura urbana, duas são as vertentes que nos remetem ao cerne dessa trama: a literatura e a oralidade,[8] ambas envoltas nos meandros da narrativa. A primeira foi utilizada não apenas como pano de fundo de nossa análise, na medida em que dela extraímos os enfoques do cotidiano e da paisagem urbana de Fortaleza, uma vez que raras são as abordagens, na escrita dos historiadores do século XIX ou mesmo na do sessenta do século passado, que nos remetem



8. O conceito de oralidade, ao invés de história oral, suscita discussões no campo historiográfico. Diversos autores o empregam, inclusive como definição de trabalhos publicados, mas não tanto na área de história. A leitura de alguns trabalhos, além daqueles produzidos por historiadores, e que tratam da relação entre cultura escrita e linguagem oral, levaram-me a reconhecer o poder expressivo desse conceito. Vide, na área de história, CALDAS, 1999 e, em outros campos das Ciências Humanas, OLSON e TORRAN, 1997 e ONG, 1998. Vale destacar que "Na linguagem, e em especial na oralidade, desembocam as preocupações de Walter Benjamin... A oralidade é o modo mais notório da relação entre o nome e a coisa, mas a escrita, originalmente, não tem como objetivo romper essa unidade. A oralidade é igualmente expressão mais credenciada da memória, conforme o estudo sobre o narrador, aproximando não apenas as palavras e os seres, mas também as pessoas, falantes e ouvintes." Vide, também, ZILBERMAN, 2010, p.31-32.

à paisagem urbana. O importante é, usufruindo o alcance da interdisciplinaridade, considerar "a literatura do testemunho", em especial a nova reflexão sobre "real" que "deve ser compreendido na chave freudiana no trauma, de um evento que justamente resiste à representação."[9]

Não é nosso intento tentar definir a validade da proposta dos "teóricos [ou adeptos] do relativismo" com a sua audácia na discussão acerca dos limites entre literatura e história. (Cf. MALERBA, 2006).

Na realidade, em se tratando de um tempo mais distante, é proveitoso recorrer à leitura de obras literárias, seja em termos nacionais ou regionais, como de um Machado de Assis ou Adolfo Caminha,[10] pois elas, mais do que o conteúdo da velha produção historiográfica, nos fazem reconhecer a dinâmica da vida urbana, percorrida através da observação de suas diferentes paisagens, expostas



9. Acerca da "literatura do testemunho" e do "real", cf. análise de Márcio Seligman- -Silva: "Para evitar confusões, devo deixar claro desde agora dois pontos centrais: (a) a literatura é mais do que um gênero: e uma fonte da literatura vem à tona na nossa época de catástrofe e faz com que toda história da literatura — aos 200 anos de autorreferência seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o "real". (b) Em segundo lugar, esse "real" não deve ser confundido com a "realidade" tal como era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o "real" que nos interessa" Cf. SELIGMAN- -SILVA, 2003,p. 377. Sobre a validade de "um pensamento transdisciplinar", cf. Edgar Morin apud PESAVENTO, 1999, p.9 10.

10. Várias são as referências de Machado de Assis, tanto nos romances quanto nas suas crônicas, sobre a vida urbana do Rio de Janeiro. Curioso é que na época em que o Seminário da Prainha foi fundado ocorria a Guerra do Paraguai e os anos setenta e oitenta, com a Lei do Ventre Livre e "o começo do fim do Império," segundo Sérgio Buarque, corresponde ao período de ação de um Quincas Borba. Por isso, "os historiadores concordam em geral que os anos durante os quais transcorreu a ação de Quincas Borba foram decisivos para a História do Brasil." [e também para a consolidação do Seminário da Prainha.] Vide GLEDSON, 2003, p.74. Na produção literária local, cf. CAMINHA, 2005, que nos apresenta, além da paisagem da capital cearense, do final do século XIX, o cotidiano íntimo de alguns de seus habitantes, vigiados e punidos pelas normas impostas e pelas transgressões praticadas. Essa obra foi publicada na Capital Federal, por Domingos de Magalhães & Cia. Editores, em 1893.

através da ação social e dos temas aventados, fruto do ir e vir dos agentes do cotidiano, pois a rua é a rota dinâmica dos contrastes da vida urbana, com suas alternativas e semelhanças, que aproximam ou diferenciam espaços geográficos dos espaços culturais.

Desse modo, se a produção literária nos transmite, além da pujança do Rio de Janeiro, como principal polo urbano do Império, os recônditos da vida privada, via Machado de Assis, por exemplo, também os contrastes e marcos da tradição de uma capital provinciana como Fortaleza ou a inquietação social nos anos sessenta, do século passado, podem ser encontrados na produção literária local. As narrativas, nela expressas, nos induzem a temas antes inexplorados na história. Ante tal consideração, outra questão emerge: como associar a literatura à história do Seminário? Se ele foi instalado na cidade, almejando salvá-la da nação nefasta dos incrédulos ou das "ovelhas desgarradas do sacro rebanho", por que não situar o cenário urbano, como pano de fundo do palco analisado? Assim, os relatos literários e os depoimentos coletados nos farão melhor compreender o caráter simbólico, não apenas do Seminário, mas do perfil urbano.

A esse respeito, foi a literatura que nos motivou a explorar o histórico da Prainha. A leitura do Ateneu, de Raul Pompeia, ao sairmos do Seminário, ficou na minha memória, pois me remetia à experiência ali vivida, onde, além dos méritos e vantagens usufruídos e desfrutados, o caráter repressor da rígida disciplina e a noção de pecado em tudo que nos remete à compreensão do corpo, do sexo e do feminino, me faziam considerar a definição da vida reclusa nos salões ou corredores da Prainha, como um espelho do que Raul Pompeia definira como o cotidiano do Ateneu: "o tédio é a grande enfermidade da escola, o tédio corruptor que tanto se pode gerar da monotonia do trabalho como da ociosidade."[11]

11. POMPEIA, 1999, p. 171. A síntese da paisagem cotidiana, que às vezes se me apresentava como a de uma prisão, me fez guardar na memória uma áspera de-

Apesar das fronteiras estabelecidas entre história e literatura

> [...] nessa inter-relação estabelecida, é o historiador da cultura de hoje que vai se voltar, ex-post, para um tempo já transcorrido e do qual ele recolhe as representações literárias e urbanísticas para construir a sua representação. Nesse caso, a escrita da literatura não contemporânea ao tempo da narrativa do historiador opera — para ele — como fonte para criação da sua versão. (PESAVENTO, 1999, p. 11)

As fontes impressas, além dos jornais da época da fundação do Seminário, servirão de ponto de partida para a compreensão da função que lhe foi atribuída pelas autoridades eclesiásticas, a fim de que se possa definir a sua importância na história regional. A realização de entrevistas constitui um recurso para explorar os depoimentos, considerados algo muito mais do que um simples fornecedor de informes. Na história oral, o entrevistado dialoga com o pesquisador, diferenciando-se de uma fonte muda, permitindo-nos melhor definir o papel do Seminário da Prainha na nossa história cultural. Com o material coletado, procuramos reconhecer não apenas o sentido da sua importância histórica na sociedade cearense, mas também as suas limitações e, em especial, as razões que determinaram o declínio da tradição lazarista na formação do clero local.

A questão básica a ser levantada diz respeito á utilidade do uso das entrevistas como um recurso metodológico que possa ampliar os horizontes da proposta de trabalho apresentada. Uma vez que não foram explicadas as razões da saída dos lazaristas, na documentação disponível, torna-se importante partir para as



finição, apresentada por Raul Pompeia: "Sob a coloração cambiante das horas, um pouco mais de ouro pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo, a paisagem é a mesma de cada lado, beirando a estrada da vida." (p.23) Vide, também, a respeito do tema sobre seminarista, GUIMARÃES, 2002.

entrevistas como um recurso capaz de melhor responder as questões levantadas. Na verdade,

> Para alguns historiadores tradicionais os depoimentos orais são tidos como fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual que às vezes pode ser falível e fantasiosa. No entanto, a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas ou visuais. (FREITAS, 1992, p. 16)

Cinquenta e duas foram as entrevistas realizadas, envolvendo quatro bispos, um dos quais foi reitor do Seminário e três ali lecionaram e ocuparam outras funções, como diretor espiritual. Quanto aos sacerdotes, o critério de escolha baseou-se numa faixa etária, para melhor representação de diferentes períodos do histórico daquela instituição. Alguns eram mais idosos, outros na faixa dos sessenta anos, dividindo como áreas de pesquisa, além da arquidiocese de Fortaleza, as dioceses de Sobral, Limoeiro do Norte, Iguatu e Crato, ficando o maior número de entrevistados em Fortaleza, em virtude da maioria dos antigos alunos da Prainha aí residirem. Um destaque especial deveu-se às entrevistas dos que abandonaram a carreira eclesiástica e continuaram ou não ligados às atividades da igreja Católica. Também entrevistamos dois padres lazaristas, atualmente residentes em Belo Horizonte, um deles, o padre Agatão, foi o último reitor antes do Seminário ser entregue aos padres seculares. Fortaleza, João Pessoa, Teresina, São Luís e Belém foram outras capitais que serviram de campo às entrevistas realizadas. Quanto aos ex-seminaristas, o maior número foi o de residentes no Ceará, mas também recorremos a entrevistados residentes em estados vizinhos, como Piauí e Paraíba.

No decorrer da pesquisa, tornou-se imprescindível estabelecer a relação entre memória e história, a fim de melhor explorar o material coletado

Se a Prainha constituía "uma outra Fortaleza", como intitulamos inicialmente o nosso projeto de pesquisa, mesmo assim, as fronteiras que separavam a vida mundana da cidade de uma vida ascética, almejada numa formação religiosa, não representavam polos antagônicos, pois de lá vinham "os escolhidos pelo Senhor" e para lá deveriam voltar, a fim de que fossem cumpridas as exigências do Pai Todo Poderoso.

A análise das razões da instalação do Seminário da Prainha simboliza o passo inicial no esforço de divisar o curso do fio de Ariadne, através dos labirintos da história escrita e dos meandros da memória, que nos apoiaram na tarefa de melhor compreender a relação entre o ontem e o hoje. Se existem três presentes, na visão de santo Agostinho, "o presente do passado, que é a memória, o presente do futuro, que é a expectativa, o presente do presente, que é a intuição (ou a atenção)", (RICOEUR, 2007, p. 360) é através dessa volta do passado, na confluência da memória individual e da memória coletiva, que compreenderemos as razões do presente e poderemos nos fortalecer para melhor enfrentar o amanhã.

Quanto à busca da compreensão do declínio do Seminário, como o santuário do saber e da formação dos soldados de Cristo, a nossa opção metodológica condiz com a exploração do alcance da história oral, onde o individual e coletivo se enlaçam na expressão da memória social. A polêmica saída dos padres lazaristas, da direção do Seminário, em 1963, época do Concílio Vaticano II, deixa uma série de indagações: qual teria sido a força maior que motivou a decisão daquela ordem religiosa em renunciar a uma função que, durante quase um século, esteve sob sua responsabilidade? Por que a saída dessa ordem religiosa ocorreu um ano antes da comemoração do centenário da instituição?

Ante tais indagações, a opção metodológica pela história oral constitui uma oportunidade de responder o que ainda não

foi explicado pelas fontes documentais disponíveis. As entrevistas realizadas nos proporcionaram subsídios capazes de uma melhor compreensão da experiência histórica registrada, onde os sentimentos manifestos se sobrepõem a um simples apanhado de dados e informes, pois eles revelam algo mais do que o testemunho dos fatos coletados.

A escolha de temas destinados à pesquisa se nos apresenta em diferentes momentos de nossas vidas, em modalidades distintas, dependendo das circunstâncias e dos momentos experimentados no nosso cotidiano. Às vezes até para a elaboração de uma tese ou dissertação não há uma opção espontânea da temática a ser estudada, prevalecendo a sugestão "impositiva" das circunstâncias, o que dificulta em muito o mergulho mais fundo nas águas turvas do mote que nos foi imposto, gerando uma produção anômala, difícil de ser digerida, satisfazendo apenas o cumprimento da rigidez cronológica do calendário de uma pós-graduação.

Na realidade, nem sempre é fácil ler uma produção acadêmica, pois muitas delas são escritas naquele estilo truncado, regulado, não só por imposições do orientador ou em virtude das limitações, dos muitos que têm dificuldades de expressar suas próprias ideias, mas também daqueles que, pela "trapaça da sorte", foram compungidos pela obrigação de trabalhar o que lhes foi imposto. A situação transmuta, quando a escolha flora de forma voluntária, é como se, na apresentação de um contagiante espetáculo, o palco montado fosse mais reluzente e os atores se apresentassem de modo transparente. Por isso, bem-aventurados os temas brotados com naturalidade, porque as suas raízes são mais sólidas, aura nem sempre sentida nos recantos acadêmicos das pós-graduações.

Tais considerações nos remetem à escolha da temática da minha dissertação de mestrado, "A Implantação dos Serviços Urbanos

no Recife: o caso da Companhia do Beberibe, 1848-1911".[12] Nos meus vinte e poucos anos, em 1974, eu lecionava na Faculdade de Filosofia de Cajazeiras, no sertão paraibano, mantida pela diocese local, quase fronteira com o Ceará, quando surgiu a oportunidade de fazer um mestrado, significativo para o andamento do processo de reconhecimento de uma Faculdade particular, numa época em que as chances à implantação de escolas, de nível superior, não eram tão fáceis, principalmente numa região interiorana chamada Nordeste. Com o apoio da Santa Madre igreja e de minha mulher, que aceitou deslocar-se à casa dos meus pais, em Fortaleza, levando consigo uma filha pequena de apenas um ano, enquanto eu permanecesse no Recife, mesmo assim, foi preciso "suar feio e forte,"[13] para concluir os créditos exigidos, num prazo de dois anos, pois a bolsa de estudos só saiu no segundo ano e fui mantido, no primeiro ano, apenas com o salário, proveniente de um contrato de professor do estado da Paraíba, pois a carteira profissional continuou assinada, com a Faculdade, mas o salário suspenso.

Toda essa narrativa nos conduz a um dilema maior, o da escolha temática: como trabalhar um assunto ligado à história do Ceará, se eu estava no Recife e mal tinha dinheiro para minha manutenção? Nas aulas de Metodologia da história, ministradas pelo Prof. Armando Souto Maior, que nos levou ao Arquivo Público do estado de Pernambuco, para escolha de um tema para elaboração de uma monografia, da referida disciplina, nos foi apontada uma documentação em três tomos, sobre a Companhia do Beberibe, responsável pelo abastecimento de água ao Recife, que nos serviu



12. Dissertação defendida na Universidade Federal de Pernambuco, em 1979, na I turma do Mestrado em História, que fora implantado no Recife e contava com alunos de uns cinco estados do Nordeste.

13. Essa expressão foi retirada de um artigo, de autoria de Carlos Drumond de Andrade, numa Revista da época, não me lembro mais se era "Realidade" o seu nome, numa crônica sobre os anos setenta.

não apenas para aquela monografia, mas se transformou numa dissertação, um estudo mais voltado à história econômica da referida Companhia, implantada com o apoio do governo provincial, mas mantida com investimentos locais, apesar de depender do apoio britânico para ampliação da sua área de atendimento.

Desse modo, mesmo tendo regressado a Cajazeiras do Rio do Peixe, onde só passei um semestre, pois devido aos créditos de mestrado, já concluídos, me foi aberta um oportunidade de ingressar no quadro docente do curso de história, da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, onde fiquei trabalhando até 1984, ano em que fui transferido para Fortaleza, como professor do curso de história, do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, em virtude da perda de um irmão, de 47 anos, o irmão-pai, uma ferida que muito demora a cicatrizar.

Da conclusão dos créditos de Mestrado, 1973, 1974, até à defesa da dissertação, lá se foram cinco anos, pois só em 1979 ela foi defendida. Essas longas prorrogações nos períodos de pesquisas eram viáveis e mais ainda para quem havia escolhido uma temática pela intempérie da vida ou de acordo com as determinantes circunstanciais. A experiência não foi infrutífera, pelo contrário, trouxe-me recompensas não só com a obtenção de um emprego numa universidade pública federal, mas também me levou a dar os primeiros passos no caminhar de um arquivo, ensinando-me como selecionar fontes, descobrindo as normas do saber fichar um documento e os matizes de indicar as referências necessárias.[14] A fidelidade às fontes consultadas era sagrada, daí a infinidade

14. Como prova da validade do aproveitamento das circunstâncias, referentes a minha dissertação, lembro que ali nasceu meu interesse pela história urbana e a própria tese de doutorado em História, defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, em 1993, foi uma continuidade da temática dessa dissertação, num estudo sobre o Recife e Fortaleza

de notas de referência, presentes ao longo do trabalho elaborado. Apesar dos benefícios, usufruídos por um neófito da seara histórica, foi preciso, mais uma vez, "suar feio e forte", para concluir o trabalho, afinal no fundo, no fundo, ele não fora escolhido com espontaneidade, mas posto, quase imposto, pelas condições do cotidiano daquele período.

Pela narrativa apresentada, ficam explícitas as dificuldades para se gerar uma produção circunstancial, embora seus efeitos nos possam trazer benefícios. Se eu recorro à narrativa como forma especial, para associar a memória individual à memória coletiva, é bom, antes de apontar os conceitos, que amparam nossa pesquisa, explicar as razões da escolha do histórico de uma instituição religiosa, como tema de uma pesquisa de pós-doutorado: "Seminário da Prainha, uma outra Fortaleza."[15] Entretanto, desde já quero deixar bem claro que não sou adepto da "Ego história", mas apenas me reconheço como um dos agentes históricos ligados a essa instituição, naquele intrincado elo entre o "eu" e o "nós" sempre imerso em nossas experiências cotidianas.[16]



no período 1945-1960, 586p., defendida em 13 de agosto de 1993.Em 2000 foi publicada a parte referente a Fortaleza, Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza, pela Annablume; com o apoio da Secretaria de Cultura e Desporto do estado do Ceará. Conforme ressalta o Prof. Liberal de Castro, "o livro trata apenas da parte fortalezense da tese, que teve como escopo estabelecer comparação entre a capital cearense e a cidade do Recife, em temos de crescimento espacial e da problemática social nos anos centrais do século XX." —"À Guisa de Apresentação", na publicação da 2ª. Edição do livro, em 1993.

15. De setembro de 2006 a janeiro 2007, realizamos a pesquisa bibliográfica e sobretudo as 51 entrevistas, envolvendo ex-seminaristas, padres, bispos, ex-reitores do Seminário da Prainha, nos estados do Ceará, Piauí, Paraíba, Maranhão e Minas Gerais. A partir de abril, encontramo-nos em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a supervisão da Professora Dra. Sandra Jatahy Pesavento, no desenvolvimento das atividades, programadas ao estágio de pós-doutorado.

16. A respeito da chamada "Ego-História", a melhor explicação que encontrei foi numa entrevista do Professor Roger Chartier a uma professora do curso de História

Durante muito tempo essa ideia me perseguiu, pois sentia a presença de algo recôndito, que merecia ser narrado, mas sempre havia argumentos abalizados, considerados convincentes, para dar pouca relevância a um tema que ficava a reboque das análises dialéticas, principalmente considerando a minha experiência profissional, pois desde 1976, quando ingressei na UFPB, até 1984, quando fui transferido para o Ceará, as duas disciplinas sob minha responsabilidade eram história Econômica Geral e Formação Econômica do Brasil I e II, obrigatórias para os alunos do curso de Economia e optativas a outros cursos, como história e Geografia, onde só os agentes dos meios de produção mereciam subir ao tablado das encenações históricas. Entretanto, a partir de 1999, elaboramos um projeto sobre o Seminário da Prainha e com o apoio de dois bolsistas, de iniciação científica, com recursos do CNPq e da Fundação Cearense de Apoio á Pesquisa (FUNCAP-CE), realizamos dez entrevistas com padres e colegas ex-seminaristas.[17]



da Universidade Federal do Piauí, quando da realização do seu pós-doutorado, em Paris: "Quando Pierre Nora inventou esse conceito de ego-história, que conduz o historiador a se colocar como objeto do seu discurso, fez algo terrível, porque todos os historiadores se precipitaram em contar suas vidas. De fato, a quem se pede para fazê-lo? Aos astros do cinema. A grandes esportistas. Aos políticos. No entanto, todos os intelectuais ou todos os professores a quem se pediu para contar sua vida, ficaram contentes. Para eles isso significava transformar seu status na sociedade. Mas, seus textos são, salvo algumas exceções, absolutamente chatos. Como diz Bourdieu, por que pedimos aos historiadores para contar sem método, vidas sem história? Fora existências como a de Jean- -Pierre Vernant, herói da Resistência Francesa, os outros, os nossos, ordinários e banais, são insignificantes. Elas nos importam, mas não acho que mereçam ser contadas." Tal afirmação pode suscitar uma ampla discussão, mas considero-a válida. — Cf. DIAS, Claudete Maria Miranda in CASTELO BRANCO; NASCIMENTO e PINHEIRO, 2006, p.207.

17. Como um dos passos iniciais da pesquisa, em 2000, no II Encontro da de História Oral do Nordeste, realizado em Salvador, BA, promovido pela Associação brasileira de História Oral, ABHO, apresentamos a comunicação "O Seminário da Prainha na memória Cearense," que consta nos Anais do referido encontro.

A chance do pós-doutorado me permitiu retomar a temática, fora dos flancos limitados pelo conceito de modo de produção e penetrar no caudal de uma opção metodológica, em que a oralidade, a memória e a narrativa constituem o tripé da reveladora torre, que nos faz enxergar mais longe as vias não retilíneas do curso da história. Assim, as limitações ou veredas da macro história nos fazem penetrar em espaços, antes considerados menos expressivos, mas que merecem ser ampliados através das lentes de uma micro história urbana, sempre à espera de narradores.

O nosso interesse pela chamada "história oral" nasceu do desejo de complementar as fontes de consulta, no campo da história urbana regional, quando do término de nossa tese de Doutorado em Historia Social, na USP. Com as leituras efetuadas, seguindo a produção da Associação Brasileira de história Oral (ABHO), fomos descobrindo o alcance das dimensões das falas, que se expressam em diferentes formas de comunicação social. A experiência cotidiana, na UECE, possibilitou a descoberta de colegas de outros departamentos, que também trabalham com a oralidade. O fruto colhido desse fortuito achado foi a constituição do Grupo de Pesquisa, Oralidade, Cultura e Sociedade, que estabeleceu como objetivo superar os referenciais definidores de uma cultura erudita, buscando explorar outros espaços sociais, inerentes à cultura popular, que guardam resíduos de uma tradição, nem sempre ao alcance dos valores estabelecidos pelos meios de comunicação.

A partir de práticas acadêmicas — oferta das disciplinas história Oral, no curso de Graduação em história e Tópicos Temáticos em história Oral, no Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade —, as dimensões da oralidade nos foram sendo reveladas, fazendonos transpor à limitada definição de "história Oral", presente não apenas na denominação das disciplinas ofertadas, mas nas práticas acadêmicas cotidianas. Na verdade, a convivência com colegas de

outras áreas — Música, Serviço Social e educação — e a troca de indicações bibliográficas nos remeteram a outra configuração metodológica que confirma o seu alcance transdisciplinar, deixando esvair a velha preocupação em defender tal opção como propriedade de uma determinada área do conhecimento.

Conforme destacamos, o Seminário da Prainha foi instalado antes mesmo da implantação do processo de modernização da capital cearense, que teria a sua arrancada com a égide da presença francesa, (TAKEIA, 1995) embora os responsáveis pela instalação dos serviços urbanos, em Fortaleza, nas últimas décadas do século XIX também fossem os agentes decisivos da chamada "britanização", que nos foi tão bem narrada por Gilberto Freyre (FREYRE, 1948). A instalação do Seminário da Prainha representou um marco na consolidação do processo de romanização na recém criada diocese do Ceará. O seu primeiro bispo, Dom Luiz Antônio dos Santos, que iniciou o seu trabalho pastoral, na diocese de Fortaleza, em 1861 e que fora formado sob a tutela dos padres lazaristas, no Seminário do Caraça, em Minas Gerais, confiou a instalação da Prainha aos filhos de São Vicente de Paulo, que desde a época de Dom João VI atuavam no Brasil, responsáveis pela formação de sacerdotes do clero secular (COSTA FILHO, 2004).

Daí por que intitulamos o nosso projeto de pesquisa "Seminário da Prainha, uma outra Fortaleza", implantada para fazer frente à laicização e à modernização, que abria espaços para outros agentes, além dos filhos criados sob as asas da "Mater et Magistra". Se a instalação do velho Seminário nos suscita indagações, mais ainda elas eclodem aos nossos olhos, ao nos debruçarmos sobre a saída dos padres lazaristas da direção do Seminário, em 1963, um ano antes das comemorações dos cem anos de sua fundação: teria sido, já, um resultado das inovações suscitadas pelo Concílio Vaticano II?

Se nos debruçarmos sobre o histórico da Prainha, como associá-lo à história urbana? Na realidade, várias são as formas de pensar a respeito das cidades, e de analisá-las, na busca de uma melhor compreensão acerca das contradições históricas: "teorias da cidade", "alegorias urbanas", "muito além do espaço", por uma história cultural do urbano", "uma outra cidade," "o imaginário da cidade", "cidades estreitamente vigiadas" constituem apenas alguns dos vários títulos de trabalhos, consagrados às cidades (FREITAG, 2006; GASTAL, 2006; PESAVENTO, 1995, p. 279 – 290; PESAVENTO, 1999 e 2001; PECHMAN, 2002).

Essas denominações expressam a produção daqueles que aceitaram o desafio de penetrarem nos labirintos dos "espaços" e "lugares", nas "Caminhadas pela Cidade", na sombra "d'Os Fantasmas da Cidade"[18] ou mesmo na "rua de Mão Única", remetendo- -nos a novas definições de "espaço", "monumento" e "documento."[19]

A nossa proposta de análise sobre o "Seminário da Prainha, uma outra Fortaleza", se expressa numa opção metodológica que almeja uma compreensão da micro história urbana, da capital cearense, associada à memória social, apoiada nos pressupostos da transdisciplinaridade. Desse modo, partindo de um total de 52 entrevistas realizadas, que envolvem um arcebispo, bispos, reitores, padres, sacerdotes que contraíram matrimônio e ex-seminaristas, procuramos compreender dois momentos significativos da história urbana local, em Fortaleza-Ce, que se associam à história do Seminário da Prainha: o primeiro diz respeito a sua implantação, em 1864, como frisamos antes, quando a força da romanização, presente na ação evangelizadora do primeiro bispo do Ceará



18. Cf. Terceira Parte. Práticas de espaço in CERTEAU; GIARD e MAYOL, 1996, p.169-233.

19. Cf. Terceira Parte — Práticas de Espaço in CERTEAU, 1994, p.167-191; BENJAMIN, s.d.; ABREU e CHAGAS, 2003.

que, com o apoio dos padres lazaristas, edificou "uma outra Fortaleza", o Seminário, contra a modernização e a laicização que cintilavam em diferentes espaços urbanos da segunda metade do século XIX; o segundo, em 1963, nos remete à saída dos padres lazaristas, da direção do velho casarão da Prainha, quando a aura do Vaticano II e as revoltas estudantis repercutiam em diferentes espaços, sem esquecer, em relação à igreja Católica, a expressão da crise do "modelo tridentino", que semeava a sacralização dos seminários, que foram concebidos como celeiros de formação dos pastores do Senhor, para enfrentar a turbulência de um mundo racionalista.

Para percorrer os corredores da Prainha, a narrativa é o canal de expressão da memória social.[20] Na realidade, a redescoberta da narrativa não é aleatória, mas fruto de experiências históricas vividas. Na era da pós-modernidade, quando os valores e as instituições sociais, de repente perdem a aura, que os envolvia, a descrença na razão nos faz duvidar da certeza, da cientificidade e da lógica, presentes nas produções historiográficas que se apoiavam em conceitos e métodos anteriormente consagrados, a narrativa é uma válvula de escape, pois deixa escoar os anseios e expressões das experiências vividas. Se os postulados básicos da ciência, confirmados pela linguagem escrita, já são reconhecidos como insuficientes para a satisfação dos desejos coletivos, pois "tudo o que é sólido se desmancha no ar", a busca de novas opções fez renascer o que antes parecia pouco expressivo: a narrativa.

Às vezes fico a me indagar por que só depois de uma aposentadoria em uma instituição federal, resolvi continuar lecionando



20. No VI Encontro de História oral do Nordeste: culturas, memórias e Nordestes, realizado em Ilhéus-Bahia, 2007, promovido pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO), apresentamos a comunicação, publicada nos Anais do referido encontro, intitulada **A Narrativa e a oralidade como Opção metodológica na Compreensão do Espaço Urbano do Seminário da Prainha**.

na universidade estadual do Ceará e vejo que os argumentos não são apenas monetários, apesar de tudo ser considerado mercadoria nos dias atuais, muitas vezes até os próprios seres humanos. Se a história já não mais é a "Mater et Magistra Vitae", a enviada do Senhor, nem muito menos o demiurgo que anuncia a redenção dos menos favorecidos, aqui mesmo, no mundo terreno, vale a pena estudar história?

Não tenho uma resposta pronta, bem argumentada para satisfazer às indagações coletivas ou individualizantes do nosso mundo globalizado, mas posso expressar, com convicção e transparência, que a história me fez entender melhor os meandros do meu inconsciente e os espaços sociais, que nos cercam, pois é ela que nos vem ensinando "a viver e não ter a vergonha de ser feliz." E nas rotas e cruzamentos dos caminhos da história, de repente a revelação da força da oralidade me fez penetrar no roteiro dessa inovação metodológica, onde o inconsciente individual e o inconsciente coletivo se aproximam, através das narrativas apresentadas (Cf. JUNG; VON FRANZ, 2002).

Desse modo, se a chamada "história oral" se tornou reveladora, preenchendo espaços antes desocupados e dando voz aos outroras silenciados, a fonte que faz brotar esse curso natural da memória social se manifesta através da sutileza da narrativa. É verdade que muito já se falou acerca da narrativa, mas sempre é compensador refletir acerca da sua essência, é como se ela fosse o "alfa", o princípio de nossas manifestações, o canal por onde escorre o caudal acumulado no nosso mundo interior. E é através dela que desejamos anunciar o significado do Seminário da Prainha, na história urbana regional, como espaço sacro, mas também humano, sugestivo, revelador dos meandros das experiências extraídas da memória individual e da memória coletiva.[21] Cada depoimento coletado é como

21. Cf. JUNG, 2006. Em especial, o capítulo "Confronto com o Inconsciente", p. 205-237

se fosse um lampejo faiscante no pano de fundo do cenário urbano, pois aprendemos "que a exigência de rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado" (GAGNEBIN, 1999, p. 16)

O passo inicial na estruturação de uma nova metodologia consiste em perceber o campo de alcance da narrativa, excluindo- -a dos limites de uma determinada área do conhecimento. Se as diferentes modalidades de interpretação se fazem presentes nas ciências humanas e nas artes, o desejo de ultrapassar as barreiras impostas pela rígida separação entre cada uma delas nos leva a reconhecer a necessidade de retomar o que antes parecia superado.

A narrativa é simbólica e polivalente, pois deixa transparecer a observação individual, que nos revela as experiências da coletividade. Por isso, seu conteúdo não deve se restringir a um determinado campo do saber humano, pois ele serve de elo entre diferentes opções de trabalhar a sociedade. A Literatura, a Antropologia e a história revelam algumas novas opções de análise, onde a narrativa desponta como uma lente cristalina, capaz de ampliar o conteúdo do assunto tratado, abrindo novas trilhas em espaços, antes considerados insignificantes.

Um dos erros comuns na tradição historiográfica foi atribuir a valorização da narrativa exclusivamente ao positivismo. Ora, se

Segundo Ele, "A ambiguidade da anima, mensageira do inconsciente, pode aniquilar um homem de uma vez por todas. Mas o decisivo, em última instância, é sempre o consciente, pois é ele que deve compreender as manifestações do inconsciente e tomar posições frente a elas."(p.223). Além do farol de Jung, que clareia o que antes parecia inexplicável, revendo o conceito de "memória coletiva", dois outros livros nos serviram de apoio. FENTRESS e WICKHAM, s.d.; em especial, cf. os dois primeiros capítulos: "Recordar" e "Ordenamento e Transmissão da Memória social", p.13-109. É bom não esquecer as revelações daquela que nos fez entender a relação entre "Memória e Sociedade": BOSI, 2003.

nos concentrarmos na história da antiguidade, logo percebemos que a narrativa tinha um significado especial, antes e durante as civilizações clássicas, mas em outros períodos da história, a narrativa nunca ficou ausente, mesmo na contemporaneidade, pois ela constitui um dos suportes básicos da história em diferentes temporalidades. Por isso, o importante é descobrir o significado que lhe é atribuído em diferentes momentos históricos, quando os espaços sociais revelam as suas transparências e contradições, através da dimensão interpretativa da narração. E hoje, mais do que nunca, vale a pena fazer coro à afirmação de Peter Gay, para quem "a narração histórica sem análise é trivial, a análise histórica sem narração é incompleta," em consonância com a opinião de Benedetto Croce, "Onde não há narrativa, não há história." (WHITE, 2011, p. 440-441). Na realidade, apoiando-se em Paul Ricoeur, White assim a percebe

> [...] a narrativa é mais do que um modo de explanação, mais do que um código, e muito mais do que um veículo para organizar informação. Ela não é uma estratégia, uma tática discursiva que o historiador pode ou não usar, segundo algum objetivo ou intenção pragmática. É um meio de simbolizar acontecimentos sem os quais sua historicidade não pode ser indicada. (WHITE, 2011, p. 478)

A reação à narrativa, como um recurso à maturidade da abordagem histórica, ressurgiu em diferentes momentos. O combate à valorização da narrativa foi expresso de forma explícita pelos pensadores iluminados pelo "conceito de modo de produção". É verdade que o positivismo representou um retorno à narrativa, apesar das limitações em que era estruturada. Com o avanço da fundamentação, como passo do amadurecimento intelectual,

a história das estruturas se firmou como um novo suporte, pois os acontecimentos apenas representavam para os seus seguidores parte da historicidade.

Entretanto, com as inovações metodológicas adotadas, a história acadêmica redescobre que a narrativa não deve ser reservada exclusivamente à visão positivista, pois a compreensão dos acontecimentos cotidianos passou a ter mais espaço ante as estruturas tradicionais. O rigor conceitual, presente em diferentes correntes de pensamento, inclusive no próprio marxismo, foi perdendo a sua eficácia e a narrativa voltou a brotar no celeiro acadêmico. Desse modo, "o chamado renascimento da narrativa tem muito a ver com uma crescente desconfiança do segundo modo de explicação histórica, frequentemente criticado como reducionista e determinista" (BURKE, 1992, p. 332). Assim, além do forte condicionamento atribuído às estruturas, redescobre-se que a força da ação humana é constante na dimensão histórica.

É importante que se rompam as barreiras entre o narrador e o analista da temática estudada. Afinal, narrar não constitui uma ação mecânica, pois a reflexão se faz presente na sua elaboração. A diversidade das narrativas constitui, portanto, um manancial que não merece ser olvidado. Se o historiador não se sente capaz de reproduzir o que aconteceu, as narrativas constituem fontes propicias à superação dos limites impostos à reconstituição histórica. Conforme ressalta Peter Burke, "o problema a ser considerado é aquele de se fazer uma narrativa densa o bastante, para lidar não apenas com a sequência dos acontecimentos, mas também as estruturas — instituições, modos de pensar, etc. — e se elas atuam como um freio ou acelerador para os acontecimentos" (BURKE, 1992, p. 339). Por isso, a narrativa é um dos suportes básicos da história em diferentes temporalidades. O importante é descobrir

o significado que lhe é atribuído em diversos momentos históricos, deixando transparecer os espaços sociais por ela revelados. Com a adoção de novos métodos, a micro narrativa, que busca dar espaço às pessoas comuns, é alimentada pela narrativa a que se recorre, a fim de melhor se compreender as estruturas e os traços culturais distintos, que estão presentes na realidade estudada. A relação entre os acontecimentos e a intepretação que lhe possa ser dada nos leva a descobrir a diversidade de pontos de vista existentes. Desse modo, "às vezes, temos a impressão de que a história procura se comunicar nesse seu retorno à narrativa, com este elo perdido, que é a tradição dos relatos orais que tiveram e ainda têm grande significado para a manutenção das memórias coletivas" (SAVIANI, 2000, p. 24).

Para que essa narrativa expresse, de forma mais significativa, a evasão dos sentimentos intrínsecos do inconsciente individual e do coletivo, nada mais revelador do que recorrer à "narrativa salvadora", de Walter Benjamin, cujo conceito de história está "enraizado na experiência coletiva dos vencidos" (GAGNEBIN, 1999 p. 1). Se toda narrativa era vista com reservas como fonte histórica, é bom fugir à narrativa enferrujada que apenas relata o que aconteceu, como se as ocorrências narradas fossem contas de um rosário, mas é preciso ir além do "continuum" cronológico, na busca de uma "constelação salvadora." (GAGNEBIN, 1999, p. 1; ZILBERMAN, 2010, p. 30) Se preclaras são as sutilezas das "Metáforas da memória", (Cf. DRAAISMA, 2005) parece-me que aquela nítida linha divisória que costumava "ser traçada entre o trabalho dos historiadores e dos psicólogos" (Cf. ELIAS, 1993, p. 234) se esmaeceu. Refiro-me ao avanço registrado na aproximação entre as ciências humanas, atualmente, apesar das fortes raízes das fronteiras estabelecidas entre cada campo do saber. Nessa ruptura do que antes parecia intransponível, no campo historiográfico

quando as alegorias passam a ser reveladoras, "memória social" e "transdisciplinaridade se tornam dois conceitos complementares."

Durante muito tempo foi proclamado, em alto e bom tom, a validade e a necessidade da interdisciplinaridade, mas se observarmos a trajetória das produções, no nosso cotidiano acadêmico, ou mesmo a constituição e a ação dos núcleos de pesquisas, apesar de todas as regras possuírem as suas exceções, aí se percebe que as práticas muitas vezes se afastam das representações[22], é como se no mundo acadêmico existissem extensas propriedades privadas, temerosas das viabilidade de uma reforma agrária. E se olharmos, com atenção, o curso da trajetória histórica, percebemos que a almejada interdisciplinaridade despontou bem antes do próprio avanço dos Annales. Para isso, deixando de lado aquele rigor doutrinário dos sectários de Marx, basta consultar o Capital, que apesar do rigor da análise econômica, nele presente, há uma confluência demonstrada por Marx, onde a relação entre infra e supra estrutura nos convence de que é impossível separar o econômico do social, do político ou até do cultural, na relação comparativa estabelecida. Todavia, as primeiras arrancadas já se fazem sentir nessa confluência entre a história e as demais ciências humanas. E nesse aspecto o emprego do conceito de transdisciplinaridade me parece mais revelador do que o de interdisciplinaridade, O primeiro clarão me foi dado por François Dosse, ao comentar a permanência do "reducionismo", mesmo na fase inicial dos Annales.[23]



22. Conforme destaca Chartier, "pode pensar-se uma história cultural do social — que, à revelia dos actores sociais, traduz as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse.- Cf. CHARTIER, s.d.,p.19. Vide também MOSCOVICI, 2003.

23. Cf. DOSSE, François. Cap. 33: uma transdisciplinaridade in 2003, p. 403-414.

Entretanto, não precisamos ir muito longe para melhor compreender o alcance da transdisciplinaridade e as suas reais dimensões. Há sete anos, foi publicado um trabalho, resultado de pesquisas realizadas no Programa de Pós-Gradução em memória social, da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, que me serviu de âncora para melhor compreender a dimensão do conceito de memória social e as fronteiras entre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade,

> É importante ressaltar a distinção entre abordagens multi, inter e transdisciplinares. Nos procedimentos multidisciplinares, um somatório de disciplinas é requerido para dar conta de um mesmo objeto teórico sem que haja necessidade de um entrecruzamento das diferentes abordagens, podendo cada disciplina manter-se na sua própria esfera. Afirma-se a polissemia discursiva, mas a ordem disciplinar se mantém. Na interdisciplinaridade, tem-se igualmente um mesmo tema trabalhado por disciplinas distintas, porém os discursos desses temas são postos em diálogo.

E acrescenta: "A proposta transdisciplinar é outra. Ela pretende pôr em xeque a disjunção entre as disciplinas, valorizando pesquisas capazes de atravessar os domínios separados" (Cf. GONDAR, 2005, p. 14).

Para vencer as barreiras, que nos impossibilitavam de adentrar nas searas circunvizinhas, ao estudar a representação do Seminário da Prainha, como espaço urbano de Fortaleza, um testemunho de como avançar, nesse roteiro, sem atrelar a sua área de conhecimento ao impulso de uma ciência afim, que nos possa parecer mais eficaz, nos foi demonstrado por Carlo Ginzburg, através do "uso analógico", "evidente", "e às vezes metafórico da psicanálise" em relação à história. Na verdade, sua análise não é "psicanalista", pois "o historiador

se valia da sugestão interpretativa e utilizava de modo analógico o procedimento indireto da abordagem de Freud."[24]

Nessa via de mão dupla, onde o individual e o coletivo se aproximam, a memória social nos revela aspectos recônditos da vida urbana e das experiências sociais, presentes em diferentes espaços. Para superar as barreiras, que naturalmente surgem ante um principiante em uma nova opção metodológica, alguns livros foram fundamentais: o primeiro a me revelar os meandros da história oral foi o de Paul Thompson (THOMPSON, 1992). Além desse, o fio de Ariadne, para percorrer as diversas trilhas, teóricas ou metodológicas, foi uma "Apresentação", que ainda hoje a utilizo como texto introdutório, mas aulas de história oral, de autoria de Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (AMADO e FERREIRA, 1998, p. VII – XXV). A conhecida produção de Eclea Bosi, (BOSI, 1994 e 2003), nas suas análises de Psicologia Social me foram reveladoras, sem esquecer os passos iniciais da história oral, entre nós, presentes nos trabalhos dos professores Montenegro, Bom Mehy, Lins Caldas e Sônia de Freitas, mesmo considerando o confronto entre as suas diferentes proposições metodológicas (MONTENEGRO, 1992; CALDAS, 1999; FREITAS, 2002 e VERENA, 2005).

Se a "Apresentação" das pesquisadoras Marieta e Janaína nos faz entender o seu alcance metodológico, além de uma simples técnica complementar, manifesto em diferentes modalidades de trabalhar com depoimentos colhidos, Ecléa, apoiando-se em Bérgson, nos revela a distinção entre percepção e memória e as modalidades de interação entre ambas. Demonstrando que o passado se conserva, mas não de forma homogênea, seja através

24. Cf. LIMA, 2006,p.317. Aliás, para romper os grilhões que afastavam a ciência da religião, nada melhor do que recorrer a um teólogo que, em 1986, recebeu o prêmio Oscar Pfister, da Associação Americana de Psiquiatria: KÜNG, 2006.

da memória hábito, seja por intermédio de lembranças independentes de quaisquer hábitos: "lembranças isoladas, singulares [...] autênticas ressurreições do passado". Afinal, "Somos todos presas alternativas ou da memória-hábito ou da memória-sonho em diferentes épocas da vida." (BOSI, 2003, p. 38- 39).

Quanto mais penetramos nas trilhas da oralidade, mais questões despontam, remetendo-nos a uma análise acerca dos enunciados propostos na nova metodologia e da experiência acadêmica presente no cotidiano da vida universitária. Entretanto, o impasse entre a proposta de inovação metodológica, oriunda da chamada história oral, cada vez mais aceita no meio universitário, e a realidade concreta em sala de aula ou na elaboração das monografias de término de curso, é a dificuldade do aluno em associar a problemática levantada com uma fundamentação teórica. Se o apoio teórico se apresenta como se fosse condimento básico da produção elaborada, a maneira de aplicá- -lo pode e gera, com frequência, o antídoto almejado: um recheio diferenciado do que se deseja atingir, onde nem sempre os conceitos aplicados se coadunam com os argumentos apresentados.

No meu entender, a dificuldade em associar conteúdo temático e apoio teórico nos remete ao histórico de nossa formação profissional, onde a teoria se manteve distante de grande parte da produção elaborada. A esse respeito, não me refiro apenas ao legado positivista, tão vivo nas antigas Faculdades de Filosofia, quanto nos Institutos Históricos e ainda atuantes nas experiências didáticas de hoje. Na verdade, esse grande estigma incrustrado na formação do profissional de história ainda permanece, talvez de modo inconsciente, no meio universitário. É bom lembrar que, mesmo com a nova história, a retomada das narrativas, muitas vezes, não justificadas, pode levar ao antigo curso de uma narração tradicional, que tão bem se encaixa no denominado "resgate" dos marginalizados,

onde o relato apresentado se limita a reproduzir o que foi dito, demonstrando a força do positivismo em nossa formação.

Será que, além do legado de uma formação carente de apoio teórico, tal ocorrência não tenha sido alimentada por "uma corporação historiadora... rebatizada de 'nova história', e cuja tendência natural era a rejeição de qualquer diálogo, até em nome do ofício do historiador, com a filosofia", conforme enfatiza François Dosse? (DOSSE, 2003, p. 188).

Ante tal impasse torna-se imprescindível considerar o avanço da história oral como uma opção metodológica, não exclusiva de uma determinada área do conhecimento, mas se afigurando como um patrimônio comum das Ciências Humanas. Se nós almejamos a quebra do dogmatismo, com a mudança de paradigmas, é recomendável reconhecer a aproximação entre ciência e arte na construção do conhecimento histórico, "um relato verídico", conforme Paul Veyne nos lembra (VEYNE,1987).

O conteúdo estudado não mais é considerado como um objeto inerte, mas a interpretação apresentada deixa clara a força da intersubjetividade, que nos remete ao diálogo contínuo com outras áreas do conhecimento. Deixando à margem da meta traçada a possibilidade de um resgate integral do passado, a oralidade é dimensionada como uma forma dinâmica de elaborar "uma releitura memorial e simbólica do passado" (VEYNE,1987, p. 17).

A busca de uma justificativa convincente do retorno à narrativa encontra sua argumentação, oriunda da Filosofia, em Paul Ricoeur. Ao explicar como o discurso da história é organizado, ele destaca o caráter especial dessa narrativa que, mesmo se aproximando da ficção, busca uma aproximação a uma realidade acontecida, ou seja, uma ocorrência registrada em um determinado corte temporal (Cf. RICOEUR, 1997). A ação e o tempo selecionados são submetidos ao crivo de uma análise,

que deixa transparecer a subjetividade do intérprete da narrativa apresentada. A história, segundo Ricoeur, "emerge de uma epistemologia mista, de um entrelaçamento de objetividade e subjetividade, de explicação e de compreensão."[25] Ele destaca o discurso numa relação entre identidade narrativa e busca da verdade. Por isso, a linguagem da história é equívoca, servindo como recurso a uma melhor compreensão das igualdades e diferenças nela presentes.

O conteúdo transmitido pelo depoente encontra-se "Dentro da alma, ou mais exatamente, na memória." Para Ricoeur, "quando recontamos coisas verdadeiras, embora coisas passadas, é da memória que as tiramos, não as coisas elas mesmas, que passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens que estão gravadas no espírito, como marcas que passaram pelos sentidos." (LEAL, 2002, p. 32)

Ao invés de limitar-se à dicotomia entre a explicação, presente no campo das ciências da natureza e a compreensão, propícia às ciências humanas, Paul Ricouer reconhece as potencialidades desses dois polos, partindo da "hermenêutica da compreensão histórica", (DOSSE, 2003, p. 183) ou seja, a busca da essência do objeto de estudo, expressa através dos símbolos e textos apresentados. O confronto de interpretações diferenciadas propicia a "pluralidade do sentido" ou, conforme a visão weberiana, "uma compreensão explicativa", que ultrapassa a rígida oposição entre explicação e interpretação.

Recorrendo a essa modalidade de interpretação, que serve de suporte a uma superação dos limites dos antigos paradigmas,

25. Cf. DOSSE, 2003, p.326. Segundo Leal,2002, p. 29, "**Ricoeur visa a substituir a problemática do explicar-compreender, que atravessa a reflexão dilthyana, por um processo de integração no qual os dois pólos dicotômicos não mais estariam numa relação de exclusão**."

percebe-se que o chamado "objetivismo" não foi uma característica exclusiva da interpretação positivista, mas que se fez presente em várias correntes, sejam aquelas apoiadas no ideário marxista, seja na contradição de uma abordagem de cunho subjetivo, que ainda hoje corre o risco de se manifestar, quando da escolha do uso da oralidade como fonte histórica.

Na verdade, "a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano. Mas ela sempre corre o risco de cair numa 'ideologização' da história do cotidiano, como se esta fosse o avesso oculto da história política hegemônica" (BOSI, 2003, p. 15). Por isso, a preocupação em dar voz aos esquecidos nos relatos da história oficial propicia uma modalidade de abordagem que pode gerar uma contradição entre a proposta de inovação metodológica escolhida e a forma de apresentar o conteúdo fornecido pelas entrevistas realizadas. A procura em garantir um espaço aos esquecidos da história pode, inconscientemente, na tentativa de ser fiel ao depoimento obtido, remeter à velha modalidade de escrever a história: reproduzir o que foi dito, deixando à margem o teor interpretativo do autor. Sem a análise do conteúdo transmitido pelos depoentes, o alcance inovador da subjetividade, presente na interpretação apresentada, se dilui num retorno à narrativa tradicional, carente de uma explicação que se coadune com a problematização enunciada.

A ideia de garimpar numa fonte selecionada, capaz de revelar uma verdade histórica, carrega no seu bojo uma conotação positivista, ainda tão presente em nossa formação acadêmica. É como se o informe obtido estivesse envolto num aura, onde o pesquisador se sentiria incapaz de maculá-la. Entretanto, nos meandros da oralidade, a busca de uma veracidade, na informação obtida, foge ao conceito de verdade revelada, pois o inconsciente dos entrevistados se apresenta nos depoimentos apresentados,

fazendo-nos reconhecer o alcance de um esquema descritivo, que revela a forma diferenciada de perceber a realidade enfocada. Desse modo, "A memória oral, longe de unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza." (BOSI, 2003, p. 15)

Cada indivíduo possui a sua maneira de encarar a realidade vivida ou de recorrer à simbologia apropriada, reveladora da subjetividade com que descreve o seu cotidiano, onde o ocorrido é reconstruído, numa trama onde o social e o individual se entrecruzam, formando uma memória social. Se ao depoente é concedida a oportunidade de expor a sua maneira de visualizar o tema estudado, ao pesquisador é oferecida a alternativa de buscar outras versões, reveladoras das várias maneiras de se compreender o assunto enfocado.

Desse modo, quaisquer que sejam as origens sociais dos indivíduos selecionados para entrevistas, a relação entre entrevistador e entrevistado, ela nos remete à "polifonia dialógica," conceito elaborado por Michael Bakhtin, que nos faz entender a dimensão ampliada dos agentes históricos selecionados e sua relação com o entrevistador. (DOSSE, 2003, p. 231) Tal assertiva nos faz superar a tradicional classificação dos extremos, situados no consenso e no dissenso. E nessa aproximação entre opiniões diferenciadas aflora a possibilidade de fazer brotar o significado da alternância de opiniões, que não devem ser encaradas apenas como resultado de conflitos contínuos, presentes nas experiências sociais, mas como tramas do embate diário entre visões diferenciadas acerca de um assunto tratado. Elas nos permitem compreender a força da subjetividade, seja em relação ao momento presente, seja na reconstrução de experiências passadas.

Com o declínio da tentativa de compreensão de uma realidade social através de uma reveladora história total, as opções de

estudo se deslocam para o relato de vidas particulares, onde os indivíduos e os grupos, através de representações, nos revelam outros aspectos antes desconsiderados. Os espaços a serem estudados ultrapassam a simples localização territorial, demonstrando a polivalência dos núcleos culturais neles estabelecidos.

Nessa perspectiva,

> Roger Chartier situa o novo espaço de pesquisa no cruzamento entre uma história das práticas socialmente diferenciadas e uma história das representações que tem como objetivo dar conta das diversas formas de apropriação. Essa pluralização das construções culturais põe em causa 'o recorte fundamentalmente dualista dominantes/dominados', utilizado até então para coadunar descrições brotadas no interior da hierarquia socioprofissional: 'As coisas pareceram mais complexas a partir do momento em que pousou o olhar sobre circulações de objetos, de crenças, de práticas que perpassavam os recorte sociais' (DOSSE, 2003, p. 270-271.)

Partindo de tal proposição, é possível perceber o peso do simbolismo na sociedade que nos permite uma comunicação com um passado distante sem uma brusca ruptura com os valores dos nossos dias. Esse elo com o ontem se apresenta de forma espontânea através das informações prestadas em entrevistas realizadas com pessoas que se prontifiquem a reconsiderar suas experiências de vida. Por mais abstratas que possam parecer as representações, elas coexistem como forma de expressão ante os valores padronizados na sociedade. Desse modo, o universo que as envolve propicia uma renovação nas modalidades de compreensão dos temas estudados.

Se considerarmos a relação entre memória e história, observa-se que os dois conceitos não são sinônimos, mas a memória

constitui uma fonte preciosa para compreensão de uma realidade numa perspectivas histórica. As memórias coletivas, ou melhor, as memórias sociais,[26] assim como as memórias individuais são propícias à compreensão histórica, mas se abrem a múltiplas versões, tornando viáveis novas considerações sobre temas antes analisados. A oposição entre uma história crítica e uma memória instável está sendo superada. Uma vez que a história ultrapassa os limites dos que a definiam como ciência, a problematização do alcance da memória abre perspectivas novas de ampliar o teor interpretativo de uma reflexão histórica.

O relato, contido na narração, tem um valor explicativo, propiciando uma aproximação entre história e ficção, dada a força da subjetividade na reconstrução do passado. Entretanto, embora alguns profissionais da história aproximem a história da ficção, há uma busca da veracidade do tema estudado, mesmo respeitando-se a liberdade de interpretação confiada ao historiador, capaz de criar uma versão diferenciada das explicações históricas comumente apresentadas.

Se o uso da memória enriquece a possibilidade de recriar o passado, a expressão história oral, apesar de "oficializada" na linguagem da nova opção metodológica, torna-se imprecisa, se considerarmos a amplitude do alcance das entrevistas como fonte do conhecimento. Na verdade, o trato com os depoimentos obtidos ultrapassa o universo do profissional de história, remetendo-nos ao alcance das abordagens de diferentes áreas das ciências humanas, quebrando a rígida delimitação do seu alcance.



26. Vide FENTRESS e WICKHAM, 1994. BOSI, 2003, p.49-57. Segundo essa autora, "no processo de socialização tem lugar a memória-hábito, repetição do mesmo esforço, adestramento cultural. No outro pólo, a lembrança pura traz à tona da consciência um momento único, singular, irreversível, da vida. Dessa breve evocação bergsoniana fique-nos a ideia de memória como atividade do espírito, não repositório de lembranças. Ela é, segundo o filósofo, 'a conservação do espírito pelo espírito.' (p.25). Cf. DELEUZE, 1999, p.39 – 56.

Por isso, sem desmerecer a referida expressão que define a metodologia proposta, talvez o emprego do conceito de oralidade possa ampliar os horizontes, que aproximam diferentes áreas do saber, voltadas à compreensão da ação do homem como agente social. Se a necessidade de diálogo no campo do conhecimento ultrapassa o limite da filosofia, remetendo os estudiosos a uma possível aproximação entre ciências da natureza, filosofia e ciências humanas, o melhor é acatar a proposição de Isabelle Stengers, que percebe a transdisciplinaridade como um recurso que ultrapassa a tradicional interdisciplinaridade: "**A interdisciplinar é um pouco a divisão entre proprietários.**" E acrescenta: "**A transdisciplina é a busca de um tipo de aliança em que se faz reconhecendo a escolha da qual se procede**."[27]

No campo da história, a sua aproximação com a Sociologia, a princípio, objetivava superar as limitações que a impediam de ser reconhecida como ciência, mas ainda a limitavam como uma área do conhecimento mais flexível, que propiciasse aos seus pesquisadores uma maior autonomia no trato com as opções metodológicas. Para superar as amarras tradicionais,

> A transdisicplinaridade deve assim pressupor uma singularidade das ciências humanas. É, aliás, o melhor remédio contra toda iniciativa reducionista. O diferencial essencial que especifica as ciências humanas é a implicação das competências inscritas no indivíduo

27. Entrevista com a filósofa Isabelle Stengers com DOSSE, 2003, p;403. Michel Certeau já advertia: "Uma renovação, portanto, não é possível quando nos encastelamos no interior de (ou de cada) disciplina: ratificamos, então, necessariamente, o sistema que implica seu lugar particular na constelação de uma classificação epistemológica ou, mais diretamente, na organização desse universo do saber que é a "universidade". Somente há revisão estrutural na interdisciplinaridade, onde a relação pode ser percebida e discutida, onde fronteiras e divisões significativas de um sistema podem ser contestadas." - Cf. CERTEAU, 1995, p. 183.

> que age... A transdisciplinaridade pode permitir dar uma complexidade suplementar às ciências humanas, e torna ultrapassado todo desígnio causalista mecanicista. (DOSSE, p. 410-411)

Na nossa prática cotidiana, provavelmente seria precipitado optar, de imediato, por uma demonstração do possível enlace da história com as chamadas ciências exatas, uma vez que nos falta uma base e/ou diretriz orientadora dessa aproximação. Todavia basta traspor o alcance dessa transdisciplinaridade para o próprio campo das ciências sociais e o avanço na área do conhecimento propiciará uma abordagem mais aberta de temas, antes analisados em moldes mais restritos, como se trabalhássemos em defesa da garantia de uma propriedade privada.

Se formos dar crédito à maioria dos discursos acadêmicos, à primeira vista tem-se a impressão de que as Ciências Sociais não mais constituem um campo dividido em rígidas fronteiras. Basta que seja examinada a procedência dos conceitos teóricos, que fundamentam as abordagens apresentadas nas dissertações e teses. Muitas delas apresentam determinadas proposições de Foucault, Nobert Elias, E.P. Thompson ou de outros autores em destaque. Entretanto os resultados concretos de uma possível aproximação da história com a Sociologia não parecem tão comuns. Peter Burke assim definiu tal relação "Cada qual, sociólogo e historiador, vê o argueiro nos olhos do outro. Infelizmente, cada grupo tende a perceber o outro como um estereótipo bastante grosseiro." E acrescenta "Em resumo... sociólogos e historiadores ainda não falam a mesma língua. Seu diálogo, como certa vez afirmou o historiador francês Fernand Braudel (1958), é normalmente 'um diálogo de surdos" (BURKE, 2002, p. 14).

A priori, tais considerações demonstram a permanência de uma rígida barreira entre esses dois polos na área de humanidades. Há uma desconexão entre o discurso e a prática cotidiana, observáveis

nas experiências do meio universitário. Entretanto, não devemos esquecer que toda regra tem a sua exceção. E onde a poderíamos encontrar? No meu entender, os usos e abusos da história oral possuem um significado especial ante essa relação dicotômica. Mesmo relembrando o sentido restrito da expressão história oral, o reconhecimento do valor significativo do seu alcance metodológico já não mais pertence a uma área exclusiva do conhecimento. Se a história cultural demonstra a validade do intercâmbio observável entre a Antropologia e a história, o alcance da oralidade tem permitido uma quebra, pelo menos parcial, das rígidas barreiras, prejudiciais a um enriquecimento transdisciplinar.

E não é preciso ir muito longe para sentir a experiência concreta dessa aproximação. A criação da Associação Brasileira de história Oral representa uma trajetória entre os diversos campos das ciências sociais. Desse modo, as práticas oriundas do emprego da oralidade, como um recurso metodológico, nos dá ciência que as rupturas trazem benefícios, uma vez que aproximam modalidades diferenciáveis, mas aproximáveis.

Dentre as bruscas rupturas das experiências sociais, o desenraizamento é considerado como "a mais perigosa doença que atinge a cultura." Por isso, "o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro" (BOSI, 2003, p. 175; 178). Transpondo esse conceito para o campo das ciências humanas, é cabível definir a oralidade como um enraizamento em gestação, capaz de suprimir barreiras que se antepõem à almejada transdisciplinaridade.

Dividimos o trabalho em cinco capítulos. O primeiro explica o significado do seminário da Prainha, como tema da pesquisa, no

campo da história urbana, apesar dos limites que lhe eram impostos, pelo seu isolamento do mundo laico, em que fora moldado. Apesar de aparentemente distante da história urbana, nela estava inserido, daí a perspectiva de situá-lo numa micro história, que não a distancia de um processo histórico, bem mais abrangente. O enlace entre memória individual e memória coletiva nos permite adentrar na essência das experiências vividas e de suas representações.

O segundo capítulo constitui amostragem do palco histórico observado, apresentado através de duas obras literárias. É a Fortaleza, de Adolfo Caminha e a outra Fortaleza, de Jader de Carvalho, que nos remetem a dois momentos significativos da nossa história urbana, à época da chegada dos lazaristas, em 1864 e a saída dos mesmos, da direção da Prainha, no início dos anos sessenta, do século passado. A literatura como fonte nos permite uma melhor compreensão da temática estudada, afinal imaginário e realidade cotidiana não se dissociam da narrativa histórica.

A expressão das minhas reminiscências se configura como a demonstração do processo de individuação, no terceiro capítulo, não como uma tentativa de afirmação da particularidade do eu, mas como uma indicação de um dos nódulos de uma teia bem mais envolvente, onde o individual e o coletivo se entrecruzam, revelando a sociabilidade da memória.

O capítulo quarto é uma apresentação integral do conteúdo de algumas entrevistas realizadas. O critério de escolha das mesmas não menospreza as demais, que são tratadas no capítulo seguinte, dentro de análises temáticas elencadas. O critério de escolha baseou-se não apenas na faixa etária dos entrevistados, mas nas funções por alguns deles ocupadas, como reitores ou professores da Prainha. Entretanto foi pela representação dos entrevistados, considerando a geração a que pertenceram, e sobretudo como testemunhas dos momentos considerados decisivos na história

do Seminário, além da proveniência dos mesmos, uma vez que o Seminário não acolhia apenas jovens da arquidiocese de Fortaleza, mas oriundos de outros dioceses e estados. Nessa perspectiva foram consideradas três categorias de depoentes: os mais idosos e os que ocuparam funções na instituição, os de uma faixa etária intermediária e os da minha geração, que ingressaram no Seminário nos anos cinquenta e sessenta.

O último capítulo foi mais temático, envolvendo as representações do cotidiano, desde o imaginário sacralizado, a respeito da Prainha, manifesto na memória coletiva, ao confronto das versões sobre o celibato, seja na indicação de suas objeções, seja na sua defesa, como "um aperfeiçoamento da formação espiritual" e um terceiro tópico, a explicação das razões do fechamento da instituição.

O Seminário foi o lugar do recato, a Grande Casa dos Filhos do Salvador, que assumiam o compromisso de salvar os irmãos das ameaças mundanas. Por isso a transposição dos umbrais da memória, confrontando as duas fortalezas — a sacra e a profana — nos revela a fragilidade das normas estabelecidas ante a fortaleza de nossas experiências cotidianas.

É por essas e por outras razões que almejo narrar parte da história do Seminário da Prainha, partindo do consciente individual ao inconsciente coletivo, observando a sobreposição do sagrado ao humano[28], narrando e ouvindo narrar, na busca da constelação formada pela memória social, que revela diferentes maneiras de contar experiências de vida.



28. Para Godelier, o imaginário, o simbólico e o real são "três ordens que se combinam para compor a existência social dos humanos, sua realidade social." E acrescenta: "é do imaginário que nascem as crenças e, com elas, a distinção entre o sagrado e o profano ou, em suma, o mundo do religioso, do mágico, um mundo fundado na dupla crença de que existem seres e forças invisíveis que controlam a ordem da marcha do universo e de que o homem pode atuar sobre eles, sobre elas, através da prece. Do sacrifício e adequando sua conduta ao que imagina serem seus desejos, suas vontades ou sua lei. Cf. GODELIER, 2001, p, 46.

O Seminário da Prainha na micro-história urbana: individuação e memória social.[29]

Através do título acima apresentado, procuramos sintetizar uma proposta teórico-metodológica, que objetiva propiciar a análise histórica de uma instituição religiosa, instalada em Fortaleza, em 1864, sob a direção dos padres lazaristas. As razões de sua implantação, após a criação da diocese do estado do Ceará, expressam o chamado processo ode romanização, como iniciativa marcante de prelados católicos.

Os lazaristas, ordem religiosa fundada São Vicente de Paulo, permaneceram responsáveis pelo Seminário da Prainha. até 1963, quando o Superior Geral dessa ordem religiosa decidiu entregar sua direção à arquidiocese de Fortaleza, cujo arcebispo era Dom José de Medeiros Delgado.

Esses dois períodos históricos, segunda metade dos séculos dezenove e vinte, representam momentos reveladores no processo de urbanização de Fortaleza. A segunda metade do século



29. O conteúdo deste capítulo teve como seu texto inicial a comunicação, "O Seminário da Prainha na Micro-História Urbana: individuação, memória social e múltiplas experiências, reveladas pela oralidade", apresentado e incluído nos Anais do Simpósio Internacional o Futuro da Autonomia. Uma Sociedade de Indivíduos?, e realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, em São Leopoldo — RS, em 2007.

XIX favorecia a modernização das cidades, expressa através da implantação dos transportes urbanos e das ferrovias, entre outras melhorias.

Da Europa brotavam as ideias em prol da modernização das paisagens urbanas e do liberalismo, que se adequavam aos interesses de um "novo indivíduo", servindo de suporte à defesa de seu direito de liberdade. A sociedade tradicional ia aos poucos perdendo o seu domínio sobre o homem e a ordem estabelecida era claramente contestada. O homem sentia-se livre para progredir, de acordo com o modelo liberal europeu, pois rompera as barreiras antes impostas pela ação da igreja Católica.

A segunda metade do século XIX, quando da consolidação do sistema capitalista, estampado através das mudanças advindas da modernização dos meios de produção e dos transportes, com a introdução da máquina a vapor, o uso das ferrovias e dos bondes elétricos, consagrava o progresso como apogeu do processo de racionalização. Daí ter sido uma época decisiva ao crescimento das cidades e à implantação das melhorias urbanas, não apenas na Europa, mas em regiões dependentes, como a América Latina.

Entretanto em relação às mudanças modernizadoras, no Brasil, o caso de Fortaleza apresentava uma particularidade, pois somente nas últimas décadas do século XIX, mais precisamente a partir dos anos oitenta, foi iniciado o processo de urbanização, com a implantação de alguns serviços urbanos: instalação do transporte coletivo, feito por bondes de tração animal e o início da construção do Passeio Público, situado na antiga Praça dos Mártires e que passou a ser o ponto de encontro e de sociabilidade da elite e também do povo, a inauguração do decantado "cabo submarino", que permitia um contato mais rápido com a Europa, em 1882, e também do Serviço Telefônico na cidade e da primeira fábrica de fiação e tecidos, em 1883.

No costumeiro hábito do "uso e abuso das generalizações", também empregado na explicação das mudanças registradas, na "era do capital", situar a instalação do Seminário da Prainha no curso das melhorias urbanas implantadas, considerando-o como um dos pontos de partida do processo de modernização urbana de Fortaleza, constitui uma explicação que, a nosso ver, não corresponde à realidade.

Na verdade, o conservadorismo da ordem lazarista, defensora de uma rígida mentalidade moralista, representava uma barreira defensiva à propagação dos ideais liberais burgueses, que se adequavam às normas de algumas correntes protestantes.[30]

A instalação do Seminário da Prainha, embora fosse considerada como um marco educacional na sociedade da época, de acordo com o modelo instituído e os propósitos de sua implantação, na realidade significava mais uma barreira simbólica, edificada para fazer frente à ameaça de laicização da sociedade. E nessa contrapartida, naquele momento, o Seminário da Prainha configurava sua maior relevância, ou seja, era trabalhado como um celeiro de formação sociocultural do Ceará, idealizada nos parâmetros religiosos, para combater a propagação das ideias racionalistas, pois, ao contrário do que se poderia supor, ele constituía uma veemente oposição àquela "modernização nacionalista", que defendia uma proposta liberal para a sociedade, moldada não apenas sob a tutela do estado, mas pela difusão dos costumes seculares e por ideias temporais que abalavam o antigo prestígio da igreja Católica.

A defesa das verdades teológicas constituía um escudo à ameaça das ideias modernizadoras, conforme se constata através da

30. A respeito da ação dos protestantes em Fortaleza e no interior cearense, vide GADELHA, Francisco Agileu de Lima. O Ceará na Trilha da nova Fé: o presbiterianismo no Ceará. (1883-1930). Fortaleza: Edições Universidade Estadual do Ceará —UECE, 2005.

opinião do bispo diocesano, Dom Manuel da Silva Gomes, em carta destinada ao papa Pio X, após um Congresso Eucarístico, realizado em Fortaleza, algumas décadas após a instalação da Prainha:

> No Brasil não houve modernismo. Disto testemunham os Exmos. bispos do Norte em carta collectiva dirigida ao S.P. Pio X depois do Congresso de Fortaleza de 1911; atestam S.S. Ex.Ex. 'tam in clero quam in Seminariis coeterisque catholicis institutis sanam vigere dostrinam.'.(tanto no clero quanto em seminários ou outros institutos católicos florescem uma doutrina sã).Nem por isso devemos ignorar o que seja modernismo; pode aparecer entre nós e sabe-lo, reconhecer e refutar é obrigação nossa, como até todo christão instruído.[31]

Por isso a defesa das verdades teológicas ante as ideias modernizadoras permaneceu como um escudo indispensável à preservação dos valores estabelecido pela tradição católica, mesmo na segunda década do século XX.

Na verdade, as raízes da romanização remontam ao Concílio de Trento, mas ela foi bem mais além, ressurgindo ou sendo revigorada, dependendo dos embates a serem travados, no firme propósito de manter a unidade e a centralização da Santa Madre



31. Correio Ecclesiastico — publicado por ordem do Exmo. Revmo. bispo D. Manuel da Silva Gomes. Anno II, mar. 1914, n. 10,p.26. De acordo com os resultados apresentados:"1º. O Modernismo causou algumas apostasias e perturbou a paz religiosa de muitos espíritos, por isso mais felizes os paizes em que não penetrou. 20 . Aos apologistas a Encyclica de 1907 esclareceu o caminho, e estes continuam a trabalhar com mais luzes, mais calma e mais acerto. 3º. Mostrou o modernismo como deve o apologista ser bem conhecedor da teologia para que nas suas tentativas de conciliação com as sciencias ou opiniões profanas não o comprometta, não a sacrifique; mostrou também que o apologista deve ser particularmente humilde para que no seu desacerto em vencer uma dificuldade, resolver uma discordância appartente não vá renunciar a todos os motivos de credibilidade de sua religião, que os tem tantos: tão numerosos e tão fortes." (p.26 e 27).

igreja. Essa ideia, no nosso entender, foi bem expressa e divulgada, através do próprio hino oficial do Vaticano

> Salve, salve Roma, o teu sol não tem poente. Vence refulgente, todo erro e todo mal. Roma dos Apóstolos. Mãe e Mestra da Verdade. Roma, toda a cristandade, o mundo espera em ti.[32]

Se o século XIX e as mudanças com ele advindas levaram a um reconhecimento e ao ressurgimento da romanização que, visando moralizar o clero e restabelecer a convicção em prol do valor do celibato, se tornaria mais urgente, nas suas últimas décadas, em virtude das mudanças registradas, no cotidiano urbano, e no panorama sociocultural do país.

O próprio sistema econômico, consolidado com a expansão da Revolução Industrial, na Europa, tinha como seu agente decisivo a iniciativa privada, sempre ansiosa por lucro e defensora do livre arbítrio. Por isso, mais receosa ficara a igreja católica, em virtude dos responsáveis por tais mudanças serem britânicos e, portanto, protestantes, definidos como incentivadores de uma reação à força da igreja Católica na sociedade da época.

A luta dos soldados da fé deveria ser direcionada em duas frentes: a primeira, contra a laicização, alimentada pela influência das ideias liberais, consagradas com a difusão da teoria de Spencer e o evolucionismo ode Darwin, definido como um atentado a incontestável ação de Deus na origem e evolução do universo. A segunda seria o combate à expansão do protestantismo que, no Ceará, deu seus primeiros passos, a partir dos anos setenta, através



32. Guardei esse trecho do hino oficial do estado do Vaticano, pois o aprendi quando era interno do Seminário da Prainha. As suas estrofes foram memorizadas, em decorrência de vários ensaios, feitos durante o tempo destinado ao recreio ou nos finais de semana e nós o cantamos, no Aeroporto Pinto Martins, acompanhados por uma banda da Polícia Militar, quando da chegada a Fortaleza do Núncio Apostólico.

da ação dos missionários da igreja Presbiteriana, encarregados de "propagar as escrituras, bem como proceder à distribuição de bíblias, pela venda ou doação." (GADELHA, 2005, p. 69)

Fortaleza ainda era um cidade provinciana, de pouca expressão no cenário urbano regional, quando da instalação do Seminário, apesar do seu crescimento populacional, alimentado pela migração proveniente do interior. Provavelmente um polo urbano diferente, daquele narrado pelo inglês Henry Koster, que visitou Fortaleza em 1810, mas que mantinha certos traços de uma "bucólica urbs". Nessa época, a capital cearense enfrentava vários problemas: a sua instalação em um terreno arenoso, além da ausência de um rio, que pudesse ser utilizado, e também de um cais, pois os navios ficavam ao largo, à espera de barcos para o desembarque de mercadorias e de passageiros, em virtude das ondas consideradas violentas, que tornavam difícil o simples ato de subir e descer dos navios. A ausência de transportes urbanos, as residências com apenas o pavimento térreo, ruas não calçadas definiam a cidade. Destacavam-se apenas o "Palácio Governamental", os prédios da Câmara e da Tesouraria e outras pequenas edificações, como a Alfândega de três igrejas. Em síntese, a cidade contava com as suas ruas centrais e um comércio restrito.[33]

Entretanto, o Seminário da Prainha, uma outra Fortaleza, instalada em 1864, antes da expansão das igrejas protestantes, situava-se fora do centro urbano da capital cearense, mas a ela se voltava, como uma trincheira, que isolava os soldados de Cristo, do pecaminoso mundo laico, pois lá eles eram treinados a fim de se tornarem padres seculares, preparados para combater a secularização (CATROGA, 2006; BYNGTON, 1983). O Seminário era um daqueles "... estabelecimentos destinados a servir de refúgio

33. KOSTER, 1942, p. 34-7. 165-7 e 179. Cf. também KIDDER, 1951, p. 137 e 141; AGASSIZ, L. & AGASSAIZ, 1938, p. 530-532 e JUCÁ, 2003, p.27-40.

do mundo, embora muitas vezes sirvam também como locais de instrução para os religiosos;" (GOFFMAN, 2001, p. 17)

Para compreendermos o significado do prédio do Seminário, no espaço urbano do século XIX, nada melhor do que a descrição de Antonio Bezerra de Menezes

> Situado no bairro do Outeiro da Prainha, ao lado leste da cidade, por sua posição sobre a colina, a poucos passos da praia, se apresenta alteroso e imponente a quem o vê do mar com a sua espaçosa frontaria de 24 janelas, tendo ainda à esquerda a linda capela de Nossa Senhora da Conceição. (MENEZES, 1895, p. 91)

A literatura, envolta nos meandros da narrativa nos remete à compreensão da urdidura urbana, sobretudo levando-se em conta a limitação informativa da documentação do século XIX. Através dela podemos extrair os enfoques do cotidiano, uma vez que raras são as abordagens, na escrita dos historiadores do século XIX, que nos remetem à paisagem urbana.

Conforme se pode observar ao longo da sua história, a instalação das melhorias urbanas, em Fortaleza, constituiu um processo lento, pois a instabilidade climática, estampada no estigma das secas, numa economia assentada em atividades agrárias, repercutia na carência de recursos financeiros da Província, retardando a concretização das mudanças almejadas. Entretanto, apesar das limitações, típicas de uma capital provinciana, o Seminário da Prainha foi idealizado como se fosse "uma outra Fortaleza", que abrigava os defensores da moral e dos bons costumes, os padres lazaristas, que haviam assumido a missão de lutar contra o estigma da liberdade individual, consagrado pelas ideias liberais. O processo ode urbanização na capital cearense, implantado a passos lentos, em virtude da ausência de recursos financeiros disponíveis

numa província pobre, daí a força da "Grã-Bretanha e o Início da Modernização do Brasil," apesar da presença de estrangeiros de outras nacionalidades, como os franceses que se destacaram no comércio exportador local (Cf. GRAHAM, 1973)

Por isso, o Seminário constituía um núcleo cultural de projeção, pois se consolidaria como uma instituição educacional regional, por onde passaram representantes de gerações. Além dos sacerdotes ali formados, os que desistiram da carreira eclesiástica não perdiam os reflexos das benesses desfrutadas, naquela instituição, típicas de uma sociedade com fortes tradições provincianas, frutos de um conceito modelar, atribuído ao papel do Seminário na formação cultural da juventude cearense.

Como dados que comprovam o alcance dessa tradição, basta observar o índice dos padres ou ex-seminaristas, que participaram ou ainda participam do corpo docente das instituições de Ensino Superior do Ceará e de alguns outros estados do Nordeste e que passaram por aquela instituição, permanecendo atuantes na formação sociocultural regional ou local. Não é à toa que a antiga Faculdade de Filosofia do Ceará (FAFICE) — quando da encampação pelo Governo Estadual do Ceará, da antiga Faculdade Católica de Filosofia, a cargo dos Irmãos Maristas, era classificada, à boca pequena, pelos corredores do seu prédio, na avenida Luciano Carneiro, como a "filial da Prainha."

O primeiro diretor dessa Faculdade, padre Luís Moreira, em 1967, fora um dos últimos reitores do Seminário, após a saída dos padres lazaristas, e além de alguns docentes, nos cursos de Letras, Pedagogia, História e Filosofia sempre havia padres ou "ex- -padres," além dos ex-seminaristas matriculados na FAFICE. Na primeira turma de história, por exemplo, em que fui aluno, tive dois colegas de turma, ex-seminariastas da Prainha, um dos quais seria professor do curso de história da Universidade Estadual

Vale do Acaraú, em Sobral, Ceará, e da Licenciatura em história, da UECE em Fortaleza, o professor Francisco José Rodrigues e outro, futuro reitor da Regional do Cariri, no Crato.

A fundação do Seminário ocorreu a 18 de outubro de 1864, por iniciativa de D. Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará. A escolha da congregação da Missão, de origem francesa, foi uma iniciativa do primeiro bispo do Ceará, que fora formado pelos lazaristas, de acordo com os padrões de austeridade e de rigidez moral da consagrada ordem religiosa, que viera da Europa, quando da chegada da família real de D. João VI ao Brasil.

O padre lazarista Pedro Augusto Chevalier foi o primeiro reitor do Seminário da Prainha, tendo como auxiliar o padre Vicente Émile. No seu primeiro ano de funcionamento foram matriculados 51 alunos. Durante mais de cem anos de existência, passaram pela Prainha, mais de 15.000 estudantes, provenientes de diferentes espaços sociais, embora grande parte fosse de origem humilde, apoiados pela Obra das Vocações Sacerdotais (OVS).

Na Prainha foram formados mais de 1.000 padres e cerca de vinte e poucos bispos. Como exemplos dos que por ali passaram figuram leigos como Capistrano de Abreu e Austragéshilo de Athayde, além de prelados como Dom Helder Câmara, ou mesmo os Cardeais Dom Eugênio Sales e Dom Falcão, que foram arcebispos das arquidioceses do Rio de Janeiro e de Brasília, além de alguns outros bispos de arquidioceses do Nordeste, como as de São Luiz e Teresina e também os primeiros bispos das dioceses instaladas no interior cearense, como Crato, Sobral, Iguatu e Limoeiro do Norte e em estados vizinhos.

Para ingressar no Seminário, o candidato deveria ser filho de pais casados na Igreja Católica, não ter defeito físico, que se constituísse em irregularidade canônica, não ser de camada social

muito baixa ou de família de educação deficiente e não ter mais de 15 anos. Era também de primordial relevância, na escolha do candidato, a precaução de só encaminhar ao Seminário aqueles que dessem esperança de êxito e de dedicação perpétua ao ministério eclesiástico. Como se constata numa circular do arcebispo de Fortaleza, no final da primeira metade do século passado:

> Cumpre-nos ter presente que só devem ser admitidos os filhos legítimos, cuja índole e vontade dêem esperança de que elas hão de se dedicar perpetuamente com fruto ao ministério eclesiástico. Além das qualidades intelectuais e morais do candidato cumpre também ter em vista consideração suas qualidades físicas, especialmente quando influir possam mais fortemente sobre suas condições psíquicas.[34]

Com a saída dos padres lazaristas, em 1963, o Seminário ficou sob os cuidados dos padres seculares. Posteriormente, além de abrigar jovens destinados ao sacerdócio, o Seminário foi aberto aos leigos, que se dedicavam aos estudos sobre a doutrina da igreja católica. Para o ingresso de leigos, era exigido que tivessem concluído uma Faculdade e se dedicassem ao curso de Antropologia, ali ofertado.

Na década de setenta, do século passado, o Instituto Teológico e Pastoral (ITEP) sofreu mudanças, passando a dedicar-se à formação sacerdotal, que havia sido suspensa na arquidiocese de Fortaleza, desde o fechamento do Seminário da Prainha. Além do referido Instituto, destinado á formação dos seminaristas, havia o Instituto de Ciências Religiosas e a Escola de Catequese, voltada a leigos e que só funcionava nos finais de semana. Também no velho casarão da Prainha passou a funcionar a Faculdade de Filosofia

34. Circular n. 20, de Dom Antonio de Almeida Lustosa ao Clero cearense, em 30 out. 1942, fl.44 (man.)

de Fortaleza (FAFIFOR), desmembrada do Seminário e que posteriormente foi extinta, em virtude de problemas financeiros, sendo seus alunos aproveitados pelo curso de Filosofia, da Universidade Estadual do Ceará.

Se a instalação do velho Seminário associou-se ao processo de urbanização da capital cearense, onde a modernização despontava como alvo almejado pelas autoridades constituídas e pela intelectualidade local, a saída dos padres lazaristas, da sua direção, em 1963, um ano antes das comemorações do centenário da sua fundação, pode ser apresentada como uma ocorrência demonstrativa dos reflexos da pós-modernidade? Na verdade, os comentários que tentam responder a esta indagação se expressam sem clarividências, que rimam com reticências, pois algumas das explicações, acerca desse evento, nos parecem paradoxais, pois não convencem um pesquisador acostumado a elaborar indagações no curso da história.

Por isso, a saída dos lazaristas se nos apresenta como um dos problemas chaves a serem analisados no decorrer deste trabalho de pesquisa, onde além do conceito de modernização constituir um termo bem diferente de uma "modernização europeia" ou mesmo de outra registrada no sudeste do Brasil, o momento histórico da entrega do seminário à arquidiocese, pelos lazaristas, não nos convence a classificá-la como um demonstrativo da expansão da pós-modernidade.

O emprego de determinados postulados, como modernidade e pós-modernidade, merece cautela, uma vez que se deve considerar o contexto ao qual é atribuído, pois conforme nos esclarece o teólogo Hans Küng, o uso do conceito de pós-modernidade "no sentido da história mundial" é diferente daquele empregado "no sentido da história da literatura ou da teoria da arquitetura" (KÜNG, 1993, p. 18; 19). Segundo ele, "o pós-moderno" como conceito para explicar uma época da história mundial

surgiu "por primeiro na crise cultural da Primeira Guerra Mundial, na esteira de Friedrich Nietzsche, o aguçado crítico da modernidade." E lembra que "A. Toynbee utiliza esse conceito em 1947 em relação á época contemporânea da cultura ocidental, que para ele já começara antes da Primeira Guerra Mundial com a transição política nacionalista para a interação global" (KÜNG. 1993, p. 19).

Na realidade, a "expressão pós-modernidade", empregada para representar a crise enfrentada pela Modernidade, permite diversas versões, algumas consideradas até antagônicas, "o que atesta que a crítica à modernidade está longe de constituir-se num movimento monolítico." [35]

Sob esse prisma, o incido da modernidade pode ser situado, desde meados do século XVII, com a contribuição de Descartes e Galileu, quando da estruturação do estado, do direito e da política moderna. E a chamada pós-modernidade constitui uma continuidade dessas mudanças históricas, abaladas desde o primeiro conflito internacional e que não se processaram de forma homogênea, nem simultânea, dependendo não apenas das condições materiais de um espaço geográfico, mas também dos espaços culturais, que são múltiplos e diversificados. Portanto, modernidade e pós-modernidade são referências viáveis, mas não devem ser limitadas a uma classificação generalizante.

A pesquisa teve como marco inicial a consulta às fontes documentais, mesmo reconhecendo a reduzida disponibilidade

35. BRIGHENTI, 2004, p. 46. Para esse autor, "No debate atual, pelo menos três posturas antagônicas parecem encarnar três hermenêuticas opostas e que se perfilam em projetos históricos diferentes: a crítica à Modernidade entendida como **antiModernidade**, advogando um retorno à pré-Modenidade; a crítica à modernidade como pós-modernidade, materializada num movimento de desconstrução da razão científico-técnica e desembocando numa espécie de niilismo; e a crítica à Modernidade, assumida como **SobreModernidade**, num projeto de reimpostação e complementarização da razão ilustrada." (p.46)

dessas fontes, pois poucas delas ficaram no prédio da Prainha e a maioria da documentação foi transferida para a sede da congregação da Missão, no Rio de Janeiro, permanecendo interditada à consulta pública.[36] Mesmo assim, as fontes pesquisadas, na sala da história Eclesiástica do Seminário da Prainha foram as circulares de Dom Antonio de Almeida Lustosa, o Correio Eclesiástico, os livros de apontamentos, os atos do Centro Santa Terezinha da Obra das Vocações Sacerdotais, OVS, além de artigos de jornais e de manuscritos encontrados.

Apesar da consulta aos documentos disponíveis, como ponto de partida, a metodologia se concentrou nas entrevistas realizadas[37], tornando-se imprescindível estabelecer a relação entre memória e história, a fim de melhor compreender a temática estudada, na tentativa de compreender o ontem através da ótica do hoje (RICOEUR, 2006, p. 123 – 165). Para tanto, é importante considerar as fronteiras estabelecidas entre memória e história, indicadas por Pierre Nora

> A memória é vida, sempre guardada pelos grupos vivos e em seu nome, ela está em evoluções permanentes, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas uti-

36. Por sugestão de Dom Vicente Zico, arcebispo emérito de Belém-Pa, ex-reitor da Prainha, entramos em contato com o superior da Ordem Lazarista, por telefone, mas Ele afirmou que não permitia a consulta aos documentos de que dispunham, pois alguns pesquisadores colheram informações para usá-las como instrumento de crítica à ação dos Lazaristas.

37. A partir de 1999, elaboramos um projeto sobre o Seminário da Prainha e com o apoio de dois bolsistas, de iniciação científica, com recursos do CNPq e da Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa (FUNCAP), realizamos dez entrevistas com padres e colegas ex-seminaristas. Posteriormente, ono período set. 2006 a set. 2007, com a bolsa de pós-doutoramento, concedida pelo CNPq e com a supervisão da Professora Dra. Sandra Jatahy Peasavento, trretomamos a pesquisa, realizando um total de 51 entrevistas, realizadas com Arcebispos, bispos, Padres, ex-seminaristas, em Fortaleza, Sobral, Limoeiro do Norte, Iguatu e Crato no Ceará e também em Belém-Pa, Teresina-Pi, São Luís-Ma e João Pessoa-Pb.

> lizações e manipulações, suscetível de longas latências e súbitas revitalizações. A história é reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que já não é mais. A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido como o eterno presente: a história é uma representação do passado. (DE DECCA, 1992, p. 18)

A opção em recorrer à história oral não decorreu exclusivamente da necessidade de ampliar os informes obtidos acerca da instituição estudada, em virtude da escassa documentação disponível. Ao estudar a relação entre memória e história, fomos descobrindo a associação estabelecida entre o coletivo e o individual e o seu significado. Conforme observa Montenegro, apesar da distinção ente história e memória, é importante perceber a intersecção mantida entre ambas (MONTENEGRO, 1991, p. 18).

À primeira vista poderíamos classificar a temática da instalação e da crise do Seminário da Prainha, como um projeto voltado à história religiosa ou mesmo à história da educação, áreas de estudo correlacionadas, mas a nossa intenção foi ir mais além, e as razões de tal posicionamento se apresentam como fruto de uma experiência como professor de história, ao longo de mais de quarenta anos.

Como expressão do avanço teórico-metodológico da história, nas últimas décadas, o anseio de novas abordagens também se faz sentir no campo da história urbana, antes considerada possível apenas quando pudesse ser situada numa perspectiva de análise, denominada macro história, onde os conflitos de classe eram apresentados como pano de fundo do cenário urbano. Por isso, o interesse de estudo por uma instituição de ensino como o Seminário da Prainha dificilmente se encaixaria na dialética de uma análise da história urbana

Graças ao avanço teórico-metodológico da história, outros espaços foram abertos e o que parecia distante do cenário urbano nos remete a novas reflexões e abordagens, graças à dinâmica da micro história, que nos conduz a trilhas e cenários antes desconsiderados pelos especialistas da história urbana. Para Carlo Ginzburg, a análise da micro história é bifronte:

> Por um lado, movendo-se numa escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia. Por outro lado, propõe-se a indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula. (GINZBURG; CASTELNUOVO, 1991, p. 177-178)

As revelações inovadoras, a que as novas abordagens nos remetem, fazem-nos reconsiderar pressupostos antes consagrados. E quando nos submetemos a essa nova análise, é como se mergulhássemos mais fundo no oque nos parece revelador, pois reexaminando as classificações anteriormente elaboradas, outras considerações brotam espontaneamente e mesmo que não nos levem a uma conclusão satisfatória, elas compensam, uma vez que apresentam facetas inéditas do que antes parecia insignificante.

Desse modo, as novas práticas teórico-metodológicas, onde se situam o uso da oralidade, da micro história e da transdisciplinaridade, se configuram como possibilidades compensadoras que permitem um outro perfil ou reconstituição do que antes parecia se afigurar a contento.

Essas práticas tornam-se válidas, especialmente quando aplicadas a um estudo referente a uma instituição educacional, com o Seminário da Prainha, que sempre foi louvado por se adequar a um modelo educacional idealizado pela elite, para atender as necessidades educacionais da época.

Se a busca de uma melhor compreensão da história urbana aproxima as temáticas educação e religião, o apoio na história cultural desponta como meta prioritária, pois graças ao seu avanço metodológico e ao diálogo mantido com outras áreas das ciências humanas, ela atende a necessidade de não repetir o que foi dito e ir além dos enfoques já consagrados. Por isso, esses recursos teórico-metodológicos, além de ultrapassarem os limites das fontes tradicionais, garantem a prática de outras modalidades de análise do processo histórico.

Entretanto, além do apoio teórico-metodológico da história cultural, para melhor compreensão da temática selecionada, um maior envolvimento do seu autor com a mesma amplia a perspectiva de análise apresentada. Contudo é bom não esquecer os limites presentes em algumas das opções metodológicas da nova história.

Para uma compreensão mais reveladora do Seminário da Prainha é importante associar o peso revelador da memória pessoal ao alcance da memória coletiva. As minhas recordações se voltam mais a uma experiência sociocultural do que a uma simples recordação de momentos da minha adolescência, vividos na Prainha. Por isso, essa opção teórico-metodológica, envolvendo transdisciplinaridade, história urbana, micro história e oralidade também me remetem à trajetória de minha formação profissional, quando aluno da licenciatura em história, na Faculdade de Filosofia do Ceará, FAFICE, antes da implantação da Universidade Estadual do Ceará, onde poucos eram os professores graduados.

Era o período compreendido entre o final dos anos sessenta e o início dos setenta, quando se tornava difícil situar o histórico da Prainha dentro de uma perspectiva de história urbana. Afinal, o Seminário fora instalado para formar sacerdotes que fossem capazes de enfrentar os problemas mundanos, daí o significado simbólico das suas espessas paredes, que isolavam a sua vida cotidiana

dos seus mestres e alunos, das experiências de um mundo laicizado e pervertido, que ameaçava a pureza dos tinham tido a oportunidade de ali se moldarem, naquele espaço consagrado, através da educação religiosa transmitida.

Desse modo, recorrendo ao apoio teórico de outros campos do saber humano, como à psicologia, através de Jung, reforçaremos os subsídios a serem analisados. E graças às novas proposições da história cultural, que ultrapassam os estreitos limites impostos pela visão historiográfica tradicional — ainda hoje presente no cotidiano do nosso meio acadêmico, apesar do destaque aos chavões da nova história — outra via de abordagem é delineada. Mas não nos propomos a realizar uma análise psicológica da temática, mas apenas recorrer a essa área como uma das fontes de convergência, da qual podemos extrair subsídios, como o fruto da adoção de "perspectivas inéditas" (LE GOFF, 1993, p. 44) ou mesmo através do reconhecimento de "O Fardo da história"[38] que "permitiu aos historiadores reivindicar



38. Cf. WHITE, 2001, p.39-63. O primeiro parágrafo desse "Fardo da História", a nosso ver, bem expressa a dificuldade de se estabelecer fronteiras entre a história e as demais ciências humanas, principalmente se trouxermos à tona a velha querela sobre a cientificidade da história:" Por mais de um século, muitos historiadores acham útil empregar uma tática fabiana contra críticos em campos afins do labor intelectual. A tática funciona mais ou menos desta maneira: quando os cientistas sociais lhe criticam a amenidade do método, a imperfeição do sistema de metáfora ou a ambiguidade das pressuposições sociológicas e psicológicas, o historiador responde que a história jamais reivindicou o status de ciência pura, que ela depende tanto de métodos intuitivos quanto analíticos e que os juízos históricos não deveriam, portanto, ser avaliados a partir de modelos críticos que só podem ser aplicados com propriedade às disciplinas matemáticas e experimentais. Tudo isso sugere que a história é um tipo de arte. Porém, quando os literatos lhe criticam a incapacidade de sondar as camadas mais sombrias da consciência humana e a relutância em utilizar modos contemporâneos de representação literária, o historiador volta à concepção de que a história é, afinal de contas, uma semiciência, de que os dados históricos não se prestam à "livre" manipulação artística e de que a formas das suas narrativas não é uma questão de escolha, mas é exigida pela natureza da própria matéria histórica."

a posse de um plano médio epistemologicamente neutro que se supõe existir entre a arte e a ciência." (WHITE, 2001, P 39-40)

Na realidade, a busca de novos suportes analíticos e a eclosão de modalidades, antes menosprezadas, nas práticas acadêmicas, se amolda a opções abertas em prol de uma transdisciplinaridade, enriquecidas com as possibilidades de revelação de espaços recônditos na paisagem urbana tradicional, pois a oralidade se configura como uma prática metodológica mais inovadora, capaz de inverter os parâmetros, anteriormente estabelecidos, como suporte e fronteiras do conhecimento histórico.

Apesar de nossa proposta de estudo se apresentar numa perspectiva de análise histórica, a sua aproximação com outras áreas das ciências humanas nos propicia preencher espaços teórico-metodológicos deixados em aberto pelas imposições do velho modelo analítico, sempre resistente no curso da história. O mito da fidelidade às fontes tradicionais reprimia a capacidade de uma interpretação mais reveladora do mundo interior dos autores dos textos produzidos, pois o enigma da verdade histórica impossibilitava a capacidade imaginativa de recompor a temática narrada. Por isso, a narrativa aí apresentada se revelava incompleta, restringindo-se a demonstrar a ação dos agentes privilegiados no processo estudado, na maior parte das vezes situada no âmbito político. Nessa prática, os estreitos limites estabelecidos, entre causa, fato e consequência, deixavam a reboque, da busca de uma sonhada verdade histórica, a riqueza das narrativas mais espontâneas, que permitem encontrar diferentes revelações do que a princípio parecia possuir apenas uma configuração insignificante.

Nessa perspectiva, se

> Essa tática apresenta uma longa série de êxitos na tarefa de desarmar os críticos da história; e permitir aos

> historiadores reivindicar a posse de um plano médio epistemologicamente neutro que se supõe entre a arte e a ciência...

Por outro,

> [...] avulta em toda a parte um ressentimento motivado pelo que parece ser a má fé do historiador em reivindicar os privilégios tanto do artista quanto do cientista, ao mesmo tempo em que recusa submeter-se aos modelos críticos que atualmente vão sendo estabelecidos na arte e na ciência. (LE GOFF, 2001, p. 39-40)

Na busca não de uma resposta às considerações apresentadas e de um roteiro que nos incentive a novas opções teórico- -metodológicas, para compensar as lacunas ainda existentes no campo da história, o melhor é acatar a saída, também destacada por Hayden White "desfeitos os mal-entendidos que deram origem a essa situação, a história talvez perca a sua condição de modo de pensamento autônomo e autolegitimador." (White, 2001). Tais considerações nos estimulam a recorrer a pensadores de outras áreas das ciências humanas, que nos fazem mergulhar, de uma forma mais segura, no denso caudal das temáticas escolhidas, que parecem insignificantes, mas que, com o apoio de novos conceitos, nos revelam aspectos antes desconsiderados nas análises efetuadas.

Nessa ampliação dos recursos disponíveis, apesar das fronteiras estabelecidas, a literatura e a história apresentam traços comuns, como a narrativa que não ressuscita o passado, mas o recompõe com olhos do presente, segundo a visão dos literatos. Assim, conforme ressalta Kundera

> A narrativa é uma lembrança, portanto um resumo, simplificação, abstração. O verdadeiro rosto da vida,

> da prosa da vida, só se encontra no presente. Mas como contar acontecimentos passados e restituir-lhes o tempo presente que perderam? A arte do romance encontrou a resposta apresentando o passado em cenas. A cena, mesmo contada no passado gramatical, é ontologicamente o presente: nós a vemos e ouvimos; ela acontece diante de nós, aqui e agora. (KUNDERA, 2006, p. 19-20).

Se esta constitui a opinião de um romancista, como situar a história, por ele considerada como "a história das coisas que não mais estão aqui, que já não participam diretamente de nossa vida."? (KUNDERA, 2006, p. 23) Mesmo reconhecendo a presença de tópicos diferentes, no conteúdo e na prática de ambas, a literatura nos revela paisagens exteriores e interiores, que nos fazem melhor entender a temática histórica estudada, conforme se constata na descrição de Fortaleza do século dezenove, que aparece incompleta, em grande parte dos trabalhos de história da época, mas que se apresenta de forma clara e explicativa nas narrações literárias. Por isso, o melhor é comungar com o comentário de uma especialista em história cultural, que nos motiva a aproximar a literatura da história:

> Parece que as duas narrativas se empenham neste esforço de capturar a vida, representar o real e, mesmo que as suas estratégias de argumentação possam diferir, um diálogo ou cruzamento de olhares entre os domínios das duas musas pode ser, além de gratificante, esclarecedor. (PESAVENTO, 2000, p. 8)

Ante as considerações apresentadas, múltiplas são as fontes e diversificadas podem ser as modalidades de abordagem, que

contribuam para consolidar os resultados obtidos com o avanço teórico-metodológico usufruído.

A ideia de explorar a temática do Seminário da Prainha não resultou apenas de uma decisão imediata, ancorada na conveniência de atender um prazo estabelecido pela oportunidade, que nos foi oferecida, para realizar a pesquisa, num período de doze meses.[39] Há razões pessoais, também. O interesse contínuo em elaborar uma análise sobre o Seminário da Prainha sempre me acompanhou, ao longo dos anos, especialmente quando me dediquei com maior afinco à história oral, via encontros da Associação Brasileira de história Oral, entidade que me filiei há mais de dez anos.

Além das lembranças da vida de internato, pois ingressei no Seminário aos onze anos e ali permaneci até aos dezessete, a temática sempre me apresentava diversas razões convincentes, para justificar uma reveladora proposta de análise histórica: a carência de trabalhos publicados sobre o histórico da instituição, muitas vezes justificada com um repetido argumento da escassez de documentação disponível. Todavia, há uma justificativa mais forte, que me levou a recusar outras temáticas, algo que permanecia além daquela que me fazia regressar ao velho casarão da Prainha.

Refiro-me ao enigma do Seminário da Prainha na tradição da cultura regional, sempre louvado como uma instituição modelar, que preparava para a vida, mas também apontado como um exemplo de ordem disciplinar repressora, onde o "vigiar e punir" garantiam o perfil da escola modelo sonhada, cujas experiências



39. Refiro-me à oportunidade, que me foi oferecida, pela Universidade Estadual do Ceará, no período de set./2006 a set.2007, com apoio do CNPq e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a supervisão da Profa. Dra. Sandra Jatahy Pesavento, para cursar o pós-doutorado, em Porto Alegre.

nos foram reveladas pela Literatura Brasileira. (Cf. POMPEIA, 1999; GUIMARÃES, 2002)

Como professor de história de uma instituição de ensino superior, encaixado nos moldes que nos são apresentados, frutos da necessidade de especialistas, em temáticas selecionadas, desde o mestrado, a história urbana se me apresentou como uma compensadora opção de iniciar um aperfeiçoamento específico nas trilhas da história (JUCÁ, 1979). A minha dedicação à temática urbana teve continuidade, ao longo da carreira acadêmica, fosse através de artigos publicados ou de comunicações apresentadas em simpósios e congressos. Após quase dez anos, quando nos foi concedida a oportunidade de cursar o doutorado, a temática escolhida, para tese, naturalmente continuou agregada à história urbana. Na verdade, o tema explorado, na tese de doutorado, foi uma continuidade do estudo anteriormente iniciado, no mestrado. (JUCÁ, 1989)

Desse modo, a pesquisa sobre o histórico da Prainha continuou retida, no inconsciente individual, por muito tempo, sempre justificada pelo argumento de que a história de uma instituição educacional, como o Seminário, não poderia ser situada na uma análise de história urbana, razão explicativa alicerçada na marca da história urbana tradicional, sob um prisma marxista, ou melhor, definindo uma história urbana presa aos limites de uma visão considerada dialética, desde que fosse demonstrada a utilidade da referência ao uso do conceito de modo de produção.[40]

Na verdade, tal proposição hoje se nos afigura como estática, pois qualquer que fosse a temática, a macro história deveria



40. A esse respeito, observe-se o comentário de Raymond Aron (1905-1983) sobre a religião como ópio do povo: "Certo, mais nenhuma outra doutrina criou no homem como o marxismo, tal ilusão de onipotência." — comentário extraído da Revista Veja.

prevalecer e passaria como fosco o tema que não remetesse à condenação da ânsia desumana do capitalismo. Os venerados eram sempre o reverso da burguesia, o povo sacralizado, posto cerimoniosamente numa redoma, quando só se divisavam dois polos: o mundo burguês, alimentado pelo capitalismo internacional, sempre esmagando as vítimas do processo, e operariado ou os pobres, estrelas cintilantes no conturbado mundo ocidental. Muito valia dar vez e voz aos que vinham de baixo, proposta que se fundamentava como inovadora, mas se considerada dentro de uma trajetória acadêmica, de repente um turvo fundo histórico se divisava, onde a dualidade entre o bem e o mal se perpetuava, mas com a certeza de que a parusia vira a se concretizar no aquém. Antes do juízo final, anunciado pelas escrituras. As possíveis revoluções almejadas prometiam salvar os mártires, antes do final dos séculos. (Cf. CHARTIER; PESAVENTO, 1995, p. 279-290)

Por isso, o histórico do Seminário da Prainha dificilmente atenderia às formas disponíveis, no campo historiográfico, cultivado no mundo acadêmico, pois de antemão já se anunciara a religião como algo limitado, para análise das experiências socioculturais, pois estava presa às exigências de uma elite, tendendo apenas aleatoriamente aos anseios populares. Nessa perspectiva, o Seminário despontava como um espaço de alienação e submissão do senso crítico de uma juventude, sempre submissa aos desígnios divinos e às normas da tradição burguesa, que se mesclavam aos ditames da dialética entre dominadores e dominados. Em síntese, um percurso da história, em que o urbano se afigurava como um confronto dos principais agentes sociais, analisados nos pressupostos do "economicismo", sempre associado à compreensão do alargamento das garras do dragão capitalista: história urbana a ser revelada pela riqueza metodológica da história econômica, via

conceito de modo de produção, que refletia o impacto das contradições sociais.

Entretanto, graças ao avanço metodológico da análise histórica, em especial com as novas temáticas de estudo da história urbana, uma outra Fortaleza é descoberta no Seminário da Prainha. Sem desmerecer o social, mas mergulhando mais a fundo nos rastros da ação humana, via história cultural,[41] de repente o histórico da Prainha, que antes me parecia embotado, mais revelador se afigurou, deixando entrever nas suas frestas muito do urbano, do cultural e da relação urbano-rural, especialmente quando se optou pelo admirável mundo novo, revelado pela transparência da oralidade.

Além do campo da história a ser trabalhado, outra preocupação proposta consistia em melhor demonstrar o real significado do conceito de "memória coletiva," não apenas reafirmando, mais uma vez, a consagrada definição, apresentada por Maurice Halbwachs, sempre repetida e justificada, com os argumentos demonstrativos da sua validade. Sem desmerecer o significativo valor da contribuição desse pesquisador, a definição de "memória social" amplia a proposta de análise e a dimensão social dos espaços, envolvidos com a dinâmica reveladora do novo conceito. (Cf. HALBWACHS; FENTRESS; WICKHAM)

Por sinal, o primeiro passo, na busca de redimensionar o alcance desse conceito, foi dado quando tomamos conhecimento do livro memória social, onde a história se aproxima do avanço da antropologia, abrindo-nos novas janelas na busca das dimensões da memória, com suas revelações e mistérios. Nessa proposta metodológica, a chamada "transdisciplinaridade" torna-se explícita, deixando

41. Cf. Conceito de patrimônio e memória social in ABREU; CHAGAS, 2003. Cf. também "A noção moderna de patrimônio e suas diferentes qualificações": CHAGAS in GONDAR, Jô e DOBDEBEI, 2005, p. 115-132.

do fluir, através dos depoimentos coletados, os limites e o alcance do individual e do coletivo. (Cf. GONDAR; DOBEDEI, 2005). Aliás, esses conceitos básicos nos apoiaram na tentativa de estudar uma temática, que espontaneamente se associa à história das religiões, mas o nosso intento vai mais além, buscando compreender o significado do alcance da memória social e da transdisciplinaridade.

Já é consenso o argumento revelador da memória, não mais como propriedade exclusiva de uma determinada área do conhecimento, mas como um suporte conceitual, semeado em diferentes campos das ciências humanas, daí porque a expressão "história oral", apesar de consagrada no cotidiano acadêmico, nos parece limitada, como se fosse propriedade exclusiva dos profissionais da história. Mesmo retomando a dinâmica da memória coletiva, consagrada por Halbwachs, ao se considerar o tempo em o esse conceito foi elaborado e a temporalidade atual, percebe-se que o sentido da expressão já não mais traduz os valores e as relações da discutida pós-modernidade. Por sinal, mesmo percebendo essa evidência, temia-se em externar tal comentário, pois é arriscado querer ir além das acepções consagradas na linguagem acadêmica. Entretanto, tomando conhecimento da produção do Programa de Pós-Graduação em memória social, da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sentimo-nos estimulados a expressar nossas ideias, sem receio de uma condenação, afinal, para quem estudou no Seminário, é receoso expressar sua opinião, antes de averiguar qual o consenso dominante no meio acadêmico.

Na verdade, recorrendo a Deleuze e a Guattari, os autores indicados relembram que "os conceitos só são criados em função de problemas, sem os quais perderiam sua razão de ser." E acrescentam: "A concepção de memória de Halbwachs supõe um mundo com fronteiras bem assentadas, coletividades com om fluxo regular de tempo e um núcleo de relação permanente. Essa abordagem

dagem não é capaz de dar conta da sensibilidade espaciotemporal de nosso tempo, pressionada pela sobrecarga informacional, pelas migrações em massa e pela volatilidade das relações sociais" (GONDAR; DOBEDEI, 2005, p. 13). E lembram esses autores que o próprio Halbwachs admitia que as memórias existiam de acordo com os grupos que se formavam, reconhecendo, portanto, a dinâmica da polifonia social.

As várias concepções em torno da memória nos fortalecem na defesa de uma liberdade de apoio, pois "o conceito de memória social é, além de polissêmico, transversal ou transdisciplinar" (GONDAR; DOBEDEI, 2005, p. 14-15). Na linguagem cotidiana do meio universitário, muitas vezes se percebe o uso dos termos "interdisciplinar" e "transdisciplinar" como se fossem sinônimos, mas o significado de cada um deles é distinto, revelando uma dimensão mais específica de ambos. Enquanto na interdisciplinaridade observa-se um mesmo tema, estudado por disciplinas de objetos diferenciados, mas que recorrem a uma linguagem dialogal,

> A proposta transdisciplinar é outra. Ela pretende por em xeque a disjunção entre as disciplinas, valorizando pesquisas capazes de atravessar os domínios separados. A ideia não é reunir conteúdos, mas produzir efeitos de transversalidade entre os diversos saberes. Transversalidade que, evidentemente, não toma a síntese por horizonte não se trata de promover o diálogo entre disciplinas em prol ode um consenso, de um equilíbrio último em que a razão domine o caos. Ao contrário, supõe-se que é justamente do dissentimento que se faz a invenção e podem ser geradas as novas ideias. (GONDAR; DOBEDEI, 2005, p. 14)

É óbvio que tal posição não deve ser tomada como um consenso, pois a busca de um rigor metodológico, em cada um dos

campos do conhecimento, na área das ciências humanas, leva os seus defensores a estabelecer fronteiras definidas para fortalecer os saberes cultivados.

Na nossa área específica, basta lembrar os argumentos muitas vezes presentes, por algum ou alguns dos participantes das bancas, nas defesas de teses ou mesmo dissertações, com o intuito de orientandos incautos principiantes na área de produção do conhecimento acadêmico: "essa abordagem seria válida no campo da [...], mas na área de história torna-se descabida." No nosso modo de ver, no uso de muitos dos conceitos que expressam rupturas ou avanços metodológicos ainda há uma forte contradição entre o discurso e as ação concreta, presentes no cotidiano e na micro história das nossas universidades.

Ante as considerações, acima apresentadas, vale destacar o significado, cultural e simbólico, do Seminário da Prainha na história da educação, não apenas do estado do Ceará, mas além do próprio nível regional, onde os seus reflexos, na formação cultural das gerações, que por ali passaram, sempre se fazem sentir, seja em estados vizinhos, seja em cidades do próprio sudeste do nosso país. Fundado em 1864, quando a igreja Católica buscava consolidar o processo de romanização, numa tentativa de dirimir a sua dependência ao poder temporal e, simultaneamente, enfrentar o avanço da racionalização, no mundo laicizado, que se tornava mais desafiador, quando se confirmava o poder da aliança entre os ideais burgueses e as propostas inovadoras da ética protestante.[42]



42. Cf. WEBER e FREUND, 1970. Segundo FREUND, "Com efeito, uma das características de seu pensamento [de Weber] consiste de um lado na dispersão metodológica, científica e filosófica que acredita poder renunciar a qualquer núcleo central, e de outro no espetáculo de todos os antagonismos possíveis, irredutíveis em princípio a qualquer sistema." — Cf. Capítulo I — a Visão do Mundo. 1.Realidade e sistema, p.9

Na segunda metade do século XIX, quando o processo de urbanização apenas ensaiava os primeiros passos, na capital cearense,43 o Seminário se consolidou não apenas como um celeiro cultural, destinado aos que almejavam uma formação eclesiástica, mas também constituía uma opção às famílias mais bem situadas, de educar os que lhes parecessem mais aptos ao bacharelismo, mas também se afigurava como uma dádiva, do Criador, aos menos afortunados, que almejassem obter uma formação cultural, de pelo menos parte de sua prole. Vale lembrar o número de componentes de uma família patriarcal, tão onerosa e rara, numa capital provinciana, onde apenas as primeiras escolas públicas davam seus primeiros passos.44

Apenas um ano antes da comemoração do seu centenário, em 1963, quando a paisagem urbana da capital cearense era outra, não só em função da explosão habitacional, mas em relação aos problemas de infraestrutura, devido à carência de serviços urbanos, como saneamento, a ineficácia dos transportes, pois os precários ônibus não superavam os lentos, mas desejados bondes elétricos, os padres lazaristas entregaram a direção da instituição ao arcebispo de Fortaleza, que a confiou ao clero secular



43. Provavelmente o panorama urbano, em Fortaleza, nos anos sessenta, embora não fosse o mesmo daquele narrado pelos viajantes estrangeiros, no início do século, já recebendo medidas voltadas à modernização na primeira metade do século, ainda se conservava muito daquele cenário provinciano, quando apenas a área central da cidade era a mais ocupada, para onde convergia todo o fluxo urbano.

44. Além do conhecido internato Ateneu Cearense, fundado em 1863, poucas eram as instituições educacionais particulares existentes na cidade, como o colégio de Educandos Artífices. O colégio da Imaculada Conceição foi fundado em 1865, Panteon Cearense, em 1870, o colégio São José, em 1876,o Instituto Cearense de Humanidades, em 1879, o colégio Santa Rita de Lima, em 1881,o Partenon Cearense, em 1882, o colégio Nossa Senhora de Lourdes, em 1889, além das primeiras escolas profissionais, como a Escola de Comércio do Ceará e Fênix Caixeiral. Outras escolas, como o colégio Santa Cecília, o colégio Cearense, o colégio Nossa Senhora do Sagrado Coração e a Escola Jesus Maria José seriam inaugurados nas primeiras décadas do século vinte.

Esse fato nos remete a uma das indagações levantadas na nossa proposta de análise: o que teria levado os lazaristas a entregar a direção da instituição? Reflexos do Concílio Vaticano II, que abalou a velha estrutura organizacional da Igreja Católica? Insatisfação dos jovens seminaristas, talvez atingidos pela inquietude dos anos sessenta? Mudanças surgidas como reflexos do que ocorria fora da instituição eclesiástica ou implosão do modelo tridentino, moldado para formar os futuros sacerdotes? Além das indagações surgidas, outras questões fluem de modo espontâneo, remetendo-nos às novas proposições metodológicas, que refletem o hibridismo cultural da historiografia nos dias atuais (Cf. BURKE, 2006). Por essa trilha, as proposições a priori tidas como incontestáveis se foram diluindo, moldadas como espelhos do sistema educacional e das instituições consolidadas, mas nem sempre louvadas, nos limites dos padrões de uma sociedade tradicional.

Como demonstração da diluição dos conceitos antes tidos como incontestáveis, observe-se a definição do cotidiano, no sistema de internato da Prainha, que me parecia maias fidedigno, para traduzir a s ansiedades de uma criança de onze anos ou mesmo de um adolescente irrequieto e contestador, recorrer a uma afirmação literária: "Sobre coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo — a paisagem é a mesma beirando a estrada vida" (POMPÉIA, 1999, p. 21). Entretanto no decorrer das entrevistas realizadas, diferentes visões e análises são apresentadas, impossibilitando-nos de uma definição global da instituição analisada, pois, de acordo com cada um dos entrevistados, novos enfoques são revelados, como se o perfil postal do Seminário, representado pelas duas torres da igreja da Prainha, fosse pacientemente recomposto, substituindo-se os velhos azulejos nelas incrustrados,

todos visualizados á primeira vista como corolas homogêneas, substituídos por diferentes "cacos da história", mas que cintilam e dão um colorido diferente ao velho monumento, pois revelam a dinâmica de um universo plural. Se para uns o celibato foi o motivo chave do abandono da vida eclesiástica, para outros as razões foram mais resultantes do choque, decorrente das proposições apresentadas pelo Concílio Vaticano II e das práticas cotidianas permitidas pelas regras eclesiásticas consagradas, no confronto entre o enunciado e o praticado.

Desse modo, o que parecia inexpressivo a uns, na narrativa de outros se revela sob outro prisma, representando algo que toca o âmago do depoente.

Frente a tais constatações, mais uma vez o hibridismo não apenas cultural, mas também conceitual, se apresenta compensador, fazendo-nos mergulhar na transdisciplinaridiade como recurso viável à busca de uma compreensão mais transparente das temáticas analisadas. [45] Nessa opção afloram conceitos, antes reservados aos especialistas da Psicologia, mais que nos apoiam na compreensão da multiplicidade de agentes envolvidos no processo em análise. Refiro-me ao consolo obtido como uso das expressões "inconsciente individual" e "inconsciente coletivo", ou mesmo a "individuação", reveladores dessas maneiras particulares de narrar as experiências vividas, fazendo-nos perceber a aproximação entre áreas do conhecimento que antes se distanciava, indo além das fronteiras estabelecidas pelo racionalismo clássico, que excluía os sentimentos ou as visões interiores das exposições explicativas do processo histórico (Cf. JUNG, 2002; ELIAS, 1994).

45. Vide as demonstrações pioneiras desse hibridismo cultural, presentes na produção de Gilberto Freyre, Américo de Castro e Toynbee, que chocavam os puristas da época. BURKE, 2006, p.18-19

Buscar apoio na Psicologia ou além dela, a princípio preocupava, primeiro em romper com as rígidas fronteiras do meu campo de trabalho, a história e, segundo, em enfrentar a oposição do outro lado do flanco, afinal o que um profissional da história entende de psicologia? Mas o meu alvo era perceber o significado da transdisciplinaridade como faróis a nos mostrar os meandros das veredas percorridas. E na busca de uma melhor compreensão "das escalas, indícios e singularidades", uma obra produzida na ilha de Santa Catarina, em 2005, me foi reveladora. (Cf. LIMA, 2006) Em quatro capítulos, o autor nos conduz às origens da micro-história italiana, revelando as suas dimensões através de três capítulos específicos, onde apresenta o perfil de três dos seus representantes, Edoardo Grendi, Giovanni Levi e Carlo Ginzburg (Cf. LIMA, 2006). Foi por esse último que fomos estimulados, mais ainda, a recorrer a uma possível contribuição da psicologia, estimulando a nos apoiar em Jung.46

Uma das dificuldades, sempre presente na elaboração de uma produção histórica, emerge quando se procura definir o tipo de história, em que se pretende trabalhar. Os títulos apresentados — considerando-se o assunto tratado, a metodologia adotada e os conceitos teóricos de apoio — nem sempre expressam uma clara identidade da opção histórica de um autor, pois ela varia de acordo com as classificações em voga, na busca de uma definição das áreas de estudo, em que foi subdividida a história, no momento da sua produção. Por isso, apesar da certeza da existência de uma conexão entre as diferentes modalidades do conhecimento histórico, a situação torna-se mais complexa, quando se tenta estabelecer os limites entre a história social e a cultural, pois suas fronteiras são indefinidas.



46. Sobre a compensação de recorrer à psicologia, cf. op. cit.,p.358-360.

de três décadas permaneceu incrustado no meu subconsciente, levando muito tempo para atingir a erupção. Além da relação entre inconsciente individual e inconsciente coletivo, nos labirintos bibliográficos percorridos e nos meandros da oralidade anunciada, o sagrado nos é revelado em diferentes expressões, mesmo onde o marianismo ou a despedida dos seminaristas a Nossa Senhora, antes de entrarem de férias, quando se atestava a ausência da sensibilidade feminina, aquém e além daquelas paredes. Por isso, a confluência entre oralidade e memória provoca vários clarões que, na trilha benjaminiana, passam a cintilar, não de forma aterrorizante, respingos da memória, luzindo como estrelas, revelando a dinâmica do nosso inconsciente, concebido não como um poço nefando, mas "como lugar das possibilidades humanas positivas." (KÜNG, 2006, p. 94)

Desse modo, o que parecia obtuso se apresenta de forma reveladora, em especial fugindo ao velho limite dos agentes históricos e ultrapassando as fronteiras dos extremos temáticos: os de cima e os de baixo. Usufruir da narrativa, como canal de expressão da memória social nos estimula a recorrer à aproximação com outras perspectivas de análise, via história cultural, que nos possibilita preencher as lacunas da história com outros campos do saber humano.

A memória social de Fortaleza expressa pela Literatura

O Cotidiano de Fortaleza, na Segunda Metade do Século XIX

As razões do uso da literatura, como fonte histórica, não se afiguram apenas como um modismo, oriundo das novas opções metodológicas, proporcionadas pelo desejo de inovar os recursos empregados na busca de informações almejadas. Para tornar evidente o significado da literatura como um manancial, é preciso ir além das fronteiras estabelecidas pelo racionalismo acadêmico, que se baseava no modelo das ciências naturais, na busca de um objeto de pesquisa pronto e delimitado de acordo com os padrões consagrados na busca da verdade histórica.

Além dos dados objetivos procurados, o historiador de hoje encontra nas "sensibilidades e sociabilidades [como] perspectivas de pesquisa"[47] algo mais que nos faça compreender o sentido íntimo dos acontecimentos analisados, recorrendo a outras alternativas de compreensão, presentes no imaginário e na subjetividade interpretativa das produções literárias. Conforme nos indica Serge Gruzinski,

47. Vide PESAVENTO, 2008. Este livro é um apanhado dos simpósios organizados por pesquisadores que participaram do IV Simpósio Nacional de História cultural, ocorrido em Goiânia, de 13 a 17 de outubro de 2008.

> A história das sensibilidades interessa-se pelo indivíduo, por suas reações íntimas, por suas contradições abertas ou encobertas. Ela escava destinos, exuma afetos, mas sempre para reinseri-los em conjuntos significativos mais vastos, grupos, clãs, facções, classes, conjuntos, que eles iluminam a seu modo, restituindo--lhes uma complexidade quase sempre escamoteada ou negada (PESAVENTO e LANGUE, 2007, p. 7, 8).

Para penetrar nesse campo revelador de algo mais do que um cenário histórico, quando os sentimentos íntimos dos agentes envolvidos no processo histórico apresentado, a literatura se apresenta como uma opção inovadora para que o pesquisador se sinta capaz de romper com os rígidos padrões, ante os quais se sentia incapaz de encontrar outras perspectivas de análise além das tradicionalmente consagradas. Na realidade,

> Todo texto ficcional pode ser transmitido como uma fonte de informação maior ou menor, ou pelo menos usado como testemunho da facticidade. (KOSELLECK, 2006, p. 254)

É preciso "historicizar a obra literária", ou seja, submetê-la ao olho atento do pesquisador, que lhe encaminha as indagações consideradas necessárias, uma vez que ela passa a ser observada como um "testemunho histórico." Para tanto, é importante colocar o literato e a obra selecionada num determinado tempo histórico. (Cf. CHALOUB e PEREIRA, 1998, p. 7 e 8)

Para melhor delinear o pano de fundo histórico, do período de instalação do Seminário da Prainha, a obra a Normalista, de Adolfo Caminha, se apresenta como um recurso valioso a ser empregado. O romance foi publicado em 1893, no Rio de Janeiro e o seu enredo "se passa predominantemente na Fortaleza dos anos 80 do século

XIX, cidade que aparece de maneira pouco lisonjeira nessa obra de cunho rigorosamente naturalista" (CAMINHA, 1999, p. 3)

A revelação da obra, em relação à cidade de Fortaleza, não é a definição do seu perfil urbano, com a indicação de ruas principais e diferentes espaços ocupados, como tema prioritário do seu enredo, mas a análise de seus personagens principais, com suas maneiras de ser e de agir, reveladoras da mentalidade social da época estudada. Todos eles são pessoas vulgares, sem nenhuma relevância social, que lhes pudesse ser atribuída. A bela Maria do Carmo, a personagem principal, A Normalista, mesmo apaixonada pelo Zuza, filho de um coronel, termina dominada pelo seu padrinho, João da Mata, considerado pelo apresentador da obra "um canalha perfeito".

Zuza foi obrigado por seu pai a viajar, para evitar suspeitas sobre a gravidez de Maria do Carmo. A companheira de João da Mata, D. Terezinha, era apontada como correspondente do presidente da Província. Também figuram na história outros personagens, como

> [...] Lídia, filha da viúva Campelo e noiva do guarda-livros Loureiro; o José Pereira, redator da Província; Zé Guedes, da Matraca, jornalzinho humorístico como existiram muitos em Fortaleza; o professor Berredo;o bodegueiro Zé gato; o negro Romão, o alferes Coutinho e poucos mais comparsas nessa história que se desenrola em Fortaleza do Trilho (ou rua do Trilho, hoje avenida Tristão Gonçalves), da rua de Baixo (hoje Conde d'Eu), da rua da Assembléia (hoje São Paulo) e outras mais. (CAMINHA,1999, p. 4, 5)

Adolfo Caminha foi levado pelas circunstâncias de sua vida, na capital cearense, a partir para o Rio de Janeiro, deixando

xando o importante cargo de segundo-tenente, que ocupava na Marinha. A sua paixão por uma senhora casada, D. Isabel Jataí de Paula Barros, que teve a ousadia de abandonar o esposo, um oficial do Exército, para se amasiar com Adolfo Caminha trouxe resultados insidiosos a sua vida. Os efeitos do alvoroço ocorrido o obrigaram a partir de Fortaleza. De acordo com Sânzio de Azevedo,

> [...] não são poucos os críticos que vêem no enredo d'A Normalista um revide contra a sociedade que, no pensamento do escritor, não tinha autoridade para julgá-lo. Daí a pintura impiedosa da cidade, como todas as suas baixezas e podridões morais, sem faltar a caricatura de algumas pessoas com as quais se desaviera. (CAMINHA, 1999, p. 4)

O livro teve seu valor reconhecido, sendo recomendado a "quem quiser conhecer a cidade de Fortaleza e intoxicar-se com a barbaria semicivilizada de uma capital provinciana" (AZEVEDO, 1999, p. 5).

Conforme ressaltamos anteriormente, essa "cidade inteira" apresentada no romance pouco tem a ver com a sua paisagem física, apesar das referências apresentadas sobre alguns pontos chaves da capital cearense. A perspicácia do autor se expressa na revelação dos sentimentos e das maneiras comportamentais de seus personagens. São paisagens íntimas bem mais desfiguradas do que aquelas que compunham o acanhado panorama urbano de uma capital provinciana.

Ante tal conteúdo, uma indagação emerge, ao tentarmos estabelecer uma conexão entre o seu conteúdo e a temática em estudo, o Seminário da Prainha: o que tem a haver a história narrada com o histórico dessa instituição educacional? À primeira vista,

nada poderia ser divisado, mas uma análise atenta sobre o potencial da literatura como fonte reveladora dos diferentes aspectos urbanos, nela inseridos, nos possibilita definir como era composto o rebanho das almas a serem conduzidas pelos futuros sacerdotes, formados naquela outra Fortaleza, o Seminário da Prainha.

A vida reclusa ali posta em prática, apoiada pela poder da oração e do recolhimento, certamente não propiciava as condições necessárias para que os futuros padres pudessem enfrentar uma sociedade, marcada por costumes e ações, que feriam a moral decantada pela formação eclesiástica.

O provincianismo se revelava nas diferentes modalidades de comportamento dos personagens apresentados no decorrer do romance e nos remetem ao panorama do cotidiano urbano daquele período, embora as contradições permanecessem estampadas entre o que se dizia da cidade e o que se revelava nos bastidores das experiências vividas.

Apesar do forte papel da Igreja Católica, na sociedade da época, nem todos se apresentavam dóceis aos ensinamentos propagados pelas autoridades religiosas. Fortaleza, com as demais capitais provinciais, era considerada uma cidade católica, como bem o atestava o número de suas igrejas, localizadas em pontos estratégicos da cidade, como ao lado do palácio do Governador ou numa das praças principais, como a igreja do Patrocínio, ou mesmo a Catedral, sem esquecer as duas torres da igreja do Seminário da Prainha, que figuravam como uma referência aos passageiros dos navios, que de longe divisavam aquela referência arquitetônica da capital cearense.

Entretanto nem todos diziam amém aos sermões enunciados. O próprio João da Mata se apresenta como um ferrenho crítico da Igreja Católica. Segundo ele, que repetia a opinião de um jornalista local,

> Irmãs de Caridade foram feitas para hospitais. O diabo é que no Ceará não havia colégios sérios. A instrução pública estava reduzida a meia dúzia de conventilhos: uma calamidade pior do que a seca. O menino ou menina saía da escola sabendo menos que dantes e mais instruído em hábitos vergonhosos. As melhores famílias sacudiam as filhas na Imaculada Conceição como único recurso para não vê-las completamente ignorantes e pervertidas. Afinal, para não contrariar o Mendonça, que queria a filha para santa, metera Maria do Carmo no "convento" (CAMINHA, 1999, p. 17).

Outra manifestação contrária à igreja é apresentada por João da Mata, que "detestava a padaria" e

> Dava-se apenas com um padre, o cônego Feitosa, porque, dizia ele, era um sacerdote sem hipocrisia, um padre como ele entendia que deviam ser todos os padres, asseado, inimigo da batina, com afilhadas em casa [...] E por que não? Os padres são fisicamente (e sublinhava a palavra), anatomicamente, fisiologicamente, homens como os outros: têm coração, órgãos sexuais, nervos como os outros homens. Portanto, assiste-lhes o mesmíssimo direito de procriação, direito natural e até consagrado pela escritura. O contrário é contra fazer a natureza humana que, afinal, não obedece a preceitos de castidade. D'aí, concluía João, d'aí o desregramento das classes religiosas condenadas a eterno celibato. O próprio Cristo dissera numa parábola cheia de senso e de experiência: "Crescei e multiplicai-vos." (CAMINHA, 1999, p. 17.18).

Apesar de acanhada, em sua paisagem urbana, Fortaleza crescia, causando preocupação às autoridades administrativas,

ansiosa em manter a tão decantada embelezamento da cidade e preocupada com a construção de praças e a necessidade de arborização. Aquele que cortasse as árvores, sobretudo nas praças, estaria sujeito à multa de 400 réis. "Aformosear-se as ruas", mesmo aquelas mais distantes do centro era uma expressão comum nas Atas da Câmara Municipal. Essa preocupação atingia as residências particulares e se recomendava o cuidado com as plantas, que eram mantidas nos espaços públicos e nos quintais. "Desaformear a Praça ou a rua" constituía um desrespeito às normas definidoras da ordem urbana. (FORTALEZA, 2 JUL. 1861, p. 51)

No ano da fundação do Seminário da Prainha, a Câmara Municipal dispunha de funcionários responsáveis pela fiscalização de árvores plantadas na cidade. A justificativa apresentada pelas autoridades municipais era que a derruba de árvores contribuiria para aumentar o calor na cidade e elas contribuíam para amenizar o impacto da areia conduzida pelas costumeiras ventanias. A poeira espalhada pelo vento era temida, pois se acreditava que conduzia "germes aeróbios de moléstias, como a tuberculose" (POMPEU, 1896, p. 23)

Fortaleza, no final do século XIX, ocupava uma faixa de cinco quilômetros, com 34 ruas, no sentido norte-sul e 27 no leste oeste, sendo todas paralelas. Havia 03 "boulevards", além de 15 praças, destacando-se entre elas a do Ferreira e a dos Mártires, atual Passeio Público. (MENEZES, 1895, p. 147)

Zuza, considerado "um rapaz da moda" queixava-se da monotonia da vida em Fortaleza, quando a comparava com o Recife, onde o progresso e o divertimento se entrecruzavam:

> Corridas de cavalos, uma sociedade papa-fina muitíssimo bem educada, magníficos arrabaldes, certo bom

> gosto nas toilettes, nos costumes, certas comodidades que ainda não havia no Ceará (CAMINHA, 1999, p. 18).

As referências apresentadas por Caminha, sobre o panorama urbano, nos fornecem uma descrição parcial do perfil urbano da capital cearense. Quando se refere à rua Formosa, descreve a casa onde residia Zuza como um sobrado vistoso, com suas varandas vistosas, coberto de azulejos e dois abacaxis de louça no alto do edifício davam-lhe um toque da velha moda portuguesa.

Um pouco da "labuta cotidiana" era relatada com a criada puxando água na cacimba, o chamado "cargueiro" de água potável enchendo os potes, cegos na rua no tom choroso de suas súplicas, além dos vendedores ambulantes que ofereciam os valorizados cajus. Era "um ruído matinal de cidade grande que desperta" (CAMINHA, 1999, p. 47).

O prédio da Escola Normal, pintado de cinzento, com seus quatro cantos e as janelas abertas recebendo a luminosidade do dia, "tinha o aspecto alegre d'uma casa de noivos acabada de caiar-se" (CAMINHA, 1999, p. 62). Em frente à praça, com suas mungubeiras e os cajueiros, disputados a pedradas pelos estudantes, no período da safra, completavam a paisagem com as suas folhas verde escuras. A conceituada escola era assim definida

> Uma escola sem mestres. Um estabelecimento anacrônico, onde as moças vão tagarelar, vão passar o tempo a ler romances e a maldizer o próximo [...] (CAMINHA, 1999, p. 176).

A rua da Assembleia era uma das mais movimentadas, pois nela passavam os bondes, um elo que ligava do centro da cidade com os bairros mais valorizados.

Funcionários públicos voltavam do trabalho em silêncio, "em sobrecasacas sórdidas", fumando os cigarros da marca Lopes Sá

Na rua Major Facundo havia pouco movimento, com um ou outro transeunte, com seu chapéu de sol, além de alguns caixeiros que atravessam a rua, com suas mangas de camisas, além de "alguns pobres diabos arrastando-se a pedir esmola." Para o autor

> A cidade permanecia na sua costumeira quietação provinciana, muito cheia de claridade, bocejando preguiçosamente de braços cruzados, à espera do progresso. Suava-se por todos os poros e respirava-se a custo, debaixo d'uma atmosfera equatorial, acabrunhadora. Estalava à distância, num ritmo cadenciado e monótono, o canto estridente e metálico d'uma araponga, cujo eco repercutia em todo o âmbito da pequena capital cearense (CAMINHA, 1999, p. 78).

A avenida Caio Prado, que cruzava o Passeio Público possuía um aspecto considerado fantástico, sendo comparada a um terraço oriental iluminado por "um céu de prata polido", com seus combustores de cores azul, encarnados e verdes, além das esfinges, que davam um toque especial ao cenário do Passeio Público. Senhoras de braço dado, "em toilettes garridas" passeavam ao compasso da música, conversando alto, "numa promiscuidade interessante de cores, que tinham reflexos vivos no luar." De cada lado da avenida duas alas de cadeiras ocupavam o espaço preenchido por pessoas de ambos os sexos, em sua grande parte considerados curiosos que observavam tranquilamente o deslocamento dos transeuntes. No porto inseguro, alguns navios davam um toque especial à paisagem.

O Passeio Público atraía pessoas que até ali se deslocavam pelas avenidas do primeiro plano, "cruzando-se em todos os sentidos, acotovelando-se, confundindo-se". E

> Na Mororó, mais larga que as outras, havia uma promiscuidade franca de raparigas de todas as classes: criadinhas morenas e rechonchudas, com os seus vestidos brancos de ver a Deus, de avental, conduzindo crianças, filhas de famílias pobres em trajes domingueiros, muito alegres na sua encantadora obscuridade; mulheres de vida livre sacudindo os quadris descarnados, com ademanes característicos, perseguidas por uma troça de sujeitos pulhas que se punham a lhes dizer gracinhas insulsas. Toda uma geração nascente, ávida de emoções, cansada d'uma vida sedentária e monótona, ia espairecer no Passeio Público aos domingos e quartas-feiras, gratuitamente, sem ter que pagar dez tostões por uma entrada, como no teatro e no circo (CAMINHA, 1999, p. 88 – 89).

O espaço valorizado era aberto a todos, sem distinção de classe, pois todos "tinham ingresso para saracotear nas avenidas o ar puro das noites de luar" (CAMINHA. 1999, p.88 -89). Era o local mais valorizado da cidade, considerado pelo bairrismo local como um dos mais belas áreas de lazer social do país. Alguns chegavam a afirmar que nem o Rio de Janeiro possuía um igual ao de Fortaleza. O Café Java e o chamado "Palácio da Presidência", onde residia o Governador da Província eram outras edificações, que chamavam a atenção dos transeuntes na cidade, mas nenhum deles desfrutava do valor presente no Passeio Público. O chamado "casarão do governo" perdia muito de sua imponência pelo tempo em que havia sido construído, pois seu aspecto vetusto "à maneira do Sr. D. João VI," suas inúmeras janelas perdiam o encanto que lhes podia ser atribuído, uma vez que se assemelhavam com as de um hospital. Por isso, o edifício

> [...] espiando para a Praça General Tibúrcio, parecia dormir um sono bom de sesta, batido pelo sol, na mu-

> dez solene de um monumento arqueológico. (CAMINHA, 1999, p. 104)

Além dos edifícios públicos havia outras edificações simples, que não chamavam tanto a atenção de quem observasse a paisagem urbana da capital cearense, mas que exerciam uma função constante de atender os seus frequentadores. Eram as bodegas, onde se comprava o que se necessitava para as necessidades domésticas cotidianas, mas também constituíam espaços de encontros dos que desejam desafogar suas mágoas com alguns aperitivos. A Bodega do Zé Gato tornara-se conhecida como ponto de reunião de alguns moradores da redondeza, que ao regressarem do trabalho ali permaneciam às vezes até altas horas da noite,

> a jogar bisca num esquecimento absoluto da família e de seus deveres, saturados de álcool, lívidos à luz de um miserável candeeiro de querosene. O triste ordenado que lhe cabia [do João da Mata] no bolso em cada fim de mês escorria—lhe por entre os dedos como azougue, transformando-se em fichas na banca de jogo e desaparecendo como por encanto, sem que ele próprio soubesse como (CAMINHA, 1999, p. 154).

Os que não podiam assumir seus compromissos, ao final do mês, recorriam aos agiotas e ficam presos a um compromisso que, ao invés de os aliviarem dos problemas cotidianos ampliavam suas mágoas, pois o difícil era fugir dos cobradores de empréstimos efetuados.

A Praça Coração de Jesus ainda não possuía a função que mais tarde iria desempenhar como um dos pontos de referência da área central da cidade. Por isso esse espaço denominado "as

bandas do Coração de Jesus", era entremeado por coqueiros, que davam uma feição diferente àquela acahada paisagem.

O colégio Imaculada Conceição, mantido pelas Irmãs de Caridade, ordem religiosa fundada por São Vicente de Paula, que também instituiu a ordem dos padres lazaristas, que assumiram a direção do Seminário da Prainha por quase um século, destacava-se pelas suas grades de ferro, na parte frontal do edifício. Os quatro pés de tamarindo, "numa imobilidade tímida e respeitosa" definiam o aspecto religioso da instituição, onde o "coro abafado das educandas" repetia o "ora pro nobis... ora pro nobis" (CAMINHA, 1999, p. 167).

Uma referência apresentada pelo autor que não localizamos era chamada a "Praça do Asilo," assim denominada pelo grande edifício ali situado, onde fora instalada a "cacimba do povo, cor de tijolo", onde passavam mulheres, com seus tamancos e cachimbos no queixo, falando alto, que se dirigiam para a cidade.

Outras notícias reveladoras da vida social, na Fortaleza do século dezenove, presentes no romance, referem-se aos comentários sobre o interior das residências abordadas, além da definição dos seus personagens.

A sala de jantar de umas das casas é apresentada como local de reunião dos visitantes, principalmente para os jogos de cartas e não apenas como espaço reservado às refeições. No seu centro situava-se uma mesa coberta com um pano xadrez, com um "candieiro de louça esfumado", no formato de um abajur. Era estreita, com piso de tijolo, com duas portas voltadas ao interior da casa, com paredes desbotadas à espera de uma mão de cal. Em frente à janela, um piano era projetado num espelho localizado em sua frente. O restante dos móveis eram algumas cadeiras, um sofá, a mesa e um chamado console, onde eram colocados dois jarros com flores artificiais.

O sobrado do coronel, pai do Zuza, era um edifício que expressava a dignidade do seu proprietário, "um homem irrepreensível e caprichoso na intimidade doméstica como na vida privada." (CAMINHA, 1999, p. 43)

> Fazia gosto a sala de visitas, forrada a papel-veludo, claro com ramagens cinzentas, mobiliada com inexcedível graça, sem ostentação, sem luxo, mas onde se notava logo certa correção no arranjo dos móveis, na colocação dos quadros, na limpidez dos cristais. (CAMINHA, 1999, p.43)

Conforme ressaltamos anteriormente, apesar dos informes sobre o panorama urbano, por sinal bastante revelador, ficarem a reboque dos perfis analisados dos principais personagens, no enredo do romance, eles nos fornecem subsídios para que possamos ter uma visão panorâmica da combalida "capital provincial."

Os personagens centrais da Normalista são definidos ao longo do romance. O Zuza era considerado

> um rapaz de certa categoria [que] não se deixa iludir por uma simples normalista sem eira nem beira, uma rapariga sem juízo, filha de pais incógnitos, educada em casa d'um amanuense reles. (CAMINHA, 1999, p. 42)

D. Amélia queixava-se do marido, "um homem sem gosto, um mosca-morta, muito desleixado, com venetas de doido." Tinha o mau costume de beber aguardente, por isso chegava à casa, embaraçado, com dificuldade de falar. Maria do Carmo, a normalista,

> [...] muito bonitinha, é verdade, mas uma tola que não sabia tratar com rapazes educados. Lá por ser pobre, não: mas parecia-lhe [ao Zuza] tão atrasadinha, assim como apalermada, indiferente a tudo. Além disso era

> uma matuta — Maria do Carmo. Ainda fosse Maria Luiza, mas Maria do Carmo... (CAMINHA, 1999, p. 80).

João da Mata é descrito como o personagem despudorado, infame, que nem por seu perfil físico atraía a atenção dos que com ele conviviam. Era um indivíduo suportado pelos que o conheciam, com um histórico nada recomendável. Havia escapado da prisão devido a um defloramento de uma menor, chegou a apanhar por ter caluniado um capitão, além da culpa maior de ter seduzido a filhada, deflorando-a.

Outros comentários definidores dos personagens centrais do romance são apresentados, ao longo da narrativa, revelando os valores e as modalidades de comportamento, expressivos de uma cidade provinciana. A análise apresentada, de uma Fortaleza desfortalecida, por dentro e por fora, revela-nos a paisagem social que devia ser enfrentada por aqueles levitas do Seminário, quando voltassem ao mundo leigo, assumindo uma paróquia, com os encargos litúrgicos e pastorais, que lhes seriam confiados. Uma particularidade, no romance, é que em nenhum momento o autor faz qualquer referência ao Seminário da Prainha, apesar dos comentários críticos apresentados contra a igreja Católica.

Fortaleza do pós-guerra e seus contrastes sociais

A memória sempre esteve presente na história e por isso é reconhecida como infinita, pois penetra em todos os momentos vividos pelo homem, embora nem todos eles sejam considerados aprazíveis de serem resguardados. Por isso a memória é considerada história e, apesar das diferenças indicadas entre ambas, nos

parâmetros acadêmicos, há um elo que as acompanha ao longo da evolução do pensamento científico, expressando-se como uma força aproximativa de campos diferenciados, capazes de revelações significativas, valiosas a uma melhor compreensão das contradições presentes ao longo da história.

Razão teve Sócrates, ao reconhecer que

> A memória foi uma dádiva da Mnemósine, a mãe da musas. Sem a memória, ninguém poderia desfrutar o que as filhas dela produziram: todos os sons se esvaeceriam sem jamais serem inclusos numa melodia; todas as palavras de cada poema desapareceriam antes que fosse ouvida a sua rima. (DRAAISMA, 2005, p. 54)

A identidade dos indivíduos e dos grupos tem suas raízes no passado e a busca de melhores condições de enfrentar o futuro, por mais desolador que seja o presente, deixa claro o papel da memória na compreensão dessa forma de relação que é o tempo, compreendido "como símbolo conceitual de uma operação complexa de relacionamento de diferentes processos evolutivos." (ELIAS,1998, p. 41).

Maurice Halbwachs ao definir "memória coletiva" deixou claro que toda memória se estrutura na identidade de grupos, pois cada indivíduo por mais recluso que seja sempre se mantém associado a um determinado grupo social. Entretanto, considerando o período histórico em que sua obra foi produzida, quando os regimes totalitaristas se projetavam como modelos, compreendemos por que

> [...] concedeu um destaque talvez excessivo à natureza colectiva da consciência social e um relativo desprezo à questão do relacionamento entre consciência individual e colectividades que esses indivíduos efectivamente constituíram. (FENTRESS; WICKHAM, s. d., p. 7).

Por isso, sem desmerecer a reveladora contribuição de Halbwachs, é importante reconhecer o papel de cada um no meio social onde vive e a sua maneira de ser e pensar, que projeta a sua individualidade, além de um modelo coletivo. Como fruto da exposição deste comentário, James Fentress e Chris Wickham utilizam a expressão "memória social" como um conceito mais representativo da ação do individual e do coletivo, sem uma sobreposição de uma sobre a outra, mas como partes associados para a compreensão das identidades analisadas.

A revelação da memória social se manifesta através de diversas modalidades, seja na história, na literatura, na arte, em diferentes períodos da nossa história. Durante muito tempo essas áreas do conhecimento humano permaneceram dissociadas, como se elas pertencessem a um universo diferenciado, composto por unidades autônomas. Graças ao avanço de interdisciplinaridade, as opções metodológicas permitiram a abertura de outras vias de análise, além dos limites definidores das áreas de conhecimento então reconhecidas.

A nova história nos abriu as portas a outras possibilidades de análise, quando a carência de conceitos passou a ser suprida pela aproximação teórico-metodológica das ciências humanas. Nessa experiência, a história cultural se apresenta como uma possibilidade de aprofundar esse intercâmbio, sem descaracterizar a sua área, mas possibilitando defini-la como

> [...] espaço de trabalho...lugar de encontros com vizinhos, convivência coerente com um modo de ver e "arrumar" o lugar que habitamos e a maneira pela qual ali dispomos nossos objetos (KUYUMJIAN; MELLO, 2009, p. 7).

A busca de um campo propício ao uso do conceito memória social encontra seu respaldo nas possibilidades ofertadas pela

história cultural, que reconhece na literatura a possibilidade de ir mais além do que uma simples ilustração do passado estudado. Na realidade,

> O texto literário lhe vale [ao historiador] como porta de entrada das sensibilidades de um outro tempo, justo como aquela fonte privilegiada que pode acessar elementos do passado que outros documentos não proporcionam. (PESAVENTO, 2005, p. 113).

O reconhecimento do valor da literatura como manancial histórico, revelador de diferentes práticas sociais, manifestou-se de forma tão marcante, entre os profissionais da história, instigando ao surgimento de reconhecimentos radicais, na relação entre história e literatura, como se não possuíssem fronteiras. Hayden White bem o demonstra, nas suas produções, as razões de sua justificativa, que provocou valiosas discussões, que propiciaram um amplo debate historiográfico.

A ênfase dada à narrativa, segundo White, fez romper os limites da história com a ficção literária, levando o historiador a por em prática os mesmos tipos de narrativa e as retóricas, presentes nos relatos, baseados na imaginação. (WHITE, 2001). A resposta a esse desafio foi enunciada por autores, como Roger Chartier e Carl Ginzburg, que reconhecem o valor da prova que se revela no centro das produções históricas. (CHARTIER, 2002, p. 84 – 85) Os marcos definidores entre Literatura e história lhe parecem claros.

Entretanto mesmo discordando da questão básica, lançada por White, é importante reconhecer a contribuição de suas análises, como uma oportunidade de melhor compreender o alcance da interdisciplinaridade e as reveladoras marcas dela provenientes. Dois capítulos dessa sua obra nos fazem pensar no enlace viável en-

tre Literatura e história, apesar das fronteiras estabelecidas (WHITE, 2001, p. 39-63;97-116). Para Ele, as narrativas históricas são

> [...] ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências. (WHITE, 2001, p. 98)

Na exposição de seus argumentos, ele recorre a Collingwood, para quem o historiador se apresentava principalmente como um "contador de estórias" e destacava que "a sensibilidade histórica" se fazia presente no seu dom de criar uma história, a partir do relato de fatos selecionados.

Além disso, ressalta que as narrativas históricas se apresentam como um relato dos acontecimentos passados, mas igualmente com o uso de "afirmações metafóricas", elas vão além da simples "reprodução dos acontecimentos", pois se apresentam como "um complexo de símbolos", que nos auxilia a encontrar uma explicação condizente com as questões levantadas.

Assim, na comparação entre literatura e história, o "real" é apresentado como um interesse comum a ambas e a narrativa histórica é definida como "uma metáfora de longo alcance". A narrativa história não é capaz de reproduzir os acontecimentos descritos, mas os direciona sobre o que devemos pensar a respeito deles. Ela "não imagina as coisas que indica: ela traz à mente imagens das coisas que indica, tal como o faz a metáfora." (WHITE, 2001, p. 105 -108)

Como amostragem desse enlace entre Literatura e História, mesmo reconhecendo os limites indicados entre ambas, as obras de ficção, que muito carregam do "real," se nos apresentam como

uma opção metodológica, capaz de nos fazer penetrar além do simples relato de eventos, pois revelam o sentido das experiências vividas, condimentadas com as sensibilidades nelas descobertas, capazes de uma explicação mais originais sobre os temas tratados.

Considerando a literatura como um depósito revelador da "memória social" de diferentes tempos e espaços, a ela recorremos na tentativa de melhor compreender o processo de urbanização de Fortaleza, no pós-guerra, em um período anterior à criação da SUDENE, onde os impasses urbanos se faziam presentes de forma marcante.

Selecionamos o romance intitulado Aldeota, de Jader de Carvalho, (CARVALHO, 2003) como uma oportunidade de melhor compreender o histórico da capital cearense, naquele período, pois os subsídios, nele contidos, nos remetem a uma realidade social que retrata os contrastes observados no cotidiano de seus habitantes.

O curioso no romance, apesar do título, referente ao principal bairro da cidade, é que nele o cenário urbano pouco é referenciado, ao longo de seus capítulos, como é levado a pensar o seu leitor. As mansões nele edificadas definiam o valor dos espaços, privilegiados pela elite local, mas que não constituem a temática central das narrativas apresentadas. Mas outras revelações se apresentam no decorrer do enredo apresentado, relativos à maneira de pensar e de agir de seus protagonistas.

Um relato sobre o histórico do bairro nos permite melhor compreender o processo de urbanização registrado, quando da valorização de sua área como uma definição do bem viver na capital cearense. Interessante que o nome Aldeota foi tão valorizado na tradição local, que ainda hoje os espaços que a cercam, nele são incluídos, como um sinal do reconhecimento que lhe é atribuído. Dionísio Torres, ou mesmo parte do São João do

Tauape, este último um bairro a princípio ocupado pela pobreza e atualmente habitado também por uma classe média, ainda hoje aparecem nos anúncios de jornais, sob a denominação de "a grande Aldeota".

A princípio os bairros elegantes de Fortaleza eram Jacarecanga e Benfica. Até os anos quarenta, o primeiro figurava como o mais aristocrático. O chamado Palacete do Senhor José Gentil, onde hoje se localiza a reitoria da Universidade Federal do Ceará, rivalizava com o da família Filomeno Gomes, em Jacarecanga. Em ambos destacavam-se algumas residências, edificadas em estilo europeu. Foi nesse período que a Aldeota começou a ser valorizada, mas a sua área ainda limitava-se ao final da linha de bondes. Uma das primeiras residências, que lhe serviam de referência, foi o Castelo de Plácido Carvalho, um comerciante que o construíra seguindo um modelo florentino, em homenagem a sua mulher, italiana. Até os anos cinquenta o Castelo ainda existia, sendo indicado inclusive, num debate na Câmara Municipal, para residência governamental, embora tal proposta não tenha obtido aprovação.

Antes da valorização da Aldeota como o melhor bairro da cidade, diversas famílias de melhor situação financeira também habitavam a área da praia de Iracema. A sua área continuou valorizada mesmo após o crescimento da Aldeota e diversas melhorias ali foram efetuadas, como a abertura de uma avenida que de lá partia em direção ao porto do Mucuripe, que muito demoraria a ser concluído. Mas foi a conclusão desse mesmo porto, que prejudicou parte da antiga praia, danificando algumas residências, em virtude do deslocamento das ondas, provocado pela proteção ao porto pelos arrecifes ali instalados.

Essa obra de implantação do porto e a decorrente destruição de grande parte da antiga praia de Iracema bem demonstram a contradição observada entre as obras modernizadoras, implanta-

das na cidade, ante as consequências observadas, em virtude de um plano incompleto. O declínio imobiliário de parte dessa praia repercutia na valorização dos novos espaços, ocupados na Aldeota, com a constante subida dos preços dos terrenos disponíveis.

Tornaram-se comuns as reclamações, divulgadas nos jornais, contra o precário serviço de transporte urbano, após a extinção dos bondes e a instalação das linhas de ônibus, que atendiam os diferentes bairros da cidade. Na verdade, se a área era considerada nobre, a maioria dos que ali residiam possuíam seus automóveis, garantia de locomoção de símbolo de um relevante status social. Os automóveis de luxo, como os "Cadilacs" e os "rabos de peixe" definiam a importância dos que neles eram conduzidos. Para expressar uma melhor situação financeira não era suficiente possuir um carro, mas principalmente ser conduzido por um motorista, à disposição da família do seu proprietário.

Mesmo na Aldeota, o traçado inconveniente de algumas de suas ruas dificultava o trânsito. A falta de água encanada e de esgotos era comum em algumas áreas, pois a instalação dos mesmos muitas vezes dependia da iniciativa dos seus moradores. Por isso tornara-se comum a instalação dos "cacimbões" para fornecer a água necessária ao cotidiano, embora nem sempre fosse utilizado para beber, por ser salobra.

Foi a partir do final dos anos cinquenta que a Aldeota passou a representar o bairro escolhido pela classe privilegiada e o novo símbolo de "status social" era morar na Aldeota, classificada como "a área mais grã-fina da cidade".

Nos anos cinquenta, o inicio do asfaltamento na cidade começou por duas ruas do bairro: a Costa Barros, da Aldeota em direção ao centro da cidade e a Santos Dumont, a sua principal artéria, em sentido contrário. Asfalto era definido como sinal de progresso e o sonho da "metropolização" passou a ser alimentado,

conforme se observava nas manchetes dos principais jornais: "o asfalto das ruas de nossa capital... empresta-lhe o aspecto de grande metrópole em que ela está se transformando a passos largos."

A chamada "nova Aldeota" era "um dos mais belos bairros residenciais do país. Magníficos palacetes, luxuosos bangalôs despontam a todo momento. Os aristocratas da cidade ali se plantaram. Cadilacs, meninos ricos, cercados de babás, brincam nas calçadas."

Apesar do crescimento súbito, a "metropolização' apenas representava um desejo, considerando o provincianismo muito bem expresso no comentário apresentado. Na realidade, a ocupação de diferentes áreas aumentava, mas as condições de vida da maioria da população de Fortaleza eram precárias. As mansões da Aldeota eram construídas e mantidas com os lucros de uma elite, em grande parte dedicada às atividades comerciais, mais favorecidas pelo contrabando do que por uma dinâmica de um mercado comprador.

A explicação ao súbito crescimento da Aldeota é apontada no romance:

> O contrabando anula terrenos baldios e alarga para o nascente o bairro aristocrático de Fortaleza [Aldeota]. Já muda a geografia. Já mudam os horizontes. Aqui e ali, brota do chão aquilo que as estatísticas da fortuna privada jamais poderão explicar: os palácios, as moradas luxuosas, as vivendas nascidas à feição do clima, também brancas, lindas e criminosamente brancas. Numa topografia diferente, microgeográfica, Aldeota se personaliza, assume limites certos, cria a sua própria alma, amadurece enfim. O Câmbio negro dos pneumáticos, o subfaturamento da cera de carnaúba, o contrabando de peles silvestres, os incêndios propositais, lucrativos e sem mistério, transformam-se, pela

> varinha mágica da fraude, num dos bairros mais ricamente famosos de que há noticia em cidades do Brasil. É o bairro dos "terrenos de luxo", segundo os anúncios dos jornais. (CARVALHO, 2003, p. 325)

Na verdade, uma incógnita na explicação da origem dos recursos empregados na construção das mansões instaladas na Aldeota era comentada nos jornais da cidade, indicando as precárias condições do porto da cidade e da ausência de fiscais para regularizar a coleta de impostos na cidade. Grande parte das mercadorias comercializadas provinha do contrabando posto em prática por renomados comerciantes. Mas do que as atividades produtivas, conforme se observa no comentário apresentado, eram as transações mercantis, que garantiam o florescimento do comércio, exportador e importador, como fonte lucrativa cobiçada.

A valorização dos "produtos peneumáticos" explica-se com o aumento dos carros em circulação na cidade, tanto no setor de transporte urbano, como de mercadorias, como no atendimento aos carros de passeio, de propriedade particular ou que atendiam os postos de automóveis de aluguel. A cera de carnaúba ainda representava um valor nos produtos exportados, juntamente com os couros comercializados. O autor não justifica as causas dos incêndios registrados, mas podemos associá-los à artimanha de justificar a ausência de comprovantes, relativos aos impostos exigidos.

Conforme ressaltamos, o roteiro do romance revela muito mais do que informações pormenorizadas da configuração do bairro, com a descrição das suas ruas e pontos peculiares ou mesmo ao traçado definidor das propaladas mansões. A tônica dominante nas narrativas apresentadas relaciona-se muito mais com o histórico e a ação dos seus personagens principais: Francisco das

Chagas Oliveira, Chicó e sua esposa, Catarina Simões de Oliveira, mais conhecida como "Catá".

No histórico narrado, todo um roteiro de grande parte dos acontecimentos, associados ao crescimento populacional da cidade, é apresentado. O forte índice de migração, não só do interior para a capital, mas antes da década de sessenta, que se apresentava no deslocamento de mão de obra ociosa, para o norte do país, onde a borracha oferecia condições de trabalho, apesar das limitações de uma remuneração condigna.

Chicó aparece como "almocreve" jovem, nas estradas do sertão cearense, nos municípios de Iguatu e Assaré. Tanger animais, no transporte do feijão e do arroz pouco lhe beneficiava, pois o lucro atendia os chamados atravessadores. O importante era ter o que comer e beber, evitando o peso da forme tão comum entre os menos favorecidos.

A busca por uma melhor chance de sobrevivência o colocava dentre os milhares de cearenses, que migraram para a Amazônia, em virtude das secas e sonhos com a esperança de melhores dias no "paraíso da borracha". Com dedicação, aliada á sorte dos que puderam regressar ao Ceará, ele conseguiu chegar à função de gerente de um seringal.

O regresso a Fortaleza transforma o acanhado Chicó em um senhor de respeito, dedicado ao comércio exportador. Entretanto, a posição social conquistada não decorre exclusivamente da experiência vivida no Norte, nem de reserva financeira ali adquirida. O seu valioso patrimônio, que lhe permite adquirir um bangalô na Aldeota, foi fruto do "contrabando e da sonegação fiscal".

À primeira vista tal explicação pode parecer pouco significativa, mas nos faz compreender o real perfil da elite local. Não queremos generalizar tal classificação, mas o histórico de boa par

te dos privilegiados com o desenvolvimento do comércio local, sobretudo o exportador, se insere na lista dos beneficiados com as "espertezas do comércio,"

Grande parte do conteúdo apresentado vai muito além do panorama urbano de uma capital em fase de expansão. A ação do almocreve nas suas atividades cotidianas, o panorama social dos núcleos interioranos, onde as contradições da política se expressam na ação repressora dos coronéis, fazem parte dos relatos apresentados.

Nessa abordagem sobre a vida sertaneja há informações reveladoras da formação histórica de Juazeiro do Norte, no Cariri cearense, marcada pela ação do padre Cícero e de seus romeiros, além dos "fanáticos e cangaceiros," que não podem ser excluídos do processo de ocupação desse centro urbano.

Outra informação reveladora, nas narrativas apresentadas, é relativa à instabilidade dos empregos, em que se envolveu Chicó. Além de almocreve, foi coletor de impostos, seringueiro, "caixeiro de bodega" ourives, fiscal do carregamento de lenha da Light, além de outras ocupações assumidas, dependendo das possibilidades ofertadas.

O emigrante consegue figurar como "dono de uma madereira" em Fortaleza, além de exportador de peles silvestres e de carnaúba, chegando a dirigir uma grande exportadora, alimentada pelo contrabando.

Por sinal, esse histórico da forte marca do contrabando, na expansão do comércio local, nos faz repensar um conceito contraditório, comumente usado para definir a situação social da elite. O uso do termo burguesia é frequente nos comentários apresentados sobre a formação da sociedade brasileira, inclusive no da local, como definidora de uma ação privilegiada dos agentes econômicos, exploradores dos menos favorecidos.

Contudo, acompanhando o histórico presente no curso do romance, como considerar tais elementos da elite local como uma burguesia? A burguesia europeia foi audaciosa e empreendedora, considerando as limitações que lhe foram impostas na história urbana de alguns países. Ela não vivia nas expensas do poder público, ou seja, na dependência do saber burlar as exigências legais.

A formação da elite local associa-se a todo um processo, que nos remete a uma particularidade do sistema social implantado. Nele, o público é encarado como uma contingência particular, nas relações registradas, ou seja, o público se confunde com o privado.

Dona "Chicó, "que cursou com proveito a Escola Normal de Belém diplomando-se professora", escreveu um diário particular, revelador das suas ocupações domésticas e sociais. E é ela quem apresenta a mais definidora narração sobre o perfil de Fortaleza de sua época:

> Não minto: estou gostando da cidade... Fortaleza não cheira a antiguidade, nem é grave e sisuda como as cidades forradas de azulejos. Filha de portugueses, entretanto não possui sobrados lusitanos. É leve, alegre, clara... Do mar, isto é, do navio, Fortaleza semelha um jardim. Mas de perto, sente-se que a nota verde é íntima: oculta-se nos quintais aos olhos dos que passam na rua... Os homens não primam pela delicadeza. Não é por causa da seca, pois vejo diariamente, nas praças, nos lugares mais movimentados, homens alegres apesar de vestidos de mescla, calçados de alpercatas, com viagem marcada para o Amazonas, vítimas da fome. (CARVALHO, 2003, p. 295 -296)

Antes de residirem na Aldeota, o casal foi morador do bairro do Benfica, assim definido:

> É um cumprido bulevar servido por uma linha de bondes e por algumas de ônibus. Os bondes são ve-

> lhos, arrastam-se fazendo barulho. Os ônibus, muito sem graça, pecam também pela velhice. Circulam superlotados. Raro o que não é penso e de flandres amassado. (CARVALHO, 2003, p. 297)

A narração sobre o cotidiano prossegue com a identificação dos vizinhos. À direita, uma viúva e dois filhos rapazes e, à esquerda, três solteironas, que passavam o dia a cochichar. Nunca permaneciam de janela fechada, mas com o postigo entreaberto, permaneciam "numa espreita permanente". O poder de observação delas era de longo alcance, pois

> Pela brecha, entra-lhes, no entanto, a vida de todo o quarteirão, de todo o bulevar, de todo o bairro. Sabem de tudo as vitalinas! (CARVALHO, 2003, p.297)

A vida de Chicó e da esposa tornara-se conhecida em detalhes pelas "alcoviteiras". Com a desculpa de entrarem na casa do casal vizinho, para vender bordados e rendas, manifestavam a preocupação em conhecer detalhes das suas vidas e "as nossas intenções no Ceará." Uma cidade onde o vento não deixa de soprar, com suas noites agradáveis, devido à ventilação praieira, com o sabor do peixe do mar, da água de coco e das bananas, "madurinhas e cheirosas" a faziam esquecer Belém, do Pará.

As "rodas nas calçadas" constituíam uma tradição tão antiga como a cidade, presentes no Benfica, mas ausentes no elegante bairro da Aldeota. Para Dona Chicó, "a roda da calçada vale por uma instituição. Nela tudo se conversa, tudo se adivinha, tudo se descobre". E apresenta uma particularidade: "É uma das maneiras de conhecer Fortaleza sem sair de casa." A falta de luz não constituía novidade, pois o colapso na Usina do Passeio Público fazia parte da rotina.

A colônia sírio-libanesa, a princípio muito fechada, dedicava-se ao comércio. Os seus componentes eram chamados de "galegos, árabes ou turcos" e depois "gringos", como todo estrangeiro.

A casa adquirida na Aldeota lhes dava um destaque especial. De lá se via boa parte da praia. Para o casal e as empregadas, "tem a vastidão do mundo". Os móveis da sala de visitas, da sala de jantar e dos quartos, além da geladeira, era o que existia "de mais caro e moderno". O automóvel do casal já não correspondia "com o preço e a riqueza do nosso bangalô. Chico pensa em vendê-lo, para comprar um de melhor marca". Comerciantes, industriais e banqueiros, "gente do círculo social do meu marido" eram os convidados, que "conversavam, riam, cochichavam em redor da mesa coberta de bolos finos e bebidas caríssimas."

Grande número de páginas do livro é dedicado à história de vida do casal, onde se ressalta a sua ascensão social. O bangalô, adquirido na Aldeota, constitui a prova da posição social desfrutada. Entretanto, um capítulo do livro é dedicado à "marcha do Pirambu," revelando o outro lado da cidade. Diversas eram as áreas ocupadas pela pobreza, que haviam surgido em Fortaleza no período de 1930 a 1950, como o Pirambu, o Cercado do Zé padre, o Lagamar, o Morro do Ouro, além de outras aglomerações, que circundavam os bairros mais valorizados. Dessas, o Pirambu teve um destaque especial, não só pela ação social do padre Hélio Campos, responsável pela organização de uma famosa passeata no centro da cidade. Nas palavras do sacerdote,

> Ninguém esperasse atitudes agressivas, atos impensados da parte dos tuberculosos, dos subnutridos, dos maltrapilhos da sua paróquia. Eles desejam apenas armar à vista de todos o contraste entre o subúrbio faminto e a cidade rica de arranha-céus, de palácios, de

> jardins iluminados, de ruas e praças respiráveis (CARVALHO, 2003, p.412).

O "real" do cotidiano urbano, presente na narrativa do "contador de histórias", Jader de Carvalho, pesa mais forte do que as "metáforas de longo alcance," considerando as revelações da memória social analisada, onde a ficção e a realidade não se dissociam.

Resquícios da memória individual[48]

A ânsia de penetrar no labirinto da "Ego-história" me acompanhou no curso "do fio e dos rastros", (Cf. GINZBURG, 2007), da minha experiência existencial, mesmo antes de que esta opção metodológica fosse inserida na produção acadêmica. Se esse desafio persistiu, ao longo de mais de meio século existencial, por outro lado sempre o senti barrado, pois a sua representação se me afigurava de uma forma desestimulante. Entretanto, graças à descoberta do alcance da "história oral" e às revelações dos encontros da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), as fronteiras entre história e memória, ao invés de constituírem uma barreira, afloravam como representações que possibilitavam aproximar o que parecia impossível. É como se fossem duas fontes, em posições paralelas, mas com traços comuns, simbolizados



48. O conteúdo deste capítulo foi publicado, sob o título — Seminário da Prainha: limites e possibilidades da "Ego-História', como opção metodológica — na CLIO — Revista de pesquisa Histórica N. 25-2, 2007/Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas; apresentação Marcus J.M. de Carvalho, Edson Silva. Recife: Ed. Universitária da UFPE,2008, p.293-323.

pela água cristalina fluida. Mas foi a leitura de **memórias, Sonhos e Reflexões**, (JUNG, 2006), que me fez descobrir as dimensões do inconsciente:

> Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nela repousa aspira a tornar- -se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade. A fim de descrever esse desenvolvimento, tal como se processou em mim, não posso servir-me da linguagem científica; não posso experimentar como um problema científico. (JUNG, 2006, p. 31)

O pesado conceito do que se concebia como científico explica o dilema de Jung em aproximar o seu mundo interior do crivo acadêmico de sua época, panorama bem diferente dos dias atuais, onde o "não dito" e a "desconstrução" expressam a ânsia de romper com verdades anteriormente consagradas.

Na realidade, o termo labirinto me remete à infância, às leituras de histórias, que eram transmitidas em uma das produções de Monteiro Lobato. Acho que não era a sua conhecida "História do Mundo para Crianças", presente do mano Adalfran, onde pela primeira vez ouvi falar do evolucionismo, inclusive com ilustrações sobre a formação do sistema solar; mas era uma outra, das suas muitas produções, que aproximavam o cotidiano do mundo rural de Dona Benta e de Narizinho às tramas das lendas gregas. Na minha memória ficou retida a configuração da capa desse livro, um desenho, em cores vivas, que mais parecia uma caricatura do "Minotauro", com cabeça animal e corpo humano, a desafiar o leitor.

Todavia a muralha recalcitrante à libertação dos recônditos da memória foi a minha formação profissional, na segunda metade dos anos sessenta, quando as lembranças e as narrativas de-

veriam ficar a reboque de uma visão redentora das experiências coletivas. Refiro-me ao culto consolidado, no meio universitário, à supervalorização da infraestrutura de um marxismo plural, porém "mono causal", dignificado como revelador do real significado das contradições históricas.

O usufruto do avanço das análises históricas, registrado nessas últimas décadas, quando do meu estágio de "pós-doutorado"[49], simbolizou a descoberta da "flor de lótus"[50], nas águas turvas do modismo da história cultural. Sob a orientação da professora Sandra Jatahy Pesavento, os resquícios da memória individual me fizeram mergulhar no poço da "memória social" e no mundo do imaginário, possibilitando aproximar minhas lembranças de vida a experiências sociais, compartilhadas com colegas do "Seminário da Prainha". Nessa instituição considerada como modelo de formação, ingressei aos onze anos de idade, portanto no período



49. Curioso foi o meu receio, quando parti para o pós-doutorado, quanto a uma possível reação da professora Sandra Pesavento em orientar um projeto de história, que ousava apoiar-se em conceitos teóricos da psicologia. Mas no primeiro encontro com ela, em um restaurante, a presença de uma sua colega, coordenadora do Grupo de Pesquisa de História cultural, da ANPUHRS, a psiquiatra e historiadora Nádia Maria Weber Santos, que me estimulou e durante toda minha permanência em Porto Alegre me fez conhecer melhor o significado da contribuição de Jung, demonstrando a possibilidade de nele apoiar uma análise histórica. Cf. o "capítulo I — As representações Simbólicas e o Inconsciente nas Ciências Humanas" in SANTOS, 2005,p. 39-71.

50. Lótus, "flor que poderia dizer a primeira que desabrocha sobre águas geralmente estagnadas e turvas com uma perfeição tão sensual e soberana que é fácil imaginá-la, in nillo tempore, como a primeira aparição da vida sobre a imensidão neutra nas águas primordiais." — Cf. CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993,pg. 558. Para quem foi moldado numa forma positivista, na continuidade de um legado escolástico de aprendizagem, solidificado com os ditames do "marxismo vulgar", na turbulência dos anos sessenta, num curso de História, destinado apenas a formar professores, quando ainda não se sentias a força renovadora dos Annales, novas vias foram abertas, no estágio de pós-doutorado em História, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 01.09.2006 a 01.09.2007, com o projeto "Seminário da Prainha: uma outra Fortaleza", com o apoio do CNPq

1960-1965, mas sobretudo até 1963, último ano em que os padres lazaristas, em sua maioria mineiros, permaneceram na direção dessa instituição. Segundo a professora Sandra,

> Dá-se o nome de imaginário a esta capacidade, essencialmente humana, de representar o mundo por um mundo paralelo de sinais, capacidade mental que se expressa através de imagens, palavras, ideias e práticas. O imaginário vem a ser, pois, um conjunto de representações coletivas que dá sentido à realidade.[51] (PESAVENTO, 2004)

Nessa perspectiva, o imaginário não é definido como o antônimo da realidade, mas uma expressão da capacidade humana de sentir e demonstrar interpretações subjetivas sobre as diferentes paisagens que moldam o cenário cotidiano, ao longo do curso da existência humana.

A nossa percepção vai mais além, remetendo-nos às relações estabelecidas entre o "inconsciente pessoal" e o inconsciente coletivo." Ela ultrapassa o limite daquela concepção de um inconsciente, revelada por Freud, que o reduziu "às tendências infantis reprimidas." Conforme destaca Jung, "O inconsciente possui, além deste, um outro aspecto, incluindo não apenas conteúdos reprimidos, mas todo o material psíquico que subjaz ao limiar da consciência." (JUNG, 1987, p.3)

Assim, apoiando-me em novos conceitos, a busca de um fundamento teórico também me remeteu, mais uma vez, à valiosa revelação da micro-história, transmitida pelo Prof. Carlo Ginzburg, ao demonstrar o alcance da ficção e da narração históricas, que se mesclam como fontes alternativas à descoberta de análises reveladoras



51 PESAVENTO, Sandra Jatahy In: GRIJÓ; KÚHN; GUAZELLI; NEUMANN, 2004, p. 179.

Através dele, recebemos o estímulo capaz de romper o receio de fugir aos estreitos limites do que já fora consagrado na produção historiográfica. Entretanto, mesmo reconhecendo as fronteiras das novas propostas analíticas, Ele nos aponta outras saídas.

Contra a tendência do ceticismo pós-moderno de eliminar os limites entre narrações ficcionais e narrações históricas, em nome do elemento construtivo que é comum a ambas, eu propunha considerar a relação entre uma e outra como uma contenda pela representação da realidade. (GUINZBURG, 2007, p. 9)

Em todos nós há resquícios de memória que nos acompanham, ao longo da vida, fazendo-nos aproximar do que parecia distante, revelado através de diferentes representações, numa possível "circularidade", onde o passado rompe as barreiras do tempo, pois permanece conectado ao presente, talvez na ânsia de poder acatar, sem traumas, o indefectível futuro, de acordo com "o preciso achado de Santo Agostinho", a saber, "a estrutura discordante-concordante do tempo." (RICOEUR, 1997, p. 17)

A relação entre práticas sociais e a maneira de concebê-las, expressa por cada um dos envolvidos nas ações vividas, nos convence do significado das representações no curso das experiências históricas. Por isso,

> É do crédito concedido (ou recusado) à imagem que uma comunidade produz de si mesma, portanto de seu "ser percebido", que depende a afirmação (ou a negação) de seu ser social. O porquê da importância da noção de representação, que permite articular três registros da realidade: por um lado, as representações coletivas, que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de estilização da identidade que pre-

> tendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada. (CHARTIER, 2002, p.10-11)

Na transparência de tal conjectura espelham-se experiências individuais e coletivas, refletindo a pluralidade da ação humana, envolta na dialética social, estampadas em diferentes manifestações, muitas vezes complexas, mas simplificadas pelo uso da representação, uma forma de compreender o que se apresenta complicado.

Por isso, nas manifestações culturais, o peso das proposições, consagradas no passado, permanece como signo representativo do saber científico, mas a sua validade é definidora de novos rumos da cotejada cientificidade. No campo das incertezas e das probabilidades, as representações e as metáforas simbolizam manifestações em busca de uma compreensão do litigio, motivado pelas crenças e preceitos cultuados. Nessa perspectiva analítica, que ultrapassa as limitadas classificações consagradas pela tradição acadêmica, a dupla significação, apontada por Nobert Elias, para o termo cultura, abre uma perspectiva reveladora sobre as manifestações dos agentes sociais: além da produção registrada, "as práticas ordinárias", presentes nas relações cotidianas das comunidades revelam aspectos expressivos dessas práticas sociais. (ELIAS, 1994; CHARTIER, 2002, p. 10-11, 78, 92-94, 172, 232-233).

No desmonte dos modelos arcaicos, a razão humana não pode ser esquecida, mas o seu culto já não mais se sobrepõe a valores antes menosprezados, como a espiritualidade e a religiosidade. O ímpeto demolidor do iluminismo, antes definido como único farol capaz de inspirar o roteiro do almejado progresso, perdeu o seu fulgor.

O anticristo, de Nietzsche, tinha a sua razão de ser, na segunda metade do século XIX, considerando a estrutura ideológica e pastoral da igreja Católica ou das igrejas, exatamente na época em que o Seminário da Prainha foi implantado, em 1864, para enfrentar a laicização da sociedade (Cf. NIETZSCHE, 2007). Mas significativo, nesse pensador, foi o desmonte do culto à razão, como solução final a todos os enigmas existenciais. Entretanto, o pensamento de Nietzsche não foi algo isolado, mas reflete as indagações existenciais da segunda metade do século XIX, expresso num sincretismo, indicado por Paul Ricoeur (LEFRANC, 2005, p. 32) e numa nova perspectiva de análise, assim comentada por Foucault:

> O século XIX e em particular Marx, Freud e Nietzsche nos colocaram diante de uma nova possibilidade de interpretação: fundaram de novo a possibilidade de uma hermenêutica[...] (LEFRANC, 2005, p. 32)

As antigas fronteiras, mesmo sem terem sido destruídas, perderam o seu significado simbólico, no turbilhão ideológico, que expressa a pós-modernidade, cujas raízes remontam "ao desmoronamento da sociedade burguesa e do mundo eurocentrista por ocasião da Primeira Guerra mundial."[52]

As inquietações culturais manifestam-se em diferentes espaços, diferenciados, em suas dimensões sociais, mas próximos em suas experiências cotidianas, que refletem a ebulição das relações sociais. As ruas e os meios de comunicação revelam o amálgama das práticas humanas, demonstrando a limitação do tradicional conceito de classe, como medida de divisão social.



52. KÜNG, 1993, p. 18. R. Küng apresenta o "pós-moderno" "como conceito epocal da história mundial [que] aparece por primeiro na crise cultural da primeira Guerra Mundial, na esteira de Friedrich Nietzsche, o aguçado crítico da modernidade." — cf. nota 5, p. 19.para uma melhor compreensão sobre o assunto vide "1.Da Modernidade4 à Pós-Modernidade" in __,op. cit.,16-53.

Se as antigas fronteiras perderam o seu significado, a tradição erudita, manifesta na força do racionalismo, acusa os labirintos da memória, como fonte, uma vez que podem turvar a almejada "busca da verdade", idealizada como uma auréola envolvente. É como se houvesse uma revelação transcendental, exclusiva aos que sabem imiscuir-se nela, deixando-se absorver pelo seu ímpeto transfigurador. Persiste a busca de uma demonstração, mais inconsciente do que consciente do "espectro do positivismo ingênuo" que nos parece perpetuado, não apenas num passado remoto, mas fortalecido em uma "longa duração", mesmo ante as arrancadas "do ceticismo da pós-modernidade." (Cf. GINZBURG, 2007, p. 9)

Entretanto, tal "busca da verdade" não pode ser considerada como uma prova de uma imaturidade racionalista, típica do apogeu da modernidade, uma vez que ela aflora em diferentes manifestações do saber, qualquer que seja o tempo histórico vivido. Perigoso é querer impor as verdades reveladas com ímpeto automatizado, numa incoerência comportamental, na tentativa de esmagar o senso critico dos que convivem com os arautos das mensagens redentoras. Na realidade, "Tempo que se perde, tempo perdido, tempo que redescobre o tempo redescoberto são as quatro linhas do tempo." (DELEUZE, 2006)

E nessa busca da temporalidade, Deleuze nos aponta o alvo mirado:

> O essencial na Recherche não é a memória nem o tempo, mas o signo e a verdade. O essencial não é lembrar-se, mas aprender, porque a memória só vale como uma faculdade capaz de interpretar certos signos e o tempo só vale como a matéria ou tipo dessa ou daquela verdade. E a lembrança, ora voluntária, ora involuntária, só intervém em momentos precisos do

> aprendizado, para contrair o efeito ou para abrir novos caminhos. As noções da Recherche são: o signo, o sentido, a essência, a continuidade do aprendizado e o modo brusco das revelações. (DELEUZE, 2006, p. 85)

Portanto a verdade é imprescindível, mas o seu significado vai além da simples definição apresentada em um dicionário, ou seja, "o que está de acordo com o real; exatidão", uma vez que "o modo brusco das revelações" remete à subjetividade de quem as absorve. É como se cada agente do processo vivido constituísse uma modalidade diferenciada de filtro do conteúdo assimilado ou uma peça compressora dos grãos triturados, patenteada pela capacidade analítica, presente em cada ser humano.

Como fruto de um legado cultural, continuamos presos aos grilhões do contexto existencial, em especial quando nos sentimos concentrados no molde experimental de uma formação idealizada, fruto dos valores da época. Segundo a tradição, o receio de penetrar no que parece perigoso permanece instigante, pois nos acompanha como uma sombra sinistra, deixando-nos impotentes ante as regras sacrossantas, que norteiam a produção acadêmica.

Graças à posição desafiadora da história, "entre certezas e inquietudes", explorando "o indizível, ou a crise do causalismo", que remete a "uma transdisciplinaridade" (cf. DOSSE. 2003, p.325–339–403) ou ante a ameaça do "Texto Histórico como artefato literário," (WHITE, 2001, p. 97-116) análises desbravadoras revelam aspectos antes desconsiderados, abrindo perspectivas de produção, onde a narrativa ressurge como medula do trabalho proposto. E se as fontes se ampliam, ressaltando a oralidade como um canal revelador de uma história plural, a crise do racionalismo nos faz reconhecer outro manancial, incrustado no "inconsciente individual" e "no inconsciente coletivo". (JUNG, 1987;

1986) Assim, reconhece-se a aproximação fértil, entre a história e a psicologia, que revela "o símbolo como mediador entre inconsciente e historia",[53] possibilitando uma ampliação das fontes a serem exploradas.

Nessa probabilidade metodológica, uma temática simbólica, como o "o Seminário da Prainha, uma outra Fortaleza" nos possibilita usufruir de duas modalidades de informações, advindas da memória social: as lembranças pessoais, de quem ingressou no internato dessa instituição, aos onze anos de idade e ali permaneceu até os dezessete e a "memória coletiva", explorada através das 51 entrevistas realizada, no Ceará, no Piauí, no Maranhão, na Paraíba e em Minas Gerais, com arcebispos, bispos, ex-reitores, padres professores, "ex-padres" e "ex-seminaristas".

A princípio, conforme destacamos na introdução, o módulo da chamada "Ego-história" nos parecia favorável para compreender a dimensão histórica do Seminário da Prainha, considerando as referências divulgadas e o reconhecimento propalado acerca da validade de tal opção temática. O marco inicial do modelo difusor da nova abordagem analítica foi divulgado na conhecida publicação dos "Ensaios de ego-história". Entretanto, o depoimento de Roger Chartier a respeito dessa opção metodológica me fez repensar a sua validade.Para ele nem todas as histórias de vida cativam o leitor, pois nem todos são astros de cinema ou desportistas de renome. Só as histórias de vida de alguns mereceriam destaque (ARRIÈS; DUBY; LE GOFF, 1986).



53. "História e psicologia "e "O símbolo como mediador entre inconsciente e história" constituem sub-divisões do capítulo I — "As representações simbólicas e o inconsciente nas ciências humanas" do livro Histórias de vidas ausentes: a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental, da psiquiatra e historiadora Nádia Maria Weber Santos, que nos acompanhou, com dedicação, quando da nossa estada em Porto Alegre, durante o nosso pós-doutorado na UFRGS, nos nossos primeiros passos da descoberta do valor da análise de Jung.

No verso da capa, do referido livro, há a seguinte indagação e a respectiva resposta, explicitando o significado da expressão adotada e os seus objetivos:

> Que é ego-história? não se trata de uma autobiografia pretensamente literária, nem de uma profissão de fé abstracta, nem de uma tentativa de psicanálise. O que está em causa é explicar a sua própria história como se fosse de outrem, tentar aplicar a si próprio, segundo o estilo e os métodos que cada um escolheu, olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes se lançou sobre os outros. Em resumo, tornar clara, como historiador, a ligação entre a história que cada um fez e a história que cada um é produto.

Confrontando as duas exposições, mesmo sem desmerecer o conteúdo da publicação pioneira sobre "Ego história", prefiro comungar com os argumentos apresentados por Chartier, que me levou a redefinir a metodologia dessa proposta temática. Por isso, ao invés de rejeitá-la de forma categórica, prefiro a ela recorrer, mas apoiado em um conceito mais explícito, o de "memória individual". Portanto, vale explorar a minha memória, não de forma limitada, centralizando-a na projeção do meu eu, mas remetendo- -a ao coletivo. A meta almejada é considerá-la como uma observadora de experiências plurais, que revelem as ações individuais e as relações comunitárias, presentes no cotidiano de um internato.

Na tentativa de associar o individual ao coletivo, buscando entender o Seminário da Prainha, como expressão da micro-história urbana, o próprio Chartier nos aponta o alcance desta perspectiva analítica:

> Radicalmente diferenciada da monografia tradicional, cada microestoria pretende reconstruir, a partir de

> uma situação particular, normal porque é excepcional, a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem (CHARTIER, 2002, p. 84).

Memórias da Prainha, no processo de individuação

Se o Seminário da Prainha pode ser concebido como "um lugar social",[54] mesmo considerando a sua divisão espacial, que estabelecia fronteiras ente o "Seminário Menor" e o "Seminário Maior," a subdivisão do Menor, entre "Grandes" e "Pequenos," além da área reservada aos sacerdotes, responsáveis pela sua direção, seja a nível de acomodação particular, os quartos, ou mesmo em relação a uma capela especial e a uma área de recreio, a paisagem torna-se muito mais complexa se forem considerados os espaços particulares, recônditos, expressos na maneira de ser e de agir de cada um dos componentes da pluralidade enunciada.

Tal reflexão me remete às ondas revoltas do "Enredo e verdade na escrita da história" (MALERBA, 2006, p. 192-210), onde White deixa explícito o ímpeto da subjetividade, florado com maior intensidade, a partir do modernismo, uma vez que "relatos narrativos" não se expressam apenas como reproduções factuais, mas deixam-se identificar pela maneira específica como os fatos são reconhecidos.



54. Para Michel Certeau, "Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc." — Cf. CERTEAU, 2000, p.66.

Dessa maneira, "um relato narrativo pode representar um grupo de eventos que tem a forma e o significado de um épico ou uma estória trágica, e um outro pode representar o mesmo grupo — com igual plausibilidade e sem violar nenhum registro factual — descrevendo uma farsa." Aqui, o conflito entre "narrativas que competem" tem menos a ver com os fatos da matéria em questão de que com os diferentes significados da história pelos quais os fatos possam ser contemplados na elaboração do enredo. (MALERBA, 2006, p. 193)

Nessa perspectiva, a representação que se delineia de forma figurativa, na narrativa proposta, constituiu um estímulo persistente à revelação de parte do meu processo de "individuação".[55]

O meu ingresso no Seminário da Prainha, em 1960, aos onze anos de idade ainda permanece vivo. O velho casarão do seminário se me afigurava disforme, com suas inúmeras janelas, no térreo e no andar superior, figurando ao lado uma igreja azulejada, na esquina da rua monsenhor Tabosa com a avenida D. Manoel. Os sinos, a marca indelével da centenária instituição, expressavam alegrias sentidas ou marcavam momentos sofridos. O carrilhão da Prainha sempre dobrava melancólico ao entardecer, externando a instabilidade do anoitecer.

Transpus rápido pela grande porta. Meu pai ficou sereno, aparentemente. Um nó na garganta impedia-me a voz, oprimin

55. "O processo de individuação", "um processo lento" e "imperceptível do crescimento psíquico" assim nos é explicado: "Observando um grande número de pessoas e estudando seus sonhos (calculava ter interpretado ao menos uns 80.000 sonhos), Jung descobriu não apenas que os sonhos dizem respeito, em grau variado, à vida de quem sonha mas que também são parte de uma única e grande teia de fatores psicológicos. Descobriu também que, no conjunto, parecem obedecer a uma determinada configuração ou esquema. A este esquema Jung chamou ó processo de individuação'. — JUNG e VON FRANZ, 2002, p. 160 e 161.

do saudades. Mamãe ficara a chorar, quando da despedida, como se a partida fosse definitiva. Só ao ingressar no prédio percebi o sentido daquelas lágrimas. Escurecia. Penetrei silente. As paredes espessas deixavam-me inquieto. As arcadas dos longos corredores, de cada lado do grande pátio, mal cuidado e coberto com fícus verdejantes, elas eram parte de um cenário, que tinha seu centro no velho pedestal de São Vicente de Paulo, marco do cinquentenário da casa, disseram-me, cobrindo com um manto uma criança e conduzindo outra pela mão. Diziam as boas línguas que o pequeno, encoberto pelo manto, conseguira fechar os ouvidos às picantes anedotas, contadas por alguns seminaristas. De um lado, cinco salas de aula, de outro, o longo refeitório dividia o Seminário Menor do Seminário Maior.

Ao fundo, um velho galpão, onde os pequenos — no Menor havia a divisão entre pequenos e grandes — se compraziam, foi a primeira visão do futuro palco cotidiano. Um grande viveiro fora colocado perto do corredor, que levava à capela, por trás da estátua de São Vicente e à frente de um pequeno campo de basquete. Uma rolinha mansa e diversos pássaros, presos em um grande viveiro, expressavam um ar de tranquilidade.

Dirigi-me à rouparia, ou melhor, até lá fui conduzido por um levita fanhoso. Velhos guarda-roupas com uma prateleira, porta sem fechadura, continham os pertences de cada um. Ali era proibida a conversa, como se o segredo das queixas fossem pacientemente dobradas, como as peças de roupas.

Desarrumei a mala, retirei uma colcha de cama, lençol, pijama, pasta, sabonete e pente, sem excluir a indispensável batina, peça de grande utilidade, não apenas para as missas solenes, mas para a troca das surradas roupas. Subi a escada, cruzei as anti-higiênicas privadas, as "casinhas", como por lá eram denominadas. Coube-me uma velha cama de ferro. Três prolongadas

filas de camas, algumas delas da marca "patente", de madeira, espalhavam-se pelo soalho antigo, que terminava aos pés de uma imagem de Nossa Senhora das Graças. Era o velho dormitório, onde ao apagar das luzes, apenas permanecia a débil iluminação de três frágeis lâmpadas, pendentes do teto. Antes de deitar, jovens sonolentos, às vezes bocejando, postavam-se reverentes ante a imagem, já vestidos com os pijamas, toalhas aos ombros, recitavam três "Ave Maria", tradição que garantia uma noite tranquila. Para escovar os dentes, além de uma pia antiquada no dormitório, as mais procuradas situavam-se no térreo, entre o "Salão de Estudos" e a capela. O meio desse espaço era ocupado por uma caixa d'água. Em torno dela, algumas banquetas, em alvenaria, cada uma com quatro torneiras, para o banho de rosto e o escovar dos dentes.

Ao pisar forte de um passante, todo o dormitório se embalava ao compasso das passadas pausadas. Contíguo a esse, ficava o novo, que se destacava pelo forro ainda conservado, poucas camas de ferro, mosaicos capelenses, janelas menores e um crucifixo na parede. No novo, além das diversas janelas laterais, duas se voltavam para o campo de futebol, permitindo alongar o olhar, pois se podia ver nitidamente, à noite, o farol do Mucuripe acendendo e apagando, como se representasse uma ilusão nascente e uma esperança decadente. Às noites, costumava debruçar-me sobre uma das janelas para contemplar o pisca- -pisca insistente, acariciado pela brisa. Ao lado direito, a caixa d'água destacava-se como sentinela avançada, de onde se tinha uma visão para além dos muros. O contínuo pestanejar do farol longínquo se associava ao silêncio que envolvia em seu manto calmo as inquietudes cotidianas.

Ao procurar trocar de roupa, colocavam-nos numa encruzilhada: dirigir-se às sempre molhadas "casinhas" ou enfiar-se na

própria batina e, metendo as mãos em uma abertura por trás dos dois bolsos laterais, passagem secreta para tais emergências, podia-se tirar a incômoda cueca. Tarefa simples, mas estafante pra um novato como eu. Ainda bem que um companheiro socorreu- -me no fatídico momento, demonstrando como banalizar o que parecia complexo.

Deitado, travesseiro recebendo o peso das preocupações, eu procurei localizar-me na incômoda cama, comparada com a costumeira rede caseira. Em uma alta noite, numa inexperiência latente, despenquei dela, acordando com o baque no tabuado antigo. Levantei-me atordoado e de novo me vi "nos braços de Morfeu".

Em mais de uma noite fui acordado com a pressa de um colega, que se levantava de súbito, fazendo barulho e corria em direção ao banheiro. Como o hábito tornara-se diário, durante o recreio, pois no dormitório o silêncio era obrigatório, insisti em que me explicasse, no dia seguinte, o motivo de tanta pressa no simples ato de levantar-se e o mais curioso, em quase todas as noites. Ele me pediu segredo absoluto para as sua resposta e fui fiel a seu pedido em não divulgar a razão do seu mistério: como ele costumava fazer xixi na cama, todas as noites, antes de dormir, amarrava um cordão na extremidade do pênis e ao acordar incomodado, corria ao sanitário, onde cortava como uma tesourinha, para dar vazão á urina retida. Às vezes acontecia de ferir com a ponta da tesoura a parte onde se localizava o nó, em virtude da pressa em livrar-se do incômodo. De acordo com sua opinião, melhor submeter-se a tal prática do que dormir numa parte do dormitório, mal vista por todos, reservada só aos "mijões".

Às cinco e trinta, um barulho súbito, vinha roubar-nos o sono profundo. Levantava-nos às pressas, ao som do sino, que re-

gia os diversos horários cotidianos. Com o banho de rosto, escoava de dentes e toalha pequena às mãos, a preguiça era espantada.

Passeando no galpão, em absoluto silêncio, nós aguardávamos o tinir da sineta, às vezes de uma forma lacônica, outra prolongada, sempre definida como a "voz de Deus." Será que a voz do Pai Eterno seria estridente como aquela que ressoava aos nossos tímpanos, com tanta insistência? De imediato, cada um se alinhava em uma das duas tradicionais filas, paralelas, organizadas por ordem de tamanho. A fila tornara-se uma tradição respeitada. Nela íamos à capela, ao refeitório, ao salão de estudos, acompanhado pelos regentes ou pelo "padre prefeito", responsável pela disciplina dos menores. Os regentes eram personagens estranhos, nomeados anualmente pelo prefeito, de quem recebiam as ordens do dia, vigiando e denunciando os que infligissem as normas estabelecidas. Havia o "regente", espécie de oficial do dia, encarregado de puxar a fila aonde ela fosse. Os outros três regentes postavam-se nos pontos estratégicos, às vezes com uma caderneta em punho, assinalando os fatos. Em todos os recantos suas figuras vagarosas nos acompanhavam, sempre com lugares marcados em espaços estratégicos, no dormitório, na capela e no salão de estudo.

Certa vez, o lazarista padre Mendes, prefeito de disciplina, ameaçou meus anseios sacerdotais: "você quer ser padre ao seu modo. Acabar com a fila, absurdo." A fila nos conduzia a todos os espaços traçados, inclusive à merenda, às nove horas da manhã. No galpão dos menores havia duas linhas paralelas, pintadas de preto, com uma certa distância entre ambas, onde se organizavam as filas e também eram distribuídas duas bananas a cada um, para o lanche.

Na capela pela manhã uma missa, uma breve oração após o almoço, à tardinha uma ladainha comprida e o "ângelus", re-

zado em pé. Estranho local a capela. Abafada e em estilo exótico. Dizem que a sua instalação fez parte das comemorações do cinquentenário da Prainha. Janelas ogivais com vidraças coloridas, com pequenos ganchos pendentes, presos à parede. Bancos lisos com porta missais. Um complexo altar de madeira, um trabalho bem acabado a mão, com vários nichos, onde se situavam São Luiz Gonzaga, São Vicente, Santo Antônio, dentre outros. No alto, uma imagem de Nossa Senhora, esmagando a serpente, muito semelhante a outra que se encontrava no dormitório, onde muitos dos colegas, antes de dormir, se ajoelhavam para rezar. Um arco verde e branco imitava um desbotado céu. Um harmônio velho acompanhava os arrastados cantos cotidianos.

A sacristia, pobre em paramentos e ornamentos, completava a capela. Iniciada a missa, o ajudante vestia a batina e os presentes seguiam um rigoroso senta-levanta, marcado pelo estalar de uma "cacholeta" de madeira, posta entre as mãos de um dos regentes. Todos se posicionavam na longa fila, destinada à comunhão.

O Seminário Menor era dividido entre os grandes e pequenos, de acordo com a idade e, consequentemente, o ano cursado. Havia dois dormitórios, dois salões de estudo e era proibida a comunicação entre grandes e pequenos e também com os seminaristas dos cursos de Filosofia e de Teologia, que compunham o Seminário Maior.

O Salão de estudos, com as tradicionais janelas no modelo das existentes na capela e, ao fundo, um soturno estrado, ladeado por duas escadinhas. Ali, sentado a uma mesa, ficava o regente do dia, tentando por ordem ao grande público. Extensas carteiras, com cinco lugares cada, estendiam-se até o final do salão. No mais, o silêncio dos estudantes atarefados, problemas

a resolver, redações rabiscadas, passa tempo garatujado, livros folheados.

Batida a sineta, uma campainha prolongava o alerta com impertinência. Um canto sacro era entoado, em latim e a fila se arrastava pelos corredores estreitos. Ao lado do salão de estudos ficava o galpão dos grandes, destacando-se pelo pequeno palco, com uma tradicional Virgem Maria, montando guarda. A rouparia dos grandes ficava contígua.

No refeitório, ocupávamos a ala esquerda, de quem vinha do Menor, sob a proteção de um crucifixo envidraçado. Longas e lisas mesas, em "marmorite", sem toalhas, com toscos e longos bancos laterais, os canecos de ágata ou copos de alumínio, nunca de vidro, caracterizam o refeitório. No alto, em meio ao colossal ambiente, um púlpito com microfone e um pequeno tamborete, local supliciado aos leitores. O padre Tomé Verman reclamava irritado do "converseiro" quase diário. Para ele, "no meu tempo" e lembrava a tradição, pois só no dia de São Vicente, na Páscoa e em alguma outra data significativa, a leitura às refeições era dispensada. Ao final das refeições, ouvia-se a leitura do Martiriologium Romanum", relatos sobre os mártires católicos da perseguição romana, segundo o qual, "in Cesarea na Capadocia.."

Apesar da seriedade das leituras, quando se ouvia um nome que, direta ou indiretamente, se referia ao de algum colega, parte dos ouvintes, sobretudo dentre os menores, rompia em irreverente riso, apesar da vigilância severa do padre prefeito. E a referência à "Virgem Anastácia" era o suficiente para encabular um Anastácio presente. "A Cabana do Pai Tomás", "Convertidos do Século XX" ou "Vingança, Não", do padre Pereira Nóbrega, foram alguns dos livros apresentados, que permaneceram na memória. Sobretudo esse último tornava o jantar mais ameno, graças ao relato

do filho sobre a coragem e audácia do pai do autor, o indomável Chico Pereira, nos sertões da Paraíba.

Quando o leitor gaguejava ouvia-se o tinir da campainha, em mãos do padre prefeito, que se sentava na extremidade da mesa central, bem defronte ao Cristo crucificado. Sua pequena mesa, onde se sentava, agregava-se a uma extremidade da mesa central, ocupada pelos pequenos. Algumas sobras nas travessas, frutas ou restos de sobremesas, o prefeito passava aos dois menores, que lhe estavam próximos. "Os beques", como eram chamados os dois felizardos, devoravam com avidez tudo o que lhes caía às mãos.

Certa vez, ao saborear uma banda de pão, molhada numa caneca com café com leite, "leite de padre", assim denominado o leite em pó, de origem americana, proveniente de doações internacionais, um dos colegas pegou uma chaleira, que se esvaziara rápida e começou a rodopiá-la. A chaleira não continha mais o café com leite, mas os mais vagarosos ainda prolongavam aquele momento, bebericando. Em seguida, um deles retirou a tampa e, para estupefação dos que estavam próximos, descobriu lá no fundo, esparramada, uma mísera rã. Arrepios e protestos tardios em nada modificaram a ocorrência considerada banal.

Casos curiosos às vezes divertiam os presentes. Na época do Seminário regional, após a saída dos padres lazaristas da direção do Seminário, o colega "Maralhas", proveniente do Maranhão e sempre perfeito na sua dicção, enchera o prato, quando lhe jogaram uma casca de banana dentro. Baixo e gordo, mais avermelho do que sua aparência tradicional de costume, ele levantou-se de forma solene, despejando todo o conteúdo sobre o "marmorite". Em outra ocasião, enquanto raspava com uma colher os sobejos de arroz em uma travessa, um colega, conhecido pela alcunha de 'Pirambu" o cutucou sorrateiramente. Irritado, levantou-se sisudo, pegou a travessa, dando com ela fortes bordoadas no magricela

atônito. Não me recordo se recebeu punição e se a ela foi submetido, deve ter sido daquelas mais brandas, afinal o rigor da disciplina dos lazaristas já não se fazia presente na disciplina dos internos.

Em raras ocasiões faltava energia durante a leitura efetuada nos decorrer dos jantares e, segundo boatos, quando as leituras se tornavam insuportáveis, "os cursistas", apelido dos seminaristas do maior, que cursavam Filosofia ou Teologia, desligavam a energia, provocando a raiva dos padres, responsáveis pela manutenção da disciplina.

Do meio do salão em diante, o aspecto do refeitório era outro: pequenas mesas com toalhas simples, cinco lugares em cada uma. "Humanismo comestível", diziam, expresso inclusive no direito a beber água gelada, sagrado privilégio dos "cursistas", diferente da situação dos menores, que só tinham direito a água das quartinhas. Em 1964, passou a haver verdadeira disputa pelas garrafas de água gelada, que restavam ao final das refeições, mas isso era regalia dos tempos democráticos, posteriores à aplicação da rígida disciplina pelos lazaristas.

Um carrinho médio, de madeira e com quatro rodas de ferro, com doces, sopas e comidas finas era dirigido pelo rubicundo "Frotinha", levita do Maior, que se encarregava de levá-lo aos padres, que ficavam na outra extremidade do refeitório, em uma grande mesa, dirigida pelo padre reitor.

Os serventes eram escolhidos com diligência. Havia indicação pelos regentes, mas o veredito final cabia ao padre prefeito. Com brancos aventais, circulavam radiantes, pois, ao final, usufruíam do privilégio de transportar doce e mais carne na travessa, como regalo de bem servir.

Um costume tradicional diluiu-se no tempo: os tradicionais sermões dos seminaristas do curso de Teologia, uma espécie de treinamento efetuado durante a refeição, sob os olhares vigilantes

dos superiores, que perscrutavam quaisquer deslizes teológicos ou de expressão.

O refeitório servia de divisa, marco avançado entre o Seminário Maior e o Menor. Impossível atravessá-lo sem a ordem expressa do padre prefeito. Uma vez, ferindo as santas regras, arrisquei-me por aqueles lados e fui, de modo grotesco, chamado à ordem pelo culto e respeitado padre Marçal Versianni dos Anjos.: "o lugar dos incircuncisos é do outro lado."

Um pátio pequeno, em mosaico, uma pintura retratando o venerando monsenhor Tabosa, uma pracinha com poucos bancos, um tanque com uma magra garça em cimento, uma velha tamarineira a servir de abrigo. No pátio um crucifixo grande, ao lado a quadra de futebol de salão uma infinidade de cubículos de madeira, razoáveis para a maioria, "pocilgas sub-habitáveis", para um exigente aluno de Filosofia. Alguns quartos mais bem-acabados, em alvenaria, em frente á quadra, pareciam mais simpáticos, com uma cama, uma mesinha de madeira, além de um velho guarda-roupa, constituíam o recanto dos invejáveis diáconos e de uns poucos levitas tonsurados.

A igreja da Prainha, com o seu velho alta-mor, num estilo rebuscado, centrado no espaço reservado à singela Nossa Senhora da Conceição da Prainha, ostentava na lateral o brasão de seu arcebispo Metropolitano, D. Antônio de Almeida Lustosa: "sub umbra alarum tuaraum" ("à sombra das tuas asas".) Por isso que D. Antônio não podia sentar-se, durante as solenidades, pois logo cochilava, às asas do senhor, segundo observadores atentos.

A parte central era dividida por uma pequena mesa da comunhão e um velho púlpito. Dois confessionários velhos quedavam- -se imponentes. Um São Jorge, que posteriormente teria os seus direitos cassados, ameaçador, dava um exemplo de força cristã. Os altares laterais, o da Medalha Milagrosa, bastante procurado

e o da Piedade, local preferido pelo padre Pedro Zinguerlé, para as suas missas.

Na ala direita, o altar do Sagrado Coração, onde o padre Tomé Verman costumava celebrar. Na parte central da igreja, de cada lado, mais dois altares, um, bastante enfeitado, de São Francisco, ladeado pelo de santo Antônio, mais singelo, palco das "missas relâmpagos," do padre Barros.

O coro, na parte superior da entrada igreja, pouco era ocupado, mas muitas vezes servia para os "adoentados" assistir as cerimônias religiosas, mesmo dormitando.

As torres esguias da Prainha desafiavam o céu, voltadas para o infinito, em sua singeleza escultural, escamadas de azulejos. E os sonoros sinos da Prainha, o centenário a dobrar nas manhãs festivas das Ordenações Sacerdotais, quando o "Ecce Sacerdos" ecoava pela igreja, enquanto vagaroso e solene, Sua Excelência Reverendíssima, D. Antônio de Almeida Lustosa, entrava paramentado, acompanhado de quatro ajudantes, vestindo batinas e portando roquetes. O arcebispo contrastava seu perfil esguio com as entradas triunfais, envolto em uma longa vestimenta roxa.

A ordenação sacerdotal constituía o alvo final da trajetória percorrida, ao longo de mais de dez anos de internato. Um privilégio "de poucos escolhidos, dentre os muito chamados". Geralmente ocorria no final do ano, a oito de dezembro, dia da Imaculada Conceição. Na entrada triunfal do arcebispo, alguns apetrechos litúrgicos chamavam a atenção: além do paramento episcopal, complementado pela longa alva, a estola era usada de forma cruzada sobre ela. Também eram usados o manípulo, uma pequena peça pendurada ao pulso direito, além do cíngulo, cordão com que o celebrante apertava a alva na cintura, o amito, um pano retangular preso às costas por duas longas tiras, o báculo trabalhado, levado à mão esquerda, a mitra posta sobre a cabeça,

que davam um aspecto peculiar àquela solenidade, como se fosse um mistério a ser revelado. O arcebispo dirigia-se a uma vistosa cadeira, ante a qual se ajoelhavam dois acólitos, para lhe lavar as mãos. Outro portando um grande missal, sustentava-o para leitura das orações, enquanto um outro acólito segurava uma candeia, que continha uma vela. Iniciava-se a cerimônia e a "Schola Cantorum" entrava em ação, com a junção de diferentes tonalidades de vozes e idades.

Além das chamadas ordens menores, iniciadas com a concessão da tonsura, havia o Subdiaconato e o Diaconato que, juntamente com a ordenação, constituíam as mais belas cerimônias. Quem recebia o diaconato, podia distribuir a comunhão, batizar e auxiliar mais diretamente no ministério sacerdotal. Entretanto, eram as ordenações sacerdotais as mais significativas na vida cotidiana da Prainha. Ante o arcebispo, o candidato ao sacerdócio, de alva e estola, submetia-se a uma queda simbólica; ajoelhava-se e, de súbito, com um baque surdo punha-se de bruços, apoiando- -se sobre os braços cruzados, à altura da testa. A partir daquele momento, o jovem renunciava aos desejos da carne e prometia dedicar a sua vida inteira à missão que lhe seria confiada. A família, em irradiante contentamento, acompanhava a cerimônia, que atingia seu ápice com a definitiva consagração: "Tu es sacerdos in aeternum, secundum ordinem de Melquisedec". Após o beija- -mão, iniciado pelos pais, com o abraço demorado da mãe, a primeira bênção era dada, acompanhada de efusivos cumprimentos dos demais familiares e colegas.

O rigor disciplinar nos remetia ao perfil dos que dirigiam o seminário, em sua maioria padres sisudos e exigentes. Entretanto, havia exceções. O padre Barros, um tipo estranho, moreno, renomado apreciador de fedorentos charutos. No seu quarto, chamava atenção o amontoado de livros e o cheiro forte do charuto a dominar o ar.

Sempre andava com uma pequena chibata de coro no bolso da batina, pois quando se sentia incomodado, sacava da chibata e punha o intruso para correr. Ensinava geometria, tentando explicar os complicados "teoremas pitagóricos": "Eu traço um triângulo de lá p'ra cá, ficando um espaço vazio no meio, macaco."

— padre, não podíamos ir ao meio...

— Ó estúpido, ali é um pântano de merda, você não pode atravessar.

Ante qualquer movimento suspeito, arreganhava os dentes desbotados pelo fumo e ameaçava colocar o "macaco" de joelhos, por "estar namoriscando, trocando beijocas", ou seja, conversando com os mais próximos.

Quando o sol da tarde batia de chapa, através da porta da sala de aula, refletindo na sua batina, deixava à mostra o reflexo de um velho calção surrado, por baixo da batina. Ele ficava furioso, quando os alunos começavam a sorrir, sem perceber o porquê da questão.

Ao passar pelo galpão do recreio, alguns seminaristas corriam-lhe ao encalço e ele tirava a célebre chibatinha do bolso e a pândega estava feita. Interessante é que o padre Barros não impunha receio, pelo contrário, divertia a todos. A bondade transparecia por trás daquela carcaça charuteira. Às vezes, quando vinha da merenda, jogava uma ou duas bananas e divertia-se como a disputa travada pela posse das mesmas. Dizem que zombava amigavelmente de algumas decisões dos "brancos", seus companheiros de vida religiosa, os lazaristas. Feio e irrequieto, com os cabelos eriçados, muito zombava, mas pouco ofendia. Humilde e singelo trazia-nos momentos de uma alegria espontânea, nem sempre presente num sistema de internato. Poderia mostrar-se orgulhoso ou cheio de si, com o domínio da complexa matemática. Para ele,

contudo, a simplicidade era contínua, como o eram as brincadeiras que preparava e as histórias contadas sobre a sua Juiz de Fora ou em relação ao presidente Juscelino. Sabia aproximar-se dos outros, despertando sentimentos, dissipando mágoas. Curioso foi o caso contado a seu respeito em relação à confissão. Todos os demais padres aceitavam ser confessores dos seminaristas, com exceção dele e do padre Pedro Zinguerlé, em virtude de sua idade avançada. Um dia um seminarista decidiu se confessar com o padre Barros e dirigiu-se ao seu quarto, batendo à porta:

— padre Barros, padre Barros.
— Que é que é, macaco?
— padre, quero confessar-me
— P'ra que pecou, macaco?
— Foi sem querer, padre.
— Então não há pecado. Vá embora.

E soltava uma sonora gargalhada, expressão da sua simplicidade.

padre Fernando Van Dick, holandês, olhos vivos como a tonalidade da sua careca. Fumava charutos finos, não tão redondos como os óculos que usava. Matemático severo, professor sarcástico. E lá se ia mais teorema, esparramado no quadro, não importava se fora entendido ou não, valia o horário cumprido.

padre Tomé Verman, grandalhão, também holandês, uma capa "a la Dom Bosco" aos ombros, olhos azuis, com seu andar vagaroso, cabeça branca e a voz pausada e sonora. Sempre atraía muitos penitentes, muitos o preferiam para confissão obrigatória, pois não ouvia bem, assim diziam. Necessário ter um confessor fixo, sem excluir a ação de um outro padre, o guia coletivo, denominado "diretor espiritual". As confissões em geral eram à noite. Colocava-se o nome do penitente e do confessor, em um pedaço de papel, em formato retangular ou no verso de um santinho, e

um colega se encarregava de levá-lo ao sacerdote destinatário, que mandava chamar o penitente.

Um penitente peçonhento, desejando confessar-se, dirigiu- -se ao quarto do reverendo e enquanto relatava seus pecados, começou a coçar-se com afinco. Instigado com a ocorrência, o padre Tomé afirmou: "Bom, amigo, vamos interromper a confissão, aprofunde mais, pode ser uma pulga".

O quarto do velho padre Pedro Zinguerlé ficava por cima do seu. Numa noite, o padre Pedro se esquecera de fechar a torneira e a pia passou a transbordar, espalhando água pelo soalho gasto, gotejando sobre o aposento do padre Tomé, que apanhou uma vara, usada em emergências e com três pancadas sonoras, sentenciou: "Pedro, Oh! Pedro, isso é água mesmo?"

professor de latim, ele chegava pontualmente à pequena sala de aula do quinto ano. Certa vez atrasou-se um pouco e a satisfação tomou conta da meninada. Súbito, no seu andar balançado, ofegante, chegou afirmando: "Meninos, eu caí" "oba, não haverá aula, comentava-se na surdina." Mas para surpresa geral, ele continuou: "eu caí neste artigo e vou lê-lo, pois." Como professor de história, no segundo ano ginasial, vibrava com as façanhas de Júlio Cesar e num arroubo de eloquência, ora imitava com as pesadas mãos o trote dos cavalos, afirmando: "lá vem Cesar." E os gaiatos dirigiam o olhar à janela, à espera do vencedor, bem para o local aonde o padre estendia o braço. Nas notas era sovino, se o sem sorte tirasse um cinco, continuaria pelo ano a fora com tal nota: "O Valmir está melhorando, dei-lhe um cinco, pois" e a esperança de melhor nota ficava para ano seguinte.

O padre..., vaidoso, marcou época. Foi nosso primeiro prefeito. Nomeou uma infinidade de regentes, uns doze, aproximadamente. Havia o regente de dormitório, regente de cada quadrado, do espaço de quatro em quatro pessoas, no refeitório, um bata-

lhão vigilante, na caça aos infratores. Escondido por trás das colunas, vigiava os nossos passos. Ainda me lembro da carreira e do susto que sofri, ao dirigir-me ao dormitório à tarde, aonde só se podia ir com autorização. Ouvi a sonora voz, que me amedrontava: "aonde vai?" Uma meia volta respondeu ao exigente "prefeito".

Às vezes interrompia as manifestações espontâneas, durante o recreio, reunia um grupo e punha-se a cantar: "não jogue pedra no telhado de seu vizinho, que é de vidro...". Também costumava nas sessões "chato-musicais" cantar o "quiça, quiça", escandalizando consciências amedrontadas. Segundo os que eram seus alunos, ele sempre se considerava o maior "quem sabe mais dogma ou inglês, nesta casa, respondam? "Perto de sua longa viagem, tornou-se diretor espiritual, por sinal considerado ótimo diretor, segundo alguns. Numa palestra matinal, verberava convicto: "não desgracem uma vida. Conheço um jovem que se ordenou apenas para satisfazer sua mãe, prejudicando a alegria de seus dias." Pouco depois dessa declaração, partiu para o Rio de Janeiro, deixando a ordem religiosa e lá conseguiu um emprego na VARIG, como intérprete. A explicação para sua saída surpreendeu a todos: ofendera uma freira, que engravidou e fora embarcada para a Alemanha. Diziam as más línguas que se a freira fosse do colégio da Imaculada, a honra da casa havia sido maculada. Comentava-se que ele tivera outros casos: com uma senhora casada, com outra moça, que o teria acompanhado.

Quando o acontecimento eclodiu, o reitor do Seminário ficou muito abalado. Imediatamente telefonemas soaram, providências foram tomadas e bocas foram caladas. Na manhã do dia seguinte, na capela dos menores, antes da missa das seis, anunciaram que o padre.. partira por motivo de grave enfermidade, que atingira sua mãe. Orações foram pedidas pela cura de uma doença fictícia de uma mãe saudável. O padre. Pedro Zinguerlé prometeu ao... rezar pelo pronto restabelecimento de sua mãe

e, posteriormente, indagou: "A mãe do... melhorou?' "Ainda não, padre Pedro, mas tenhamos confiança em Deus."

O Seminário Maior obteve imediata explicação, enquanto o Menor só soube do ocorrido posteriormente, pois não devia tomar conhecimento de tais ocorrências. Dizem que o reitor, aflito e preocupado, media as afirmações, arranhando diplomaticamente ocorrido.

O padre Pedro Zinguerlé, sempre curvo, continuaria a debulhar o seu velho rosário, pelos corredores afora, intercedendo pelo que lhe recomendaram orações. Sua batina surrada, a barba por fazer, a faixa sobre a batina, à altura da cintura, mal colocada, parecia uma cauda": "Hélas, miserable" e se ia com suas saudosas lamentações. Por ser da região da Alsácia Lorena não simpatizava com os alemães. Viera para o Brasil há muito tempo e pode acompanhar parte da conclusão das obras do prédio da Prainha. Dizem que o velho relógio do seminário fora por ele comprado, por cinco mil réis e brigara com o relojoeiro sovina, que não quis deixar por quatro e quinhentos. Contavam-se muitas histórias a seu respeito. A santa infância era a sua preocupação constante. De colégio em colégio, de sala em sala, angariava pequenas doações para enviá-las à Ásia, onde trabalhávamos padres da congregação da Missão. Para combater a preguiça, contava o caso de um aluno de filosofia que, indisposto a ler um estudo de Santo Tomás de Aquino, rapidamente cochilara, enquanto um jumento penetrou no seu quarto e devorou o pesado texto. Segundo padre Pedro, "o jumento saiu relinchando, filosoficamente."

Pe Antônio da Silveira Paixão, personagem enigmático, responsável pelo programa "A Hora do Pobre", apresentado na Rádio Iracema, com o objetivo de colher contribuições em donativos ou em dinheiro. Ensinava Geografia, no primeiro ano. Suas aulas eram ministradas no amplo salão de estudos. Ao entrar, soltava

a sua arrastada voz, iniciando uma "Ave Maria" caminhando em direção à mesa, situada num estrado, ao final da sala. De lá dominava toda classe, olhando por baixo das lentes, como se não quisesse estragá-las.

Uma vez o... chegou atrasado à aula, pois fora ajudar o "Biluca", uma colega de Milhã, a tirar a mala, que ficava guardada na parte superior da caixa d'água, toda forrada, pois ia sair do seminário. Ao descer, percebeu que haviam retirado a escada de madeira e jeito foi descer como podia, esparramando-se no chão. Pálido e trôpego, chegou atrasado à sala de aula:

— Moço, de onde vem?

— padre Paixão, eu fui ajudar o... a retirar sua mala.

— Você devia ter ido na mala do... Numa manhã silenciosa, antes da missa, aguardávamos o toque da sineta, quando o padre Paixão chamou o... Mandou que, com uma flanela, limpasse o Jeep, que pertencia à "hora do pobre". E em seguida afirmou:

— Vamos dar um a passeio de Jeep. Após o efetuar o serviço solicitado, ... abriu o portão, entrou no Jeep e, ao transpor o portão, o padre Paixão afirmou enfático:

— Desça, ... , o passeio terminou.

O padre Gumercindo Sampaio, baixinho e intransigente, professor do primeiro ano, sempre às voltas com as complicadas regras do latim. A aprovação nessa disciplina era a garantia de ascensão na íngreme rota da formação sacerdotal. Qualquer erro em uma das arguições feitas em sala de aula, o aluno era condenado a fazer até cem cópias da palavra ou regra desrespeitada. Quando as cópias exigidas superavam a cem, alguns condenados ao castigo ousavam fazer apenas a metade do exigido, colocando papel em branco, no final, para fazer volume. Com piadas jocosas, era o assombro dos iniciantes.

"Qui, quae, quod, quem tem barba é bode". Desde o diaconato que lecionava, satisfeito em ser reconhecido como autor dos "Elementos de Latim", com regras e mais regras, declinações e vozes verbais. O "decoreba" constituía o principal meio de avaliação. Sofri um bocado em suas mãos.

Se deixasse a memória fluir num estágio contínuo, as reminiscências reveladas continuariam a me fazer penetrar, através dos corredores da Prainha, nos diferentes espaços e temporalidades de sua composição material, até ultrapassar a sua simples paisagem externa. Refiro-me ao misterioso corredor do nosso inconsciente, que é acionado através das possibilidades do rememorar e das circunstâncias cotidianas, no curso íntimo de cada um de nós. A maneira como a recomposição do passado é elaborada depende do estágio interior do narrador, ao expressar seus sentimentos e ver revelações através do caudal que transcorre no decurso dos relatos apresentados. Por isso não colocamos um ponto final do nosso depoimento, mas reticências que garantem a possibilidade de sua continuidade, através de outras narrativas.

O respeito às fronteiras estabelecidas ao pesquisador, de acordo com as normas técnicas recomendadas e a permanência do modelo valorizado, cria uma barreira simbólica ao possível avanço de outras modalidades interpretativas, em virtude do rígido respeito aos pressupostos básicos e aos pressupostos teóricos cultuados. Mas cedo ou tarde, dependendo da noção de temporalidade, outras maneiras de contar história são reveladas, através da adoção de moldes representativos, que não repetem o que se costumava fazer, mas abre caminhos antes considerados imponderáveis.

Como demonstrativo dessas considerações, remeto-me mais uma vez à profícua dimensão da "micro história", que sem des-

merecer experiências anteriores, busca ir mais além, para evitar a limitação de uma permanência metodológica em um campo do saber, marcado por contínuas mudanças.Com a revisão ou reinvenção da história, Hobsbawm denomina tal postura como ingresso na "grande época da mitologia histórica", após os anos sessenta do século passado, mas também observa que a historiografia passou "de uma perspectiva quantitativa a uma perspectiva qualitativa, da macro-história à micro-história, das análises estruturais às narrativas, da história da sociedade à história da cultura." (GINZBURG, 2001, p. 156 – 157)

Através dessa rota reveladora, as lembranças de um ex-seminarista, que ingressou no Seminário da Prainha, aos onze anos de idade, ali permanecendo até os dezessete, não se restringem a uma auto revelação de experiências narcisistas, limitadas á ação do "eu" como roteiro principal do conteúdo narrado. Creio que as revelações apresentadas ultrapassam o estreito espaço do meu mundo particular, pois revelam o que se apresentava fora do narrador, no labirinto dos corredores reais e simbólicos do histórico daquela instituição.

Por traz de cada caso relatado sempre figura uma mecha de ação coletiva, reveladora da memória social, que aproxima espaços geográficos distantes, considerando a origem de cada um dos colegas seminaristas, fossem originários de Fortaleza, de cidades distantes ou de outros estados do Nordeste. Todos haviam atendido "ao chamado do Senhor", embora conscientes de que "muitos eram chamados e poucos os escolhidos".

Os limites da "Ego-história" não impedem as possibilidades de divisar nela rastros que sirvam de roteiro a uma possível trilha inédita, símbolo de uma modalidade diferenciada de análise e fruto de uma associação entre o individual e o coletivo. Nessa perspectiva, as barreiras que lhe são impostas me remetem à

persistente querela entre as dimensões da história e da memória, que reforça as nítidas fronteiras entre ambas. E por não serem convergentes, persiste "a irredutibilidade da memória à história" (GINZBURG, 2001, p. 178). A memória, por mais significativa que seja não permite uma reconstrução real da temática evocada, pois o narrador se situa no presente, que molda sua maneira de analisar as experiências passadas.

O narrado sobre uma individualidade rima com coletividade e dela não pode ser dissociada, pois ninguém é uma ilha isolada, mesmo no mar revolto da pós-modernidade ou de uma "modernidade líquida" (OLIVEIRA, 2012, p.37).[56] Na revelação pessoal apresentada o eu não se apaga, mas se manifesta e quer ser preservado, pois não deve ser condenado, afinal, como diz o cronista "Estou plenamente convencido de minha humana transitoriedade, embora ainda pense, algumas vezes, que bem podia não ser assim. Eis a verdade possível: a única eternidade só existe no território da memória. Ser lembrado para continuar existindo." (MONTE, 2007, p.2)



56. Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, "Professor emérito de sociologia da Universidade de Leeds, propõe o conceito de "modernidade líquida" para definir os tempos atuais, em vez do já batido termo "pós-modernidade", que, segundo ele, virou mais um qualificativo ideológico que um conceito."

Memórias individuais, memória social: depoimentos

O reconhecimento do valor das entrevistas, como fonte histórica, ultrapassou as antigas restrições, antes impostas pelos defensores da "cientificidade da história" e/ou pelos opositores a uma "metodologia importada", considerada suspeita, inclusive pela sua forma de adoção no Brasil, por um órgão oficial, CPDOC, agravada pelo apoio e modelo americano adotado.

Nas palavras da conceituada professora Déa Ribeiro Fenelon,

> Devo esclarecer também que faço parte daqueles que de certa forma reagiram mal à história Oral, apresentada por entusiastas como a possibilidade da contra- -história, mas, ao mesmo tempo, praticada entre nós, e sustentada, na década de setenta, como a possibilidade de garantir a memória de elites governamentais da era Vargas, como era o trabalho inicial do CPDOC – única entidade a, concretamente, arriscar-se na direção de implantar um programa efetivo de história Oral. (FENELON, 1995, p. 23)

Os pesquisadores experientes reconhecem a sua validade, que rima com complexidade, afinal trabalhar com a chamada "história oral" é acautelar-se contra o velho hábito positivista e pós- -positivista, ainda presente mesmo na louvada "nova história," de reproduzir o que foi dito, considerando-o um "bem dito" histórico, expresso na narrativa colada, fiel à gravação, digitando inclusive os "Ah! Ah!" ou o tradicional "né" ou o costumeiro "hum, hum."

As discussões, na atualidade, centram-se mais na delimitação do campo da história oral, afinal ela é um metodologia ou um possui um "status de disciplina"? (FERREIRA; AMADO, 1998, p. XIII). O professor Carlos Sebe Bom Meihy sugere que

> ... a história oral galgue estatuto independente, próprio. Mais do que isto que sejam quebrados os grilhões que a acorrentam à história e que se proclamem, inclusive, a liberdade de outras afiliações disciplinares. Espera-se que as idéias semeadas aqui constem das agendas os novos oralistas que se vêem ante os novos desafios. (BOM MEYHI, 2008, p. 150;)

E no seu conhecido **Manual e história Oral**, além do polêmico conceito de "transcriação," ele destaca que "a vanguarda da história oral no mundo busca fixar fundamentos epistemológicos capazes de dar forças à proposta da história oral como disciplina." (BOM MEIHY, 2000, p. 32)

A maioria dos pesquisadores, filiados à Associação Brasileira de história Oral, (ABHO) definem a história oral como uma opção metodológica, não exclusiva dos profissionais da história. Entretanto, às vezes a discussão acirrada sobre a denominação de "história oral" ou "oralidade" leva a afirmações, nem sempre significativas acerca do uso do conceito de "oralidade". Nas palavras do professor Antonio Torres Montenegro,

> Na realidade, não trabalho com esse termo oralidade, opero com o conceito de relato oral.... E acrescenta: O que é interessante destacar é que os sociólogos, os antropólogos – hoje os educadores, muitas vezes os psicólogos – trabalham com entrevistas e nenhum deles faz antropologia oral, faz sociologia oral, nenhum deles afirma: "olhe, eu estou fazendo um projeto de educação oral"; não existe isso, então nós historiadores estamos trabalhando com depoimentos, com entrevistas, e essa categoria de oralidade, o que é isso? Eu não sei, as pessoas falam em oralidade como se isso fosse descolado da entrevista, como se fosse outro campo, não existe isso. (MONTENEGRO, 2008, p. 187 – 208)

No nosso entender, o uso do conceito de oralidade não precisa ser evitado, na elaboração dos trabalhos acadêmicos, no campo da "história oral." O importante é que o pesquisador a defina como um ramo do saber autônomo ou a como uma opção metodológica, que é a nossa opção. Para nós, sem desmerecer os demais manuais de "história oral", o elaborado pela professora Verena Alberti possibilita ao pesquisador principiante um roteiro seguro do emprego da "história oral," como opção metodológica, pois aplica e explica a sua longa experiência:

> A história oral pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualificativos etc. Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida método [sic] de investigação científica, como fonte [sic] de pesquisa, ou ainda como técnica [sic] de produção e tratamento de depoimentos gravados. Não se pode dizer que ela pertença mais à história

> do que á antropologia, ou às ciências sociais, nem tampouco que seja uma disciplina particular no conjunto das ciências humanas. Sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens. De se mover num terreno multidisciplinar. (ALBERTI,2005, p. 17 e 18)

Nessa perspectiva, o terreno multidisciplinar, que denominamos transdisciplinar, da "história oral," situa-se além das rígidas fronteiras, mais prejudiciais do que identificadoras, dos diferentes campos do saber das ciências humanas.

O conteúdo das entrevistas abaixo apresentadas constitui diferentes representações do passado vivido, lembrado, refeito.

Dom Vicente Joaquim Zico

Lazarista convicto, com dois irmãos lazaristas, Dom Belchior e o padre Tobias, três ascetas invictos, no modelo vicentino, três maneiras diferenciadas de viver em Cristo. Enquanto Dom Belchior se afigurava como o mais experiente, com maior poder de autoridade, o padre Tobias era o sacerdote singelo e Dom Vicente se configurou como o modelo ideal de sacerdote disciplinador, sempre sereno ante os que o cercavam. Fiel às tradições mineiras, católico, apostólico e muito mais romano, a sua maneira de ser e de agir representava um convite ao diálogo, apesar da sua fidelidade às normas reguladoras da conduta cotidiana dos internos da Prainha.

A convicção dos seus princípios morais e ideológicos, expressos na entrevista com ele realizada me tocaram fundo, fazendo-me entender o significado da existência dos que se dedicam à vida religiosa, com espontaneidade e convicção.

Ante os avanços propostos pelo Concílio Vaticano II, ele ficou na retaguarda pastoral de um Dom Helder Câmara ou de um Dom Fragoso, mas o perfil tranquilo e simpático do arcebispo emérito de Belém, do Pará a muitos faz bem. Em síntese, um romanizado romântico.



Sou arcebispo Emérito de Belém do Pará. Nascido no dia 27 de janeiro de 1927, em Luz, Minas Gerais. A congregação da Missão foi fundada por São Vicente de Paulo, na França, em 1517. Sua criação nasceu de um sermão feito por São Vicente, em Folleville, um povoado perto de Amiens. Convidado a trabalhar como padre, junto ao povo humilde daquela região, aconteceu-lhe fazer um sermão que tocou tanto o coração daquela gente, que muitos se apresentaram para se confessar, tanta gente que São Vicente se viu obrigado a recorrer à ajuda dos padres jesuítas de Amiens. Surgiu espontaneamente a ideia de se organizar uma missão permanente em atenção aos habitantes das aldeias do interior e para isso os jesuítas foram convidados, mas não o aceitaram ou não puderam comprometer-se. Não podendo os jesuítas aceitar o convite, por que não a São Vicente mesmo a ideia da constituição de um grupo missionário? — pensou a proprietária daquelas terras e do Castelo de Folleville, Madame de Condi.

Assim nasceu a congregação da Missão. A princípio São Vicente, com seus companheiros que ele reuniu, não se preocupou em elaborar um estatuto ou coisa parecida, para a pequena comunidade: pregava-se missão simplesmente. Somente depois de trinta anos de atividade missionária, e já organizada, de certo modo, uma "comunidade de vida," só então São Vicente redigiu as primeiras "Regras Comuns", aprovadas pelo arcebispo de Paris e, mais tarde, por Roma.

O Caraça foi o ponto inicial da missão dos lazaristas no Brasil. Dois padres portugueses da congregação, vieram para o Brasil, em 1819, com a finalidade de pregar missão no Mato Grosso. Dom João VI os recebe e convidou-os a conhecerem o Caraça, Minas Gerais, onde, anos antes se recolhera um Irmão, Irmão Lourenço, homem religioso e consagrado a Deus, vindo de Portugal, fugindo das perseguições do Marquês de Pombal: ali no Caraça, construiu uma ermida ou um pequeno oratório, onde reunia para a oração o povo humilde da redondeza. Por sugestão, então, de Dom João VI, os dois missionários portugueses, padre Antônio Ferreira Viçoso e padre Leandro Rebelo, ao invés de irem para o Mato Grosso, estabeleceram-se no Caraça e dali começaram um trabalho missionário, que se estendeu às vilas e aldeias próximas. De "casa de missão" passou a ser, mais tarde, também um "centro de educação", segindo nisso a última vontade do Irmão Lourenço, que deixou a Dom João VI (e este deixou aos padres) a propriedade do Caraça. Da missão e do colégio — o primeiro colégio de Minas Gerais — veio, sem muita demora, o projeto de um Seminário, origem do que nós chamávamos a "Escola Apostólica", para a formação dos futuros missionários de São Vicente no Brasil.

Meu pai foi sempre um ardoroso membro da 'Sociedade ou Conferência de São Vicente de Paulo". Foi vicentino desde a idade de quinze anos. Morava numa pequena fazenda, no interior de Minas Gerais. Transferiu-se para Luz, que naquele tempo era ainda arraial, com o nome de Aterrado. Em 1920, Aterrado foi constituído como diocese. Ali em Luz nasceram os seus oito filhos, exceto o primeiro e o segundo que tinham nascido na fazenda, Belchior e José Tobias. Belchior, com 13 anos, foi para o Seminário do Caraça, influência talvez de companheiros da terra, que o precederam. Influenciado certamente por Belchior,

entusiasmado por Caraça, para lá foi também o José Tobias. Os dois foram padres, mais tarde, e Belchior chegou a ser o segundo bispo de Luz, de 1960 a 1994. O exemplo dos dois me levou também para o Caraça. E sou, hoje, o que sou, pela Graça de Deus e pelo exemplo e influência de meus dois irmãos. Os três irmãos se tornaram membros da congregação da Missão, de São Vicente de Paulo.

Nossos estudos foram feitos no Caraça, cinco anos, e em Petrópolis, oito anos. Em Petrópolis me ordenei, em 1950, tendo feito ali dois anos de noviciado, dois de filosofia e quatro de teologia. O padre Belchior começou trabalhando no Seminário de Diamantina e foi, mais tarde, para o Seminário de Fortaleza, Ceará, de onde saiu bispo. O padre José Tobias começou como professor no Caraça, passou pelo Seminário de Mariana, de Brasília e esteve também em Fortaleza. Mais tarde, veio transferido para Belo Horizonte, onde foi pároco da paróquia de São José, do bairro Calafate. Eu fui logo designado para Fortaleza, trabalhando um ano na Escola apostólica de Antônio Bezerra. Estive por pouco tempo em São Luís do Maranhão, transferido daí para Fortaleza, Seminário Diocesano da Prainha, onde estive onze anos, prefeito de disciplina no Seminário Menor, diretor espiritual e reitor. Fui depois para Petrópolis, e daí enviado a fazer estudos na França. Terminei eleito, em assembleia geral, Conselheiro Geral da congregação em Roma, donde, depois de sete anos saí, em 1981, nomeado arcebispo Coadjutor, em direito à sucessão, da arquidiocese de Belém do Pará.

Eu era muito adolescente ou até criança, com 11 anos, quando fui para o Caraça, e terminei com 15 anos o meu Seminário Menor, na escola apostólica. Lembro-me muito dos professores e, principalmente de um, que era reitor ou superior do Caraça, padre Antônio da Cruz, português, famoso pela severidade, famoso

também como grande professor de português. Era evidente a dedicação dos padres, a seriedade com que se aplicavam ao ensino e no zelo para a aplicação aos estudos que eles incutiam aos alunos, mas eu gostava sinceramente. Gostei muito do Caraça, da paisagem, do clima, das diversões, da seriedade nos estudos, da convivência dos colegas, do relacionamento com os professores, todos padres. O Caraça é um sítio isolado, um Seminário construído entre montanhas muito altas, tudo silêncio. Os horários eram rigorosos, e eu me lembro da severidade quanto à pontualidade: sineteiro que eu era, se atrasasse de um minuto, no tocar o sino, era uma repressão daquelas!

A minha primeira impressão sobre o Seminário da Prainha veio do número enorme de seminaristas, funcionando no mesmo prédio o Seminário Maior e o Seminário Menor, separados pelo pavilhão do refeitório, onde todos os seminaristas se reuniam para o almoço e o jantar, trezentos seminaristas. Pelo fato de ter sido disciplinário ou "prefeito do Seminário Menor", não somente gostei do ofício, mas apreciei particularmente o ambiente de muita alegria, muita vida entre os seminaristas. Eu vivia quase exclusivamente para o Menor, mantendo pouco contato com o Maior, onde tinha uma aula de "liturgia prática", isto é, gestos e cerimônias da liturgia. Mais tarde fui professor de "liturgia verdadeira", podendo então apreciar e saborear a espiritualidade e a riqueza da liturgia, que eu hoje considero uma mina riquíssima de espiritualidade pessoal e comunitária. O Seminário era dotado também de severidade, mas algo diferente do Caraça: havia ali a prática das saídas mensais das quartas feiras, e depois os passeios ou saídas coletivas, que programávamos: fui, muitas vezes, com os alunos à Praia do Futuro e à Barra do Ceará. Nas férias, eu tinha o costume, como prefeito de disciplina e mais tarde como diretor espiritual, de ir às cidades onde residiam os seminaristas,

conhecer suas famílias, passando uns dias, ajudando o padre e familiarizando-me um pouco com os pais e irmãos do seminarista.

Eu me lembro de que o número de alunos do Seminário Menor era geralmente de 170 para cima e, no Maior, de uns 120 mais ou menos: estes, seminaristas das diversas dioceses do Ceará.

Desde o Concílio de Trento, no século XVI, os seminários foram renovados, de acordo com a mentalidade e as normas do Concílio, e na congregação da Missão tivemos sempre o cuidado, quase a preocupação de seguir fielmente as normas da Santa Sé ou de Roma, em tudo, sobretudo no tocante à organização e orientação dos seminários: o que vinha de Roma não se discutia, observava-se. O muito rigor na formação veio, portanto, do Concílio até os tempos atuais, quero dizer até aos tempos do Vaticano II que renovou, particularmente neste campo, e continua sendo, é claro, o grande ponto de referência na formação dos futuros padres.

As aulas no Seminário eram ministradas com seriedade e rigor, posso dizer. O latim era a matéria "principal" no Seminário Menor e, no Maior, algumas aulas de filosofia e teologias eram ministradas em latim. Interessante que João XXIII, o papa da renovação da igreja, chegou a reforçar a norma das "aulas em latim". Consta, entretanto, que ele mesmo revogou, mais tarde, essa norma rígida.

A direção do Seminário foi confiada aos padres lazaristas. Da congregação eram sempre o reitor, a maior parte dos professores, os prefeitos de disciplina e o diretor espiritual. No meu tempo, éramos mais ou menos uns oito a dez padres lazaristas. Junto conosco, alguns padres diocesanos: lembro-me deles com muita amizade, sincero apreço e saudade, padres de muito valor, no Seminário da Prainha: monsenhor Zezinho, padre José Augusto, padre José Nilson, padre Jessé, padre Amarílio, padre Luiz

Moreira, padre Alberto Castelo, padre Paulo Ponte, padre Miguel Câmara (atualmente Dom Paulo e Dom Miguel), padre Gumercindo, padre Paixão, padre Paulo Almeida.

Ultra montanismo, montanismo lembram épocas de exigências e rigor na igreja. Já no século segundo, Montano via enfraquecimento da fé, falta de fervor espiritual. Vida tíbia, etc, e, na sua reação, apresentava-se presunçosamente como a voz de Cristo e do Espírito Santo para advertir e levar a igreja a retomar o seu verdadeiro caminho. No século XVII — creio — surgiu oultra montanhismo como doutrina e política dos católicos, sobretudo franceses que, opondo-se aos galicanos, se apoiavam na Cúria Romana e na autoridade absoluta do papa, como poder centralizado único e lutavam ferozmente pela pureza da fé e da disciplina da igreja. Trata-se, assim, do rigor excessivo, teológico e doutrinal, disciplinar e moral, que invadiu a igreja e teve repercussões também com Concílio Vaticano I, no tempo de Pio IX, no final do século XIX. A Eclesiologia, como a realização do Vaticano II, com os documentos Lumen Gentium e Gaudium et Spes, especialmente, recebeu um novo impulso e adquiriu um novo brilho, renovando a consciência da missão e do ministério da igreja nos nossos tempos. Algo semelhante havia acontecido no século XVII, no tempo de São Vicente, com a heresia jansenista, contra a qual lutou fortemente o "Pai da Caridade".

O padre Josafá, que é hoje o grande Frei Carlos Josafá, pregou recentemente um retiro para os padres lazaristas, no Caraça, e dizem que deixou a impressão de profundo conhecedor de São Vicente. Eu o conheci, aliás, como uma pessoa "fora de série", colega que foi do meu irmão D. Belchior, em Petrópolis. A nossa província da congregação passou por uma forte crise, em 1947 mais ou menos, e nós infelizmente o perdemos, vendo-o transferir-se para a Ordem dos Dominicanos. Lamentamos todos que

ele e mais outros — entre os quais o meu colega José Rocha, conhecido como frei Mateus Rocha, - nos tenham deixado. Mas Deus permite que aconteçam na igreja — e na congregação — essas crises e perdas. Creio oque o que havia de "avançado para aquela época", foi a sede de renovação ou atualização, o desejo de menos rigidez disciplinar, de mais abertura, na liturgia, nos estudos bíblicos e teológicos, de formação mais aberta e mais autêntica, etc., é o que eu imaginava.

Essa renovação era uma mentalidade que se foi desenvolvendo rapidamente. No Brasil, começou, por exemplo, um movimento de renovação litúrgica, a partir da encíclica "Mediator Dei", de Pio XII sobre a liturgia, e, com a liturgia renovada, a convicção da necessidade de se atualizar ou renovar outras coisas mais. Outra encíclica de Pio XII, a "Mystici Corporis Christi", sobre o corpo místico de Cristo, bela encíclica, talvez de caráter acentuadamente romano e centralizador, e uma terceira carta do mesmo Pio XII sobre a sagrada escritura. "Divino Afflante Spiritu", e posteriormente a "Menti Nostrae", sobre a formação sacerdotal, todos esses documentos contribuíram sem dúvida para o aperfeiçoamento e a renovação de vida na igreja, mas estiveram também, a meu ver, na origem de muita crise.

Como diretor espiritual, eu acompanhava os seminaristas, na oração da manhã, ajudando-os a meditar, fazia-lhes palestras frequentemente, - semanalmente, se não me engano, - uma reflexão espiritual, e ficava depois inteiramente à disposição dos seminaristas, atendendo-os individualmente. Assim procedia como diretor espiritual do Seminário Menor. Alguns do maior também vinham a mim, para se orientarem. Era assim bem diferente a maneira de tratar, ou como disciplinário, ou como diretor espiritual: acompanhava como diretor, digamos, o interior do coração de cada um, e animava-lhes a vida espiri-

tual, a consciência para os deveres, quanto à fraternidade, aos estudos, à vida em geral, ao seu futuro enfim, ou orientando-os para o sacerdócio ou encaminhando-os, se fosse o caso, para outro tipo de vida no mundo. Confesso que o tempo de diretor espiritual, no Seminário Menor, foi o mais feliz da minha vida. Fiquei no ofício quatro anos. Depois, quando meu irmão se tornou bispo, - era o diretor do Seminário da Prainha, - fui nomeado reitor no seu lugar, de 1960 a 1963.Trabalhei com muito idealismo, com muita vontade de acertar, mas estávamos no tempo do Concílio Vaticano II, e a reviravolta foi grande. Houve dificuldades e sofrimentos, mas tenho para mim que o os sofrimentos não impediram a alegria de estar a serviço do seminário de Fortaleza. Os sofrimentos, aliás, para mim e para todos, foram provações e serviram para nos aperfeiçoar, renovar na visão e vivência do nosso modo de ser igreja e de trabalhar por ela.

Como reitor, primeiro eu gostaria de lembrar a figura do santo arcebispo, Dom Antônio de Almeida Lustosa. Ele acompanhava discretamente o andamento do Seminário: não ia ver como as coisas estavam "funcionando", eu é que ia com frequência à sua residência, para lhe expor como era que o Seminário estava caminhando. Agradeço a sua palavra, o seu apoio, a maneira paterna com que sempre ele me atendia. Em segundo lugar, sou grato aos padres que trabalharam comigo, padres lazaristas e padres diocesanos: é hoje um prazer voltar a Fortaleza, encontrar novamente o padre Jessé, que está enfermo, ou o padre José Nilson, com quem estive uma vez, reencontrar meus grandes amigos, hoje bispos como eu, Dom Miguel Câmara e Dom Paulo Ponte. Conservei grande amizade aos seminaristas da Prainha, que já me convidaram duas vezes para ir celebrar com eles, e tive o prazer e a emoção de vê-los numerosos, solenizando na igreja

da Prainha, a Missa com os seus cânticos de outrora, particularmente canto gregoriano, na Missa "De Angelis".

Para a manutenção do Seminário tínhamos, acho que desde o tempo do padre Horta, e depois continuou com o padre Egídio, a "Obra das Vocações Sacerdotais" (OVS). O ecônomo do Seminário coordenava e liderava o trabalho de motivar as paróquias, os movimentos, as famílias, no sentido de voltar as suas vistas e destinar os seus recursos para o Seminário. Havia promoções nas paróquias, visando arranjar recursos. No fim do ano, outubro ou novembro, havia uma festa, realizada no teatro José de Alencar, para a apresentação dos vencedores de concursos. Estavam presentes o arcebispo, os padres, todos os seminaristas, e muita gente de várias paróquias. Desta forma se mantinha o Seminário, cujas despesas eram realmente grandes para a arquidiocese. O povo era consciente disso e participava, ajudava, dando assim um testemunho muito bonito. Hoje não tenho mais lembrança do quanto se despendia, nem do quanto se arrecadava através da OVS. Certo é que, por meio da OVS sobretudo, se sustentava o Seminário da arquidiocese.

Havia uma biblioteca no Seminário, que ficava no segundo andar do prédio, na sala de reunião do conselho dos padres. Era uma boa biblioteca, mas, interessante, o uso da biblioteca, naquele tempo, não era como hoje. Hoje a biblioteca é importante lugar para consultas, elaboração de trabalhos pessoais. Havia monografias e trabalhos pessoais a fazer, faziam-se consultas, mas creio, não tanto como hoje. Se não me engano os próprios seminaristas do maior tinham para o seu uso alguns livros e publicações, a que podiam recorrer para seus trabalhos ordinários.

No Maior havia também os manuais para o uso de cada seminarista. Assim, conforme me lembro, para a filosofia, livros como o de De Nápoli, Jolivet, Josefus Gretd, o mesmo manual que

seguíamos nós em Petrópolis, Jacques Maritain, e para história da Filosofia, o padre Leonel Franca. Para a Teologia Dogmática, o texto manual era de Tancquerey sobretudo, escrito em latim, e algum outro de que não tenho muita lembrança. Para a Teologia Moral, o manual era o texto do padre Noldin, três volumes, também em latim, e mais os "casus conscientiae" de Genicot, sobre como resolver casos de consciência. Para a história eclesiástica, a "Historie de l'Église, de Louis Marion, em francês; para liturgia, um livro do padre João Batista Reus, SJ.

Sobre a saída dos lazaristas da direção do Seminário, a crise veio aparecendo com as iniciativas do "Movimento por um Mundo Melhor", o movimento de renovação litúrgica, o movimento de renovação pastoral, etc. Desenvolveu-se, então, a consciência da necessidade de uma renovação geral. Nesse clima, os seminaristas se reuniam com frequência, e não lhes faltavam o apoio e a participação de alguns formadores, de dentro e de fora do Seminário. Naturalmente vinham as críticas, vinha sobretudo a esperança, de que algo mudasse, o Seminário se abrisse, não permanecesse a rigidez que sentia, houvesse vida mais fraterna e mais diálogo entre formadores e alunos, menos distanciamento entre superior e súditos, ambiente mais familiar, mais fraterno. Com isso veio a crise, isto é, não somente sob forma de crítica construtiva, mas também de crítica negativa, insatisfação, esperança de mudança e reação. Aí veio o Concílio: claro que dos estudos e das discussões dos bispos em Roma, se sabia que nem tudo era muito tranquilo entre os próprios bispos, havia divergências entre eles, a crise existia portanto também lá. Houve grandes dificuldades, — nós sabemos — lá dentro e sabia-se que no Episcopado Brasileiro houve momentos de tensão e mal estar. Isto foi repercutindo especialmente nos seminários, e no mundo inteiro. Com o mal- -estar que surgiu, a direção do Seminário viu-se em sérias dificuldades: mais rigor então na disciplina?

Reagir contra a sede de mudanças? Contar com atitudes mais enérgicas e claras por parte do arcebispo? Ou, antes, entregar-lhe a responsabilidade de assumir o próprio Seminário, e, como congregação da Missão, retirar- -se? O mesmo se deu em Diamantina, em Mariana: a congregação julgou melhor entregar ao bispo o seu Seminário. Nessa ocasião D. José Delgado estava sucedendo a D. Lustosa, em Fortaleza. A ele, D. Delgado, a Província Brasileira da congregação da Missão (PBCM), entregou finalmente, em 1964, a direção do Seminário da Prainha, que se sustentou ainda uns poucos anos, mas acabou se fechando definitivamente, até nova ordem e melhores dias.

Não, não foi Dom Delgado quem colocou os lazaristas para fora. E é até bom que se diga: ele se interessou muito que os lazaristas não deixassem o Seminário, foi decisão da congregação mesmo que não viu mais condições de ficar dirigindo o Seminário, enquanto não houvesse na igreja definição mais clara ou uma renovação quanto à direção dos seminários.

Relativamente ao movimento dos seminaristas, do qual participava o José Olavo, os lazaristas deixaram a direção do Seminário, no início do governo de Dom José Delgado. Isto aconteceu igualmente no primeiro ano do mandato do padre Mont'Alvão como provincial da Província Brasileira da congregação da Missão (PBCM). Fazendo justiça à memória de Dom Delgado, devo dizer que ele não somente não afastou os lazaristas, mas ainda se interessou claramente em que eles permanecessem e, caso decidissem sair, vissem então a possibilidade de permanência de dois ou três lazaristas em Fortaleza. O padre Mont'Alvão, conheci-o muito bem, trabalhei com ele, sei que ele demonstrava grande estima para comigo; era um padre piedoso e sério, consciente da sua missão, mas, a meu ver, não muito feliz na maneira de se conduzir na solução de situações de crise, como ao que vivíamos naqueles

tempos verdadeiramente delicados e difíceis. Como provincial, ele veio do Rio a Fortaleza para verificar de perto a situação, e julgou que a PBCM não tinha mais condições de continuar dirigindo o Seminário, e com o seu Conselho decidiu afinal chamar "os seus padres" para o Sul, isto é, para o Rio de Janeiro.

Quanto ao padre Tomé [Verman] e ao padre Van Dick, lembro-me de que eles manifestavam vigorosamente a sua opinião sobre a situação do Seminário, dos seminaristas e do José Olavo em particular, mas suas queixas não vinham apenas deles, constituíam um parecer comum dos outros responsáveis pela direção do Seminário. Os dois simplesmente me pareciam os mais atingidos, e não escondiam os próprios sentimentos. Creio que o "problema" era mesmo a dificuldade de todos nós – problema e dificuldade para mim, em particular. É que não estávamos psicologicamente ou interiormente bem reparados para enfrentar, com sabedoria e com serenidade, a situação de mudanças bruscas e de crise, que tiveram origem naquele período de ante e pós Concílio. Deus nos provou a todos, e nós todos nos sentimos meio atordoados e meio perdidos. Sofri muito. Mas quero dizer-lhe que nada impediu que eu conservasse, como conservo, o amor ao Seminário da Prainha, grande estima para com os seminaristas, e olhasse a minha passagem de onze anos na Prainha e arquidiocese de Fortaleza como uma bênção de Deus para a minha pessoa, o meu sacerdócio e a minha missão de padre lazarista ou "filho de São Vicente de Paulo", chamado a servir a igreja nos seminários.

Eu tinha verdadeira veneração para com o padre Pedro Zingerlé. Ria das suas ironias, mas admirava-o, particularmente no seu zelo pela "Obra Missionária da Santa Infância". Com relação a minha pessoa, não esquecerei o nosso último encontro, o de despedida, quando fui chamado para Petrópolis, para nosso Seminário. Ao partir, fui ao seu quarto e o vi contando as moedas que

lhe chegavam para a Obra da Santa Infância. Ao abraçá-lo, notei que ele quis ir até a portaria, deixando seu quarto. Sabendo da sua dificuldade de andar, procurei impedi-lo, ele porém fez questão de, mesmo quase impossibilitado, descer toda aquela escadaria, do segundo para o primeiro andar. Ajudei-o nisto. E, ao chegar à porta de saída do Seminário, ele tirou do bolso um crucifixozinho envolto em papel de seda, passou as minhas mãos e me disse: "Leve isto. É o símbolo do que — eu sei — você sofreu aqui neste Seminário." Até hoje, guardo com carinho e devoção esse crucifixo, que me acompanha infalivelmente nas minhas viagens.

Sobre o meu irmão Dom Belchior, é conhecido o episódio quando da sua eleição de bispo da diocese de Luz, Minas Gerais. Ele tinha o costume de se confessar com o padre Barros e, numa das suas idas ao quarto do coirmão para a confissão, achou de confidenciar-lhe: "padre Barros gostaria de ouvi-lo num assunto que, às vezes, me preocupa. Os padres gostam de brincar, dizendo que eu ainda vou ser bispo, e sinceramente fico com isto preocupado. Se isto viesse, de fato, a acontecer, que deveria eu fazer?" Sua resposta foi imediata: "O orgulho e a vaidade estão invadindo o seu espírito. Tire isto imediatamente da sua cabeça." O problema é que a pergunta vinha do fato de o padre Neto (Belchior), estava ali com a carta da Nunciatura no bolso. E, justamente no dia seguinte, o Vaticano tornava pública a sua nomeação, por João XXIII, como segundo bispo de Luz.

Padre Sebastião Agatão Dias

O nome do padre Agatão ficou associado ao de um inquisidor, delator, autoritário, se tomarmos por base, os momentos críticos da crise do Seminário da Prainha, em 1963, quando o

então reitor me aconselhou a deixar o Seminário, pois não me considerava apto a figurar no rol dos "poucos escolhidos", dentre os muitos convocados pelo Senhor.

Nada de extraordinário ou de conduta aberrante me era atribuído. Apenas por fazer parte dos que falavam mal dos lazaristas, considerando-os fora do tempo, para dirigirem uma casa de formação sacerdotal, fui incluso da lista dos possíveis exclusos. Na realidade, as malditas conversas de corredores sempre tinham registro através dos sigilosos fiscais do nosso cotidiano, os possíveis "olhos e ouvidos do Rei" que, ao relatarem aos superiores os colegas, considerados malditos, sentiam-se aliviados, ante a vigilância celestial, pois estavam cumprido a missão que a todos cabia, vigiar, mesmo sem o poder imediato de punir, mas de denunciar os desobedientes. Estarei correto em direcionar tal acusação a alguns ex-colegas ou o "vigiar e punir" dos lazaristas teria, no modelo "tridentino", mais uma vez teria demonstrado sua eficácia? Mais importante do que a localização do acusado é o significado do fato registrado.

O seu perfil se estampava como insignificante: de baixa estatura, a voz fanhosa, os óculos de altos graus, definindo-o como um sacerdote comum.

Entretanto, se dermos ouvidos ao depoimento do [padre] Elmas, que o conheceu, quando da sua primeira estada em Fortaleza, a configuração modelada anteriormente será modificada, revelando as contradições da história. Assim, visualizamos um outro padre Agatão, com indicativo de um ser humano coerente, cuja conduta tinha por base a mensagem evangélica. E os julgamentos, antes incisivos, metamorfoseiam-se em revelações figurativas. Ouçamos o relato do padre Elmas, excluído da lista dos que não deveriam ser ordenados sacerdotes, graças à ação do seu guia espiritual, o padre Agatão, na época mais conhecido como padre Dias:

> Havia naquele tempo [nos anos 50] uma corrente litúrgica, os liturgicistas, eles deixaram essa semente no seminário e eu fiz parte dessa influência, recebido dos padres Josafá, Hugo, Jorge e do Luz, também, mais moderado, o Luz era aéreo, mas entendia perfeitamente a gente. Havia outro, mais moderado, era o padre Agatão Dias, foi Ele quem me salvou, pois era meu diretor espiritual e quando estava nas ordens menores, para receber o subdiaconato, havia essas duas correntes litúrgicas dentro do Seminário, eu estou dizendo isso para você entender que a liturgia foi o começo dessa renovação, que levaria ao Vaticano II. Então, por fazer parte desse grupo, nós fomos preteridos da ordenação e eu não me considerava apenas um dirigido do padre Dias, considerava-me um amigo, a gente era muito amigo... E acrescenta: Foi nesse período do Montalvão, [reitor do Seminário] que se combateu o liturgicismo, [...] Para nós era Cristo no centro, e para os outros era a mariologia, os santos, a visão tradicional [...] Pois bem, a gente foi preterido e o padre Dias foi quem me salvou. Ele me chamou e disse: "está acontecendo isso, é caso de expulsão." (ELMAS)

Graças à intervenção do padre Agatão Dias, o Elmas foi ao arcebispo, Dom Antonio de Almeida Lustosa, que o acatou, recomendando ao reitor do seminário que o excluísse da lista dos que não deveriam ser ordenados. Outros seminaristas foram preteridos da lista dos "escolhidos pelo Senhor", e inclusos nos casos de expulsão: um de Sobral, dois de Natal e um dos expulsos, mais tarde, foi ordenado pelo arcebispo de Belém-Pa. O movimento litúrgico começou na França e tinha por base uma carta do papa Pio XII, chamada Mediator Dei, o Mediador de Deus, sobre a liturgia.

O padre Josafá e o padre Hugo Lopes, que era um cearense, de Guaramiranga, como não encontraram espaço entre os lazaristas, tornaram-se dominicanos. Na realidade, beneficiados foram os paroquianos de Milhã-Ce, que tiveram a chance de receber como seu primeiro vigário, o Pe Elmas, graças à intervenção do padre Agatão Dias. Em tais ocasiões, a tradição popular é reveladora: "Deus escreve certo por linhas tortas."



Nasci em 10 de Janeiro de 1922. A congregação da Missão significou isto, um direcionamento para a missão de evangelização dos mais pobres. Era a ideia de São Vicente de Paulo. Porque havia muitos padres, muito bem preparados intelectualmente, mas pastoralmente afastados, porque pretendiam ficar nas grandes cidades, como Paris, enquanto no interior havia poucos sacerdotes, muitas paróquias vazias. O próprio São Vicente trabalhou em paróquias desse estilo, de pobreza, de abandono e em compaixão pelo abandono dos pobres, Ele iniciou essa pastoral de evangelização. Procurou conseguir padres que pudessem ir ao encontro dessa necessidade do povo, sobretudo do campo. Começou com alguns padres seculares, que se associaram a ele, para fazer essas missões. Com a bênção de Deus esses padres foram se multiplicando e com o tempo adquiriram uma propriedade muito boa, chamada São Lázaro, onde São Vicente então deu mais desenvolvimento a sua obra, acolhendo os seminaristas, todos destinados a essas missões. E as missões foram progredindo, na França, e por toda parte, por causa do povo necessitado, ajuntou-se depois também a ação de São Vicente para a formação do clero. Reunia os padres, toda terça feira, lá em São Lázaro, de tal modo

que eles tivessem nas reuniões sem que pudessem fazer conferências, sobre a pastoral, assuntos religiosos, para se tornarem padres mais apostólicos, do que propriamente sedentários, em Paris, para ensino apenas. Depois, no próprio tempo de São Vicente foram aparecendo ocasiões dos destinados a missões se tornarem mais numerosos, para os lugares, primeiramente foram enviados a Sicília, na Itália, a Polônia, depois então foram enviados a Madagascar, e depois vieram para o Brasil. São Vicente morreu em 1660.

A vinda dos lazaristas para o Brasil foi no tempo de João VI, que trouxe padres para as missões em Mato Grosso. E os padres vieram de Portugal, e ao chegarem ao Rio de Janeiro, falecia no Caraça, em Minas Gerais, o fundador do Caraça, o Irmão Lourenço. Então o próprio Rei mudou o endereços desses missionários. Entre os quais se destacavam os padres Leandro e Viçoso. No Caraça instalaram uma Casa de Missão. Nessa época e desse modo começou o trabalho da congregação da Missão no Brasil.

A dependência ao Imperador era prejudicial, pois podia trazer ações contrárias à igreja, por exemplo o apoio por ele dado à vinda de protestantes ao Brasil, o que prejudicava a igreja Católica. Dom Pedro era um homem sensato, mas colocava sua autoridade acima da autoridade dos bispos, pois a sua opinião era que devia prevalecer. Há um caso interessante a esse respeito. Em Mariana, num exame de seminaristas, o Imperador estava presente, e o padre Chanavat ressaltou a independência da igreja manifestar suas opiniões, mas o Imperador não concordou.

A minha primeira estada em Fortaleza foi logo após a minha ordenação, em 1949 e permaneci até 1957, como professor. A princípio era professor só do Seminário Menor, depois assumi aulas no Maior, como por exemplo, aulas de Sagrada Escritura e

outras disciplinas menos importantes, como o grego bíblico. Ensinava nos últimos anos do Menor, mas fui muito estimado no Seminário Maior, onde os seminaristas me procuravam e eu gostava deles. Naquele tempo os seminaristas do maior eram chamados de cursistas. Sempre me procuravam para conseguir livros, para ajudá-los em sua formação sacerdotal. E através do padre Luz conseguia importar livros da França…Eu os apoiava na minha orientação, nas minhas conferências e eles gostavam, refiro-me aos daquela geração.

Quando cheguei ao Ceará, Fortaleza era muito diferente. Por exemplo, do Seminário em direção ao porto do Mucuripe, havia apenas uma rua com uma série de casas, muito humildes, pobres, as ruas não eram calçadas direito, eram muito primitivas, sem a devida urbanização. Do Seminário da Prainha para o centro é que começava a cidade mais organizada. Culturalmente a cidade era pobre, com poucas instituições culturais de destaque. O transporte ao centro em um ônibus que passava por lá, na avenida Dom Manoel, ia à Praça do Ferreira pela Duque de Caxias, passava pela igreja dos frades, a do Coração de Jesus e de lá voltava. Em 1957 fui trabalhar em Petrópolis.

No tempo em que cheguei a Fortaleza, em agosto de 1963, encontrei um Seminário muito diferente do que encontrei em 1949, quando o Seminário Maior, sobretudo, o Menor nem se fala, era estudioso, piedoso, tudo em ordem, sob a batuta do padre Cabral, tudo diferente do que pensava o nosso padre Visitador, O padre Demerval José Montalvão, que trabalhou por lá em 1952 e 1953, como reitor. Ele teve dificuldade de se adaptar ao estilo dos meninos. Já naquele tempo havia um certo movimento de descontentamento, do clero secular, um desejo de assumir o Seminário, como era o caso do padre Luís Moreira, que procurou criar para o padre Montalvão algumas dificuldades.

Quando ele me nomeou para ir para Fortaleza, para assumir o lugar do padre Vicente Zico, eu ainda pensava que a situação do Seminário era outra, eu não podia dizer nada, porque não conhecia mais. Antes eu fora bem aceito na Prainha e a princípio também nessa segunda instância, mas a situação do seminário era outra, completamente diferente. Os seminaristas não estavam satisfeitos, havia muita reivindicação, muito espírito crítico, e muito desejo sobretudo de maior liberdade, os seminaristas achavam- -se tolhidos, achavam a autoridade tolhida, numa hora em que os filósofos diziam que toda autoridade vinha de Deus, alguns não aceitavam tal ideia, reivindicavam uma liberdade que em parte eles podiam ter, mas queriam muito mais do que isso, queriam mudar o Seminário em uma república de estudantes, onde cada um estuda, mas tem a sua vida solta, livre. Uma vez eu estava na portaria do Seminário, quando vi o seminarista do Maior, vindo da praia em trajes de banho. Um fato em que anteriormente nem se pensava, mas é um demonstrativo da nova realidade. Como também para sair do Seminário e ir à cidade, antes se pedia licença, mas já não se aceitava mais isso. Era um espírito completamente diferente e quanto ao estudo, notei um interesse diferente pelos estudos eclesiásticos, não tinham aquele interesse em ler os livros recomendados, sobre o ministério sacerdotal. Então essa mudança de temperamento foi muito forte.

Acho que esse novo comportamento era um reflexo do Concílio Vaticano II. Muito do que acontecia em Roma saía no noticiário e ia se espalhando a abertura recomendada pelo Concílio. Aquela iniciada e que se tornou mais forte ainda de fazer uma atualização e cada um queria fazer sua liberalização a seu modo, num sentido mais humano do que espiritual.

O nosso relacionamento com Dom Delgado não pesou muito na nossa decisão de entregar a direção do Seminário da Prainha,

porque no tempo em que estive lá foi na época do Concílio, praticamente Dom Delgado não estava em Fortaleza. Dom Delgado trouxe do Maranhão uma tendência, do gosto dele, de trabalhar no social, como fazia no Maranhão, onde entregou a direção do Seminário a um padre, que cuidava mais desse negócio de cooperativa. Apesar de estar no Concílio, ele se interessou tão pouco pelo Seminário, que mesmo estando em Fortaleza, naqueles intervalos do Concílio, ele não foi ao Seminário. Aliás, para ele ir até lá, foi preciso os padres seculares preparem uma festa para Ele, quando deveria celebrar uma missa e fazer uma reunião com o seminaristas e então Ele foi, mas só uma vez. De tal modo que eu estava lá com aquela incumbência de dirigir o Seminário, o bispo que ia mais ao Seminário era Dom Raimundo de Castro e Silva, completamente alienado, apesar de muito piedoso, deixou uma feliz impressão em Maranguape, onde foi vigário. Fui conversar com ele sobre o Seminário e ele me disse: "Reze a Nossa Senhora, ela resolve tudo".

Quando terminou o Concílio e Dom Delgado foi a uma comemoração no Náutico, onde o governador estava presente, Ele se colocou à disposição do Governo, para solucionar casos, mas havia mais casos na igreja, além dos impasses sociais. Ele não teve muita influência sobre a nossa saída, mas a aceitou sem contestação. Ele não pensou que ia perder vários padres da nossa congregação, que voltaram para suas Províncias. Só ficaram dois em Fortaleza, o padre Luz, como professor da Universidade Federal, o Seminário para ele era secundário, inclusive queira diminuir suas aulas de Sagrada Escritura, para ficar apenas com duas e o padre Pedro Zinguerlé já estava em idade avançada. Dom Delgado não se incomodou, não tomou providência sobre o Seminário, não nos procurou para conversarmos, quando o problema estourou no fim de dezembro. Quando o padre visitador esteve em Fortaleza eu fui com Ele até Dom Delgado, avisar-lhe sobre nossa

saída e lhe entreguei um relatório sobre a crise que tinha havido, com aquele moço de lá, ele aceitou pacificamente. Quando estourou aquele problema do moço, no Seminário, nós fizemos várias reuniões, numa delas um padre falou que estava na hora do clero secular assumir a direção do Seminário. Não me recordo qual foi o padre secular que falou isso, acho que resumindo a opinião e o interesse do clero local. Esse desejo dos padres locais atendia o nosso desejo de entregar a direção do Seminário, pois a situação não era a mesma, mas completamente diferente e os nossos padres não tinham mais estímulo para ali permanecerem. Alguns padres lamentaram a nossa saída, pois eram muito ligados à formação que lá receberam. Então Dom Delgado ficou à margem, apenas aceitou a nossa decisão. O padre Arruda, lazarista que era cearense, não teve dificuldade em deixar Fortaleza.

Para nós, entregar a direção da Prainha era um alívio. A nossa província não podia preparar padres atualizados para aquela época, por dois motivos: primeiramente que era um período de pós-guerra, quando estuava tudo desorganizado e também por que os padres estavam quase todos lotados nos seminários, era em Diamantina, em Mariana, em Petrópolis, no Caraça, no Maranhão e na Bahia já haviam sido fechados e não havia mais padres disponíveis. Depois disso é que a congregação pôde mandar padres para estudar no exterior.

O Concílio estava terminando, mas acho que a sua influência já era sensível, por causa do noticiário e das discussões em torno do evento. Já se pensava nas novas funções dos bispos e dos padres, inclusive em atividades antes restritas aos leigos.

Quando eu cheguei a Fortaleza, em duas épocas, em 1949 e 1963, a cultura de Fortaleza era muito pobre. O Seminário era um centro cultural, inclusive algumas pessoas mais importantes do setor cultural da cidade gostavam de ir ao Seminário, conversar conosco

o naquele alpendre, que era o nosso recreio. Como exemplo, lembro-me do professor Parsifal Barroso, que foi Governador do Ceará. O Seminário teve uma influência muito grande inclusive na formação de leigos, em Fortaleza. Muitos que saíram do Seminário ocupavam funções importantes, inclusive alguns saíram até para ingressarem no Exército, no Banco do Brasil, nas universidades.

Sobre o número de seminaristas, no Menor era de duzentos a trezentos e no Maior ficava entre cento quarenta e cento e cinquenta. De modo que conjunto dava cerca de uns quatrocentos a quinhentos internos. Às vezes o arcebispo dizia, nesse ano a renda das festas de Canindé só deu para alimentar quatrocentos e tanto, então vamos apelar para ação do clero, que subsiste do que recebe. E a nossa congregação muitas vezes nada recebia, como remuneração da arquidiocese, relativa ao pagamento dos professores, do próprio reitor. Durante muito tempo a congregação dispensou a devida remuneração, pois havia meses em que não dava para fechar tudo. E hoje nossa congregação luta para provar que é uma instituição beneficente.

As instalações do Seminário eram muito deficientes e Dom Antônio Lustosa não sentia muito essas dificuldades, sobretudo em relação à alimentação. A responsabilidade caía muito em cima da congregação, e com razão, pois a direção estava em nossas mãos e por isso devíamos pressionar o arcebispo. Quando nós recebemos uma ajuda da Alemanha, 500 dólares, eu autorizei para aplicar essa quantia em alimentação. Havia uma ajuda das paróquias, através da Obra das Vocações Sacerdotais, a OVS.

Dado o que aconteceu na Prainha, com aquele moço de lá,[57] eu tive uma ideia que houve um erro, dado o aquele quo moço fez,



57. O estopim da crise registrada, em 1963, foi uma decorrência desse fato, "... aquele que o moço fez," ou seja, um seminarista expôs seus órgãos genitais, através de uma fresta de uma das janelas, do piso superior do Seminário, que dava para a rua da frente, a monsenhor Tabosa.

em público, praticamente na rua. Os seminaristas haviam feito os exames e estavam se preparando para as férias, eu ainda quis ajudá-lo, mas expliquei que ele não voltaria para o Seminário, mas ele negava o que tinha feito, apesar do depoimento das testemunhas. Uma moça da casa em frente, um menino da casa vizinha, viram o que ele expôs e também os mecânicos de uma oficina também presenciaram o acontecido. Ele saiu do meu quarto e não concordou, foi dizer para os colegas que era vítima de uma injustiça, era uma coisa absurda e foi isso que levou os seminaristas a se revoltarem. Eles achavam que deveriam ter sido ouvidos, achavam que era um direito deles participarem das decisões tomadas. Ora, para despachar aqueles que não se coadunavam com as normas do Seminário, o reitor tinha plena autoridade. Isso levantou os ânimos dos seminaristas.

Se fosse o padre Vicente Zico, que estivesse como reitor, ele estava mais a par da situação, tinha mais conhecimento da vida do Seminário. Talvez se fosse Dom Vicente teria entregue o caso ao bispo dele. Depois da confusão que eles fizeram, gritaram no recreio, de acordo com a sugestão dos demais padres, fiz uma reunião com os seminaristas do Maior, expliquei o caso e eles ficaram calados e assim esfriei a coisa por completo. Depois conversei com todos envolvidos nos protestos, chamei-os todos ao meu quarto, e elaborei uma lista de quinze, que considerava prejudiciais ao Seminário. Não houve greve dos alunos, pois as aulas já haviam acabado, foram mais manifestações de protesto. Com o apoio do padre provincial dos lazaristas, padre Montalvão, encaminhei a lista a Dom Delgado, dos cabeças dos revoltosos, pois na minha opinião acho que não deviam continuar no Seminário. Os seminaristas foram para as férias, mas depois soube que alguns foram aceitos, voltaram ao Seminário. Naquele tempo a Província compreendia Norte e Nordeste, sobretudo Nordeste. Em dezembro de

1963 nós entregamos a Prainha e os bispos iriam decidir como ficaria a situação.

O padre Luís Moreira, que era professor do Seminário, responsável pela ação católica, influenciou muito Dom Lustosa, por sinal nem marcava audiência quando ia falar com ele. Dele foi a ideia de afastar o Sucupira como professor do Seminário, que era tão querido entre os padres. O padre Negreiros como reitor não gostou do ocorrido. Havia uma senhora na ação católica, da Ação Católica Independente (ACI) muito influente, não era tão simpática aos lazaristas. No tempo do padre Montalvão, quando ele chegou ao Seminário, foi obrigado a ler um crítica de Dom Antonio, influenciada pelo Luís Moreira....

A gente não falou aqui sobre um reitor, uma espécie de sombra boa, sobre a situação do Seminário, foi Dom Belchior Neto. Depois das crises, que houve no tempo do padre Negreiros e do padre Montalvão, Dom Neto assumiu. Culturalmente não era uma pessoa de destaque, mas de temperamento muito alegre, muito otimista, muito dado, muito querido pelos seminaristas, mas era um homem firme nas questões enfrentadas. Após as crises, quando assumiu, o Seminário entrou num período de bastante tranquilidade. Tanto que Dom Antonio dizia: "Graças a Deus, chegou a paz ao meu Seminário." Até Dom José Tupinambá da Frota, bispo de Sobral, que a princípio não era muito favorável ao padre Belchior, mudou, passando a apoiá-lo.

Sobre esse aspecto... a minha primeira estada em Fortaleza, de 1949 a 1957, foi muito saudável, Fiz muitos amigos, seminaristas, padres, trabalhei muito no interior, mais do que o padre Gomes, porque eu era só professor nessa época. Nas férias ficava completamente livre. Os pedidos dos padres não faltavam, para pregar retiros, fazer desobrigas. No interior, muita pobreza, muita dificuldade, sobretudo no período de secas, mas um povo muito

bom, muito católico, uma beleza. Trabalhei muito na região de Apuiarés. Na segunda estada, em 1963, as pessoas amigas continuaram. Fui substituir o padre Vicente Zico transferido para o Rio. Sofri muito. O padre Arruda me perguntou se eu gostava de Fortaleza e quando o padre Montalvão veio me indicou para lá, afirmando que eu era muito querido em Fortaleza. O padre Marçal, que trabalhara comigo em Petrópolis, já tinha ido a Fortaleza. Hoje digo que foi um erro meu, não devia ter aceitado. Aceitei ir pois confiava nos padres que estavam lá, padre Gomes estava, padre Arruda. Nós tínhamos bons colaboradores, os holandeses e os padres diocesanos. Estava completamente despreparado, não esperava a crise. Fiquei de agosto a dezembro de 1963. Além de reitor, ainda ensinava.

Padre Sebastião Agatão Dias

Outro lazarista mineiro, que deixou boas lembranças aos que com ele conviveram ou que o tiveram como professor. O seu jeito pausado e paciente de falar e saber ouvir constituía um convite instantâneo aos que o cercavam e a sua tranquilidade substituía o peso do seu olhar vesgo. Os óculos de lentes grossas impediam a visualização espontânea do seu olhar, mas suas aulas de português fugiam ao rigor disciplinar e autoritário do perfil tradicional do "professor modelo", imaginado pelo decantado "pedagogês" da época, ou seja, muito discurso e pouco resultado prático.

A sua maneira de andar e falar representava uma ruptura no sólido muro, que separava os "padres lazaristas" dos seminaristas submissos. Ele chegou até a jogar futebol, apesar de "ser doente do coração," quando arregaçava a batina, de baixo para cima, enfiando-a nos bolsos laterais, para melhor locomoção, em busca do

alvo da peleja. Um professor jogar futebol, misturado com os alunos, algo normal, na nossa "modernidade liquida,"[58] (OLIVEIRA, 2012, p. 37) mas não naquele tempo gasoso, onde a monotonia do cotidiano, vivido pelos internos, descoloria a ideia de classificá-lo como "anos dourados."



Meu nome é padre Gomes Pereira. Nasci a 07 de Julho de 1932, em Mariana. Quando o bispo interrogou São Vicente, dizendo "o que adianta ir ao povo do campo, pregar missões e depois? É preciso formar pastores, que queiram ir para o interior". Acontece que no tempo de São Vicente, em Paris, o cálculo é que havia uma média, se o clero de Paris quisesse trabalhar, de cem padres para cada igreja. O clero estava todo nas grandes cidades. Ninguém queria ir para o interior. Então esse bispo falou para São Vicente: "Sabe, cada padre, assumindo o compromisso de formação de um clero para o povo simples, após a continuação da missão, seria um bom pároco. Aí São Vicente assumiu a segunda intenção da congregação que foram os seminários. No Brasil os lazaristas trabalharam, na formação do clero, numa média de cem anos, em Mariana-MG, em Fortaleza. Em Curitiba foi menos.

Além do Seminário do Caraça, havia o colégio em Campina Verde, em Congonhas. Para a Prainha vieram inicialmente os padres franceses, depois portugueses e holandeses. Por exemplo, os padres Tomé Verman, Geraldo Jacobs e Fernando Van Dick.

Sobre a romanização eu acho que esse título é forte demais, pelo seguinte: a igreja estava em ficar submetida ao Imperador ou então voltar-se para sua ligação a Roma. Dom Viçoso foi obriga



58. Cf. o significado de tal classificação, substitutiva da discutida e nem sempre definida "pós-modernidade", segundo BAUMAN Zygmunt, autor de "Amor Líquido" e "Vidas Desperdiçadas," que ainda acredita no potencial humano.

do a assumir a direção geral da congregação da missão, no Brasil, porque o Imperador proibiu a congregação de depender só da igreja. O padre Feijó desejava uma igreja nacionalista, totalmente livre de Roma. Então era natural que os bispos preferissem estar ligados àquele que era sucessor de São Pedro. Então eles chamam de romanização esse esforço de fugir do domínio do padroado. O Imperador praticamente era um bispo extra em virtude da sua influência na igreja. Foi um super bispo. Então, a romanização era um esforço para sair do poder temporal. O necessário era reatar o contato com Roma. Agora a romanização tem um sentido meio pejorativo, mas o importante é a independência da igreja em relação ao poder do Imperador.

Cheguei a Fortaleza em 1959. O padre Hugo Paiva tinha sido chamado para ir a França e eu fui nomeado prefeito do Seminário Maior. Passei três anos praticamente sem conhecer Fortaleza, pois além de atender os seminaristas, fiquei com as aulas do Paiva e como era recém-formado tinha que reservar as noites para preparar aulas. Por isso não tinha tempo para sair. Só conhecia a igreja do Pequeno Grande, pois ali celebrava uma vez ou outra, a Santa Casa, aonde ía a pé. O que mais me impressionou nesse tempo foi o conhecimento de dois padres, o padre Cabral, em seus últimos dias, muito nervoso, pois tinha deixado em construção o Seminário de Antonio Bezerra, dos lazaristas. Era um homem de muita capacidade. Havia um colega que tinha vindo comigo, o Pantoja, para ensinar dogma e foi lá conversar com o padre Cabral e lhe pediu alguma pista para ensinar o Tratado da Graça. E o padre Cabral lhe fez uma síntese de todo o Tratado da Graça, como se tivesse preparado naquela hora. Uma vez o Paulo Ponte me disse que o padre Cabral, apesar de viver ocupado com a construção do Seminário de Antonio Bezerra, nunca dera uma aula medíocre. Conversei muito com o padre Cabral e gostei muito de o ter

conhecido. O outro foi o padre Guilherme Vassen, holandês, que fazia um grande trabalho, com as prostitutas da chamada "Beira Linha," por trás da Santa Casa de Misericórdia. Ele as visitava, conseguia médico para elas. Ele morreu fazendo Via Sacra. A Irmã havia proibido, mas ele caiu e em consequência do acidente, faleceu.

A primeira impressão que tive da Prainha foi de um Seminário Regional, pois no Maior nós tínhamos alunos do Piauí, do Rio Grande do Norte, da Paraíba. A responsabilidade era muito grande a quem aceitava o desafio de trabalhar ali. Fiquei na Prainha até 1963. O que me impressionou nesse período foi que a congregação, coincidindo com o Concílio, com o esgotamento do esquema que veio lá de Trento, que orientava os grandes seminários, as grandes comunidades, até partir para menores comunidades, como o centro de estudos, ali eu tinha notado que tinha chegado o final desse esquema, eu percebi. Não era possível fazer um trabalho de formação com aquele povaréu todo. Coincidentemente, a congregação já não tinha os elementos, que ela teve quando podia trazer padres com experiência prática. Eu achava curioso que eu, tendo saído de um curso básico, assumir Filosofia num Instituto daquele tamanho. Tive problema cardíaco sério por causa disso. Para mim, a Prainha, desse ponto de vista foi uma experiência um tanto traumática. E o final dele para mim não foi muita surpresa. Não só do ponto geral de crise, que houve na igreja, em decorrência do Concílio, o esquema vinha de muito tempo, o problema vinha da própria congregação, de uns elementos, por que o fato de me colocarem ali, fiquei pensando como enfrentar gente com capacidade, do Manfredo, muito inteligente, por exemplo. Por isso minha impressão foi um pouco traumatizante quanto ao tamanho do Seminário, não só ao seu tamanho espacial, mas

a responsabilidade da formação de um grupo tão grande, com a habilitação pouca que tinha. Mas fiz o que pude, com a ajuda de todos, sobretudo dois grandes amigos, o Gerardo na pastoral e o Miguel Câmara, o José Alberto, todos eram muito amigos nossos, os holandeses, também. O problema foi a grandeza da missão e a pouca habilitação que tinha paras exercer as funções, que nos eram confiadas.

Antes da nossa saída houve outros movimentos de insatisfação no Seminário, como aquele do padre Josafá, denominado liturgicista. Eles queriam uma inovação litúrgica, cerimônias religiosas voltadas para o povo. Essas ideias vinham da Europa. O padre Josafá lecionava na Prainha, com outro colega, que não me lembro o nome. Eles defendiam inovações, que só viriam com o Concílio Vaticano II. Dom Antonio de Almeida Lustosa pediu a saída dos dois padres da Prainha. O outro era o padre Lustosa, professor de história da igreja. Surgiu até uma piada, segunda a qual o padre Luz estaria envolvido no movimento, mas Dom Lustosa não acreditou, pois ele começava a missa de trás para frente. É um comentário jocoso sobre aquele jeito curioso do padre Luz.

Outra crise ocorrida na Prainha foi no tempo do padre Cabral, que era reitor e os cursistas, [alunos do Seminário Maior] fizeram uma manifestação, dentro do refeitório, contra uma iguaria, que veio mal cheirosa. Os seminaristas protestaram, batendo nos pratos. O padre Cabral ficou branco de raiva e quando e ia levantar-se, o vice-reitor o segurou. Ele se controlou, mas no dia seguinte em que fez uma conferência, começou assim: "ser humano é ser tão aberto ao divino, que é capaz de joelhos adorar a Trindade Santíssima e é tão animal que é capaz de protestar tendo a comida no cocho." O Gerardo Campos sabe dessas histórias, ocorridas na Prainha. Quando da vinda de Nossa Senhora de Fá-

tima a Fortaleza, os cursistas fizeram um movimento para driblar o reitor, pois queriam sair sozinhos.

Em relação à cidade, lembro-me da praia do Futuro, boa para banho, o que me impressionou naquele tempo foi coisa muito simples, os ônibus que a gente pegava para ir até lá eram bem simplesinhos e a campainha, para dar o sinal, era um chocalho. Hoje Fortaleza é um das cidades mais bonitas do país. Ninguém a reconhece mais. É uma grande capital. Aquela região após a Santa Casa era uma zona de prostituição. A paisagem humana era muito triste, mas a natural era muito bonita. Praia do Futuro não era nada, só tinha nome.

Em relação a nossa saída da Prainha, Dom Delgado não estava preocupado com o Seminário, e sim com as frentes sociais. Houve uma própria predisposição dos lazaristas, que achavam que estava na hora de entregar a direção da casa. Os padres seculares, que trabalhavam conosco tinham feito cursos em Roma. Dom Miguel Câmara, na época padre Miguel, havia chegado de Roma com curso de Sociologia, Paulo Ponte, depois também bispo, especialista em dogma, padre José Alberto Castelo era psicólogo, padre Uchoa, especialista em Bíblia. Quanto aos lazaristas, nenhum de nós tinha tido a oportunidade de cursar especializações fora do país.

O grande problema da nossa Província em relação ao Seminário foi do nosso colega lazarista, o padre Pantoja. Ele havia do interior ameaçado, com envolvimento não sei com quem, não tinha condição, mas veio ser professor de dogma, na Prainha, além de assumir o cargo de "Diretor espiritual". Então, Ele aprontou e toda cidade soube e, claro, os seminaristas souberam. A congregação da Missão foi desmoralizando-se pelo pessoal dela, mas havia aqueles que tentaram salvar o barco que afundava, como o próprio padre Dias e o padre Marçal, que tinha curso em Roma.

Havia um colega curioso, era o padre Barros, que costumava sair correndo atrás dos seminaristas, com suas brincadeiras, com um chicote na mão. E Ele fora vice-reitor. A própria Província foi sendo desmoralizada. Mas nós cotamos com a colaboração de padres seculares, como os que citei acima. Então os seminaristas achavam que poderiam contar com um apoio maior dos padres diocesanos. E chegou um momento em que os lazaristas da própria Província se conscientizaram em que deveriam sair, era uma obrigação nossa sair, para o bem do Seminário. Por isso não tive nenhuma surpresa com a nossa saída. Mesmo se Dom Delgado não aceitasse, nós estávamos dispostos a sair.

A crise da Prainha não foi motivada pelo Concílio Vaticano II, que começou em 1963 e só terminou em 1965, depois da nossa saída. Os seminaristas não imaginavam as decisões finais do Concílio. As exigências ante a crise vieram depois. Estive em Mariana, em Mariana também, imprevisão da linha do Concílio, pois pouca coisa havia sido aprovada, como as alterações em relação à liturgia.

Uma crise anterior aconteceu na Prainha contra o padre Tomé Verman, que por sinal tomou as dores. Era o movimento liderado pelo José Olavo, que afirmava que o Seminário não iria para a frente, enquanto ali permanecessem professores, como o padre Tomé e o padre Van Dick. O padre Tomé ficou tão abalado que uma vez eu estava passando pelo corredor, para ir lá tomei um susto porque ele me agarrou e começou a chorar: "Há num sei quantos anos leciono neste Seminário, nunca perdi uma aula, mas hoje não vou dar aula, porque esse José Olavo me criticou." O padre Tomé queria que o reitor, padre Vicente Zico, tomasse uma atitude forte contra o José Olavo, mas não foi ouvido. Duro para Dom Vicente Zico, que não deve ter lhe contado, foi quando ele estava viajando pela Europa e resolveu visitar o padre Tomé,

que estava doente, na Holanda, mas o padre Tomé não aceitou. Disse que tinha uma mágoa muito profunda e a visita não iria lhe fazer bem. Veja a mágoa de uma pessoa velha. Foi um caso pequeno, mas que demonstrava sinais de manifestação contra o velho sistema. Foi antes da grande crise, quando o padre Vicente era reitor.

Como você ressaltou uma grande contribuição do Seminário foi criar uma solidariedade entre os seminaristas e o clero. A turma de Fortaleza, do Rio Grande do Norte e sobretudo a turma do Piauí era muito ligada. Eles se integravam muito bem com Fortaleza e Natal.

Sobre a entrega dos seminários, sob sua direção, dos lazaristas, como o daqui, o de Mariana, o de São Luís, cada um teve sua história. Em Diamantina foi uma questão com o arcebispo. Foi uma questão ideológica, Ele estava com uma obsessão do anticomunismo e colocou na cabeça que no Seminário estavam pregando ideias de esquerda. Ele pôs na cabeça que os padres tinham um projeto comunista de atacá-lo, chegaram até a dizer que iriam participar, se o comunismo ganhasse, do enforcamento dele na praça. Essa história se espalhou na cidade. Isso não pegou, lá o problema foi o arcebispo mesmo. Em 1964 eu estava lá e de repente aparece um capitão, com dois soldados, para fazer a devassa no Seminário. E o padre Campos, que é muito enérgico, afirmou: "não, os senhores não entram aqui, sem a autorização do comando de Belo Horizonte." E o Capitão afirmou: "mas foi o arcebispo que mandou." E Ele respondeu: "não entra. Se é da Polícia, só com autorização." Então, veio a ordem de Belo Horizonte e então eles entraram. Aí fizeram devassa, levaram livros de João XXIII, tudo o que acharam conveniente. Coisas mais ridículas aconteceram, por exemplo: Congar eles entenderam como Congresso à ação revolucionária. Isso foi em

Diamantina. Em Mariana o problema também foi de disciplina, por parte dos seminaristas. De lá não saímos porque queríamos, mas porque o arcebispo não aceitou a proposta. Os seminaristas tinham várias razões de reclamações, como em relação a horários, isso foi em 1966, já havia um documento do Vaticano sobre a formação do clero, muita coisa acerca do que se podia refletir. Então chegando a aula de quarenta alunos, só havia vinte. Aula de Filosofia e eu perguntei a eles por que os outros não estavam. A resposta é porque estavam dormindo. Dormindo por que? Eles foram jogar baralho em Ouro Preto. Resolvi fazer um questionário com eles, o que queriam e o que não queiram. O padre Almeida, que era o reitor, resolveu ampliar aquele questionário, para saber o que eles queriam do Seminário, eles queriam mais pastoral, nos finais de semana, ao invés de ficarem presos no Seminário, porque lá há muitas paróquias rurais. Com essa base nós chamamos um jesuíta, de Belo Horizonte, um sociólogo, um grupo de pastoralistas, para elaborar a proposta de um seminário, de acordo com a teologia do Vaticano II. Fizemos essa proposta e mostramos ao padre Montalvão, que era reitor e ao padre Pires de Almeida, para encaminhar ao arcebispo. E o Montalvão disse que a nossa permanência dependeria do apoio do arcebispo, que foi de opinião que aceitava as ideias apresentadas, mas como a igreja ainda não regulamentara as normas de mudanças no Seminário, Ele não quis se antecipar em termos de reformas. Então saímos de lá.

Hoje nós só continuamos a trabalhar nos seminários da congregação, como o do noviciado, em Petrópolis, aqui em Belo Horizonte, com Filosofia e Teologia. Após o Vaticano II nosso trabalho não se concentra mais no seminários, pois os próprios seminários nossos quase não existem. Os nossos seminaristas estudam filosofia com os jesuítas e a Teologia no Instituto de Teologia.

Há padres nossos que trabalham no Seminário da arquidiocese, dando aulas. Eu mesmo estou mais na pastoral. Mesmo os padres que trabalham no seminário, cooperam com o clero diocesano. Hoje nós somos cooperadores. Hoje, o número de lazaristas no Brasil, não sei se chega a setenta. Trabalhamos em Minas, na Bahia, no Distrito Federal, em uma paróquia e numa missão, na cidade satélite de Riacho Fundo. Atualmente são três províncias dos lazaristas. Fortaleza, de origem holandesa, com seus grandes missionários, trabalharam em seminários no interior do Ceará, cuja Província envolve estados do norte e nordeste, Rio de Janeiro, da Bahia até o Paraná, que é uma Província mais nova, pois antes era uma Província polonesa. Em Antonio Bezerra funciona um colégio e o parte do seminário.

A Prainha, do ponto de vista humano, para mim foi uma maravilha. Sobretudo na pastoral de férias, pois a gente não podia ir a Minas todo ano, porque era muito caro, então a gente trabalhava nas paróquias. Por isso eu fiquei muito ligado ao padre Gerardo Campos, vigário de Gauiuba, dona Belarmina, o irmão dele, o Dedé, ficaram sendo como uma família. Foi ali minha primeira experiência pastoral. Fazia casamento, ia a uma capelinha, Também foi um tempo bom pelos colegas: Paulo Ponte, José Alberto, padre Miguel e dos cursistas, não tenho reclamação de nenhum deles. A médica me recomendou deixar o cargo de prefeito, para evitar preocupação, comecei com problema de respiração à noite e então o padre Tobias assumiu. A minha lembrança foi a melhor que existe. A gente acordava às quatro horas e mais tarde, pelas janelas, eu via as jangadas voltando do mar.

Saiu alguma coisa sobre o padre Gumercindo Sampaio? Folcloricamente. O padre Paixão também era uma figura curiosa. Queria aprender francês para ensinar. Então tinha um bonequinho: qu'est que c'est? e o Paixão demorou a aprender essa pronún-

cia. Quando chegou a hora da aula, havia um aluno, que era a cara do boneco, que ficou conhecido como qu'est que c'est.... O Marçal se destacou como jornalista da Globo. Morreu de câncer no pulmão. Marçal dava aula de história, num colégio no Rio, chegou numa pinta, de terno e gravata, como não costumava andar, aí um aluno perguntou: "Uai, padre Marçal, o Senhor vai ser entrevistado, hoje?" "Não, vou fazer exames de fezes.

Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte

Pela sua origem social, ele foi uma exceção no cômputo geral dos internos do Seminário da Prainha, pois a família pagava a anuidade integral, fato raro, considerando a situação social dos internos, em sua maioria de famílias humildes, provenientes do interior. Ingressou no Seminário, aos onze anos de idade, em 08 de fevereiro de 1943 e foi a Roma, onde permaneceu durante sete anos, por recomendação do padre Cabral, conseguindo concluir inclusive o doutorado, em Teologia. Dom Antonio de Almeida Lustosa concordou, pois a família assumia os custos da viagem e da estada na Europa. Desde que regressou ao Fortaleza, foi lecionar na Prainha, tendo ocupado apenas o cargo de vigário coadjutor, da paróquia de Itapipoca, futura sede de uma diocese.

No Seminário Menor, ensinou português, história e no maior era o responsável pela disciplina Teologia Fundamental. Com a saída dos lazaristas, após uma estada em Paris, onde fez um curso der pastoral catequética, no Instituto Católico de Paris, regressando a Fortaleza, quando seu irmão, o monsenhor Gerardo Ponte assumiu a direção do seminário, em janeiro de 1964, como o seu primeiro reitor, não lazarista, mas como membro do clero secular. Permaneceu na Prainha até o surgimento da crise

considerada muito forte, registrada em todo o país, com o fechamento de muitos seminários.



Nasci em 24 de junho de 1931, em Fortaleza. Entrei no Seminário da Prainha com onze anos, onze anos e meio vamos dizer assim, no dia 8 de fevereiro de 1943. No dia da entrada, eu me lembro bem como foi. padre Cabral me recebeu, como irmão do Gerardo. [Gerardo Ponte que chegou a ser reitor do Seminário, após a saída dos lazaristas e foi bispo da diocese de Patos (PB)] E eu achei aquela casa, aquelas paredes grossas, bonitas, achei bom. Eu gostei muito do Seminário. No primeiro ano, então, me senti bem, depois tive uma crise, mas fiquei, assim, achei muito bom.

Essa crise foi quatro anos após o meu ingresso. Não era o seminário. Foi a crise da adolescência. Naquele tempo havia um puritanismo forte, ninguém explicava nada e eu comecei a me indagar e, veja, só o meu irmão, mais novo que eu dois anos e meio, me falou do segredo da vida, da geração. Eu fiquei horrorizado. Aquilo me causou um impacto tremendo, gerando a crise e quase que eu saio, mas essa crise depois passou. Não cheguei a sair do seminário. Passei as férias, lá na fazenda de meu pai, com vários primos e primas. Então, um primo meu ficou botando na minha cabeça: "vai lá, deixa de ser tolo, pra quê ficar nisso?" "É, eu acho que vou sair." Então ele espalhou que eu ia sair, quando eu cheguei aqui a Fortaleza, pois eu estava na fazenda, meu pai me disse: "então, meu filho, eu soube que você vai deixar o seminário. Olhe, eu lhe dou todo apoio pra você ser o que quiser, assim como eu o apoiei para você ser padre, você poderá escolher se deve ou não deixar. Faça o que quiser; é você quem decide."

Durante dez dias eu fiquei hesitando, hesitando. No último dia, ao meio-dia, ele veio almoçar, me chamou e disse: "olhe, como é? Já resolveu? Torno a dizer, você decide, vá ser o que quiser." Às 4:00 horas da tarde tinha que estar no seminário, de volta. Não sei se você se lembra, na Prainha era assim, às 4:00 horas, horário de entrada, se ninguém chegasse nessa hora determinada, não entrava mais. E papai depois me disse: "agora, só lhe digo uma coisa, eu sou um velho de 60 anos, pense bem, no mundo há muitas ilusões." Foi essa frase que me fez voltar.

Eu gostava muito dos retiros. A gente ficava meditando, era um por semestre. E no primeiro ano, acho que no primeiro semestre havia um mais demorado. Era convidado um padre de fora, para fazer palestras, havia as orações e à noite a bênção do Santíssimo. Também eu gostava bastante das brincadeiras, do relacionamento com os meninos. Vou lhe contar essa: a gente saía de férias, no fim do ano, a partir de 8 de dezembro, dia da Imaculada Conceição. Antes de sair, a gente ía pra capela, onde cantava: "ao te deixar, Virgem Maria, os teus auxílios imploramos"..., eu comecei a chorar. Saudade do seminário, não queria voltar. Então, com meu irmão, fomos pra casa, cheguei lá, a mamãe me deu um carão, porque em vez de me ver alegre porque tinha voltado pra casa, estava chorando como saudade do seminário. Então, eu gostava muito do relacionamento com as pessoas, com os garotos, meus companheiros. O jogo que havia era o de bola ao campo, não sei se você alcançou. Acho que não. Bola ao campo se jogava com uma raquete. Era uma coisa muito típica do Seminário, porque eu não conhecia aquele jogo. E depois o que me entusiasmava, também, eram as palestras que o padre Cabral fazia, mas a gente se distraía também. Então, eu gostava do seminário. E dos cânticos a São José, a Nossa Senhora, eu gostava.

Lembro-me do padre Jessé, ainda hoje é vivo, mas está muito doente e também me recordo do padre Tomé Verman. Fui alu-

no dele e me recordo do padre Zezinho, que ensinava ciências. Agora, deixe eu ver, quem me marcou muito foi o padre Cabral. Aliás, você sabe, o padre Cabral tinha um defeito, pois ás vezes havia uns que ele privilegiava um pouco e eu fui um desses. E até fica chato, eu evitava o máximo possível, porque ele dava umas coisas, mas ele me ajudou muito, por exemplo, me pegou uma vez tirando um mamão, lá atrás da sacristia, eu era sacristão, ajudava o padre Oscar Peixoto, na capelinha do menor, onde próximo a ela, havia um pé de mamoeiro. Fui tirar o mamão, ele me deu um carão, mas muito calmo. Se fosse outro ele teria colocado de castigo. Houve um castigo que me causou revolta, o castigo que o padre Cabral deu no José Olavo, eu achei uma coisa horrorosa. Foi ficar em pé o tempo todo lá no canto, no recreio. Ave Maria, não me lembro mais qual foi a causa, mas eu reprovei.

Como o regime era de internato, só se podia sair uma vez por vez, nas primeiras quartas férias de cada mês, dependendo das notas que você obtinha. Eu gostava do seminário, então, nos dois primeiros anos, quando eu voltava pra casa, eu sentia saudades, um impacto. Quando veio a crise, aí sim, o seminário foi se tornando pra mim quase como uma prisão. Meu pai chegou a ir me ver, eu mandei dizer num recado que eu não queria mais ficar, durante o ano, mês de outubro, então o padre Cabral veio, de noite, falar comigo:" não, espere até o fim do ano, você está tão perto de terminar o ano, você pensa um pouco mais. Quando meu pai chegou pra me pegar, eu disse pra ele: "eu resolvi ficar até o fim do ano." Foi a primeira vez e, depois, nas férias, aconteceu o que disse acima. E aí, sim, nesse período houve insatisfação no seminário, mas depois voltei a gostar. Uma coisa me ajudou muito a superar a crise foi a leitura da história de uma alma, de Santa Terezinha. Pois é, a vida dela.

Havia uma biblioteca no Seminário, acho que ficava lá em cima, num daqueles quartos, que dá pra rua.

Não estranhei a vida do Seminário, de jeito nenhum. Não sei se porque o Gerardo já estava lá. Ele já estava no Maior. A nossa diferença de idade era de seis anos e meio. Quando eu tinha de três para quatro anos, foram as primeiras recordações de eu querer ser padre. E a primeira ideia que eu tive foi de ser capuchinho, porque eu morava onde era o antigo Brasil estados Unidos, o IBEU, que era naquela rua, ali em frente ao parque da Criança, na Solon Pinheiro. Depois que a gente saiu é que o IBEU foi para lá. Ficava pertinho da igreja do Sagrado Coração de Jesus, onde minha mãe me levou, a primeira igreja que eu vi, como criança, foi essa. E minha mãe me levou, eu a vi rezar lá e comecei a ter uma atração por isso e até houve uma brincadeira das minhas irmãs, conversando entre si, dissera, eu escutei, que frade é mais santo que padre. Então fiquei com essa ideia, eu vou ser é frade, mas como Gerardo já estava no seminário, eu acabei seguindo o Gerardo.

Quando terminei o Seminário Menor e fui para o Maior, notei uma diferença, pois no Maior a gente tinha mais liberdade, um pouco mais, podia sair um pouco mais, mesmo assim, hoje vendo, o Maior ainda era muito fechado. Havia uns quartos, destinados aos diáconos, mas os outros seminaristas dormiam em dormitórios. Até quando fui para Roma, não havia quartos para todos do Maior. Depois é que fizeram aqueles quartos de madeira, separados por tabiques, destinados aos demais seminaristas do maior, além dos diáconos.

A minha ida para Roma foi uma decisão pessoal. Geralmente, D. Lustosa não queria gastar dinheiro com padre para estudar fora, por isso o Roberto Rocha meteu na cabeça de querer estudar Teologia, nos Estados Unidos, foi por conta própria, sem licença sem nada e, quando ele terminou o curso, e veio para Fortaleza, D. Lustosa que não queria, não aceitou ordená-lo. Eu fiz o pri-

meiro ano no colégio cearense, digamos assim, a quarta série, pra fazer a quinta e eu queria entrar no seminário, mas não deixaram porque naquele tempo era proibido, quem era de Fortaleza tinha primeiro que ir à Escola Preparatória, dirigida pelas irmãs de Jesus crucificado, na Aldeota, na Rui Barbosa. Elas cuidavam dessa escola preparatória para o seminário. E eu não quis entrar, então, fiz o primeiro ano, a quinta série, no Cearense. Mas comparando com a primeira série do seminário era muito mais fraca, sobretudo em relação ao Latim. Então quando eu fui fazer o exame para o segundo ano, era permitido entrar no segundo ano a quem era de Fortaleza, do interior podia entrar mais cedo, mas como eu morava em Fortaleza, tinha que entrar no segundo ano. Por isso, eu fiz o exame e levei bomba, mas o padre Cabral disse: "não, vamos fazer o seguinte, você, apesar de não ter passado, acho que foi no Latim, você fica, mas também não tem direito de fazer a segunda época, se levar bomba no fim do ano, você tem que repetir." E aí fui recuperando, melhorando tudo, no fim ele me apresentou ao bispo, como candidato. Tive bom êxito no estudo e então o padre Cabral, que me recomendou ir estudar em Roma, pediu ao meu pai, propôs ao meu pai, que entrou em contato com D. Lustosa, que disse: "se a família manda, está muito bem."

Fui por conta da família. E o papai gostava muito de investir em educação, ele fazia tudo para nos dar apoio. O meu irmão caçula foi para o Rio Grande do Sul, onde já morava um outro irmão, porque não havia Faculdade de Engenharia em Fortaleza.

Eu gostava muito dos cânticos religiosos. Eu decorava aqueles cânticos. Às vezes, quando ia caminhando, saía cantando, pois todos aqueles cânticos eu achava bons. Gostava muito da missa De Angelis. Tudo aquilo era significativo. Eu fui, durante dois ou três anos, o caudatário do arcebispo. Nesse tempo, o arcebispo tinha um manto, com uma calda grande e havia um seminarista

encarregado só de segurá-la, como hoje se faz com essas noivas, que vão entrando na igreja. O cortejo vinha desde o Palácio do arcebispo até a igreja do Pequeno Grande. A igreja do Pequeno Grande substituiu a catedral, pois a atual Catedral ainda não havia sido concluída, pois só veio a funcionar nos anos sessenta, com D. Delgado.

Fiquei em Roma de 1950 a 1957, onde fiz Teologia e o doutorado em Teologia. A Filosofia fiz no Seminário da Prainha, onde estudávamos mais a escolástica. Havia a disciplina história da Filosofia, mas pouco se estudava sobre a Filosofia Contemporânea. Ouvi falar um pouco sobre Jean Paul Sartre, quando nessa disciplina a gente via essas correntes laicas.

Comparando o ensino do Menor e do Maior, quanto ao método, não notei muita diferença. As aulas eram expositivas, mas havia redação, quando se tinha que redigir na hora, em todo exame que se fazia era redigido e isso forçava a pessoa a praticar. No Maior e no Menor. Não havia prova de múltipla escolha. Havia a pergunta e a pessoa respondia, portanto, subjetiva, forçava o alunos a se exprimir. Isso eu achava positivo, pode ser que mais difícil de avaliar, mas achava positivo. Na Filosofia se definia cada ponto e a gente tinha que desenvolver.

Sobre minha experiência na Prainha, o maior valor que eu dou diz respeito à fé. Eu estudei no colégio Cearense, o dos Maristas. O que me marcou lá também foi a questão da fé foi a formação religiosa. O que mais me interessou, da mesma forma, no seminário, foi a formação religiosa. A semana santa, eu achava uma maravilha. Participava de tudo.

Agora faltou lhe dizer uma coisa, que me chocou muito. Eu pensei quando me preparava para entrar no seminário, eu ficava meio sem dormir, sonhando, pensando que o seminário ia ser um lugar de gente santa, mas quando cheguei ao seminário, se eu não

me engano já no primeiro dia, eu escuto: "é a mãe". Aquilo foi horrível para mim, pois eu fui ver que não era o lugar de santo e de anjo, não. Assim, tive uma decepção e foi meu irmão que me chamou a atenção: "aqui no seminário, há gente de todo canto e nem todos seguem a mesma opção."

O sistema de ensino era muito tradicional, porque o sujeito era forçado a estudar porque tinha o horário, o hábito, pois o seminarista era forçado a estudar e dispunha de tempo. As pessoas fora do seminário, nem sempre tinham tempo, nem tinham um local adequado e ali você tinha o local de estudo, o chamado "salão de estudo". Tudo isso você tinha e fora você não tinha, mas do ponto de vista metodológico, depois eu fui vendo como era fraco o ensino e os professores improvisavam, não se preparavam, havia exceções, por exemplo, o padre Josafá, que terminou sendo dominicano. Ele e o frei Alexandre foram os dois grandes professores no Maior. Sim, o padre Francisco Luz também se destacava. Ele se correspondia com a França para comprar livros, porque o predomínio do inglês veio depois da guerra.

O padre Josafá saiu da congregação da Missão, que era muito conservadora e surgiu, não sei como explicar isso, eu nunca conversei com os lazaristas para me explicarem, surgiu um grupo de lazaritas brilhantes e muito atualizados e abertos. Foi na década de quarenta. Foram muito influenciados pela renovação francesa, no tempo de Jacques Maritain. Os pontos principais de reforma seria a liturgia, a leitura da Bíblia, a liturgia e a ação católica. A ação católica atuava na Itália, mas na França era mais especializada. E, naturalmente, o compromisso leigo como o de Jacques Maritain.A teoria dele, do homem integral, do humanismo integral. Então eles trouxeram essa renovação de leigos e se tornaram atuantes. Lembro-me da ação católica, da festa de Cristo Rei, muito valorizada, porque era dia do leigo.

Nem todo mundo concordava, muitos da congregação dos lazaristas não viam com bons olhos, eles eram meio conservadores, muitos perderam a chance, hoje os lazaristas seriam outros, se eles tivessem valorizado aquela corrente que surgiu, porque eles não eram exagerados, radicais. Eu sou muito grato ao padre Josafá e ao padre Lustosa, que procuraram abrir novas mentes, para enfrentar o problema do mundo moderno.

Assim que regressei de Roma, fui lecionar na Prainha, mas D. Antônio sempre queria que todo padre passasse pelo interior, para não ficar só na capital. E eu já era filho da capital, então ele me mandou para Itapipoca, para ser o cooperador do padre Abelardo. Foi ele que recebeu de D. Lustosa a tarefa de preparar a missão de como devia preparar a diocese, que ali seria instalada. Comprou uns terrenos e, quando fui bispo de Itapipoca, ele havia comprado um terreno para fazer o seminário menor, eu já não pensei em seminário menor, na época muitos seminários haviam sido fechados. Por isso, destinei os recursos para um hospital, que hoje é praticamente um hospital praticamente regional, que Itapipoca possui. Ei aproveitei somente esse terreno, que o padre Abelardo tinha adquirido para ser o seminário. Cheguei em setembro, a Itapipoca, fiquei lá só até janeiro, então fui lecionar no seminário maior, quando os lazaristas ainda estavam lá. Muitos padres diocesanos ensinavam com os lazaristas, sempre havia os auxiliares diocesanos.

Fiquei morando no seminário. No menor ensinei português, ensinei história, quebrando galho, a gente completava. Então, fui pro seminário e levei aquela vontade de ir para uma paróquia. Pedi a D. Lustosa e ele me deu a paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no Montese. Criaram a paróquia e eu fui ser o primeiro vigário. Isso foi em 1959. Depois, então, quiseram que eu voltasse ao seminário, depois de um ano de pároco. Foi D.Zico, na época

reitor, quem pediu para eu voltar, em 1961, para lecionar na Prainha. Quando meu pai fez 50 anos de casamento, me deu vontade de fazer uma experiência com os irmãozinhos de Jesus. Eu fui pra França e passei, pedi licença a D. Lustosa e por lá passei seis meses, cheguei no começo da semana santa, passei quatro meses como cozinheiro, mais que não era aquilo que eu tinha pedido. Com quatro meses vi que não ia ficar, então pedi a D. Lustosa, já que eu estava na França, me permitisse fazer um curso de pastoral catequética de Paris, muito conhecido no Instituto Católico. Ele deu permissão e ali fiquei dois anos e voltei pra Prainha. Voltei de lá, quando meu irmão, o Gerardo, se tornou reitor do Seminário, em janeiro de 1964, após a saída dos lazaristas.

Quando cheguei, os lazaristas já haviam entregue o seminário e havia sido nomeada a sua nova direção. Cheguei no dia 23 de janeiro de 1964 e no dia 24 meu pai faleceu. Cheguei na véspera de sua morte, ele estava hospitalizado.

O Seminário de Camaragibe, o de Olinda e Recife, foi construído pelos americanos. Os bispos americanos resolveram, devido à dificuldade de vocação no Brasil, construir um grande seminário. Era a visão naquele tempo. Eles haviam feito a proposta a D. Lustosa para instalar o Seminário aqui, mas ele não aceitou, porque não queria instalar um seminário regional, pois poderia haver interferência externa. Como D. Antônio não aceitou, eles ofereceram a proposta para o arcebispo de Recife.

Sobre a crise do Seminário, havia, de fato, alguns seminaristas, talvez que tenham mais pensantes, com uma certa satisfação quanto aos estudos. Você entende por que, a metodologia, aquela rigidez, muita disciplina. Havia conscientização, mas eu não notava tendência de querer que eles [os lazaristas] fossem embora e mesmo, por outro lado, havia uma certa simpatia, o Cabral com todo aquele jeito deles, mas o pessoal no fundo gostava dele. É in-

teressante isso, então, eu não vejo que tenha sido assim por causa dos lazaristas.

A decisão foi dos lazaristas. Eles é que acharam que não tinham condições mais de dirigir, eles não foram expulsos, não quiseram mais, achavam que não tinham condições. Eu trabalhei com os lazaristas até quando D. Vicente Zico era o reitor. Pois, então, eu penso, os lazaristas perderam o bonde. Eles não se renovaram. O D. Zico é uma pessoa excelente, nunca foi um bispo de muita vanguarda, mas é um excelente bispo, excelente pastor.

Eu não acompanhei de perto essa transição, com a saída dos lazaristas, quando cheguei já estava tudo decidido. D. Delgado pediu que eu fosse trabalhar com os empresários cristãos, mas quando cheguei a nomeação era outra, para que eu fosse ser diretor espiritual no seminário. Ali permaneci de 1964 a 1966. Foi por pouco tempo, por causa da crise, pode ter sido porque já vinha acontecendo o Concílio. Foi uma crise muito forte, em todo o Brasil, muitos seminários se fechando. Muitos padres deixando. Foi uma coisa terrível. E então não tínhamos muitos padres pra cuidar do seminário, formadores, preparados pra isso, ninguém foi preparado pra isso. E aí surgiu a ideia, do clero mesmo, de apresentar a D. Delgado a proposta de suspender, fechar provisoriamente o seminário. Acho oque a decisão não foi apenas de D. Delgado, foi mais do clero.

D. Delgado era meio contraditório. Ele parecia ser muito avançado nas ideias, mas na maneira de agir era muito autoritário, centralizador. Foi um fracasso. Ninguém nem fala mais nele. Agora, o que vou fazer é uma digressão. Em São Luís, eu fiquei impressionado como o povo gostava de D. Delgado. É considerado, no século passado, como um dos principais arcebispos de São Luís. Sobretudo visto do ponto de vista social. Ele fundou tanta coisa, que era impressionante. Agora também tem isso, lá come-

çou isso, é como a ema que põe os ovos pros outros chocarem. Ele fez muita coisa, que não foi pra diante, inclusive a Faculdade, a Universidade. Lá fora ele fundou a Universidade. Sem ter um nome escrito de católica, mas era da igreja. Ele inaugurou duas ou três faculdades e fez a Universidade do Maranhão. Não dizia que era católica, mas era católica. Só que com pouco tempo, com dois, três anos não tinha condições de manter. Então, o sucessor dele teve que entregar ao estado todo o campus universitário. E o estado assumiu a Universidade. De modo que, devido a isso, o povo tem uma admiração por ele, por essas obras sociais. Mas de fato, quase nenhuma ficou assim para ter continuidade.

Quando ele chegou a Fortaleza, trouxe do Maranhão um leigo, amigo dele, mas que não era um homem de vida cristã, empenhado, comprometido com a igreja, só amizade porque ia pra fazenda. D. Delgado era muito de tomar banho em sítios e fazendas, tanto que, aqui pra nós, um sítio de meu pai, a minha família doou para a arquidiocese. Eu estava estudando em Paris, quando D. Delgado me chamou pra Roma e eu, sem saber o que é que era, fui pra Roma. Foi durante a segunda reunião do Concílio Vaticano II. Ele veio me pedir pras escrever pro meu pai, pois ele tinha ouvido falar que meu pai podia doar pra arquidiocese o sítio, se os dois filhos padres concordassem. Então, escrevi a meu pai, D. Delgado me chamou pra isso. Ele gostava muito daquele sítio, vivia lá. Sabe que deu até o que falar, porque ele se ausentava, atendendo menos a arquidiocese, pra poder estar por lá. Ele gostava de sítio e levou esse camarada amigo dele, que se tornou o administrador. E veio depois a venda do Palácio episcopal. Acho que a venda do Palácio não uma influência das ideias, defendidas no Vaticano II. Creio que foi crise financeira, mais uma visão puramente pessoal dele. Foi crise financeira, mas naquele tempo não era tão forte. Foi mais a visão que ele tinha. Ele até

chamou de cloaca o Palácio da arquidiocese, por causa do riacho um pouco sujo, que por ali passava. Mas a decisão foi dele. Ele consultou os padres do seminário. Eu fazia parte do seminário, nós demos o parecer contrário à venda e alguns ficaram chateados porque ele pediu o parecer dos padres e das instituições, mas decidiu sozinho. Uma das instituições que mais importava era o seminário, o que é que os que trabalhavam no seminário iam dizer. E nós fomos contra, mas não houve jeito. Ele vendeu. Ele fechou o Jornal O Nordeste. A Rádio Assunção, não, já foi com D. Aluísio. Foi depois.

Ele queria fazer do Nordeste o maior jornal católico da América Latina e inventou algumas campanhas. E o Banco também era pra ser um dos bancos grandes, mas um Banco Popular. Agora, uma coisa que eu admiro em D. Delgado, quando ele viu que tinha perdido o controle da arquidiocese, com os padres não satisfeitos, quando sentiu que era minoria das pessoas que estava com Ele, chamou D. Miguel Câmara e disse: "Miguel, você não quer ser o meu coadjutor, que dizer sucessor?". Então, chamou para o Miguel aceitar. Ele ficaria mais uns dois anos com D. Miguel e depois entregaria, porque geralmente é assim, o coadjutor fica uns dois ou três anos. D. Miguel pediu um tempo pra pensar, passou um mês, depois foi dizer que não, tinha consciência que não podia aceitar. E não aceitou. Então, vendo que não estava sendo bem aceito na arquidiocese, imediatamente tomou a decisão de renunciar. Tinha 67 anos. Foi muito antes do tempo, mas foi dele a decisão. Isso pra mim foi um exemplo que ele deu. Foi um grande exemplo. E se foi e disse que a arquidiocese não se preocupasse, porque a família tinha com que mantê-lo. Uma administração, de fato, que deixou muito a desejar, mas teve este gesto digno.

Sobre o fechamento do Seminário da Prainha, eu estava lá foi simplesmente seguinte: nós não tínhamos padres preparados

para o seminário, a crise instalada em todo o país, muitos seminários se fecharam, muitos padres deixando, então nós do seminário, nos reunimos e decidimos, achamos que era bom interromper, por uns tempos, o se funcionamento, enquanto se pensaria e refletiria. E D. Delgado, facilmente, concordou, mas a decisão não foi dele, não foi ele quem tomou a iniciativa.

Eram mudanças externas, porque o Vaticano II dependeu foi da situação em que muitos estavam, se diz que abriu-se a janela pra entrar o ar que estava no mundo. Foi o problema da sociedade que mudou, olhe sessenta é considerada a década da revolução cultural. A grande revolução foi essa, que repercutiu no Seminário. E aí não havia gente preparada, ficou difícil e eram seminários grandes. Nosso seminário era grande, vinha gente de outras dioceses. Foi um gesto de humildade, somos incapazes, vamos reconhecer isso, vamos pensar depois disso, agora, eu não sei é se tiveram a preocupação de preparar, acho que faltou isso em D. Delgado, mandar jovens estudar para se prepararem, para serem formadores de seminário.

Houve experiências, como a do Recife, de instalar as famosas pequenas comunidades, com os seminaristas. Foi com D. Helder Câmara, uma iniciativa pioneira aqui no Nordeste, mas foi um descalabro. Não deu certo também. É o tal caso, não deu certo isso, houve uns dez anos vacilando, faz ou não faz, mas no fim não deu certo, hoje não se pensa mais nas comunidades. A nossa experiência atual, no Maranhão, em vez de ter um seminário para todo o estado, cada diocese tem o seu seminário, para dez, quinze, vinte pessoas. E todos estudam no mesmo curso de Teologia e Filosofia, mas cada um tem a sua comunidade. Em São Luiz é desse jeito. O centro de estudo é um só. É como na Gregoriana, em Roma. A Gregoriana é o centro de estudos dos jesuítas e os colégios, como o Pio Brasileiro, o Pio-latino e outros mandam seus alunos estudarem nesses centros. Os nossos

seminaristas de São Luís vão estudar no centro, que chamamos de Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA), local de estudo, só estudo, o seminário é que é internato. Vão para as aulas e pronto. A formação no Pio-Brasileiro, em Roma, quando eu morava lá, ia estudar na Gregoriana, distante de lá e o Pio- -Brasileiro era que era a casa de formação. Assim, as casas de formação, no Maranhão, são os doze seminários maiores e o IESMA é o Instituto Superior do Maranhão, de Teologia e Filosofia, onde os seminaristas estudam.

O Gerardo Ponte, o meu irmão, ficou só dois anos como reitor da Prainha, porque houve um problema com o padre Luís Moreira, que assumiu a direção da Prainha. Ficou mal satisfeito e saiu meio queixoso. Eu havia saído para fazer um curso, no Rio Grande do Sul, o "Christus Sacerdos." O Luís Moreira também não deu certo como reitor.

Veja o que diz a Bíblia, que uma árvore se conhece pelos seus frutos. Uma coisa que impressiona era que, apesar dessas falhas dos estudos, a metodologia, o seminário conseguiu formar muita gerente que se tornou bispo. Há uns 30 anos atrás se dizia que 29 bispos estudaram na Prainha. E tinha uma fama em todo o Brasil. Por exemplo, D. Eugênio Sales, que foi arcebispo no Rio de Janeiro, foi aluno da Prainha. Do Rio Grande do Norte estudou muita gente na Prainha. E mandavam para Prainha porque confiavam na instituição, não era um seminário muito avançado, mas não criava problemas, mas dava uma certa solidez de formação, de docilidade a Santa Madre igreja, por isso muitos o apreciavam. E tinha uma forma muito marcante de relação com a sociedade civil, pois os seminaristas, que deixavam o seminário, conseguiam nos exames a que se submetiam, boa classificação, com a maior facilidade. Os bancos eram cheios de ex-seminaristas. Assim, então, se criava aquela fama, de que era sério o estudo, quando a gente depois vai ver, havia muita

falha pedagógica, mas era uma ambiente de estudo. E naquele tempo eu tinha a impressão que os alunos aprendiam mais. Hoje em dia a gente fica horrorizada com a falta de conhecimento de português, de redação, dos seminaristas, dos padres. O arcebispo atual, de São Luís, que veio agora para o meu lugar, está horrorizado também com os erros que se cometem na redação, na forma de se expressar.

Professor Alberto Barbosa Viana

Destacou-se entre os colegas como um dos mais atuantes membros do clero secular cearense. Mesmo tendo assumido paróquia no interior, o que marcava a missão confiada a todo novo padre, por Dom Antonio de Almeida Lustosa, viveu grande parte de sua experiência eclesiástica, em Fortaleza, ocupando cargos de confiança na sede da arquidiocese. Associou sua missão evangélica à função de professor, tanto que ao deixar as funções sacerdotais, continuou lecionando, inclusive destacando-se como docente da antiga Faculdade de Filosofia do Ceará, antes da implantação da Universidade Estadual do Ceará, UECE. A sua decisão em deixar a vida a sacerdotal não foi motivada apenas pela ânsia de encontrar uma bem amada, mas expressou uma insatisfação com a sua proposta de ser cristão e às proposições ofertadas pela igreja.



Nasci em 12 de Janeiro de 1929, aqui em Fortaleza. Meu pai estudou no colégio Cearense. Como era comum naquela época, minha mãe não estudou em nenhum colégio. Éramos sete irmãos. Meu pai era representante comercial de tecidos, viajava muito.

Vários foram os fatores que pesaram para minha ida ao Seminário. Eu era da Cruzadinha, uma instituição que havia

na igreja para os meninos, que após fazerem a primeira comunhão e o catecismo, continuavam sob a orientação da igreja. Os membros da Cruzada usavam uma fita amarela, com uma cruz em cima dela, era a cruzadinha. Nós continuávamos estudando o catecismo e as obrigações eram a confissão e a comunhão todo mês. Como eu fazia parte da Cruzadinha, aprendia a responder missa, era ajudante do vigário, Dom Expedito, que depois foi bispo auxiliar de Fortaleza e bispo de Patos-Pb. Quando estava preparando-me para fazer exame para o Liceu do Ceará, padre Expedito foi a nossa casa e convenceu meus pais a permitem que, ao invés do Liceu, eu fosse fazer o exame para o Seminário.

A vida lá em casa era muito gostosa. Nós tínhamos uma casa grande, tínhamos a vantagem de brincar à vontade, sem sermos interrompidos por ninguém. Nós éramos muito danados e de vez em quando a gente ia de castigo. Mamãe nos colocava de joelhos, cada um de um lado de uma grande guarda louça. Tive uma infância muito feliz. Todos os domingos a gente ficava debaixo dos pés de benjamin, na Bezerra de Menezes, que naquele tempo não era ainda calçada, pois o calçamento só ía até o Otávio Bonfim. Mas o bonde passava por lá. Ficávamos à espera do vendedor de sorvetões, que o papai comprava para nós.

Nós brincávamos muito, brincávamos de lutadores de boxe, às vezes em cima da cama, mas quando a mamãe pegava, acabava o boxe a peia comia. Comia surra nos dois, em mim e em meu irmão mais velho. Nós tínhamos comida com fartura, frutas à vontade, como cajarana, banana, laranja, tangerina, goiaba e coco. Havia uma cacimba com uma caixa d'água muito grande, devia pegar uns quatro mil litros e o resto da água, que vinha pra casa era encanada. Tenho saudade do tempo da felicidade que eu vivi e não sabia. Eu era feliz e não sabia.

Quando ingressei no Seminário, só no Menor éramos cento e tanto e o total devia chegar a uns duzentos internos. E a maioria dos seminaristas era mantida com o auxílio da Obra das Vocações sacerdotais (OVS) Quem podia pagava uma parte e a OVS assumia o restante.

A primeira coisa que eu achei estranho, no Seminário, é que eu cheguei num dia e no dia seguinte começou o retiro, quando você não podia falar de maneira nenhuma. Tinha só observar o que os outros faziam, pra fazer igual. Foi a coisa que eu mais estranhei. Havia três pregações de manhã e três à tarde e à noite ainda rezava o terço, assistia a bênção do santíssimo Sacramento, antes de ir dormir. Acordávamos às cinco da manhã. Havia uma missa de manhã e uma meditação espiritual de quinze minutos. Eu não estranhava porque acordava cedo em casa, mas a maioria dos meus colegas estranhava. O sino batia, todos se levantavam e iam tomar banho. Ninguém podia ficar despido na frente do outro, a gente tinha que usar a toalha pra trocar a roupa. E ninguém nunca viu um outro colega despido. A batina a gente usava depois que tomava banho, quando vestia a calça, a camisa e colocava a batina por cima.

Não estranhei muito o ensino, porque o que se estudava lá era quase o mesmo ensinado fora, mas havia algumas matérias diferentes. Tínhamos história sagrada, latim, francês. Latim e português todo dia e francês três vezes por semana. No terceiro ano entrava o italiano e no quinto ano o inglês. O grego entrava no quarto ano. O Seminário Menor era seis anos e O Seminário Maior mais seis. Antes de cada hora de aula havia uma hora de estudo e nesse lugar onde a gente estudava, ninguém podia falar, o local era chamado de silêncio.

Ninguém estudava em grupo. Um colega meu dizia; "Alberto, se nós tivéssemos tido as técnicas modernas, nós éramos uns gênios, porque sem nada disso a gente aprendeu e muito, porque,

por exemplo, a base do português vem do latim, do grego". E nós tínhamos que aprender grego a partir do quinto ano. E já tínhamos uma boa base de latim, ensinado desde o início. Para aprender o grego não era tão difícil, a gente tinha de ver a diferença do alfabeto, das declinações e aprender o vocabulário. Então o regime era esse.

A gente acordava às cinco horas da manhã, tomava banho, com meia hora devia estar apronto para entrar na fila, que ía em direção à capela, onde começavam as orações, logo após a meditação. Em seguida a missa era celebrada e depois a gente ía tomar café. Após o café, nós tínhamos dez minutos para fazer as necessidades fisiológicas. Em seguida íamos para o silêncio, com uma hora de estudo, saíamos para a sala de aula, Depois da primeira aula, merenda, que era comumente banana que, dependendo da situação, podia ser madura ou verde. Se você tivesse sorte pegava duas maduras, se não duas verdes, que guardávamos para outro dia. Após a merenda havia a segunda aula e depois dela era o almoço. Terminado o almoço, havia o jogo obrigatório, você tinha que participar, não podia ficar sentado. O jogo obrigatório era pesado, não era brincadeira.

Na quarta feira nos tínhamos de manhã uma aula de religião e o resto do dia era para brincar e estudar. Eram três a quatro horas de estudo. Quem gostava de futebol, jogava futebol, mas você podia jogar xadrez, gamão. O jogo não era obrigatório, era de acordo com a opção de cada um. No domingo tínhamos que fazer os trabalhos passados pelos professores. À tardinha participávamos na igreja da Prainha das chamadas "Vésperas", quando eram cantados hinos em latim. A partir das sete horas da noite até às sete da manhã do dia seguinte, ninguém podia falar. No dormitório, onde você trocava de roupa, o silêncio continuava. Às cinco horas do dia seguinte, o sino acordava todo mundo.

A rigidez disciplinar seguia um rigoroso horário. Você não podia atrasar se não o regente, em geral um seminarista do Maior, chamava a atenção. No silêncio ele ficava num estrado alto e se você tivesse alguma dificuldade ía lá em cima perguntar a ele. Quando passei para o Seminário Maior, cheguei a ser regente do Menor. A disciplina era de uma rigidez, vamos empregar o termo mais correto, estúpida, que não queria saber como você estava. Se estivesse doente, o prefeito mandava para a enfermaria, onde o médico, que era o Dr. Otávio Lobo, aparecia uma vez por mês. Comumente ele só mandava a gente tomar Biotônico Fontoura, pois achava que estava fraco.

Não importava se você era pequeno ou grande, todos entravam na mesma disciplina e a organização da tradicional era por tamanho: os menores ficavam na frente e os maiores atrás. A rigidez não dispensava ninguém. Se você fosse flagrado conversando, você era colocado de joelhos na porta do quarto do reitor. Pra quando Ele chegar perguntar o porquê da questão. Aí passava um castigo, que comumente era fazer cópias ou permanecer de joelhos, por um certo tempo. Enquanto os outros estavam de recreio, o punido permanecia de joelhos, mas não se dispensava o desobediente nem da aula, nem do estudo. A rigidez era uma só pra todo mundo.

No Seminário Maior você tinha disciplinas específicas, como filosofia, teologia moral e teologia propriamente dita. Você estuda na escritura, exegese, que é interpretação da Bíblia. Tínhamos também História Natural. Os textos de filosofia e teologia eram em latim. Naquele tempo da guerra nós não tínhamos quase nada em português, era em latim ou em francês.

Eu tinha que aprender como era que eu ia saber trabalhar com o povo. Então, se o povo me fizesse uma pergunta de Teologia, eu tinha de saber responder. A filosofia era a base da teologia.

Nós fazíamos dois anos de filosofia, portanto quatro semestres e oito semestres de teologia: teologia moral, teologia propriamente dita, exegese. Havia uma disciplina importante, que era história da igreja, ministrada perlo padre Tomé Verman. Ninguém tinha livro, era ele falando e a gente copiando.

Quando a gente passava para o Seminário Maior, você comprava um chapéu diferente, mais bonito, usava uma faixa, então pessoal já sabia que você estava cursando Filosofia ou Teologia.

No dia da leitura das notas, o padre prefeito começava a fazer a leitura. Começava chamando os alunos do sexto ano, seguindo a ordem alfabética. E você tinha que ficar em pé, de braços cruzados, ouvindo as notas e se tirasse nota baixa havia uma apreciação, repreendendo a pessoa. Se você fosse reprovado em três ou quatro matérias não voltava mais para o Seminário. As médias eram de zero a seis e quem tirasse mais de três estava aprovado. Uma vez obtive a melhor média da minha turma: 5,5. Os colegas bateram palmas, mas o reitor foi categórico: "Ele não merece. Olhem a nota de procedimento dele, 3.5."

O padre Francisco Batista Luz tinha uma biblioteca espetacular e pediu para eu e um colega organizarmos os seus livros e nos emprestava alguns livros. Ele assinava jornais e um suplemento literário do Rio de Janeiro e quando eu tinha folga ia para o quarto dele e tinha a oportunidade de ler. Fiz do Pe Luz assim um espécie de paradigma, eu queria ser como ele, no plano intelectual. Ele sabia grego, hebraico, era uma inteligência fulgurante, tanto que quando a Universidade Federal foi instalada, ele foi chamado para ser professor.

Ninguém podia estudar em grupo no Seminário, a gente só estudava em silêncio, individualmente. Para você ter uma ideia, eu e um colega decoramos uma gramática inteira, de latim. Decorei só para demonstrar que era bamba no latim.

Quando a gente estava no Menor, os padres nunca falavam abertamente sobre a sexualidade. Só o diretor espiritual perguntava, quando a gente estava na faixa dos quatorze anos, quinze anos, como era que a gente estava fazendo o asseio corporal e dizia que se devia ter cuidado, porque você poderia muitas vezes querer masturbar-se, que era a tentação dessa idade. Como a gente estava sempre ocupado, não havia tempo para masturbação.

Aconteceu um caso com um colega, que hoje professor da Universidade Federal. Ele costumava urinar na cama. À noite, e o regente já tinha chamado a sua atenção, mas quando acordava, o mijo estava debaixo da cama. Então, ele teve uma ideia: amarrou a cabeça do pênis, mas não aguentou e foi para as chamadas "casinhas", os sanitários. Um outro colega ouviu os gritos dele, chamou o Regente, que lhe disse: "Você é doido, rapaz" Ele tinha amarrado e não tinha como desfazer o nó. Então o Regente pegou uma gilete e disse: "você puxa desse lado, eu puxo desse outro, para cortar." Ainda hoje o apelido dele é ""amarrola." Ele é professor da Federal. Só para você ver como até o ato de urinar à noite podia criar problemas. E a gente só mandava lavar a roupa uma vez por semana; Aos sábados vinham as lavadeiras buscar as roupas e o pessoal de casa, dos que moravam em Fortaleza, apanhavam a roupa dos seus internos.

Manter os seminaristas sempre ocupados era uma preocupação constante dos padres lazaristas. Segundo o pensamento deles, a mente ocupada não divaga, quer dizer, se você tem a mente ocupada, ela não fica pensando noutras coisas. Eles achavam que o ócio era um processo de criar dificuldades na mente das pessoas. Você começava a pensar em imoralidade, em coisas feias. Colocando a mente para trabalhar, lendo ou fazendo um dever a situação era outra. A gente lia uns livrinhos pequenos, de autoria dos salesianos, sobre a vida dos santos ou sobre grandes acontecimentos, como as cruzadas.

O livro mais comum, entre nós, era a Crestomatia, depois apareceram umas Antologias, uma delas era feita por um padre lazarista, não me recordo o autor.

Em relação às férias, o vigário nos acompanhava o tempo todo. Você tinha que ir à missa, se confessar, comungar, rezar o terço. Só para você ter uma ideia, houve um jogo no Estádio Presidente Vargas e uma pessoa muito amiga de D. Expedito nos convidou, porque da casa dele dava para ver o jogo. Então havia um espaço em sua residência, que servia de complemento, lá em cima, onde colocava umas cadeiras. Pois bem, por causa disso nos denunciaram ao arcebispo, que eu tinha assistido o jogo e quase fui expulso do Seminário. Eu tinha assistido do lado de fora, com o padre José Hortêncio, padre Dourado, o que foi Capelão Militar e outros. Nem no meio do povo a gente andou. E foram dizer que eu havia assistido o jogo no estádio. Assisti, mas do lado de fora, quer dizer, distante bem uns vinte metros. As arquibancadas eram baixas e a gente via o jogo todinho. Ninguém podia ir a circo, nem a cinema, nem a futebol. Se fosse flagrado era expulso, quando você chegasse ao Seminário já estaria com a sua expulsão pronta. Então o vigário tinha toda responsabilidade de ver como era que você se comportava, pra onde é que você ia, agora nunca ouvi falar de um que denunciasse. Soube de um caso, onde um seminarista foi flagrado namorando, nas férias e ao regressar a Prainha foi expulso.

Naquele tempo a igreja achava que o padre devia ser colocado me uma redoma. Todo mundo admirava o padre, que era considerado um príncipe da igreja. Então havia dificuldades e sempre houve, sobretudo em relação ao elemento feminino, com quem praticamente os seminaristas não mantinham contato. Quer dizer, quando estivesse de férias, não deveria manter contato com minhas primas. A partir da própria família, os seminaristas tinham muitas regalias.

Uma dificuldade era quando a gente ia dirigir certas entidades, como o Apostolado da Oração, as Filhas de Maria, a própria cruzadinha. As instituições já existiam, mas você precisava saber o que deveria fazer, porque quando um padre saía, não dizia nada para o outro, que entrava. Por isso a gente recebia uma orientação, naquele tempo a cargo do monsenhor Camurça, de como organizar, na paróquia, as entidades religiosas.

Muitos deixavam o Seminário, alegando falta de liberdade. Na realidade, a gente não era livre, a gente era presa. Os muros do seminário eram de quatro a cinco metros de altura, ninguém tinha possibilidade nem de ouvir o que o pessoal falava e gritava na rua. Então a maioria saía por falta de liberdade e quando chegavam aos quinze aos dezesseis anos, muitos não aguentavam, porque o reitor ficava marcando em cima. Se ele observava alguém com a mão no bolso da batina, pronto aquilo era um caso para chamar a atenção. Muita gente deixava nos últimos anos do Menor, quando estavam para ingressar no Maior. A nossa disciplina era tão rígida, que se fazia uma contraposição, diziam que o exército tinha uma disciplina menos rígida do que a nossa.

No Seminário Maior a gente era mais livre, tinha mais liberdade, você tinha mais consciência do que estava pretendendo ser. O banho já era individualizado, quer dizer havia um banheiro a ser usado livremente. No Menor era o banho em grupo, todo mundo de calção, porque ninguém podia ficar despido na frente do outro. No maior todos já tinham consciência. Assim mesmo, ainda aconteciam alguns casos, como o de um colega, que estava no penúltimo ano de Teologia. Ele ia receber o Sub-Diaconato, para depois ser diácono e o padre Mestre foi passando e sentiu o cheiro do cigarro. Ele foi flagrado e denunciado ao reitor, que mandou comunicar ao seu bispo, que mandou chamá-lo e ele não

se ordenou. Outro dia me encontrei com ele, que me indagou se ainda me lembrava porque ele havia saído do Seminário.

Depois que me ordenei, ainda mantinha contato com colegas, mas como as paróquias nem sempre eram próximas, a gente só se encontrava durante o chamado retiro do clero, que era realizado no começo de cada ano, quando a gente se encontrava e havia aquela confraternização. Às vezes realizávamos reunião de algumas paróquias, que a gente chamava "forania", para discutir sobre as dificuldades e trocar experiências.

Quando terminei teologia, achei que não estava preparado para me ordenar, então não fiz a petição, porque para você se ordenar, primeiro você tinha que fazer uma petição de próprio punho, para receber o subdiaconato, em seguida o diaconato e depois o presbiterato. Então, quando chegou no meu tempo, eu não fiz isso, o que causou celeuma no seminário, pois nunca havia acontecido. Então, eu não fiz a petição e a carga veio pra cima de mim: "por que você não quer?" Fui chamado pelo reitor, pelo meu confessor e respondi que não estava preparado, não queria estragar meu ministério. Não sabia como iria tomar conta de uma paróquia, apesar de em todas as férias trabalhar ajudando o meu vigário. Passei um ano sem receber as chamadas ordens menores. Depois pedi o subdiaconato, fiz o retiro com os outros colegas, que recebiam o presbiterato. Nos anos seguintes quem me deu o diaconato foi Dom Antônio de Almeida Lustosa. Quando fui fazer-lhe uma visita, ele me deu uma estola, aquilo que a gente usava por cima da sobrepeliz, que era o roquete ou então a alva. Ele me disse: "Tu vais fazer o retiro no Seminário. Pede ao reitor que te reserve um quarto e ficas fazendo o retiro." Aí lhe perguntei: "Excelência, quem é que vai fazer as pregações?" Ele respondeu: "Não precisas de pregações. Você faz as suas reflexões lá e quando for no dia da ordenação, tu

te preparas para ter ordenar." Ele só tratava a gente por tu. Dom Expedito Eduardo de Oliveira, que era meu padrinho, pediu a Dom Antônio para me ordenar. Em 15 de abril de 1955 me ordenei e celebrei a primeira missa lá em São Gerardo, que era a igreja do meu bairro.

Comecei a trabalhar como coadjutor do padre Abelardo, em Itapipoca. A paróquia que mais me marcou foi Trairi, onde passei quase seis anos. Foi minha única experiência como vigário e ainda hoje o pessoal de lá me tem uma consideração fora do comum. Quando tive de voltar a Fortaleza, muitos paroquianos fizeram uma manifestação, insistindo para que eu permanecesse na paróquia. Depois o arcebispo me chamou para trabalhar em Fortaleza com os círculos operários, em apoio ao padre Arimatéia, que só sabia trabalhar só. Contei com o apoio do Pe Landim e depois fiquei como Coordenador da Pastoral da arquidiocese. Foi o tempo em que havia começado esse trabalho em Natal, com D. Eugênio Sales e nós íamos para lá, fazer os cursos ode preparação para trabalhar na coordenação da pastoral. Como era um padre novo, com poucos anos de experiência, Dom Antônio nomeou o monsenhor Souto, a quem aprecio bastante.

Como coordenador da pastoral da arquidiocese tinha de visitar todas as paróquias. Depois o Pe José Olavo foi nomeado para cuidar do interior. Também fui capelão da casa de Saúde São Gerardo e do Instituto Beneficente São José, das Irmãs de Caucaia. Mas como coadjutor, na paróquia de Itapipoca, todas as confissões na hora da morte eram comigo, porque o vigário tinha de cuidar de outras atividades. A paróquia era muito grande, de São Bento da Amontada, na serra, ia até o limite com Itapagé.

A congregação mariana, o apostolado da oração e os círculos perários ficavam com o padre Abelardo. O movimento do Círculo Operário de Itapipoca era incrível. Em todos os distritos da

paróquia havia um círculo operário funcionando, com médico e dentista, atendendo as necessidades dos circulistas, que pagavam um a cota e recebiam certa assistência.

Depois de vinte anos de padre, fui fazer um retiro, quando percebi que o padre que eu pretendia ser não parecia ser o padre que eu era. Levei esse questionamento para mim mesmo, passei cinco noites sem dormir, enquanto meus colegas dormiam. Ficavam três ou quatro em cada quarto. Quando terminou o retiro fui falar com D. Aloísio Lorscheider, que pouco me conhecia, pois havia chegado há pouco tempo. Disse-lhe que aquele padre que eu pretendia ser parecia não estar sendo, pois achava que não estava atingindo o povo, por isso queria enviasse o meu pedido de dispensa ao Vaticano. Ele me pediu para não dizer nada a ninguém e que assumisse a paróquia de Itapipoca, enquanto o Pe Abelardo fizesse retiro em Fortaleza.

A minha dispensa demorou muito a chegar, apesar de ter sido encaminhada por Dom Aloísio. Depois, quando ele foi a Roma, não localizou o meu pedido, foi necessária outra solicitação e três meses depois, quando regressou, ele me trouxe o documento, dispensando-me das obrigações de rezar a missa e se algum dia me decidisse casar, não podia ser casamento público. Tinha que ser numa capela privada, possivelmente de um bispo, com quatro testemunhas. Você assistiu a algum casamento de padre? Só ouvia falar que casou, mas naquele tempo havia uma resistência incrível, para evitar um escândalo, para evitar que muitos fizessem a mesma coisa.

Esses meninos, essas meninas, para que eu pregava, quando souberam que eu tinha pedido licença, não quiseram acreditar. No Colégio Cearense, eu era professor há quatro anos e em outros colégios, como o Assunção, o São Rafael, o Maria Goretti, onde eu pregava retiros, os alunos continuaram meus amigos. Quando

ainda exercia minhas funções sacerdotais fiz diversos casamentos de ex-alunos. Na minha família quem ficou mais sentida foi uma irmã, que morava comigo. Eles acharam que foi muita coragem da minha parte. Eu nunca perdia a minha fé, pois o meu problema não foi de fé, foi de achar que o padre que eu pretendia ser, estava achando que não era. Ainda hoje colaboro com os vigários, quando sou solicitado. Ainda me confesso, comungo e participo de todas as missas de domingo e sempre chamado para fazer leitura, pois não perdia a minha fé nem quero perdê-la. Eu e minha esposa continuamos participando das atividades religiosas. Quando me casei, ela sabia que eu era padre. Ela foi minha aluna e depois de nos casarmos, continuamos os dois a participar de eventos da igreja.

A minha decisão veio quando eu achei que não era mais o padre que esperava ser. Decidi sair, quando fiz minha opção religiosa, fiz consciente, quando saí, sabendo porque eu estava querendo sair.

Aquele momento renovador da igreja, em Puebla, foi a opção pelos pobres. O movimento dos padres casados surgiu depois, o pessoal às vezes confunde. Esse movimento dos padres casados, chamado MPC, que é hoje no mundo inteiro, há até um bispo argentino que dele participa, D. Podesta. No começo eu participei desse movimento aqui, mas depois desisti, porque a maioria deles estava querendo voltar e se eu já deixei, é porque não queria continuar.

Acho muito difícil a igreja retroceder, porque ela tem um caráter progressista, mas é conservadora. Eu não vejo um papa com coragem de acabar com o celibato e permitir que os padres casados continuem no ministério. Isso é opinião minha, e pela história da igreja que estudei, não encontro um papa com coragem de acabar com o celibato e, consequentemente, com o problema que está interferindo na presença desses padres, porque são casados.

Nenhum dos papas vai ter a coragem de fazer com que a igreja renuncie ao celibato.

Alguns padres casados colaboram com a igreja, no Instituto de Teologia e Pastoral e no Instituto de Ciências Religiosas, mas soube que eles receberam uma recomendação de suspenderem suas atividades, porque eram padres casados, mas parece que depois voltaram a dar aulas.

Hoje o Seminário não tem aquele status que tinha anteriormente. No passado era o ponto referencial de cultura e de ideologia cristã. Era lá onde se formavam todos os padres de todo o Ceará de muitos de outros estados do Nordeste. O ponto referencial da Prainha era de uma relevância ímpar. Dificilmente você encontrará outra instituição como ele, talvez o colégio Militar, que também se destacava.

Eu sou o que sou, em função do seminário, se ali não tivesse estudado, não sei o que seria, porque o Seminário me deu base para tudo: o português, o latim, o francês. Eu sou o que sou pelo que aprendi no Seminário.

Sobre a saída dos lazaristas, não estou muito a par, porque nesse tempo quem era vigário ficava tomando conta da sua paróquia. Os lazaristas, no meu modo de ver, tiveram um problema, criado com eles. Primeiro porque não tinham padres suficientes para tomarem conta do seminário. Já estavam colocando professores leigos, porque não tinham mais padres competentes para tomar conta do seminário e naturalmente isso foi criando uma espécie de impasse entre os próprios padres, formados pelos lazaristas, com os que estavam sendo formados, já tendo professores leigos. Quando viram que não podiam continuar dirigindo o Seminário, preferiram entregar a sua direção à arquidiocese. A saída dos lazaristas não foi uma exigência de D. Delgado, mas uma decisão deles.

Monsenhor Dermival de Anchieta Gondim

Uma das questões mais generalizadas diz respeito ao porquê da escolha do Seminário pelos daquela época e a resposta logo vem pronta: "Era a chance de se projetar socialmente, pois não havia melhor escola no Ceará." Entretanto, o caso do monsenhor Dermival é um outra exceção. Filho de uma família abastada, nos padrões sociais, do Ceará de então, a sua opção em dedicar-se à igreja Católica foi bem pessoal. Ele não deixou seus laços de família, com o saber viver, em melhores condições, mas permaneceu fiel aos ideais da igreja Católica, destacando-o no clero da diocese de Crato-Ce, onde ganhou a confiança administrativa dos bispos locais.



Nasci na cidade Jardim, a 8 de dezembro de 1930. Frequentei a escola primária de Jardim, especialmente o Externato Santo Antônio e quando foi em 1940, 1943, 1944, não me lembro mais com precisão, fui estudar no Seminário do Crato. Fui fazer o Seminário Maior, Filosofia e Teologia, no Seminário da Prainha, em Fortaleza. Quando regressei ao Crato, ordenei-me na cidade Jardim e, no mesmo dia, recebi provisão para cooperador em Brejo Santo, porque o meu bispo ia viajar no dia seguinte, de madrugada, por isso deixou feita a minha provisão. Deixa que eles não me entregaram na Cúria e quando ele chegou, no dia 08 de março, quando viu a minha provisão, ficou irritado: "não é possível uma coisa dessas". Chamou o Secretário e disse: "Telegrafe para o padre Ariosto". Naquela época não havia telefone." Diga que venha incontinente." Então, mais ou menos na hora do almoço, recebi esse telegrama urgente. Aí pequei minha moto, que eu tinha uma moto desde o tempo do Seminário e fui ao Crato. Quando ele foi me vendo, disse: "O que o senhor anda fazendo, que ainda não foi assumir?" Senhor bispo, eu é que não respondi provisão nenhuma.

”É que eu me esqueci”. “Ah! O senhor esqueceu, mas eu não me esqueci de passear, brincar muito, ir a Fortaleza, pra todo canto, etc.” — “Pois o Senhor vai amanhã cedo”

No dia seguinte, segui para Jardim, agora Brejo do Santo, mas deixa que à noite, nas vésperas d’eu sair, houve uma chuva muito grande, uma verdadeira tromba d’água, lá em Jardim e amanheceu o dia sem carro nenhum sair ou entrar na cidade. Então papai disse assim: “Meu filho, vou ajeitar os animais para você ir a cavalo.” “Não, papai, não vou a cavalo. Vou é de motocicleta.” “Mas não passa”. “Passa. Não se incomode. Quero só que o senhor fique sabendo eu vou de motocicleta.” Peguei minha moto às seis da manhã, saí em busca do Jardim, quando cheguei no cotovelo, o açude Wilson Roriz tinha arrombado, tinha ido embora aquele mar d’água e eu sem saber nadar. Chamei três pessoas.” Oh! Vocês dois vão passar essa moto na frente e você me passa aqui atrás, no seu “tuntun”, que eu não sei nadar. Se você me jogar dentro, você vai também, porque eu seguro no seu cabelo. Não me solte.” Nós saímos e mais na frente, do mesmo jeito. Havia mais gente para passar no riacho da frente. Lá em Carnaúba, do mesmo jeito. O certo é que eu cheguei em Brejo Santo, às três horas da tarde. Saí de manhã, sem almoçar, sem nada. Cheguei aqui, procurei a casa do vigário, que eu não sabia nem onde era, apresentei-me, com minha nomeação, minha provisão de vigário cooperador, ao padre “Pedim”, meu grande professor para a vida de vigário e ele foi apontando: “a casa do cooperador é aquela d’acolá e me mostrou”. “Não vim para a casa de cooperador, vim para casa do vigário, que é o senhor.” “Mas aqui só tem doido”. Ele era meio assim e as irmãs eram doidas. Uma era doida, a outra idiota e a outra abestada. “Aumente os doidos daqui, vou ficar aqui.” Disse.

Fiquei na casa dele e o pessoal começava a chegar. Comecei a falar com um, com outro e o certo é que fui me acomodando bem

O povo me recebeu muito bem. Fui celebrar missa à noite. Não era missa, à noite era o terço, com a bênção do Santíssimo e lá muita gente falando comigo, abraçando-me. E eu cuidando do padre Pedro, porque ele era doente, tinha o reumatismo mesmo. Ele não podia nem comer só. Tinha que botar uma colher aqui, a irmã dele ajeitava, botando no canto da boca. Era assim. Fiquei cuidando dele, porque eu tinha e tenho algum conhecimento de medicina, porque eu estudei muito medicina. Meu pai era farmacêutico. Eu já tinha prática de farmácia, no Seminário do Crato, como enfermeiro. Tomava conta da enfermaria, dava injeção e no Seminário Maior foi do mesmo jeito, tomava conta da enfermaria. Quando me ordenei, já com conhecimentos assim em medicina, isso me serviu muito. Até hoje tem me servido, porque eu vou confessar os doentes, aí pelos matos e doente, às vezes, morrendo à míngua. Eu chego, confesso e depois passo o remédio.

Três colegas foram comigo, do Crato para Prainha. Todos nós nos ordenamos. Eu, Manuel Amorim, que é vigário de Fátima, aqui em Fortaleza e o padre Teodoro, que posteriormente abandou o sacerdócio. A minha primeira impressão sobre a Prainha foi a melhor possível. Para mim é como diz o ditado, todo tempo é bom. Nunca há nada difícil para mim, nem aborrecimento, nem nada, porque eu levava tudo assim, na boemia, como se diz, na brincadeira. E na Prainha fui logo nomeado, sendo o enfermeiro de lá, para aplicar injeção, fazer curativos. Em Fortaleza foi melhor. Tinha a liberdade de ir à cidade toda quarta- -feira, se bem que depois fui cortando essa minha regalia, devido a meus colegas com inveja, Teodósio e Amorim. Eles fizeram um reboliço, que não sei o que, que eu não ia comprar remédio, ia era passear, ia visitar os colégios e aquelas coisas e tal. Em cada colégio, eu tenho uma prima, uma irmã, tenho sobrinha, tenho tudo

no mundo. É lógico que eu ia visitar. E eles me diziam: não, nessas coisas você fica enrolando e ficavam fazendo aquela perseguição.

Lá no Seminário me fiz também de fotógrafo. Toda turma de filosofia que ía pra lá, quando a gente ía a um piquenique, eu ia para fotografar. Era o único que tinha máquina de fotografar. Naquele tempo era mais difícil, mas eu tinha conseguido uma máquina alemã muito boa, automática, com a qual eu tirava um retrato e saía no retrato. Como os teólogos não tinham máquina, pediam ao reitor para eu ir. Então, chovi no meu roçado. Eu ia, tirava os retratos e, de tarde, ou à noite, quando a gente chegava na Prainha, eu ia para um laboratório, que eu fiz, para revelar.

Aprendi a fotografar desde pequeno. Eu era muito curioso. Estudava assim as coisas, as curiosidades e vi um negócio para fotografar, coisa e tal. Então, ajeitei e fiz o pedido dos ingredientes, partia para a revelação e para a cópia também. A fixação e a cópia e quando amanhecia o dia, já havia uma cópia de cada retrato que eu havia tirado. Colocava num caderno assim, número um, número dois e a turma:" quero esse".Quando chegava um que não me tinha pago eu dizia:" você não pagou. Ou você me paga logo adiantado as duas ou do contrário não leva nada. Levava na brincadeira. Eu revelava tudo e vendia aqueles retratos. E ficava sempre com aquela vida, muito descontraída, ficava brincando de todo jeito. Nas horas de brincadeira, eu brincava mesmo. Agora, nos horários em que era para ficar sério, eu era mais sério mesmo. Eu gostava tanto da Prainha, nós tínhamos a ordem terceira de São Francisco, A ordem franciscana, a ordem seráfica, denominada menor, dos terceiros. E eu fui expulso da ordem terceira., porque nós estávamos no recreio, brincando. A gente de batina, o cordão pendurado e veio a ideia de eu fazer uma "desordenzinha". Peguei o meu cordão e amarrei na corda de um colega, que estava brincando. Levantei-me bem ligeiro, sai arrastando o outro.

Foi aquela balbúrdia toda. O João Salmito era o ministro da ordem terceira, viu a arrumação e disse: "Demerval, o que foi isso? Você está expulso da ordem terceira. Você quer a baderna". Ainda tentei: "homem, não fala uma coisa dessa." A Ordem Terceira, franciscana, era uma espécie de entidade unida aos franciscanos e gente tinha certos privilégios. Era uma espécie de associação, como como a Associação da Pia União, Associação Pia de Maira e havia também a Ordem Terceira.

Da Prainha há tanta coisa boa de recordar e recordar é viver. As brincadeiras com os colegas do Rio Grande do Norte, como Penha, o Zé na rua. O Penha era muito afobado. Chegava merenda para ele e a gente procurava mexer na merenda dele só pra ver a reação dele. Um dia houve um episódio bom, de que gostei. Eu não caí na ratoeira, mas o Zé Luís caiu. Ele me procurou e disse: "Demerval, chegou uma merendinha boa." Respondi: "Rapaz, eu não vou, já merendei neste instante. "Deixa que, por sorte minha, o Zé Luís havia colocado um negócio lá dentro do doce, que provocava dor de barriga nas pessoas. Eu escapei dessa. Num dia de domingo, a gente já estava se preparando, assim de "tardidizinha", para ir à missa na Prainha e o Zé Luís chegou, olhou pra mim e deu um sinal me chamando. Quando foi depois, ele voltou todo alegre, mas com dor de barriga. Correu para o banheiro, demorou um pedaço e depois voltou. Quando chegou, todo abafado, foi começando de novo, outra cólica bem aguda e mais uma vez correu para o banheiro. Quando foi na terceira cólica, ele ouviu o grito: "já peguei o ladrão." Ah! meu Deus. Zé Luís olhou em volta e disse: "você é um criminoso, você quase me matou". "!Pra que você foi roubar?", foi a resposta. Eram as tais brincadeiras.

A disciplina no Maior era rígida, mas era boa, gostosa, porque até mesmo a indisciplina tem o seu sabor. Por exemplo, a gente era proibido de telefonar, fosse apara quem fosse. Eu tinha permissão de telefonar para a Farmácia, mas deixa que eu recebi

uma carta da minha irmã, que foi de Jardim para trabalhar com minha sobrinha e eu ía telefonar para ela. Saber se com ela tinha vindo carta, dinheiro merenda, aquelas coisas aguardadas, mas quando eu fui telefonar, olhei direito e na escada estava em pé o padre Montalvão, vice-reitor. Não vi, estava escuro nas escadas e fui telefonar. Quando eu comecei a telefonar, fui perguntando "quem fala", olhei ao lado e vi o padre. Então, "oh!, desculpe, ligação errada". E telefonei para a Farmácia Oswaldo Cruz: "olha, aqui é do Seminário. É que estou precisando de três injeções de glimacerim, que é um antibiótico, pois está na hora de aplicar, o médico passou e não posso fugir desse horário." "Está certo, eu mando", foi a resposta. E o padre afirmou: "está certo, telefonemas assim para pedir um remédio, você pode." Então, abriu a porta e saiu. Quando eu olhei e o vi dando a curva, liguei de novo para a farmácia: "Seu Oswaldo, não precisa mandar o antibiótico, pois eu encontrei. Há aqui, na enfermaria o remédio. Pode mandar sustar que eu tenho." Disse que não precisava e ainda telefonei para minha irmã, que falou: "Demerval, foi você quem telefonou há pouco?" "Foi, mas um padre estava na minha frente e eu não pude conversar. Essas coisas a gente não esquece.

Nas visitas as nossas irmãs podiam ir. Todos ficavam na portaria, mas não podiam entrar. Havia muitas outras coisas no Seminário, mas o que gostava mesmo era de brincar. Até com meu irmão, quando o encontrava. Ele estudava na Escola preparatória, para o Colégio Militar, em Fortaleza. Eu dizia assim: "quando for mais tarde, você passa na padaria, compra um pão, grande e compra mais isso e você vai botar por detrás". E mostrei a ele onde era. Havia um vitrô na capela e ele mesmo fora ali coloca-lo, porque não se podia ter merenda assim. Na frente dele ficava a cadeira do reitor ou do prefeito da disciplina. Nas outras cadeiras altas, onde a gente colocava o pão, assim, por detrás, não se via nada.

Ele chegava colocava o pão e eu passei a ficar doido para comer pão. Quando o reitor saía, chegava o prefeito disciplinar. Aí, eu falei assim: "não é possível que esses padres hoje não deem uma chance. "Demorou um bocado, fui lá tirar o pão, para merendar. Todo dia eu fazia aquilo. eram coisas proibidas, que eu fazia. E no refeitório era que era bom, apesar daquela comida ruim, que cachorro ficava latindo a cinco léguas de distância.

Sempre eu dava um jeito. Dona Ana..., não me lembro mais do nome completo dela era a responsável pelo controle da cozinha. Na hora do recreio, quando eu via que não havia nenhum padre por perto, chegava por lá, afirmando: "vocês trabalham demais. Eu fico observando, é um constante corre-corre, de um local para outro, para dar contas de tantas coisas. Eu vou conseguir o fortigan, para senhora, que não pode ficar assim, senão adoece e a gente vai precisar de outra pessoa para cuidar de tanto trabalho..." E ela respondia: "não, o remédio é muito caro." "Não, não é nada". Fui à enfermaria onde havia um vidro de vitamina e outros remédios, como ferro vitaminado. Ao voltar disse: "pronto, aqui para a senhora tomar este remédio." "E quanto é"? "Não, para a senhora, eu não vou cobrar nada." Afinal, era na conta do seminário, para pagar depois. Veja, eu fazendo figura com o dinheiro alheio. A partir desse dia, ela colocava uma tigela com carne, do tipo da que era destinada aos padres. Num belo dia, eu e o Chico Augusto, outro seminarista do Crato, de Lavras da Mangabeira, num dia de domingo, a gente estava com uma fome medonha. O Chico Augusto me chamou, desafiando para que eu fosse buscar alguma coisa no refeitório. Eu fico aqui, quando você chegar lá, eu movimento a roda e você sai. Ele entrou, mas não teve coragem e saiu. Então eu fui e tirei comida à vontade e coloquei a parte a ele destinada, mas nada de ele movimentar a roda. Bati um pouco e ouvi o seguinte: "fora porque há gente por perto." Era o reitor do

Seminário. "O que você está fazendo por aqui? "Estou só fazendo a minha reflexão, caminhando." E ele voltou para entrar no refeitório. Quando foi entrando, bateu rápido: "ligeiro, ligeiro, o padre está entrando." Eu já estava dentro da roda, mas consegui sair com as comidas. Era doce e outras coisas, tiradas da geladeira. Aventuras como essa davam um colorido, um tempero ao cotidiano do seminário. "

Havia um seminarista, que era meu colega "of Sobral", o Galego e foi na nossa despedida, que lhe aprontei uma. Nós passamos quarenta anos sem nos falarmos, nem me deu seu telefone. Ele saiu com raiva de mim. Um dia as pedras se encontraram. Nós íamos fazer uma despedida em Maranguape, numa piscina. Nós estávamos tomando banho e eu tomei a palavra: "olha, eu queria me despedir dos colegas, mas queria dar a cada um de vocês uma lembrança... Mas como no Seminário a gente não tem dinheiro, só pude adquirir esse presente, que será sorteado." O presente era uma rede que eu consegui tirar à noite. Fui dormir às nove horas, mas não dormi e, às duas horas da manhã, tirei essa rede do quarto dele, quando ele foi ao banheiro. Era o sujeito mais desconfiado do mundo. Só saía do seu quarto, fechando e levando a chave. Cada um de nós, quando era diácono, tinha direito a um quarto individual. Eu fiquei acocorado durante muito tempo, para conseguir por a mão na rede dele, que sempre ele costumava mostrar para todo mundo, a sua rede de agave, bem bonita. Ele só fazia mostrar aos colegas. E eu coloquei na cabeça: "um dia vou pegar essa rede, vou fazer um sorteio dela." Não deu outra, quando ele saiu, tirei a rede e a levei ao meu quarto, fiz um embrulho, escondi e a levei para o passeio no sítio. Nós éramos treze, eu cortei treze papeizinhos, para sortear um deles. Só que o nome em todos eles era Martins. Eu pedi ao dono da casa para efetuar o sorteio, ressaltando que era um símbolo da manifestação da nossa amizade.

Quando tirou, ele leu:" "Martins". Ele ficou rindo, muito satisfeito com a rede. Nossa reunião durou uma hora e meia. Ele observando a rede, começou a ficar desconfiado, rasgou todo o embrulho, constatou que era uma rede da cor da sua e não quis mais conversa com ninguém. Quando chegou a Prainha, correu para o seu quarto e não encontrou a sua falada rede. Ficou com uma raiva danada. Não quis nem jantar no refeitório. "Vocês viram o que esse sujeito fez comigo? Fazendo pouco de mim." O certo é que no dia seguinte, nós viajamos e fui me despedir dele. Ele fechou a cara e não falou nada. Passamos quarenta anos e quando nós fomos comemorar esse tempo de saída do seminário, na paróquia do Manoel Amorim, no Bairro de Fátima, em Fortaleza, o Manoel foi convidar o referido colega e ele respondeu: "se o Demerval for, não irei. Você não se lembra do que ele fez comigo?" Terminou fazendo a seguinte proposta: "Demerval fica no primeiro quarto e eu fico no último." Quando cheguei a Fortaleza, no dia do nosso encontro, ele também chegou assim, todo vaidoso, com o malote na mão e me ofereci para ajuda-lo. "Você pega de um lado que eu pego do outro."

A situação foi melhorando e no dia seguinte ele mostrou um cheque em branco, que os paroquianos lhe deram para comprar uma melhor túnica com todas as alfaias do altar da matriz. E afirmou: "vocês não tem o prestígio que eu tenho" O certo é que ele foi ao centro, comprou a melhor túnica, as estolas e tudo mais. Ao chegar, foi mostrar para a gente: "Ah! Batista, na minha paróquia ninguém sabe que eu completei quarenta anos de padre." Após o almoço, ele tinha saído, em direção à capela. Fui ao quarto dele, tirei tudo da embalagem e botei uma toalha grande de banho. Tranquei e coloquei as alfaias no fundo da maleta dele. Cobri direitinho, porque ele não enxergava bem e o certo é que ele levou.

Quando chegou a sua paróquia, ele foi celebrar e aproveitou a oportunidade para mostrar aos paroquianos o que adquirira, com a ajuda recebida. Abriu o invólucro no altar e todo mundo olhando. Quando ele viu que era uma toalha de banho, ficou uma raiva danada. E o pessoal todo achando graça na igreja. E ele saiu- -se com essa: "meus paroquianos. Isso aqui é mais uma armação que aquele meu colega, o vigário de Brejo do Santo, padre Demerval, aquele cabra sem vergonha fez comigo." No altar, me chamando de cabra sem vergonha. Pois é, comprei o paramento, ele o tirou, colocou essa toalha de banho aqui, vocês me desculpem." Quando chegou à sacristia, pegou o seu celular e ligou para o Amorim: "Manuel, por que eu não queria que o Demerval fosse? Sabe o que ele fez comigo?" "Se você cooperou com ele, é porque você também não presta." Após dois anos, nós fomos fazer uma visita á paróquia dele e na frente dos paroquianos, no altar, ele saiu-se com esta: "vocês se lembram daquela toalha, do presente que vocês me deram, que eu apresentei no altar? Olha aqui quem foi o autor. Este homem.

Sobre a saída dos lazaristas, da direção do Seminário, os padres novos estavam escassos, era mudança de tempo. A saída de Dom Antônio de Almeida Lustosa, da arquidiocese e quando D. José de Medeiros Delgado assumiu, começou a aquele negócio, vendeu o palácio episcopal... Acho que não foi influência do Concílio Vaticano II. Foi uma falta de visão, de conservação do patrimônio. Ele vendeu também a rádio assunção, acho que ele deve ter entrado em desentendimento com os lazaristas.

Lembrei-me do padre Tomé, que a gente chamava o democrata. Era nosso professor de história da igreja. A turma só queira se confessar com o padre Tomé. Ele era bem velhinho, os outros padres não eram tão atrativos para as confissões, mas com ele, faziam aquela fila. Então eu encontrei um jeito de me confessar sem

enfrentar aquela fila. Na hora em que eu queria, me confessava. Eu ia à enfermaria, pegava a seringa, uma injeção na mão, um vidro de álcool, para esterilizar, Quando chegava lá dizia: "Agora está na hora de dar a injeção no padre Tomé." E os colegas descobriram. "Cabra, sem vergonha, você não vai dar injeção no padre Tomé, você quer é se confessar antes dos outros. Não passa, não passa. Vai ser o último a se confessar."

Minha ordenação sacerdotal foi em Jardim. Pedi a Dom Francisco Pires para ser ordenado lá. Isso me faz pensar no Seminário. Depois que fecharam a Prainha, o Seminário Menor passou lá para aquela periferia.[Para o chamado bairro Dias Macedo, popularmente denominado "Mata Galinha".] O seminário ficou automaticamente desestruturado e os seminaristas iam para Belo Horizonte, para Mariana, também em Minas, ao Recife e isso repercutiu também na diocese do Crato. O Seminário do Crato também fechou, ficou desativado.

Com disse, acho que não foi influência do Vaticano II. Foi falta de vocação e havia uma crise. Agora não. Estão surgindo muitas vocações. Nós estamos no Crato com mais de cinquenta seminaristas. São internos e o sistema está funcionando. O Seminário, há uns três nãos, está entregue aos "padres suplicianos", uma ordem religiosa da Colômbia.

O Seminário hoje é bem diferente daquele do meu tempo. Na formação, por exemplo, esses padres novos, com mentalidade nova, até os livros são novos. No nosso tempo, os livros eram em latim. O seminarista tinha que saber latim para traduzir, porque todos os livros de filosofia, de teologia, exegese, todos eram em latim. E a gente tinha que saber tudo. Naturalmente, aqui e acolá a gente tinha de usar o dicionário, mas a gente apanhava os livros de teologia, lia e entendia tudo. Agora, depois que o seminário foi fechado, os seminaristas não estudam mais latim. Até a missa é em português.

Muitos padres que conheço não sabem nem pronunciar algumas palavras em latim. É uma saudade que eu tenho do seminário, e de todo aquele rigor, da disciplina, dos estudos de lá, de tudo, da teologia, da filosofia, da teologia dogmática, teologia moral. E a gente estava tão habituada com aquilo e achava normal os livros todos em latim. Hoje os padres não estudam mais o latim. Eu observo muitas lembranças, recordações do seminário, em tudo e por tudo.

Eu me ordenei em 08 de dezembro de 1956, no dia do meu nascimento. Nesse mesmo dia fui provisionado para Brejo Santo e até hoje estou aqui. Vou fazer cinquenta anos de padre, de ordenação, de vigário de Brejo Santo. Como destaquei, aqui passei dezesseis anos sendo cooperador do padre Pedro, o velhinho. Não fazia nada o pobrezinho. Coitado, doente de tudo. Outros cooperadores só passaram um ano por aqui e saíram. Eu vim para cá e completei 12 anos como cooperador dele. D. Vicente Matos veio para me dar o título de pároco, mas não aceitei. "Dom Vicente, eu não me interesso por título. Sou pároco, sou cooperador. Faço tudo do vigário, mas deixe o velhinho do padre Pedro viver o resto da vida dele como vigário e eu como seu cooperador." Tanto assim que me lembro de uma vez, quando eu cheguei aqui, comecei a renovar tudo, o coitadinho não tinha experiência, uma determinação para inovar. Naquela época a luz era a motor, aqui na cidade, o chamado "motor de energia". Era um dia e outro não. Eu comprei um motor pra aqui, para a energia da igreja e iluminação da casa paroquial. Comprei amplificador, para colocar na igreja durante as celebrações, para irradiar as liturgias. Cheguei aqui em casa e o padre Pedro deitado em uma cama, sem mais se levantar. "Eu não sou mais nada", dizia.. Eu respondia: "não se preocupe, padre Pedro, o que estiver errado eu corrijo, é só o senhor me dizer. O Senhor é o pároco daqui, eu sou seu auxiliar, seu cooperador," Mas eu não falo mais nada," acrescentava "mas estou fazendo pelo senhor."

A minha resposta: "O senhor pode ficar deitadinho." O bispo insistia em me confiar a paróquia, mas não aceitei. "Fique do jeito que quiser, no dia em que ele falecer, você será nomeado pároco." Em 1973, quando ele faleceu, assumi oficialmente. É porque nunca busquei posição. O título de pároco é porque as funções vieram naturalmente. Hoje eu sou vigário geral da diocese. Quando o bispo está viajando, eu assumo também o bispado, o bispo passa tudo para mim. "O que for para resolver na diocese, você assume, pois está no meu lugar", costuma dizer o nosso bispo. Quer dizer cheguei ao cargo mais alto na diocese, tudo passa por minhas mãos. Eu nunca busquei nem me interessei tanto. Agora fui agraciado. O bispo também ne deu o título de monsenhor. O bispo indicou e o papa autorizou. Eu tenho o documento papal. É um pergaminho, nomeando-me entre os seus capelães. O padre Demerval tem todos os poderes e tal. Foi assinado por João Paulo II. Sou vigário geral e posso representar o bispo. É uma certidão que coloquei na minha identidade, porque às vezes serve para a gente em certos momentos precisa, por exemplo, lá em Lourdes. Todo ano vou a Lourdes. Já fui nove vezes. Quando eu cheguei, ansioso para tomar um banho na piscina, uma cheia medonha, uma fila enorme e a grade fechada. Todo ano do mesmo jeito. Tinha que chegar de madrugada, entrar na fila e ficar esperando, para entrar. Pensei comigo: sabe de uma coisa, vou usar meu prestígio. Como estava tudo cheio, sai-me com essa:" Je suis Monsieur." Quando apresentei o documento, me levaram para tomar banho. Fui um dos primeiros, O banho era na piscina dos milagres, em Lourdes.

A Prainha era um ambiente muito agradável para a gente rezar, diante de Nossa Senhora, minha madrinha também, Nossa Senhora da Conceição. Então eu gostava muito dali. Muitas vezes ficava ajudando na celebração e em que fosse necessário. Era

muito aconchegante para a gente rezar. Eu gostava muito dali e da participação dos leigos também, embora no meu tempo fosse mais ou menos fechado. Só na hora da missa é que se abria ao público. A Prainha era um ambiente muito agradável, foi lá onde eu aprendia a celebrar também, quando padre Arruda levava a gente e preparava cada um de nós para celebrar e ficava observando: "Oh!, assim não, assim, assim." Era uma disciplina prática. A liturgia prática da vida sacerdotal. Ele ensinava tudo: a fazer casamento, a fazer batizado dentro da liturgia, porque a gente tinha que seguir aquela liturgia que orienta aquela oração em tal tempo, tem que fazer isso assim naquela hora e a celebração da missa era um treinamento. Hoje em dia, o padre vai se ordenar, é preciso uma pessoa ficar ao lado, para ver se ajudando nos primeiros dias, ele pode celebrar direito. Na nossa época não. A gente saía destemidamente, celebrando.

A semana santa era o período litúrgico que mais me marcava. As celebrações eram na igreja do Pequeno Grande, pois a catedral ainda não havia sido concluída. Na época da construção da Catedral, muitas vezes nós fomos até lá. A gente subia, ficava olhando, acompanhando o desenvolvimento da obra. No tempo da quaresma, alguns seminaristas iam a certos colégios, para ajudar nas cerimônias. Era uma vida bem ativa, eu gostava muito disso, não ficava só parado dentro do Seminário e a recordação dos colegas, a conserva na cordilheira dos andes, que era um local do silêncio, onde a gente celebrava, onde a gente estudava. Era um recanto bem agradável, onde os colegas ficavam isolados e lá, até para aliviar servia, pois era, onde se metia o sarrafo no reitor e em tudo mais. Era frequentado na hora do recreio. Era tão conhecido que chegou uma época, em que os frequentadores da cordilheira dos andes ficaram mal vistos. Era aberto, situado no pátio, mesmo, onde muitos ficavam.

Por falar em aberto, havia uns matos, assim onde havia feijão uma vez eu fiquei com vontade de fazer uma feijoada, comecei a catar feijão, juntei um bocado de feijão numa lata. Uma lata grande, do tipo daquelas que vinham com merenda. Apanhei uma, coloquei o feijão dentro, botei água e disse: "vou fazer uma feijoada para mim". Juntei uns galhos de mato seco, fui por detrás dos quartos destinados aos diáconos, coloquei três pedras e fiz o fogo. Coloquei água e falei assim: Já sei. Agora precisa de sal e pimenta. Então me lembrei da mulher do refeitório, dona Angélica. Cheguei lá e disse: "dona Angélica, é o Demerval. Eu queria um pouquinho de sal e pimenta do reino, para fazer um gargarejo, por causa da inflamação na garganta. Já usei outros remédios e vou experimentar o resultado de um tratamento caseiro". "Está certo". Assim, trouxe uma xícara com sal e pimenta do reino e deu na cabeça de arrumar um toucinho também. "dona Angélica, veja como está isso aqui. Levei uma estuprada e já usei basilicão e não puxa, eu queria usar agora o tratamento caseiro, aquele que a gente pega e coloca um pedacinho de toucinho, daquele toucinho com um pedacinho de carne. Então ela trouxe um pedacinho de toucinho, com carne. Levei e coloquei dentro do feijão e haja ferver. Enquanto isso, meu colega Chico Augusto chegou e viu aquela fumaceira e disse:" eu logo vi que não era um quarto dos diáconos que estava pegando fogo. "Ou você faz o racha comigo ou vou dizer ao padre Almeida, que está ali na calçada do campo da prefeitura. "Rapaz, a gente se ajusta." Fica aí. "Ele trouxe uma lata daquelas de doce, seca, depois, quando estava tudo cozinhado, tirei, coloquei o caldo para ele, que tirou um pedaço de carne e comemos à vontade. Tirei até um retrato ainda. Assim, o seminário foi a coisa melhor do mundo. E hoje, quarenta anos de padre, aqui em Brejo Santo, graças a Deus posso dizer que sou feliz, aqui. Nunca houve nada contra mim, todos comigo, nenhum obstáculo. O que eu quero eu realizo, em Brejo do Santo.

Fui muito apegado a minha mãe e quando eu estava no segundo ano de Seminário, ela faleceu. Meu pai faleceu quando eu já era vigário de Brejo Santo, mas todo mês eu ia a Jardim, falar com ele, porque papai deu muita assistência aos filhos. Nunca nos faltou nada, porque graças a Deus, modéstia à parte, ele era um dos homens mais bem situados em jardim: era o farmacêutico, tinha muita propriedade, tinha loja de farmácia, era correspondente do Banco do Brasil, Banco Caixeiral, Banco Cariri e da Sul América. No tempo do Seminário, ele mandava dinheiro, a meus irmãos também, um era auxiliar na Medicina, no Rio de Janeiro, outro em Fortaleza e outro no Cariri, depois foram todos para São Paulo e nunca faltou nada. papai ficava atento a tudo. A gente teve um amor a ele, porque dava cobertura aos filhos. E aqui em Brejo Santo, eu me familiarizei logo com os meus paroquianos, tanto assim que, muitos daqui são meus compadres. Em todo canto, onde chego, o pessoal gosta de mim. Tanto assim que hoje minha terra não é mais Jardim, é Brejo Santo, pois dificilmente vou a Jardim. Só vou falar com um irmão, uma irmã, que ainda tenho lá. Ao menos almoço, só de passagem mesmo e venho embora. Meus irmãos todos estudaram fora. Eu gostava muito de festa. Em Jardim não perdia uma festa. Eu abria e fechava o salão por assim dizer. Eu era o primeiro a chegar e o último a sair. E meus irmãos não gostavam tanto quanto eu gostava. Agora minha mãe sempre dizia que eu era o padre dela.

Meus irmãos diziam assim: "Eita! Esse padre só quer saber de festa, quero saber como é que vai ser isso?" Num belo dia eu tinha terminado o curso primário, em Jardim. Meus irmãos pensavam que eu ia viajar com eles, ou ia para o exército ou ía para medicina, como dois já estavam, mas eu disse assim: "vou para o Semimário." "Não pode. Se nós somos danados, você é mais danado do que a gente. Só gosta de festa e a gente continua nos outros cantos." E eu reafirmava: "Vou, o que é que tem?" O

certo é que houve até uma festa, onde cheguei dizendo: "Epa, hoje vou de despedir de todas. Vou dançar com todas as meninas interessadas e amanhã vou para o Seminário." Então ficaram fazendo onda comigo:" Como é?" E ficavam dançando.

No dia seguinte, peguei minha mala, pois na época você ia com tudo de casa para o seminário e papai foi me deixar de carro, no Crato. Quando eu regressei de férias, em junho, quase me arrancaram a batina. Assim, brincando e coisa e tal, fui levando, mas venci, graças a Deus. Nunca houve problema com minha vocação. A minha vida foi muito movimentada porque desde os oito anos, meu pai me colocou na farmácia, para ajudá-lo. Ia para a escola, mas voltava, voltava e ia à farmácia para ajudar, ficava prestando atenção, arrumando remédio, fazendo um mandado e coisa e tal. Chegava uma pessoa para tomar injeção, eu já sabia esterilizar as seringas, pois ele me tinha ensinado tudo. Num belo dia, quando eu tinha nove anos, disse: "eu agora vou aplicar uma injeção" Chegou um casal: "O Sr. Lourival está aqui?". Lourival era o meu irmão mais velho, que tomava conta da farmácia, quando o papai precisava. Estava no escritório ou nos bancos. Então eu disse: "Não, quem dá agora injeção sou eu". "É você, menino?" Comecei a esterilizar a seringa. Eu tinha aprendido com a prática do papai. Quando eu estava colocando na seringa, Lourival, que tinha saído na moto dele, estava voltando. Eu ouvi o barulho da moto, parando em frente à farmácia. Bem ligeiro eu mandei que a mulher se sentasse na cadeira, porque eu não alcançava em pé, porque era baixo. Peguei o algodão com álcool, esterilizei o braço, quando Lourival ia entrando, eu estava aplicando a injeção. Apliquei bem ligeiro. Lourival colocou a mão na cabeça, fechou os olhos e eu lá, aplicando a injeção. Massageei e Lourival afirmou: "que é isso, Demerval?" "É uma injeção desse senhora, que já apliquei.

Está tudo direito." E a mulher me ajudou: "Seu Lourival, o menino aplica melhor que o senhor." Lourival ficou achando graça e quando a mulher saiu, quis mostrar sua autoridade: "mas você" e saiu-se com esta: "se a mulher o elogiou, pode ficar aplicando com cuidado." Pronto, com nove anos já aplicava injeção e aos dez, papai me deu uma bicicleta. Num instante aprendi a andar e meus colegas queiram andar, mas eu dizia: "Eu alugo." Na rua o título comercial vinha na minha cabeça: "eu alugo." Como havia um relógio na farmácia, grande, que me serviu de apoio para marcar o tempo de aluguel da minha bicicleta. Contava o apurado com atenção e quem não pagasse, não andava mais. Só havia minha bicicleta para alugar na cidade e quando foi no meio do ano, eu já tinha seis bicicletas. E fui guardando o dinheiro apurado.

Todo dia, às cinco da manhã, papai me acordava para comprar os pães. A padaria ficava atrás da nossa casa e o proprietário era o Seu Boris. Num belo dia, seu Boris sai-se com esta: "diga seu pai que de segunda-feira em diante, não tem mais pão. Se ele quiser comprar tudo, inclusive com a casa, eu vendo, pois estou precisando de dinheiro. Fiz os meus cálculos e vi que eu tinha o dinheiro para efetuar a compra. Era o dinheiro arrecado com as bicicletas. "Seu Boris, segunda-feira, o Senhor pode ir lá na Farmácia, leve a escritura e receba o dinheiro." Você sabe se o seu pai quer?" "Eu estou dizendo que o senhor pode levar." Então, cheguei ao papai e disse: "eu quero que o senhor vá passar essa escritura aqui em meu nome." O que, meu filho?" "Passar essa escritura aqui." "Mas meu filho, você comprou esse negócio, a gente tem o que cuidar no Jardim. E você ainda vai comprar um imóvel?". "Nós, não. O Senhor tem, mas essa eu comprei e já paguei, vai ser minha. Eu quero que o senhor vá ao cartório, passar em meu nome, pois eu sou de menor e não posso. Ele ficou achando graça, balançou acabeça e foi.

Eu só tinha doze anos e me considerava empresário. Daí em diante as coisas foram melhorando.

Depois fui ao Seminário, onde comecei a fazer texto, nas horas de recreio e vendi texto pra seu Mansinho, em Juazeiro, cem, duzentos textos. Minha vida foi estudar, mas sabia cuidar de outras coisas. Quando eu estava no seminário, além dos textos, eu tirava fotografias. Ganhei muito dinheiro com retratos. Eu levava as amostras grátis de remédio, que encontrava na farmácia do papai e vendia no Seminário. Quando papai reclamava, eu pagava só o custo e levava. Quando cheguei a Brejo Santo, instalei uma serraria. Comprei um terreno e as cobertas das capelas eu mesmo dava. Ganhei bastante dinheiro com madeira e toda vida fui independente. Comprei um caminhão e depois uma carreta. Ainda hoje tenho a serraria, mas está fechada porque agora não posso, por causa do cargo que assumi no Crato. No dia em que eu entregar a diocese, o economato da mesma, não vou ficar só na paróquia. Tenho minha serraria. Toda vida gostei de ser independente, de ter minhas coisas. Às vezes, a gente quer ir a um passeio, vejo os colegas todos sacrificados, sem poder e eu não preciso mendigar, graças a Deus.

Padre Osvaldo Carneiro Chaves

Ele deixou marca profunda em todos os alunos que cativara, com seu amor à língua pátria, como o "excelente professor" e "consagrado poeta, mas" sobretudo por sua dedicação total às causas da igreja. Várias são as histórias contadas por seus ex – alunos, do Seminário diocesano de Sobral. Inclusive alguns deles

ainda o visitam uma vez por ano, como uma demonstração de apreço daqueles que o veneram.

Bons professores de português, um poeta, os louvados memorialistas, da vida interna do Seminário de Sobral se configuraram à sombra do mestre modelo. O que mais nos chamou a atenção, na sua entrevista, além dos valiosos informes apresentados, foi o seu otimismo com os padres mais jovens, beneficiados pelas oportunidades oferecidas, nos dias atuais.

Padre Osvaldo permaneceu fiel ao modelo de sacerdote romanizado, elaborado pelo decantado fundador da diocese de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, mas soube traçar o perfil de sua própria vida eclesiástica, testada e burilada, no seu cotidiano, do sertão cearense, como pastor e professor, do Seminário e da Faculdade de Filosofia, instalada pela diocese.



O que me influenciou a estudar no Seminário foi uma experiência da minha infância. Nós fazíamos o curso de admissão ao ginásio, num colégio que foi fundado em Granja, Ginásio Lívio Barreto. E os professores e o diretor tinham sido seminaristas, que deixaram impressões na gente, pelo comportamento deles. Hoje eu me lembro deles e acho que eles ainda levavam muito dos costumes bons do Seminário. Impressionavam a gente, fizeram uma campanha de vocações sacerdotais, promovido pelo monsenhor Sabino, que era diretor da Obra das Vocações Sacerdotais (OVS) e três colegas nossos se animaram a ir para o Seminário. Numa visita pastoral, que D. José Tupinambá fez a Granja, eles, já animados para irem para o Seminário, convidaram-me para fazer uma visita a Dom José, que conversou com aqueles três meninos, prestando bem atenção. Aquilo me impressionou bem: como é que um homem como Dom José, bispo da diocese, conversava com três fedelhos? E decidi ir para o Seminário.

Eu fazia o quarto ano, o de admissão, por sinal bem feito. Cheguei a Sobral e não encontrei dificuldade em entrar no primeiro ano ginasial. Aliás, quem me examinou mesmo foi o próprio Dom José. Cheguei atrasado e ele me examinou, fez perguntas sobre gramática portuguesa e eu estava afiado naquela matéria. E telefonou lá para o Seminário, dizendo que me colocassem no primeiro ano ginasial. Não encontrei a menor dificuldade. Foi em fevereiro de 1940.

Sobre o sistema de internato, eu não conhecia, tinha a impressão que todo colégio era daquele jeito. No ano seguinte eu iria para o colégio Cearense, porque a princípio eu pensava em ser médico. Graças a Deus, Dom José me livrou disso. Outros colegas nossos, conterrâneos, estudavam no São João, no Castelo e a maior parte estudava no Cearense, em regime de internato. Eu tinha impressão que era tudo igual, eu não conhecia o sistema de internato dos colégios. Eu era interno no Ginásio Lívio Barreto e o meu pai morava no sertão, a uma distância de duas léguas. Com oito meses de colégio, eu estava habituado àquele regime de disciplina, quase de caserna, do Seminário.

A gente se habituou àquele regime disciplinar, pois desde criança me acostumara ao trabalho duro, do sertão, ajudando meu pai, que era comerciante, estudando em casa. Perto de Granja, naquele tempo havia sertão, sertão habitado, hoje não há mais sertão habitado. O sertão é deserto, o pessoal sai para a cidade. Uma cidade do tamanho de Granja fica com uma periferia enorme. Com todos os problemas de uma cidade que recebeu muitos sertanejos, mudança de cultura, mudança de ambiente.

Recordo-me do ensino no Seminário. Nós tínhamos o clássico, não o curso científico. Dom José queria que os seminaristas

fizessem o curso clássico. Nós tínhamos física, matemática, biologia, tudo que os outros colégios de científico ofereciam. Mas Dom José queria só que nós víssemos e os professores exigissem o aspecto humanístico da biologia, da química, da física, da matemática. Nós não estudávamos matemática como ciência, como parte das ciências técnicas. Fazer cálculos de química, de física, de engenharia genética, isso aí não fazia parte do ensino. Dom José queria que nós estudássemos latim, grego, duas línguas faladas duas língua cultas, que eram francês e o italiano. No final do Seminário da Betânia, em Sobral, Dom José viu a necessidade de dar inglês para os seminaristas, porque o inglês já estava suplantando o francês, que era a língua universal.

Fui para o Seminário da Prainha, em 1946, e nós já sabíamos como funcionava o seu sistema educacional. A gente não estranhou, pois se estranha quando é ruim, mas como era mais folgada a disciplina, no Seminário Maior, eu a achei boa. Não que eu me desse mal com a disciplina, como eu já disse aqui, quase de caserna, no Seminário Menor. Na Prainha, acordando às cinco da manhã, fazendo ginástica sueca, tudo em silêncio, todo dia, exceto no domingo e na quarta-feira. Nós tínhamos esportes e gostei da disciplina, sobretudo do ambiente cordial da Prainha. Tínhamos a divisão dos menores e dos maiores e só nos encontrávamos no refeitório, e na capela. Fortaleza tinha essa divisão, na verdade eram dois seminários.

Impressionava-me aquele ambiente de cordialidade, a gente sabia a hierarquia dos valores ali. O pessoal era bem dotado, Miguel Câmara, Edmilson da Cruz, Austragésilo, Antônio Cruz. Esse último era um negro lá dos Inhamuns. Inteligente, uma das cabeças melhores que encontrei no Seminário, mas havia cordialidade, muito estudo.

O ensino era um dos melhores, embora não fosse reconhecido oficialmente. Quem estudava no Seminário tinha que fazer

aqueles cursos naquele tempo denominados "cursos elefantes". Faziam uma espécie de exame de todas aquelas matérias, que se exigiam no curso ginasial. Eram sempre bem-sucedidos os que se submetiam aos tais exames, porque realmente o nosso estudo era superior ao dos outros colégios. Disso não tenho dúvida. As opções de lazer eram mais o futebol, além do voleibol e do basquete, mais o futebol. Eu não me dava com o esporte, eu me poupava, pois eu tinha dificuldades, pois tinha sequela de pólio. Por isso não era muito afeito aos esportes. Jogava vôlei, mas era péssimo jogador.

A maioria dos padres que ensinavam Filosofia e Teologia eram lazaristas, em grande parte holandeses. Havia um alsaciano, de língua francesa, o padre Pedro Zingerlé. Havia um mineiro, que era o reitor do Seminário, o padre Cabral. Havia o padre João Heinz, professor de Teologia Moral e de Direito Canônico, muito competente. Havia o cearense padre Luz, ali do Pacoti. Cabeça boa, estudioso, humanista, um bom humanista, apaixonado pela literatura brasileira e portuguesa.

Nós tínhamos o Centro Santo Tomás de Aquino, que era uma espécie de grêmio, para estudos e tínhamos o centro de improvisos, o Boca de Ouro. A gente o chamava "o Crisóstomo," era para improvisos, uma vez por semana, quando a gente se levantava e ía quebrar os nervos e aprender a falar. Todos eram obrigados a participar. Mas a gente sabia que ia precisar dele, pois era uma necessidade.

Em geral as turmas do Maior eram numerosas, mas poucos concluíam o curso. Muitos desses seminaristas chegaram a se ordenar e depois do Vaticano II deixaram o Seminário, embora nem todos tenham deixado a vida religiosa. O Pedro Van Ool, holandês, meu vizinho de quarteirão, era padre Sacramentino. Veio para Sobral, foi diretor do Colégio Sobralense, acho que já tinha pensado em deixar e se afastou da congregação, mas conti-

nua bom católico, coopera com a gente na nossa rádio. Ele é educador, tem um programa toda quarta-feira, é muito interessante, um homem culto, cabeça boa.

Após minha ordenação sacerdotal, estranhei muito minha volta ao mundo, mas logo fui designado para o Seminário. Dom José nos destinou ao Seminário, a mim e ao colega Austregésilo, que hoje é bispo. Após quatro anos no Seminário, quase que nós não tínhamos contato com o povo. Contato com povo, só catequese infantil. As capelanias que a gente ajudava tinham seus vigários, que pediam para ajudá-los no confessionário, nas pregações. Eu pedi a Dom José uma experiência pastoral e ele me atendeu. Eu disse a ele: "eu não me sinto capaz de ser vigário, mas desejava uma experiência com o povo. Então me deu Crateús, que na época pertencia à diocese de Sobral. Era uma paróquia um tanto difícil. O vigário dava certa dificuldade ao cooperador e daria dificuldades ao futuro bispo, Dom Fragoso. Ele se deu mal com Dom Fragoso, que foi firme e ele acabou deixando a vida eclesiástica, já velho, como monsenhor. Deixou e casou, depois de idoso, mas eu tenho a impressão que foi birra. Ele não gostou da atitude de Dom Fragoso com ele, Passei um ano lá, foi bom aprender a conviver com um padre vigário, eu não sabia o que era ser um cooperador. Aprendi muita coisa.

Sobre a saída dos padres lazaristas da direção da Prainha, no meu entender não foram os lazaristas que saíram, foi um barco que afundou. Não foi o rato que saiu do navio, foi o barco que afundou. O Seminário se acabou. Foi uma encruzilhada do Vaticano, uma encruzilhada histórica. Eu acho que foi o barco do Seminário que naufragou, porque fechou o nosso seminário, aqui, em Sobral, fechou o da Prainha, aqui foi em 1967. Ninguém sabia onde colocar os seminaristas. O reitor do Seminário inventou de colocá-los no Colégio Sobralense, que é diocesano: "os semina-

ristas vão para lá, são estudiosos, acabam convencendo os outros para serem seminaristas também, para entrarem no Seminário, o que não aconteceu. Não por deficência dos seminaristas, mas por causa do contexto histórico. O Concílio de Trento já acabara. Era uma madrugada.

Eu não reconheço apenas pontos positivos no ensino do Seminário da Prainha. Por exemplo, o nosso curso de Teologia Dogmática foi uma pena. O reitor era o professor de teologia dogmática, padre Cabral. Competente, mas completamente absorvido na construção do Seminário do Barro Vermelho, sob a direção dos lazaristas. Então ninguém pode correr atrás de dois, bota um ou ambos no mato. E a gente notava que ele não preparava as aulas, não vivia, porque um professor tem que viver aquilo. Se nós não vivermos aquilo, a gente não aguenta, estressava. A gente tem que viver aquilo.

Para o Seminário se recrutavam alunos de todo o Ceará. Sobretudo de uma determinada classe, de um determinado nível econômico, porque os pais queriam que o os filhos fizessem Seminário, porque o Seminário era famoso pela disciplina, pelo estudo e muitos iam para lá não era para se ordenar padre, era para estudar. Eu acredito que um Austregésilo de Athayde nunca tenha ido para o Seminário, com o intuito de se ordenar, para ser padre. Era uma boa criatura, bom aluno, foi colega do meu colega de Granja. Eu acredito que ele não foi para se tornar padre e muitos não iam para ser padres, porque as famílias importantes, de cidades do interior, precisavam de status, então ter um padre, um juiz, militares, oficiais, médicos, ter um advogado ou dois era importante e as famílias eram numerosas.

O laicismo era o inimigo a ser enfrentado. A gente notava que havia uma marcação contra o laicismo. Havia até hinos, como se fôssemos guerreiros contra a bandeira do laicismo. Só me lem-

bro do primeiro verso, "contra a bandeira do laicismo" Se era contra era porque havia divergências. Era a modernização e naqueles tempos as coisas chegavam aqui devagar. Não havia meios de comunicação como os atuais, o meio de comunicação era o livro. Não havia internet, não havia rádio, e o Seminário estava em contato com o mundo culto, porque era dirigido por europeus. Isso devia influir, mas não era o objetivo do Seminário modernizar. Talvez fosse mais para enfrentar o laicismo, o mundo. Eu tiro pelo tempo do carnaval, que para nós era uma tortura. Tempo de calor, de uma barulheira danada, nós tínhamos que ter aulas. Funcionamento normal e tínhamos que ficar diante do Santíssimo Sacramento, à tarde quase toda, para desagravar o Sagrado Coração de Jesus, ofendido pelo carnaval.

Na Prainha, a gente via os blocos passando, desfilando na Dom Manuel e nós rezando, porque o mundo ia se acabar. Eles estavam destruindo o mundo, mas era uma rotina, nós mesmos não acreditávamos nisso. Era caturrice, eu achava que era caturrice.

Um dos aspectos que as pessoas mais admiravam no Seminário era o regime disciplinar, que levava à dedicação, ao estudo. Eu não me sentia prejudicado com esse rigor disciplinar. Nós não podíamos ouvir, nós fazíamos o radiozinho à galena, coisa que todo mundo faz, quem estuda física. A gente sabia fazer o cristal da galena, mas ai daquele que fosse apanhado com o rádio de galena, escutando a única rádio do Ceará, que era a PRE 9. A gente não incomodava ninguém, mas tinha que ficar com o ouvido naquele cone de vibração de cartolina, mas nós não podíamos fazer. O que é que acontecia, ia castigado? Não. Ia preterido. Não era ordenado no tempo da sua turma. Esse rádio era um espiral, um solenóide, um cone de vibração. Um ponteiro era ligado ao cone de vibração. Geralmente o próprio ponteiro de fio de cobre era uma pontinha fina, para poder entrar em contato com o menor

cristal. Às vezes ele arrancava o cristal e a gente ia procurar outro. Nós fazíamos a galena com chumbo, sulfeto de chumbo, derretido com enxofre e aquela borra, aquele borrão de borra servia como fonte, as fontes dos cristais de galeno. Agora, você dizia qual era o castigo, o castigo era esse, você era filósofo, quando começasse o curso de Teologia seria clérigo, recebia tonsura, não receberia, está com o rabo preso lá, foi pegado com o rádio, escutando rádio. Mas como era uma necessidade pra nós, porque nós vínhamos do interior, onde não havia rádio, com tanta facilidade.

Da minha turma quatorze foram ordenados e daqui de Sobral três, Dom Austregésilo, padre Francisco Tarcísio Melo e eu. A maioria dos colegas era gente simples. O padre Tarcísio era filho de um proprietário de sítio, lavrador da Serra Grande, ali em Ibiapaba e o meu pai era comerciante, mas nós nos considerávamos uma classe média e os meus estudos foram custeados pelo meu pai, trimestralmente, adiantado. Para ter o apoio da OVS, bastava ter o QI, quem indicasse, mas eu dei graças a Deus não ter havido um QI, porque me ordenei sem ocasionar despesas à diocese. Mas não havia discriminação, ninguém sabia que era ajudado pela Obra das Vocações Sacerdotais, que custeava, tudo. Podia ser uma pessoa de boas condições econômicas e convivia com quem não pagasse nada. Havia deles tão pobres, que nem roupa e calçado a família podia dar, mas a instituição dava. Eles tinham que pedir apoio aos parentes e os vigários faziam campanhas de apoio.

O nosso salão de estudos era chamado de silêncio: "você tem a chave do silêncio, o empregado que varreu, não entregou ainda?" No térreo do Seminário de Sobral estava instalado o nosso salão de estudos, em cima do dormitório.

Eu tive um professor de português muito bom, Mariano Rocha. Aliás, o único professor que eu tive no Seminário Menor e

no Seminário Maior, que respeitava o aluno, não agredia. Quando descobria que aluno gostava de trabalhar, ele passava trabalhos para o aluno e na aula ele chamava os outros alunos. Ele era meio esquisitão e eu gostava daquilo, daquele estímulo que ele dava à gente, via com atenção as redações dos alunos, ele acompanhava e eu gostava da matéria, como gostava do latim. Não gostava da matemática, que era a minha frustração. Sou um frustrado em matemática, tenho pena de não ter uma organização de cálculo, que eu acho uma coisa belíssima. Está em toda parte, na arte, na música, na poesia, na escultura, tudo é medido pela matemática, uma coisa estupenda. Não precisa de livros, você tem a matemática dentro de si. Nesse campo, eu sou um frustrado.

Nós tínhamos um colega, o Austregésilo, que era bom em matemática. Havia outro também, o irmão do padre Albani, o José Linhares de Figueiredo, que era bom em cálculo.

No Seminário Maior não havia mais arguição, cada aluno era entregue a si mesmo, mas a gente fazia os exames escritos. Só havia o exame oral, chamado de madureza, quando a gente terminava o curso de Teologia, na Teologia Dogmática e na Teologia, sobretudo Teologia Moral, Direito Canônico. Esse era oral, diante de uma banca de examinadores, mas era rotina, perguntavam as informações básicas, não era para espichar, como se dizia na gíria, quando o professor puxava muito pelo aluno, com intenção de derrubá-lo. As avaliações eram escritas, sempre dissertativas. Em Teologia as provas eram feitas em português, mas os compêndios eram todos em latim. Nós tínhamos alguns compêndios aqui no Brasil. Em Filosofia, por exemplo, nós não tínhamos, porque era depois da guerra, eu estudei Filosofia em 1946, quando não vinha nada da Europa. Estava tudo trancado ainda, a França estava arrasada. Os primeiros que caíram na nossa mão foram os de história Eclesiástica, uma publicação holandesa.

Sobre a rigidez disciplinar do Seminário, eu tenho a impressão que esse rigor disciplinar estava dentro da gente, não era fora. A impressão que eu tenho é o que nós levamos do Seminário Menor e do nosso ideal de ser padre, porque a gente tinha a ideia que o padre era uma espécie de soldado. Andava fardado, de batina, durante todo o tempo. Havia ordem, hierarquia, arcebispo, bispo, algo muito parecido com o sistema militar. Eu não sentia a disciplina de fora para dentro, não. Eu sentia de dentro para fora, ela saía da gente, quer dizer, a gente transgredia, claro que transgredia, mas não era imposto. Para você ter uma ideia, guardo um acontecimento, que pertence ao folclore da Prainha. O reitor ia descendo a escada e um seminarista, também, no escuro e o seminarista pensava que o reitor era um colega, se escanchou nas costas do reitor e dizia: "Vamos"e batia, batia, mas quando chegou em baixo, a luz acesa, viu que era o reitor, que riu também e acabou a história. Isso aconteceu com o Alberto de Oliveira, que ia roubar mamão na horta. Ele via os mamões durante o dia e à noite, no escuro, ele se aventurava. O reitor a gente chamava o "véi", "olha o véi", olha o véi."

Dentre a opções de lazer, o teatro era pouco. Eu vi poucas peças de teatro, durante os seis anos de Seminário. No tempo do Marcos Barbosa havia aquela obra de autos. Eu mesmo ajudei o Gotardo, trabalhei com ele para a encenação de uma cena desses autos.

No Seminário Maior nós podíamos e devíamos ler livremente, o que era facilitado. O padre Luz nos fornecia obras de literatura portuguesa e brasileira e nós tínhamos a França, como fonte, pois ele se correspondia com editoras francesas e nós adquiríamos livros mais interessantes, de Teologia, de Filosofia e mesmo de ciências. Nos últimos anos, havia a disciplina de "Arte Concionatória", oratória sacra. O final da Teologia. Na Filosofia ainda não, mas iniciada a Teologia havia. O sermão era proferido no

refeitório. Você escolhia um tema, apresentava ao professor, que lia o texto que você escreveu, mas você tinha que decorar o texto. Tinha que ser memorizado, não podia ler e o padre acompanhava, pois ele tinha sido escrito, o trabalho estava escrito. Como era no refeitório, o auditório era composto pelos colegas do Seminário Menor, do Maior e pelo padres do Seminário. E havia também a homilia, na igreja da Prainha, proferida aos domingos. Era escalado um padre, um estudante, diácono ou subdiácono, para fazer a homilia.

Das cerimônias religiosas, a que considerava mais significativa era a missa cantada, aos domingos. Se você me dissesse: "professor, no domingo próximo vai haver uma missa cantada do jeito que nós cantávamos, eu ia até lá, com satisfação." As missas cantadas eram aos domingos e às vésperas, à tardinha.

Eu me ordenei no dia 8 de dezembro de 1958, dia de Nossa Senhora e em Fortaleza os diáconos se ordenavam no dia 2 de dezembro. Gotardo e Tito se ordenaram nesse dia e nós, aqui de Sobral, no dia oito, na catedral, com Dom José. Nós fizemos os nossos cinquenta anos de sacerdócio em Sobral. Dom Austragésio veio, padre Tarcísio estava conosco, cinquenta anos de padre, na mesma catedral.

Quando voltávamos das férias, nós tínhamos de dar conta do ocorrido e por isso havia um atestado, que o vigário tinha de assinar. Nós trazíamos as perguntas. Havia um colega nosso que chamava as mulheres de "máxime". Ele foi vigário de Ubajara durante muito tempo, o padre Moacir Cavalcante. "E aí, uma "máxime" quer falar comigo?" Isso porque havia uma pergunta, no regulamento de férias que afirmava: "mostrou-se livre com leigos, máxime com senhorinhas?" E a gíria pegou. É que havia um sinal, uma espécie de limite entre o seminarista e o mundo que o cercava. Em cada família, exigia-se até um quarto próprio

para o seminarista, que não devia dormir, estudar numa sala comum, de outras pessoas. Eu me lembro de que papai mandou construir um quarto só para mim. Lá eu tinha meu filtro, minha mesa de trabalho, minha estante, meus livros, lá eu dormia, rezava.

Filosofia para nós era uma ciência ancilar, ela existia como a matemática para as ciências, para as ciências técnicas. E nós estudávamos a filosofia de Aristóteles e de Tomás de Aquino. Os outros sistemas filosóficos eram assim uma espécie de arrabalde, de periferia da filosofia. Para nós a filosofia era tomista, os nossos autores eram neotomistas. A maioria deles era de origem francesa. Eram leigos. Jacques Maritain era o nosso expoente máximo, do neotomismo. Aqui no Brasil, Tristão de Ataíde, um dos convertidos por aquele movimento do Dom Vital. Ele trouxe muita gente, muito intelectual para a igreja.

Eu fui professor de latim e os seminaristas identificavam o latim como sacerdócio, mas não queriam saber de latim e eu dizia: "menino, ninguém estuda latim por causa da missa, nem do sacramento, nem do ritual". Isso é latim de igreja, latim fraco. Nós estudamos o latim clássico, damos para vocês a cultura latina. Isso não entrava na cabeça deles. Era perda de tempo. Não saiu nenhum latinista desses meninos. E o reitor, o bispo colocavam professores de mais método. Chegaram a colocar o padre Tupinambá Melo, que era carrasco, como professor de latim.

O fechamento dos seminários foi uma crise, que acho que foi superada, porque hoje vejo o clero novo, aqui em Sobral, por exemplo, como um clero admirável, trabalhador, eficiente, os padres de hoje sabem coisas que eu não sei. Plantam melhor do que nós a semente do evangelho, plantam melhor do que nós. Organizam festas litúrgicas, bem melhor do que nós. Eles

têm uma aproximação maior com a sociedade do que nós obtivemos. Implantaram o regime do dízimo, o que força o padre a ser mais simpático, ao relacionar-se com o povo, porque naquele tempo era o balcão, a igreja. Você precisava casar, pagava o casamento, batizar alguém, pagava o batismo, precisava enterrar uma pessoa, pagava o enterro. Era um balcão.

Eu acho os padres novos bem melhores do que os da nossa turma. Não estou falando do ponto de vista humanista, pois não são humanistas. E isso faz falta, porque eu me identifiquei com o humanismo. Vai ser um dor quando eu morrer e deixar meus livros. Eu estou cercado por eles. Eu não preciso ir à biblioteca da Uva. Minha biblioteca é pequena, uma coisinha de nada, mas tem os livros de que eu preciso. A maior parte deles é ligada à Teologia. Não tanto à pastoral, porque eu só faço evangelizar, aos domingos. A minha pregação é uma espécie de aula de religião. De modo que vai pouquinha gente, porque muita gente, porque muitos não se interessam pela desobriga, se interessam pelo conteúdo, pela doutrina. Eu tenho tempo, eu prego porque eu tenho tempo. Eu não vou celebrar outra missa, eu não vou fazer outra coisa, depois disto aqui. De modo que eu tenho tempo. Eu fui professor durante muitos anos. Uma aula de português, de literatura, que eu dava, eram cinquenta minutos e por que eu faço uma homilia, uma aula de evangelho em dez minutos?

Meus versos sobre o Seminário da Prainha, não sei se os guardo de cor, mas aqui estão:

Véspera de São José
Em Fortaleza no Ceará
As duas torres magras da prainha
Estiram os pescoços para cima.

Duas garrafas brancas cheias de luar
São dois poetas hirtos, absortos no infinito
Cismando à beira mar.

E com os olhos perdidos na luz rala
Sonham o sonho medieval das grandes catedrais
Essas catedrais monumentais
Que falando a linguagem das ogivas dos vitrais
Só elas falavam

Porque naquele tempo o homem só ouvia
Só podia entender o que falasse de grandioso
Do que há de sublime no ideal religioso
E a Prainha está sonhando,
Tão satisfeita por julgar que abriga
O coração da Idade Média orando!

E as sombras vão cada vez mais baixando
E a Igrejinha, tão linda sonha ainda
E no sonho, levanta um dos seus dedos góticos
Cheios de escamas batidas pelo malho do luar
Um dedo colegial, taful,
Borrado de tinta azul.

Um dedo sonâmbulo
Que ela põe na boca da noite
De asas de jaçanã
Para o mar reclamar um momento da pausa no seu rataplã
E o mar se cala para ouvir a sua fala...

Estão diante do silêncio da sentinela,
Do silêncio vespertino,
Ela começa dando a palavra
Ao badalo solene de um grande sino,
O centenário Que entoa o hino Milenário
Do universo cristão;
Assim, Para o coração Da Idade- Média ouvir:

Adágio, andante, allegro, largo, maestoso
E lentamente as badaladas pelo espaço lá se vão...
Marziale agora prestissimo, scherzo, molto piano
esquerdes? Ou molto piano
Vão também muito além do sentimento humano,
Lá para onde os sinos, minúsculos, franzinos
Da humana razão, em vão badalarão.

Este além, porém aonde elas vão
É a fé que tem o coração cristão
E a melodia que os ares corta num frenesi
São acordes sem nomes,
Alguma coisa de Carlos Gomes
No prelúdio do Guarani.

E o centenário continua luz da lua,
Dobrando Badalando, bimbalhando, desmanchando-se em hinos
Ao sonzinho infantil de mais três sinos
Argentinos, cristalinos
Que pulam, pinotam, saracoteiam em torno de si mesmos
De boca aberta, gritando, assombrados com o Centenário
Virando e revirando

De fato, É tão grande o aparato
Daquele declamador de badaladas
Que quando recita os seus poemas de bronze
Parece com uma boca escancarada
Que engoliu ferozmente o próprio corpo;
Uma boca enorme, colossal
Cuja língua secou de tanto badalar
Contra os rígidos beiços de metal
E a Prainha acordou do sonho medieval
No dia seguinte, cheinha de fiéis do século vinte.

Um colega nosso perguntou a Dom Austregésilo: "A Prainha não é mais Seminário, não é nada? Quer dizer que o poema do Osvaldo não serve de nada? Não, tem o seu lado universal, em qualquer parte, mesmo para quem não conhece a Prainha. Ele fala toando o universal". Eu fiquei feliz com a explicação dele.

Como lhe disse, a filosofia era apenas uma força ancilar para encaminhar para a Teologia. Os outros filósofos, como Kant, Nietzsche, essa gente não passava de agentes periféricos, agentes da periferia da filosofia. Filosofia mesmo era a de Aristóteles, o magister, e de Tomás de Aquino. Santo Agostinho como gênio era uma assombro. A sombra de Platão: sem Santo Agostinho não haveria Tomás de Aquino.

Padre Gotardo Thomaz de Lemos

Loquaz e comunicativo, se destacou como um dos brilhantes alunos da Prainha, daí a oportunidade de cursar Teologia em Roma, no colégio Pio Brasileiro, além de ter trabalhado na Rádio do Vaticano. Professor do Seminário da Prainha e do curso de Filosofia da Universidade Federal do Ceará, além de criador do colégio Juventus, comandou o cerimonial comemorativo do centenário da Prainha, em 1964.

Se tivesse nascido após os anos sessenta, certamente teria sido tragado pela televisão, modelando-se como um excelente comunicador. Seu porte atlético, sem os detalhes modelares, do artistas de Cristo, de hoje, campeões nas vendas de CDs, sua voz sonora e sua valiosa memória constituem uma fonte oral preciosa para compreender o histórico do Seminário da Prainha e da própria Arquidiocese de Fortaleza. O seu ego não se apaga sob o peso ancilar da tradição eclesiástica romanizada. Ele se destaca e flutua

por entre as nuvens espessas do panorama cristão, projetando-se como o bom pastor, no púlpito e em sala de aula.



Nasci em Quixadá, no dia 22 de setembro de 1928, cidade onde inclusive passei o primeiro ano de padre. Após a minha ordenação, fui ser coadjutor, do padre Luís Braga Rocha, vigário que já faleceu. Foi minha primeira experiência sacerdotal na cidade de Quixadá, em 1952. Eu entrei no Seminário em fevereiro de 1940, portanto, tinha 10 anos e dois meses, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, 10 anos e cinco meses. Eu me ordenei em 1951 com 23 anos. Precisei de uma dispensa de Roma para me ordenar, porque a idade mínima exigida era 24 anos. Eu completei 23 em setembro e me ordenei em dezembro com 23 anos e três meses. Precisei de uma licença de quase dez meses. A Santa Sé geralmente concede aos bispos que fazem o pedido, porque é a questão de maturidade.

Eu não sei bem dizer por que desde criança, no Quixadá, com sete anos, na idade da primeira comunhão eu já falava que ia ser padre. Depois em Quixadá eu tive uma pequena ajuda, um pequeno acompanhamento do padre Mauro Fernandes, que depois se tornou Freio Aniceto, já faleceu também. Mas em 1938 nós nos mudamos para Fortaleza e em janeiro de 1939 minha mãe me levou ao Seminário da Prainha. Eu já havia concluído o primário em Quixadá, nos apresentamos ao padre Joaquim Horta, que era um dos diretores do Seminário naquele tempo. Mamãe me apresentou como candidato ao Seminário, ele olhou para mim e disse: "o menino está muito pequeno, deixe para o outro ano".

Aí eu fiquei um ano em Fortaleza, esperando para entrar em 1940. Então fui ser ajudante de missa da igreja do Patrocínio. Eu mesmo por minha iniciativa fui e encontrei lá o padre Geminiano Bezerra, chamado padre Nini, me apresentei dizendo que ia entrar no Seminário no outro ano e queria ficar lá no Patrocínio, sendo o que chamam hoje coroinha, ajudando as missas. Por isso eu digo que desde pequeno eu dizia que ia ser padre, em 1943 passei lá os 12 anos internos, no final de 1951 concluído o curso de Teologia, recebi a ordenação sacerdotal no dia 2 de dezembro de 1951 e a história se resume a um chamado de Deus, que veio sem motivo aparente, sem nada de extraordinário. Senti simplesmente a vontade e essa vontade permaneceu durante os anos de Seminário, nunca tive vontade de deixar o Seminário me ordenei e acho que até hoje com quase 50 anos de padre, posso dizer que sou feliz porque a vocação, o chamado que Deus me fez continua vivo e com 71 anos continuo trabalhando e peço a Deus possa trabalhar mais ainda.

Minha vivência no Seminário da Prainha começou no dia 8 de fevereiro de 1940, onde eu entrei criança, entrei à paisana, uma hora depois estava vestido de padrezinho, naquele tempo se usava batina preta, não acertava colocar aquele colarinho branco eram os outros que me ajudavam e a partir daí passei a querer bem aquela casa como se fosse a minha própria casa, aliás não é um sentimento exclusivo meu, todos os que passaram pelo Seminário da Prainha tem hoje uma admiração, um respeito, um carinho especial pela aquela casa que não tem nada de especial, um casarão antigo, feito à moda antiga, sem muitos cômodos só salões e mais salões. Naturalmente os engenheiros da época não tinham arquiteto para orientar, mas a gente quer um bem àquelas paredes, aqueles locais porque foi lá a nossa infância, foi lá nossa juventude. Por isso mesmo todos nós que passamos pelo seminário

da Prainha queremos muito bem àquela casa e sentimos que foi ali que se formou a nossa vida, que se abriu o horizonte dos nossos destinos, e foi lá que a mão de Deus se colocou sobre nós, nos abençoou e nos fez chegar até o dia de hoje.

O impacto que eu senti no primeiro dia foi a ausência do meu pai, da minha mãe, dos meus irmãos, aliás eu já entrei junto com outro irmão, de tal forma que tive de um certo modo o aconchego da família. Ele era mais velho do que eu e me serviu de protetor, era uma espécie de pai ou de tio já dentro do Seminário. A gente sente, porque o ambiente é diferente, mas tudo era novidade, uma vida nova. Eu vindo do interior, tinha chegado no ano anterior aqui em Fortaleza, não conhecia nada exatamente da vida da cidade porque era criança ainda, de tal forma que o impacto de viver trancado dentro de um prédio enorme, rodeado de muros altos, mas com uma vivência salutar, a gente faz logo amizade e transforma a vida da gente. Parecia ser uma vida de solidão numa de muita alegria, de muita camaradagem, de muita solidariedade e essas coisas todas que o internato antigo continha que a gente aceitava, talvez não mais hoje aceitassem, porque nós já tínhamos em casa também um regime de quase privação de liberdade, nós éramos comandados pelos pais, ninguém saía, ninguém passeava à vontade.

Eu gostaria de dizer que vida de seminário, vida de internato tem as suas grandes vantagens e tem as suas grandes desvantagens, mas nós tínhamos um desejo, um ideal, uma vontade de chegar lá e a gente foi superando os obstáculos dos estudos, anos após anos, da convivência que ás vezes não era fácil. Eu que fui sempre muito peralta, muito traquina, não parava em canto nenhum tinha que me conter com medo de dizerem; "ei menino, vá para casa que você está muito danado", e eu queria continuar no Seminário, queria me ordenar. De tal forma que eu digo, o que mais me marcou no

Seminário – eu gostaria de dizer e não ser mal interpretado como dando uma de não sei o quê – acho que o que me marcou mesmo foi essa vontade de ser padre, que Deus colocou dentro do meu coração e que eu nem sei por que Ele me escolheu. Eu acho que se ele fosse pesar e medir tinha arranjado outro, mas talvez mais adiante eu pense melhor e responda essa pergunta porque é tão difícil a gente tirar de tantas coisas boas que marcaram a vida da gente no Seminário, mas no momento eu assinalaria isso: a vontade que eu tinha de chegar lá, de subir aqueles degraus do Seminário, anos após anos, ultrapassar o Seminário Menor que era o relativo ao curso de humanidades, depois ingressar no curso de Filosofia, de Teologia e as ordens que foram chegando devagarzinho. Essa vontade de chegar lá foi que me acompanhou durante a minha vida, e que me deu força para inclusive superar todos os problemas que todo mundo tem, especialmente quem vive interno no Seminário.

A coisa que mais me marcou no primeiro ano de Seminário foi a luta que eu tive contra aquele colarinho que você nem sabe o que é, aquela batina de colarinho fechado, um colarinho de plástico que me saía por trás as pontas e naturalmente os responsáveis queriam que eu me apresentasse dentro do modelo dos outros, e aquilo me saía de vez em quando, eu custei muito a me acostumar, mesmo depois de padre muitas eu usei batina, mas tirava aquilo porque me incomodava. Eu não tive dificuldade nenhuma quanto aos estudos porque eu vim de uma escola, gostaria que ele tivesse ainda vivo para escutar isso, eu estudei desde criancinha até pouco tempo ainda estava estudando, eu nunca tive um professor de tanto valor como o que eu tive no Primário em Quixadá.

Ao lado dos estudos nós tínhamos a vida de oração, fui obrigado muitas vezes a permanecer um tempo longo dentro de uma capela

às vezes de joelho, às vezes sentado, meditando, assistindo à Santa Missa, fazendo as orações, rezando o terço. Naturalmente isso para uns era fácil, gostoso, para outros era pouco cansativo. Eu era um menino muito inquieto, era difícil ficar naquela igreja muito tempo paradinho. Mas não tive problema, no primeiro ano não me aconteceu nada de especial, fiz amizade com todos, daí conquistei a simpatia dos meus superiores, meus professores. Nunca fui um seminarista bem comportado cem por cento, eu tinha as minhas peraltices, as minhas brincadeiras de conversa fora de hora, era um dos defeitos que eu tinha no Seminário, mexer um pouco com os outros nas filas que era tudo em silêncio. O Seminário era silêncio praticamente em 75% do nosso dia. E eu sempre muito conversador, mas não tive problema, graças a Deus era tido como um seminarista normal, não me sobressaía nem por ser bom de mais nem por ser ruim de mais. De modo que o primeiro ano no Seminário decorreu muito tranquilamente, como de resto muitos outros, à medida que a gente ia crescendo as responsabilidades iam aumentando, também a capacidade de absorver essas responsabilidades aumentava com a idade e com a compreensão dos problemas e com aquela vontade, de que eu já me referi, de um dia chegar lá no sacerdócio e que aconteceu graças a Deus depois de doze anos de internato.

Eu sempre tive muita facilidade para aprender as coisas. Nós tínhamos 45 minutos de estudo preparando a aula seguinte, eu em 15 minutos aprendia tudo, ficava sem saber o que fazer e no Seminário havia uma coisa especial, especial não no sentido de bom, mas só lá acontecia isso, no nosso salão de estudo nós éramos proibidos de ler qualquer livro que não fosse o livro texto. Única exceção se fazia para dicionário, é natural, e antologias. Eu sempre gostava muito de ler, mas não podia ler livros de Machado de Assis e disso e daquilo, autores, tinha que ler só os livros textos, a única exceção era para as antologias. Então eu me saciava nas antologias,

tanto que me fez um bem enorme porque aprendi a escrever lendo os melhores textos e isso me causava problema porque eu ficava estudando durante quinze minutos, eu aprendia o que tinha para aprender e ficava sem saber o que inventar para gastar a meia hora e naturalmente ali aparecia alguma peraltice, aparecia uma bolinha de papel que eu rebolava na cabeça do que ficava na frente, escapando sempre do regente que estava lá de cima olhando ou então uma conversinha baixinha, porque o silêncio lá era obrigatório, se a gente falasse lá todo mundo ouvia e assim eu superava aquele problema do tempo, que para mim era excessivo, eu aprendia com facilidade e me ocupava, arranjava uma coisa para eu me ocupar.

Ordenei-me em 2 de dezembro de 1951. A gente fazia uma semana de retiro, esse retiro foi o momento feliz da nossa vida, da minha e dos meus colegas porque nós convidamos como pregador do nosso retiro um padre diferente daqueles que sempre chamavam. O nosso pregador foi padre Arquimedes Bruno, que tinha sido nosso professor de Matemática e de Física no Seminário Menor e porque nós tínhamos muita admiração, éramos bastante afeiçoados a ele e o chamamos para ser o pregador do nosso retiro. A gente ia dormir na noite anterior acordava de madrugada, o Seminário acordava às 5 horas e a gente ia fazer os últimos preparativos para a ordenação. São momentos que só a gente vivendo sabe dizer, passado já quase 50 anos a gente ainda sente aquelas emoções de vestir aquela batina nova que a gente tinha mandado fazer especialmente para a ordenação, ao lado dos outros colegas que também estavam na mesma expectativa, aguardando que o dia amanhecesse para poder ir para a igreja. São emoções que ficam na gente, que a gente vive naquele instante das quais a gente tem saudade, porque... eu acho tão difícil a gente se expressar... é um momento diferente, aquele

momento da ordenação.

Quando a gente está na igreja, naquele momento, então que a gente se deita de bruços durante a reza, entoa o canto da ladainha de todos os santos, mil pensamentos vêm à cabeça da gente, uns pensamentos de agradecimento a Deus por está ali naquele momento já prestes a ser chamado a ser sacerdote, outros pensamentos de perdão, pedindo perdão a Deus das infidelidades, do não aproveitamento do tempo que a gente teve no Seminário, das oportunidades que nos foram dadas em termos de estudo, em termos de espiritualidade. Um momento inspirado aquele, a gente gostaria até que aquilo se repetisse cada ano porque naquele isolamento lá do chão, a gente sozinho com Deus e a consciência é um momento muito importante na vida de quem daqui a pouco vai da um passo definitivo em que o bispo chama para receber a sagrada unção e a gente então vai para lá, enlevado também pelas cerimônias dos anos anteriores.

Eu que era da Escola Cantorum, participei de muitas cerimônias, conhecia todos aqueles cânticos, dirigi o coral do Seminário durante muitos anos, quando chegou a minha vez que eles estavam lá cantando, eu recordava todos aqueles anos anteriores em que tinha participado, embelezando a cerimônia com o canto e naquele momento era eu que estava sendo chamado por Deus e é difícil a gente explicar porque são sentimentos que vão na alma da gente que hoje, passados tantos anos estão meio embolados e gente não sabe bem separar os sentimentos, as ideias que ocorreram, as vontades. Havia aquele momento em que se dizia, constava no Seminário, uma espécie de superstição por assim dizer, superstição até sadia, talvez não seja nem esse o termo... havia uma tradição que dizia que naquele momento o que a gente pedisse a Deus, ele concedia. E a gente então tinha muito pedido a fazer, pessoalmente

para sua própria vida, para sua vocação, para o seu ministério e havia também os amigos, os parentes, os pais que a gente recordava naquele instante porque se dizia que um momento muito abençoado por Deus que o nosso pedido feito sinceramente naquele momento era atendido por Deus, de muito bom grado e a gente então aproveitava aquele momento para expor a Deus as necessidades e sobretudo pedindo a ele que ajudasse a desempenhar bem as funções, que nos eram dadas concedidas pela ordenação sacerdotal, que fossemos fiéis ao chamado dele.

Eu fui vigário de Madalena e após acometido de uma febre que os médicos acharam que era paratifo, o arcebispo me transferiu para Guanacés, um lugarejo que fica aí entre Cascavel e Pacajus, é na beira de praia, é areia, areia muito pesada.

Esses dois municípios hoje são ligadas por asfalto, naquele tempo não eram, a estrada era de terra mesmo e com muitos trechos de areia pesada, que só jipe andava com tração nas quatro rodas. Lá passei um ano, cheguei em abril mais ou menos de 1956 e fiquei até julho de 1957. Então viajei para Roma, onde passei 7 anos, de 1957 a 1964. Eu fiquei fora do seminário do Pio Brasileiro. Eu me hospedei no meu primeiro ano num colégio, chamado Nepomuceno, que era dos padres tchecos eu fui na onda do padre Luís Moreira, do Paulo Ponte, Oscar Peixoto que estiveram lá gostaram. Ao completar um ano eu e os outros colegas que estavam comigo, quatro brasileiros, conseguimos um lugar numa paróquia, hospedados na casa paroquial com mais outros seis padres italianos, nós éramos dez, lá.

Diariamente apresentava um programa da Rádio Vaticano, direto para todo o Brasil. Ao mesmo tempo estudava na Universidade Gregoriana de Roma, onde fiz Ciências Sociais. Fui daqui com esse intuito de fazer mestrado de Ciências Sociais, eu tinha Filosofia e

Teologia aqui mesmo a minha especialização eu queria em outro ramo. Eu passei sete anos, mas o curso mesmo foi em quatro anos, o período dos outros três anos foi destinado a essa tese que não terminava, porque eu comecei a trabalhar por lá, trabalhei na Rádio Vaticano, trabalhei numa instituição de jovens chamada a República de Iragazzi, uma instituição italiana que copiou um pouco aquela Postal do padre, dos estados Unidos, Cidade dos Meninos, em que se vivia o regime de auto educação. Eles se dirigiam a si mesmos, eu passei lá uma temporada e conheço fui remanchando, fazendo mais devagarzinho a minha tese até que consegui aprontá-la em agosto.

Fiz a tese de doutorado em Sociologia Religiosa, analisando a prática religiosa da juventude, especialmente naquele período em que havia uma queda muito brusca da assistência religiosa do menino que fazia a primeira comunhão e depois de dois, três anos seguintes ia diminuindo, diminuindo, era a crise da juventude. Estudei esse fenômeno e assim passei sete anos em Roma. Voltei para o Brasil e assumi, no primeiro ano de chegada aqui, um posto no Seminário da Prainha. Assim, voltou o meu contato com o Seminário da Prainha, em 1964. Assim me reintegrei ao Seminário, fui viver lá dentro, nesse ano o Seminário já não era dos padres lazaristas, o reitor era o padre Gerardo Ponte, auxiliado pelo atual Dom Edmilson, era o padre Edmilson, que estava assumindo a função de prefeito do Seminário Maior. prefeito era aquele padre que dava um acompanhamento, e ao mesmo tempo exercia a função de diretor espiritual. Quando eu voltei de Roma, Dom Delgado disse: você vai ficar esse resto de ano no Seminário, para liberar o padre Edmilson para ser só diretor espiritual e você vai assumir a parte de Prefeitura do Seminário Maior.

Quando eu cheguei, depois de sete anos ausente do Brasil, portanto, não estava mais conhecendo a realidade, sobretudo a realidade do Seminário que tinha passado por uma transformação enorme. Os lazaristas tinham deixado a direção do Seminário, em 1963, entregue aos padres seculares, realidade que, a princípio, eu acompanhei de longe, pois só tinha notícia e não conhecia de perto a situação. Com essa minha experiência eu passei uns dias só observando. Uma vida totalmente diferente da minha vida de Seminário, mas não tinha mais nada de parecido. Eu deixei passar alguns dias e pedi a eles uma reunião, eu gostaria de ouvir deles que eles me contassem como era que estava sendo a vida de Seminário. Numa quarta-feira que era um dia tradicional em que o Seminário não tinha aula. Aliás só havia aula de música e religião.

Nesse ano em que eu cheguei, em 1964, no mês de agosto, o Seminário completava 100 anos. A festa que se havia pensado no tempo dos lazaristas perdera o seu significado. Foi preciso se pensar em outra modalidade, pois era outra realidade, eram os padres seculares, os responsáveis pela direção da Prainha e não havia mais aquele número de padres dentro do Seminário como nós tínhamos e nem mais aquela tradição antiga de Seminário, todo mundo novato na sua administração. Eu, como prefeito do Seminário Maior, recebi a missão de preparar a festa do centenário. Foi um tempo bonito que a gente trabalhou demais dentro do Seminário, mas com alegria dentro do coração. Para mim, do tempo de Roma para cá, foram três datas significativas: essa restrita ao caso do Seminário, outra foi a Copa de 1970, depois foi a vinda do papa. Para mim foram os três períodos em que eu vivi achando graça com o tempo. Com essa preparação para a festa do Seminário, eu me envolvi muito, fui praticamente encarregado de tudo, dirigir o coral, preparar o coral, ajeitar os festejos.

Nesse tempo o Seminário não dispunha dos recursos que tem hoje, nem de som, nem de facilidade, aquelas cadeirinhas, a agente teve que transportar os bancos da igreja da prainha, lá para o pátio do Seminário Menor, carregando a muque, a braço, porque naquele tempo nem as cadeiras existiam, nem ninguém tinha dinheiro para contratar. Então me envolvi demais, aquilo para minha vida me marcou muito, o meu retorno a Fortaleza, ter participado daquela festa da casa que eu queria bem, eu me dei de corpo e alma à programação, porque eu realmente queria bem, como ainda hoje eu quero ao Seminário como sendo a minha casa, a quem praticamente eu devo tudo que eu sou. Então foi uma festa bonita que marcou a história do Seminário da Prainha, mas logo em seguida, pouco depois ele teve que encerrar as suas atividades, fazer uma pausa para recomeçar alguns anos depois, como ainda hoje não recomeçou totalmente, o seminarista passa o tempo todo fora.

Eu nunca consegui entender a saída dos lazaristas da direção da Prainha, a notícia que eu tive lá de Roma me estranhou demais, eles me contaram, nunca consegui colher a realidade real, verdadeira história da saída dos lazaristas ainda hoje estou por saber. Também acho que da minha parte houve certo desinteresse em saber, não sei se porque não gostei da história, acho que pelo menos no meu tempo os lazaristas conduziram bem o Seminário, os frutos foram muito bons. No meu período de internato, que foi de 1940 a 1951, foi um tempo áureo do Seminário, sobre todos os aspectos. Aquela geração que se formou no momento em que eu cheguei até o momento em que eu sai, os padres que eu encontrei no Seminário quando eu cheguei e aqueles que eu deixei se transformaram depois na nata do clero cearense, nata espiritual, nata intelectual. De tal forma que eu acho que aquela parada do Seminário foi consequência também do mesmo fenômeno, embora eu não saiba precisar, dizer

com precisão, os detalhes do processo, porque nunca colhi a história verdadeira, houve surto de indisciplina, talvez coisa de parte a parte, intransigência de um lado, a ânsia de libertação do outro, e os lazaristas acostumados naquele regime que era secular, o Seminário tinha uma crise a enfrentar. Basta que eu lhe diga que eu entrei no Seminário em 1940 fiquei até 1951, conhecia a história dos padres anteriores a minha chegada conhecia a história de outros, o Seminário era o mesmo toda a vida, era tão o mesmo que no começo do ano o padre Cabral fazia o horário provisório e durante os 12 anos que eu passei lá, o horário provisório foi sempre o mesmo escrito, horário provisório, porque no Seminário não mudava nada, tudo permanecia a mesma coisa toda vida.

De repente essa ânsia de mudança, novidade, e todos se deixaram afetar por isso e naturalmente, talvez os lazaristas não tenham sabido conduzir a transição. Não assisti a nada disso, já não os encontrei lá, por isso para mim foi um choque enorme quando o pessoal me contou a vida de Seminário, não acontecia nada de bom, era desorganização, indisciplina, falta de ordem, falta de estrutura, porque cada um era dono de si mesmo, das suas próprias ventas, do seu próprio destino, do seu próprio dia, coisa que estranhei porque não assisti essa transição.

Na minha mente era uma coisa que eu vivi e outra foi a que eu encontrei na realidade, tanto que eu me calei, não vou mudar nada porque qualquer sugestão que eu desse, já está superada por eles há muito tempo e por isso mesmo sobre a saída dos lazaristas precisaria conversar com os que estiveram presentes aqui, Dom Edmilson, na época padre Edmilson, foi um dos tais que veio para o Seminário para substituir os lazaristas, Dom Geraldo Pontes que foi nomeado reitor, hoje é bispo, Paulo Ponte que é contemporâneo disso, Padre José Alberto Castelo também seria uma figura

importante, mas já faleceu, assistiu tudo e acompanhou essa mudança. O Miguel Brandão, que era seminarista nesse tempo, um dos líderes lá das inovações do Seminário, é outra testemunha importante.

O Seminário era aberto a todos. Eu tive um colega, chamado Luís Barroso, que era bem pretinho, do cabelo pixaim. A mãe era lavadeira das bandas do Morro do Ouro, naquele bairro atrás do Liceu e ele foi seminarista no tempo em que quis e a gente o chamava "negro Barroso". Havia outro, o Zé do Vale, conhecido como "negro Zé do Vale", e também me recordo do "negro Antônio Moreira" porque era moreno. Era a maneira carinhosa de chamar uns aos outros. Pelo próprio Direito Canônico, só não podia ser padre quem não fosse filho de um casamento católico.

Alguns colegas consideram a experiência de internato muito dura, principalmente no seu primeiro ano. Como já disse, eu senti saudade de casa, mas não me senti em uma prisão, porque eu já tinha a prisão em casa também, especialmente eu, talvez agora eu acrescente um particular ao que eu já me referi, particularmente eu tive pouca liberdade porque me resguardaram demais com medo que eu adoecesse e morresse a exemplo da minha irmãzinha, que me precedeu. De modo que lá eu me sentia muito mais livre do que em casa, sabe por quê? Porque chegava na quarta-feira que a gente só tinha aquela aulinha de religião e de música. O Seminário acordava todo, o Seminário Maior e o Seminário Menor, porque nós convivíamos no mesmo prédio, lado leste do Seminário da Prainha era o Seminário Menor, o lado oeste correspondendo a parte do Cristo Redentor, o Seminário Maior.

Todo o Seminário acordava às 5 horas da manhã ao som de um relógio que se ouvia na casa toda, independentemente da época, do verão, do inverno, das estações. Bom, de 5h às 5h30 era o banho

obrigatório no frio, banheiro comum, todo mundo de calção, entrando turma por turma, primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, quarto ano. O pe. Cabral chamava nome por nome e ninguém podia faltar, se alguém faltasse tinha que justificar por que não ia tomar banho, apresentava doença ou qualquer motivo.

Íamos para a capela, às 5h30, todo mundo na capela, lá ficávamos até às 7h, único silêncio que se quebrava na capela era para rezar, rezar o Pai Nosso, o terço, responder a missa, todo mundo em silêncio. Íamos para o café da manhã em silêncio, todo mundo tomava o café da manhã em silêncio, às 7h15 terminava, havia 15 minutos de recreio, aquela algazarra natural de criança para um lado e para outro, às 7h:30m íamos ao salão de estudo, 45 minutos de estudo em silêncio, aula em silêncio, a caminhada do salão de estudo para aula em silêncio. Fui flagrado duas vezes conversando, tititi com um colega, recebi carão. Depois havia outro recreio de 15 minutos, quando se conversava, em seguida mais 45 minutos de estudo, mais aula, tudo em silêncio, chegava a hora do almoço, almoço em silêncio, refeitório todo mundo junto, uma leitura, um sujeito lendo, a gente pedia as coisas batendo, tinha o sinal de feijão, arroz, farinha, passe a água, fazia um sinal porque a gente não podia falar. Em seguida, tínhamos duas horas de recreio e repetia-se esse mesmo esquema de tarde em silêncio só com um recreio de 15 minutos, às 17h entravávamos para o salão de estudo até às 18h, em silêncio, Íamos para o jantar em silêncio, leitura outra vez. Em seguida, 1 hora e pouco de recreio, dirigíamo-nos à capela para rezar, quando começava um longo silêncio, rompido só no outro dia às 7h15. Eram 4 horas de conversa e as outras 20 em silêncio. A gente era criado nesse regime e se habituava. Agora para um indivíduo como eu, que não sabia ficar quieto, era ruim. Eu inventava

um jeitinho de conversar, de brincar, de achar graça, de botar o pé na fila, botar o pé para o outro tropeçar, aquelas galhofadas de colega mesmo, quando descobria que era eu achavam graça, então diziam uma prosa eram, essas coisas mesmo de internato. De tal forma que a disciplina era rígida mas aqueles que como eu tinham vontade de chegar lá, a gente se sujeitava, superava tudo pela vontade de caminhar tranquilamente rumo ao sacerdócio.

Eu quero voltar um pouquinho atrás para falar rapidamente sobre o silêncio, uma das grandes coisas que eu aprendi na minha vida, como o silêncio é construtor, como o silêncio possibilita à gente a condição de refletir, de descobrir as coisas, de enxergar, de raciocinar, de fazer projetos, porque no meio do barulho a gente não consegue, barulho exterior e barulho interior, o silêncio exterior leva também muitas vezes, não forçosamente, mais muitas vezes ao silêncio interior, que para mim foi uma das grandes coisas que a vida do Seminário me proporcionou, dava certo por causa daquele silêncio.

Bom, essa diferença é notável porque em primeiro lugar nós éramos formados intelectualmente dentro do próprio Seminário, muito puxado o estudo, propositadamente puxado, embora recebesse o Seminário alunos das mais diversas situações, mas éramos treinados a estudar e tínhamos tempo suficiente para estudar. Se você imagina que além dessas quatro aulas, nós tínhamos quatro estudos de quarenta e cinco, quanto é que dá? 180 de preparação às aulas, fora dos outros 180 de aulas, mas e você não podia nem brincar porque havia um regente lá, fiscalizando o tempo todinho e com autoridade para castiga quem desobedecesse. Uma vez eu fui flagrado pelo Landim como regente, lendo um livro de Júlio Verne que era proibido. Júlio Verne a gente podia ler nos recreios, aquelas histórias fabulosas de Júlio Verne. O Landim me pegou uma vez, ficou

olhando, olhava e eu tentando botar a mão por cima do livro para ele não ver, ele ficou ali e eu disse ele vai já me passar o carão, mas ele não disse nada, passou adiante, eu fiquei esperando o fim do mês se ele tinha denunciado essa minha indisciplina ao pe. Cabral, a gente sabia pela nota obtida, relativa ao comportamento, nesse mês tirei a nota máxima. Bom, acho que ele não entendeu ou relevou, porque não se podia ler livro que não fosse o de estudos mesmo.

Havia as tarefas e por isso então a gente tinha tempo para estudar, os professores puxavam, os meus primeiros professores de Português e Latim todos eles muito exigentes, porque eram disciplinas básicas, depois veio mais Grego, veio mais Italiano, veio mais Inglês, veio mais Francês e a gente tinha tempo para estudar, não tinha outras distrações, não tinha outras solicitações como hoje tem, não havia televisão, o Seminário não tinha televisão porque nem existia ainda, não entrava rádio, não entrava jornal, não entrava revista, nada disso, o nosso tempo era destinado exclusivamente às refeições, ao horário de dormir, ao momento da igreja de rezar e o resto era para estudar, ou estudava ou dizia por que não estudava, porque o seminarista quer não fosse aprovado continuamente, o Seminário mandava embora para casa e a gente não queria que isso acontecesse.

Por isso, então, o tempo era diferente, as solicitações praticamente não existiam, nós vivíamos ali para estudar e rezar, os professores, eles mesmos interessados no nosso sucesso, eram padres, nós não tínhamos professores leigos. Hoje há, no meu tempo de Seminário todo mundo era padre, portanto, gente que tinha aquela causa dentro do seu coração queria preparar o seminarista intelectualmente para exercer a função que ele exercia, além disso a gente tinha aquele medo de ser reprovado porque era muito feio, a gente passava vergonha diante das famílias, dentro da própria casa

e a reprovação no Seminário levava à exclusão do Seminário.

Tanto é verdade que a preparação era melhor do que a dos outros colégios, naquele tempo se rivalizava com o colégio Militar e o Seminário, dos adiantados aos atrasados que deixavam o Seminário e se submetiam aos concursos do Banco do Brasil, todos eles eram aprovados, inclusive em primeiro lugar, esses bancários que há duas gerações atrás se aposentaram, quase todos foram ex- seminaristas do Seminário da Prainha. De tal forma que isso é inegável e a gente tinha não só condições melhores de tempo, de preocupações para aprender como tínhamos professores que zelavam pela nossa aprendizagem e isso se refletia também no Seminário Maior, que era um outro estilo, professores de matérias não mais como as do Seminário Menor, que se comparava com as dos colégios, mas professores eram competentes também e que sabiam transmitir, embora eu tivesse professores que se fossem analisados didaticamente eram zero, mas a gente supria a falta de didática deles com o desejo de aprender, com a obrigação de aprender e por isso então realmente os seminaristas daquele tempo foram muito mais bem preparados, o que se refletiu depois no estudo da Filosofia, da Teologia, nas pregações, nas apresentações em público, inclusive por que nós tínhamos até escola de oratória lá dentro. Isso faria parte de outro capítulo, mas que nos ajudou também a saber se expressar em público, a fazer sermões bem organizados, com um tipo de pensamento, com ideias boas e com fundamentação filosófica e teológica.

Dizem que algumas famílias desejavam apenas educar seus filhos no Seminário e não torná-los sacerdotes. Isso corria sempre a boca miúda, eu por exemplo de experiência pessoal não tenho isso, eu fui para o Seminário porque queria ser padre, a minha família era uma família pobre, não era paupérrima mas era uma de classe média

apenas arranjada mas nunca se visou tal objetivo, porque assim eu teria frequentado o Liceu do Ceará, que era uma boa escola naquele tempo, teria sido aluno do colégio Militar, porque eu tinha capacidade para isso, de modo que não foi por isso, no meu caso. Agora, sempre se disse isso que as famílias mandavam o filho para o Seminário porque estudavam bem, estavam bem protegidos, realmente as famílias do interior mandavam o menino para pensão, para casa de tio e no Seminário eles estavam realmente bem resguardados. Agora, acho que os lazaristas não tinham consciência disso, mas de qualquer forma eu acho que isso não repercutia negativamente no trabalho deles, mesmo porque o Seminário nunca foi numeroso demais. Se eles não aceitassem aqueles pelo menos como tentativa de despertar vocações, ia esvaziar bastante o Seminário e os lazaristas, que eram diretores do Seminário, tinham tempo suficiente para ir aos poucos compreendendo que havia gente ali só se aproveitando do estudo e realmente mandaram muitos embora, aqueles não se sentiam nenhuma vocação para o sacerdócio. De tal forma que era um problema real, mas acho que era perfeitamente controlável porque aqui acolá saia um, mas a gente não sabia por que. O seminarista não teria vocação, havia conselho lá, havia discussão, analisava-se o caso de cada um, somente aqueles que descobriam pelo menos uma perspectiva de serem vocacionados é que continuavam, os outros eram aconselhados a se retirar e muitas vezes perdemos até alunos muito bons, do ponto de vista intelectual, mas que não se revelavam apropriados para a vida sacerdotal que eles iriam encarar depois.

Eu ficava ansioso que chegasse a hora do recreio. Naturalmente havia aqueles que se encostavam, que não queriam agitação. Agora essa palavra obrigatória é força de expressão porque bastava que a gente tivesse qualquer motivo verdadeiro ou fictício era dispensado, bastava chegar para o regente: "ô, precisava nem falar, estou

doente da garganta, eles não iam indagar se era mesmo, ah tá bom, tá bom!" Era só um compromisso que a gente tinha de se apresentar a quem de direito, uma maneira de forçar um pouco. E hoje eu sinto que precisaria ter havido muito mais, umas das queixas que eu tenho do Seminário é que não me obrigaram a fazer ginástica, joguei muito, corri muito, mas esporte só não havia nada organizado de exercícios programados, eu sinto desde padre novo eu sou uma pessoa muito dura, não tenho flexibilidade porque nunca fiz isso, joguei muito, corri muito, mas era desorganizadamente por isso eu acho que esse obrigatório era com aquela ideia antiga que era bom para a digestão, tanto era que era depois do almoço, depois do jantar, não se diz que é bom caminhar, no Seminário ninguém ia caminhar, mesmo seminarista menino, rapaz quer jogar, quer brincar. Havia no meu tempo aqueles que se encostavam, faziam de tudo para não ir, eu fazia de tudo era para ir, achava ruim quando terminava. De tal forma que eu sou pouco indicado a responder essa questão porque pelo meu gosto tinha muito mais do que o que era e era muito mais obrigatório porque na realidade eu nunca pedi licença de jogo, doente eu porque era tarado para ir, gripado tinha lá negócio de gripe, com o pé doente, eu ia caxingando mas ia, porque eu achava era bom aquilo e assim como eu muitos, como outros também não achavam.

Sobre a leitura de notas, no final de cada ano, a gente tinha obrigação de ouvir porque era num salão comum, mas inclusive não havia serviço de som. Se o leitor lesse baixo ninguém escutaria. Olhe, eu vou quebrar a modéstia mais uma vez, para mim era dia de alegria porque eu só tirava as melhores notas, naturalmente para quem tirava uma nota ruim passava vergonha na frente dos outros, mas do ponto de vista daquele tempo era pedagógico, era formador, para você não passar vergonha, estude, aprenda. Quer dizer era uma visão da época, todo tempo tem a sua dupla maneira de

enxergar, se olha para um lado é uma coisa, para o outro é outra, todas as duas são certas, nenhuma das duas são certas, era um dos motivos que levava o seminarista a estudar mais era não passar vergonha na frente dos outros. Eram só os internos do Seminário, não havia ninguém de fora, só que na leitura final do final do ano, é que o arcebispo ía, aí era outra glória porque todo final de ano eu recebia uma medalhinha de Dom Lustosa, aquilo para mim era a glória. O prêmio do Seminário era uma vergonha, era um medalhinha dessas que a gente compra hoje na BD Sport, fruto do ano todinho e aquilo a gente guardava com o maior carinho, como um título de glória.

A questão da sexualidade era um dos pontos fracos, é realmente um dos pontos falhos, mas pergunto a qualquer um, onde é que havia essa preocupação? As famílias da mesma maneira ainda hoje são omissas, a formação religiosa ainda está tentando se introduzir nas escolas medrosamente e aqui acolá temos reação negativas dos pais, quando o aluno chegava a casa dizendo que o professor falou em testículos, falou em vulva, a família vem dizer: "o que é que que está acontecendo aí, o menino chegou dizendo que o professor está falando nessas coisas". É claro que não é generalizado, há muito mais abertura mas volte a 20 anos, 30, 40, 50, 60 anos atrás isso era tabu realmente. É claro que fez falta, agora, cada um de nós procurou se refazer do prejuízo por conta própria, também certos livros no Seminário não entravam, mas nós tivemos acesso a um deles, que era escondido que a gente lia, para ter conhecimento de algumas coisas que a gente sentia e não sabia o que significava. Não, realmente ninguém pode desculpar isso, mas era a visão da igreja, era tabu mesmo, ainda hoje é, as sociedades que foram formadas com esse valores cristãos, com esse acompanhamento da igreja ainda hoje fazem reserva a isso. De tal forma que o importante é encontrar uma maneira de fazer hoje, de evitar que

isso aconteça no Seminário.

Condenar o Seminário porque fez assim, você pode condenar, mas uma condenação entre aspas, ninguém pode colocar culpa porque era assim que se tratava esse problema. Olhe, basta dizer que nós vimos ter conhecimento de algum assunto sobre sexualidade no último ano de Seminário, num livro em Latim, onde a terminologia a gente tinha que traduzir porque eram outros termos diferentes, em que as coisas não eram tratadas assim tão abertamente, a maneira muito velada porque isso sempre foi tabu em toda a história da igreja, na nossa sociedade ocidental, na nossa formação. Alguma coisa que aconteceu no Seminário a gente reconhece, mas eu não boto culpa em ninguém. Eu lamento ter sido de uma época, e lamento por ter sabido tirar melhor proveito dessa ausência ter procurado por conta própria, e muito de nós procuramos salvar essa parte, esse aspecto da formação que é importante demais, mas que nós não tivemos porque era a atitude da época deixar isso de lado, não se tocava nesse assunto, como muitas vezes no meio de uma conversa as pessoas silenciam, todo mundo se escandaliza, em especial as pessoas mais velhas.

Nas férias nós não éramos tão controlados, havia controle mas era tão frouxo, o único controle que a gente tinha era através de um relatoriozinho que o vigário da paróquia mandava respondendo a seis questões. O vigário queria a gente na igreja, que não permitia o seminarista fora da igreja, o que havia muito era autocensura do seminarista e da família. A família não deixava o seminarista se expor muito porque resguardava o seu "padrezinho", isso era um grande mal, uma falta que eu senti porque nós somos cortados da amizade, do relacionamento com a nossa geração, os meus amiguinhos lá da rua com eles eu não falava mais. Começa por aquela batina preta, os outros já olhavam para mim assim: "olha o

padrezinho", com todo respeito, não tiravam prosa comigo, não diziam brincadeira porque era o padrezinho, que fazia um mês que você havia brincado de futebol com ele no meio da rua, mas agora era padre vestido de batina preta, a família nos cercava dentro de casa muito, ninguém saía. Mas a censura era mais pessoal e da família do que do Seminário.

Eu por exemplo sentia o contrário porque era muito mais tolhido nas minhas liberdades em casa do que no Seminário, como eu já disse antes, lá eu não podia brincar, não podia ir para a chuva, não podia jogar, não podia tomar gelado que fazia mal a garganta, tinha que dormir cedo, coisa que no Seminário eu seguindo o regulamento ninguém me obrigava a nada. Agora que a gente mesmo se cercava de mil cautelas, com medo de chegar uma denúncia no Seminário, se tirasse a batina, tinha que ficar de batina dentro de casa, uma vez que a gente estava sem batina se chegasse uma visita, vestia imediatamente, que era com medo que aquilo fosse dito no Seminário, ora um menino de 12 anos, 13 anos de batina, lá na fazenda, lá no sertão chegava uma vizinha e de repente ele corria, vestia a batina, com medo que chegassem a dizer no Seminário que a gente estava sem batina. Daqui a 20 anos, 30 anos vamos criticar demais as maneiras de fazer hoje, de tal forma que essa imperfeição faz parte da concepção humana das coisas, a gente vai sempre encontrar falhas até nas de hoje, talvez mais clamorosas do que as do passado.

O acompanhamento que nos era dispensado manifestava-se como um dos disciplinadores de qualquer pessoa. Você passa sinal vermelho? Por quê? Por convicção ou com medo da multa? Você não ultrapassa o sinal vermelho com medo de uma barroada, com medo da multa que tem o guarda, tem o foto censor. Tanto se diz que existe a lei, se não houver uma penalidade, ninguém obedece. Para tudo tinha que haver uma sanção, isso também servia de sanção

para a gente se controlar melhor. Agora há um aspecto aí que eu não sei se algum vai frisar, para muitos seminaristas era um momento ruim para a vida do ano porque lá na sua casa passava necessidade. No Seminário nós tínhamos comida ruim, comida feita para 300 pessoas, mas abundante, nunca nenhum de nós passou fome por quantidade de alimento não. A gente às vezes comia pouco, porque a comida não tinha bom gosto, não era material de primeira pela pobreza do Seminário e pelo fato de ser cozinhada para 300 pessoas ao mesmo tempo, mas muitos de nós voltávamos das férias magros. Eu tinha colegas meus que voltavam das férias irreconhecíveis, a gente tinha vergonha de perguntar, mas sabia que ele tinha passado fome na própria casa, eram de famílias tão pobres, de tal forma que para esses realmente era um tempo de sacrifício estar na família, embora fosse também uma alegria, de reviver os seus, mas havia esse problema da alimentação, que era muito fraca na casa de muitos seminaristas, porque eram pobres.

No Seminário, quando me obrigaram a estudar eu estudei e quando eu estudei eu aprendi, às vezes em que não me obrigaram a estudar eu não estudei, não aprendi, portanto a obrigação de estudar pode levar a pessoa a estudar mais e aprender mais, como pode ser deixado livre e aprender mais por iniciativa pessoal. Agora se há culpa, se há visão errada é outro problema, mas a gente não tenta obrigar os alunos de hoje a estudar. O que são aquelas tarefas que nós passamos para casa, o que é aquele controle que nós fazemos na escola, se o aluno fez ou se não fez, o que que significa aquela reclamação que você manda na agenda do aluno, o aluno não está fazendo as tarefas de matemática? Isso é o mesmo controle só que apresentado de maneira diferente, no Seminário era imediato o controle, nas escolas aqui, através da família, de circulares, de reclamações, de anotações que você faz na caderneta do aluno. Eu

acho que o ser humano age de duas maneiras: age livremente e quando ele age por iniciativa própria, livremente ele pode realizar grandes coisas, mas muitas vezes também aquilo que a gente faz obrigado pelas circunstâncias, obrigado pela necessidade, obrigado pelas conjunturas, tudo isso pode ajudar a gente também a crescer e não vou dizer que me maldigo porque aprendi, porque alguém me obrigou a aprender, talvez me maldigo por alguém ter me obrigado mas por eu ter aprendido por conta disso, eu faço é me gloriar e ficar alegre.

A preparação intelectual realmente era melhor, na Prainha, inclusive a prática de falar em público, de enfrentar auditórios, nós tivemos inclusive no Seminário escola disso, que eu não sei se ainda há hoje. Ora, eu mais bem preparado filosófica, teologicamente, tinha um bom conhecimento da língua portuguesa, sabia lidar com o fraseado corrente, correto, bonito, de estilo porque a gente aprendeu nas aulas de português e literatura. Em segundo lugar, as outras lideranças eram mais fracas do que nós, na cidade em que eu vivi eu era a pessoa mais importante intelectualmente, hoje não é mais assim, ao lado do padre bem formado existem muitos outros bem formados nas várias profissões, médicos competentíssimos, advogados, agrônomos, engenheiros, dentistas, administradores, pessoas que tinham formação superior e tiraram bom proveito, além disso, a própria influência da igreja. São tão competentes quanto ele ou até mais competentes e aí a diminuição do papel do padre na sua paróquia é ligada também à influência da igreja na vida política, econômica, social nos dias de hoje. Você vê, por exemplo, os apelos do papa tem muito menos força hoje, do que tiveram no passado, na diocese o bispo tinha muito mais poder, a sua voz se fazia ouvir com muito mais respeito nos tempos passados, porque não só era uma voz autorizada, uma voz querida pelo povo, como era uma das

poucas vozes que se podiam fazer ouvir com agrado. Tudo eu acho que precisa ser levado em conta, que a igreja mudou para pior não sei, sei que o mundo para melhor desse ponto de vista, as lideranças se projetaram mais, são mais numerosas e concorrem com o padre, por isso que se exige hoje que o padre seja mais bem preparado do que ele foi no passado, porque ele tem que enfrentar desafios muito maiores. No tempo antigo eu me sobressaia lá no meu interior, mas hoje em dia se o padre não for bem formado também do ponto de vista intelectual, se ele não tiver um certo traquejo, uma visão social, se ele não souber se comunicar sobre os vários aspectos da vida social, ele vai perdendo espaço porque há alguém que faça isso no seu lugar. Isso então ao invés de ser um mal é um bem, em se constatar que hoje é assim porque aí cresce a responsabilidade do Seminário que os forma, que forma o seminarista e o padre e do padre que tem que assumir uma função de liderança no mundo de hoje, que se torna tão importante como foi no passado, mas isso é muito mais difícil do que foi no passado.

O Seminário da Prainha exerceu influência intelectual e cultural vastíssima desde a sua fundação, em 1864, até o dia em que ele fechou as suas portas e assim mesmo não encerrou ainda, porque continua de outra forma. Quem era que tinha escola naquele tempo? Era a Igreja. Como começaram as universidades? Com a igreja. De tal forma no fim do século XVIII, no XIX e ainda nesse século XX, a força maior intelectual era a igreja. Então era natural que o papel da igreja desse ponto de vista intelectual, a formação intelectual, cultural fosse muito relevante e os homens mais importantes do Ceará passaram pelo Seminário da Prainha. Eram poucas outras boas escolas, o Liceu, o Colégio Militar, depois a Escola da Imaculada, os mais antigos. Agora nos dias de hoje a igreja assumiu muitas escolas, já teve uma força muito grande na formação das lideranças

aqui no Ceará, no Brasil, mas está perdendo e já perdeu bastante porque não soube se modernizar, a escola religiosa, a escola católica, a escola confessional ficou desatualizada, se a gente compara aqui em Fortaleza, por exemplo, o que foi o colégio da Imaculada Conceição, o que foi o colégio da Dorotéias, o colégio Marista durante muito tempo, hoje em dia há outras escolas que apareceram depois, como os colégios 7 de Setembro, Lourenço Filho, o GEO, o Batista, o Farias Brito, que suplantaram as nossas escolas tradicionais, escolas religiosas porque não souberam se modernizar, não souberam usar os artifícios que existem hoje, as nossas escolas se esconderam muito e se deixaram levar pelas glórias do passado.

É pena a Escola da Imaculada Conceição está se acabando, aquela escola Juvenal de Carvalho que era uma escola disputadíssima se você não conseguisse um pistolão você não botava o filho lá, hoje em dia está com poucos alunos, a mesma coisa acontece com várias instituições dirigidas por religiosos que já fecharam, o próprio colégio Cearense está tomando um impulso maior porque está perdendo aluno ano após ano, porque não souberam se modernizar.

O celibato é um assunto difícil demais de se discutir, porque a convicção que a grande maioria das pessoas tem é que esse celibato já devia ter se tornado facultativo, ninguém deseja que seja abolido, não porque ninguém pode obrigar a pessoa se casar nem deixar de se casar, mas a luta é por uma opção livre de quem quer se ordenar. Hoje ela não é livre, porque se você quer se ordenar tem que renunciar a isso, se você é favor, se você se acha adequado ou não, se quer ser padre, tem que se sujeitar a essa injunção, a essa imposição. É claro que nós teríamos talvez mais seminaristas, eu não digo se teríamos mais padres a não ser que fosse uma consequência, um crescimento vegetativo, se há mais seminarista, há mais padre

também, mas a posição da igreja continua ainda imutada e imutável pelo menos com esse papa que está aí, é que não vai haver mudança nesse sentido, todas as pessoas que discutem esse aspecto não levam em conta todos os aspectos da questão.

Existe uma grande vantagem de ser celibatário para o padre, existe, como existe também sobre outros aspectos uma grande desvantagem. Acontece que as pessoas que analisam, só analisam o ponto das desvantagem, só que a igreja se fundamenta em grande parte nos aspectos que trariam vantagens espirituais, que dariam mais condições do padre trabalhar, que não vale a pena discutir mesmo porque não sou muito perito nisso não. Há padres aqui em Fortaleza que saberiam falar de cadeira, cátedra sobre esse assunto e diriam todos os argumentos que a igreja coloca a favor da manutenção do celibato, mas parece ao menos assim, analisando a coisa do ponto de vista superficial, estatisticamente apenas, talvez aparecem mais seminaristas que quisessem se ordenar sacerdotes. Às vezes a gente conversa com as crianças, especialmente nessa formação que a meninada de hoje tem, eles ficam: "não, não pode se casar, eu não quero". Muitos deles dizem, cortam logo a possibilidade por causa disso, agora se isso na hora é verdade, "na hora de pegar para capar", na hora de fazer coisa mesmo se isso vai ser levado em conta, ninguém sabe. Mas muitos dizem se pudessem se casar iriam.

Há uns que acham bonito a função do padre, eles se encantam com aquela dedicação aos outros, devotar sua vida, renunciar tanta coisa boa, mas não aceitariam renunciar ao casamento, que é uma das realidades, uma das dimensões do homem. De tal forma que há sobre certos aspectos, realmente um ponto de vista criticável, agora se a gente escutar bem de alguém que entende bem do assunto, que falar profundamente das razões pelas quais adotou e continua

mantendo o celibato talvez possa dizer: "o bicho não é tão feio como a gente pensa", talvez fosse bom tornar a coisa mais maleável, mais acessível a quem quisesse. Uma maneira boa seria ordenar homens casados, lá no oriente é assim, as pessoas que se casam não se ordenam, mas estando casado pode se ordenar e os que se casam não podem ser bispos, eles são escolhidos entre os que não se casam, terão as suas razões históricas e doutrinais também. Mas talvez fosse bom encarar esse aspecto ouvindo não só a opinião interessada minha, do fulano de tal que gostaria de ter se casado ou que acha que é ruim, ouvir a fundamentação doutrinária, pelo menos da prática da igreja nessa porção de século, já que exige o celibato para sentir até que ponto isso é vantajoso. Eu sei, eu vou dizer, se eu fosse casado no tempo que eu era padre de paróquia, tivesse filho não dava para eu sustentar não, no tempo que eu era vigário, depois que eu entrei na universidade, ainda daria para se sustentar precariamente como muitos se sustentam, porque o ganho de universidade também é muito pequeno, mas o que eu ganhei de paróquia quando eu era vigário, eu só sobrevivia na minha casa com mais duas pessoas, porque meu pai me ajudava, me dava feijão, farinha, arroz, milho, os paroquianos ajudavam, tinha uns lá no Guanacés que me davam o pão todo dia, outros que me davam leite, lá no Teotônio me davam carne, me davam fruta, me davam até gasolina para o meu carro. Eu me sustentava por isso, mas se eu tivesse mulher para sustentar...

Agora eu vou dizer uma brincadeira: "mulher quer joia, quer perfume, quer brinquinho, quer vestido bonito, pois a cada casamento tem que ir com um vestido novo, em cada festa tem que aparecer bonitinha, cheirosinha, eu não tinha nem para ela nem para os meus filhos". Que dizer, que se eu me dedicar ao ministério, casado com o que eu ganhava não dava não. Aí dizem e os pastores protestantes não têm família? Mas a dedicação do pastor não é a

mesma do padre não. O padre é tempo integral, o padre de paróquia é tempo integral, e muitos hoje já encontraram a maneira de trabalhar, mas faz sempre falta, porque às vezes uma pessoa quer me procurar e eu não posso atender, para se confessar, ou para eu ouvir, aconselhamento, eu não posso porque estou dando aula na universidade. Pode acontecer o que aconteceu com o padre, dizia que ele nunca podia receber porque ele estava estudando. Você sabe dessa história? Chegava uma pessoa em casa batia, a empregada atendia: "cadê o padre?" "Pode não, o padre está estudando". Quando foi na terceira vez a pessoa disse, rapaz podiam ter mandado para cá, um que já tivesse estudado porque o povo quer limitar o trabalho do padre, fora das suas obrigações, a hora que ele não está trabalhando na sua repartição, realmente condiciona diminui o tempo, a disponibilidade do padre. De tal forma que esse é um aspecto muito relativo e precisava se ouvir as razões, aqui também tem vantagens grandes de ser e desvantagens de não ser.

Um cargo curioso que havia no Seminário era o de regente. Por contingência mesmo do próprio Seminário, o reitor escolhia aqueles que ele achava adequados para auxiliar na manutenção da disciplina, mas não havia uma formação nenhuma para isso. Eu tive como regente padre Miguel Soares, Padre Camelo, Padre Miguel Câmara, Padre Gerardo Pontes, Alberto Oliveira, Padre Luis Moreira, Padre Landim, que eram seminaristas do Seminário Maior, estudantes de Filosofia, geralmente Filosofia ou Teologia. O papel deles era mais de fiscal, quando aparecia um jeitoso, aconselhador, que sabia pegar o seminarista e dizer uma palavrinha de conforto ou de orientação era bom, mas geralmente o regente era só para fiscalizar. Eles não eram preparados para isso, eram indicados assim a "dente de cachorro" e mandavam, só porque eram bonzinhos ou porque o reitor tinha simpatia por eles, confiava neles, mas inclusive era prejudicial para eles porque os tirava dos estudos. Tanto que o Padre Cabral, ao tirar

os seminaristas lá do Seminário Maior, para ocupar essa função, ele mandava aqueles mais adiantados, aos quais não ia fazer tanta falta o estudo, porque as horas de trabalho que eles passavam do lado do Seminário Menor, fiscalizando meninos era a hora de estudo que eles não tinham lá.

Mas eu nunca tive problemas com eles, embora reconhecesse que eles precisariam ser mais bem formados para aquela função, porque eles tinham função capital, o Seminário, a vida normal do Seminário, a vida cotidiana do Seminário era entregue a eles, o reitor, o prefeito passavam por lá algumas vezes, cobravam deles todo mês uma reunião para ouvir as denúncias. A gente achava horrível, porque havia os regentes efetivos e os regentes auxiliares, seminaristas que eram designados cuja única missão era no fim do mês dizer: "o Gotardo conversou lá na salão de estudos". Eles estavam perto da gente viam, é como o censor, você pode se livrar do guarda, mas não se livra do censor, porque você não sabe nem se ele está ali, aquele censor do trânsito. Os regentes auxiliares eram mais perigosos porque eram colegas nossos, do Menor, às vezes não se davam bem com a gente por qualquer motivo, por exemplo: se o meu time ganhasse do dele, ele ficava com raiva de mim e na hora, no fim do mês dizia: "aquele quando eu passei na capela não estava rezando não, estava era achando graça." Aí baixava a nota. De modo que eu acho que era uma instituição que o Seminário criou forçadamente porque não podia pagar ninguém para isso, nem tinha como preparar as pessoas e que apenas quebrava o galho. Não condeno nada, tudo que o Seminário fez eu enxergo da seguinte maneira, do que eu posso considerar certo, do que eu posso considerar errado, mas tudo o que o Seminário fez querendo acertar, foi pensado que estava fazendo bem aos seus seminaristas, e eu não

posso condenar quem agiu pensando que estava agindo certo, fazendo do seu melhor.

Os padres seculares não tinham experiência nenhuma, quando substituíram os lazaristas, na direção do Seminário. Os lazaristas haviam sido formados para isso, era um dos destinos da congregação deles. Vocês conhecem os Irmãos Maristas, não conhecem? Eles se formam irmãos para educar jovens, então recebem um tratamento especial, naturalmente são selecionados entre os mais capazes, para depois se dedicar a orientar a formação dos jovens. Assim eram os lazaristas, aqui no Brasil era uma das congregações que tinha essa missão, padres da congregação da Missão era o nome deles, dos padres lazaristas. Então eles foram chamados desde os padres franceses, no começo eram franceses, depois passaram a ser os brasileiros e ninguém sabe dizer se os nossos padres seculares teriam condição de fazer, tanto que a experiência do Seminário conosco, Gerardo Pontes, Edmilson, Eu, Paulo Pontes, Zé Alberto não foi tão significativa, pois não tínhamos uma preparação prévia para isso, de tal forma que naquele momento, o recurso que se achou foi colocar os padres seculares. Hoje em dia não são mais eles não, não são mais os seculares, recorreram a uma congregação da Colômbia chamada Eudistas. Como não há mais Seminário Menor, que é o período mais difícil de lidar com crianças, com jovens adolescentes, aquele momento crítico da vida da gente, eles já entram no Seminário com o segundo grau, há uns padres, denominados Eudistas, uma congregação religiosa que assumiu a tarefa. Até hoje tem sido colombianos, ajudados pelos nossos. Mas secular mesmo, eu não sei onde é que há essa experiência de padre secular. Lá no Rio Grande do Norte era secular, no meu tempo de Seminário, que era Seminário Menor lá, era padre da diocese mesmo. Lógico que depende de locais e de pessoas. Depende dos padres e da formação ou da formação específica

fornecida para tal missão.

Houve uma quebra naquela rígida disciplina que havia no Seminário, como fato de você ser obrigado a permanecer em salão de estudo, estudando, hoje não há obrigação de prestar certa tarefas, de realizar tarefas que eram obrigatórias no meu tempo. Eles se atrasaram e não puderam ter o mesmo nível de conhecimento que nós tivemos agora. Olhe, a relação pode realmente existir é da natureza humana, volto a dizer um pouco o que eu já disse antes, as leis são criadas exatamente a partir das falhas humanas. Às vezes lá no colégio quando aparecem novidades, certas determinações e os meninos vem perguntar: "por que padre, que agora é assim?" Eu digo olhe, porque eu fiz diferente e vocês tiveram péssimos resultados. "Por que o Sr. está botando fila agora?" Porque eu deixava vocês subirem livremente para a sala de aula, vocês subiam na maior baderna, batendo nos outros, trepando em cima dos outros, dando tapa nos outros e agora eu não quero que isso aconteça. A lei vem a partir de um abuso, ora quando existir pelo menos está dizendo que a gente não tira proveito necessário das suas próprias capacidades, porque abusa do tempo, abusa da disposição, abusa das condições. Há uma relação, é claro que há, agora isso é bom ou é ruim, é outro aspecto. Eu acho que se a pessoa pudesse fazer tudo livremente, por iniciativa própria, por convicção, por um movimento interior de compreensão, isso é bom para mim eu vou fazer, seria muito melhor, porque tudo que a gente faz porque quer fazer, porque entende o valor do que faz produz um efeito maior.

As Obras das Vocações Sacerdotais (OVS) tinham o objetivo de auxiliar os seminaristas que não podiam pagar mensalidades. A grande maioria não pagava. As iniciativas de apoio eram próprias da época: festinhas, festivais, quermesses, doações nas igrejas,

esmolas, rifas. Havia esse movimento nas paróquias, cada paróquia se interessava para recolher alguma coisa e destinar para pagamento das despesas de Seminário, como se fazia também esse movimento nas escolas, principalmente nas escolas católicas. Havia um padre destinado para isso, percorria as paróquias incentivando, promovendo, fazendo palestra, incentivando o povo a contribuir mais e nas escolas esse mesmo tipo de movimento se observava, as escolas faziam arrecadação através de rifas e competições esportivas. Isso naturalmente servia para ajudar a grande maioria dos seminaristas e ajudar às vezes substancialmente. Eu, por exemplo, pagava a metade do preço do Seminário. A outra metade era custeada pelas OVS. Havia gente que só pagava 20%, só pagava 10%, havia gente totalmente gratuita, sendo raríssimos aqueles que pagavam integralmente.

No meu tempo eu recordo uns 3 ou 4 que eram filhos de famílias abastadas, como é o caso de Gerardo Ponte, o José Mário Ponte, porque as famílias tinham com o que cobrir as despesas. Hoje em dia essa ajuda vem da arquidiocese, como os bispos fazem por lá eu não sei, mas quero acreditar muitos deles recebem ajuda estrangeira. A partir do tempo de Dom Lustosa, nos meus anos já como padre, houve um convênio entre a arquidiocese de Colônia, na Alemanha, e a de Fortaleza, que se consideraram dioceses irmãs. Em Colônia uma vez no ano se fazia uma coleta para a arquidiocese de Fortaleza. Com isso, durante muitos anos se comprou carro para as paróquias, muitos movimentos da igreja foram feitos com esse dinheiro, igrejas muitas foram construídas aqui em Fortaleza com tal ajuda. Hoje eu acho que não existe mais, mas os bispos conseguem através de instituições pelo mundo afora. Eu sei que cada diocese hoje contribui para a manutenção do Seminário, agora é pesado, como se mantém não sei, porque a Obra de Vocações não existe mais, ela foi se extinguindo, foi perdendo a sua finalidade. Eu acho que não se faz

mais especificamente nada, a não ser a arquidiocese que movimenta um pouco os padres daquelas paróquias que tem mais renda, com é o caso da igreja de Fátima, São Gerardo, da Paz, onde circula um pouco mais de dinheiro, que permite ajudar os seminaristas.

Havia seminaristas do Pará, seminaristas do Maranhão, seminaristas do Piauí, seminaristas do Rio Grande do Norte, seminaristas da Paraíba, algum outro do Pernambuco, raríssimamente alguém da Bahia, era mais o "Nordestim pobre," daqui mesmo. Naturalmente isso representava uma economia porque o seminário Maior era em Fortaleza, o Rio Grande do Norte não tinha, Paraíba não tinha, Maranhão tinha, era uma estrutura só que fazia poupar. Além disso criava uma uniformidade, uma unidade de visão, de formação, os padres do Nordeste eram mais ou menos parecidos uns com os outros. Recebiam as mesmas instruções, as mesmas orientações os mesmos valores.

O Seminário Menor era distinto, cada um cuidava do seu. Aí então, certamente fez muita falta. Mas você sabe essas coisas, também a gente aprende a se virar, não tem mais, dá outro jeito, inventa outra coisa, manda para outro canto. Há bispo que manda para o Sul, outros quando o seminarista já está adiantado, manda para Roma, arranjam bolsa daqui, bolsa dacolá, o que é certo é que hoje em dia há mais seminarista formado fora do Brasil, do que no meu tempo. No meu tempo a gente tinha que ir por conta própria, eu fui por minha conta, ninguém me ajudou em nada, nem diocese, nem ninguém. Era o que eu tinha acumulado nos meus seis anos de padre, o carrinho que eu tinha comprado, vendi e com esse dinheiro eu sobrevivi. Hoje não, eles já ajudam, recebem bolsa e às vezes até mais do que isso, dinheiro para passar as férias não sei onde, na França, Alemanha, Inglaterra está muito melhor para ir. Agora, hoje em dia cada diocese providencia o mesmo esquema, uma Obra das

Vocações disfarçada, retirando recursos da comunidade ou do exterior, que eu acho que é o mais comum é pedirem ajuda a Alemanha, as entidades internacionais, há muita delas dispostas a ajudar.

Sobre a permanência dos que deixaram o ministério sacerdotal e permanecem na Prainha, não vejo nada contra, porque acho que eles são melhores do que eu. Ora, se eu os considero como pessoas e como sacerdotes de mais valor do que eu, por que eu vou achar ruim que eles ensinem? Agora, eu não sei se já parou isso não, porque no final do ano passado, eu estava fazendo caminhada porque tive um problemazinho aqui numa coronária e encontrei com uma senhora já idosa que frequenta o Seminário, que é aluna de lá, que hoje tem isso. Ela me contando que estava um drama lá, porque não queriam mais o padre fulano, os padres casados. São as coisas de instituição, toda instituição é problemática. Numa instituição decidir as coisas como pessoa é muito fácil, como diretor de colégio é muito mais difícil. Então no colégio lá em que eu sou diretor, eu não faço tudo que eu gostaria de fazer não, há certas determinações a que eu sou oprimido pelo rigor da instituição, pela visão tradicional da instituição. De tal modo que se já superaram, talvez não tenham superado definitivamente, mas enquanto estão deixando, é bom que eles ensinem mesmo porque faltam professores, eu dou graças a Deus que eles querem ensinar para ganhar aquela mixaria que eles ganham. São competentes e mostram que têm boa vontade porque se sujeitam aquilo ganhando pouco, continuam lá mesmo tendo sido rejeitados.

Então, eu acho um trabalho valiosíssimo esse de quem quer fazer ganhando pouco ou nada, quem contra a vontade de certas pessoas estão lá, se sacrificando, eu acho que eles estão fazendo um trabalho maravilhoso e peço a Deus que eles continuem e que um

dia a igreja reconheça que não tem nada de mal nisso. Eu não entro nessas coisas, porque me considero muito pequeno para estar julgando essas decisões que vem lá de cima, da Conferência dos bispos, já é reflexo lá das decisões de Roma, e devem ter seus motivos. Sei que eu acho que eles não fazem mal nenhum, inclusive são pessoas que estão casadas sim, têm mulher, têm filhos, vivem corretamente, vivem cristãmente. São muitas vezes mais zelosos no seu trabalho paroquial do que no tempo em que eram padres. Eu conheço alguns deles que são muito melhores hoje, do que no tempo em que eram padres. Então, eu não acho nada que possa impedir, pelo contrário, acho necessário demais porque nós outros poucos não podemos nem sair das paróquias para ir tomar conta do Seminário, porque os trabalhos nas paróquias estão sendo reduzidos por falta de tempo.

Eu ajudei os padres casados enquanto pude. Durante muito tempo a sede deles era o colégio Juventus, que eu abri para eles, para as reuniões, eles agora não estão mais se reunindo lá, mas durante muitos anos as festas de Páscoa, de Natal, de São João, todas eram feitas no colégio Juventus, porque muitos deles eu ajudei, porque fui eu quem preparou o processo em que eles pediam a dispensa a Santa Sé, eu fui encarregado por Dom Lustosa, depois por Dom Aloísio e fiz nas minhas contas, foram 45 processos, de tal forma que era ligado a eles, porque fui encarregado de movimentar esses processos e continuei ajudando. Eu acho um movimento bonito, continuo dizendo há muitos deles que são excelentes, que poderiam estar perfeitamente em uma paróquia, casados, com suas famílias, com seus filhos, fazendo tanto bem como no tempo em que não eram casados, mas não me coloco contra a visão da igreja, eu também repito que sou pequeno demais, quem sou eu? Espero que um dia as coisas vão se acomodando e se entendendo e que eles possam continuar realizando o trabalho de apoio. Muitos deles

desejam e viriam correndo se dissessem: podem assumir uma paróquia.

O desejo de casar-se, mesmo porque às vezes já tinham se comprometido sentimentalmente e se aliavam a desacordo de certos pontos de vistas, especialmente disciplinares, em relação à igreja, pesou no abandono do sacerdócio. Agora, se há algum que deixou por motivos ideológicos, é minoria grandiosa mesmo, e pouquíssimos não casaram, terminaram casando, mesmo que não tivessem essa intenção inicialmente mas no fim a maioria terminou assim mesmo, porque realmente não havia mais o amparo da igreja, aquele apoio que a gente encontra na igreja, nem na família até mesmo. Reconheço que as falhas do Seminário todinhas, as da igreja, mas para mim os malefícios que possam ter feito, eu tentei me liberar deles, eu tentei superar. Não culpo ninguém por isso, nem tenho mágoa de ninguém.

Eu acho que tudo que aconteceu na igreja de novo, nas últimas décadas, recebeu a influência fortíssima do Concílio Vaticano II. Antes dele, o mundo caminhando, modificando-se e a igreja fechada sobre si mesma, sem entender que o mundo tinha crescido e que o mundo estava ansioso que a igreja o acompanhasse, o mundo não estava rejeitando a igreja não, a igreja é que estava rejeitando o mundo, aquela visão de um mundo que é só ruindade, que é só maldade. Por isso eu considero o Concílio Vaticano II, um novo Pentecoste, e o papa que o inspirou era coisa do Espírito Santo porque ele se sobrepujou a si mesmo, era um cardealzinho apagado lá de Veneza.

Quando o Seminário fechou, nós instalamos no prédio o colégio Juventus. Olhe, essa é uma história um pouco longa, surgiu naquelas minhas andanças no Seminário com o monsenhor Oscar, nós somos muito ligados. A gente então pensou o que seria feito dessa casa e, na conversa mantida com o colega, eu mais corajoso do que ele

afirmei: "Oscar, por que nós não instalamos um colégio aqui?"

E fomos conversando, montamos a ideia na cabeça, vamos a Dom Delgado. Qual o melhor momento de pegar Dom Delgado? É quando ele estiver na serra da Pacatuba. Todo mundo não tem o seu momento favorável? Pois bem, o momento de Dom Delgado é na Pacatuba. Subiu? Subiu. Fomos almoçar com ele na Pacatuba, as irmãzinhas tomavam conta, depois do almoço. ele tinha aquele negócio que balança. Encostamos ali, destilamos a ideia, eu dizia uma coisa, o Oscar dizia outra. Ele concordou, e uma das coisas que nós aventamos, a que nos propusermos, foi nos comprometemos com a educação, pois ali poderia ser inclusive um celeiro de vocações. Pois bem, o colégio funcionou no prédio da Prainha, de 1967 ao fim de 1975. Mudamos de prédio porque precisaram do Seminário para recomeçar tudo. Já estava surgindo a necessidade do Seminário se reinstalar e as aulas no Seminário.

O colégio funcionava o dia todo, o meu tempo era integral, era de manha, os alunos voltavam de tarde, muitos ficavam, almoçavam no próprio Seminário. A partir de 1968 ainda criei um instituto que funcionava de noite, IBESC, que formava em nível superior, sem ser faculdade, curso livre. De modo que eu ocupava o Seminário o dia todo, em compensação sustentávamos o Seminário, refizemos o Seminário todo, não deixamos o Seminário se acabar, e fizemos muita coisa nova, aquele auditório foi feito por nós. Aquelas quadras que estão hoje abandonadas foram feitas por nós, fizemos a piscina, que deixaram se acabar, aquelas salas de aulas, tudo aquilo eram salões grandes. Os dormitórios nós cortamos em salas de aula, toda aquela parte nova fomos nós que fizemos, inclusive aquele auditório, ainda hoje eu tenho pena porque eu olho e vejo que aquelas poltronas têm 36 anos de existência e estão como se fossem novas, porque eram todas muito boas.

E assim, então, começamos uma escola de tempo integral que exigia primeiro lugar ser um pouco mais cara, porque os meninos passavam o dia todo lá, e ocupavam muito o pessoal que lá trabalhava. Segundo, muitos deles pretendiam almoçar porque não tinham como ir e voltar, naquele tempo não era fácil, nem todo mundo tinha carro como hoje e, portanto, se tornou um pouco mais cara Então, já restringiu o acesso a determinado grupo de pessoas, os que podiam pagar, terceiro pelo fato de ser tempo integral e eu ser um tipo liberal que vim lá da instituição, que a gente praticamente convivia com esses meninos. A gente aceitava qualquer menino, por ruim que ele fosse, eu aceitei todo e qualquer menino que viesse estudar no Juventus, não fiz restrição a ninguém, esse, colégio nenhum quer mais, tragam para cá que nós queremos.

De tal forma que não frutificou, pelo menos nos dois primeiros anos, não frutificou como celeiro de seminaristas. Eu nunca me machuquei por isso não, porque quando eu aventei a possibilidade, era só uma possibilidade. Eu vou dar um testemunho de vida, vou me dedicar a eles, o padre Oscar também, nós vamos montar aqui uma escola que vai transmitir valores cristãos. Quem sabe se através disso eles não querem ser seminaristas. Na realidade, não foram e chegou Dom Aloísio, homem querendo dar vida nova a tudo, conversava muito, discutimos o problema e achei conveniente realmente que o Seminário precisava voltar a funcionar e se o colégio continuasse iria impedir. Muitas das coisas que tem na arquidiocese estavam acontecendo lá. Não só o movimento do Seminário, do Instituto de Ciências Religiosas, o Instituto de Teologia e Pastoral. O Instituo Teológico de Estudos e Pesquisas, como esses outros movimentos tudo se apoiam lá no Seminário, aquele auditório é toda vida lotado, carismáticos, vicentinos, Legião de Maria, os vários tipos de movimentos religiosos que tem é tudo lá no Seminário, então

precisaram do Seminário e combinamos com Dom Aloísio. Aí Dom Aloísio então me disse: "olhe, eu lamento porque sei que o trabalho que vocês estão fazendo é muito bom, confio em vocês dois, em mim e no Oscar, mas o Seminário está aqui, estamos precisando dele agora. Eu vou fazer o seguinte, eu vou dar a vocês o direito de você carregarem tudo que vocês quiserem daqui, para vocês darem continuidade ao seu trabalho. Eu não posso dar a sede porque é do Seminário, mas tudo que tiver aqui podem levar." Eu digo: Dom Aloísio eu vou querer, as carteiras pequenas, fui eu que comprei, as grandes ficam aqui tudo para o Seminário. Eu levo só as pequenas porque não vão servir nunca, aqui nunca vai ter criança. A biblioteca formei todinha, eu comprava tudo duplo, um para o Seminário, outro para o Juventus, e assim reparti, e ele me deu todo apoio, me ajudou, não ajudou financeiramente não, também não precisei não. Então nós compramos uma outra sede aqui, eu me juntei com o grupo que trabalhava comigo aqui no IBESC, que funcionava à noite, que era Administração de Empresa.

E me juntei com eles e estou vivendo, já são 26 anos. Colégio Juventus, fui eu quem fundou, fui eu quem botou o nome, estou lá desde o primeiro dia. Comecei com o padre Oscar, mas quando a paróquia começou a apertar muito, ele disse: "Aí não dá mais para eu ficar lá e cá, porque estou sendo muito solicitando, o povo está reclamando que eu não vivo na paróquia." Aí eu arranjei outro substituto.

E assim estamos ainda pelejando com a vida e o Seminário continua lá, eu acho muito bonito, vou lá vejo o movimento de todo jeito, todo e qualquer movimento que a gente participa no Seminário, vai lá com a maior alegria, porque se sente bem dentro daquela casa. Já fizemos mais outras festas, estamos esperando que o Seminário agora complete 150 anos, só que não vou estar mais vivo. Para fazer festas, fizemos várias reuniões de ex-seminaristas, de padres, todo

mundo que quer bem ao Seminário da Prainha. Quando se encontram é uma alegria geral. Um dia desses fizeram uma missa em canto gregoriano, em Latim, vários padres e ex-seminaristas compareceram. A gente quer bem e eles também querem. Todos sentem que aquela Casa marcou muita gente aqui em Fortaleza, quando eu falo em Seminário da Prainha todo mundo se desmancha, e quando eles conversam nas reuniões, chegam às lágrimas e eu digo: "vocês não têm saudade do Seminário, têm saudade é da infância, da juventude, aquela coisa gostosa".

Padre Francisco Alves Teixeira

Quando criança, nos anos cinquenta, residindo em Senador Pompeu, no sertão central cearense, aluno do curso primário do Ginásio Cristo Redentor, dirigido pelas irmãs de Santa Tereza, sempre encontrava o vigário de Piquet Carneiro, uma município definido na linguagem irônica das cidades vizinhas como "uma parada de trem", entre Senador Pompeu e Iguatu, rumo ao Cariri. O nome do município foi uma homenagem a um conceituado engenheiro, que participou da instalação da ferrovia. Entretanto, a capacidade técnica do referido engenheiro foi atingida, quando da substituição da máquina a vapor pela máquina a diesel, pois se propalava que o pior trecho, da chamada "ferrovia do Crato" situava-se entre Senador Pompeu e Piquet Carneiro, naquelas curvas fechadas, propícias ao descarrilamento dos vagões, mesmo nos denominados "trens de passageiros." Para suportar uma vida pastoral numa cidade pequena, a ideia de trabalho conjunto de párocos jovens, de cidades vizinhas, com paróquias cuidadas por colegas de Seminário possibilitava a troca de experiências pastorais. Segundo o [Padre] Elmas, que foi vigário de Milhã,

> Ali na região [Sertão Central] a gente se dava muito, em Solonópole, Milhã, Senador Pompeu, onde o Salmito estava com o Agostinho, Teixeira em Piquet Carneiro, Aloísio em Mineirolândia, Seu Dantas em Pedra Branca, sobretudo de Mineirolãndia até Milhã, toda semana nós passávamos, segunda, terça e quarta, até o meio dia, em Senador Pompeu. A gente ficava na casa do Salmito e discutia muito, discutia pastoral, pois nesse campo a gente rompeu com os limites estabelecidos. Era uma grande área pastoral, havia uma ajuda ente nós e foi quando foi criada a diocese de Iguatu, formada por uma parte da arquidiocese de Fortaleza e outra do Crato. Em Iguatu foi muito duro, pois havia um peso muito grande do conservadorismo, por sinal foi uma das causas de nossa saída. Nós saíamos quase todos, só ficou o Dantas, em Pedra Branca e o Agenor, em Solonópole. Dom Mauro não era conservador, mas não tinha determinação, não tinha uma linha própria dele, pois ficava do lado que pesava mais. A gente discutia muito, mas o que adiantava agente ficar brigando contra uma estrutura de igreja consolidada? (CARVALHO, 2006)

O revelador na entrevista do padre Teixeira foi a razão de sua volta às funções sacerdotais, após o falecimento da sua esposa.



Nasci em 2 de dezembro de 1928. Desde criança, desde meus cinco anos, eu tinha desejo de ser padre, mas para mim era humanamente impossível, em função da minha pobreza. E foi aos treze, quatorze anos, que eu me transferi de Fortaleza para Maranguape, onde passei a minha infância. Aos dez anos, eu pedi a Dom Raimundo de Castro e Silva, então vigário de Maranguape, para ele me indicar

para ir ao Seminário. A princípio ele não queria porque eu era muito pobre, mas depois de muito sacrifício eu disse: "o senhor consegue a minha matrícula o resto fica comigo".

E foi assim que eu entrei no Seminário, onde passei treze anos e nunca me faltou nada, porque eu sempre fui muito esperto, trabalhador. Eu engraxava sapato, eu aplicava injeção, eu fazia terço e lá no Seminário cada um ganhava alguma coisa para sobreviver. E sobretudo levando em consideração que, na época, em 1946, quando eu entrei no Seminário, a anuidade do Seminário era duzentos mil réis (200$000), para quem podia pagar. Os mais pobres eram ajudados pela Obra das Vocações Sacerdotais (OVS) e eu pagava uma anuidade de vinte mil réis (20$000). Isso significa praticamente nada hoje.

Comecei o Seminário fazendo admissão, foram sete anos de Seminário Menor, dois anos de Filosofia e quatro anos de Teologia, que equivaliam ao chamado Seminário Maior. E me ordenei no dia 30 de novembro de 1958. O arcebispo Dom Antônio de Almeida Lustosa presidiu a cerimônia. Na minha vida de seminário houve um homem que eu amei. Chamava-se padre Josefino Cabral, lazarista. Homem duro, homem de uma disciplina muito séria. Um disciplinador de mão cheia, mas que deu certo com o meu espírito. Eu gosto das coisas sérias, rígidas, direitas... Até que fica meio estranho dizer que amei um homem, mas foi uma pessoa que me marcou minha vida. No aspecto disciplinar e intelectual era um homem de uma cultura fabulosa. Enquanto esteve na Prainha, foi reitor, prefeito de disciplina, do Seminário Menor, Ecônomo, que era o encarregado das despesas, construtor do Seminário dos lazaristas, no Barro Vermelho, aqui em Fortaleza, além de ser o diretor espiritual do colégio da Imaculada Conceição, confiado às Irmãs de Caridade. Foi ele

também o responsável pelo início da construção do prédio do futuro Seminário, localizado no bairro Dias Macedo.

Sobre a história do Seminário da Prainha, ouvi falar que, quando os lazaristas chegaram a Fortaleza, o primeiro bispo do Ceará queria instalar o Seminário no centro da cidade, porque o presidente da Província doara a Casa dos Órfãos, que ficava perto da praça dos voluntários, onde hoje é a prefeitura de Fortaleza. Mas o reitor achou que era muito central e pediu uma área que estivesse fora da cidade e foi exatamente ali, na atual avenida Monsenhor Tabosa, onde foi instalado o Seminário.

Nos meus primeiros anos de Seminário, eu era feliz e não sabia. Hoje é que a gente observa que viveu uma vida de muita tranquilidade. É lógico que a gente, por ser muito jovem, tinha as dificuldades inerentes à idade, mas era muito bom, eu achava muito bom. A gente acordava às cinco horas da manhã, eram mais ou menos uns 280 alunos no Seminário Menor. A gente tomava banho num único banheiro, todo mundo de uma vez, todos de calção, numa sala muito grande e havia até a denominação francesa "le salle de bain." Eram trinta e seis chuveiros e os seminaristas iam entrando, por ordem de ano: turma do sexto ano, do quinto, do quarto e quando chegava a minha vez, a minha turma era denominada "o ano B", o padre Cabral dizia: "ano besta".

Após o banho, subíamos por uma escada de madeira, em direção ao dormitório. Quando o papa João Paulo II veio a Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider mandou colocar umas vigas de concreto nesse dormitório, pois o seu piso era todo de madeira.

Foi um tempo maravilhoso, muito bom. Levantava às cinco horas, 25 minutos destinados aos banhos e todo mundo deveria estar no galpão do Seminário Menor, de batina e roquete, para a oração da manhã. Nessa oração da manhã constava oração da manhã, meditação, missa e ação de graças. Dali a gente saía para o

refeitório para o café da manhã. Era uma caneca de café com pão, um pão relativamente grande, mas não tinha manteiga. Após o café, uns dez minutos de recreio, e logo começava uma hora de estudo para a primeira aula. Uma hora de estudo, uma hora de aula, um recreiozinho de dez minutos, para a gente merendar duas bananas. Mais uma hora de estudo e mais uma aula. O horário matutino terminava às onze e quinze. Ao meio dia, almoço. Depois do almoço jogo obrigatório. Voleibol, futebol, basquetebol, o 'Jerônimo', que era uma brincadeira nossa. Terminava esse jogo e todos de batina, diga-se de passagem. Até o futebol e o voleibol não dispensavam o uso da batina. A gente levantava a batina, colocava a parte de baixo enfiada em cada um dos bolsos laterais da batia, ficava parecendo que a batina tinha duas orelhas. Uma hora de recreio e de jogo obrigatório. Quando terminava aquele jogo obrigatório todo mundo tinha que lavar os pés em duas torneiras, todo mundo e imediatamente mais uma hora de estudo, depois uma hora de aula, depois o lanche, uma hora de aula. Quatro e meia terminava, de cinco às seis outra hora de aula; de seis e meia às sete horas oração, visita ao santíssimo sacramento, de sete às oito, ou melhor, de vinte às vinte e uma horas, outro horário de estudo e às nove horas oração da noite e dormida. E as telas, e as camas do seminário, sabe você que não tinha colchão. Eram uma tela muito macia, gostosa, só precisava colocar um lençolzinho em cima, senão você amanhecia com as marcas da tela da cama no corpo. Não havia colchão.

Estudar no Seminário, naquela época, dava prestígio. A entrada no clero propriamente dito se oficializava com o uso da tonsura, uma pequena circunferência na parte de traz da cabeça, feita com uma máquina de cortar cabelo, depois do segundo ano de Teologia. Após receber a tonsura, o seminarista chegava às ordens menores,

subdiácono, diácono e finalmente ao sacerdócio. Havia funções intermediárias, o ostiariato, que era o poder de abrir a igreja, o leitorato, era o poder da lei da igreja e o exorcizato. Hoje só há o diaconato e a ordenação sacerdotal, mas se faz também algumas ordens menores, mas sem a ênfase, que lhes era dada naquela época. A partir do diaconato você podia pregar, dar comunhão, fazer batizados. A tonsura, por ser um sinal sensível, com a raspagem, de um cantinho da cabeça, era muito emocionante.

O que havia de muito bom, na nossa época, eram os passeios, os passeios de Páscoa, os passeios de Natal, quando não estávamos de férias, mas se fazia passeio de caminhão, fosse por perto de Fortaleza, como pela bairro Dias Macedo ou para Messejana, para alguns daqueles sítios, que ali se localizavam.

Sobre regime disciplinar, os regentes eram os auxiliares diretos do padre prefeito, responsável pela disciplina cotidiana, no Seminário Menor. O padre Landim, o padre Estelita e o padre Joatam foram meus regentes. Eles estavam mais em contato com a gente, eram os chamados seminaristas maiores. No salão de estudos, que a gente chamava de "silêncio", havia um púlpito bem alto, onde um dos regentes ficava estudando e a gente em baixo, estudando também. Se você não estivesse estudando, ele descia e vinha saber o porquê da nossa atitude. Cada um devia estudar, ficar como livro aberto. Eu gostava de pegar um dicionário Saraiva, um dos melhores dicionários latinos ou mesmo um dicionário de português e ficava estudando vocabulário. Ainda hoje tenho uma facilidade muito grande de vocabulário, em virtude desse hábito de consulta aos dicionários.

Sobre o celibato, eu me ordenei padre sabendo que devia ser celibatário. Eu tinha vocação para sacerdócio, mas não tinha vocação para o celibato. Aliás, esse não foi um problema exclusivamente meu. São poucos os sacerdotes que aceitam o celibato como uma

opção. São poucos. Passei treze anos no seminário e oito como sacerdote, sabendo que devia ser celibatário. Eu fui um dos primeiros a pedir dispensa do celibato a Roma, o primeiro aqui da arquidiocese de Fortaleza. Depois do Vaticano II, quando pedi dispensa, o papa era Paulo VI. A gente fazia uma carta ao bispo, que a encaminhava à Nunciatura Apostólica, que a remetia ao Vaticano, de onde vinha uma resposta. O teor da minha resposta ficou na igreja do Carmo, onde eu me casei. Quando eu me casei eu levei o documento do Vaticano, deixei lá, devia até ter ficado com isso. E eu era professor da Campanha Nacional de Escolas gratuitas, denominadas da CENEG, naquele tempo. E o professor Sucupira quando tomou conhecimento da minha decisão, disse que não havia lugar para padre excomungado, na CENEC. mas o professor Oscar Rodrigues, que era Superintendente dessa instituição, na época, porque o professor Lúcio Melo assumira a Secretaria de educação do estado, disse: Comendador, o Teixeira não é padre excomungado, foi dispensando do sacerdócio, pela Santa Sé e daí ele calou, mas continuou me perseguindo, culminando com a minha saída da CENEC. Ele era o superintendente desse órgão e o Lúcio Melo, diretor.

Eu não estava feliz com o sacerdócio e fiz uma opção. Era vigário em Piquet Carneiro, a única paróquia que assumi. Fiz concurso para o Liceu do Ceará e assumi o cargo de professor. Minha esposa era de Fortaleza, era professora de educação Física do colégio Demócrito Rocha. A gente começou a namorar e dois anos depois nos casamos. Eu já tinha pedido dispensa do celibato. A Leila foi a primeira e única namorada. Ela não teve filhos, porque sofreu om problema de útero, enrijecido por um tumor, que se manifestou depois dos trinta e cinco anos de idade. Ela terminou falecendo. Fiquei três anos viúvo e os colegas me perguntam que eu ia fazer da minha vida, se continuaria

viúvo ou iria me casar novamente. "Vamos ter calma que eu vou pensar minha vida" era a minha resposta.

Quando deixei de exercer as funções sacerdotais, a igreja, os bispos, os padres, não nos ofenderam ostensivamente. Havia uma certa restrição, mas a gente convivia bem. Inclusive, alguns anos depois, nós fundamos em Fortaleza, eu, o José Otávio e o Lauro Mota, no tempo de D. Miguel Câmara, nós fundamos a Associação dos padres Casados, que a princípio só existia em alguns estados, hoje estive no Brasil inteiro, a Associação dos padres Casados. Isso depois foi a São Paulo, nós fomos a São Paulo, e hoje existe no Brasil inteiro. Dom Miguel Câmara nos deu todo apoio e a nossa experiência foi para São Paulo e continuou crescendo no país.

Na minha época de seminarista, os padres eram muito rígidos na disciplina. Para você ter uma ideia dessa rigidez, durante as refeições, havia um púlpito no centro do refeitório e sempre havia alguém lendo um livro e nós todos em silêncio, durante as refeições, acompanhando o enredo narrado. No final do almoço, suspendia-se a leitura do romance e lia-se o "martiriologium romanus", em latim. Recordo bem de uma leitura que dizia que São Beda, o venerável monge, definia a mulher como o "esterco de satanás".

No Seminário se dava muita ênfase ao celibato, definido como uma entrega total à igreja, às coisas de Deus, e a esposa e os filhos atrapalhariam o trabalho pastoral. Hoje eu não sei onde isso é prejudicial ou válido. A mulher pode necessitar muito de quem vive com ela, quer apoio, mas acho que se o padre fosse casado, seria melhor para ele ter o apoio afetivo de uma companheira, ter carinho, pois a solidão é o que acaba com o padre. É difícil.

Quando assumi a paróquia de Piquet Carneiro, senti um impacto muito grande. Passei treze anos no Seminário, depois de ordenado, pedi um mês de férias e fui ao Rio de Janeiro, onde morava um

irmão meu. Quando voltei fui nomeado vigário dessa paróquia. Depois de treze anos de uma vida recatada, com horário para tudo, passei a ser dono da minha vida, aprendendo a caminhar com meus próprios pés. Foi muito difícil. Eu passei a morar com uma irmã e três sobrinhas. Enquanto elas estiveram comigo, eu suportei muito bem, pois tenho pavor à solidão. Como cada uma tinha seu namorado, a minha irmã teve que acompanhar a filha mais velha, que se casou. Quando fiquei sozinho na paróquia, pensei: "sozinho não fico." Pedi a Dom Mauro para fazer um curso de psicologia, em Roma ou na França, mas não foi possível. Mesmo assim, eu nunca fui infeliz na minha vida.

A minha esposa era uma pessoa muito boa. Quando a conheci, já estava trabalhando em Fortaleza, já tinha feito concurso do estado, onde era professor, além da experiência da CNEC. Não tive grandes problemas financeiros. Como vigário é que não tinha salário, a remuneração dependia do arrecadado. Das espórtulas de casamento, de batizado, vinte por cento era reservado para ser encaminhado à diocese, para a cúria. As espórtulas da missa também eram nossas. Permaneci como vigário de mil novecentos cinquenta a sessenta e seis.

Quando me nomeou como pároco, Dom Antônio afirmou: "Da tua turma, tu és o único que vai ser vigário e tu vais para uma paróquia muito boa, uma paróquia onde você pode ler o jornal todo dia, de fácil locomoção." O privilégio da paróquia é que por lá passava o trem, que ligava Fortaleza ao Crato. Piquet Carneiro, nome de um engenheiro ferroviário, era a última paróquia da arquidiocese, no sentido sul do estado, a cidade vizinha, Acopiara, pertencia à diocese do Crato. Quando foi instalada a diocese de Iguatu, dezenove paróquias ficaram sob a sua assistência.

A respeito da saída dos lazaristas da direção do Seminário, o tempo é que se encarrega de fazer essas coisas. Eles vieram do Caraça, em

Minas Gerais, para assumir a direção da Prainha. Eram educadores, mas houve um avanço tão grande na evolução do tempo e eles não acompanharam as mudanças, terminou sendo quebrada a forma de formar padre, por isso terminaram saindo. Eu acredito que a decisão foi mais deles do que do arcebispo, Dom Delgado, mas deve ter havido uma pressão muito grande por parte dos seminaristas.

Muita gente achava que havia umas coisas negativas na formação do Seminário. Até o nome seminarista, que se dizia que era feminino. Talvez o melhor fosse criar o termo "seminaristo". Hoje, depois que a gente amadureceu, aquele caminho trilhado no Seminário era muito bom, gostava muito daquela vida e não tenho nada contra.

Lembro-me muito bem das aulas de latim, ministradas pelo padre Gumercindo Sampaio. Depois de uma semana de aula o padre Gumercindo passou um texto do Antigo Testamento para ser traduzido, Deus creavit... Ora, aquilo pra mim era aramaico, era hebraico, era qualquer coisa que eu não sabia, absolutamente nada. Uma semana de aula, aprendendo a declinação e ele já fazia aquilo. Eu passei uma noite todinha na cama, mas vendo o livro aberto e amanheci esgotado. Falei com o Barros Leal, o colega que era regente e lhe contei o meu drama. Como ele já fazia o quarto, e acalmou, ensinando-me a fazer a tradução. Para mim foi um alívio, passei a estudar mais, tanto que hoje ainda gosto do latim. padre Gumercindo tornou-se conhecido pelas cópias, que ele impunha a quem cometia erros no estudo do latim. Uma vez fui obrigado a fazer uma cópia quinhentas vezes de um termo que escrevi errado. Passei o domingo fazendo a tarefa, que maltratava o dedo.

O Seminário ocupou uma função importante na história educacional do Ceará. Naquela época nós éramos uma elite, tanto que não me

lembro de padre de cor negra. Havia um colega, o Raimundo Ribeiro, acho que foi uma exceção. Acho que havia certo racismo na sociedade da época. Poucos conseguiram chegar ao último ano de Teologia. Da minha turma de ingresso, acho que eram uns quarenta e sete, mas só dois se ordenaram, eu e o Joaquim Dourado.

A maior parte dos seminaristas era de famílias pobres, mas havia alguém de elite também, aqui e acolá você encontrava algum, mas eram poucos. A maioria era mantida graças ao trabalho da OVS, que contava com o apoio decisivo das paróquias. Havia até uma festa no Teatro José de Alencar, para haver uma apuração, quando era homenageada aquela paróquia que arrecadasse mais. Eu me lembro de que a paróquia de Mulungu foi reconhecida mais de uma vez, como a que mais arrecadou e por isso ganhou uma bandeira. Nessas ocasiões se arrecadava trezentos mil cruzeiros e até quinhentos mil. Esse dinheiro é que nos mantinha pelo ano inteiro.

Conheci Dom Delgado, que era arcebispo de Fortaleza, quando os lazaristas deixaram a direção do Seminário. O colega padre Alberto era vigário do Montese e pediu para viajar ao Rio de Janeiro, pedindo-me que eu o substituísse durante uma semana. Então fui falar com Dom Delgado, pedindo que me cedesse um quarto no seminário para que eu me acomodasse à noite, pois minha família morava em Maranguape, mas ele me negou categoricamente, sem explicar.

Este prédio aqui, em Iguatu, era do seminário local, que terminou fechando com a crise surgida. Depois foi transformado no colégio diocesano, que também enfrentou dificuldades, com o aumento do número de escolas públicas, quando ninguém queria mais pagar colégio particular. Por isso, fechou.

Como disse, nós éramos dezenove padres. Saíram seis, ficaram algumas paróquias vazias. Dom Mauro soube levar e não pressionou

ninguém a permanecer. Quando eu pedi, ele ainda quis me convencer a ficar, mas respeitou a minha opinião. E no meu retorno ao sacerdócio, após a morte da minha esposa, o seu apoio foi valioso. Eu fiz o pedido de retorno, em Fortaleza, mas o arcebispo Dom Antônio Tosi ficou com o meu processo durante dois anos. O padre José Luiz, que era presidente do Tribunal Eclesiástico, um dia perguntou: "Senhor arcebispo, o senhor já resolveu o problema do padre Teixeira?" Ele disse: "Não resolvi, não vou resolver e diga pra ele que venha buscar os papéis, que não vou enviá-los para Roma." Falei com o colega padre Dote, hoje bispo de Iguatu e fui fazer o retiro do clero de Iguatu, em Quixadá. Dom Paulo Ponte, que fora meu colega na Prainha, era quem estava ministrando as palestras. Quando ele me viu, disse: "Teixeira, você aqui, que maravilha, venha cá". Fui ao quarto dele, conversamos, contei toda a minha história, o falecimento da minha esposa, o meu abatimento, o encaminhamento de meu pedido de retorno ao sacerdócio, à arquidiocese de Fortaleza. Ele disse "não, você é da diocese de Iguatu, você fica na diocese de Iguatu. Vou conversar com o Dote". Conversou com o Dote, que me chamou, e preparei novamente a documentação, ou melhor, organizei a papelada e tinha ficado com segunda via de todo o calhamaço, encaminhado para Fortaleza.

Com um mês e quinze dias veio uma resposta, recomendando que eu ficasse seis meses fazendo um estágio numa casa religiosa, para me atualizar nas pastorais, na liturgia. E eu vim para ir para o Seminário, voltei a ser seminarista já com setenta e cinco anos. Voltei a ser seminarista, mas com uns quatro meses, as irmãs foram embora daqui e o Dote já me indicou para tomar conta do antigo colégio diocesano. E quando veio a resposta, quando chegou aos seis meses, o Dom José Dote escreveu para Roma, dizendo que eu tinha cumprido o estabelecido e que eu já estava nomeado como

administrador do Centro de Treinamento, um trabalho totalmente leigo, e daí veio a definição de meu retorno à vida eclesiástica. Assumi esse Centro de Treinamento Social e não estou com nenhuma paróquia.

Isso aqui era um terreno vazio, comprado por Dom Mauro. É um lugar de repouso, do qual gosto muito. Há uma cozinha industrial e o local é propício à realização de grandes encontros. Os ipês existentes foram plantados por Dom Mauro. Aqui celebro todos os dias. Pois estou no exercício pleno do sacerdócio, com muita honra e felicidade, graças a Deus.

Salmito, Elmas, Lauro, Agostinho e o Leonardo, que era um holandês da Sagrada Família, foram os outros companheiros, que abandonaram as funções sacerdotais. Num período de três anos essa turma saiu toda, o que deve ter deixado uma lacuna imensa na diocese. Dom Mauro sentiu muito. Eu fui o primeiro do Ceará a desistir do sacerdócio e o primeiro que retornei.

Lamentei o fechamento do Seminário da Prainha, que talvez tenha sido motivado por uma pressão dos alunos, que acharam que deviam sair. Eu não acredito que tenha sido apenas uma decisão de Dom Delgado. O Seminário foi fechado e depois seria reaberto. Segundo o padre Estelita, "depois que quebraram a forma de fazer padre, nunca mais ninguém conseguiu emendar essa forma, porque havia aquele sistema que considero único". Com a saída dos lazaristas, a mudança foi muito grande, mas o problema não foi solucionado e a Prainha passou por maus bocados.

Não concordo com essa liberdade excessiva, que foi adotada na formação dos sacerdotes. O internato não é o mesmo. A gente estudou no Seminário, era um internato, hoje é todo mundo saindo, para fazer uma faculdade fora. Eu aceito essa nova modalidade de ser padre, que é bem diferente daquela por nós vivenciada, muito

diferente do tempo que estudei na Prainha. Você tem que aceitar porque não há outro caminho.

Dos dois cursos, do Seminário Maior, o de Filosofia e o de Teologia, gostei mais da Teologia. Exegese, moral, dogma eram temas de estudo, cujo conteúdo estava nos livros escritos em latim. Eram poucos os livros de teologia disponíveis. Vinham da França e era uma iniciativa do padre Luz a obtenção desses livros. A gente ía guardando um dinheiro e quando atingia certa quantia, comprava os livros. Quase todo mundo tinha seus livros. Em relação à Filosofia, o nosso estudo se concentrava na escolástica.

Acho que essa turma de hoje é diferente, o Seminário Maior deve estar mais voltado á realidade do mundo contemporâneo. Talvez os padres de hoje sejam mais seguros do que da nossa geração. Mas tenho minhas dúvidas a respeito da ação desses que foram formados com mais liberdade, não sei se depois, eles vão deixar o sacerdócio em maior número do que os padres do meu tempo.

Sinto no clero casado uma ligação afetiva com a igreja. Dos que conheço, não há nenhum revoltado com a igreja. É verdade que as críticas se fazem presentes, mas a nossa intimidade maior é com Jesus Cristo e sua igreja. Repito, a gente critica posições da igreja, mas a intimidade com Deus é mais forte e com o povo de Deus. Vejam um exemplo na maneira de ser de um Lauro Mota ou de um Elmas. Não tem ninguém revoltado com a igreja. Algumas atitudes nossas são críticas, mas a nossa intimidade maior é com Jesus Cristo e sua igreja.

O Elmas não continuou a trabalhar na igreja, mas ele faz um trabalho de igreja, na convivência do dia a dia com os vizinhos. O Salmito também, talvez não sejam tão fiéis à igreja, mas fiéis a Jesus Cristo. Por isso considero o Seminário da Prainha como um marco valiosíssimo da cultura. O Seminário e o Liceu do Ceará foram duas

casas preciosas na história cearense, pois deram grandes vultos ao Ceará e ao Brasil. Sem essas duas instituições, a educação teria sido bem diferente. Quanto ao número de padres, Jesus Cristo não vai deixar faltar. Uns vão morrendo e outros vão surgindo, o passado foi bom, mas o presente não deve ser considerado pior. Quando eu me for, outros ocuparão o meu lugar. Ninguém tem morada permanente aqui na Terra. Veja o caso do Dote. Ordenou-se depois de mim e hoje é bispo de Iguatu. Admiro-me da vitalidade de Dom Mauro Ramalho. Entregou a sua vida à diocese de Iguatu, após entregar o cargo, continua colaborando, dando tudo de si, apesar de seus oitenta e um anos e ainda dirige o carro dele.

Eu acho que o Seminário da Prainha foi um marco valiosíssimo, na cultura local e na cultura regional. O Seminário e o Liceu do Ceará foram duas instituições, que propiciaram a educação de pessoas que se destacaram não apenas em altas funções, mas no cotidiano da nossa história. Um ex-aluno da Prainha deixa as suas marcas por onde passa, nos cargos que assume. As vocações foram diminuindo, mas os novos padres continuam a missão dos que já se foram. Uns vão morrendo e vão surgindo outros. Hoje estou no lugar do padre Cabral, amanhã alguém estará no meu lugar. Como ninguém tem morada permanente aqui, outros nos substituirão. Vejam o exemplo de Dom Mauro Ramalho, lúcido, perfeito, apesar de sua idade avançada. Ele só tem um defeito, do qual reclamo muito, D. Mauro come demais.

Professor Lauro Nogueira Sá Mota

Desde a infância, antes do meu ingresso na Prainha, o seminarista Lauro Mota, o "Laurinho," de sua zelosa mãe, figurava nas cerimônias religiosas, no período de férias, na igreja Matriz de Senador Pompeu, onde passei minha infância, a todos

impressionando pelo seu zelo e devoção. Mais tarde, quando ingressei na UFC, tive a oportunidade de conviver com um companheiro de trabalho, bem diferente daquele modelo infantil, magro, pálido, moldado no estigma do frágil adolescente São Luís de Gonzaga. Era um colega comunicativo, brincalhão, que havia abandonado o sacerdócio, mas ainda não rompera com os laços que o prendiam ao velho casarão da Prainha. Ele me apoiou e incentivou, na montagem do histórico da Prainha, possibilitando muitas das entrevistas, que me pareciam difíceis de serem realizadas. Coerência na docência e na vivência, uma experiência existencial reveladora, fruto do modelo educacional romanizado, recebido na Prainha, mas um inquieto cristão ante às normas e fronteiras, impostas pela tradição da igreja Católica. O tempo não conseguiu apagar o seu fervor religioso, nem conseguiu reprimir os sentimentos íntimos, de poder amar e ser amado, permanecendo fiel a Santa Madre igreja, na fé, esperança e amor, até que a morte o levasse. Um perfil sacerdotal existencial, que desdiz o que Sartre consagrara: o ser e o nada. Um ser espontâneo, em busca de um tudo, com a sua capacidade de romper as fronteiras estabelecidas.[59] (Cf. SARTRE, 2002)



Eu nasci em Fortaleza e quando tinha nove meses de idade meu pai morreu. Eu não cheguei a conhecer meu pai. Então, a minha mãe foi morar com os pais dela, meus avós, em Senador Pompeu. Lá eu passei minha infância todinha. Era muito pobre, de modo que não

59. Nas palavras de Gerd Bornheim, "o ser e o nada encontra a sua complementação necessária, ainda que na medida dos contrapesos, nessa Critica da razão dialética" (p. 10).

frequentei nenhuma escola. Fui alfabetizado em casa, pela minha própria mãe. Quando eu entrei pela primeira vez em escola, já foi no ginásio, portanto não tive jardim da infância, nada disso eu tive. Era criado em casa, filho único, pelos avós. Senador Pompeu era uma cidade muito pequenina, naquela época, e eu tive uma infância muito tranquila, muito pacata. A minha mãe era muito religiosa, eu ia sempre à igreja, desde cedinho ela já pensava em me encaminhar para o Seminário.

A minha mãe casou-se a segunda vez, com o Sr. Antônio Soares, que era prefeito da cidade. Ele era o prefeito, depois ele saiu, entregou a prefeitura ao seu filho, de modo que a minha família tinha um certo domínio político na cidade. Bem, então eu passei a pertencer a uma família de muita projeção em Senador Pompeu.

A influência da minha mãe foi muito forte. Ela sonhava ter um filho padre. Era uma das grandes aspirações naquela época. Quando eu era pequenino, tinha seis, sete anos, o pessoal costumava perguntar: o que você vai ser quando crescer? Aí eu me virava pra mamãe e dizia: mamãe. O que é que eu vou ser? E ela dizia: vai ser padre. Quer dizer, a minha vocação nasceu dos lábios da minha mãe. Foi ela quem colocou em meu coração esse desejo de entrar no Seminário. Foi ela quem providenciou tudo, de modo que, aos dez anos de idade eu entrei no Seminário. Bem como eu disse, não foi uma decisão minha, eu era levado pelo clima espiritual da época. Eu era coroinha, lá na paróquia, sempre frequentava o catecismo. E isso, naturalmente, foi um terreno muito fértil, para aquela aspiração da minha mãe germinar. De modo que, realmente, eu entrei no Seminário movido mais por este impulso materno. Para entrar no Seminário, a pessoa tinha que satisfazer algumas exigências. Tinha que ser de uma família católica, uma família de bons costumes. Havia um pouquinho de racismo também, rejeitavam-se os filhos de

pais separados, enfim tinha que ser de uma família de boa vivência cristã, católica até. Financeiramente, a paróquia me ofereceu o custeio, digamos assim, dos meus estudos. Eu era muito pobre, minha família não nenhum recurso. Deste modo, quando eu entrei no Seminário, já vinha certo que vinha estudar sem ônus financeiro. A arquidiocese, através de uma obra chamada "Obra das Vocações Sacerdotais" (OVS), arrecada fundos e esse dinheiro servia, para o sustento, o custeio dos seminaristas pobres.

Durante a minha infância eu fui um menino muito solitário. Até os dez anos de idade eu era realmente filho único. Então minha mãe casou e desse segundo matrimônio nasceram três filhos, meus três irmãos só por parte de mãe. Desta maneira, a minha convivência com meus irmãos foi uma convivência muito pequena, porque o Seminário era um regime de internato. Aos dez anos eu entrei no Seminário e fiquei interno, eu só ia pra casa nos meses de julho, dezembro e janeiro. De modo que o tempo de convivência que tive com meus irmãos foi um tempo muito pequeno, curto. Não tivemos, assim, um relacionamento constante, um relacionamento familiar normal. Era sempre, praticamente só nas férias. Eu já crescido, já adulto, o meu irmão uma vez se queixou que eu visitava mais os meus colegas do que ele. E eu brincando disse: rapaz, eu mais meus colegas do que a você próprio. Eu convivi mais com meus colegas do que com você. E é verdade, dos doze meses do ano, eu passava só três meses na minha casa e o resto, nove meses, no Seminário, convivendo com os colegas. Dessa forma, a gente se sentia mais ligado aos colegas do que aos irmãos.

O regime de internato foi para mim uma coisa muito dura. Eu era muito apegado a minha mãe, a minha família e ser separado assim, de repente, causou um impacto muito grande em mim. De modo que eu sofri muito, chorava muito no Seminário nos primeiros dias, com

saudade de casa. Houve uma época que quase eu voltava, quase não aguentava a saudade de casa. Mas, lentamente, no ambiente do Seminário a gente foi se acostumando, foi amoldando-se e isso foi sendo superado. A gente tinha tudo no Seminário, não faltava nada. De modo que, de certa maneira, havia um ambiente para acomodação.

O Seminário era uma casa em regime fechado. Então, praticamente a gente vivia para fazer duas coisas: estudar e rezar e, nas horas vagas, um pouco de lazer, um lazer também, só interno, sem muitos atrativos. Aliás, a própria época não permitia muito isso. Ninguém assistia cinema, ninguém tinha som, ninguém tinha rádio. De modo que, praticamente, vivia-se só de esporte. Então, a maior parte do dia, as horas todas eram gastas ou rezando ou estudando. As aulas eram no Seminário, os professores moravam no Seminário, a gente morava no Seminário. Portanto, o tempo era muito bem empregado, digamos assim, para quem queria se dedicar a vida acadêmica, a uma vida de estudos.

A disciplina no Seminário era terrível, eu me sentia realmente muito preso. Tinha que acordar cedinho todo dia. Eu tinha ódio a acordar de madrugada, às cinco horas, cinco e trinta da manhã. Depois, passar duas horas rezando na igreja. A gente ia fazer a oração da manhã, rezava o terço, assistia missa, tinha mais um tempo de ação de graça e só depois é que ia tomar o café da manhã. Eu passava o tempo mais só pensando na hora de tomar o café, uma fome danada, em jejum ainda. De modo que, para quem era menino, um ainda estava se abrindo para a vida e querendo se divertir, brincar, uma disciplina rígida dessa era realmente muito pesada, era odiosa. Eu acho que a grande falha daquela educação era nivelar adulto e criança com a mesma disciplina. Todos eram iguais, se levantava todo mundo na mesma hora, todos tinham a mesma obrigação. De modo que eu acho que isso era uma coisa muito pesada, era uma

agressão à nossa infância. Praticamente eu perdia minha infância. Quando eu entrei no Seminário, nas minhas primeiras férias, que eu voltei, perdi todos os meus amigos, não me relacionava mais com nenhum. Por quê? Mesmo em casa a gente tinha que viver de batina, era obrigado a usar batina. Ninguém podia mais ir jogar um futebol, ninguém podia sair, ir a uma festa. Ninguém saía mais como se saía, antes da entrada no Seminário. Realmente, a gente permanecia fechado, mesmo fora do Seminário. Era realmente uma disciplina muito rigorosa.

Eu acho que ensino ministrado no Seminário era um dos maiores pontos positivos dessa formação. O lado negativo foi esse que falei, mas o lado positivo valeu a pena. Realmente a formação intelectual. A visão humanista que davam a gente era muito forte. Para você ter uma ideia, eu estou dando aula no Seminário hoje, nas mesmas salas onde eu estudei e às vezes eu digo isso para os meus alunos. Eu cito uma frasezinha em latim, uma frasezinha humilde, ninguém sabe de nada. Quando eu entrei no curso Superior, quando eu terminei o sexto ano, equivalente ao segundo grau de hoje, que é a situação em que eles estão, eu dominava bem o português, falava francês, falava inglês, lia grego. Lia latim, cinco línguas, sem nenhum problema. Tinha aprendido isso no Seminário. De modo que era um embasamento intelectual realmente muito forte, muito bom. O fundamento da minha visão, da minha formação hoje, está toda nesse ensino do Seminário. Realmente eu sofri um pouquinho, do ponto de vista disciplinar, mas lucrei muito do ponto de vista intelectual.

Estudar no Seminário dava um status, é tanto que muita gente vinha para cá, não era para ser padre, era para estudar. Sobretudo os que estudavam de graça. Além de ser um estudo muito bom, o melhor estudo que havia no estado, nessa época. Não havia nem universidade aqui e a gente tinha curso superior, no Seminário. Dois

cursos superiores, o curso de Filosofia e o de Teologia. Verdade que não era reconhecido pelo Governo, ninguém recebia diploma nenhum, mas não ficava a dever a nenhuma universidade. De modo que o aluno, quando saía do Seminário, saía preparado intelectualmente para enfrentar qualquer profissão. Realmente dava status.

O sistema de estudo era ainda aquele do professor transmitir aos alunos. Ninguém tinha nenhuma noção de pedagogia, um modo moderno de se organizar e realmente posso dizer que o estudo era mais individualista. A gente formava grupos espontâneos, pequenos grupos espontaneamente, mas sem saber nada de orientação de estudo, era tudo espontaneamente mesmo. O esforço intelectual individual é que contava. Agora, havia ambiente para isso, realmente a gente tinha como empregar bem o tempo, estudando e havia uma biblioteca muito boa, com livros estrangeiros e professores extremamente dedicados, exclusivamente dedicados para isso. De modo que, do ponto de vista de estudo, realmente quem queria estudar, individualmente, tinha condições para isso.

Eu fui sempre uma pessoa muito amante do estudo, da leitura, de modo que o que eu mais odiava no Seminário, além de acordar cedo, era praticar o esporte, porque a hora em que a gente devia jogar era depois do almoço. Chamava-se jogo obrigatório. Então você saía do refeitório, onde terminara de almoçar, meio dia em ponto, aquele sol, você tinha que ir jogar. Ai, eu odiava aquilo, odiava. É tanto que durante a minha vida de interno eu fui contra esse sistema de esporte forçado. Então eu arranjei um cargo que mantive enquanto eu estive no Seminário. Eu era bibliotecário dos padres. Era encarregado de organizar a biblioteca, limpar, arrumar os livros e isso era feito exatamente na hora do jogo obrigatório. Então, terminava o almoço, eu ia para a biblioteca cumprir a minha tarefa.

Havia pouca coisa a organizar todo dia, um livro que estava fora do lugar, varria, e depois ficava lendo, eu tinha o privilégio de ter acesso às revistas, aos jornais. De modo que realmente esse foi o meu esporte favorito, a leitura. Era uma leitura muito boa, mas havia um quadro de esporte muito bom, havia futebol, havia voleibol, havia um jogo de barra, que era um jogo exclusivo do Seminário, que a gente corria num galpão. Havia um outro jogo parecido com aquele jogo americano, a gente chamava bola ao campo, com taco, com raquete, havia esportes normais e também do ponto de vista artístico, os dramas, que eram encenados em épocas especiais, nas grandes festas. Havia pequenas enquetes, pequenas representações de comédias, a gente se divertia muito com isso. Era uma vida, não digo triste, uma vida trancada, mas a gente tinha também muitas alegrias.

Quando entrei no Seminário, não senti nenhuma dificuldade para me adaptar ao sistema de estudo ali implantado. Como eu disse a você eu gostava muito de ler, estudar. Eu achava bom demais. O sistema quando eu entrei era muito interessante. Havia quatro aulas, duas de manhã e duas à tarde. Antes de cada aula, havia quarenta e cinco minutos de estudo obrigatório. Ia todo mundo para um salão, esse tempo era reservado exatamente para preparar as aulas. Então, antes de cada aula, a gente quarente e cinco minutos nesse salão, sentado, estudando, preparando alguma coisa. De modo que eu me encachei muito bem, sob esse ponto de vista eu me sentia muito bem, nesse sistema de estudo do Seminário.

A metodologia de ensino era super tradicional, o professor falava e os alunos escutavam. Não havia meios outros, a não ser esse. O estudo das línguas não era feito logo nos primeiros anos, era feito mais a partir do quarto ano, que a pessoa estava no Seminário. Nos

primeiros anos tínhamos mais aulas de português e de latim, que era ensinado desde o primeiro ano. Naquela época o latim era a língua oficial da igreja, então todo padre tinha obrigatoriamente que falar latim, ler latim, rezar em latim, de modo que pesava um pouquinho esse estudo do latim. As outras línguas iam aparecendo na época em que se tinha que estudá-las. Acho que não houve nenhum descompasso, agora o método era extremamente tradicional. Era o professor falando e o aluno recebendo, estudando.

Cerimônia gozada era a leitura das notas, que reunia todo mundo e o padre ia lendo as notas, de um por um. Era uma espécie de juízo final, a gente ficava aguardando aquilo, como se fosse a passagem para o céu ou para o inferno, porque quem não recebia uma nota adequada, eu não me lembro bem a média agora, não tinha direito à espera saída. A gente tinha uma vez por mês o direito de ir à cidade. Então, quem não fosse aprovado, nessa leitura de notas, perdia a saída. Então a gente ficava esperando com uma tensão muito grande, uma emoção muito grande e isso realmente causava um impacto forte. Outra coisa era você ficar sabendo a vida de todo mundo. Ficava observando o rendimento de todos os seus colegas. Havia nota de comportamento, nota de disciplina nota até mesmo de asseio, baseada na maneira da pessoa se apresentar bem, com higiene. Havia também a nota de comportamento, de civilidade, em que cada pessoa era também classificada. Por isso o dia da leitura das notas parecia realmente o dia de um juízo, de julgamento.

Uma figura curiosa era a do Bedel, mas o nome corriqueiro era o de regente. Eram alunos mais antigos, que ficavam encarregados da disciplina junto aos colegas. Bom, eu acho que a gente recebia isso com uma certa naturalidade. Acho que não havia, assim, grandes preconceitos com esses colegas. Eram realmente colegas bons,

pessoas realmente bem escolhidas, que tinham um bom relacionamento com todos. Acho que não foram criados grandes problemas a esse respeito.

Havia um prêmio por comportamento, mas eu nunca ganhei, embora o meu comportamento fosse bom, nunca saiu lá de cima. O prêmio era para sair para a casa de parentes, para a casa de amigos, uma vez por mês, nas quartas feiras, quando não havia aulas. A gente estudava durante a semana e a quarta feira era um dia sem aulas, mas a gente tinha que estudar, mas a maior parte do dia era para praticar esportes e, dependendo da nota de comportamento, podia sair à rua nesse dia.

Entre os padres que me ensinaram, eu destaco dois que foram importantes na minha formação. Um deles foi o padre Francisco Luz, que durante muito tempo foi professor da Universidade Federal do Ceará (UFC) e ele era considerado uma sumidade. Ele não tinha nem um título, como o de mestrado de hoje em dia, mas era realmente uma pessoa muito preparada, sobretudo em Sagrada Escritura. E esse padre me influenciou muito, eu tinha uma relação de amizade muito grande com ele e, além das aulas, ele me orientava do ponto de vista intelectual, que leituras eu devia fazer, como devia escrever. Ele conhecia muito bem a literatura brasileira. Ele exerceu uma grande influência em mim. O outro padre, também lazarista, foi o padre Hugo Paiva. Era também um intelectual, eu já estava crescido e ele tinha umas ideias mais abertas, já tinha conhecimentos pedagógicos, conhecimentos psicológicos e sobretudo nos passou um sentimento muito grande de liberdade, de independência. Esse padre me marcou muito. Nunca mais o vi, quando sai do Seminário, mas eu soube depois que ele se casou, lá pelo Sul. Hoje é um padre casado. Foram esses dois padres que me marcaram muito, o padre Luz, cearense, aqui de Fortaleza e o padre Paiva, que era paulista.

A gente tinha alguns grupos de amigos. Eu tinha um grupo de colegas muito querido, a gente se reunia sempre, pois tinha os mesmos interesses. Sempre se reunia para estudar ou para programar atividades. A atividade a que mais me dediquei no Seminário foi aos jornais. Eu fundei dois jornais, com a ajuda de colegas, responsáveis pelas suas edições. Desse grupinho, que sempre trabalhava junto, um era o José Rosa, Secretario de Educação e Ação Social, no governo Tasso Jereissati. O Outro era o José Freitas Uchoa, que durante muitos anos dirigiu o SINE, é um economista que ainda mora em Fortaleza. Um outro foi o José Olavo, também muito conhecido aqui em Fortaleza, foi um dos donos do colégio Juventus e fundou um outro em Maranguape. Hoje ele trabalha na política, no PSDB. Havia também o Flavio Leitão, famoso advogado aqui em Fortaleza, irmão do Tarcísio Leitão, famoso advogado do PT. A gente sempre andava junto e o que mais nos congregava era esse interesse intelectual, sobretudo na edição dos jornais.

Um ponto mais falho na educação do Seminário era o da sexualidade. Primeiro o sexo era visto de uma maneira muito negativa, extremamente negativa. Não havia, assim, um atendimento psicológico adequado para o menino que estava entrando na adolescência e ao adolescente que estava saindo. Eu, pelo menos senti muito, muito a falta disso, a pessoa tinha que se defender sozinho. E num regime de internato como esse, era muito fácil. Era muito comum surgirem conflitos sexuais, sobretudo conflitos homossexuais. Agora isso era mantido dentro de uma camisa de força. Ninguém sabia de nada, ninguém tinha conhecimento de nada e quando transparecia qualquer coisa, a punição era muito forte mesmo. Na minha época, qualquer transgressão sexual era punida com a expulsão, de modo que isso mantinha todo mundo dentro de um certo medo, de um certo receio e o sexo, então era visto dentro desse temor. Você evita sexo não era tanto por virtude, mas por medo. Agora, eu sempre fui um

menino muito tímido, muito besta, muito reservado, de modo que eu atravessei essa fase sem grandes problemas emocionais com a sexualidade. Mas realmente isso pesou muito, quando a gente chegou a ter uma noção exata do seria sexo na vida humana, então a crise explodiu. Houve, então, a necessidade da gente repensar a vida da gente e fazer uma nova opção.

As atividades de oração e de estudo eram básicas e fora desses dois eixos, a vida do lazer e do esporte. Então os padres tinham uma preocupação muito grande para manter a pessoa sempre ocupada. Eu me lembro de que era uma tecla super batida, pois ninguém podia ficar sem fazer nada, ninguém devia ficar na ociosidade. Realmente era a maior tentação, para quem vivia trancado, internado, ficar sem fazer nada. Dessa forma, havia uma vigilância muito grande, para que houvesse uma ocupação constante. E realmente acontecia a gente nunca ficava sem fazer nada. Havia sempre algo a fazer.

As nossas férias eram profundamente controladas, vigiadas. A gente levava um questionário a ser respondido pelo vigário e nesse questionário havia perguntas as mais absurdas sobre o que podia acontecer. Desde coisas simples às mais sérias. Por exemplo, perguntava-se lá se por acaso a gente havia tirado a batina se agente tinha frequentado o cinema, se a gente tinha se encontrado com senhoritas. Ninguém podia se encontrar com mulher. Ninguém tinha acesso normal a uma festa, um festejo, um encontro. Era tudo controlado através desse questionário, que era respondido pelo vigário e todo mundo tinha muito medo de receber, por causa das respostas do vigário uma punição ou até mesmo uma expulsão. Desse modo, as férias era algo muito pesado, não era um momento de alegria, de lazer totalmente livre. Havia sempre esse peso do controle em cima da gente.

Sobre o contato dos seminaristas com o mundo exterior há uma coisa misteriosa, eu já estive meditando muito sobre isso. Veja bem, eu já fui aluno do Seminário numa estrutura, hoje sou professor do mesmo em uma outra estrutura. Eu costumo dizer no Seminário que sou a pessoa mais velha daquela casa. Realmente, sou um professor diferente dos outros. A minha vida todinha foi no Seminário. Como lhe disse, eu entrei no Seminário com dez anos de idade. Sai apenas durante quatro anos, quando estive em Roma, para fazer o Mestrado. Voltei, voltei para cá como professor. De todos que estão na instituição, eu sou o único com dois terços da sua vida no Seminário, como aluno e como professor. Bom, na minha parte como aluno era esse regime fechado, Nós éramos trancados no Seminário e éramos preparados dentro dele para depois enfrentarmos o mundo. De certa maneira, a gente era resguardado do mundo para depois enfrentá-lo. Era uma preparação profundamente artificial, porque a gente era resguardada dos problemas e depois tinha que enfrentar esses problemas, apenas como o material teórico que a gente tinha das aulas de formação. Era esse o impasse que agente tinha. Hoje, esses padres que foram formados nesse regime fechado, a maioria foram padres bons, autênticos. Eu posso lhe garantir isso, padres que dirigiram paróquias muito bem e eram considerados líderes, tanto sociais como políticos, assim como espirituais. Apesar de ter sido um regime profundamente torto, profundamente fechado, o Seminário soube realmente preparar lideranças. A história do Ceará está cheia delas, as maiores figuras do Ceará foram padres. padres dentro da igreja ou afastados da igreja, mas de certa maneira, marcados pela igreja. Eram figuras que se destacavam na vida política, econômica e social. Hoje nós temos uma educação profundamente aberta e o Seminário forma mais líderes. Os padres de hoje não têm mais aquela bagagem espiritual, intelectual, dos

líderes antigos, nem líderes políticos são. Os padres hoje são muito humildes, vivem mais em comunidades, muito simples. Não há mais aquela pressão, digamos assim, que havia entre os padres antigos. E eu noto isso nos meus alunos. Eles são, na grande maioria, pessoas bastante humildes, intelectualmente bastante precários, muito diferentes da nossa geração Se o sistema antigo pecava pela pedagogia, ganhava muito nessa parte humana de preparação intelectual e espiritual da pessoa. E o sistema novo, apesar de rico em psicologia, ele ainda não foi capaz de responder às exigências de nosso tempo.

O percentual de aproveitamento, de perseverança na vocação, sempre foi baixo, mas onde havia um maior índice de desistência era sempre nos últimos anos, tanto nos últimos anos do Seminário Menor, quanto nos últimos do Maior, quando estava aproximando-se à época das ordenações sacerdotais, quando a decisão tinha que ser tomada para toda a vida. O voto de castidade, de dedicação total, era um voto perpétuo, não havia retorno. Desse modo, isso pesava bastante e causava realmente uma dispersão muito grande nos últimos anos. Os primeiros anos geralmente eram muito cheios, muitos numerosos e nos últimos anos iam diminuindo o número de internos. Mesmo assim, eu acho que naquela época havia mais ordenações sacerdotais do que hoje. Interessante isso, com aquele regime tão fechado, tão pesado, mais gente se ordenava padre do que hoje, nesse regime aberto em que as ordenações ocorrem esporadicamente, uma vez por ano, são muito raras.

Quando terminei o curso de Filosofia no Seminário, em 1959, fui direto para a Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, onde cursei o bacharelado em Teologia. Havia um costume, na Arquidiocese de Fortaleza, segundo o qual os melhores alunos eram

selecionados e mandados para Roma. Isso sempre foi uma tradição. Na minha turma eu estava entre eles, os dois que se destacavam mais, eu e o José Rosa fomos escolhidos para estudar em Roma. Foi um impacto muito grande que eu tive, pois eu nuca tinha saído do Ceará, só conhecia duas cidades, Fortaleza e Senador Pompeu. O arcebispo me chamou e disse que eu ia estudar na Europa, aí eu fiquei doido, passei três noites sem dormir. Como não ia gastar nada, era uma bolsa de estudos total, então eu resolvi aceitar, mas eu me lembro de que isso me causou um impacto grande. Estudar na Europa sem nunca ter saído do Ceará, mas eu acabei indo.

Lá em Roma, no colégio Pio Brasileiro, o tipo de estudo era totalmente diferente daqui, completamente diferente. Eram digamos assim, uma liberdade total. Nós estudávamos numa Universidade e residíamos num colégio. Podíamos sair livremente, circular livremente pela cidade, embora fossem mantidos ainda certos aspectos rígidos da formação. O Pio Brasileiro era onde todos os estudantes brasileiros se reuniam, moravam lá. Então, para mim foi uma riqueza extraordinária esses anos que eu passei em Roma, estudando, mais do que estudo propriamente dito. O que valeu para mim foi essa riqueza humana no Pio Brasileiro. Eu conheci gente de todo o Brasil na Universidade, fiz amizade com gente de muitos países, praticamente de toda a Europa. De modo que nós mantivemos um relacionamento muito bom, muito interessante, muito rico. E a minha turma se destacou das demais. Tanto os que foram aqui do Ceará, quanto os que vieram de outros estados, ainda hoje a gente ainda mantém um relacionamento muito interessante.

Nós éramos vinte e cinco, estudamos juntos os quatro anos, desses vinte e cinco, quatorze se ordenaram padres e os outros saíram. Dos

quatorze que se ordenaram, sete se casaram. Então atualmente são sete padres solteiros e sete padres casados. E depois de trinta anos, nós resolvemos nos reunir. Então, um dos nossos colegas, o Ernani Pinheiro, assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), localizou onde estavam quase todos eles. Dois morreram, os outros estão vivos, três a gente não conseguiu localizar e nos reunimos em Brasília, para um encontro de confraternização. Fizemos isso a três anos atrás e já marcamos o próximo ano, 2001, quando vamos nos reunir em Roma, o mesmo grupo. Há gente morando nos estados Unidos, outros espalhados pelo Brasil, há médico, advogado, engenheiro, padre, três bispos, alguns são assessores da CNBB, outros historiadores famosos, como o José Biosse, é um historiador da América Latina, tem vários livros publicados.

De modo que a gente manteve sempre esse relacionamento de amizade. Eu me correspondo por computador, por e-mail, com muitos deles ainda hoje. Foi uma riqueza muito grande a vida lá no Pio Brasileiro. O esquema era esse: morávamos no colégio e íamos estudar na Universidade. Estar em Roma não significava tanto estar mais próximo à igreja Católica, mas estar em outro mundo. Para mim, essa ida a Roma foi uma riqueza estupenda, esses quatro anos que eu vivi no exterior abriram completamente meu horizonte e foi de uma riqueza extraordinária, valeu por bibliotecas de leitura que eu teria feito. O esquema era muito simples, a gente morava em Roma, fazia o curso em Roma, e nas férias a gente escolhia um país, para passar as férias e o colégio custeava tudo, a despesa da viagem e da hospedagem. Escolhia uma família, onde a gente ia passar as férias, ter hospedagem. De modo que em cada ano, eu escolhia um país diferente. Então fui para Suíça, para a Bélgica, a França, para a Alemanha e no último ano eu fui para o Oriente Médio, para a Palestina, conheci Israel, a Jordânia, tudo aquilo, graças a esse

sistema. Eu acho que foi realmente bom, uma pessoa quando viaja, quando anda, realmente o espírito da gente se abre, a gente fica conhecendo novos costumes, outros povos, novas maneiras de viver. Então, eu acho que isso supera qualquer esforço intelectual.

Um fato que tenha me marcado em Roma, há um tão besta, mas vou lembrar aqui, é o seguinte: quando me ordenei, havia um costume segundo o qual o papa recebia os padres ordenados naquela época. Naquele tempo para ver pessoalmente o papa era muito difícil, pois no meu tempo de estudante o papa vivia isolado em Roma, mas quando eu me ordenei, o papa recebeu os padres recém ordenados, numa salinha pequena, numa audiência para cerca de duzentas pessoas. O papa era Paulo VI. Então nós ficamos ali, sentadinhos em cadeiras e Ele fez uma pequena palestra para nós. Eu fiquei bem pertinho, logo na primeira fila. Quando terminou, ficou todo mundo em pé, fizemos uma fila para beijar a mão do papa, que ficou em pé. Como era um dos primeiros, beijei a sua mão e fiquei ao lado do papa. Vizinho a mim ficou um colega de São Paulo muito divertido, o Antonio Pontes. Então ele ficou ali ao meu lado e a cadeira do papa, o trono, uma cadeira em forma de trono, estava vazia e o Pontes me disse: há um monsenhor lá em São Paulo, que vivia se gabando que conhecia Roma, etc. E ele quando era menino dizia que quando viesse a Roma, vou me sentar na cadeira do papa, para dizer ao monsenhor que eu fiz uma coisa que ele não fez e aqui a cadeira estava tão fácil. Então ele foi lá se sentou e eu tirei um retrato. Quando ele voltou, disse-lhe agora vou eu, para quando chegar ao Ceará dizer que eu sentei no trono do papa. Aí fui lá, sentei-me e ele tirou a foto. E focou nisso, naquela emoção de ter sentado onde o papa se sentava. É um detalhezinho, uma cena besta, que eu recordo da Roma daquele tempo.

Eu me ordenei padre durante o Concílio Vaticano II e isso foi muito bom. Enquanto eu estava estudando, a igreja estava realizando esse Concílio, que mudou completamente a face da igreja no mundo. Todas essas reformas que a gente tem hoje estavam acontecendo naquela época. Por exemplo, o fato de haver uma concelebração, vários padres reunidos, celebrando uma só missa, isso começou a acontecer a partir do Concílio e a minha ordenação foi um desses fatos. Eu fui ordenado por cinco bispos, ao invés de ser por um bispo só e eu escolhi um bispo de cada continente. Um bispo da Europa, um bispo da Ásia, um bispo da África, um bispo da América e um bispo da Oceania. De modo que isso, para mim, me marcou bastante. Eu me senti padre e na minha ordenação eu via a participação de bispos do mundo inteiro, me dando o poder de padre. A participação de bispos dos vários continentes, isso realmente foi uma coisa que ficou marcante na minha vida de padre.

Eu voltei para o Brasil numa época muito complicada. Eu me ordenei exatamente em 1964, o ano da ditadura militar, quando a gente ouvia as notícias lá, do golpe militar. Tinha medo até de voltar, como é que a gente ia entrar no Brasil? Mas voltamos e entramos e os meus primeiros anos de sacerdócio foram os seis primeiros anos da ditadura militar. Realmente, foram anos muito difíceis, muito duros, muito complicados. Eu vinha com toda aquela visão de liberdade, que eu tinha adquirido na Europa e de repente me deparava, não apenas na igreja, mas dentro da vida social, política com um regimento de fechamento, um regime pesado. Então, isso foi muito duro, realmente enfrentei situações muito delicadas na paróquia, enfrentando militares, perseguições. Foi uma época muito difícil, uma época realmente complicada. Quando eu voltei para o Brasil, eu basicamente era secretário de Dom José Mauro Ramalho de Alarcón e Santiago, bispo de Iguatu, e coordenador da pastoral.

Só depois é que ele me deu uma paróquia no interior, era um distrito da cidade de Iguatu. E isso também foi decisivo para minha vida. Veja bem, eu era um intelectual, do clero de Iguatu, eu era o único que tinha um título universitário e ainda mais um título do exterior, de Roma, da sua maior universidade católica e fui colocado numa "paroquiazinha" humilde em Quixelô, onde eu era vigário. Não havia energia, nem telefone, nem estrada, não havia. A gente ia a cavalo, pois de carro só até o rio. Deixava o carro à beira do rio e prosseguia a cavalo. Uma paróquia com 90% de analfabetos, as três pessoas que sabiam alguma coisa eram o padre, a professora e o delegado. Era só isso. De noite eu sentia uma solidão terrível, sem luz, só uma vela ao meu lado e eu era doido por leitura, vivia lendo, mas não tinha como ler. Comprei um radinho de pilha, para ver se matava a solidão. Essa solidão me pesou muito, me pesou bastante mesmo. Isso eu acho que foi um erro, uma falha muito grande, a lei do celibato pesava e, além disso, jogar um padre que foi formado no exterior para uma atividade tão primária, tão pequena. Eu fui muito satisfeito, eu fui bem, eu queria depois de quatro anos fora do Brasil, eu queria um contato com o povo, então aceitei alegre o cargo, mas a minha vida de vigário, numa paróquia humilde, fora de toda a vida intelectual, isso me pesou muito. De modo que contribuiu bastante para a decisão que eu tomei depois de deixar o sacerdócio.

Como eu disse, eu passei sete anos como padre. Há um soneto famoso de Camões:

"Sete anos de pastor, Jacó servia
A Labão, pai de Raquel, serrana bela
Não servia ao pai, servia a ela
Que ela só por prêmio pretendia".

Eu gostava de citar esse verso na UFC, onde eu era professor do

curso de Letras. A turma conhecia muito bem essa poesia e eu recitava muito com eles, quando eu contava o meu caso. Eu passei sete anos como vigário e, paralelamente, eu era professor num colégio em Iguatu. O bispo me deu também essa missão de ser professor e lá no colégio eu conheci a minha futura esposa, que era Secretária do colégio. Mantivemos um contato muito íntimo e acabamos gostando um do outro e depois de muito tempo eu resolvi sair. O bispo tomou um susto muito grande quando eu cheguei para ele e disse: "Senhor bispo, eu tenho uma notícia para o Senhor, eu vou me casar, agora o Senhor vai perder um padre, se quiser". E reuni o povo lá na paróquia e perguntei se eles me aceitavam como padre casado e todo mundo aceitou. De modo que eu me caso e fico lá, como padre, melhor do que era antes, porque ao invés de viver sozinho feito um doido numa casa, eu vou ter um lar, eu vou ter uma família, eu vou ter um suporte.

Aconteceu uma coisa muito engraçada. Eu vou contar aqui, um pouquinho demorado, mas eu vou contar. Um dos meus colegas lá de Roma, suíço, hoje é bispo na Bahia, quando a gente se despediu, ele disse: Lauro, se eu for para o Brasil, onde pretendo trabalhar, eu vou visitá-lo onde você estiver. E veio mesmo. Ele foi nomeado para trabalhar no Brasil, eu não sabia de nada, perdi contato com ele. Foi nomeado bispo e foi me visitar. E um belo dia chega o Cristiano lá na paróquia onde eu trabalhava. Eu estava chegando de uma viagem a cavalo, ainda me lembro e, quando desci do cavalo, o sacristão disse: tenho um senhor aí que quer falar... é estrangeiro. Quando entrei era o Cristiano, eu não tinha nada. Eu morava sozinho e as refeições eu fazia numa pequena pensão. De modo que eu ficava trancado, naquela casa imensa. A casa paroquial era a melhor casa da paróquia, da cidade. Desta forma, para ficar ali com ele, tive que ir ao vizinho pegar uma merenda, trazer alguma coisa para ele.

Quando ele foi embora, eu reuni o pessoal e disse: olhem, eu passei a maior vergonha da minha vida, hoje. Eu sou a pessoa mais importante aqui no lugar, sou o vigário, chega uma pessoa de fora para me visitar e para receber essa pessoa tenho que pedir emprestado ao vizinho um pires de doce, para oferecer a ele. Se eu morasse aqui, com minha mulher, a minha casa recebia dignamente uma visita, à altura do meu cargo, da minha profissão. Vocês não concordam que eu tenha a minha família? Eu continuo trabalhando com vocês do mesmo jeito. Aí o povo aplaudiu e tal. E então eu contei essa história para o bispo, que o povo aceitava perfeitamente padre casado, mas ele achou que não podia e pediu que eu pensasse, passasse um ano fora, pensando. E eu aceitei.

Afastei-me da diocese, antes de me casar. Passei um ano e meio aqui em Fortaleza, longe de tudo, sem dizer que era padre. Cheguei, fui procurar emprego pelas empresas, consegui emprego na Saranord, ali em Parangaba, e fiquei lá trabalhando, como qualquer pessoa, sem ninguém saber que eu era padre. Um ano e meio depois, eu voltei e disse que queria me casar. De modo que o motivo, que me fez sair do sacerdócio, foi unicamente o motivo do celibato. Eu não aceito, nunca aceitei, nunca tive a vocação para viver isolado, sozinho pelo resto da vida. E ainda hoje, se a igreja tivesse me aceito, eu teria voltado. Agora está mais complicado, mas no comecinho eu teria continuado como padre, tranquilamente. Não teria me afastado do sacerdócio. Ainda hoje, quando o pessoal me pergunta se eu sou ex-padre, eu digo que sou padre, continuo sendo padre, só que não estou exercendo a função, como eu se estivesse na reserva, aposentado.

Diante da decisão tomada, a minha mãe, que era a principal interessada, sofreu muito. Foi um choque muito grande para ela e

isso causou um certo mal estar entre mim e ela. Os primeiros anos foram de uma indiferença total e isso criou problema. Hoje não, a mamãe aceitou plenamente, apesar de estar velhinha, 86 anos, tem um temperamento muito aberto, já entendeu tudo, mas ela realmente fez uma oposição muito grande.

A minha relação com a igreja não mudou nada, eu continuei dentro dela, do mesmo jeito. O pessoal tem a mania de dizer que, quando o padre casa, sai da igreja, mas não sai, eu sai do sacerdócio, mas continuei dentro da igreja, o meu bispo continuou amigo do mesmo jeito, ainda hoje ainda vou lá, ele permite. Quando eu encontrei a minha esposa, aliás ela foi muito interessante isso, foi a primeira pessoa que encontrei na paróquia, acredita? Fui nomeado padre e tinha que rodar um texto no mimeógrafo, eu tinha preparado um estêncil e disse: D. Mauro, eu não posso fazer isso sozinho, preciso de uma pessoa para me ajudar e ele disse: vá à casa paroquial, lá há uma mocinha que está esperando, ela vai ajudá-lo. Era ela, quando eu entrei na casa paroquial e vi aquela criatura... Era linda. Minha mulher ainda é, mas naquele dia estava deslumbrante. Ela sentada lá, quando olhei chega senti uma coisa assim... mas, rapaz, uma mocinha dessa, vou te dizer, mas passou e ignorei. Ela me ajudou a trabalhar, era o meu primeiro mês em que eu era padre e continuei, como eu falei, sete anos e soube depois que ela era noiva. Quando soube, aí eu me despreocupei, mas continuo sempre aquela relação de afeto e de amizade. Quando se soube que ela acabara o noivado, então eu me apresentei e ela também se me apresentou. De modo que nós começamos a namorar mesmo, decidimos casar e então entrou aquela história que eu contei para você.

Namorei com ela sendo padre. A gente saía, passeava, ia ao cinema, eu ia à casa dela, conversava com ela. Eu considero isso um namoro. Tanto era namoro que resolvi sair, para ser honesto.

Eu disse, bem, vou me casar, isso aqui não vai ficar eternamente, desse jeito não dar certo. Então fui falar com o bispo e disse: há muito tempo que gosto dessa menina e vou me casar com ela. Se o Senhor aceitar que eu fique aqui, casado, eu fico. Se não aceitar, eu vou ter que sair. Ele pediu para eu passar um ano fora e eu passei um ano e meio, voltei. Perguntei se ela ainda queria, ela queria, pois estava me esperando. Então viemos para Fortaleza e casamos.

O meu relacionamento com a igreja não mudou nada. Eu continuei muito bem relacionado com os membros da igreja, com o bispo e procurei trabalhar, fazer aquilo que eu podia fazer e que a igreja permitia. Quando um padre casa o que a igreja proíbe é que ele administre os sacramentos, mas há muito coisa que o padre pode fazer, que qualquer leigo pode fazer. Por exemplo, a pregação, a preparação de jovens, encontros com casais, palestras. E tudo isso eu fazia e ainda faço com toda alegria. Sempre que um padre me pede para prestar qualquer ajuda, numa paróquia, mesmo do ponto de vista de padre, eu faço tranquilamente, porque é preciso esclarecer o seguinte: a gente nunca perde o poder de padre, nunca, mesmo casado. Hoje, se eu subir num altar e celebrar uma missa, a missa vale, é igual à missa de qualquer padre. Eu tenho esse poder e esse poder a igreja não pode me tirar. Agora, o que é que acontece quando a gente casa? A gente não pode exercer esse poder, a igreja proíbe. É tanto que agora, bastava um decreto, permitindo que a gente pudesse voltar e todos nós continuaríamos as nossas vidas de padres. De modo que, vez por outra, há certas circunstâncias.

Um dia, eu vinha voltando do cinema com a minha mulher, quase meia-noite, e houve um desastre. Eu atravessei, houve uma batida de carro e um homem estava morrendo. A polícia até tinha cercado, ninguém passava e a minha mulher, muito religiosa, até hoje, disse: "Lauro, você é padre, vai lá, o homem está morrendo".

Eu fui. A polícia não queria deixar me passar, mas eu disse: "eu sou padre". "Então o senhor pode passar". Eu fui, conversei com o homem, realmente ele estava morrendo, falei de Deus a ele, preparando-o para outra vida. Perguntei se ele estava arrependido dos seus pecados, ele disse que estava e eu lhe dei a absolvição. É como se ele tivesse se confessado com um padre. Outra vez, fui convidado para ser padrinho de uma criança, padrinho de batismo e quando cheguei à igreja, o padre que era muito meu amigo, disse: Lauro, o que você está fazendo aqui? Eu vim ser padrinho do menino. Não senhor, você vai batizar o menino. Então ele saiu do altar e mandou que eu batizasse a criança e batizei, o menino está batizado. De modo que a minha relação com a igreja é a melhor possível. Eu não tenho mágoa nenhuma da igreja. Lamento e luto contra essa lei do celibato.

Acho que a igreja está errada e onde eu posso dizer isso, eu digo, mas meu relacionamento é muito bom e a prova disso é que eu sou professor no Seminário, de rapazes que vão ser padres. Isso criou certo problema burocrático, mas humanamente falando, toda essa geração, há vinte e cinco anos para trás, aqui no Ceará, todos foram meus alunos, todos e eu mantenho com eles uma relação extraordinária. Uma vez eu estava viajando com a minha mulher pelo interior, era meio dia, a gente tinha que parar e ela disse: Lauro, vamos a um hotel e respondi: não vou a hotel, vou para casa, quem é vigário aqui? Fulano de tal, eu vou para a casa dele e disse: padre, eu estou passando aqui, posso ficar com você? Mas é claro e passei o dia com ele, almocei e ele me ofereceu a casa para dormir. De modo que o meu relacionamento com a igreja é o melhor possível, muito bom mesmo.

O meu relacionamento com o bispo permaneceu o mesmo. A diferença é que nós não convivemos mais unidos. Ele está na diocese, em Iguatu, e eu estou em Fortaleza, mas quando eu chego

a Iguatu hospedo-me na casa dele, de modo que ele anda na minha casa e o nosso relacionamento é normal. A única coisa chata diz respeito a essa exigência da determinação que obriga os bispos a tomarem certas atitudes burocráticas, muito antipáticas, de proibições. Isso gera uma tensão entre nós.

Existe em Fortaleza o movimento dos padres casados, nós organizamos esse movimento. Aliás, eu já fui coordenador desse movimento. E agora houve eleição e eu faço parte da equipe de coordenação. Ele existe em escala nacional e internacional e tem até uma feição jurídica. Nós temos uma entidade com personalidade jurídica. Esse movimento foi fundado porque exatamente porque a maioria dos padres, que deixam o ministério sai de uma maneira muito trágica, de um rompimento total e alguns saem odiando a igreja. A grande maioria não sai como eu saí, com essa tranquilidade, com essa amizade. E o mais grave é que, apesar de tantos anos de serviço à igreja, quando um padre sai do ministério, sai do sacerdócio e a igreja simplesmente o ignora. Humanamente falando, economicamente falando, devia haver no mínimo uma indenização.

Quando uma pessoa sai de uma instituição, depois de vinte anos de trabalho, recebe uma indenização. Há padres que passaram vinte anos trabalhando, eu passei só sete, e quando saíram ficaram na estaca zero. Têm de começar vida do zero, pois estão sem nada, só ele e a mulher. E muitos colegas nossos se encontram nessa situação. E nós resolvemos por nossa conta organizar esse movimento, que tem como primeiro objetivo a ajuda mútua, desde a ajuda financeira até a ajuda psicológica. Nós recebemos o colega no nosso convívio, nós o introduzimos na cidade, arranjamos um emprego para ele, até casa para morar a gente conseguiu, para um colega que não tinha nada. De modo que nós damos a ele esse apoio econômico que a igreja não deu. E isso nós consideramos uma

injustiça humana. Não se pode desprezar uma pessoa, empresa nenhuma faz isso. Se fizer é multada, a igreja não é. Isso gera em alguns colegas uma situação de hostilidade muito grande com a igreja. No nosso grupo há gente profundamente engajada, mais engajada do que eu.

Para você ter uma ideia, um dos coordenadores da pastoral, aqui na arquidiocese de Fortaleza, é um padre casado. Foi nomeado por D. Aloísio e conservado no cargo sistematicamente, pelos arcebispos que vieram até o atual. É o Miguel Brandão, ele é o coordenador da pastoral da arquidiocese. Os padres todos seguem a orientação dele. Para você ver como a pessoa fica ligada com a igreja. Agora há uns que não querem e se proclamam inclusive ateus. Têm uma raiva daquela época, considerada uma castração, com aquele rigor todo. De modo que o grupo dos padres casados é um grupo muito complexo. Há gente de todo jeito, até ateu existe lá dentro. Agora, nós mantemos, procuramos manter o mais possível um clima de cordialidade e um clima de vida cristã, de fraternidade cristã. Até com nossos filhos, eles têm um relacionamento muito bom. Todo mês, uma vez por mês, a gente se reúne na casa de um. É uma reunião muito saudável, muito boa. Não apenas aumentam os laços de amizade, mas também é bom para as famílias, para a formação familiar, para a educação cristã de todos juntos.

O meu primeiro ano após deixar o sacerdócio foi muito difícil, porque, como eu falei, eu estava me arranjando profissionalmente, de outra maneira completamente diferente, mas espiritualmente não tive grandes problemas e socialmente também não. Relacionei-me muito bem com os meus colegas de empresa e logo que eu deixei apareceu uma circunstância muito interessante, eu fui trabalhar em Teresina, com um colega de Seminário, que hoje é reitor da

Universidade de Fortaleza (UNIFOR), o professor Colaço. Ele me chamou para trabalhar com ele, lá em Teresina e havia outros colegas que haviam deixado o sacerdócio e estavam lá e eu me senti muito bem amparado, não tive grandes problemas de ajustamento social, quando me casei.

Eu nunca me arrependi de meu tempo de Seminário, nunca. Como eu disse no começo, eu acho que a maior riqueza que eu tenho foi o Seminário que me deu. Eu devo isso ao Seminário, a minha formação humanística, a minha formação intelectual, a base que eu tive para enfrentar estudos e todos os cargos que exerci até hoje na vida, tudo me foi dado pelo Seminário. Nunca me arrependi de me ter ordenado. Quando eu fui pedir a minha dispensa para me casar, o padre disse assim: olha, você bote ai que se ordenou à força, que veio aqui sem querer, porque aí o papa dá logo uma dispensa e eu respondi: não vou dizer, não. Eu vou dizer que me ordenei porque eu queria ser padre e saí gostando de ser padre, quero ser padre. Ainda hoje eu ainda não me considero um ex-padre, como eu falei, me considero padre. A minha ligação com o Seminário sempre foi de extremo carinho e nunca me arrependi, pelo contrário, mantenho sempre a alegria e acho que foi uma graça de Deus ter estudado no Seminário.

Diante das constates transformações por que passa o mundo, eu acho que a igreja cai numa profunda contradição. Este episódio recente do pedido de perdão do papa, perdão pelos crimes cometidos pela igreja, no passado, e a promessa de entrar no novo milênio, sem fazer exclusão alguma. A igreja se contradiz, porque ela continua até hoje excluindo. O nosso caso é um caso patente de exclusão. Nós somos aqui no Brasil, para você ter uma ideia, quatro mil padres casados. Você já pensou esses quatro mil padres atuando nas paróquias. No mundo inteiro, nós temos perto de cem mil padres casados. Todos eles estão alijados, todos eles foram preparados pela

própria igreja. Foi a igreja que me preparou durante treze anos e de uma hora para outra, por uma questão puramente burocrática, disciplinar, ela me tira do convívio social, da formação do povo, da condução do povo. Eu acho que isso é uma contradição muito grande. Eu considero que o grande pecado da igreja, a grande falha da igreja, hoje, é ela não ter capacidade de se adaptar às exigências do mundo moderno. Ela tem que mudar. Ela mudou já muita coisa, com esse Concílio, mas a tendência atual da igreja é voltar aquele tempo de autoritarismo e de imposição ao mundo.

Eu me licenciei em Filosofia no Piauí, mas muito antes de ser chamado pelo Colaço. A licenciatura foi apenas aquela de validação, foi a validade do curso do Seminário. Eu era padre, era vigário em Iguatu, nem pensava em me casar, quando fiz a validação, a licenciatura em Filosofia. Então depois eu me casei. Agora o trabalho do Colaço era um trabalho educativo. Era o projeto Piauí, um projeto de desenvolvimento humano, integral da pessoa e constava de curso e projetos econômicos. A minha parte era a da comunicação. Eu era responsável pela Revista, pela edição do jornal do projeto e dos cursos que eram ministrados junto à população. E me senti muito bem, estava dentro da minha especialidade o meu trabalho no Piauí.

O movimento de Puebla foi muito amplo, responsável por toda essa mudança da face da igreja aqui na América Latina. Nós fizemos vários seminários na Faculdade de Filosofia de Fortaleza (FAFIFOR). Sobre o seminário não era ligado propriamente à igreja. A FAFIFOR era uma faculdade leiga, ministrava um curso aberto para todo mundo. O pensamento filosófico, que a gente desenvolvia lá não tinha nenhuma ligação com a igreja. Era o pensamento filosófico puro mesmo. Agora, como era uma faculdade de propriedade da Arquidiocese, evidentemente a presença da igreja era bem marcante,

e a influência tanto da igreja na faculdade como da faculdade na igreja se fazia sentir.

Em Iguatu eu fui professor de colégio, onde ensinava só disciplinas do segundo grau. Era história, ensinei também português, francês, um trabalho normal de professor de segundo grau.

O Instituto Teológico Pastoral do Ceará (ITEP) é o sucessor do Seminário da Prainha. A figura do ITEP é exatamente uma adaptação à época moderna, como curso de Filosofia e de Teologia. Apenas uma diferença com os cursos do Seminário, pois lá só estudavam aqueles que iam ser padres, eram só homens e o ITEP, além de abrigar os seminaristas, ele também aceita as pessoas que não querem ser padres.

A tradição do Seminário da Prainha aqui no Ceará é imensa. O que o Ceará deve ao Seminário é uma coisa fantástica. Exatamente porque era a única casa de formação superior que havia no estado, durante anos e anos. Como eu lhe falei, as grandes elites, os grandes líderes da sociedade cearense foram formados no Seminário da Prainha. Todos eles. Desta forma, o peso do Seminário é incalculável. Historicamente, a sociedade cearense tem uma dívida muito grande com essa casa. Agora, eu acho que não se pode mais dizer a mesma coisa atualmente. O ITEP hoje, o sucessor do Seminário da Prainha, é uma escola como outras e a cidade e o estado estão cheios de Universidades, muitos centros culturais. O Seminário hoje não tem mais aquele vigor, aquela importância, aquela força que tinha no passado, exatamente porque a sociedade mudou. Mas se nós formos olhar para o tempo passado, o que o Seminário representava para a sociedade, não tem comparação com o que representa hoje. Era realmente uma coluna de sustentação fundamental.

Às vezes penso que a minha verdadeira vocação não era ser padre, mas jornalista. Uma coisa que aumenta mais minha frustração é que

na UFC eu fui professor do curso de Comunicação. Então, muitos repórteres, muitos apresentadores de televisão foram meus alunos, durante o tempo eu que eu ensinei na FAFIFOR e ainda hoje a gente ainda mantém uma relação muito grande. Ontem eu recebi um email, da Adísia Sá, me convidando para ir lá, ela é ombudsman, uma figura que ela está criando. Eu escrevi para ela, para fazer retificação de uma notícia e ela me convidou a colaborar com ela e eu respondi que aceitava com a maior satisfação. E a minha vida todo, tanto no Seminário, como depois como padre, eu sempre trabalhei com imprensa.

Os principais jornais do Seminário, tanto no Menor como no Maior, foram dirigidos por mim. A única revista que o Seminário possuiu, Adsum, foi fundada por mim. Havia um padre, atualmente Dom Luciano Mendes de Almeida, que foi uma figura da CNBB, atualmente é arcebispo de Mariana, éramos nós dois que fazíamos a revista. Eu era o redator e ele o diretor. Voltei para Iguatu, o jornal da diocese de Iguatu, que ainda hoje existe, foi fundado por mim. Fundado e mantido por mim, aliás, quando eu me despedi do bispo, Dom Mauro disse: olhe, seu lugar no jornal continua, eu fazia o editorial e assim todo mês eu fazia um artigo e mandava para lá, embora já estivesse casado. Depois é que as atividades não mais me permitiram.

O jornal oficial dos padres casados no Brasil, um jornal que tem circulação internacional, durante dois anos e meio eu fui o seu ombudsman, e foi por isso que entrei no clube da Adísia Sá. E aqui no Ceará o jornal oficial dos padres casados foi fundado por mim. Ainda hoje é o único jornal de padres casados no mundo que está na internet. E coloquei na internet e todo mês a gente está lá, atualizando as matérias. Aliás, encontra-se até atrasado agora, mas nós vamos colocar em dia. O jornalismo sempre foi uma paixão para

mim. Eu sempre me identifiquei com o trabalho de informação, de comunicação, de formação de opinião pública. O programa da diocese em Iguatu, o programa de rádio, quinze minutos por dia, era eu que fazia integralmente. Esse programa foi fechado pelos militares por causa de uma crônica minha, onde fiz uma crítica muito grande aos militares e o militar disse ou seria preso ou fechava a rádio e o bispo não permitiu que eu fosse preso e o programa foi fechado. E o nome do programa fui eu quem dei, "a informação que forma". Eu era o produtor e o apresentador do programa. Realmente, a comunicação sempre encheu a minha vida, sempre gostei disso.

O primeiro cargo que tive, quando deixei a diocese, foi o de coordenador do Movimento de Educação de Base (MEB). Foi Dom Miguel Câmara quem conseguiu para mim esse trabalho. Enquanto eu trabalhava na empresa, para ficar ligado com a igreja, ele me deu a coordenação do MEB, mas naquela época foi uma experiência muito triste. O MEB era visado pelo regime militar, estava sendo perseguido, em Fortaleza ele foi fechado. Eu fui convidado assim para administrar um espólio, pois as atividades pioneiras de educação através do rádio já não existiam mais, quando eu fui coordenador. E os seus principais membros estavam sofrendo perseguição, estavam presos, não podiam dar entrevistas e eu tive de administrar isso, o meu trabalho era mais de apagar incêndio do que propriamente de educação, como exigia o movimento. Foi pouco tempo, eu passei apenas alguns meses, na direção, mas foi uma experiência muito rica para mim, porque eu entrei em contato com grandes líderes, pessoas realmente dedicadas que me causaram um impacto muito grande pela dedicação que tinham à causa popular, de educação popular. Para essa maneira da educação informal, preparar para a mentalidade para a opinião pública, através dessas atividades de pequenos grupos e de educação de adultos, o sistema

Paulo Freire estava começando nessa época, e havia um ligação muito estreita entre os dois movimentos.

Em 1987 fui chefe de gabinete do secretário de ação social, no Governo Estadual. Foi um período muito triste na minha vida, quando o Tasso Jereissati foi eleito governador, pela primeira vez, com toda aquela euforia de acabar com os coronéis e instalar uma nova política no Ceará. Ele convidou para ser seu Secretário de Ação Social, exatamente o José Rosa, meu colega de estudo, que foi comigo para Roma. Sempre estudamos juntos no Seminário e ele me convidou para ser seu chefe de gabinete. Eu nunca tive experiência política e sofri tremendamente, me senti preso dentro da secretaria. O subsecretário que conheci, naquela época, era uma grande figura, o Pedro Albuquerque, que depois se destacou em Fortaleza, na sociologia. Ele é professor da UNIFOR. Foi um período assim fora dos meus interesses e da minha vocação. Universidade me colocou à disposição só durante alguns meses e como não me ajustei nesse trabalho, voltei para a universidade. O tempo que lá passei me dediquei o mais que pude, na estruturação dessa secretaria, que depois tomou novo rumo e o próprio José Rosa saiu do governo também.

A minha presença no Seminário, como professor, é o que mais alegra a minha vida. Isso pesou muito na minha permanência, por ocasião de um episódio no ano passado, quando quiseram nos demitir. Nós somos três padres casados, que ensinam no Seminário e consideramos isso como uma experiência vivencial. O salário é pequeno, o que pouco significa na minha vida profissional, mas o que me prende a essa casa é exatamente a minha presença, a minha contribuição efetiva, ainda hoje, na construção da igreja. Não estou mais junto ao povo, mas estou preparando aqueles que vão liderar o povo, formar o povo, os seminaristas. E a minha relação com os

seminaristas é a melhor possível, graças a Deus. Foi por causa de uma reação deles que os bispos recuaram e não nos tiraram do Seminário. O momento mais significante da minha vida eu trabalho aqui, não por questão financeira, é por uma questão pessoal mesmo, me sinto ainda padre, praticamente padre, no meio dos padres. A aula que eu dou o Seminário é muito diferente da aula que eu dou na Universidade. Eu estou aposentado, não dou mais aula na Universidade Federal, mas ainda dou aulas nos cursos de pós-graduação da Universidade do Vale do Acaraú (UVA), num curso de Pedagogia Especial, mas a aula que eu dou no âmbito acadêmico é bem diferente da aula no Seminário, mesmo que a disciplina seja a mesma, mas o tipo de aula é completamente diferente. Nós fazemos uma reflexão junto com o pensamento cristão. De modo que isso não é apenas uma contribuição para a formação cristã desses rapazes, mas é também uma fonte de crescimento espiritual minha. Eu me sinto ainda hoje extremamente ligado a isso, aos principais temas, as principais questões da igreja me atraem. Eu quando não estou dando aula, eu vou para a biblioteca, passo praticamente a tarde no Seminário, entro pela noite. Acho uma coisa muito boa esse trabalho que desempenho no Seminário, ajudando a igreja e a igreja me ajudando também, no desenvolvimento da minha personalidade.

Na Prainha, eu ensino as seguintes disciplinas: no primeiro semestre, Introdução à Filosofia e Metodologia Científica, que é um trabalho muito técnico, essa segunda matéria. No segundo semestre, eu ensino Antropologia Filosófica e Lógica.

Para finalizar, lembro que o problema da vocação sacerdotal atravessou uma crise muito grande. Eu acho que essa crise está sendo paulatinamente superada. O número de alunos no Seminário, atualmente, é praticamente o mesmo do meu tempo. Quer dizer,

está lotado. Então houve um regresso da juventude para a vocação sacerdotal. E hoje nós vivemos a época da globalização e o sentimento religioso ainda está acentuado, particularmente no âmbito acadêmico. Os cursos de Teologia, os de mestrado em Teologia, Faculdades de Teologia, estão proliferando enormemente não só dentro do âmbito católico, mas também no setor protestante, de modo que há uma procura muito grande por esse aspecto religioso. É necessário se fazer um estudo mais profundo a esse respeito, mas é interessante essa tendência do jovem voltar-se para a religiosidade.

Há uma secularização hostil à igreja, mas há uma certa acentuação desse desejo espiritual, que o homem tem. Agora, não sei se a igreja está respondendo devidamente a essas aspirações e, particularmente, na vocação sacerdotal, pois o índice de desistência continua muito lato. Os alunos no começo são numerosos e quando estão perto de se ordenar, eles vão saindo. Eu acredito com toda certeza, que um dos principais obstáculos a isso, continua sendo a lei do celibato. Se o padre pudesse constituir família, se pudesse casar, se ele pudesse ser um profissional, igual a outro profissional, dentro da comunidade, certamente o número de persistência, de constância na vocação seria bem maior. Mas eu acredito que a igreja, lentamente, acabe superando isso, vencendo essa crise, que a tendência é essa: de sempre os seminários manterem cada vez mais o seu potencial em atividade.

Raimundo de Assis Holanda

Um jovem que possuía todos os atributos para ser classificado, como um pastor de almas, um colega da Prainha sempre reconhecido pelos colegas de internato. Calmo, humilde, mas decidido, mais professor do que administrador educacional, apesar de alguns encargos

assumidos na parte administrativa do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Tive a oportunidade de conviver com ele, após a saída do Seminário, quando iniciamos nossa vida profissional, no Ensino Superior da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Cajazeiras, no sertão paraibano, mantida pela diocese local, no início dos anos setenta. 15 aulas na Faculdade e 30 aulas, no colégio Estadual e no colégio diocesano, semanalmente, causavam inveja a quem deseja ser professor. Tornamo-nos mais do que colegas, nossas relações forma marcadas pelo sentido de fraternidade.



Nasci em Pindoretama, uma cidadezinha pacata como qualquer uma no interior, aliás na época ela ainda não era município, pertencia a Cascavel, há uns oito anos atrás é que ela foi elevada à categoria de cidade. No interior as ruas de areia, de barro, havia praticamente uma rua central, uma igrejinha, muitas vezes jogava bola de meia. A minha infância foi como a dos meninos do interior, brincadeira de bola, caçando passarinho de baladeira, uns chamam atiradeira, brincadeiras infantis mesmo, pula pula, de corda. Uma brincadeira que caracterizava muito a região era o peão e uma outra que já desapareceu, que era o galamarte. O galamarte era parecido com a gangorrra, um pau bem grosso, com um buraco, você apoiava em cima de outro e você sentava um na ponta e outro na outra e ia rodando, como se fosse carrossel. Era uma brincadeira bastante animada. Realmente eram essas as brincadeiras, os banhos nas capongas, os riachos que correm eram assim denominados, daí a praia próxima a Cascavel, chamada Barra da Caponga, porque aqueles riachos que correm, lá na nossa região têm esse nome. Os banhos também na época do inverno constituíam outra modalidade de diversão, ocasião de chuva era também um dos momentos de

divertimento para nós.

Meus pais são semialfabetizados e a religião é a católica. Tenho sete irmãos e eu sou o mais velho, o único com nível superior e os outros têm apenas o nível primário. Aliás há uma que já terminou o curso pedagógico e agora está fazendo esses cursos de Pedagogia, oferecidos pela Universidade Vale do Acaraú, UVA, licenciatura, qualificação para o magistério, ofertado no município de Beberibe.

Quanto a minha formação, eu vou até usar um termo, que se usava na época, só que ainda hoje aqui e acolá a gente o emprega, "desarnar", só que o termo realmente é desasnar, que vem da palavra asno, asno é jumento, burro, então a gente começava a ser desasnado em casa, pela minha mãe, com a carta de A,B,C, quando a gente decorava as letras, conhecia o alfabeto. Depois eu entrei na escola, a escola do Seu Otoni e lá eu continuei na carta de A, B, C, depois estudei a cartilha e depois da cartilha você já articulava as sílabas e já formava as palavras, então você ia para o livro. Havia o primeiro livro, o segundo livro, o terceiro livro e depois do terceiro livro você estaria apto a ler a crestomatia, que era uma antologia de textos de escritores clássicos brasileiros e também de Portugal. Então o aluno que estivesse apto, ao terminar o terceiro livro, ia pra essa crestomatia. Depois da escola de Seu Otoni, eu entrei também noutra escola com o mesmo diapasão, que era do Seu Lindolfo, cujo nome era Clarimundo Silva Porto, o poeta. Suas poesias eram poesias do classicismo, Camões, inclusive. Ele escreveu muito no jornal O Nordeste, na década de 1954 e 1955. Eu tenho até uma coletânea desses poemas que uma vez nós quisemos publicar, mas infelizmente não deu certo. Depois da Escola do Seu Lindolfo, nós fomos para uma Escola de uma prima, era professora diplomada, tinha terminado o curso normal e foi ensinar em Pindoretama. O

chamado normal por sinal hoje corresponde ao pedagógico. Lá eu cursei o segundo ano, a segunda série primária, a terceira e fui para o Seminário da Prainha, onde fiz o exame de admissão, no ano de cinquenta e seis. Lá cursamos o ginásio e depois o quinto e o sexto ano. Aliás, o curso científico eu terminei no Liceu do Ceará.

Em primeiro lugar a formação religiosa dos meus pais pesou no meu interesse pela carreira eclesiástica. O hábito que a gente tinha de ir à missa, embora a missa, em Pindoretama, era só uma vez no mês. Nos segundos domingos de cada mês. Depois foi sendo mais frequente, mas na igrejinha todas as noites havia o terço e eu sempre gostava de participar desses momentos de oração. Também uns primos meus que já estavam no Seminário me influenciaram, despertando aquele interesse de ingressar no Seminário. A princípio, meu pai não queria que eu ingressasse no Seminário, mas minha mãe me incentivou e eu mesmo quis. Lembro-me do momento em o que realmente chorei, porque ele disse que eu não ia para o Seminário, mas eu queria naquele momento, meus doze anos, realmente eu queira ingressar no Seminário, tinha vocação, queria ser padre.

Sinceramente papai não chegou a dizer o motivo, pelo qual não desejava que eu ingressasse no Seminário. Eu acho que ele não queria a minha separação de casa. Logo ele também não era muito assim, vamos dizer frequentador da igreja, apesar de ser católico, mas eu acho que ele sentiria talvez a separação, de casa, mesmo porque nos momentos de folga, eu sempre o acompanhava. Meu pai era agricultor, tinha um comboio de burros, hoje estão aí os caminhões de aluguéis, mas naquela época os animais dele eram alugados para transportar rapadura, farinha e outras mercadorias. Então ele também negociava com rapadura dos engenhos e muitas vezes, sempre nas minhas folgas na escola, eu o acompanhava nos

engenhos. Talvez essa tenha sido a causa da sua oposição, que aponto como uma questão motivada pela separação não desejada. Mas não percebi nele assim um motivo claro de impedimento, assim mais sério, vamos dizer assim, mas pelo menos de cunho religioso, eu não detectei nenhuma causa dele negar a minha entrada para o Seminário.

Através de meus primos, recebi as primeiras informações, sobre a vida no Seminário, quando não ia ter contato diário mais com meus pais, com meus amigos. Houve até uma preparação para ingressar no Seminário, como aprender a ajudar uma missa, não sei se era exigência, mas era um dos preparativos recomendados. Com meus doze anos, naquela época era muito criança. Comparando minha experiência com a de meus filhos, reconheço que estão muito mais acima, pois desde cedo são bem informados sobre o mundo que os cerca. As informações de que ia ficar interno, no casarão, eu ia estudar, ia receber uma formação para no futuro ser padre, formações assim preliminares, eles colocavam pra gente.

Eu tinha doze anos, no dia 11 de fevereiro de 1956, quando ingressei no Seminário. Ainda me lembro de que saí de Pindoretama, no Misto, não sei se você sabe o que é Misto, mas acho que vocês viram aqui por Fortaleza, um transporte que vinha do interior, era um caminhão de duas boleias. Então, o Misto era de madeira, era misto porque ele transportava carga e ao mesmo tempo passageiros, três bancos formavam a parte da frente, além da carroceria para transporte de bagagens e mercadorias, fazia até a vez de ônibus. Na minha terra, naquela época, já havia um ônibus, mas eu vim com meu pai e um primo no Misto, pela estrada que ia pelo Aquiraz. Só que naquela época a estrada era carroçável, era de areia, de barro, no inverno era difícil o acesso inclusive ali no rio Pacoti, que é no Aquiraz. Lembro-me de uma vez, quando naquela várzea havia

chovido, havia iniciado o inverno, quase todo mundo desceu do misto, só eu, o motorista e meu primo ficamos no carro. Devido ao barro muito escorregadio, o caminhão ficava assim circulando, havia hora em que a gente pensava que o carro ia fazer, o que nós chamávamos "um cavalo de pau". Então essa cena permaneceu gravada na minha memória. No dia 11 de fevereiro de 1956 foi a data do meu ingressei no Seminário da Prainha.

Eu fiquei um pouco, assim, decepcionado porque meu primeiro dia foi ótimo, fui bem recebido, aquela alegria com todas aquelas pessoas que estavam lá dentro, meu primo que era nosso condutor, apresentou uns colegas e eu fiquei junto com eles o dia todo. Agora o que me chocou foi que às dezessete horas, depois que tocou o sino, eu fiquei com meu primo, que disse: você não pode mais ficar aqui, vá para o outro lado, porque você não poderá mais conversar comigo. Para mim foi assim um baque muito forte, tenho a impressão de que se meu pai ainda estivesse por lá, com certeza teria voltado a Pindoretama.

Senti uma solidão, uma tristeza, mas na semana seguinte me entrosei com os colegas, era muita gente, acho que eram mais de duzentas pessoas, com aquelas brincadeiras, o futebol, foi uma semana de entrosamento e para mim pensei que ia ser sempre aquela brincadeira. Logo depois começaram as aulas e as saudades de casa voltaram. Só para esclarecer, havia o Seminário Menor e o Maior, para ser bem prático, o Seminário Menor correspondia ao segundo grau, e o Seminário Maior ao curso de Filosofia e de Teologia. No Seminário Menor, havia os meninos e os rapazes e não havia mistura entre eles, sendo proibido aos menores conversarem com os rapazes.

A carreira eclesiástica era uma garantia de ascensão social. Naquela época no interior as figuras principais eram o padre, o delegado e o

juiz. Só que nunca assim pensei em ser padre para ter uma posição na sociedade, mas realmente o padre na época tinha uma ascensão social, principalmente quem era o vigário, na capital também, no interior mais ainda, havia situações em que o padre era tudo. Assim se explica aquela veneração pelo padre. A gente inclusive era orientada para pedir a bênção ao padre, beijando as suas mãos. Era uma pessoa assim tida como sagrada.

A vida cotidiana no Seminário era muito disciplinada, muito obediente, inclusive nós tínhamos as notas de comportamento. Eu sempre obtive nota dez, ainda hoje tem refletido aquele comportamento, aquela obediência, vamos dizer assim cega, muitas vezes não convicta, mas pressionada pelas circunstâncias, com medo da nota baixa, tirar um sete no comportamento, de ser repreendido ou de receber um castigo. Acho que isso refletiu em alguns aspectos de forma negativa. Ainda hoje a gente traz reflexos, trago reflexos daquela educação constrangedora, a formação ditatorial, hoje ainda eu sou uma pessoa inibida, como reflexo daquela formação do Seminário. Isso refletiu de forma negativa em alguns aspectos. A gente às vezes encara certas realidades, às vezes fica assim um pouco indeciso, exatamente porque a gente tinha sempre pessoas ao nosso lado, para contestar ou para apoiar.

Os castigos variavam, de joelhos, o mais comum ou então ficar em silêncio determinado tempo. Aliás, eu exerci o cargo de regente, regente era uma auxiliar de disciplina. Nos colégios há os coordenadores de disciplina, aquela pessoa, responsável pela vigilância dos alunos. Quando um professor punha um aluno para fora de sala, o regente acompanhava o expulso. Era mais ou menos essa função, depois a gente começa a refletir e a observar como a atividade de um detetive, quer dizer, o colega não podia conversar na fila, não podia brincar em certas ocasiões. Se o fazia, você anotava numa caderneta o nome do infrator e no final do mês havia

uma reunião do conselho, o padre prefeito com os demais regentes, e se alguém tivesse brincado no horário indevido, como conversar nas filas, isso no fim do mês refletia na nota de comportamento. Hoje talvez a expressão do regente seria a daquele que dedurava. Tenho comentado com os colegas que foram meus regidos, inclusive eu mesmo coloquei colegas de joelhos, lembro-me de dois colegas de Paracuru, esqueci o nome deles, agora, brincando na hora da dormida, à noite era silêncio total, a partir das nove e meia da noite. Eram dez horas de estudo. Nós tínhamos nossas aulas normais, oito horas de aulas e mais uma hora e meia ou mais à noite de estudo, para preparar para as aulas do dia seguinte. De sete e meia até às nove horas. A gente ia para a capela, rezar a oração da noite, com a bênção do Santíssimo Sacramento e em seguida ia para o dormitório, no silêncio total. Era proibido você conversar com os colegas e se conversasse, poderia ser colocado de joelhos até diante de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, que havia lá no dormitório. Isso ficou dentro de mim como um remorso, foi por pouco tempo, nuns dois minutos ou três, eu pedi que os dois se levantassem. Então os castigos eram assim, de joelhos ou então se proibia a saída, os que moravam aqui em Fortaleza uma vez no mês podiam visitar os pais, mas isso se não fossem reprovados em nenhuma disciplina, a nota mínima era cinco, se não me engano. Com a média cinco, quem tirasse quatro no comportamento não iria visitar os pais em casa. A leitura solene das notas era feita em público, reunia-se todo mundo num salão e se fazia aquela leitura das notas. Os que eram do interior não podiam sair, a não ser que tivessem parentes aqui, eles permitiam a saída na metade do dia só. Os castigos eram esses. Houve até um momento de crise no Seminário, em que a gente começou a proclamar a liberdade, principalmente os maiores, eu me lembro de que certa vez um padre colocou um menino de joelhos no

cimento quente, às nove horas do dia e os colegas foram protestar e tiraram o colega do castigo. Isso foi o início de uma consciência já mais madura com relação à disciplina.

Evidentemente o ambiente do Seminário era bem diferente do familiar. Primeiro na nossa casa nós tínhamos nosso pai, nossa mãe, que tinham todo aquele carinho com a gente e então a gente sentia muito aquela ausência do lado afetivo dos pais, mas a formação daquela época me feria de certa forma, mas assim como nossos pais nos castigavam, lá também aquela visão de formação, de obediência, que a gente tinha que ter aos pais, mas havia diferença no sentido de que eram muitos internos e havia assim de certa forma você uma maneira de você se conduzir só, porque a cama era você que arrumava, por exemplo, era você quem cuidava de todo o seu asseio, todas as roupas tinham que estar bem guardadinhas. E na casa da gente a mãe era quem cuidava, no banho ainda era nossa mãe quem levava a nossa roupa para o banheiro, toalha, aquela coisa toda e lá você era logo orientado a fazer as coisas sozinho, a deixar tudo assim bem arrumadinho. Havia assim essa diferença, em termos pedagógicos, ideológicos, era mais ou menos aquela formação ainda da obediência rígida.

Os alunos eram preparados para uma formação acadêmica, literária. Eram dez horas de estudo, por dia, por aí você tira como a gente tinha essa oportunidade de ler, evidentemente de acordo com as disciplinas ministradas. Para você ter uma ideia, quando eu ingressei, nós tínhamos duas aulas pela manhã e duas aulas à tarde, mas antes de cada aula, você tinha quarenta e cinco minutos pra preparar a aula, quer dizer, o assunto da aula era esse aqui, você tinha aqueles quarenta e cinco minutos para preparar a aula, o professor tinha também aquele tempo, depois é que mudaram,

colocaram as aulas só para o turno da manhã. Para preparar minha aula, se o assunto era o romantismo brasileiro, por exemplo, era José de Alencar, então havia quarenta e cinco minutos para preparar aquele tema, pois na sala de aula, o professor poderia me arguir. Então eu tinha todo aquele momento, quer dizer eu ia para minha sala de aula preparado. Por isso, eu era cobrado.

Agora, nós tínhamos muita leitura, realmente a gente era preparada para o exercício acadêmico através das disciplinas comuns, que eram português, matemática, história, geografia, ciências e outras disciplinas ligadas mesmo à missão, orientados mesmo para o magistério do sacerdócio, inclusive a gente tinha um exercício dos grêmios literários, onde alguém era escalado para fazer discursos, defendendo tal proposta. Nós criamos no Seminário o que nós chamamos ciclo de improvisos, que era um grêmio literário, para nos exercitarmos a falar de improviso. Um era avisado na hora do jantar: "olha, depois do jantar, você vai falar hoje sobre isso". Isso acontecia uma vez por semana. E na hora, você era chamado, tinha dois minutos, três minutos, cinco minutos para a fala, que era de improviso. Exatamente por que isso? Porque no futuro como padres, a gente ia fazer os sermões e às vezes até em situações de improviso mesmo, você teria de manifestar sua fala. Então, tudo isso era um exercício já de preparo.

Os alunos eram bastante treinados como leitores, é tanto que em um determinado momento quem foi do Seminário ainda hoje é reconhecido, como uma pessoa preparada e em diferentes cargos, como na justiça, nas universidades, quem tem a faixa de cinquenta anos, parte desses profissionais passou pelo Seminário, que realmente era uma instituição que formava a intelectualidade. Eu até quando ingressei pensava que fosse o casarão da oração, mas na realidade era um casarão que preparava o seu intelecto, dez horas de estudo, oração várias vezes por dia.

Os padres não deixavam ninguém ocioso. A gente estava ocupada constantemente, inclusive havia até proibição no momento dos recreios se proibia você está só com duas pessoas. Tinha que ter duas, três circulando para você não ficar pensando besteira, inculcando a cabeça com outras coisas, porque segundo a máxima, a ociosidade é a mãe de todos os vícios.

Como eu disse, eu era muito bem entrosado, com todos eles assim, nunca tive atrito com nenhum deles, de forma que aquilo era a questão da obediência, do comportamento, que a gente tinha lá pesava muito. Tanto que esse comportamento me valeu o cargo de regente, durante quatro anos, aliás eu fui até uma exceção, na época, quem podia exercer esse cargo era quem exercia o quarto ano, correspondia à quarta série, que hoje é a oitava série, mas no segundo ano, que era a sexta série, eu fui nomeado pra esse cargo. Então, realmente esse meu entrosamento com os padres era normal, nunca tive assim atritos. Foi nessa formação de obediência que fui conduzido.

Gostava de futebol, havia aqueles grupos, os torcedores do Ceará, do Fortaleza, do Ferroviário, havia até confusões quando o Ceará ganhava do Fortaleza, era aquela brincadeira lá dentro. Havia um padre, o padre Nilson, que era vigário do Mucuripe e também nosso professor, era torcedor do Vasco, era uma pessoa que gostava muito de futebol. A gente tinha muitas amizades, muitos entrosamentos com os colegas, inclusive a gente sempre usufruía um clima de bastante camaradagem no recreio, de forma que a gente tinha assim um clima de muita amizade, de bastante entrosamento.

O lazer era variado, havia certa diversidade: os jogos de salão, como o ping-pong. A dama, o gamão, vôlei, spiribol, na Escola Técnica há dele: um pau, uma corda e uma bola. Agora o que movimentava mesmo no cotidiano era o futebol, o futebol de salão, na época, o futebol era o ponto chave do lazer da gente, inclusive

internamente havia os campeonatos, com times com nomes daqui, do Ceará, do Fortaleza ou nomes de times do Rio, como Flamengo, Vasco, e também até uma determinada época, nós tínhamos duas vezes por ano passeios, passeios à praia, como a Morro Branco. Lembro-me de um, em 1956, a Morro Branco: a gente descia em Beberibe, na casa paroquial, e fomos a pé, do Beberibe até Morro Branco, caminhando em plena areia. A ida foi ótima, porque todo mundo queria chegar à praia, mas voltar às duas horas da tarde... A Paracuru fomos várias vezes, também as Lagoas eram locais de passeio, como a de Messejana. Outras viagens eram as destinadas à Serra de Maranguape, onde havia piscinas, mas depois com uma crise econômica, os passeios se acabaram. O lazer mesmo, dentro do Seminário, era restrito aos jogos recreativos, de salão e ao futebol, inclusive nós tínhamos uma seleção de futebol, que jogou até com times daqui, inclusive há ex-colegas, que foram jogadores, como o Alísio, do Fortaleza, o Maciel, que jogou também no Fortaleza. Era esse o lazer nosso.

Na quarta-feira não havia aula, era o chamado dia de folga, para o recreio, para o lazer, para a limpeza, uma turma era escalada para fazer a limpeza, varrer corredores e pátios e outro dia de folga era o domingo, dois dias reservados a folgas, então, nesse momento de folga, a gente procurava brincar mesmo. Eu não me sentava com alguns colegas pra fazer leitura, não, eu realmente gostava de participar das brincadeiras.

Nossos pais iam nos visitar, quem era do interior tinha um pouco de prioridade porque não podia estar aqui na semana, então havia na entrada do Seminário da Prainha, na monsenhor Tabosa havia o Parlatório, uma sala bem grande, onde a gente poderia conversar com as pessoas que nos visitavam. Antes de eu entrar no Seminário era proibido aos familiares levarem lanches aos internos, mas quando eu entrei já podiam levar. Eu recebi muito de casa: ovos,

inclusive com meu nome, marcado a lápis, entregava a Dona Angélica, que era a chefe da cozinha e, na hora do almoço, da janta, um colega apanhava os ovos, com os nomes de seus destinatários e saía distribuindo. Tudo isso era guardado no refeitório, só na hora do almoço você tinha acesso àquela merenda, então você repartia com os colegas. Depois, com as reclamações da turma, foi criada no Seminário Menor uma divisão para as pessoas guardarem as merendas. Então, nesses momentos você poderia usar as suas merendas, inclusive era proibido até você, antes desse momento, guardar a merenda, aconteceu até um fato assim um pouco pitoresco, nessa minha função de regente, um colega de Paracuru, esqueço nome dele, ia aniversariar no dia seguinte e a mãe mandou um bolo, que foi guardado na rouparia. Era proibido guardar essas coisas na rouparia, para não criar barata. Isso foi uma reclamação, junto ao diretor, no Seminário havia o reitor, que era o diretor Geral, e havia os prefeitos, havia o prefeito do Seminário Menor e o prefeito do Seminário Maior, que eram os auxiliares diretos. Então esses prefeitos chamaram os regentes e pediram que dessem uma vasculhada as rouparias pra tirar o que fosse de merenda e nós encontramos esse bolo e éramos quatro: só deixamos o prato. No outro dia, uma surpresa para o colega, que foi buscar o bolo e cadê, não havia nada. Foi reclamar ao padre, que nos chamou e como dera ordem para retirar o bolo, não fomos repreendidos. A gente estava com fome e comeu o bolo. Então o prefeito chamou o rapaz e disse: "não se preocupe, nós vamos mandar que eles quatro façam um bolo para você". Até hoje deve estar esperando.

A maioria dos colegas era de famílias de classe média pra baixo, um aqui outro acolá, poucos os de uma classe mais elevada, mas a grande maioria era mesmo do interior, filhos de agricultores, pelo fato de no interior não ter as chances que aqui na capital naquela

época já oferecia. A maioria era da classe média, embora despontassem alguns nomes da sociedade de Fortaleza lá dentro, algumas famílias que na época tinham nome, que eram tidas como de melhor poder aquisitivo, então seus filhos também estavam lá, mas a maioria era da classe média e da baixa, principalmente pessoas que viviam no interior, filhos de agricultores.

Pouca gente, quer dizer, um ou outro de família aqui de destaque em Fortaleza ingressava no Seminário. A gente tinha ascensão social, mas não em termos econômicos, era mais um status. Eles tinham aqui a condição de colocar seus filhos em bons colégios e a gente que era de uma classe mais baixa, financeiramente, economicamente falando, então o Seminário ainda era o grande acolhedor, a salvação, porque quase ninguém pagava, inclusive o Seminário era sustentado por doações. Lembro-me de alguma família, não sei nem se devo citar o nome, aqui de Fortaleza, que contribuía muito financeiramente para o Seminário.

A grande maioria, quase todos nós do Seminário da Prainha, era apoiada pela Ordem das Vocações Sacerdotais (OVS). Havia contribuições que vinham do próprio estado e também de fora. Eu fui realmente amparado pela OVS. Permaneci na Prainha, durante oito anos. Eu terminei o que nós chamamos Seminário Menor, que era o sexto ano, que aqui fora correspondia ao segundo científico. Então eu tive que fazer o terceiro ano científico, no Liceu para complementar o segundo grau. Eu ingressei no Exame de Admissão e no meio do ano, eram sete anos, portanto, mas eu passei oito porque eu fiquei em casa num determinado período para um tratamento de garganta. Mas realmente no Seminário eram sete anos para quem ingressava no Exame de Admissão, mas quem ingressava no primeiro ano, que correspondia à quinta série, então passava sete anos, o chamado Seminário Menor e o Maior eram mais sete anos, quatro de filosofia e três de teologia.

A gente vai crescendo intelectualmente e fisicamente, mas a gente vai começando a enxergar as coisas e eu mesmo fui uma pessoa obediente, inclusive exerci essa função no Seminário, mas chegou um momento em que eu enxerguei que o meu lugar não era aquele, porque eu via muita distorção na formação, na orientação recebida e uma das coisas que eu sempre digo: o celibato também, um dos empecilhos pelos quais o Seminário passou pela crise, mas eu mesmo fui seminarista até o fim, eu não tive namorada antes, a Socorro eu namorei depois, mas eu não tive namoradas, enquanto era seminarista, embora houvesse manifestações, mas encarei a vida de Seminário com muita seriedade, é tanto que na minha terra, quando souberam a notícia, quando souberam que eu tinha deixado o Seminário, foi aquela decepção, puxa então ninguém mais vai ser padre, quer dizer o conceito que nós tínhamos, o primeiro foi o João Holanda Costa, que era assim um espelho para gente e também a grande esperança seria eu. Pra mim o motivo é que eu vi que a minha formação não era aquela que eu desejava. Eu achava que havia uma distorção do mundo lá dentro e com o mundo aqui fora, não havia uma correspondência. Então esse foi o motivo pelo qual eu desisti.

Quando deixei o Seminário, fui incentivado pelos parentes a fazer agronomia, até comecei a me preparar, mas depois eu vi que a minha formação humanística não me dava condição de seguir por esse caminho. Eu atribuo a essa formação humanística que eu tive no Seminário, o peso da minha escolha profissional, o magistério. Eu terminei Letras em 1968, ingressei no curso de Letras da Universidade Federal do Ceará em 1965 e no final de abril comecei o magistério no Liceu do Ceará. Terminei o curso em 1968 e em 1972 nós recebemos um convite para sermos professores na Faculdade de Cajazeiras, Paraíba. Nós fomos cinco colegas, aqui de Fortaleza, quatro ex-seminaristas da Prainha. Fui o último a voltar ao Ceará,

mas o meu ingresso na UECE, em 1978. Inclusive a minha conversa foi diretamente com o reitor, que era o professor Danísio Correia. Eu levei o meu currículo, através de uma pessoa que me encaminhou a ele, ele achou meu currículo, pelo menos na época, muito bom, porque eu já tinha experiência de seis anos de magistério superior, a UECE estava ainda se estruturando, eu tinha já vários cursos, a nível de especialização. Então meu currículo foi aprovado e fui contratado como professor colaborador. Era uma função que existia na Estadual, porque em 1968 ainda era Fundação e parece que em 1977 é que ela passou a ser Universidade, propriamente. A gente ganhava por hora aula e no final de sessenta e nove ia acabar essa figura do professor Colaborador. Então nós fizemos um movimento, iam criar assistente, adjunto e titular, não havia a figura do professor auxiliar, só foi criada depois. Então nós fizemos um movimento, porque os colegas antes, quando era Fundação, quando era Faculdade de Filosofia do Ceará e passou à Fundação, o governo nos incorporou logo, sem concurso, e a gente queria o mesmo tratamento, que foi dado aos mais antigos, mas o reitor se manifestou contra. Na época a gente se reuniu muitas vezes com o Governador Virgílio Távora e chegou-se a seguinte conclusão: haveria um concurso para gente passar de colaborador pra assistente. O concurso foi para os professores que já trabalhavam na Universidade, que eram colaboradores, para passar de colaborador para assistente. A Faculdade de Cajazeiras era mantida pela Fundação da diocese e o diretor era um padre. Ela tinha cinco cursos, se não me engano, curso de Letras, curso de Filosofia, curso de história, curso de Geografia e Ciências. Funcionava normalmente, dentro daquelas características do interior, inclusive nós tínhamos muitas pessoas de outras cidades, a Faculdade funcionava em dois locais: num prédio no centro da cidade, que não sei se era da ação católica e o outro no colégio diocesano. Então, em frente a esse colégio à noite ficava

lotado de ônibus, camionetas, carros, que vinham de cidades vizinhas, de Pombal, Sousa, até de cidades do Ceará, como Lavras da Mangabeira, Icó, Mauriti. Eram cursos bastante procurados para aquela redondeza e realmente funcionava, havia muita organização. Depois, em 1978 ou 1979 a Universidade Federal da Paraíba encampou. A presença eclesiástica sempre entre nós, inclusive aqui na Faculdade Estadual, principalmente no Centro de Humanidades, o diretor era um padre, a maioria dos professores do curso de Letras ou foram seminaristas ou são padres ou os chamados ex-padres.

Hoje mantenho pouco contato com colegas da Prainha. Um nós estamos sempre em contato, semanalmente, é você, que nós nos conhecemos no velho casarão da Prainha e essa amizade nós mantivemos, mesmo quando deixei o Seminário, aqui e acolá a gente se encontrava por aqui, mas essa amizade se confirmou quando a gente foi para Cajazeiras. Então, a sua esposa, a Regina e a minha, a Socorro se deram muito bem, essa amizade com eles é uma amizade mais do que amigos, a gente uma amizade de irmão mesmo, a gente divide nossas casas de lazer, uma no Tijucussu, que é a sua e a minha na Caponga. A gente fica assim variando quando o tempo dá. Uma janta na casa do outro ou então come um peixinho lá na Caponga. Ele é o único que a gente mantém o contato mais de perto, mas há outros com os quais a gente mantém contato esporadicamente, mas a grande maioria cada um tomou o seu rumo, seu caminho, aqui e acolá é que a gente tem notícia de um, uns que até já partiram, outros que ocupam cargos até do governo, por exemplo o Adolfo Marinho foi nosso colega, que hoje é deputado federal e outros que despontaram na sociedade como professores, como advogados, como agrônomos, como médicos, mas o contato tem sido esporádico.

Os lazaristas em sua maioria eram mineiros, mas havia alguns holandeses. Eram pessoas que passaram quatorze, quinze anos internos, mas não tinham assim um preparo para o trabalho com adolescentes. Eu acho que na estrutura em que estavam, como a instituição estava sendo conduzida não atendia às necessidades daquele momento, havia até uma certa disputa entre os lazaristas e os padres seculares. Nesse momento eu já não estava mais no Seminário. De forma que eu não vivi esse momento de crise. Eu saí no momento em que já havia sinais, mas eu acho que da maneira em que estava sendo conduzida a questão, o caminho não era por ali não. Também eu não posso afirmar que os novos que assumiram solucionaram o problema.

A insatisfação com o rigor disciplinar foi o preâmbulo, principalmente em se tratando de Seminário Menor, porque o Seminário Maior a gente já percebia que começava a haver assim uma certa independência, que era o pessoal da Filosofia e da Teologia, mas o Seminário Menor que era ainda na linguagem de hoje de um segundo grau. Acho que foi um preâmbulo de protesto mesmo e de um alerta, que os padres lazaristas, naquele momento, já não seriam mais adequados à condução da nossa formação. Então naquele momento em que a turma começou a se manifestar mesmo, eu acho que a insatisfação foi mais abrangente, incluindo até o Seminário Menor.

Nos anos sessenta a Igreja Católica estava começando a engatinhar no ecumenismo, com a participação mais intensa dos fiéis, de forma que eu não tenho assim no momento uma explicação com relação ao ponto de vista do leigo sobre a saída dos padres lazaristas. Eu não sei informar sobre isso.

O certo é que a Prainha continuou presente na formação da sociedade cearense, porque no próprio seio da família havia ex-seminaristas, ou padres, com aquela formação. Eu acho que essa influência continuou.

O padre Amarílio realmente me influenciou bastante em termos de leitura, porque embora as aulas não fossem muito didáticas, mas a forma como ele as conduzia era um incentivo, embora as leituras extra-curriculares fossem muito controladas. Você não podia assim ler qualquer coisa, embora a gente o fizesse às escondidas. Colocava um livro dentro do outro, fingia que estava estudando aquela disciplina e estava lendo fora do conteúdo curricular. No francês, o padre Castelo, que faleceu há pouco tempo, um ano atrás, foi a base do francês que ainda tenho hoje. Ele foi uma pessoa que me inspirou bastante, porque naquela época já veio com uma novidade, que era o gravador na sala de aula, aquele gravador do tamanho dessa mesa e com o apoio de um livrinho chamado Assimil, com que a gente acompanhava as aulas. Para mim aquilo marcou muito, na época foi, assim, uma inovação didática.

Esses padres assim me marcaram de certa forma. O professor de Latim, também, o padre Gumercindo, com aquelas brincadeiras, em sala de aula, embora fosse assim uma didática muito restrita, de castigos. Outro professor, o de história, que também me marcou bastante, era o holandês, padre Tomé Verman. Ensinava história antiga, história medieval, inclusive dramatizava as aulas, com a história de Aníbal, de Ulisses. Lembro-me que ele colocava assim a cabeça para uma janela, falando de Anibal, nas Guerras Púnicas, e dizia "Lá vem Aníbal", e todo mundo olhava para janela. Era uma aula assim bastante atrativa, pela dramatização, que ele dava. Essas pessoas de certa forma me marcaram. Assim eu tenho uma recordação bastante intensa em relação a eles. Um outro também que me marcou um pouco e hoje é bispo de Belém, padre Vicente Zico, que era o nosso diretor espiritual, aquela pessoa que nos acompanhava, embora aquela visão bastante erudita, de educação, mas dentro daquele momento ele foi significativo, para algumas orientações de cunho espiritual. Outro que eu posso citar, que me

marcou, que hoje é bispo de São Luís, é o Dom Paulo Ponte, marcou pela aproximação que tinha com a gente.

A desistência da carreira eclesiástica era natural, comum, embora às vezes chocasse o seu povo, a sua cidade, a sua família, mas era comum. O rigor educativo era também uma das coisas que nos decepcionava, não naquele momento que a gente acreditava piamente, mas depois a gente ia sentindo que as explicações nunca eram convincentes, eram sempre por subterfúgios, nunca diziam assim a verdade, inclusive sobre a saída de colegas. Então, não eram bem claros: deixou porque não quis ou então foi aconselhado a sair, nunca havia assim uma explicação bastante convincente. Eu me lembro até de um episódio de um padre, que deixou o Seminário, que nos enganaram. Houve um problema dele com uma jovem da sociedade, de um convento também, então mentiram para nós, disseram que eram familiares que estavam doentes, então depois de muito tempo a gente veio saber toda a história, a conversa não era franca, quer dizer o diálogo não era transparente com a gente, não havia aquela abertura.

O que me causou mesmo impacto foi a saída de um primo, esse a quem eu já fiz referência, que fez todo esforço para eu ir para o Seminário, realmente sua saída para mim foi de um impacto muito grande, pelo comportamento dele, pelo que ele era lá para minha cidade, inclusive para os colegas do Seminário. Ele já havia terminado Filosofia, ia fazer Teologia, então isso para mim foi um choque muito significativo, os dos outros eu encarei com naturalidade. Eu acho que a igreja quando sentiu que estava perdendo as vocações, um dos caminhos encontrados foi o da instalação do Instituto Teológico. Inclusive hoje os seminaristas vivem mais em comunidades, depois é que retornam lá para terem orientação religiosa, mas eu acho que a criação do Instituto é assim uma maneira de resgatar aquele passado.

Evidentemente a gente quando é solto nesse mundo, saído do Seminário, a gente fica um pouco baratinado, embora eu tenha dito a você, no início, que eu saí no dia 30 de setembro de 1963 e no dia 1 de outubro eu procurei não ser mais seminarista. Evidentemente que as marcas ficaram, muitas, mas eu procurei me desvencilhar e eu acho que a profissão de professor, em contato com adolescentes, com pré-adolescentes, com essa juventude, contribuiu bastante para que eu pudesse me desvencilhar de algumas amarras, que o Seminário me deixou. Eu sempre faço essa autoavaliação, eu acho que eu evoluí, eu me modernizei, me atualizei, certos preconceitos que existiam dentro de mim, hoje não existem mais, certos conceitos também que eu tinha, eu procurei ultrapassar, a fé evidentemente eu não perdi, mas também sou católico, mas não sou um católico fervoroso, de ir à missa sempre. Isso não me dá mais remorso, quando eu deixei o Seminário, por um determinado tempo, perder a missa aos domingos, era pesaroso para mim, eu achava que eu estava mesmo sendo condenado, mas esse contato com o mundo das letras, o contato com a juventude, com adolescentes me abriu novos horizontes. Então isso foi me conscientizando e fui me desvencilhando, assim, desses conceitos e desses preconceitos.

Modesto Siebra Coelho

Além de colega da Prainha, nossas vidas se cruzaram quando de lá saímos, após a conclusão do curso universitário. Foi ele quem nos convidou, a mim e ao Holanda, para aceitar o desafio de ensinar numa faculdade, distante de Fortaleza, atendendo ao convite de um outro nosso colega, o José Silva, que foi encarregado de conseguir alguns professores para a Faculdade de Cajazeiras, na Paraíba, em mãos do Cônego Gualberto, uma outra vida mais dedicada a outras vidas, seguindo os preceitos evangélicos.

A sua maneira de ser é o antônimo do colega Holanda, irrequieto, sempre ocupado com alguma atividade, mais dedicado às funções administrativas, da vida acadêmica do que ao magistério. A sua escolha não decorreu apenas dos laços de amizade, que nos aproximam, mas a sua experiência como interno em dois seminários, na primeira fase de formação eclesiástica, durante o chamado "Seminário Menor". Ele começou o ginásio, no Seminário da Prainha, mas o concluiu no Seminário de Sobral, o que nos permite observar dois espaços diferenciados de vida de internato, além de ter sido aluno do primeiro e segundo ano do curso Clássico, implantado na Prainha, após a saída dos lazaristas.



Meu nome completo é Modesto Siebra Coelho. Nasci em 15 de junho de 1944. O motivo inicial da minha ida para o Seminário foi extremamente familiar, sobretudo uma influência do meu pai e da minha mãe e também da grande família, onde havia padre na família, freira e as famílias como que disputavam ter um membro dedicado à vida religiosa. Desde criança ouvia o papai na mesa contar histórias de vocações sacerdotais. A gente ia almoçar ou jantar e ele me dizia: "você vai ser padre". Ao outro meu irmão, ele afirmava: "você vai ser aviador". As minhas irmãs anunciava: "você vai ser professora e você vai ser freira". Ele designava a futura profissão, o destino de cada um. Ademais, ele era daqueles católicos praticantes, foi presidente de congregação mariana, durante muitos anos, talvez uns vinte anos, e de outros movimentos em torno da paróquia e, em função disso, esse fato dele ser uma pessoa muito ligada à paróquia, muito ligada às atividades paroquiais, aos movimentos que partiam dos vigários que se sucediam lá, ele queria porque queria ter um filho padre. E desde cedo, aos cinco anos, eu ouvia essa história de "você vai ser padre, você vai ser padre, você

vai ser padre". Eu gostava, fui crescendo e logo que cheguei aos 11 anos, ele já me colocou no chamado "pré-seminário", em Itapipoca. Era uma escola normal, regular e, ao mesmo tempo, de natureza sócio-religiosa, só destinada a quem fosse candidato ao seminário. É tanto que Itapipoca se destacava como uma das paróquias que mais tinha seminaristas. Era o resultado da ação do vigário, padre Abelardo Ferreira Lima. Ele criou esse "pré-seminário", uma espécie de formação preliminar, para o seminário. E eu entrei nessa escola, fiz a escola toda. Ao mesmo tempo você já era ali o coroinha, o oficial daquele preparatório, e de lá fui ao seminário. Levado por essa influência, mas a vocação era mais da mamãe e do papai. Eu fui com 13 anos, em 1958, para a Prainha, onde fiquei até 1961. No ano seguinte fui ao seminário de Sobral, no quarto ano, que equivalia à quarta série ginasial.

Eu sou daqueles que dizem que a experiência na Prainha foi muito boa, inclusive, resumo no seguinte, como sempre disse brincando: foi muito bom ter ido para o Seminário, foi melhor ainda ter saído. Eu repeti a vida inteira essa história. Porque, eu acho assim, o seminário era, de certa forma, e naquela época e naquele contexto histórico, era uma escola de qualidade. A gente podia considerar isso no contexto do ensino da época. Embora tivesse falhas, mas você olhando hoje, comparando hoje em dia, o seminário não tinha nem biblioteca, no entanto, tinha ensino de qualidade. A gente não tinha acesso à biblioteca, no seminário menor. Isso era uma grandíssima falha. Já pensou o quanto melhor a gente sairia preparada se tivesse uma bela biblioteca? Segundo, era uma espécie de porto seguro para as famílias. A família internava um filho ali, sabia que ele estava seguro, estaria, talvez, bem alimentado e, de seis em seis meses, ia pra casa. Então, representava uma espécie de porto seguro. Os pais ficavam tranquilos. Outra coisa que eu vejo, assim, o seminário era uma espécie local de acolhimento de uma certa elite rural da época.

Eu sempre analisei por esse lado. A elite rural, elite aqui não só no sentido econômico, iam muitos seminaristas pobres, mas a elite rural tinha acento pleno no seminário. Se você fizer alguma estatística, e você se lembrar da época, você vai ver que 60% dos seminaristas eram do interior. Elite rural assim, no sentido de, por exemplo, aqueles mais espertos, aqueles que tinham mais convivência social, por exemplo, o meu pai era um homem simples, não era um privilegiado financeiramente, um homem de poucas posses, mas de certa forma participava de uma elite, porque era um homem que presidia coisas da paróquia, círculo operário era do tempo dele. É claro que isso não é um trabalho dele sozinho, mas foi o maior círculo operário do Brasil. Eles chegaram a ter vinte mil associados. Eles fundaram muitas escolas, eu me lembro, o papai foi fundador de escolas rurais. O poder público era muito limitado, a ação do poder público era muito falha, não tinha ação do estado. Você veja, quando eu fui para o Seminário, talvez se houvesse em Itapipoca escola estadual, eu não tivesse ido. Depois é que chegou, pela ação da paróquia, a CENEC e, paralelamente, aparece uma escola estadual, mas era para um grupo político. Só entrava, para aquela escola estadual, quem fosse eleitor de um certo político. Então, por esses aspectos, e contextualizando o seminário com aquela época, eu acho que eu posso resumir isso de maneira otimista, dizendo que era uma escola interessante. Obviamente você tinha fantasias com relação ao sacerdócio, porque você era preparado para aquilo. De certa forma, você era induzido, mas tenho a ressaltar, por exemplo, que quando eu entrei na 1.ª série, quando eu fiz a 1.ª série, nós éramos 64 alunos, divididos em 32 e 32, na 1.ª série. Eram duas classes. Desses 64, só um se ordenou padre. Foi o Francisco José Ramos, irmão do Gessildo. Em síntese, eu diria isso, que era uma espécie de

de acolhedor, sabe, sobretudo, das pessoas, das pessoas da zona rural que tinham um anseio em estudar, em se formar e mesmo em ser padre.

Eu sempre valorizei o que eu chamo de "convivialidade". Por exemplo, ali você fazia uma gama imensa de amigos, de amizades que perduram, e gente sempre com o mesmo perfil, por exemplo, eu digo muito aqui paras pessoas com que eu converso, um seminarista é como um militar. É, você conviveu com colegas, num quartel ou num seminário, mas passam 10, 15 anos sem se encontrar, mas quando se encontram, volta tudo o que parecia distante. Então, esse aspecto da solidariedade, da "convivialidade," é um aspecto que me marcou muito e de que eu gosto muito. Por exemplo, eu gosto de reencontrar ex-colegas. Outra coisa que rememoro muito era que ali, era sobretudo a disciplina, a disciplina ensinava a gente a estudar. Ensinava a gente a ter método, ensinava a gente a ser cumpridor de tarefas, de etapas, de deveres. Então, isso me marcou muito. Marcou-me de tal maneira que às vezes eu me lembro do que ali adquiri. Por isso, na universidade, eu ficava com remorso se eu não estudasse tantas horas nos finais de semana ou nos dias feriados, até por aquele hábito, aquela disciplina que a gente tinha no Seminário, de muito estudo, de muita responsabilidade.

Mesmo nos feriados, havia um tempo reservado ao estudo. A manhã era dedicada aos jogos, nos feriados era assim que eu me lembro, mas à tarde, a gente tinha um horário reservado ao estudo. Lembra-se daqueles campeonatos internos que a gente tinha? Vinha time de fora e se jogava numa das três divisões que havia, a primeira, reservada aos que tinham pinta de profissionais, a segunda, formada pelos mais ou menos e a terceira, composta pelos denominados "fuleiros" ou do "curubal," era a coisa de que eu mais achava graça, "curubal", todo mundo contra todo mundo, pra onde a bola ia. E nos

fins de tarde todo mundo tinha a chance de bola, ali naquele campo.

O Seminário ensinou a estudar, mas o ensino também era com o método tradicional, tradicionalíssimo. Eu até recebi um presente agora, não sei se você se lembra do livro "elementos de latim." Recebi de presente agora de um amigo, de 50 anos atrás, que ele estudou e guardava em casa, me copiou e trouxe de presente. Aí eu fui repassar o conteúdo dos "elementos de latim", que é extremamente elementar. Era uma espécie de apostila, famosa do padre Gumercindo Sampaio, professor de latim. Era extremamente elementar, embora fosse muito bem sumarizado, pois ali estavam as regras básicas do latim, das declinações, das exceções, etc., mas era extremamente sumário e as aulas eram na base de uma memorização, além da conta. Você se lembra de que o supra sumo disso, do chamado "decoreba", talvez dessa falta de certo método, mais evoluído, eram as aulas do padre Fernando Wandick. Eu só faltava morrer. Havia a prova oral de matemática. Ele colocava você pra resolver um problema na frente do birô. Eu me tremia todo, pois já era péssimo em matemática e o padre exigia que eu desenvolvesse a equação, a regra de três, mentalmente, falando alto, sem lápis, sem giz, sem nada. Quer dizer, era um negócio de louco. Eu ainda digo assim: tu imaginas se esses professores fossem bons de metodologia, como a gente não sairia melhor ainda. Com toda aquela história arcaica, maneira rigorosa de memorização, você se saía bem, por exemplo, no latim, o ensino de latim, com aquela forma primária de transmissão de conteúdo, do padre Gumercindo e também do padre Paulo Almeida que não eram professores de destaque, mas docentes medíocres. Apesar dos limites, você podia avançar. Quando se chegava à terceira série, você já entrava pra traduzir Virgílio, Cícero, e aí a coisa deslanchava. Um ponto positivo, que eu achava interessante, era um horário de estudo e em seguida

outro de aula. Eu achava muito bom em termos de aprendizagem. Achava bom, porque era uma maneira de você fixar aquilo que você aprendeu. Esse fato, de você ter estudo, aula, estudo, aula foi algo valioso. Acho que tal prática, embora feita da maneira arcaica como eles faziam, era uma coisa que rendia para o aluno, dava um bom proveito, porque você tinha a oportunidade de se concentrar, de se preparar para cada aula programada.

Permaneci no Seminário até 1965, quando cursaria o primeiro ano de Filosofia. Em 1962 fui para o Seminário de Sobral. A história foi mais ou menos assim: o padre José Linhares era o reitor do Seminário de Sobral e ele foi fazer, como a gente chamava, uma semana de pregações na festa de São Sebastião em Itapipoca. Ele foi convidado, era de outra diocese, Sobral, pois Itapipoca pertencia à arquidiocese de Fortaleza. O padre Abelardo, que era o vigário da paróquia, convidou o padre José Linhares, o atual deputado federal, para fazer essa pregação que era um sermão toda noite. Ele estava empolgado, como reitor do Seminário, e disse que gostaria de contar com alguns seminaristas de Itapipoca. Então me perguntaram se eu queria ir, eu disse, eu vou. E foi a melhor coisa que eu fiz. O Seminário de Sobral foi muito diferente da Prainha. Primeiro, havia uma abertura, abertura em todos os sentidos. O reitor era muito jovem, cearense, um homem que tinha uma certa visão, que militava, embora levemente, ele já militava com esses movimentos sociais da igreja. Era o líder, em Sobral, da Juventude Estudantil Católica (JEC) que depois atuaria junto com a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária Católica (JUC), que depois congregaria os que militavam na política, tanto que os seus seguidores foram muito perseguidos pelo golpe de 1964.

Não, não, agora me fugiu, mas foi o que virou, praticamente, um movimento político, que congregava todo mundo que militava politicamente na JEC, na JOC e na JUC, e que influenciou muito, de certo modo, na vida política nacional. E logo que eu cheguei a Sobral, no Seminário só cinco pessoas participavam da JEC e eu fui ser um desses escolhidos. Na JEC se dava uma visão política, uma visão social do país, da cidade, da região, do estado. Quer dizer, você tinha a oportunidade de ler muitos documentos, de fazer muitos estudos pra ter uma visão social e induzir, a partir dali, alguma ação de natureza evangélica ou de evangelização. Mas, então, Sobral me abriu muito esse horizonte, rapidamente. Eu diria que eu saí da Prainha, nesse primeiro momento, ainda como um menino, que não tinha visão de mundo. Minha visão de mundo nasce ali, na hora que eu chego a Sobral, onde eu tive a oportunidade de despertar para ver o mundo de outra forma.

Quando eu saí da Prainha, em 1961, os lazaristas já estavam tremendo nos seus alicerces. Já havia uma certa revolta, muita efervescência entre os alunos, preocupados com a maneira como os lazaristas trabalhavam. As pessoas falavam porque ninguém tinha liberdade, para criticar, pra fazer um discurso, mas eu me lembro que, nos estertores da coisa, se não me engano foi o que marcou muito a época, foi em 1963, ano da saída dos lazaristas da direção do Seminário.

Mas quando eu fui para Sobral, no fim de 1961, as pessoas já criticavam muito, já davam muitos sinais de que não aguentavam o velho modelo, sobretudo aquele sistema de prefeitos. Os padres prefeitos, marcando muito em cima dos alunos, você não tinha liberdade de leitura, você não tinha liberdade de expressão, era muito vigiado. Era um sistema altamente vigiado. Você não podia ter uma conversa mais livre que aquilo chegava aos ouvidos dos vigilantes sacerdotes. Você não podia ter amizades, aquilo tudo era

motivo de crítica e a gente se sentia mal. Eu notava que as pessoas já começavam a dar sinais de insatisfação, pela rigidez da disciplina. Mas havia exceções. Por exemplo, por que os seminaristas adoravam padre Nilson? Padre Nilson era um padre local, um padre arquidiocesano, com outra cabeça, secular e com quem a gente se sentia bem, já com alguns lazaristas havia uma distância estapafúrdia, uma distância enorme, era todo mundo muito controlado, muito rígido. Já com o Paulo Almeida, muito brincalhão, que era diocesano também, a gente era muito mais leve.

Os seminários só iriam mudar após o Concílio Vaticano II. Com a CNBB no Brasil, a igreja tomou uma nova feição e passou a se regionalizar. Criaram o Nordeste I, Nordeste II e, se não me engano, Nordeste III também, da CNBB. E, nessa regionalização da CNBB, o compartimento Ceará-Piauí-Paraíba, sobretudo aquele interior da Paraíba e do Ceará e tudo, fizeram um Seminário regional. Regionalizaram ainda mais o Seminário que já era regionalizado. Agora, foi assim uma coisa mais oficial, receber, por determinação do Nordeste I, os seminaristas de outras dioceses, em 1964, após a saída dos lazaristas, com a instalação do Seminário regional.

Sobre a saída dos lazaristas recebemos informações, porque havia o pessoal do maior, que voltava pra Sobral nas férias e a gente também ia para as paróquias, que tinham seminaristas do Seminário Maior e, através de conversas, as novidades eram divulgadas. E o que se sabia era que a pressão estava aumentando, não se aguentava mais a disciplina, aquelas regras, a maneira de conduzir o Seminário e que ia estourar. Era isso que eu ouvia: que, com certeza, estouraria, por essa pressão, essa maneira como os lazaristas conduziam o Seminário. Achava-se que eles eram estrangeiros, entre aspas, já não davam mais para dirigir a instituição. Eu ouvi muito isso: não se entendia porque que padre secular precisava ser formado por padre de ordem religiosa,

chamada ordem regular, como a dos lazaristas. E a coisa foi criando aquele caldeirão. Minha experiência com os lazaristas foi passageira, porque eu fiquei pouco tempo, com eles, mas eu notava que havia muita insatisfação e "colônias". As "colônias" eram os grupos regionais, o grupo de Parnaíba, o grupo do Crato, o grupo de Limoeiro, o grupo de Sobral, as pessoas ficavam muito em grupos, porque, ainda acho que pelo fato de ser uma experiência que estava se iniciando, eu não senti que ela fosse assim muito rica. Agora, eu notei o seguinte: mudou tudo, mudou tudo, em termos comportamentais, porque o prefeito, que assumiu, o padre Petrola, foi o prefeito da mudança, muito inovador. Eu me lembro de que dividiu o poder de maneira diferente. Criou três comissões, uma de assuntos religiosos, outra de culturais e uma terceira, de lazer. Então ele queria que as atividades, que eram muito centralizadas, no prefeito, fossem um pouco descentralizadas. Fui convidado por ele pra ser o presidente da comissão de assuntos religiosos. Eu, logo eu, pra assuntos religiosos. E as coisas começaram a funcionar diferentemente, começaram a ter uma abertura, passou a haver mais diálogo, passou a haver mais divisão do tempo. Ele incentivou para que a gente criasse as equipes. Foi muito bom, achei interessante, porque em Sobral havia esse espírito, das equipes. Então, as pessoas começaram a se organizar, mas isso eu saí logo, em 1965 eu já fui saindo, não sei se ele deu continuidade. Mas e pelo menos, ele criou um arcabouço novo, para poder gerir aquela coisa que era muito em cima do religioso mesmo, atividades religiosas e tal, tal, tal, esportes e lazer, ou melhor, cultura, que era a parte de ensino, a parte de estudo. A gente podia falar, começaram a entrar nessas discussões, muita coisa nova. A gente já passou a pensar em biblioteca, já se falava até em ter abertura para visitar bibliotecas. Eram propostas de mudanças, não sei se concretizadas.

Comparando o ensino do Seminário de Sobral com o da Prainha, após a saída dos lazaristas, o primeiro me pareceu mais produtivo. Os novos professores da Prainha não me pareceram tão eficientes, salvo as exceções, como o padre Petrola. Havia um padre que passava a aula lendo o que estava no livro e o aluno como mero espectador, não havia uma interação sequer entre ele e o aluno, uma discussão sequer, e isso numa aula de filosofia, que era a oportunidade que a gente tinha para discutir, para conhecer temas novos, para debater com ele, mas não havia debate. Ele lia um livro de filosofia na cara da gente, de autoria do "Maritain". A gente sequiosa por coisas novas, o mundo efervescendo, cheio de ideias novas, depois de 1960, mudanças e mudanças e a filosofia era a nossa esperança. Havia um grupo bom, das dioceses, veio gente boa. Por exemplo, além de Sobral, vieram cinco do Crato, um era um cara bom, um padre estudioso, de visão, embora quatro não fossem. Então, essas pessoas de melhor visão estavam sempre carentes. Eu lembro que a gente passou, nesse tempo do Petrola, a ter liberdade e a gente passou a programar leituras, isso aí, a gente comprava livros, individualmente e trocava livros, um com o outro. Eu me lembro de que eu li "A Mãe", do Gork, nesse período, incentivado pelo Petrola. Além dos padres, tivemos alguns professores leigos, nesse período do regional, como a professora Fátima, que ensina francês, o Monsieur Vilespi, que era diretor da Aliança Francesa, o monsieur Peinhor, o Vicente Lemos, que ensinava biologia. Havia também padres idosos, como o padre Azarias Sobreira.

A crise vivida pela Prainha não afetou só a instituição seminário, em si. Ela afetou também os próprios padres. Você se lembra de episódios como o do Pantoja, quer dizer, houve abalos. Os tempos eram outros, os tempos começavam a mudar e faltou percepção dos dirigentes, para condução do processo. E eles próprios, eu acho que

muitos se viram abalados, não é que eles tivessem que deixar a batina ou sair, abalados nas suas próprias consistências, nas suas próprias maneiras de viver, mas eles não souberam conduzir. Se tentaram foi de uma maneira incerta, acharam que a questão estaria muito mais em dividir, em seccionar, então resolveram dividir o Seminário em dois, aquele do "Mata Galinha", destinado aos menores e o Maior, que continuava na Prainha.

Apenas seccionaram pra poder dominar melhor e não deu efeito nenhum. Tanto fechou um quanto o outro, no final ambos fecharam. Eu acho que foi muito mais o que os franceses chamam "sprit du temps", espírito do tempo mesmo, havia um tempo novo, havia uma situação nova e que o clero não soube acompanhar, não estava preparado para acompanhar. E dificilmente estaria. E era preciso mudar, as próprias ações da arquidiocese deixavam muita dúvida, será que estavam certos? Por exemplo, vender o patrimônio da arquidiocese, será que foi uma atitude certa? E rachar o Seminário em três grupos, o maior, o menor e o "Mata Galinha," que era destinado aos principiantes. Na Prainha, além do maior, ficava só o curso clássico. Resumindo, faltou um grande condutor, alguém com maturidade à frente da arquidiocese, para conduzir o processo de mudança. Quem foi que assumiu o Seminário após a saída dos lazaristas? A princípio foi o monsenhor Gerardo Ponte, depois o padre Luís Moreira. Um pouco depois mudou, sem se saber por que e as mudanças à espera de quem as soubesse enfrentar.

Há uma coisa que a gente não pode deixar passar, sempre, é o êxito de quem passou por ali. Se você analisar a questão do ponto de vista estatístico, a gente vê que o êxito profissional, êxito como cidadão, como uma pessoa inserida na sociedade, é um índice muito alto, deixado como legado pela Prainha. Por exemplo, eu participei, e ainda daquela associação dos ex-seminaristas de Sobral. De vez em

quando eles mandam me chamar. A última reunião nossa foi em Sobral, comemorando os 80 anos do padre Oswaldo. O índice de êxito profissional e como cidadão é muito alto, entre nós. As pessoas se encaminham, passaram por ali, às vezes gente até que passou muito pouco tempo, mas que soube estabelecer um caminho de vida, não só profissional, mas como cidadão. Há gente muito séria hoje, como cidadão, que ficou nas cidades do interior, gente que foi seminarista.

Voltando ao sistema de ensino na Prainha, sobre as reprovações, só me lembro de um caso, um colega que teve de repetir o ano. As reprovações eram raras, porque existia, em primeiro plano, uma consciência muito forte de que você devia estudar. Havia mais notas baixas em algumas matérias, mas muitas eram recuperadas. Entretanto, você poderia repetir o ano por causa de reprovação em apenas uma disciplina. "Levar bomba" significava ser reprovado, se você não passasse em todas. Se não me engano, os outros dois colegas repetiram o ano. Um deles tinha o apelido de "Piauí". O padre Gumercindo dizia que ele era gordo, porque comia farofa de piolho.

Às vezes me lembro das cenas de humor ali vividas. Os apelidos eram comuns, se colocava apelidos com muita facilidade, muitas vezes, em cima de um erro cometido. Você não podia cometer um erro de português que você era capaz de ganhar um apelido, mesmo nos recreios, nas atividades de lazer, você tinha que falar correto. Lembrei-me do Trunca. A gente estava jogando e o colega gritou "trunca ele, trunca ele". A partir daí o futuro engenheiro da CHESF seria conhecido com tal alcunha. Ele jogava futebol muito bem. Você se lembra do "Qu'est-ce que ce"? Era aquele colega que tinha o cabelo igual ao de uma figura apresentada no livro de francês, do Mauget. Havia um rapaz do Iguatu, não me lembro do nome dele agora, que estava lendo o "Martirológio", durante o almoço, no

refeitório. Após a leitura de parte de um livro, durante a refeição, era lido o tal "Martirológio" em latim, relatando a morte de alguns cristãos, durante a perseguição no Império Romano. No texto lido havia uma expressão, "plurimaquer", e ele pronunciou "plurímaquer". O reitor tocou a campainha três vezes, para que ele corrigisse a pronúncia, mas não houve solução. Em resposta, o colega de Iguatu jogou o livro lá de cima, do púlpito, e desceu. A gargalhada foi geral e ele foi expulso do Seminário por esse motivo, indisciplina, desrespeito à autoridade. Voltando ao problema do ensino, o padre Paixão era tão medíocre nas aulas, que reservava duas vezes por semana, para embromar a aula. Como a disciplina era português, ele resolvia fazer um ditado, intitulado "ditado de palavras difíceis." Por exemplo, ele dizia: "cartucho", aí, a gente, habitualmente, perguntava: "é de frade ou de espingarda?" A gente tinha medo de escrever diferente. Na nossa turma havia o Rocha, que era um cara muito sacana. Se ele abrisse a boca, a gente já estava rindo. O padre Paixão pronunciou "chifre" e o Rocha indagou: "padre Paixão, licença, mas é de bode ou de cabra?" E a resposta do padre Paixão: "Senhor Rocha, fora". O mais curioso é que ele foi expulso do Seminário, porque chupou uma manga às nove e meia da noite. Naquele tempo se comungava todo dia em jejum. Então, depois do jantar você não podia mais comer nada. O Regente flagrou o incidente e o Rocha foi expulso, porque não tinha vocação, não pensava na comunhão do dia seguinte.

Acho que obtive uma boa formação no Seminário, como eu te disse, foi um treino, um treinamento para o cidadão que veio depois, para o intelectual, para o estudioso, para o próprio professor que veio depois. A minha vida se forjou ali. Talvez eu fosse um cidadão completamente diferente se eu tivesse ido para o exército ou para a marinha, porque na minha família era assim, o meu pai botava o

pessoal para a igreja, mas tinha um tio que o negócio dele era que todo mundo fosse ser militar. Então, ele vivia lá em casa: "Isso é um desperdício, esse menino de batina, esse menino devia estar com a farda, farda do Exército". Ter um filho no Exército era a glória dele.

Sobre a "convivialidade" da Prainha, eu tirei proveito disso, até em Paris. Quando lá cheguei, não tinha como certo o lugar em que eu poderia me hospedar, até alugar um apartamento. Então fui bater nos lazaristas de Paris. Contei minha história, que me garantiu uma hospedagem provisória em Paris, durante um mês e me cobraram apenas uma taxa simbólica.

Quando eu era estudante universitário, fui para um congresso, em Goiânia, com a cara e a coragem pra esse congresso. Quando lá cheguei disse "eu sou louco. Que diabo eu vim ver aqui sem dinheiro, para passar uma semana num congresso?" Fui ao colégio Marista, bem no centro de Goiânia, e narrei minha história de ex-seminarista. O diretor me deu uma chave de uma suíte, de um irmão que estava de férias, além da garantia de almoço e janta, se chegasse nos horários determinados. Outra vez, quando ia sair de férias, eu e o Francisco José Rodrigues, resolvemos fazer uma aventura, conhecer a serra do Estevão, em Quixadá. Enviamos uma carta às Irmãs alemãs, responsáveis pelo convento. Explicando que éramos ex-seminaristas e assim fomos acolhidos. Chegamos numa segunda feira e quando foi no sábado, o arcebispo Dom Delgado por lá chegou e fomos ajudar a missa. Como o arcebispo soube que estávamos há quase uma semana, mandou nos despachar. São várias as recordações que a Prainha nos traz.

Roberto Caminha Cavalcante

Um novo levita, cuja experiência, na Prainha, demonstrou como o ingresso num Seminário, apesar de algumas peculiaridades comuns,

tinha as suas especificidades. Os chamados pelo Senhor não constituíam um rebanho homogêneo, apesar da maioria ser moldada nas condições circunstanciais de uma sociedade, onde os párocos influenciavam tanto na educação das crianças, quanto os seus pais.

A sua decisão de ingressar na vida eclesiástica foi tomada numa faixa etária mais avançada do que aquelas dos meninos, treinados desde o acolitato para seguir as trilhas do Senhor. Sua decisão em dedicar-se à vida religiosa, resultante de práticas existenciais, foi mais pessoal do que circunstancial, diferente daquela que arrastava a maioria dos futuros seminaristas.

A sua dedicação à tradição da igreja Católica não o abandonou, mesmo depois da sua decisão em deixar o Seminário e constituir família. Ele é um ex-seminarista que assumiu as funções de diácono na Arquidiocese de Teresina, no Piauí.



Meu nome é Roberto Caminha Cavalcante. Nasci em 5 de setembro de 1944. Entrei no Seminário quando já estava terminando o curso ginasial, no quarto ano. Estudava no colégio Marista. Nesse tempo era reitor da Prainha o padre Belchior Neto, que depois foi escolhido como bispo de Luz, em 1969. O padre prefeito de disciplina, do Seminário Menor, era o padre João Pantoja, da congregação da Missão, em 1960. Ocupou essa função antes do padre Geraldino assumir.

Eu era aluno lá do Colégio Cearense, aluno marista, aí então comecei a fazer um trabalho de catequese com os irmãos maristas nos finais de semana, fazendo um trabalho de catequese, no bairro do Mucuripe, aliás, desde a Varjota. Com esse trabalho, a princípio pensei em entrar para a Congregação dos Maristas. Ainda conversamos sobre tal possibilidade, nós recebemos a visita em

casa, na família, dos irmãos encarregados, daqueles que coordenam os vocacionados. Mas, depois, em conversa com o Ribamar Brandão — eram quatro irmãos no Seminário, o Ribamar, o Miguel, o João Batista e o Pedro Paulo, e da nossa mesma paróquia dos Navegantes, no bairro Jacarecanga — ouvi a seguinte sugestão: "mas, por que você em vez de ser irmão marista, por que você não ingressa no Seminário da Prainha?" Acatei a sugestão e ingressei na Prainha, em 1960, após uma entrevista com o padre João Pantoja.

O professor de Latim era o padre Geraldo Jacob, holandês, que foi de opinião que não devia repetir o ano. Assim fui adaptando-me à vida do seminário, que era um regime fechado. O reitor era o padre Belchior Neto e o Seminário Menor estava dividido em Maiores e Menores, por faixa de idade.

Terminei o seminário Menor, acho no final de 1963, no último ano dos lazaristas na direção da Prainha. Lembro-me de que a gente viu uma movimentação diferente, numa determinada manhã, depois da missa, quando íamos para o café da manhã. O nosso refeitório era comum, grande, dividido ao meio. De um lado ficavam os alunos do Maior e no outro os colegas do Menor. Quando saímos do refeitório e chegamos ao salão de recreio, ficamos sabendo que tinha ocorrido uma expulsão.

O refeitório era comum, refeitório grande, dividido ao meio. Ao lado ficava o seminário Maior, do outro lado, o seminário Menor. Quando nós chegamos ao refeitório, para o café da manhã, então os seminaristas do Menor saíram da missa e se concentraram naquele salão de recreio deles. E então, tinha havido uma expulsão. O Gabriel tinha sido expulso, acredito que você já conhece as circunstâncias, as razões, mas eles, os seminaristas do Maior se reuniram e pediram a presença do reitor, que não era mais o padre Vicente Zico, mas sim o padre Sebastião Agatão, para lhes dar uma explicação. O reitor

explicou o motivo pelo qual eles tinham tomado a decisão de expulsar o aluno, que era encarregado das salas de aula, do Maior, aquelas que ficavam de frente para a avenida Monsenhor Tabosa. De acordo com a explicação do reitor, aquele seminarista ficava fazendo atos de exibição dos seus órgãos sexuais, numa pequena abertura de uma das janelas, que dava para avenida Monsenhor Tabosa, e um senhor que morava em frente — me parece que o nome desse senhor era Belarmino — foi conversar com o padre, dizendo o que estava acontecendo e isso motivou a expulsão do seminarista. Já estava se aproximando o final do ano e, então, em função desse ato de indisciplina, de questionamento, considerado até de rebeldia, de acordo com a disciplina desse tempo, as expulsões não eram questionadas, não havia questionamento sobre a decisão de expulsar. Inclusive, nós tivemos atos de expulsão de seminarista em plena capela, não sei se você se recorda. Eu me recordo muito bem, havia um seminarista já terminando o sexto ano, foi expulso de dentro da capela do Seminário Menor. Dali ele já saiu expulso. O padre, depois que os seminaristas se recolhiam, no dormitório, então o prefeito, o padre prefeito ia fazer uma vasculhada, uma vistoria geral, para averiguar o que o pessoal estava lendo, escrevendo ou escondendo. Ele encontrou um caderno com algumas poesias, alguns escritos que, de acordo com a visão tempo e tal, não se compatibilizava com a pessoa vocacionada para o sacerdócio. Então, por conta disso expulsaram o seminarista. Pois bem, havia certa insatisfação continuou e, no final do ano, houve uma grande quantidade de pessoas que foram expulsas. Os questionamentos surgiram sobre o que ocorria, inclusive entre o clero diocesano, com relação à própria natureza da formação. Então, de uma coisa eu me lembro, uma coisa que se comentava muito era: como é que os formadores lazaristas, que não tinham nenhuma experiência

pastoral, poderiam formar o clero diocesano, um clero que iria exatamente atuar no trabalho pastoral? A natureza do trabalho era um trabalho pastoral, trabalho no meio do povo. E então houve a mudança, aconteceu a mudança, os padres lazaristas entregaram a direção do Seminário.

Os questionamentos se fizeram sentir, mais no âmbito do Seminário Maior. Eu ainda estava no Menor e nesse tempo havia aquelas barreiras virtuais, de relacionamento dos seminaristas do Menor com os do Maior, ou mesmo dos Grandes e Pequenos, no Seminário Menor.

Os lazaristas estavam dispostos a entregar a direção, face às dificuldades que começaram a aparecer, para manter a disciplina, manter o modelo de formação deles, pois as condições já eram diferentes. Não acho que o Concílio Vaticano II tenha pesado na decisão dos lazaristas, pois estava apenas na sua fase inicial.

Após a saída dos lazaristas, os padres seculares assumiram a direção, por pouco tempo, pois o Seminário foi fechado. Depois, surgiu aquele Seminário Regional do Nordeste, no Recife, quando Dom Helder Câmara era o arcebispo. E então, foi adotado outro tipo de formação, mais aberta, mais engajada no trabalho pastoral, no trabalho mais voltado às periferias, com o povo mais pobre. Eu acredito, também, na influência da realidade política que o país começou a viver naquela época, efervescência política muito forte. Houve essas questões e depois, já durante o Concílio Vaticano II, começou a surgir a questão de um trabalho, um trabalho muito mais de evangelização, um trabalho muito mais ligado aos problemas cotidianos, uma preocupação maior com a realidade social do povo. Então, externamente, a adaptação do padre, do novo padre à realidade, à realidade do povo, constituía a meta do trabalho pastoral que viria a ser desenvolvido. E, internamente, o

questionamento com relação aos formadores, daquilo que os formadores poderiam transmitir, poderiam dar para os seminaristas, ou seja, o próprio conteúdo ministrado, o conteúdo da Filosofia e da Teologia, também começaram a ser discutidos.

Eu me lembro de que, no nosso estudo de Filosofia, já havia muitos questionamentos, muitas discussões com relação àquela filosofia aristotélica-atomista, e a carência das novas correntes filosóficas. Nessa época, um dos professores da Filosofia era o padre Manfredo Ramos, de Sobral. Então, uma série de elementos assim foi precipitando os acontecimentos, por exemplo: no último ano de seminário eu, inclusive, no último ano de funcionamento do Seminário, no ano de 1966, nós ficamos fora do Seminário numa pequena comunidade, assistindo aula no Seminário, mas morando nessa comunidade.

Os lazaristas saíram em 1963 e os padres seculares ficaram na direção até 1966. Nós fomos para aquela comunidade no início de 1966.

Foi uma experiência. No final de cada ano, nós tínhamos um encontro com Dom Delgado, numa fazenda na Serra da Pacatuba. E lá a gente se reunia, para um encontro de férias, de reflexão, de oração e também de propostas. Eu até tinha alguns escritos sobre isso, mas não sei onde andam. Nesse encontro, havia um grupo de estudo, um grupo de discussão, de reflexão, inclusive um grupo que, vamos dizer assim, se reunia fora do Seminário de vez em quando, em retiro. Então, nós propusemos a Dom José Delgado ficarmos fora do Seminário, morando numa comunidade, na periferia de Fortaleza, mas tínhamos aula no Seminário, só pela manhã. No resto do dia, nós iríamos tentar, cada um, conseguir um trabalho remunerado para poder sustentar a casa, a comunidade. Foi nesse período que consegui um emprego na Continental Peles e Couros Limitada, uma

firma localizada no final daquela ladeira, que começava em frente à igreja da Prainha. Dom Delgado recebeu com boa vontade, até entusiasmado, tal ideia. Então, nós fomos, ficamos numa casa fora do Seminário. Foi indicado um padre para morar conosco, o padre Miguel Brandão, o superior, ou melhor, o coordenador da comunidade. Fomos para essa casa o José Amélio, o Raimundo Gessildo, o José Carlos Sabóia e eu. Depois chegou um italiano para morar conosco, o Eugênio Gandini, foi morar conosco e, acredito que só, além do padre Miguel. Acho que essa experiência foi só nossa. O fechamento dessa comunidade coincidiu com o fechamento do Seminário.

O fechamento do Seminário foi uma decisão tomada numa reunião dos bispos, da Província Eclesiástica do Ceará, formada pelas dioceses de Crato, Limoeiro, Sobral, Iguatu e Fortaleza. Parece-me que o Seminário passou dez anos fechado. Não foi um caso isolado que determinou o seu fechamento, mas uma série de fatores, que foram, simultaneamente, provocando aquela situação.

Como falei, havia, por parte dos padres diocesanos, uma pressão, para tirar os lazaristas. Afastar os lazaristas. Então, o comentário era esse: como é que padres formadores, que não têm experiência pastoral, não têm visão pastoral, podem formar, podem ter, sei lá, experiência, conteúdo pra formar padres diocesanos, que vão se engajar, vão atuar na área pastoral. Então havia essa pressão, expressa em comentários frequentes, da parte do clero diocesano, além dos problemas também enfrentados por eles mesmos, pelos próprios padres.

O reitor era o padre Sebastião Agatão, quando a crise começou, mas o movimento não deve ser explicado apenas em razão daquele movimento de protesto, liderado pelo seminarista Diogo, do Piauí. Não estou lembrando de outros nomes, mas existia um grupo, um

grupo que pensava, um grupo pensante e formador de opinião, era um grupo escutado, um grupo muito atuante, um grupo assim muito procurado para refletir e dar opinião, sobre muita coisa que acontecia naquela época, naquele ambiente, dentro daquela casa. Havia um rapaz, do Rio Grande do Norte, que também participava desse grupo. Era ainda durante a época dos lazaristas. Depois eu me lembro do nome dele, acho que era Antonio. Havia outro também, aqui do Piauí, o padre Carvalho. Na realidade, era um grupo, que há bastante tempo já vinha fermentando esses questionamentos, interpelações e tal, tanto nas aulas, quanto nas próprias decisões.

Com relação às aulas, era no nosso caso era ainda aquela filosofia, a filosofia Escolástica. E então, o que se pensava: que esse tipo de pensamento filosófico já não, vamos dizer assim, não se adaptava, para se pensar a realidade. Surgiu uma onda muito grande, no mundo inteiro, em Fortaleza também, inclusive grupos se reuniam para pensar, para discutir, reunindo padres e leigos. Era a febre do padre Teilhard de Chardin. Devia-se valorizar a importância de se partir da realidade social. A Filosofia ensinada partia de cima, dos conceitos, da metafísica, pra descer à realidade. O padre Chardin valorizava exatamente se partir da realidade, como ele dizia: "Antes de tudo, nós somos filhos da terra, filhos desta terra, filhos deste mundo". Então, as realidades do mundo, os problemas, os fenômenos deviam ser considerados, pois a partir deles partia-se para uma reflexão e uma atuação. O Chardin é anterior ao Vaticano II, que o resgatou um pouco, porque antes do Vaticano II as obras dele eram proibidas. Esse jesuíta teve uma influência no pensamento filosófico, nos debates, nas discussões. Então, na nossa turma, no nosso curso de Filosofia, já não se ficou mais apenas naqueles tratados da metafísica, naqueles diversos tratados, aqueles manuais em latim, mas se partia para algo mais concreto. Fechou o sistema

de internato, mas as aulas de Filosofia continuavam. O Seminário fechou, mas a formação dos que persistiam continuou.

Dentro desse pensamento atualizado do Chardin, havia seguidores, como o padre Arquimedes Bruno, o padre Luciano Castelo, que era lazarista, mas lazarista com outra cabeça. Nós tivemos como professor outro padre, um jesuíta, acho que ele era pernambucano, dava aula, passou por aqui, pelo Piauí e depois foi embora. Tivemos um outro também, de Filosofia, de história da Filosofia, que foi o professor Paulo Petrola, que era leigo, mas tinha feito na França o curso de Filosofia. Com um grupo de professores com um pensamento questionador, brotava um contexto de efervescência. Dom Delgado foi um arcebispo muito discutido, assim muito criticado. As pessoas achavam que ele era muito individualista, inclusive alguns erroneamente atribuíram a saída dos lazaristas a ele, mas para mim ficou um perfil de um pastor, de um grande coração. Um homem profundamente humano, com um jeito, assim, aparentemente, um jeito grosseiro, um homem do interior da Paraíba. Era? Pois é. Era um tipo assim meio grosseirão, meio matutão, mas de um coração muito grande, muito generoso e também de uma visão muito atual para época dele. Muito refletia a noção do Concílio Vaticano II, com a sua atuação pastoral, preocupação com a promoção humana, com a questão da educação. Então, pra mim, me ficou essa imagem dum grande pastor e também de um homem profundamente preocupado com a promoção humana, com o desenvolvimento das pessoas e na questão da formação, da formação dos novos padres também. Eu digo isso pelo entusiasmo, pela facilidade com que ele acolheu, por exemplo, a nossa ideia, da comunidade inserida no meio pobre, e trabalhando pra sustentar a casa.

Permaneci no Seminário até quando ele fechou as suas portas em 1966. Eu esperava continuar, inclusive, depois que eu saí do Seminário eu passei o ano seguinte frequentando, quase que

diariamente, o palácio, a residência de Dom Delgado. Então, quase todo dia tinha contato com ele, conversava com ele e passei um ano nesse discernimento, nessa busca de uma decisão. E com o fechamento do Seminário, e aí sim, com a circunstância pós-Vaticano II, aconteceu uma grande debandada de padres, que deixaram o ministério. Aí então eu decidi seguir outro caminho.

Quando eu deixei o seminário, o que me desanimou foi aquela realidade, demonstrada pela saída de muitos. padres que deixaram o ministério, depois a incerteza, a indefinição com relação onde continuar, para onde ir. Teria que deixar o estado, sair do estado, ir para Pernambuco, ou então pra ir pra outro estado mais distante. Então, diante dessas indefinições, desse cenário de muita confusão, eu decidi fazer, no ano seguinte, em 1967, eu fiz o vestibular para o curso de Economia na Universidade Federal do Ceará. Da minha turma só o Francisco José Ramos se ordenou. Hoje ele trabalha na Arquidiocese de Olinda, no Recife. Fiz o curso de Economia, vim para Teresina e, com o tempo, comecei a atuar no trabalho pastoral, numa paróquia e em 1993 fui ordenado diácono, diácono permanente. Em 1993 eu me ordenei. O compromisso é de ajudar na paróquia, onde eu resido e no trabalho a que o bispo me designar, na diocese. Então, eu sou vigário paroquial aqui em Fátima, na paróquia de Fátima, e sou ecônomo da arquidiocese de Teresina. Depois, fui vice-presidente da Ação Social Arquidiocesana, ASA, saí agora, mas permaneço como coordenador. E também estou na direção da Escola Diaconal daqui da arquidiocese, para a formação de novos diáconos permanentes. Então são esses os trabalhos que eu desenvolvo, para formação de novos diáconos permanentes. Nós temos o seminário de Teologia, temos o seminário de Filosofia, e temos uma comunidade que funciona com vocacionados. Existe um

trabalho externo, depois os candidatos selecionados neste trabalho externo, eles entram numa comunidade, e passam durante um ano nessa comunidade recebendo orientação, estudos complementares, no fim do ano eles fazem um teste classificatório, e os que passam vão para o curso de Filosofia. O sistema é bem diferente daquele da Prainha. A experiência avançou um pouco, mas ainda não responde às exigências do trabalho, dessa realidade, do próprio acompanhamento dos alunos, dos candidatos durante o tempo de formação. Então, ainda é aquele modelo da casa grande, com uma grande quantidade de seminaristas, naquele modelo de internato. É exatamente um modelo da congregação para o clero, que vai ser dirigido agora por Dom Cláudio Humes.

Como legado da Prainha, considerei como muito importante, muito significativo para mim, e hoje, ainda hoje, me orienta no meu estudo, na minha formação permanente, foi o regime de estudo. O regime de estudo que nós tivemos lá, os professores, tive muitos professores bons, competentes, seguros. A disciplina do estudo, quando você se sentava para estudar, dedicava-se a uma concentração. Nós tínhamos o dia todo. Então alternando uma aula e um tempo no salão de estudo. Então isso aí pra mim foi muito positivo, depois foi importante para mim também, por exemplo, para o ministério diaconal que eu exerço hoje. Então, aquele tempo ali de formação, de estudo, e de orientação também hoje me ajuda. Muitos padres, que deixaram o celibato, decerto permanecem noutras atividades, houve uma tentativa de colocar alguns deles como professores de seminários, mas também depois houve uma intervenção. É o caso do Lauro Mota, por exemplo. O Brandão, o mais velho dos irmãos, ensina alguma disciplina por lá. Acho que é Introdução à Economia. A participação desses ex-celibatários parece ter sido uma decisão de Dom Aloísio Lorscheider, que abriu um pouco, o que em geral não foi tão comum na Igreja Católica.

Brandão Velho também ainda ensina alguma disciplina lá. Acho que Introdução à Economia, alguma coisa assim que ele dá. Mas, parece que ali foi uma exigência mais de D. Aloísio, que abriu mais um pouco. Foram pessoas que trabalharam por muitos e muitos anos, acumularam conhecimentos, acumularam experiência, e muitos deles, talvez a maioria deles, às custas da igreja. Então acho que seria uma forma de compensar, se lhes fosse dado um espaço de trabalho. Seria uma forma de retribuírem tudo o que receberam, toda aquela formação, mas é uma experiência ainda não tão aceita.

Ainda sobre a saída dos lazaristas, acho que a saída deles foi principalmente o esgotamento do modelo de formação, ante as demandas e as cobranças de novas formas, de outras orientações, outros modelos de formação. Os fatos acontecidos forma sintomas da crise ou elementos que a precipitaram. Não a causa principal, porque até, depois disso, nós tivemos o fechamento de muitas escolas apostólicas das mesmas congregações religiosas. Então os lazaristas tinham a Escola Apostólica São Vicente de Paula, lá mesmo em Fortaleza, uma escola de formação dos lazaristas, localizada no bairro Antônio Bezerra. Os jesuítas tinham uma Escola Apostólica, em Baturité, também fechada. As próprias congregações, e no caso dos lazaristas, que eram os formadores do clero diocesano, eles também entraram em dificuldade, em crise. Por quê? Porque as congregações religiosas não viviam mais o seu carisma, por exemplo, o dos lazaristas era a formação do clero. Então, o que aconteceu com eles: aqueles mais antigos, principalmente os holandeses, estrangeiros, foram se acabando, foram diminuindo, depois os mais novos, os brasileiros. Já não estavam mais tão preocupados com o carisma fundador deles, ou não se adequavam às novas opções, como a inserção deles no trabalho junto ao povo. E nessa época

começou a se evidenciar muito, a se valorizar muito, o trabalho social.

Aí entra o Vaticano II, começa a Teologia da Libertação, nesse contexto. Os próprios formadores, os próprios religiosos, as congregações religiosas hoje, na maior parte elas estão inseridas no meio pastoral, no meio popular. E assim entra outro problema hoje, principalmente para os religiosos da igreja, é a questão da atualidade dos carismas dessas congregações, o esvaziamento dessas congregações religiosas. Talvez até o desaparecimento de algumas delas, não é? Por quê? Porque, vamos dizer assim, a atualidade do carisma foi perdida, não se procura atualizar o carisma fundador dessas congregações, dessas ordens religiosas. Então, eu acredito que, naturalmente, aqueles fatos que aconteceram, as efervescências, aquelas questões todas, naturalmente contribuíram para mudança. Mas, a mudança é muito mais profunda do que aquelas situações, do que aqueles fatos que a gente viveu, que presenciou.

Após o declínio do modelo da Prainha, parece que a igreja ainda não reencontrou um novo modelo. Acho que a própria pastoral da igreja é um terreno pouco arriscado a gente entrar, porque, de fato, há conflitos dentro dela, mas me parece que aquele modelo sólido, único, unificado, o modelo tridentino já não existe, e ainda não foi reencontrado outro.

Na busca de um novo porto, o Concílio Vaticano II restaurou a ordem do diaconato, que é a primeira ordem, do sacramento da ordem, o diaconato, abrindo a possibilidade da ordenação de homens casados. E então, a partir daí, as diversas dioceses do Brasil e do mundo foram ordenando homens casados. Naturalmente preenchidos aqueles critérios que são estabelecidos pela congregação do Clero e também pelas diretrizes da CNBB e de cada diocese. A partir do Concílio Ecumênico, no final da década de 1960,

iniciaram-se as primeiras ordenações. Em Fortaleza no ano passado foram ordenados oito diáconos permanentes.

Há muito a Arquidiocese de Fortaleza vinha pensando nessa possibilidade, discernindo e tal, mas só agora, no ano passado, 2005, ordenou os primeiros diáconos. Aqui a arquidiocese de Teresina restaurou o diaconato. Nós tivemos antes de mim uma outra ordenação também, a primeira ordenação, depois eu fui ordenado em 1993, mas só a partir de 2001 é que, através de um decreto do então arcebispo Dom Miguel Câmara, o diaconato permanente foi restaurado e foi criada a Escola Diaconal da Arquidiocese de Teresina para formação dos diáconos. Atualmente, nós temos na arquidiocese de Teresina nove diáconos permanentes e dez candidatos que já concluíram o curso e estão esperando o chamamento do bispo para ordenação.

Há mais duas turmas, uma turma com dezoito candidatos e outra turma com vinte candidatos em processo de formação, ao diaconato permanente. Essas são pessoas que já têm um certo tempo de casados e têm atuação profissional normal, que são indicados pelas comunidades, pelo próprio padre da paróquia pra fazer o curso. No Brasil nós já temos aí cerca de 50% das dioceses do Brasil que já restauraram o diaconato permanente.

Professor Paulo Cartaxo Andriola

A sua convocação, pelo bispo, Dom Zacarias Rolim de Moura, para auxiliá-lo na pastoral diocesana demonstra o potencial doutrinário e espiritual do novo sacerdote, da longínqua diocese de Cajazeiras, na Paraíba. O seu depoimento tem um significado extraordinário não apenas por sua capacidade de análise, mas por expressar uma oportunidade de confrontar, mais uma vez, dois modelos de

formação eclesiástica: o Seminário de Olinda, na trilha da pastoral de Dom Helder Câmara, e o Seminário da Prainha, de costas para o futuro, no modelo tridentino, perpetuado pelos padres lazaristas.



Nasci em 19 de setembro de 1938, em Cajazeiras, Paraíba. Cursei Seminário Menor em João Pessoa, pois naquele tempo não havia Seminário em Cajazeiras. Vim a mando de Dom Luiz Mousinho, que era bispo de Cajazeiras, em 05 de fevereiro de 1953. O que me levou ao Seminário foi mais uma influência familiar, sobretudo da minha tia, viúva, que era muito religiosa e morava vizinho lá em casa. Acredito que foi ela quem cultivou essa vocação, influenciou bastante. Claro que apoiado também por mamãe, que gostou muito e me incentivou, mas como era ela uma pessoa reservada, a influência da minha tia foi maior. Meu irmão resolveu primeiro ir ao Seminário. Quando ele foi me deu uma vontade de também ir. Com ele aqui em João Pessoa, vim, achei muito bom o Seminário, gostei muito. Naquele tempo, de quase adolescente, com treze anos de idade, eu me empolgava, não fazia nenhuma restrição ao regime de internato. Mesmo não sendo bom jogador, gostava do futebol, gostava de brincar e da convivência com os padres. Lembro-me de Dom Luiz Fernandes, do padre Marcos Trindade, que ainda hoje o ajudo no UNIPÊ, do padre Fernando Abath e de outros mais que nos incentivaram a gostar dali e cheguei até o fim.

Fui para o Seminário da Prainha, para cursar o primeiro ano de Teologia, em 1963, mas o segundo e o terceiro ano, de filosofia, cursei no Seminário regional de Olinda e Recife, quando eu era um pouco mais maduro. A diferença sentida foi marcante. Já havia me

acostumado a um Seminário aberto, desde o Menor, pois tínhamos uma formação aberta, dando-nos o mais possível de responsabilidade sobre os nossos atos e víamos também os padres nos acompanhar, assim num clima de muita persuasão e motivação para o sacerdócio, sobretudo para ser um homem cristão. No Seminário já insistiam nisso e no Maior, justamente com a vinda de Dom Marcelo que, como primeiro reitor, padre Arnaldo Cabral, além dos padres Zifirino Rocha, Almeri e Sena, todos muito preparados, filosófica e teologicamente, numa formação muito humana e cristã.

Todos eram padres seculares, que nos levavam cada vez mais a ter responsabilidade, primeiramente ser um homem cristão, depois pensar no sacerdócio. E ao mesmo tempo nos imbuíam de muitas espiritualidade, até com canto gregoriano, com meditações, com reflexões, com palestras, palestras até com Daniel Lima, escritor e grande padre, lá no Recife.

Em 1963 fui cursar o segundo ano de Filosofia, na Prainha e realmente, aí eu lhe digo, me chocou a maneira como via que os lazaristas tinham a maior boa vontade possível, eram impregnados no espírito de formar seminaristas, mas inteiramente ultrapassados. Eu senti isso, como se estivesse num colégio grandão de internato, senti isso. Inclusive eu fiz uma carta, que escrevi para o meu ex-reitor, que naquele tempo ainda era o padre, aqui em João Pessoa, Dom Luiz Fernandes. Fiz a carta, mostrando essa diferença fundamental entre o seminário que eu tive em João Pessoa e em Olinda e o seminário o que estava tendo em Fortaleza.

Os colegas cearenses eu achava interessantes, pois eram pessoas muito abertas, muito descontraídas, bem diferentes, por exemplo, dos pernambucanos, que eram um pouco mais fechados. Lá eu achava muita graça, inclusive achava interessante a maneira de ser

deles. Eles também não admiravam muito a formação ministrada pelos lazaristas. Eu admirava o que podia perceber nas conversas, nas maneiras como eles criticavam, mas a formação da Prainha não era o que se esperava. Conversava muito com colegas mais próximos, como o Diogo, do Piauí, que era colega de turma, o Dionísio, o Célio, de Limoeiro. Conversávamos muito e, naquela época, já sabíamos ver os pontos fracos dos lazaristas e inclusive isso, eles não eram mais para formar padres do tempo em que vivíamos.

Um dos pontos fracos dos lazaristas, era a falta de conversa pessoal com os alunos, com os seminaristas. Faltava também um diálogo comunitário, que nós, vindos de fora, estávamos acostumados a fazer. Quando um padre ia fazer uma palestra, a gente perguntava, a gente sugeria. Os padres superiores aqui pediam mesmo que a gente sugerisse como fazer um seminário, qual o regulamento que a gente gostaria de ter, tal e tal. Então me lembrei que aqui, no seminário, havia os departamentos de cultura, de espiritualidade, de esporte, organizados em equipes, eleitas por nós mesmo, para que a gente pudesse movimentar aspectos importantes da vida do Seminário, vida cultural, vida artística, vida espiritual e vida de esportes.

Com a saída dos lazaristas, em 1963, contando com o trabalho dos padres seculares, como os padres Gotardo e Luís Moreira, foi quando o seminário começou a se abrir. Mas antes era isso. Era o tipo mesmo que eu posso traduzir como um colégio de internato, internato de um colégio leigo. O regime disciplinar não era tão fechado, mas tinha a desejar. A gente percebia que os colegas queriam era escapulir, sair nas quartas feiras, quando não havia aulas. Em Olinda não era assim. Na diferença se fazia sentir até no estudo. Havia poucos com vontade de estudar, com afinco. A vida espiritual também ficava a desejar, não havia profundidade. Havia muitos, com os quais convivi que estavam ali para se ordenar, como

o Matias, o Dott, o Frotinha, Miguel Brandão e outros mais, mas não era o forte do seminário esse elã pelo sacerdócio, era um colégio. Esse foi o termo que usei, quando fiz a primeira carta ao antigo reitor, dizendo que achava parecido com um internato leigo, de rapazes.

Deixei o Seminário do Olinda porque Dom Zacarias queria nele colocar um seminarista, que estava para se ordenar. Era um americano, que não queria ir para Fortaleza, porque o Seminário era dirigido por religiosos, os lazaristas. Então Dom Zacarias resolveu fazer a permuta comigo.

Sobre a saída dos lazaristas da Prainha, eu acredito que eles sentiam, na minha maneira de pensar, que estava passando a hora deles atuarem na formação de seminaristas. Pelo que pude perceber, não queriam entregar os pontos, quando aconteceu aquele fato com nosso colega... Eles já estavam sentindo que a vez deles estava passando, eu digo isso ás vezes, baseado até numa conversa que tive com o padre Marçal, um lazarista realmente aberto, que me parecia um homem muito preparado, ideologicamente, filosoficamente. E eu me tornei uma pessoa em que ele confiava e uma vez me disse: "Isto aqui é algo falido". Isso antes de acontecer aquele fato como colega... E quando aconteceu, houve aquele movimento quase que coletivo, no Seminário Maior. Eu acompanhei de perto o caso, pois o colega expulso era da nossa diocese, de Cajazeiras, Paraíba. Então, nós, do grupo de Cajazeiras, nos reunimos muito, porque achávamos impossível aquele fato ter acontecido com... e fomos de encontro porque ele ficou inteiramente isolado, como punição imposta pelos padres lazaristas, que o isolaram para não obter comunicação nenhuma, então nos gostaríamos de ter a versão dele. Os padres nos concederam uma oportunidade. Ele conversou conosco e dizia que estava isento daquele problema, que muito chocou os lazaristas, chocou demais, tanto que eu acho que eles foram um pouco precipitados, pois

começaram a expulsar seminaristas, em que os bispos deles tinham grande confiança. Vou citar um da nossa diocese, de Cajazeiras, o Solon, que era uma pessoa que a gente tinha como padre. Isso ocorreu próximo às férias e quando nós voltamos das férias, em janeiro ou fevereiro, D. Zacarias me chamou, perguntando o que aconteceu e afirmando: "não é possível, com o Solon?"

Solon era defensor de Gabriel, que na verdade tinha culpa, mas os lazaristas erraram, quando se precipitara e foram expulsando pessoas, que tinham tudo para se ordenar. No total foram bem uns vinte. Eu me lembro bem que fui um dos ouvidos pelo padre Agatão, que me chamou e perguntou: "você sabe informar, quase os colegas estão à frente desse movimento?" Eu disse: é mais fácil dizer quem não está à frente, porque são menos. Então ele disse: "e quais são?" Respondi: "O Senhor vai me desculpar, mas não vou denunciar ninguém, quero dizer que a maioria está à frente do movimento.." O certo é que ali foi o ponto final. Acredito que Dom Delgado tenha ouvido, mas na minha impressão eles deixaram porque não quiseram continuar e Dom Delgado aproveitou a boa vontade deles em renunciar e acatou.

Sobre o movimento anterior à saída dos lazaristas, liderado pelo José Olavo, Dom Antonio era religioso e estava ligado aos lazaristas, que também eram religiosos. Após a saída dos lazaristas, um houve um choque com os padres seculares, liderado pelo Diogo, mas eu já havia saído, pois o bispo me chamara, antes de terminar o curso, para ficar no Seminário de Cajazeiras, mas isso foi em 1966. Esse movimento foi na festa do centenário do seminário, em 1964. O Diogo fora o escolhido para falar sobre o que era o Seminário, ontem e hoje. Então o Diogo, preparado e inteligente, aproveitou e fez a seguinte abordagem: o seminário, antes do Vaticano II e o que o Concilio queria do Seminário da Prainha. Fez uma exposição de

maneira muito objetiva sobre o Seminário, antes do Vaticano II, no modelo tridentino e o Seminário da Prainha, como pedia o Vaticano II, o que chocou muita gente. A crítica era exatamente porque deveria ter uma abertura maior. E exigia mudanças, como a melhoria na biblioteca. Segundo fui informado, os padres se reuniram para fazer uma avaliação do discurso, naquele pátio, que lotou inclusive com a presença de bispos, padres, familiares, gente de peso. Fizeram uma reunião e foram taxativos, achando que o Diogo devia ser afastado. Padre Paulo Ponte foi quem disse "não, ele não disse mentiras. Ele disse a verdade e apontou para um futuro". Assim eu soube. Com a defesa do padre Paulo Ponte, Diogo permaneceu no Seminário. É bom você tirar isso a limpo, porque eu não estava mais lá. Foi logo que regressei a Cajazeiras.

Havia uma falta de atualização das normas do Seminário e não só normas, inclusive também nas diretrizes acadêmicas, o Seminário parou, como também eu digo, a igreja, como instituição, no tempo e no espaço, achando que aquelas normas tridentinas eram definitivas e jamais passavam e nós vimos o Seminário irrequieto, atrás de uma renovação, um tipo de renovação que João XXIII pedia, o "aggiornamento", um rejuvenescimento da igreja. E eu acredito que uma das instituições da igreja, que mais viveu tal experiência, foram os seminários, uns mais outros menos e acredito que nossos seminários, aqui de Olinda, de João Pessoa, de Fortaleza, outros ainda ficaram, mas nós fomos os mais irrequietos.

Já se pensava num avanço de normas, como uma necessidade de rejuvenescimento, de atualização, que começou a se manifestar, isso tudo graças às ideias do Concílio Vaticano II, que começavam a repercutir entre nós. Em 1962, 1963, em Olinda e no Recife, essas ideias começavam a efervescer. Nós em João Pessoa, já começávamos a pensar em termos do Concílio Vaticano II. Agora,

em Fortaleza, não, talvez depois. Por isso eu digo. Quando a gente estava ainda no segundo ano de filosofia, a gente já começou a fazer movimentos ecumênicos, no sentido de integração das comunidades religiosas. Por exemplo, nós fazíamos confraternizações como os maristas, os salesianos, isso nós, seminaristas, claro que com permissão e todo apoio de nossos superiores, mas a gente já tomava a iniciativa, à frente desses encontros, à luz do Vaticano II.

Em Pernambuco, nós iniciamos uma experiência de morar em comunidades. Eu fui um dos pioneiros nessa iniciativa, com a participação de colegas, como o Arakem, que era de Pernambuco, o Salgado, da Paraíba. O reitor permitiu que a gente fosse ao Pina, que era um bairro considerado perigoso, cheio de prostituição e ele permitiu que a gente fosse fazer pastoral no fim de semana. Não chegamos a morar lá, porque ainda era o começo da experiência pastoral, fazíamos primeiro uma adaptação, uma espécie de conhecimento da área, mas depois os colegas passaram morar, em alguns bairros pobres do Recife.

Sobre a Prainha, com a entrada dos padres seculares, diocesanos, então a coisa começou a ser diferente, um novo espírito, um novo ar entrou, já havia seminaristas mais animados, alegres, menos abafados.

A minha experiência, junto ao povo, começou cedo, pois Dom Zacarias, nas férias, levava muito os seminaristas consigo, e eu tive esse privilégio de acompanhá-lo muitas vezes, para visitas pastorais e aquela experiência era uma integração completa, eu me senti bem, bem mesmo, por estar integrado. Participava das explicações da missa, naquele tempo havia explicação de missa, porque a missa ainda era celebrada em latim. Dom Zacarias gostava do que eu fazia e, no terceiro ano de Teologia, ele me levou para o seminário de Cajazeiras, para eu ajudar o padre Mangueira, que era reitor. Eu

ficava fazendo as vezes, não de vice-reitor, mas de um colaborador muito próximo da reitoria. Dom Zacarias depois me colocou como seu secretário, logo que me ordenei fui nomeado coordenador da campanha do Bem Estar Humano e Social, da diocese de Cajazeiras, quando eu tinha que percorrer com um médico e algumas religiosas e uma assistente social, toda a diocese, fazendo palestra. O médico atendia os clientes, distribuindo medicamentos. Isso fez como que eu me sentisse bem, logo após minha ordenação. Mas senti realmente faltando terra nos pés, foi quando então, pessoalmente, pedi a Dom Zacarias para assumir uma paróquia. Ele me confiou uma paróquia muito boa, Uiraúna. Foi então que comecei a sentir que a gente, padre, fica deslocado do meio social, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, praticamente eu não tinha o que fazer, dentro de uma casa grande. Foi quando então me pediram para dar umas aulas, num colégio, que não era nem estadual. Isso me proporcionou um pouco de entretenimento. Depois D. Zacarias permitiu que o padre Zélio fosse me ajudar. Ele era um pouco mais velho do que eu, mas nós nos entendíamos muito bem. Foi quando desse isolamento ficou menos ruim, menos traumático, mas também foi quando eu entrei em crise, senti o isolamento no meio do povo, a minha crise começou exatamente numa paróquia pequena, isolada, quando me senti só.

Essa crise, que atingiu vários padres, foi enfrentada pela igreja, que permitiu a saída de muitos deles da vida sacerdotal, acabando com a ideia de apostasia, porque antes do Vaticano II não era permitido abandonar o sacerdócio. Antes mesmo do término do Concílio, aquele que se sentisse com necessidade de deixar o sacerdócio, podia pedir licença e o Vaticano estaria disposto a dar ou não, mas a gente sentia que geralmente era concedida a dispensa, embora tardasse um pouco a vir, como se esperasse que algum padre se arrependesse, antes que chegasse o documento definitivo e

ele pudesse voltar. A princípio tardava bastante, mas com Paulo VI a situação tornou-se mais acessível, a demora durava no máximo um ano. Essa concessão constituiu uma abertura, sem criar problema, nem quebrar sua fé com a hierarquia, pois ele podia continuar como cristão, assistindo missa. Isso foi o que facilitou, antes a punição era tremenda. Acho que nem noventa por cento dos que deixaram perderam a fé, pelo contrário, continuaram fiéis à fé e até apostólicos. Aquela imposição do indivíduo ficar apóstata, quando deixasse o sacerdócio, fazia com que muitos permanecessem como padres, embora insatisfeitos e frustrados.

Deixei o sacerdócio levado por essa vontade de me integrar no mundo, mas também com a intenção de constituir um lar, sobretudo pensando em ter uma esposa, que pudesse ter o mesmo nível intelectual, o mesmo nível de espiritualidade, de fé, eu pensava assim e assim graças Deus estou bem.

Aqui em João Pessoa nós tivemos muita sorte, privilégio mesmo, de ter D. José Maria Pires, que nos acatou, nos deu tarefas, nos chamava para ajudá-lo. Era uma integração perfeita, entre ele e os padres casados. D. Marcelo continuou dando apoio, mas um pouco menos, porque o seu estilo era outro. D. José quase todo mês nos mandava uma cartinha, para que a gente pudesse nos reunir, inclusive planejar coisas para fazer na arquidiocese. D. Marcelo nos dava apoio, mas não tão intenso.

Os seminários continuam com menos vocacionados, agora o que mais me impressiona é o fechamento, eles voltaram a ser fechados quase como antes do Concílio Vaticano II. Infelizmente, já ouvi falar de seminários, onde estão usando batinas. Olinda, onde estudei, onde começou a abertura dos seminários, eu estive lá há uns dois anos passados e vi seminaristas de batina, com faixa e tudo. O que mais se sente é uma mediocridade nos estudos. A dedicação dos

seminaristas dos cursos de Filosofia e Teologia. Terem de se dedicar, nos finais de semana, às paróquias, é um ponto que devia ser repensado, porque leva o individuo a uma vida muito ativa, com prejuízo do seus estudos. Então, eu percebo hoje, nas pregações dos padres, um despreparo, despreparo bíblico, de exegese, teológico e filosófico. Há gente que sabe se comunicar, padre Marcelo Rossi está aí, mas infelizmente com pouca consistência de conteúdo, filosófico, teológico e bíblico. Isso a gente sente, eu digo até aos leigos, os padres daqui têm um bom movimento, chamado ecumenato. Como textos preparados pelo professor Francisco Pereira Nóbrega, que fez Filosofia em Roma, um homem muito preparado, inteligente, embasado filosófica e teologicamente. Ele prepara textos de Teologia, de cristologia, de mariologia, de eclesiologia e a gente está fazendo essa atividade, chamada catecumenato. A cristologia corresponde a Jesus, homem e Deus. São oito textos, discutidos em reuniões semanais, onde um tenta explicar um pouco a teologia e outro faz a parte da leitura, que é uma leitura comunitária, com debates dirigidos e com leituras bíblicas dirigidas. Uma experiência interessante, cujo objetivo é evangelizar. E aí estão os ex-padres, padre Francisco Pereira, o padre Everaldo, padre Loureiro, eu estou também, nesse grupo, que está fazendo um bem imenso aos leigos. Há uns oitenta leigos engajados nesse movimento. O primeiro seria sobre Jesus Cristo, judeu, onde mostra Jesus inserido na cultura judaica, com as normas judaicas e o terceiro, Jesus Cristo Redentor e o quarto, eclesiologia, que é a igreja.

A gente pede apoio aos padres e às vezes o recebe. Os bispos daqui e o de Campina Grande têm dado um grande apoio a esse movimento, que já foi passado até para Penedo, em Alagoas. Nesses movimentos, alguns de seus membros têm vontade de voltar. Nós não temos muito a vontade de voltar para celebrar, nós queremos é

evangelizar. Esse catecumenato, que nos envolve, às vezes quase três dias por semana, é um trabalho em que estamos envolvidos e empenhados, para quem já foi batizado e não sabe muito bem o que é o cristianismo, não sabe o que é a igreja.

Memórias coletivas, memórias individuais

Representação do imaginário sacralizado e os contrastes redimidos

O conteúdo de cada uma das entrevistas realizadas tem um significado especial, pois revela a ênfase de cada narrador, no relato do seu cotidiano, associado às práticas coletivas, típicas de uma instituição educacional que abrigava diferentes personagens históricos, seja considerando a sua origem social e a maneira de ser e de agir de cada um deles. Nessa dimensão, as memórias coletivas não apagam o fulgor das memórias individuais, que não se estruturam sem esse enlace entre o individual e o coletivo.

Nessa perspectiva, o ideal seria apresentar na íntegra cada uma das 51 entrevistas realizadas, não para deixá-las falar sozinhas, pois a análise das mesmas torna mais revelador o sentido de seu conteúdo. Refiro-me à riqueza de informações nelas contidas, que nos remetem aos mais diferentes temas, que compunham o caudal de práticas cotidianas, relativas aos mais diversos usos e costumes, além dos imprevistos observados nas experiências narradas. Se não apresentamos uma revelação integral do conteúdo dos depoimentos coletados, pelos menos as fitas e ou CDs, permanecerão à disposição

dos interessados, como fontes, à espera de novas considerações.

Lendo com atenção cada uma das entrevistas, elencamos os tópicos mais abordados, ao longo dos depoimentos prestados e, com base neles, procuramos destacar os temas mais destacados, ao longo dos depoimentos. Mesmo que as diferentes informações, relativas às normas e condutas do sistema de internato, no Seminário da Prainha, se apresentem ao longo do conteúdo narrado, há determinados temas que se destacam das demais experiências relatadas.

Assim, o tópico central dos depoimentos coletados foi o enfoque da Prainha, como instituição modelo de ensino e formação, melhor compreendida através do confronto entre as normas enunciadas e as práticas vivenciadas. Ao longo das narrativas apresentadas, observa-se o que denominei a sobreposição do sagrado ao humano, no inconsciente coletivo, ou seja, as vantagens do ensino, ali ministrado, falavam mais alto do que as limitações impostas no rigor disciplinar do "vigiar e punir", característico das instituições educacionais religiosas, mesmo considerando o reconhecimento de algumas limitações de ensino, indicadas por alguns dos depoentes.[60]

Se analisarmos com atenção o conteúdo dos depoimentos prestados, pelos entrevistados, sejam ex-seminaristas ou sacerdotes, o ponto comum facilmente perceptível nas diferentes informações colhidas se revela no reconhecimento dos valores e méritos, transmitidos através da vida de internato, sempre regulada pelas rígidas normas de conduta e convívio social. Metaforicamente, é

60. Os comentários iniciais sobre os contrastes entre o rigor disciplinar e a vantagem da educação no Seminário encontram-se em JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A Memória social: a sobreposição do sagrado ao humano. O caso do Seminário da Prainha em Fortaleza in CAVALCANTE, 2008, p. 476-497.

como se a correnteza turbulenta e as fortes ondulações, presentes no correr das águas do grande rio existencial, ao invés de se chocarem no encontro com as águas do mar, elas se acalmassem placidamente, deixando uma mensagem tranquila que a todos inebriava, como que amainando a força do senso crítico presente em todo ser humano. Mesmo aqueles que ao longo das entrevistas prestadas, espontaneamente demonstraram um nítido poder de análise, indicando pontos falhos no sistema de educação ali implantado, não fogem à regra geral, pois também reconhecem o significado do papel positivo deixado pelo Seminário da Prainha no processo de educação da juventude que ali foi moldada.

Para o monsenhor Camurça,

> Antigamente era raro um estado que tinha uma Universidade, uma Faculdade. O Seminário era o ponto mais alto em estudos, tanto que os ex-seminaristas se empenharam, porque nem todos se ordenavam, a maior parte saía. Eles iam fazer concurso, concursos para o Banco do Brasil, concurso para o magistério, sempre tiravam os primeiros lugares, os grande professores foram ex-seminaristas. Eram bons professores, como a gente estudava antes de cada aula, aprendeu a estudar, então a gente tinha uma base. O padre naquela época era líder intelectual, em toda parte, era raro um que vinha de fora, formado. Aqui não havia faculdade. Os padres eram que tinham o maior grau de conhecimento. Só depois das universidades, eles cresceram mais, nivelaram o grau de estudo. Hoje, em toda parte, o ensino caiu muito, mesmo no Seminário... O Seminário foi o formador de bons cidadãos. (CAMURÇA, 2000)

Tal ideia não deve ser considerada como uma manifestação exclusiva dos sacerdotes mais idosos. Mesmo entre aqueles que

pertenceram a uma geração mais nova fica comprovada a marca deixada pelo papel educacional da Prainha. Mesmo reconhecendo que "o ensino rígido dos lazaristas não criava o senso crítico e se despertava em alguém era podado", o padre Gilson Marques ressalta que, apesar da leitura muito controlada, havia algo de positivo:

> Essa abertura pra estudar algumas línguas. Eu me lembro bem do padre Luz, que falava quinze línguas. E isso encantava a turma. Então, o estudo não só do latim, mas do grego, do francês, do inglês, até de outras línguas, como o italiano, iam despertando as turmas... Isso foi um momento muito bonito pra nós, despertar pra outras culturas e outras línguas. (SOARES, 2006)

A marca deixada pelo Seminário, na formação da personalidade de cada um dos que ali foram educados é significativa, pois mesmo reconhecendo a rigidez disciplinar, que lhes era imposta, os benefícios obtidos sempre são indicados, suplantando as limitações do sistema educacional adotado.

A igreja primava para se afirmar como uma instituição restauradora, desde o processo de romanização até a primeira metade do século XX, quando "a sacralização da sociedade" e "a cristianização da sociedade" constituíam suas metas básicas. Nesse processo, a rigidez disciplinar era fundamental para moldar os futuros sacerdotes, que enfrentariam o peso da secularização da sociedade contemporânea. Por isso,

> Com frequência, a formação ministrada no seminário utilizava instrumentos de temor, considerados indispensáveis para garantir o pleno aproveitamento dos alunos na vida intelectual e espiritual. Essas formas de repressão deviam auxiliar não apenas a disciplina colegial, como também corroborar nos jovens seminaristas o espírito de humildade e obediência, considerado fundamental para o

> desenvolvimento da vida espiritual. (AZZI e VAN DER GRIPJ, 2008, p. 544)

Para os seminaristas, que vinham de dioceses interioranas, onde haviam cursado o Seminário Menor, o ingresso na Prainha, no curso de Filosofia, para quem começa o Seminário Maior, a Prainha se apresentava como um espaço mais aberto, onde cada um tinha um pouco mais de liberdade, se comparamos as experiências cotidianas com o sistema de internato do Menor, onde a vigilância era contínua. Assim, por ser uma instituição que acolhia seminaristas provenientes não apenas de diocese interioranas, como o Crato e Sobral, mas de outros estados, como Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí, as condições de vida de internato já se afiguravam de uma forma mais aberta, permitindo novas oportunidades de aquisição de conhecimento e de troca de experiência com outros colegas. O padre Crisares, proveniente da diocese do Crato, assim traduziu a sua impressão, ao chegar ao Seminário da Prainha:

> No Seminário Menor a gente era mais vigiado, no Seminário Maior a gente era mais respeitado. Houve uma mudança na Prainha, com os novos lazaristas, que chegavam, professores, como o padre Josafá e o padre Luz, então houve uma abertura no Seminário. Havia sido adotada uma menor vigilância, pois cabia a cada um policiar-se a si mesmo. Em me lembro de um dia, nós estávamos á noite no dormitório grande, no segundo bloco, nós já estávamos deitados. Então, nós corremos, saímos das camas, subimos para as janelas, lá em cima, para ver o desfile dos blocos. Nisso, o reitor do Seminário entrou no dormitório, quando nós todos com medo, corremos das janelas ainda no escuro e deitamos em nossas camas. Aí ele subiu na janela para olhar lá de cima e, devagarzinho, nós fomos também. (COUTO, 2006)

Tomando como base do argumento apresentado do Seminário, como instituição pioneira de Ensino Superior no Ceará, por mais falhas e insuficiências que pudessem ser apontadas nas suas atividades no campo educacional, o simples fato da primazia por ele exercida confirma o seu significado na história da educação do Ceará.

E o destaque das atividades cotidianas, desenvolvidas no sistema de internato da Prainha, confluía tanto para a valorização do estudo e à transmissão do saber, que nem sempre estudar e rezar eram reconhecidos como o equilíbrio de dois pesos, expressão das constantes tarefas atribuídas aos internos. Segundo o padre José Nilson "no meu tempo, o que mais se fazia aqui não era rezar. A gente estudava mais até não poder" (LIMA, 2000).

A princípio tal comentário me pareceu uma manifestação espontânea do reconhecimento do valor de um sistema educacional tão respeitado, consenso facilmente perceptível em diferentes espaços sociais e não apenas confirmado pelo testemunho daqueles que foram internos no Seminário. Entretanto, a valorização do estudo, sobrepondo-se às atividades de oração e vida ascética não se fez presente apenas um depoimento isolado. No teor dos relatos apresentados ou no decorrer das referências observadas, sobre as experiências de vida, em mais de uma entrevista, há comentários que confirmam o reconhecimento da força educacional daquela instituição. Sobre a relação entre formação religiosa e ensino básico, o depoimento do professor Cajuaz confirma o depoimento anterior:

> Estudava e brincava mais do que rezava. E talvez hoje a coisa é diferente, que encontramos até professores que escrevem altura com "h". Aí então, no Seminário, a grande vantagem era essa: você tinha quatro aulas por dia e antes de cada uma, você tinha quarenta e cinco minutos para preparar aquela aula. A gente não era

> posto de sabedoria, mas tinha segurança muito grande naquilo que aprendeu. No meu tempo era a excelente maneira de dar aula e naquela época era a melhor pedagogia que nós tínhamos: padres muito bem formados, tanto teoricamente como didaticamente. A pedagogia não era a de hoje, lógico. Não se pode fazer uma comparação. (LIMA JUNIOR. 2000)

A rigorosa disciplina, que fazia parte do dia-a-dia do seminarista, era reconhecida como válida, na opinião do Cajuaz: "Sempre foi benéfica, nunca reclamei da disciplina. Claro, a gente violava porque era menino, tirava nota baixa em alguns segmentos, mas era parte da vida da gente." Embora o menino cheio de vida, "doidinho para brincar e tendo toda uma estrutura para brecar," mesmo assim não alterava a avaliação acerca do significado da vida de internato: "os anos que eu passei no Seminário foram excelentes" (LIMA JUNIOR, 2000).

A tônica dominante, nos depoimentos coletados, dizia respeito ao reconhecimento do mérito adquirido através do hábito do estudo, sempre presente no cotidiano do internato, mesmo na opinião daqueles que reconheciam certas limitações no sistema de ensino adotado. Para o professor Morais,

> A gente estudava. Eu aprendi a estudar, embora o modelo pedagógico tivesse muita coisa a desejar. Era um sistema tradicional, mas abriu caminho, nos ajudou, pelo menos a mim me ajudou a gostar de estudar. Eu acho que na época a melhor escola que existia era o Seminário da Prainha. Puxava pra gente estudar, exigia da gente. A mim estimulou. Essas pessoas, que passaram no meu tempo, são pessoas que criaram o hábito de estudo, são pessoas que estão sempre num ambiente mais cultural. (MOTA, 1999)

E dentre as condições que propiciavam o hábito de estudo, o professor Morais explica:

> Acho que no começo foi aquela obrigatoriedade, aquela disciplina de estudo. Horário para estudar, para recreação, horário para fazer tudo, para cada coisa havia o seu horário. Criei em mim aquela disciplina. Acho que essa exigência de em tal horário você ter que estudar, mesmo sendo fiscalizado, pois havia os regentes, que iam fiscalizar se a gente estava estudando ou não estava. E isso fazia com que a gente fizesse uma avaliação, através de uma nota de comportamento. Isso de certo modo ajudou a gente a gostar de estudar, de ter o cuidado de fazer esforço naquele momento e fazer aquilo que era obrigatório. (MOTA, 1999)

O silêncio estava presente na maior parte das atividades cotidianas. Não era uma exigência exclusiva dos dias de retiro ou mesmo das cerimônias religiosas. Na verdade, o momento mais usufruído ao livre uso da palavra, ou seja, as conversas espontâneas restringiam-se ao recreio, após as duas refeições principais ou no intervalo das aulas, pela manhã e à tarde. Durante essas principais refeições, as conversas eram programadas, pois havia as leituras, quando um seminarista era indicado para a leitura de um livro, que tinha continuidade na refeição seguinte. No almoço, por exemplo, além dessa leitura, relativa à vida de um santo ou mesmo ao enredo de romances, no período final das refeições, era também lido o "Martiriologium Romanus", em latim, com relatos dos sacrifícios de cristãos, condenados pelo Império Romano e, à noite, o texto final era da conhecida "Imitação de Cristo." Entretanto, em nem todas as refeições havia a leitura, que exigia silêncio, pois dependia da decisão do "padre prefeito" que, ao sinal de uma campainha, dispensava a leitura, quando os presentes, em coro e em bom tom,

exclamavam: "Deo Gratias," ou seja, "Graças a Deus," por essa valiosa oportunidade de conversar. Embora o silêncio sempre fosse exigido, embora muitos não o apreciassem, havia aqueles que reconheciam nele o mérito de levar os ouvintes à reflexão.

De acordo com os argumentos nos depoimentos apresentados, os benefícios que resultavam de uma preparação intelectual dos seminaristas sobrepunham-se à contradição do rigor pedagógico ali implantado. Mesmo sem menosprezarem a importância do agir livremente, a maioria reconhece que o ato de agir obrigado pelas circunstâncias pode ajudar o jovem a crescer, pois não negam o fato de terem aprendido muito por conta das condições em que foram formados.

As lembranças dos benefícios de uma vida interna no Seminário é como se fossem estigmas, que se fixaram na memória de seus ex-alunos e não mais se apagam. Qualquer referência à formação escolar, aos primeiros anos de estudo naquela instituição é referenciada com admiração e respeito. Muitos dos entrevistados, com outras palavras, expressões, revelam a mesma ideia de uma veneração especial pela Prainha, que revela o fluxo de uma memória coletiva.

O reconhecimento do valor do horário de estudo, parte contínua das experiências cotidianas partilhadas pela coletividade, conforme já demonstramos, constituía um consenso entre os que viveram, em diferentes períodos da história do sistema de internato do seminário da Prainha. A aceitação das regras impostas como uma expressão de algo revelado, que simbolicamente se apropriava do sagrado, levava o indivíduo a se curvar ante as regras e determinações adotadas, deixando-se inebriar pelas exigências estabelecidas, fazendo-o esquecer a satisfação dos anseios pessoais, absorvidos pelas revelações das posturas do ser e do agir. As palavras do padre

Giovanni Sabóia bem expressam essa sublimação:

> A importância maior que eu trouxe do Seminário foi a disciplina, estudo e ordem. No sentido também que nunca reclamo, mas procuro sempre fazer aquilo que deve ser, não aquilo que eu quero. E digo o seguinte: hoje nós temos uma pregação que deve ser de amor, de tudo que Jesus Cristo fez naquele mandamento de amor e não de terror. (CASTRO, 2006)

E a influência deixada pela educação transmitida no velho casarão da Prainha permanece viva, conforme nos revela o conteúdo dos depoimentos coletados, qualquer que seja a origem social ou mesmo a idade dos entrevistados. A afirmação do padre Francisco Assis Pitombeira constitui uma expressão concreta dessa marca simbólica:

> Eu saí do Seminário da Prainha, mas ele nunca saiu de mim. Eu me lembro de vez em quando e à medida que a gente vai chegando a certa idade, parece que essas lembranças mais antigas se reavivam. É como diz Santo Agostinho... o amor e a amizade são uma lembrança que se inflamam, pegam fogo, ela está dentro da gente. (PITOMBEIRA, 2006)

Nas reminiscências suscitadas, nem todos faziam coro à laudabilidade habitual, devotada àquela conceituada instituição, conforme se observa no depoimento do padre Eduardo Bezerra Fialho:

> Na tarde do dia 22 de fevereiro de 1942, minha tia Maria Júlia, transbordante de alegria (e eu transbordante de temor, face à nova vida), deixava-me na portaria do centenário casarão da Prainha... Com toda inocência e simplicidade de um adolescente vindo do interior, mergulhei

> naquele mundo desconhecido. Aos poucos fui tomando pé da realidade. Não era o que eu esperava. Com uma alimentação péssima, carente de vitaminas, com o organismo subalimentado, minha mente não tinha condições para apreender as explicações dos professores. Como consequência natural vinham as notas baixas no fim do mês e as "bombas" no fim de cada semestre. Acima de tudo, eu presenciava com frequência o abuso do autoritarismo. Por questão de ética, deixo de entrar em detalhes de fatos ocorridos provocando vitoriosos à custa de vítimas; a história contará melhor do que eu... Não fora a lição do sofrimento, que, como o ferro no fogo, tempera a personalidade, não teria vencido a caminhada de doze anos. Hoje, numa análise crítica e histórica, diria que o seminário Menor foi, para mim, seis anos de campo de concentração. Em 1948, passei para o Seminário Maior, felizmente sem nunca haver perdido ano, embora passasse nos exames finais sempre "me arrastando." Lá a coisa melhorou, sobretudo nos últimos quatro anos, na Teologia... (FIALHO, 2003, p. 9-10)

A sinceridade do depoimento apresentado denota uma experiência de vida difícil, de um ex-interno, que não figurava na lista dos alunos exemplares, reconhecidos pelos defensores da aplicação das normas repressoras de um magistério tradicional, idealizado como modelo, mas que deixava suas marcas naqueles que não figuravam na relação dos bem dotados. E o rol desses traumatizados não foi uma exceção, dentre os mais de cem internos na Prainha.

Se para alguns, o rigor das normas aplicadas ante diferentes manifestações das experiências cotidianas incomodava, o coro maior era formado pelos que o exaltavam e sentiam-se beneficiados por

usufruírem do modelo idealizado pela postura cristã. Para Dom Mauro Ramalho,

> Mas essa rigidez, quando eu vejo isso, quando o tempo, na minha experiência de homem maduro e velho, ela era necessária para formar pessoas mais idôneas que naquele tempo havia no Seminário. Uma quase única casa de internato e formação, nos moldes da igreja que antecedeu ao Vaticano II e que tínhamos nos seminários o molde de fazer escapar rapazes daquela fase mais dura e difícil, que é a adolescência. Eu entrei criança e admito que foi bom para mim, porque já fui direcionado para o mundo em que eu tinha vontade de viver, diferente da vida de muitos adolescentes, sobretudo dos tempos de hoje, em que a modernidade escancarou. É a vida, é a época neoliberal, com todos os seus efeitos, como o de antecipar nos meninos a experiência humana, que entra casa adentro pela televisão. Naqueles moldes, parecia ser melhor colher os candidatos ao sacerdócio na mais tenra idade, porque a experiência de vida da idade adolescente fazia a gente sob a grade de formadores. Eu sou muito grato ao Seminário, não tenho nenhuma crítica a fazer àquele tipo de formação, que era a formação que selecionava e orientava as condutas ao sacerdócio, com muita maestria. A vida inteira do seminário, como todas aquelas exigências que a Santa Sé fazia aos formadores. Aquilo foi praticado com muito respeito. É isso, para mim, me deixa assim muita tranquilidade, sob o aspecto da minha formação. (SANTIAGO, 2006)

No decorrer dos depoimentos coletados, sempre há um destaque especial para o papel do Seminário na educação e nas conquistas profissionais obtidas. Para o professor Francisco Camelo,

> A base da minha vida, a base da minha formação profissional, Letras, Filosofia. Agora eu sou também da Filosofia, fiz Filosofia no Seminário, quando cheguei aqui na UECE fiz concurso para Latim e fiz Pós-Graduação em Filosofia Social e Política. Então foi fundamental a base do Seminário. (NOGUEIRA, 2006)

Mesmo para aqueles que apontam algumas limitações, que eram impostas aos internos, principalmente em relação à sexualidade, não esquecem o legado valioso, que se lhes afigura, quando fazem uma retrospectiva de sua formação. Nas palavras do Prof. José Olavo Rodrigues,

> Eu fui muito feliz em ter tido esse tempo, em que eu aprendi coisas boas, mensagens boas, aprendia a manter a disciplina, porque nós somos seres contingentes. Deus em tudo, até a partir do Antigo Testamento, Ele nos deu tudo, mas deixou um limite, vejo naquela alegoria do paraíso, é de vocês, mas não toquem na ciência do bem e do mal, então o Seminário nos ajudou a isso, nos ajudou a ter método de estudo, nos ajudou a gostar de ler, de estudar, e nos ensinou a ser alegres, mas o Seminário nos castrou do nosso desabrochar sexual. (RODRIGUES, 2006)

Além do ponto comum, relativo ao reconhecimento da Prainha como escola modelar, no decorrer dos depoimentos apresentados algumas observações pessoais nos dão testemunho do modo peculiar de cada um dos depoentes narrar e explicar o significado das experiências vividas. Sempre há a indicação de algo que parecia ter um significado especial para quem rememora as experiências de vida no sistema disciplinar de um internato. O rigor disciplinar pesava forte, mas não apagava as manifestações do sentido da vida coletiva, sempre reconhecida e indicada como norma básica das relações de convivência cotidiana. Para Elmas Moreira de Carvalho, que reconhecia o regime disciplinar como muito fechado, há uma

revelação clara do sentido da vida comunitária da Prainha:

> A gente estudou doze anos no Seminário Maior. Eram dois anos de Filosofia e quatro de Teologia. Eu resumo assim: houve muito ensinamento, mas para mim, o que ficou muito, foi que a gente tem a família da gente, os pais e os irmãos e o seminário, durante esses doze anos, me ensinou que os outros são também meus irmãos. Eu aprendia ver o outro, como irmão, no Seminário. Foi tudo isso o que eu aprendi, mais do que a Teologia. (CARVALHO, 2006)

O padre Queiroga afirma que se sentia muito envolvido com a vida de internato e quando estava de férias, começava a arrumar a mala um dia antes do regresso a Fortaleza, onde chegava também um dia antes. E acrescenta:

> Às vezes, escuto muita gente que tem uma lembrança negativa do Seminário. Eu não, gostei muito. Eu gostava demais do Seminário. A vida comunitária. Eu gostava muito da vida no seminário e era esse aspecto, para mim o importante era a vida comunitária. (SILVA, 2006)

Raros são os comentários que apontam os pontos considerados falhos no sistema educacional ministrado, nessa conceituada instituição, ao longo da formação do Seminário Menor e do Maior. Entretanto, há testemunhos críticos mais incisivos. O professor Luiz Orlando Rodrigues, por exemplo, reafirma os laços de solidariedade da vida comunitário do internato:

> A minha turma era muito unida. Era uma turma que se entendia bem, mas não podia ter amizades assim, abertamente. Eram combatidas essas amizades, consideradas de uma forma muito particular. Sempre se insistia no sentido

> coletivo, no recreio cada um tinha que estar em grupo mesmo, mais coletivamente e na minha turma nós nos identificávamos muito bem. (RODRIGUES, 2006)

Entretanto, o professor reconhece que a rigidez disciplinar tinha as suas falhas, assim como o próprio sistema de ensino ministrado. Havia uma falha porque só se valorizava o ensino, apenas uma visão geral do que se ensinava. O objetivo didático era formar padres, mas isso era prejudicial porque depois o indivíduo era jogado no mundo, na paróquia, vamos dizer assim, sem ter aquela preparação crítica, o senso crítico. E muitos deles se desviavam, como uma forma de descontar o atrasado, porque naquela rigidez até o último dia, quando você saía não podia nem olhar para as vitrines. E acrescenta: "Só se saía de batina, mulher era o esterco do diabo...Esse lado da mulher era um negócio sério, pois estava presente a noção de pecado" (RODRIGUES, 2006).

A valorização do Seminário, como instituição educacional modelar, pesava forte, pois "a gente tinha aquela soberba de pensar que era melhor do que os outros, porque realmente aprendia mais" (BRANDÃO, 2006).

O professor João Salmito Neto apresenta um comentário que resume muito bem o reconhecimento coletivo, presente nas recordações de todos os entrevistados, a função do Seminário como instituição educativa, ambiente de formação intelectual e espiritual, que propiciava uma vivência socializada, baseada no estudo e na oração:

> Recordo mesmo dos estudos e da oração. Havia muita seriedade nos estudos. A gente se envolvia muito, era uma vida pra estudar e para aqueles momentos de oração, mas eu guardo boa lembrança do seminário. Apesar da disciplina, da

> exigência, eu guardo boa lembrança. Aproveitei muito, aprendi muito, me disciplinou muito na vida, uma vida bem ordenada, dormia cedo da noite, acordava cedo, passava o dia nos estudos, com intervalos de oração. Era muito boa vida, talvez uma das melhores fases da minha vida, porque ali a gente se despreocupava do fator econômico, vivia só pra estudar e pra oração, naquela convivência com os colegas e era um ambiente muito bom. (SALMITO NETO, 2006)

À primeira vista, esse reconhecimento do Seminário na formação dos entrevistados pode parecer uma expressão típica dos depoentes mais velhos, pois em geral se costuma associar aqueles que foram internos, nos anos finais da direção dos lazaristas na Prainha, às críticas mais pesadas ao rigor disciplinar da Prainha. Entretanto, dentre os alunos do período final da atuação dos lazaristas, há o reconhecimento notório, à educação ali recebida, o que reafirma o reconhecimento coletivo dessa instituição educacional. O prof. Aderson Graciano de Oliveira aponta as limitações dos lazaristas frente às mudanças doutrinárias e disciplinares dos anos sessenta, pois [os lazaristas] "eles tinham sido enquadrados dentro de sete paredes e não conseguiam enxergar o mundo além daquelas janelas". Contudo, acrescenta:

> A minha vida vai da roça a Prainha. A minha vida sem o Seminário, seja o Menor, seja o Maior, seria completamente diferente. Quer dizer, criticamente, eu falo nos tropeços para dizer como Vandré, "que só falei de flores". Ai de mim se não tivesse sido o Seminário. Bendita hora em que fui para o Seminário de Cajazeiras, bendita hora em que fui para o seminário da Prainha... eu sempre tenho um olhar positivo sobre isso. (DE OLIVEIRA, 2006)

O peso do celibato e o ideal de sua sublimação

Um dos temas que se envolvem na formação sacerdotal, de acordo com as normas da rigidez disciplinar consolidadas, considerado mais precípite do que precípuo, é o da sexualidade. O temor do castigo celestial pairava mais na maculação da "santa pureza", do que no preceito da caridade fraterna, sempre reconhecida na mensagem do "amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei". O conceito de pecado pesava forte no exame de consciência de cada um dos internos, pois o corpo era referenciado, mas considerado um campo fértil às concupiscências, aos desejos libidinosos. Na verdade, a sexualidade se configurava numa "ambivalência radical," uma vez que

> Componente indissociável da história de cada pessoa e da humanidade, a sexualidade sempre fascinou, ao mesmo tempo que sempre atemorizou. O fascínio remete para uma intuição muito profunda: a de que a sexualidade pode ser uma caminho para a felicidade pessoal e social através do amor. O temor remete para outra intuição igualmente profunda: a de que a mesma sexualidade pode encontrar-se na origem dos conflitos mortais, novamente tanto no âmbito pessoal quanto no social. (MOSER, 2005, p. 143)

Não se pode negar o sentido do celibato, aos que o reconhecem e aplicam, numa entrega total do ser humano a um bem coletivo. Sublimação é o termo mais expressivo de uma entrega total à missão que lhe foi confiada, confirmada pelo aceite do celibato como norma básica à permanência na vida sacerdotal. Contudo, a aplicação de

normas repressivas a adolescentes pesava forte na formação dos jovens internos.

O celibato surge com mais intensidade no Novo Testamento, apesar da maioria dos apóstolos e dos seus primeiros seguidores fossem casados. A princípio, o celibato constituía um hábito respeitado, mas não obrigatório. A explicação para sua valorização tem uma dupla explicação, embora a segunda nos pareça mais convincente. A não constituição da família, pelo membro do clero, decorria do interesse em manter o patrimônio da igreja, garantindo-lhe a acumulação dos bens disponíveis. Entretanto, a explicação mais fundamentada aponta que o fato do não casar possibilita uma dedicação integral de uma vida a Deus. Talvez tal opção tenha alimentado, parcialmente, a vigilância negativa da igreja a respeito da sexualidade. Na realidade, até o século XI não uma norma consagrada, que proibisse participantes do clero, em suas diferentes hierarquias, de terem uma vida sexual ativa. Foi a partir do século XII que o celibato tornou-se obrigatório. "Na Bíblia, porém, não existe essa exigência" (Istoé, 2011).

A vida celibatária era considerada uma dádiva especial, baseada no exemplo de Jesus Cristo, sendo considerada como um testemunho do nível moral. O culto à castidade criou uma visão radical da sexualidade, que passou a ser desprezada. Durante muito tempo a proposta de um celibato obrigatório, para todo o clero, foi rejeitada. Embora as primeiras prescrições acerca do celibato enfrentassem fortes barreiras, elas se fizeram presentes nos sínodos de Ancira, em 314 e de Elvira, em 3l6, quando passaram a ser valorizadas as comunidades de clérigos. A igreja Oriental manteve a prática tradicional que permitia que continuassem casados aqueles que haviam contraído o matrimônio, antes da ordenação sacerdotal.

O quinto e o sexto Sínodo Ecumênico, realizados em 691/692, em Constantinopla, não aceitava o celibato obrigatório, demonstrando a discordância que iria se acentuar entre Roma e Constantinopla.

O papa Estevão IX (1057-1058) decretou severas normas contra o matrimônio de sacerdotes, o que demonstra que a princípio o celibato não possuía uma aceitação fácil. No Sínodo da Quaresma, realizado em 1074, os chamados "concubinários" passaram a ser proibidos de celebrar missa. Comenta-se até no caso de um bispo, Altmann von Passau (1060-1091), que teria sido expulso de suas funções, por decisão dos seus clérigos. O Concílio de Latrão, em 1139, determinou que os casamentos de bispos, padres, Monges e diáconos deveriam ser anulados. Durante muito tempo, as críticas contra a igreja apontavam a transgressão ao celibato com uma ocorrência generalizada (LEN ZENWEGER, 2006,p.46, 63, 79, 109 – 110, 128 – 130, 133, 170, 197).

No Brasil, o padre Antônio Diogo Feijó, que chegou a ser Ministro da Justiça e Regente do Império, com a apoio do colega, padre Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, deputado por São Paulo, eram conhecidos como os líderes do grupo liberal do clero paulista. O objetivo do movimento, de que participaram, voltava-se à purificação da doutrina e da disciplina da igreja, para melhor ser útil á sociedade. Defendiam a criação de um órgão representativo dos sacerdotes, o presbitério, para auxiliar o bispo no governo da diocese. Na defesa dos direitos nacionais, o padre Feijó

> Idealizava uma "igreja brasileira," que, sem deixar de ser católico-romana, estaria plenamente sintonizada com a realidade nacional e os interesses do país. Nesse sentido, lutava, por exemplo, pela abolição ou dispensa do celibato dos padres, uma

vez que — no seu parecer — a maioria do clero vivia em situação disciplinar canonicamente irregular.[61]

Como uma referência ao peso da castidade, retomo uma das entrevistas realizadas. Um dos depoentes deixou fluir um manancial de reminiscências, reveladoras dos mais diferentes matizes da vida de internato, com toda espontaneidade, mas a respeito de uma lembrança relativa ao "pecado da masturbação" ele pediu para não o identificar como relator do ocorrido. Um fato marcou esse seminarista, aos treze anos de idade durante o primeiro retiro espiritual, de que participou na Prainha. O silêncio absoluto imposto, para favorecer à meditação e purificar a alma, pesou mais forte, após assistir à primeira palestra, ministrada por um padre lazarista, convidado a orientar os jovens sobre o significado de uma vida dedicada ao bem da coletividade, a entrega total do eu em benefício dos outros.

O tema da pregação era o "valor da Santa Pureza". Além das referências aos exemplos reverenciados, como o de São Luiz de Gonzaga, o essencial da mensagem transmitida era convencer os ouvintes do perigo de se pecar contra a castidade. O conferencista relatou o caso de um jovem que se masturbava muitas vezes, apesar das admoestações, que lhe haviam sido feitas pelo seu confessor. Por ter se masturbado, mais de uma vez o jovem amanheceu morto e, para surpresa geral, com marcas de estrangulamento. Nenhuma

vez que — no seu parecer — a maioria do clero vivia em situação disciplinar canonicamente irregular.[61]

61. MATOS, 2002, p. 51. Em 1823, Feijó publicou um estudo, intitulado "Demonstração da Necessidade de Abolição do Celibato Clerical pela Assembleia Geral do Brasil, e de sua verdadeira e legítima competência nesta matéria". Em 1834, o Conselho Geral da Província de São Paulo entregou uma Representação ao Bispo local, solicitando a abolição do celibato. Mesmo sendo considerado letra morta, pois só existia de direito, mas não de fato. Entretanto, os defensores "da sagrada lei do celibato" saíram vitoriosos, tendo à frente o Primaz do Brasil, Dom Romualdo Antônio de Seixas.

suspeita teria sido levantada contra qualquer tentativa de homicídio. O seminarista morrera por ter pecado em um ato de masturbação. Nenhuma referência indicadora foi apresentada sobre o ocorrido e nenhuma pergunta foi levantada acerca da trágica ocorrência. Para o teólogo Antonio Moser, foi

> Sobretudo a partir da Modernidade, na mente de muitas pessoas e formadores de opinião pública haveria um verdadeiro abismo entre sexualidade e religião. (MOSER, 2005, p. 51)

O caso referenciado atormentou o seminarista durante dias, ou melhor, durante noites, afinal os momentos noturnos eram os mais propícios a tais atos, mas ele conseguiu durante alguns dias evitar a maculação da sua alma. Entretanto, não conseguiu manter-se fiel as suas intenções e cometeu o temível pecado. A sensação de pavor que tomou conta dele foi intensa, pois além do pesar de ter cometido um "pecado mortal", a possibilidade de um castigo maior o acompanhou durante muitos dias.

Outro depoente foi mais transparente no seu relato:

> Pecar contra castidade era terrível porque você tinha que se confessar, contando as vezes em que você chegou a fazer um ato que era considerado pecado. Naqueles momentos da nossa puberdade, da nossa adolescência, você era um homem, um jovem igual aos outros, mas você tinha que prestar conta no tribunal da confissão e tinha que dizer "foi tantas vezes". Era horrível. Por outro lado, também havia a ideia, que felizmente não me deturpou de considerar a mulher como uma referência ao pecado. Sempre considerei a mulher muito importante. Lembro-me de um reitor, quando íamos entrar de férias, ele dizia assim: 'vocês vão entrar de férias,

> cuidado com as feras'... Então mulher para nós era um perigo, um risco... e nunca saiu da minha cabeça. Então minha mãe é fera, minha irmã é fera, minha tia é fera. (J. OLAVO RODRIGUES, 2006)

Diversas são as referências, que associam a figura da mulher à noção de pecado. Para o monsenhor Camurça, quando os seminaristas saíam de férias sempre havia as advertências para que cada um cuidasse do seu comportamento, para não escandalizar a população: "Agora, como era natural, eles faziam muito medo: mulher é palha, o diabo toca fogo".

A preocupação com o social, dentro das atividades de pastoral, se acentuaram após o Concílio Vaticano II, realizado no período 1962—1965, mas havia padres preocupados com o engajamento social em uma fase anterior ao importante Conclave. O Prof. Salmito enfatiza em seu depoimento as experiências vivenciadas, como vigário de Senador Pompeu, e as constantes reuniões que realizava com os colegas de paróquias vizinhas, como o Elmas, vigário de Milhã e o Aluísio, pároco de Mineirolândia. Salvar o próximo, amar o próximo, era ajudá-lo não apenas em atividades religiosas, mas no cotidiano das experiências sociais.

Como tudo acontecia em torno do padre, ele achava que a situação deveria mudar, com a participação dos leigos na ministração dos sacramentos. Para pôr em prática uma nova pastoral, Salmito apresentava uma proposta ousada:

> Eu achava que tinha que haver dois tipos de padre: o padre celibatário, totalmente dedicado às igreja, não tinha preocupação com a família, nem com o meio de vida econômico e ter o padre que não era celibatário, um padre casado, escolhido lá na comunidade... que faria o trabalho religioso no fim de semana. Comecei a

> pensar assim. É tanto que eu pedi dispensa para me afastar do ministério sacerdotal. (SALMITO NETO, 2006)

Na sua opinião, havia um desejo de transformar o padre numa espécie de anjo, pois ele não podia ir a uma diversão, tinha que viver isolado e isso "desumanizava muito o padre", o que tornava mais difícil sua convivência com os paroquianos.

O peso das rígidas normas, que pautavam as condições de formação dos seminaristas não se restringia às experiências dos mais antigos internos na Prainha. Mesmo na fase final da atuação dos lazaristas, podemos constatar a permanência de preceitos consagrados, que pesavam forte na lembrança dos depoentes. Para Aderson Graciano, os seminaristas permaneciam identificados com o rigor moral que os acompanhava:

> [...] nós já estávamos marcados. Definitivamente marcados. Eu estou marcado até morrer. Meio padre, meio leigo. Quer dizer, nós vivemos a síndrome do sacerdócio e do laicato dentro de nós. A minha atividade, quer dizer, o meu único projeto de vida tinha sido ser padre; quando isso não deu certo, eu cheguei a essa conclusão por convicção pessoal. Tudo muito fechado, não se podia conversar sobre problemas pessoais. A nossa sexualidade enrustida e reprimida. Não se podia conversar sobre masturbação. Masturbação era pecado maior. Maior que todos, Para sair do Seminário como pretexto inventei que eu me masturbava. Não inventei, era verdade, mas eu exagerei porque sabia que só aí eles diziam: 'Tá certo, pode ir'. Porque se eu fosse apresentar outro argumento, eles viriam em mim certas virtudes e achariam que dava para me conter.... mas não saí especificamente por causa de uma mulher... (OLIVEIRA, 2006)

Na realidade, alguns padres alimentavam a ideia de um dia a igreja repensar a questão do celibato, a fim de ampliar as possibilidades de ampliar o número de sacerdotes para enfrentar os dilemas do mundo contemporâneo. O padre Albani informou que havia bispos, como Dom Paulo Ponte, que desejavam dar um maior espaço para os padres casados assumirem um papel evangelizador. Para ele, para encarar o problema do celibato pesava forte "uma inércia da falta de coragem" (FIGUEIREDO, 2006), ou seja, não havia uma coragem de enfrentar o dilema, como uma tentativa de evitar a perda de muitos sacerdotes, que continuariam afastados da ação evangelizadora da igreja.

A questão da sexualidade só era abordada no Seminário maior, "muito velada. Era vista de forma muito velada." Entretanto, havia um livro que era recomendado, "Antes que aprendam na rua... não era um livro adotado, mas era sugerido pelos professores pra gente ler mesmo dentro do seminário menor. Não sei existe esse livro ainda... (NOGUEIRA, 2006).

Mesmo os que continuaram no sacerdócio, apesar de terem feito uma opção pelo celibato, como testemunho de uma entrega total à missão que lhes foi confiada, reconhecem a viabilidade de repensá-lo, como possibilidade de melhor aproveitar a ação dos que optaram em assumir uma família. As palavras do padre Gilson Soares refletem muito bem essa posição:

> Olha, o celibato, na verdade, é um bem e é um bem pessoal. O negativo do celibato é que seja uma coisa imposta, sem o qual não se chega ao almejado. Eu tenho pra mim que, naquela época, eu já ouvia alguma coisa nesse sentido, mesmo como seminarista do Menor, essa reflexão sobre o celibato não obrigatório, o celibato opcional é muito mais livre, podemos dizer. Se alguém assumisse o celibato era porque queria mesmo, e não por uma imposição da igreja (SOARES, 2006).

> pensar assim. É tanto que eu pedi dispensa para me afastar do ministério sacerdotal. (SALMITO NETO, 2006)

Se alguns testemunhos reconhecem com parcimônia os limites do voto de castidade, outros são mais taxativos. Para o Prof. Francisco Sampaio Sales, "mesmo estando lá dentro, eu aceitava como um obediência." Apesar de reconhecer como uma exigência da igreja, ele o considerava como uma "anomalia", justificando sua opinião: "Veja bem, aceitei como obediência, obedecendo os ditames da igreja, mas não achando uma coisa normal" (SALES, 2006).

E complementou o seu comentário com um fato bem curioso: quando estudava no Seminário de Sobral presenciou o depoimento de um padre, ao observar a primeira entrada de um mulher no Seminário, assim definida "haviam desvirginado o seminário".

Dentro do rigor na aplicação das normas morais, há um caso curioso relativo a um seminarista, denunciado por uma moça, mas que depois voltou ao Seminário e conseguiu ordenar-se, assim narrado pelo padre Cassiano:

> Durante as férias uma moça fez uma carta para o reitor do seminário, dizendo que tinha sido sediada pelo... O padre Montalvão, que era reitor, reuniu todos os seminaristas, leu a carta e foi taxativo: 'você vai passar três anos fora do seminário. Depois dos três anos, se tiver vocação, você volta'. (FEIJÃO, 2006)

A severidade no trato das questões da sexualidade era um marco definidor do perfil do sacerdote considerado virtuoso, afinal, conforme destaca o padre Joaquim Dourado, "naquele tempo, a gente depois de onze anos de estudos, para ser um bom intelectual, tinha que ser um repressor da sexualidade" (JOAQIUM DOURADO, 2006).

Muitos padres esperavam que o Vaticano II rompesse todas as barreiras que impediam uma renovação por completo na igreja e nas condições de vida dos sacerdotes. Nem todas as mudanças

almejadas foram concretizadas. Por isso, conforme afirmou o padre José Dourado,

> [...] nós, padres que nos casamos, vivemos um período de angústia, pelo não desenrolar do Vaticano II... e como jovens pensávamos que todo papa tinha que seguir à risca o Vaticano II e tinha que mudar tudo; como as mudanças não vieram, nós resolvemos fazer a mudança por conta própria. (JOSÉ DOURADO, 2006)

Ele reafirma que vários colegas não deixaram o sacerdócio para casar. Se tivesse havido uma real mudança na igreja, que satisfizesse os anseios de muitos sacerdotes, talvez muitos deles não teriam abandonado a vida eclesiástica. Se não houve tolerância, argumenta, é "porque a igreja não mudou, então deixamos não foi só para casar, casamos porque quisemos, estávamos livres do celibato" (JOSÉ DOURADO, 2006).

Antônio Silveira Bastos, que chegou a se ordenar, afirma "Eu não saí pra me casar. Eu me casei porque saí". Entretanto, acrescenta:

> E o celibato nada tem a ver com o sacramento da Ordem. É até uma espécie de heresia, pois São Paulo disse que os sacramentos são canais de santificação. Ora, se cada um é um canal de santificação e cada um tem a sua graça específica [...] O papa ou o bispo estão negando um sacramento [...] Eu acho o que devia haver dois tipos de clero: o clero celibatário e o clero por opção. (BASTOS, 2006)

Outra informação reveladora, prestada pelo Prof. Dourado, é que em 1970, quando houve um sínodo, o papa Paulo VI mandou fazer um levantamento, em todo o Brasil, junto ao clero, a respeito do celibato, e a resposta foi quase cem por cento a favor do celibato

opcional, mas os bispos resolveram não divulgar o resultado da pesquisa. D. Eugênio Sales e outros bispos mais achavam que o resultado constrangeria o papa.

Um fato me chamou a atenção durante as entrevistas, desde o depoimento dos bispos, dos padres mais idosos e mesmo dos mais novos. Refiro-me à demonstração da repulsa ao sexo feminino, definido como campo fértil ao pecado. Segundo o padre Hemetério,

> [...] havia até um ditado que dizia 'mulher é o esterco do diabo' e eu dizia: não pode ser esterco do diabo, porque eu não nasci do diabo, mas da minha mãe e minha mãe era mulher. Então eu nunca tive esse preconceito, nunca deixei de falar com ninguém, nem com mulher ou com homem por causa da formação que eu recebi. (SANTIAGO, 2000)

O Pe. Hemetério também relembra que todo mês cada seminarista tina que passar pela orientação do diretor espiritual e o maior pecado era aquele cometido contra a castidade, pois "A igreja sempre se preocupou só com o sexto mandamento, o restante dos outros mandamentos parece que não existiam, mas havia uma certa orientação pelo diretor espiritual". Na realidade, ao longo da sua história, a igreja católica manteve a "corporeidade suspeita". Nessa perspectiva,

> Fortalece-se o privilegiamento da alma, imortal e poderosa, em contraposição à corporeidade perecível, limitada e limitadora. Toma-se o corpo como um poço de paixões, as paixões como o insidioso caminho o que leva a alma ao pecado e à perdição; neste jogo de atribuições, identifica-se o corpo da mulher como o ápice da paixão provocativa e pervertedora. (ANJOS, 2005, p. 287)

Na formação dos padres, segundo a opinião de alguns entrevistados, há dois momentos decisivos na história da igreja: o modelo tridentino, que ultrapassou séculos e a reforma proposta pelo Vaticano II, símbolo da renovação da igreja, mas para muitos o Concílio constituiu mais uma proposta enunciada, do que a aplicação concreta de uma reforma total nos preceitos e práticas da igreja. O professor José Ribamar Fernandes Brandão indica esses dois momentos como "o molde antigo" e o "molde do Vaticano II". Para Ele,

> No molde antigo, no Seminário, se minha irmã fosse me visitar, ela não podia me ver, porque ela era mulher e não era irmã de outros seminaristas e certamente os outros seminaristas iam desejá-la e flertar com ela, por isso era proibido, nos seminários, a visita de moças. (FERNANDES BRANDÃO, 2006)

O Prof. José Ribamar Brandão reafirma o conteúdo do depoimento do Prof. Colaço Martins Dourado a respeito do possível aproveitamento dos padres casados nas atividades eclesiásticas:

> Em 1956, os bispos, numa pesquisa confidencial no Brasil, constataram que a maioria do clero votou a favor da ordenação de homens casados. Aí o Vaticano mandou que os bispos se calassem. E obedientemente se calaram. Eu, quando terminei meus estudos no Seminário, no penúltimo ano a gente fazia o voto de castidade e do celibato, no subdiaconato. Como eu era contra lei do celibato como sou ainda hoje contra a lei do celibato como condição para a ordenação sacerdotal, eu não podia receber o subdiaconato e nem devia. Por minha honestidade pessoal, continuei os estudos, mas não recebi o subdiaconato. E disse ao arcebispo: 'eu garanto o passado, o futuro, não'. (MARTINS DOURADO, 2006)

Mesmo não aceitando a igreja como era ela, em virtude de uma série de prescrições que considerava arcaicas, ele continuou trabalhando na igreja, pois quando foi comunicar a Dom Delgado que estaria a sua disposição, o arcebispo o nomeou como seu secretário, cargo que ocupou durante cinco anos. Nas suas palavras, "Com o Vaticano II eu concordei plenamente, pra mim, lavou minha alma, foi uma beleza, mas já foi depois". Entretanto, alguns advertem que o rigor do celibato constituía uma opção a ser tomada, apesar do índice dos que abandonaram a vida religiosa ser marcado pelos que desejavam constituir uma família: "O que se diz era que ninguém era obrigado a ser padre. Dizem os mal entendidos que a igreja está em decadência por causa do celibato" (TOMÉ FILHO, 2006).

Embora a questão da sexualidade pesasse forte em muitas das decisões tomadas de abandonar as funções sacerdotais, a solidão de um pároco, sobretudo em seus momentos de recolhimento doméstico, refletiam muito bem a dificuldade da sonhada doação total aos irmãos, que o cercavam, mas nem sempre o acompanhavam na vivência do cotidiano. Para o agrônomo Tarcísio Holanda,

> [...] quando a gente se reunia com os vigários, eu passei a vivenciar, a ver o que era uma vida de vigário, de padre diocesano, então me apavorei. É um homem sozinho, isolado, que se dispunha a ajudar todo mundo, e não recebia a ajuda de ninguém. Quando terminava de rezar, todas as famílias iam para suas casas e ele ficava sozinho, só ele e Deus, precisava ter muita fé mesmo, pois não tinha com quem conversar, a quem perguntar, nem para perguntar se as coisas estavam no lugar, nem quem fizesse um chá. Não tinha nada. Era um homem abandonado. Eu vi muito padre chorando por causa dessa solidão. Não era só o celibato em si, mas o isolamento social e

> afetivo, porque se você tem um amigo, você fica afeiçoado ao amigo, com que você conversa, você diz suas mazelas, seus traumas. (TARCÍSIO HOLANDA, 2006)

O peso da solidão, no cotidiano de um sacerdote, pode ser expressa em diferentes maneiras de manifestar os sentimentos vividos. Para o padre Giovanni Saboia, foi o herege Voltaire que lhe deu uma definição de padre, "que nenhum papa, nenhum santo, nenhum teólogo deu." E acrescenta: "padre é uma classe que estuda junto, trabalha separado e morre abandonado". O professor Gerardo Campos explica que o peso maior para a sua saída da vida sacerdotal "Foi mais a solidão. O padre era muito só. Lembro-me muito bem dessa experiência. O padre era muito só" (CAMPOS, 2006).

Entretanto, ainda havia alguns que não consideravam o celibato como um pesado empecilho à missão sacerdotal, mas como um recurso que propiciava a livre opção de uma dedicação total à missão evangelizadora. O padre João Firmino da Cruz, que estudou na Prainha após a saída dos lazaristas, quando da instalação do Seminário Regional, dirigido pelos padres seculares, expressa tal pensamento:

> Se casar passa a ser uma cruz, para o homem e para a mulher, se você quer ser revolucionário, você não pode se casar. Para ser um revolucionário mesmo, você tem que estar livre. Essa foi a experiência de Jesus Cristo, que nunca impunha, mas apresentava a sua maneira de vida e quem quisesse o seguia... (CRUZ, 2006)

O padre José Maria Cavalcante Costa reforça o depoimento acima apresentado, ao ressaltar que

> O celibato hoje, em vez de apelar muito no sentido místico, de ser uma imagem, meu lugar vai ser do céu.. é o testemunho da

> pobreza, por conta do reino de Deus, que quero abraçar, numa radicalidade do Evangelho. Há um direito que me assiste para me casar, mas eu deixo tudo para me entregar totalmente, ser livre de uma forma total, sem um apego a nada. Eu vejo o celibato nessa linha, da pobreza. (COSTA, 2006)

Na realidade, como se constata nos depoimentos dos entrevistados, alguns deles deixaram o sacerdócio por outras razões, além dos limites impostos pelo celibato. Para Elmas Moreira Carvalho,

> O celibato pesou, mas não tanto. Foi mais a estrutura da igreja, porque eu cheguei à conclusão, na vida prática, que eu estava servindo de forma contraditória. Ordenei-me, segundo a mensagem bíblica, para servir ao povo, mas depois de treze anos cheguei à conclusão de que estrava servindo muito mais à instituição do que ao povo. E isso criou um drama grande dentro de mim. É tanto que eu sempre digo: "eu não deixei, eu mudei de ministério". Eu saí em 1970. (CARVALHO, 2006)

O Concílio Vaticano II excluiu de sua pauta a análise do celibato, mas ao final foram lançados "Textos do Concílio Vaticano II sobre o celibato sacerdotal".[62] A Encíclica Sacerdotalis Coelibatus, do papa

62. A divisão temática desses textos foi assim elaborada: "A) Da Constituição dogmática Lumen gentium. Caminhos e meios à santidade": "De modo especial favorecem igualmente a santidade da igreja os múltiplos conselhos que no Evangelho o Senhor propõe à observância dos seus discípulos. Entre eles sobressai o precioso dom da divina graça que é dado a alguns pelo Pai (cf.Mt 19,11; 1Cor 7,7), para que na virgindade ou no celibato se consagrem mais facilmente com indiviso coração (cf.1Cor 7,323-34) somente a Deus. Esta perfeita contingência por amor do Reino dos céus sempre foi tida pela igreja em singular estima, como sinal e estímulo da caridade e fonte peculiar de fecundidade espiritual do mundo." B) Do Decreto Presbyteroruom ordinis. Castidade e celibato." De acordo com esse decreto, "Por este motivo, fundamentado no ministério de Cristo e

Paulo VI, de 24 de junho de 1967, deixa explícita a decisão oficial da igreja católica, sobre a referida questão. Após uma análise das principais "objeções contra o celibato sacerdotal", o papa enfatiza, dentre as "razões do celibato consagrado":

> É certo, conforme declarou o Concílio Ecumênico Vaticano II, que a virgindade 'não é requerida pela própria natureza do sacerdócio, como se conclui da prática da igreja primitiva e da tradição das igrejas Orientais'[Decr., Presbyter.ordinis,n.18] Mas o mesmo sagrado Concílio não hesitou em confirmar solenemente a antiga, sagrada e providencial lei vigente do celibato sacerdotal, expondo também os motivos que a justificam aos olhos de quem sabe apreciar com espírito de fé e com fervor íntimo e generoso dos dons divinos.[63] (DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS, 1993, p. 31)

Dom Aloísio Lorscheider expressa muito bem o reconhecimento do valor atribuído ao celibato, após o Concílio Vaticano II, considerado

na sua missão, o celibato, que de início era recomendado aos sacerdotes, foi depois imposto por lei na igreja latina a todos os que iriam ser promovidos à Ordem sacra. O Sacrossanto Sínodo torna a reconhecer e a confirmar esta legislação para os que se destinam ao presbiterato, confiando no Espírito que o dom do celibato, tão coerente com o sacerdócio do Novo Testamento, seja outorgado com liberalidade pelo Pai, contanto que aqueles que participam do sacerdócio de Cristo pelo sacramento da Ordem — e com eles ainda a igreja toda — o peçam com humildade e insistência." C) Do Decreto Optatum totius. IV. Maior aperfeiçoamento da formação espiritual. "Sintam profundamente com que sentimento de gratidão devem abraçar este estado, não apenas como preceito de uma lei eclesiástica, mas como um precioso dom de Deus que se deve impetrar humildemente. Disponham-se com presteza a corresponder a ele, livre e generosamente, estimulados e auxiliados pela graça do Espírito Santo". — Cf. in Vaticano II. Paulo VI. João Paulo II. congregação para a Educação Católica. Celibato sacerdotal: uma opção de amor. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 9-20. (Documentos Pontifícios).

63. Cf. in op. cit., p. 31.

não apenas uma condição "sine qua non" tradicional, aos sacerdotes, mas como um estímulo à caridade, doação total aos outros:

> O celibato não é requerido pela própria natureza do sacerdócio, mas tem uma relação muito íntima com o sacerdócio... O celibato não é um tributo que se paga ao Senhor para receber as Ordens sagradas, mas é um dom que se recebe da misericórdia, como escolha de liberdade e acolhimento agradecido de uma vocação especial de amor a Deus e aos homens. A resposta do padre celibatário é reposta delicada à delicadeza de Jesus, que não quis impor o celibato, mas o viveu, de sorte que o seu sacerdote, configurado ao Ele, pelo sacramento, andasse pelo mesmo caminho.[64]

64. LORSCHEIDER, 2007, p. 90-91. Para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), "O carisma do celibato, expressão eminente da gratuidade do reino, sinal luminoso da caridade pastoral e dom precioso para a igreja, deverá ser assumido através de uma opção realmente amadurecida e livre. Esta opção, condição para o exercício do ministério em nossa igreja, é assumida definitivamente por ocasião do Diaconato. O seminarista deve contribuir e aprofundar os motivos de sua opção. O celibato é, antes de tudo, experiência de amor e doação integral a Deus, que abre à fraternidade universal e ao serviço dos irmãos. Exige a vivência da castidade que lhe é própria. Vivido na alegria da oblação generosa, o celibato testemunha ao mundo a possibilidade de um amor gratuito e desinteressado, diante dos abusos e desmandos de uma sociedade hedonista. É, também, sinal do mundo que há de vir e do destino transcendente do homem e da mulher. Oriente-se adequadamente os seminaristas, à luz da doutrina do Concílio Vaticano II, da Encíclica Sacerdotalis Caelibatus e da Instrução sobre a formação para o celibato sacerdotal, emanada da congregação para a Educação Católica, em 1974. (PDV 50)" — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Formação dos Presbíteros da igreja no Brasil — diretrizes básicas. - Documentos da CNBB, 55. 3ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 75-76. "Segundo a teologia do voto de castidade, somos convidados a profetizar o amor Trinitário em nossas vidas. Fomos feitos na "imagem de Deus exatamente em nossa capacidade para amar e sermos amados. Mas o amor divino é um amor que é cem por cento perfeito. Isso é o nosso ideal e nossa meta em viver esse voto: tentar chegar até cem por cento com um amor radical a Deus e ao próximo: "Sede perfeitos como o seu Pai é perfeito" (Mt 5,43-48") - KEARNS, 2004, p. 94.

Vale ressaltar que Dom Aloísio representou um dos bispos brasileiros mais avançados em sua proposições críticas sobre a atuação da igreja Católica diante do mundo pós-moderno. Era favorável à abolição do chamado "colégio Cardinalício," atribuindo um mérito maior aos Presidentes das Conferências Episcopais, que representariam todas as nações. Da mesma forma achava que os títulos eclesiásticos na igreja deveriam ser repensados ou mesmo abolidos, como os de monsenhor e Cônego, "porque não significam nada". Defensor do ecumenismo e da questão do sacerdócio feminino, pois, nas suas palavras, "seria muito estranho Nosso Senhor instituir para as mulheres só seis sacramentos e para os homens, sete".[65] Entretanto, em relação ao celibato sacerdotal, ele permaneceu fiel aos preceitos estabelecidos pela igreja. Já Dom Clemente José Carlos Isnard, bispo brasileiro que participou ativamente do Concílio Vaticano II e foi vice-presidente do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), companheiro de Dom Lorscheider, recomendava mudança na adoção do celibato:

> [...] a Reforma da igreja deve consistir num duplo movimento: um exame das coisas boas do passado, como a comunhão sob as duas espécies, a participação do povo na eleição dos bispos, o celibato opcional dos padres, o restabelecimento dos Vigários Episcopais com a supressão dos bispos auxiliares; e um olhar para o futuro: como o sacerdócio feminino, a eleição do papa pelos presidentes das Conferências Episcopais, novos critérios para a constituição das paróquias.[66] (ISNARD, 2009, p. 20)

65. TURSI e FRENCKEN, 2008, p. 59. Esse livro, sobre D. Aloísio, só foi publicado após a sua morte na Imprensa Universitária do Ceará porque as editoras católicas consultadas não aceitaram publicar a referida obra.

66. ISNARD, 2009, p. 20. Segundo Ele, "É por conta do medo que existe tanta adulação na igreja Católica. O poder absoluto do papa, com sua rede de informações, com os relatos de tudo o que acontece, é um meio se impedir que se diga o que se pense, especialmente quando a pessoa tem a ambição da promoção" (p. 94). O livro de sua autoria "Reflexões de um Bispo sobre as

Muitos sacerdotes deixaram as suas funções, voltando à vida laica e entre os que ficaram há aqueles que discordam da decisão final da igreja sobre o celibato. O conhecido teólogo Hans Küng, que permaneceu na vida religiosa, afirma que das três exigências básicas dos reformadores, participantes do Concílio, só duas foram aceitas: o uso da língua vernácula nas cerimônias religiosas e a oferta da comunhão eucarística aos leigos. E acrescenta: "Mas outros tabus do concílio revelar-se-iam fatais. O casamento dos padres sequer podia ser discutido." (KÜNG, 2002, p. 230-231) Segundo ele, se na aparência a igreja era progressista, como demonstrou na Encíclica Populorum Progressio,

> Mas internamente, em seus próprios interesses, [a igreja] era reacionária e publicou uma encíclica sobre o celibato (Sacerdotalis coelibatus): as maiores verdades do evangelho foram organizadas para provar o que não podia ser provado — que deve haver um celibato obrigatório para os padres. Este documento também nada fez para eliminar a contradição básica: invocando aquele mesmo evangelho, os líderes da igreja Católica Romana transformaram o que, segundo o evangelho, era uma vocação totalmente livre para o celibato numa lei que oprimia a liberdade.[67] (KÜNG, 2002, p. 232)

Instituições Eclesiásticas atuais, lançado pela editora Olho D'água, em 2008, provocou várias polêmicas entre o clero tradicional e também nenhuma editora católica aceitou publicá-lo.

67. Idem, 2002, p. 232. Para o teólogo Agenor Brighenti, numa explicação da situação da igreja pós Vaticano II, a chamada "crise da modernidade" não repercutiu somente na sociedade secular. Para Ele, há "a crise da vaticanidade," que se tornou tema de discussão entre os teólogos, segundo os quais "a pós-vaticanidade" "está longe de configurar-se numa postura consensual." E aponta três posturas diante dela: "uma crítica à vaticanidade enquanto antivacanidade, advogando por uma volta à cristandade; uma crítica à vaticanidade entendida como pós-vaticanidade e que se materializa numa postura de desconstrução do "mito Vaticano II"; e uma crítica à vaticanidade concebida como "sobrevaticanidade", que se propõe a uma 'segunda recepção' ou a uma

Um ano após o término do Concílio Vaticano II, em 1966, D. José de Medeiros Delgado, arcebispo de Fortaleza, realizou uma pesquisa com 77 padres, para avaliar a situação do clero e constatou que os problemas relativos à formação eclesiástica continuavam latentes. 63 dos entrevistados reconheciam que os seminários

> [...] eram falhos no desenvolvimento de uma maturidade afetiva e assinalavam que os padres, em sua maioria, não possuíam uma personalidade madura. Eram tímidos, introvertidos, não se sentindo preparados para dialogar com a autoridade e por isso sofriam.[68] (PORTO, 2007, p. 155)

Como expressão da posição mais atual da igreja, após o afastamento do cenário eclesiástico de agentes inovadores, voltados à aplicação das práticas de "uma igreja comprometida com os pobres", como se observa na ação de bispos como D. Aloisio Lorscheider, Dom Clemente Isnard, OSB, D. Antônio Batista Fragoso, bispo de Crateús, Ceará,[69] (FRAGOSO, 2005) a defesa do celibato,

recontextualização da 'utopia do Vaticano II'. — BRIGHENTI, Agenor, op. cit., p. 53.

68. PORTO, 2007, p. 155. O autor analisa a ação social de D. Delgado, que se apoiava nas decisões do Concílio Vaticano II, destacando seu envolvimento com a pastoral adotada, em prol do "aggiornamento" (atualização) da igreja, seguindo a trilha alimentada por Dom Helder Câmara, no Recife e Dom Antônio Fragoso, no Ceará. Entretanto, fica explícito na dissertação que Dom Delgado não pode ser definido como um membro da chamada esquerda católica, nem pode ser considerado um aliado da facção de direita, presente na Igreja Católica. (cf. p. 27). Nos comentários acerca da pesquisa, realizada por Dom Delgado, Márcio Porto ressalta que "os padres entrevistados na pesquisa queixaram-se de ser tratados como irresponsáveis ou incapazes" (p. 154). Na realidade, esses dados e ocorrências registrados revelam que a crise na formação eclesiástica continuava.

69. Sobre as propostas de ação social, desenvolvidas pelos adeptos da "igreja dos Pobres", vide FRAGOSO, 2005. Para Dom Fragoso, que não aceitou construir um Seminário em Crateús, pois um desafio maior devia ser atendido, "O objetivo de nossa pastoral era ir-se tornando uma igreja popular e libertadora. Nossa igreja, em gestação, acreditava que é chamada a ser 'a comunidade

como sacramento indispensável à concretização dos ideais propostos pela igreja, revela-se no livreto, organizado pelo ex-arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso Sobrinho (SOBRINHO, 2005).

Como responsável pela ministração de um curso sobre o celibato sacerdotal, uma das disciplinas oferecidas no currículo do Instituto de Filosofia e Teologia da arquidiocese de Olinda e Recife, Dom José solicitou aos seminaristas que elaborassem uma série de perguntas, a favor ou contra o celibato. Foram coletadas 42 questões, das quais selecionamos algumas para demonstrar como uma autoridade eclesiástica se posiciona ante o velho dilema do celibato. Nas palavras de Dom José Cardoso Sobrinho,

> Certas objeções contra o celibato denotam claramente que os seus autores não acreditam na vida futura e, menos ainda, no Evangelho de Jesus Cristo. Aliás, o próprio Jesus, ao revelar esse caminho novo do celibato 'por causa do reino dos céus', acrescentou: 'Nem todos são capazes de compreender essa palavra, mas só aqueles a quem é concedido'.[70] (SOBRINHO, p. 84)

dos discípulos de Jesus, sobretudo dos pobres". E acrescenta: "Numa igreja dos pobres, o "seminário" não deve ser considerado o "coração da diocese" (p. 155).

70. Idem, op. cit., p. 84. Dentre as questões levantadas, selecionamos as seguintes, para uma demonstração das proposições apresentadas: "21. O padre vivendo o celibato, vive feliz? Resposta: A felicidade humana não consiste em praticar o ato sexual. Se fosse assim, os quadrúpedes maiores seriam "mais felizes" do que o homem, pois eles têm um experiência sexual muito mais intensa do que o homem." (p. 41); "2. Por que para ser padre é necessário reprimir os impulsos sexuais? Resposta: Para ser padre, é preciso ser um celibatário autêntico, isto é, alguém que, sendo um heterossexual normal — e, portanto, idôneo e apto para contrair matrimônio — depois de ter praticado longamente a virtude da continência perfeita (como manda o sexto mandamento), entendeu, por graça de Deus, o valor do celibato (cf Mt 19,11-12), e, movido pelo Espírito Santo, fez essa opção por amor a Jesus Cristo (cf Fl 3,7-11), "por causa do Reino dos céus'" (p. 58); "41. É necessário tomar algum remédio ou chá para não sentir desejos sexuais? Resposta: O "chá" oferecido pela igreja para manter-se fiel ao sexto e nono mandamentos e, especificamente, às obrigações do celibato, tem os seguintes 'ingredientes': ORAÇÃO, SACRAMENTOS, ASCESE" (p. 67).

O número de sacerdotes, que deixaram a vida religiosa, foi expressivo, conforme se observa no índice de dispensa de votos registrado, em diferentes regiões do país. Entretanto, o declínio registrado no número de vocações sacerdotais é atribuído por muitos membros da igreja Católica mais como uma diminuição da fé do que um resultado da obrigação do celibato (LEZENWEGER, 2006, p. 304).

A crise nos anos sessenta no Seminário da Prainha

Se múltiplas foram as experiências vividas no Seminário da Prainha, de acordo com as informações prestadas pelos entrevistados, diversas poderiam ser as explicações para indicar as razões que levaram os lazaristas a abandonarem a direção dessa conceituada instituição, às vésperas da comemoração do seu centenário.

À primeira vista, bastaria associar a ocorrência ao período de súbitas mudanças registradas na igreja, impulsionadas pelo Concílio Vaticano II. Entretanto, uma leitura atenta acerca do histórico dos anos sessenta nos esclarece que a força renovadora do consagrado Concílio, que só terminou em 1965, não ocorreu de imediato, pois as mudanças litúrgicas e sobretudo disciplinares na igreja Católica foram implantadas gradativamente e a saída dos lazaristas, da direção do Seminário, ocorreu numa fase um pouco anterior à renovação doutrinária implantada na igreja.

O melhor é ouvirmos as diversas explicações, que nos foram apresentadas, para encontrarmos uma explicação mais convincente. Os primeiros depoimentos apresentados, integralmente, na primeira

parte, nos dão uma visão indicadora da força maior, que levou os lazaristas a entregarem a direção do Seminário à Arquidiocese.

O monsenhor Camurça, que ocupou a função de vigário geral da arquidiocese, durante quarenta anos, era a segunda pessoa do arcebispo, que assumia suas funções quando o prelado viajava. Segundo o próprio monsenhor, "vigário geral é a lata de lixo e o para-choque do arcebispo". Em relação ao papel dos lazaristas, na formação do clero regional, ele os destaca como religiosos formados para exercerem as funções de diretores e professores de seminários. Na trilha de São Vicente de Paulo, eles eram missionários e formadores do clero. O trabalho a eles confiado sempre era reconhecido, uma vez que vinham da Europa e possuíam uma formação melhor do que a dos sacerdotes brasileiros. Entretanto,

> Depois quando não vinham da Europa e sim brasileiros formados em Petrópolis, a tradição foi caindo e a direção do Seminário começou em briguinhas entre eles e desmoronou. Por causa disso foi preferível afastá-los da direção e entregá-la aos padres seculares.

Com o passar do tempo, segundo o monsenhor, eles já não eram considerados bons professores, foram desagradando os alunos, apesar de alguns ainda serem considerados bons religiosos, como D. Vicente Zico. Alguns reconhecem as limitações dos lazaristas, para enfrentar as mudanças registradas, nos anos sessenta, mas não deixam de lamentar saída deles da direção da Prainha:

> Pode-se dizer que eles já estavam nos finalmente. O Seminário estava se acabando, se fechando. Eu sempre lamentei que se tenha feito uma injustiça com os padres lazaristas, não deixando que eles completassem o centenário à frente do Seminário da Prainha. (CASTELO BRANCO, 2006)

A crise vivenciada pelos padres lazaristas não se manifestou apenas nos anos sessenta, quando eles decidiram entregar a direção da Prainha à arquidiocese. No decorrer das entrevistas, fomos descobrindo que ela se manifestara em uma fase anterior, quando tentativas novas de formação foram propostas, mas não aceitas pelos padres que dirigiam o Seminário.

A tentativa de renovação foi liderada pelos padres Josafá e Oscar, em 1956, que foram ser dominicanos e se manifestaram contra o rigor doutrinário e disciplinar, controlado pelo padre Cabral, que era reitor, mas "resistiu de todo jeito e continuou como reitor da Prainha" (GERARDO CAMPOS, 2006). Os considerados mais avançados não conseguiram pôr em prática suas proposições, pois os lazaristas tradicionais permaneceram na direção da Prainha. Os mais avançados eram chamados de "iktis" ou "ikitismo", que significa peixe, defensores de uma reforma litúrgica e também preocupados com a temática social. (GERARDO CAMPOS, 2006). Na opinião do monsenhor Edson Magalhães, "O padre Josafá, eu diria para você que ele pôs, assim, um horizonte, para quem andava á procura de fazer descobertas, de uma nova visão" (MAGALHÃES, 2006). Sobre a saída dos lazaristas, da direção da Prainha, o monsenhor afirma que "o processo havia começado desde muito antes". E acrescenta que "um processo já estava em andamento. Com certeza, entre lazaristas e seculares, que trabalhavam no Seminário, não havia afinidade". Para ele, a saída dos lazaristas foi "um somatório de causas".

O padre Albani Linhares de Figueredo ressalta que o ensino tradicional dos lazaristas não estimulava o senso crítico e o ímpeto renovador da proposta apresentada pelo padre Josafá assim é resumido:

> Na hora em que o Josafá fez uma conferência sobre os existencialistas, afirmando que tudo que é verdadeiro é bom e tudo que é bom é mau, surgia a possibilidade da gente começar a ter senso crítico. (FIGUEREDO, 2006)

Ainda sobre o conteúdo filosófico transmitido, ele relembra que

> [...] as discussões eram mais na parte do ser, da Escolástica mesmo, mas o resto dos posicionamentos e mesmo nos posicionamentos teóricos da Escolástica transpiravam posições retardadas, retrógradas e as avançadas.

O professor Luiz Dias Rodrigues, o Luizito, assim definiu o conteúdo filosófico ministrado na Prainha: "A Escolástica, Filosofia "ancila Teologiae", Filosofia, a escrava da Teologia" (RODRIGUES, 2006).

O Elmas Moreira de Carvalho assim nos explica a implantação do rigor disciplinar na igreja, consolidado com o Concílio Vaticano I, em 1870, com a implantação da "infalibilidade do papa." A formação lazarista recebida,

> [...] muito dentro do rigor, é o resultado da Contra-Reforma e nós somos frutos dessas decisões. Por isso, a gente não chamava nem de formação, chamava de "forma" "ação", pois tinha que se enquadrar naquela forma.... A igreja era a única tábua de salvação, falou, não se discute. (CARVALHO, 2006)

Para ele, o padre Josafá e sua proposta em prol do movimento litúrgico constituía "uma semente da geração nova dos lazaristas".

Antes da crise que motivou a saída dos lazaristas, aconteceu uma manifestação crítica às práticas educativas do Seminário, iniciada em setembro de 1962 e manifesta com mais intensidade em janeiro de

1963. Causou-me surpresa o depoimento do professor José Olavo Rodrigues, ao manifestar a ocorrência dessa manifestação quando Dom Antônio ainda era o arcebispo, que apoiou a iniciativa dos seminaristas. No início da crise, nos anos sessenta,

> Dom Antônio esteve presente... Nós fizemos aquele encontro de férias, na fazenda Coité, para pensarmos em novas formas, sugerir, como é que o Seminário devia se abrir para os novos tempos e Dom Antônio foi quem custeou. (OLAVO RODRIGUES, 2006)

O encontro contou com participação de seminaristas do Menor, do sexto ano, assim foi justificado por quem o liderou:

> Nós nos reunimos à luz da oração, ao Espírito Santo e pedíamos luz para ver como nós encontraríamos nossos caminhos para a formação do padre numa sociedade, cujos sinais eram outros, não era mais aquela pieguice. (OLAVO RODRIGUES, 2006)

O desejo de renovação disciplinar era a tônica dominante das reivindicações apresentadas, mas os seus participantes, nas palavras do professor José Olavo, não estavam "querendo fazer uma batalha contra os padres lazaristas, nós não queríamos de jeito nenhum". E acrescenta:

> Apenas saiu de lá uma referência, dentro de nossa fantasia de jovens. A gente disse: enquanto os Tomés [referência ao padre Tomé [Verman] e os Van Dick [outro padre holandês] estiverem influindo de maneira unilateral, quer dizer, sem escutar, sem aceitar a participação, a opinião dos súditos, então fica difícil mudar os rumos do Seminário.

Apesar das críticas, dirigidas aos lazaristas, há pessoas que guardam boas recordações deles, inclusive daqueles considerados mais tradicionais. O professor Luiz Dias Rodrigues, o Luizito, da diocese de Sobral, que chegou a se ordenar, guarda boas recordações dos lazaristas:

> Gostei muito dos lazaristas. Havia muita gente boa. Havia o padre Tomé, que era professor de história, uma das melhores recordações. Competente, culto. O próprio padre Almeida, que era disciplinário, que o pessoal achava meio rígido, eu me dava muito bem com ele. (RODRIGUES, 2006)

E o professor Luizito não constava no rol dos acomodados ou reacionários. Pelo contrário sempre foi polêmico. Afirmando que não deixou o sacerdócio, em virtude do celibato, Ele explica:

> A igreja me pareceu bastante oportunista e injusta, quer dizer, vários colegas se dedicaram a procurar justiça, quer dizer, o reino do céu é algo que existe, mas ele começa ser materializado. Aqui. Quando houve esse golpe militar safado de 1964, aí a igreja se omitiu... Você viu capelães militares celebrando missa, recebendo esse negócio, a revolução, que torturou gente aqui no Recife, eu terminei preso.

Na realidade, ele deixou a diocese de Sobral, onde lecionava em alguns colégios e por suas ideias avançadas sobre a posição da igreja em relação à questão social e decidiu fixar residência em João Pessoa. E ao chegar a João Pessoa, teve uma surpresa:

> [...] o negão [Dom José] era tido como um cara avançado, lá em Sobral era Dom Walfrido, mais conservador, mas eu não vim pra cá por ter deixado, eu resolvi vir para um canto qualquer, a barra lá, em

> Sobral não estava boa... Quando cheguei aqui, fui fazer uma visita de cortesia a D. José... Ele veio com um negócio, para eu ficar aqui, tinha que ter autorização de Dom Walfrido. Autorização pra que? O Senhor é dono da cidade? Eu vim aqui visitá-lo, não estou atrás de emprego, não vim pedir licença nenhuma, vim aqui para conversar como Senhor, se tiver algum trabalho que eu possa fazer, como depois Ele me pediu, eu fui dar aula no Seminário, nunca cobrei um centavo... (RODRIGUES, 2006)

As ocorrências apresentadas acima revelam uma demonstração de que mesmo entre aqueles que foram considerados avançados, sob as mensagens de mudanças, advindas com o Concílio Vaticano II, estavam aqueles que reconheciam méritos na ação dos lazaristas, como educadores.

Entretanto aquela acusação de protesto conta os professores retrógrados pesou forte, pois ambos os padres se retiraram do Seminário, em protesto porque a liderança de tal movimento não foi expulsa. O próprio reitor, que era o lazarista padre Vicente Zico "participou do encontro", o que provocou uma profunda mágoa dos padres, denunciados pelos seminaristas.

A saída dos lazaristas da direção do Seminário foi lamentada pela maioria dos entrevistados, embora prevaleça a opinião de que eles não tinham mais condições de permanecerem à frente da instituição. O acontecimento instigante, conforme se observa na entrevista do último reitor lazarista, o padre Agatão, que provocou uma revolta geral, entre os seminaristas, foi a expulsão de um colega do Seminário Maior, que havia exposto seus órgãos genitais, em uma das janelas do primeiro andar, voltada para a avenida monsenhor Tabosa.

A decisão final de entregar a direção do Seminário foi dos padres lazaristas, em 1963 e não uma exigência do novo arcebispo da

época, D. José de Medeiros Delgado. A princípio me deparei com algumas informações contraditórias, que indicavam Dom Delgado como o responsável pela saída dos lazaristas, pois já havia recebido deles a entrega do Seminário de São Luís, quando era arcebispo da capital maranhense. Mas o depoimento do último reitor lazarista foi confirmado pelos depoimentos de entrevistados, que trabalhavam diretamente com D. Delgado. Entretanto, isso não significa que Dom Delgado não desejasse a saída dos lazaristas, mas o certo é que em nenhum momento pediu para que continuassem dirigindo o Seminário. A respeito dessa saída, um depoimento chamou em particular a nossa atenção. Foi o do professor José Ribamar Fernandes Brandão que, ao comunicar ao arcebispo sua desistência de ordenar-se, afirmou-lhe que "estou a sua disposição" para continuar apoiando-o. E a resposta do arcebispo foi decisiva: "Então, você vai ser meu secretário". Por ter permanecido ao lado do arcebispo, durante cinco anos, inclusive residindo no Palácio Arquidiocesano, nos seus últimos de trabalho de Dom Delgado, em Fortaleza, definindo-o como "um dos maiores arcebispos do Brasil," o professor Brandão lhe dedica uma veneração especial, bem diferente dos demais entrevistados. Para eles, Dom Delgado foi um pastor dedicado à renovação da igreja, moldada no Concílio Vaticano II, e a sua decisão de vender o Palácio da Arquidiocese, o Banco por ela mantido, o Banco Popular de Fortaleza, o Jornal O Nordeste, teria sido mais uma demonstração expressiva de seu desapego aos bens materiais do que uma medida para sanar uma crise financeira na arquidiocese. Entretanto, vale salientar que o Banco e o Jornal não se encontravam em boa condição financeira.[71] Para o padre Joaquim

71. A melhor explicação para essa decisão, tomada por Dom Delgado, encontra-se no livreto, de sua autoria, "Pedaços de Mim Mesmo." Fortaleza: Oficinas do Jornal a Fortaleza, 1973.A crise pesava mais no Banco, por isso a venda do Palácio Arquidiocesano foi para cobrir o capital do

Colaço Dourado, que era tesoureiro geral da arquidiocese, o banco estava deficitário. E ele assim define a situação:

> Tudo foi se acabando. Eu fui contra a venda do palácio, pois era administrador do mesmo. Eu era muito amigo de Dom Delgado, eu morava no palácio, mas Ele dizia: "Agora já tive permissão de Roma. Eu sei que você não está a favor da venda". (COLAÇO DOURADO, 2006)

Apenas alguns dos depoimentos deixam transparecer a personalidade forte do arcebispo, bem expressa na sua decisão da venda dessas instituições, pois a maioria dos que lhe eram próximos não acatou tal medida.

Mas, para o professor José Ribamar Fernandes Brandão,

> Foi total decisão de Dom Delgado, que havia tirado os lazaristas da direção do Seminário do Maranhão. Quando ele chegou a Fortaleza, no meio do ano, Miguel Brandão, meu irmão, que estava no seu último ano de Seminário, teve um problema com os lazaristas, que não queriam ordená-lo. Numa reunião com Dom Delgado, Miguel lhe disse: "Estou com um problema, os padres não querem me ordenar" e ele respondeu: "não, não é você que vai sair, são eles".

Mesmo com o arcebispo prevendo a almejada saída, de acordo com a maioria dos entrevistados, a decisão final foi dos padres lazaristas que entregaram a direção do Seminário, ao perceberem que não mais seria capazes de permanecerem na sua direção. Nas

Banco, que deseja transformá-lo em uma entidade voltada não apenas à Arquidiocese, mas a outras Dioceses, não só do estado do Ceará, mas dentro da proposta do "Regional Nordeste I" atenderia as Dioceses e Prelazias do Ceará, Piauí e Maranhão. "O estabelecimento da "Previdência do Clero" e a construção do Hospital Cura d'Ars, da Arquidiocese, foram realizados com o apoio do referido Banco.

palavras do padre Gilson Marques Soares, "os lazaristas acharam por bem sair, não foram colocados para fora".

Dom Manoel Edmilson da Cruz, que foi convidado a trabalhar no Seminário da Prainha, explica que as mudanças registradas na década de sessenta, na igreja Católica não constituíam um movimento "só no sentido da fé, mas no sentido da disciplina". E os que dirigiam o Seminário "sentiram dificuldade em se adaptar." E acrescenta:

> Eu lembro que já estava havendo uma porção de dificuldades em sanar esses sentimentos em relação a essas novas tendências e idades jovens, aquele ardor juvenil. Eu sei que os lazaristas se apresentaram ao arcebispo Dom Delgado destacando as dificuldades e afirmando que não tinham mais condições. Assim, eles desistiram da administração à frente do seminário, como diretores... Foi quando Dom José confiou a direção do Seminário ao clero diocesano, nomeando para reitor o monsenhor Gerardo Ponte, pároco da igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Fortaleza. monsenhor Gerardo pediu a Dom José que fizesse vir de cada diocese um padre que tivesse prática na direção do Seminário. Por isso fui chamado, o padre Luiz Antônio, do Crato e o Ermani, de Limoeiro. (DA CRUZ, 2006)

A explicação apresentada por Miguel Brandão (BRANDÃO, 2006), irmão do depoente anterior, confirma o desejo de Dom Delgado de afastar os lazaristas da direção do Seminário, mas nos revela que o peso maior estava na própria crise disciplinar, "surgida num dos últimos dias do semestre" [de 1963], quando "um seminarista teria sido expulso por uma atitude indecorosa" Como Miguel era o deão da sua turma, quando cursava o terceiro ano de Teologia, deão era uma espécie de regente, muitos colegas foram conversar com ele, pedindo que o reitor viesse dar explicações à comunidade sobre a

expulsão ocorrida. Quem veio falar com os seminaristas do Maior foi o padre Marçal e não o reitor, que só no dia seguinte comentou o ocorrido e exigiu que todos assinassem um termo de concordância sobre a expulsão registrada. E todos os presentes assinaram. A exigência de explicação dos seminaristas, para que o reitor lhes apresentasse os motivos da atitude tomada custou caro, pois fez com que uma lista de internos a serem excluídos do Seminário Maior foi elaborada, aguçando a crise. Segundo o padre Moacir Cordeiro Leite, um dos que foram expulsos da Prainha e com Dom Delgado conseguiu retornar à Prainha, os lazaristas expulsaram alguns seminaristas, sem lhes dar nenhuma explicação:" Eles só fizeram comunicar, nunca disseram o porquê. Éramos os cabeças." (LEITE, 2006). A decisão não foi uma decisão exclusiva do reitor, pois contou com a anuência dos demais padres lazaristas.

E o professor Miguel Brandão acrescenta:

> Dom Delgado conversou comigo e perguntou o que aconteceu e eu contei... e ele disse; "Fiquem tranquilos, vocês todos vão continuar no Seminário da Prainha, porque nós não vamos ficar mais com os lazaristas. (MIGUEL BRANDÃO, 2006)

A ideia dominante era que, com a saída dos lazaristas, os problemas seriam superados e o fortalecimento do Seminário, como o centro de formação eclesiástica regional estaria consolidado. Entretanto, as expectativas não corresponderam à realidade e poucos anos depois o Seminário foi fechado, sendo enviados seminaristas, que estavam cursando o Maior para o Seminário do Recife, considerado um modelo mais avançado de formação eclesiástica, nos moldes da

inovação almejada pela nova corrente da igreja Católica.

Para o Professor Francisco José Loyola Rodrigues, "Essa questão do fechamento do Seminário, em dezembro de 1966 foi uma coisa chocante para mim. Naturalmente, porque eu estava no último ano de filosofia" (LOYOLA RODRIGUES, 2006). Entretanto, pela informação apresentada pelo padre João Alves de Moura Filho, para o arcebispo, a situação não foi tão marcante.

Dom Delgado reuniu os seminaristas e disse: "olhem, o Seminário vai fechar esse ano, quem não amadureceu agora vai apodrecer e pronto" (MOURA FILHO, 2006).

Na realidade, uma crise se observava, em diferentes manifestações, expressando uma insatisfação com o modelo vigente, na busca de uma perspectiva remodeladora do modelo de formação sacerdotal desejado. O professor Francisco José Loyola Rodrigues assim explica o problema enfrentado:

> A crise começou, quando estavam em pleno Concílio, quando nos anos de 1963,1964, 1965 foi realizado o Concílio Vaticano II, que trouxe mudanças significativas, nas atitudes da igreja. E nós da Prainha, diga-se a bem da verdade, fomos bem informados com o que se passava no Concílio. Os padres dirigentes do Seminário trouxeram teólogos brasileiros, que eram assessores dos bispos brasileiros, no Concílio e Teólogos de significação nacional, que vieram ministrar conferências, como o Frei Alexandre Baraúna e o padre Comblain. (LOYOLA RODRIGUES, 2006)

Havia "um mal estar entre alguns padres, uma certa insatisfação, que criava um espírito ruim, dentro da comunidade" (LOYOLA RODRIGUES, 2006). A agitação se apresentou sobretudo entre os

alunos do curso de Teologia, liderados pelo Diogo, uma seminarista do Piauí.[72] Segundo o professor José Loyola Rodrigues,

> Era uma liderança muito forte. Uma liderança muito exacerbada e ele tinha um carisma, realmente, que atraía os colegas de Teologia. Eu falo como um estudante de Filosofia e não de Teologia, mas do lado dele havia um carisma, para os estudantes de Teologia. E como eles estavam na frente, formando um grupo mais elitizado, quer dizer, eram aqueles que estavam mais na frente, pois, com um ano, iam ser padres, isso eras muito significativo para a orientação no Seminário. (LOYOLA RODRIGUES, 2006)

Pelas informações apresentadas, a manifestação se concentrou mais entre os liderados pelo piauiense Diogo, pois havia uma certa distância, na troca de opiniões, entre filósofos e teólogos. Indagado a respeito da crítica apresentada pelo colega Diogo, ao modelo de Seminário existente, após a saída dos lazaristas, o professor Francisco José Loyola Rodrigues afirmou que a proposta por ele apresentada não agradou a todos, pois alguns colegas a consideraram anárquica, expressa em um discurso vaidoso. E acrescentou:

> Lamentavelmente como foi o fechamento do Seminário da Prainha em dezembro de 1966, por uma decisão infeliz de quem quer que tenha sido, houve causas para o mal estar que se criou. A ebulição juvenil captando as aragens dos novos tempos teve um caráter de antecipação na Prainha. Daniel Cohn-Bendit em Paris e

72. Infelizmente, mesmo tendo mantido contato telefônico com o Prof. Diogo, que reside em Teresina, ele sempre alegou o seu compromisso com muitos encargos, agenda comprometida, o que não lhe permitia tempo para ser entrevistado.

> Angela Davis na Califórnia, em 1968, foram meros epígonos da inquietação do Dioguinho de 1966 na Prainha. (LOYOLA RODRIGUES, 2006)

Foi numa reunião geral dos seminaristas. Os bispos estavam em Roma, participando do Concílio. O único bispo do Ceará, que não pode participar do Vaticano II, Dom Aureliano Matos, por motivo da idade avançada, estava presente nessa reunião. E o "discurso iconoclasta" do Dioguinho, como era conhecido peloso colegas, "um discurso que foi muito aplaudido pelos seus próprios colegas, não tanto pelos estudantes de filosofia, mas sim pelos de Teologia". E "nós, os filósofos, como a gente falava, fomos arrastados para aquilo, sem sabermos do que se tratava. E ficamos surpresos com aquele discurso iconoclasta". O ataque era contra o modelo sacerdotal, idealizado pela igreja.

Em relação à posição do arcebispo de Fortaleza, Dom Delgado, frente à crise final do Seminário, o Prof. Francisco Loyola nos apresenta uma outra versão a respeito de Dom Delgado, bem diferente da opinião dos seminaristas da arquidiocese, que o admiravam por suas ideias em prol do compromisso social da igreja, e daqueles que conviveram com ele, como o José Ribamar Fernandes Brandão:

> Uma coisa que gostaria de falar, sobre Dom Delgado, uma coisa que está na raiz do fechamento do Seminário, foi o descaso de Dom Delgado com o Seminário. Dom Delgado, nesses anos que passei na Prainha, era o arcebispo de Fortaleza, então era o líder, o Seminário devia estar sob a responsabilidade dele. Ele foi uma vez ao Seminário, em uma sessão em que foi recebido o núncio apostólico. Foi a única vez que ele foi ao Seminário. E eu

> atribuo a esse descaso dele, com o Seminário, este mal estar que levou ao fechamento do Seminário, quer dizer, é uma das causas. E ele tinha decidido por isso no fim. Foi Ele quem decidiu. (RODRIGUES, 2006)

Uma outra crítica apresentada pelo professor Loyola sobre o fechamento do seminário, em dezembro de 1966 e, em fevereiro de 1967, o prédio foi transformado em um colégio moderno, após algumas remodelações efetuadas, inclusive com a construção de uma piscina. Ali foi instalado um colégio particular, o Juventus, sob a responsabilidade dos padres Gotardo Lemos e Oscar Peixoto, que antes trabalhavam como professores do Seminário. Inclusive o padre Oscar ocupava a função de Tesoureiro.[73] Entretanto, o professor Loyola Rodrigues deixou claro que não atribui a esse fato a determinante principal do fechamento do Seminário, mas a uma problemática mais ampla, embora insista em apontar, como um dos fatores significativos, a omissão de Dom Delgado:

> Então houve com os padres seculares, padres diocesanos, houve uma abertura bem intencionada e o Concílio reforçava isso, esse tratamento para extensão da comunidade. No entanto, a ausência do arcebispo sobre o Seminário, foi um descaso. Uma ausência física, que suponho espiritual mesmo. (RODRIGUES, 2006)

Para avaliar o depoimento acima apresentado, recorremos mais uma vez à opinião de quem acompanhou de perto Dom Delgado. Refiro-me ao professor José Ribamar Fernandes Brandão, numa referência ao período do fechamento do Seminário:

73. Sobre a instalação desse colégio, cf. o depoimento do Padre Gotardo Lemos. Quanto ao Padre Oscar, procuramos entrevistá-lo, mas ele não se dispôs a prestar depoimento.

> Eu vou dizer o que disse a Dom Delgado: o pior lugar para formar padre é o Seminário da Prainha, porque não forma homem, não forma cristão, não presta para formar padre. Porque eu acho que para ser padre, primeiro tem que ser homem e tem que ser cristão. E uma casa que forma homens duvidosos quanto a sua masculinidade, homens duvidosos quanto a sua espiritualidade e homens não convictos do cristianismo, mas duma farsa, numa capa exterior de religião, este homem não vai ser um bom padre de jeito nenhum. E Dom Delgado queria pessoas mais autênticas, mais pé no chão.

Na realidade, são dois depoimentos pessoais, mas que não se dissociam na indicação dos fatores determinantes da crise enfrentada. Além disso, vale ressaltar que o professor Loyola era da diocese de Sobral e não estava tão envolvido com o arcebispo como o prof. Brandão, que trabalhava e morava com ele. O padre Moacir Cordeiro Leite nos apresenta uma definição de Dom Delgado bem original, pois não o considera o individualista, mas como "um sonhador isolado". E acrescenta: "Ele abriu muito para os leigos, mas não teve um grupo que ficasse junto dele. Ele chegava de Roma às seis horas e às sete horas ia para Pacatuba, onde tinha um sítio com piscina dormir lá, pois sentia-se bem. Era um sonhador. Sonhava com a formação de um clero diferente" (LEITE, 2006).

O monsenhor Francisco Manfredo Tomás Ramos, proveniente da diocese de Sobral, onde cursou o Menor, concluiu Filosofia, Teologia e o próprio doutorado em Roma, ali vivendo durante onze anos, ao regressar ao Ceará foi convidado por Dom Delgado para lecionar no Seminário, como representante de uma outra diocese. Nas suas palavras,

> Eu voltei [a Fortaleza] depois de três anos na minha diocese, numa experiência pastoral. Eu vim para Prainha e não saí mais. Mas repito, eu entrei já como professor, dois anos depois da saída dos lazaristas. (MANFREDO RAMOS, 2006)

Sobre o fechamento do Seminário, ele comenta:

> Eu acho que foi um acontecimento tão pesado, quase, eu diria, esdrúxulo, que não dá para entender. A pessoa tem dificuldade, todos nós temos. Eu vejo, olhando assim mais de longe, como consequência não de desentendimentos ou de atritos locais, pequenos, mas como consequência de uma transformação que foi do mundo inteiro, não foi só o Seminário da Prainha que entrou em crise. Depois do Vaticano II, que terminou em sessenta e cinco, estava em ebulição ainda por muitos anos, estava em ebulição essa vida interna, disciplinar e mesmo acadêmica dos seminários do mundo todo. E no Brasil, particularmente, foram vários seminários que fecharam. (MANFREDO RAMOS, 2006)

Para o monsenhor João Olímpio Castello Branco, da diocese de Limoeiro, que passou apenas quatro anos na Prainha, pois foi cursar Teologia em Roma, os padres seculares não estavam preparados para enfrentar a crise final do Seminário. Segundo ele,

> Você imagina o mar revolto, você conduzir uma barca num mar revolto, não é qualquer timoneiro que conduz. Então, a coisa estava efervescendo, esse vírus, se é que a gente pode chamar assim, esse desejo de liberdade. É proibido proibir, estava escrito lá em Paris. É proibido proibir. Trabalhe para viver, não viva para trabalhar. Então isso pegou dentro da igreja, dos seminaristas. Crise de

> autoridade, crise de obediência e os padres não estavam preparados. E então não souberam enfrentar... (CASTELO BRANCO, 2006)

Levando em conta as diversas análises apresentadas sobre a crise do Seminário da Prainha, não nos cabe sobrepor uma das interpretações observadas sobre as demais, afinal o seu fechamento não constituiu uma ocorrência isolada, mas a manifestação do curso da história, o resultado do impacto entre as mudanças almejadas, por uma igreja em fase de transição e a realidade concreta daquele período, quando a juventude procurava "uma sociedade alternativa". O padre Osvaldo Carneiro Chaves, numa interpretação alegórica, a nosso ver, expressa muito bem o fechamento do Seminário, que pode ser aplicada aos seus dois momentos críticos, ao afirmar que "não foram os lazaristas que saíram, não, foi um barco que afundou". Na realidade, mesmo com o ímpeto renovador do Vaticano II, aquele modelo não se adequava à turbulência das águas revoltas, dos anos sessenta, pois não atendia às expectativas almejadas.

Considerações finais

O Seminário da Prainha foi implantado como "outra Fortaleza", um reforço ao modelo tridentino, na defesa da missão evangelizadora da igreja Católica, capaz de enfrentar o desafio da racionalização e do laicato, impulsionado pela modernização estampada no final do século XIX. Recanto de estudo e oração, fora idealizado como o celeiro de formação de pastores, capazes de enfrentar as contradições de mundo dominado pelos interesses particulares. A proposta de estratégia adotada pela igreja, na formação do seu clero, foi realizada a contento e se manteve forte durante quase um século, nas mãos dos lazaristas, que tinham aceitado o desafio de uma nova missão, formar os futuros sacerdotes.

Se dois são os momentos históricos do Seminário, enfocados no decorrer do trabalho, duas são as paisagens da Fortaleza cidade, onde se situava a conceituada instituição. A Fortaleza do século XIX, classificada como provinciana, mas com as manifestações de espaços sociais diferenciados e ansiosos de uma modernização inovadora, capaz de superar o marasmo das tradições não tão valorizadas pela intelectualidade da época. Esse perfil da cidade nos é retratado no estilo sagaz de Adolfo Caminha. A Fortaleza dos anos sessenta, antes da implantação da SUDENE, quando a carência de serviços básicos e a distribuição desigual de renda preocupavam a todos, revela-se na

análise social apresentada por Jader de Carvalho. Nessas duas obras, com duplas paisagens, a da cidade e de seus habitantes, onde ficção e realidade se envolvem, nós conseguimos visualizar o cenário desse mundo secular, que desafiava a missão evangelizadora dos futuros padres, preparados no Seminário.

Ante um cenário tão abrangente, de duas Fortalezas, o trabalho apresentado é uma produção da história urbana ou de uma "micro-história"? Creio que os dois conceitos se entrelaçam, no decorrer das análises apresentadas. É o mesmo complexo enlace, que se manifesta entre a memória individual e a memória coletiva, pois ambas se misturam, apesar das peculiaridades de cada uma delas. Nenhuma memória individual se dissocia da memória coletiva, nenhuma referência à memória coletiva anula a manifestação da memória individual. Os rabiscos de uma memória individual tornam-se mais reveladores, quando confrontados com as memórias coletivas. Daí a decisão de não dissociá-las, mas apresentá-las como o reconhecimento da força do laço que as envolve.

O significado de suas proposições e dos resultados obtidos, ao longo de sua história nos foram revelados pelo alcance da memória coletiva. Através dela, foram descobertas paisagens plurais e não apenas um quadro fixo de uma paisagem imposta pelo ideal e rigor da formação eclesiástica. As imagens e os sentidos delas se multiplicam na expressão das sensibilidades, presentes no ato de recordar. A memória não propicia uma ressurreição do passado, mas a sua reconstrução. Nesse elo indelével, entre o ontem e o hoje, na busca da compreensão do amanhã, a denominada memória coletiva amplia o campo das reminiscências, afinal se várias as informações coletadas, diversas são as versões apresentadas, afinal cada ser humano não é apenas um espelho da realidade referenciada, mas

uma possibilidade de uma configuração especial do que é relembrado, revelado através da narrativa. É como se fosse uma pintura de uma ou mais paisagens, pacientemente elaborada, com a marca indelével da individualidade de observar e expressar o que é apresentado. Se a fotografia constitui uma fonte valiosa, porque apresenta o observado com a peculiaridade de quem a obtém, mais revelador é o potencial expresso através da memória dos narradores consultados.

Assim, os depoimentos coletados nos permitiram revelar experiências plurais, envolvendo diferentes momentos da história do Seminário da Prainha e diversas modalidades de encarar e expressar o sentido dessa instituição, na formação de cada um dos entrevistados.

A complexidade do histórico da Prainha nos revela a contradição entre uma Fortaleza reclusa, o próprio Seminário, e o mundo laico, que com ele se entrecruzava, a chamada vida secular era significativa, afinal era lá que se situava o campo a ser explorado pelos futuros pastores.

Pelas informações apresentadas, nas entrevistas, os méritos da educação recebida na Prainha suplantavam as falhas e as limitações observadas nas experiências cotidianas de uma vida de internato. O hábito de estudo, consolidados horários reservados à preparação de cada uma das quatro aulas diárias, mesmo com a ausência de uma biblioteca à disposição dos alunos, foi o ponto positivo, reconhecido por todos os entrevistados, como as razões para a qualidade do sistema de internatos dos alunos da Prainha. E as falhas na didática aplicada no ensino de diferentes disciplinas, o reconhecimento da memorização como recurso básico à aprendizagem não macularam a auréola contínua do cultivo do saber.

Se fôssemos estabelecer um confronto entre os méritos e limitações do ensino, no Seminário da Prainha, considerando o teor das informações apresentadas nas entrevistas, as vantagens superariam os pontos negativos, observados ao longo das experiências vividas. E várias são as razões para tal evidência.

Em primeiro lugar, ao situarmos a referida Instituição no contexto da sua implantação, na segunda metade do século XIX, facilmente se divisa o seu significado na formação da juventude, pois raras eram as escolas disponíveis numa sociedade onde a maioria era composta por analfabetos.

Além do Liceu do Ceará e de poucas escolas oficiais e particulares, estudar era um privilégio dispendioso. Com a instalação do Seminário, as oportunidades de escolarização foram ampliadas e a própria estrutura do seu funcionamento favorecia a aquisição de conhecimento. Os horários reservados à preparação de cada uma das quatro aulas diárias, duas pela manhã e duas no período da tarde, condicionavam os alunos ao hábito da leitura imposta ou à execução dos exercícios programados. As horas reservadas ao estudo suplantavam as dedicadas às orações e às cerimônias religiosas.

E a primazia usufruída pelo Seminário, como escola modelo, confrontando-o com outras instituições educacionais, permaneceu consolidada por quase um século, atendendo não apenas aos jovens da capital. O seu alcance atingia regiões interioranas, mesmo fora dos espaços urbanos, pois a maioria dos seminaristas provinha de diferentes localidades, mesmo daquelas que se situavam distantes da capital. Somente após o surgimento das escolas de educação superior e sobretudo na fase posterior à implantação da Universidade Federal do Ceará, o Seminário perdeu aquela aura desfrutada em um longo período. E mesmo nessas instituições, a presença do Seminário da Prainha se tornou visível, seja na composição do seu quadro

docente ou mesmo na direção de departamentos ou centros, especialmente na área de humanidades. A Faculdade de Filosofia do Ceará, a FAFICE, quando da sua instalação em 1967, após a encampação da antiga Faculdade de Filosofia, a cargo dos Irmãos Maristas, passou a ser dirigida pelo padre Luiz Moreira, antigo professor e Ex-reitor do Seminário da Prainha. Na linguagem cotidiana, os ex-alunos do Seminário a denominavam "filial da Prainha".

Os depoimentos coletados representam apenas uma amostragem de um universo de coleta bem mais abrangente. Ao total, foram 52 entrevistas realizadas, envolvendo reitores, professores e alunos. Entretanto, ao confrontarmos os informes obtidos, os valores que lhe são atribuídos superam as limitações reconhecidas.

Ante as considerações apresentadas, vale destacar o significado cultural e simbólico do Seminário da Prainha na história da educação não apenas do Ceará, mas em nível regional, onde os seus reflexos, na formação cultural das gerações que por ali passaram, sempre se fazem sentir, além do próprio território cearense, seja em estados vizinhos, ou até mesmo em cidades de outras regiões. Fundado em 1864, quando a igreja Católica buscava consolidar o processo de romanização, numa tentativa de dirimir a sua dependência ao poder temporal e, simultaneamente, enfrentar o avanço da racionalização, no mundo laicizado, que se tornava mais desafiador, quando se confirmava o poder da aliança entre os ideais burgueses e as propostas inovadoras da ética protestante (cf. WEBER, 1985).

Desse modo, na segunda metade do século XIX, quando o processo de urbanização apenas ensaiava os seus primeiros passos, na capital cearense, o Seminário se consolidou não apenas com um celeiro cultural, destinado aos que almejavam uma formação eclesiástica,

mas também constituía uma opção às famílias mais bem situadas, de educar os que lhes parecessem mais aptos, mas também se afigurava como uma dádiva do Criador, aos menos afortunados, que almejassem obter uma formação cultural, de pelo menos parte da sua prole. Vale lembrar o número de componentes de uma família patriarcal e as condições de ensino, numa capital provinciana, onde apenas as primeiras escolas públicas e particulares davam seus primeiros passos.

As revelações das memórias individuais e coletivas apresentam as contradições do cotidiano, numa instituição mantida pelo controle disciplinar rígido, mas os contrastes são redimidos pela "imagem" ou um dos "arquétipos" consolidados pela tradição.[74] Para entender o histórico do Seminário da Prainha, é significante seguir os passos de Cassirer que, ao invés de definir o homem como "animal rationale", optou por defini-lo como "animal symbolicum". Para ele,

> A memória simbólica é o processo pelo qual o homem não só repete sua experiência passada, mas também reconstrói sua experiência. A imaginação torna-se um elemento necessário da verdadeira lembrança. (CASSIRER, 1994, p. 50; 89)

74. Vide o alcance desses conceitos, de acordo com o pensamento de Jung. A imagem tem um sentido revelador deveras abrangente. Através dela, os sonhos e imaginações remetem às profundezas do inconsciente. Daí a função terapêutica que é atribuída às imagens e aos sonhos. A imagem apresenta uma função especial pois pode ter efeitos positivos ou negativos sobre a vida do indivíduo. Segundo Jung "... quando falo de imagem, não a entendo como um retrato psíquico do objeto exterior, mas muito mais como uma representação que remonta ao uso poético da linguagem, a saber, aa imagem da fantasia, aquela que se relaciona de modo indireto com a percepção do objeto externo" — Cf. JUNG, C.G. in HARK, 2000, p. 62. Para Jung, "arquétipos, designação com a qual indico certas formas e imagens de natureza coletiva, que surgem por toda parte como elementos constitutivos dos mitos e ao mesmo tempo como produtos autóctones individuais de origem inconsciente". Idem, 1987, p. 55-56.

O ponto-chave da nossa análise diz respeito à compreensão do Seminário da Prainha no imaginário dos seus membros, onde a narrativa e a representação nos remetem ao peso das tradições na cultura local. Para percorrer os corredores da Prainha, a narrativa é o canal de expressão da memória social.[75] Na realidade, a redescoberta da narrativa não é aleatória, mas fruto de experiências históricas vividas. Na era da pós-modernidade, quando os valores e as instituições sociais de repente perdem a aura, que os envolvia, a descrença na razão nos faz duvidar da certeza, da cientificidade e da lógica, presentes nas produções historiográficas tradicionais.

Elas se apoiavam em conceitos e métodos anteriormente consagrados. A narrativa, antes considerada como expressão do legado positivista, se apresenta muito mais do que uma válvula de escape, que deixa escoar os anseios e expressões de experiências recônditas. Se os postulados básicos da ciência, confirmados pela linguagem escrita, já são reconhecidos como insuficientes para a satisfação dos anseios coletivos, pois, hoje, mais do que antes, "tudo o que é sólido se desmancha no ar", a busca de novas opções fez renascer o que antes parecia pouco expressivo: a narrativa.

A narrativa é simbólica, pois deixa transparecer a visão individual, mas voltada não apenas às experiências dos narradores, mas também reveladora das ações coletivas. O renascimento da narrativa significa o reconhecimento das limitações do determinismo, quando as estruturas superavam a liberdade de interpretação que ressalta a força da ação humana, além da forma conceitual de classe social.

75. Como passo inicial à compreensão do conceito de Narrativa, na análise de Paul Ricoeur, recomendamos: DOSSE. "3. Paul Ricoeur revoluciona a história" in ____. 2001, p. 71-100 e LEAL, 2002.

E se muitos eram os internos no Seminário da Prainha, múltiplas são as versões que podem ser apresentadas a respeito das experiências vividas em diferentes momentos de sua história. A diversidade de narrativas não contradiz às proposições da análise histórica, que não mais almeja a contemplação de verdades reveladas, mas o confronto das contradições e das múltiplas versões, dos modos de pensar diferenciados, que podem ser observados.

Entretanto, se fôssemos comparar o reconhecimento dos méritos e benefícios, propiciados pelo sistema de ensino de internato no Seminário da Prainha, com os pontos negativos do rigor disciplinar, que eram impostos no cotidiano das atividades ali desenvolvidas, a "sobreposição do sagrado ao profano" na tradição cultural não bastaria para explicar a descoberta de um novo sentido para o sagrado. De acordo com Rudolf Otto, "o Sagrado não é um conceito mas sim um sentimento de respeito, de emoção" (Cf. GRÜN, 2003, p. 9).

O próprio conceito de narrativa nos esclarece acerca das informações obtidas, pois o conteúdo dos relatos apresentados não é resgatado, mas elaborado em um presente distante das ocorrências rememoradas e a memória se alimenta do passado, mas não se liberta do momento existencial em que é revelada. Ela remete à constelação da diversidade de visões, que são apresentadas, acerca das temáticas escolhidas, pois a subjetividade diferencia o panorama estudado, mostrando as várias paisagens que podem ser divisadas. Afinal, o entrevero entre passado, presente e futuro é ilusório, pois há um nexo contínuo entre as supostas divisões estabelecidas na temporalidade. Na realidade, "nem se pode dizer, com exatidão, que os tempos são três: passado, presente e futuro" (SANTO AGOSTINHO, s. d., p. 19). Por isso, no histórico da Prainha, o passado, o presente e o futuro se conectam, afinal o continuum da historia não separa a dinâmica do tempo em três momentos

distintos, mas contempla o envolvimento e a revelação dessa tríade.

Além da dinâmica da narrativa, um outro conceito nos esclarece acerca da memória coletiva, apresentada sobre o Seminário. Refiro-me à "representação". Na verdade, dentre as versões que são aplicadas à noção de "representação", também são indicadas "as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida" (Cf. CHARTIER, 2002, p. 11). E de acordo com as tradições culturais, considerando as condições sociais do sistema educacional da época em que o Seminário foi implantado, o papel que desempenhou em diferentes momentos da história local, o significado que a referida instituição teve foi constituída socialmente por cada um dos que desfrutaram do seu alcance, pois a experiência vivida no seu recinto fazia parte da organização de suas experiências de vida.

Apenas um ano antes da comemoração do seu centenário, em 1963, quando a paisagem urbana e as perspectivas culturais da capital cearense eram outras, não só em função da explosão do seu índice populacional, mas em relação aos problemas de sua infraestrutura, os padres lazaristas entregaram a direção da instituição ao arcebispo de Fortaleza, que a confiaria ao clero secular.

À primeira vista, a explicação para a crise, vivenciada pelos lazaristas, pelos padres seculares, que trabalhavam no Seminário, e pelos seus internos seria superada, quando os padres seculares assumissem totalmente a sua direção. novas modalidades de trabalho foram pensadas, mas a prática das mesmas revelou que a complexidade da crise não se apagara com a saída dos lazaristas, da direção do Seminário. Portanto, não merece crédito a busca de um responsável único pelo declínio da Prainha, como um espaço de formação do clero secular ou a indicação de uma determinada ocorrência que tenha pesado mais. O somatório das práticas vividas,

o confronto entre o dito e o vivido, que diluíram as esperanças de moldar um novo canteiro de vocações, no mar revolto dos anos sessenta, fez naufragar o velho barco da Prainha.

As vocações escassearam, o número de padres, que abandonaram suas funções, aumentou, mas o celibato permaneceu como a exigência primeira aos que optarem em se dedicar ao sacerdócio. As razões da não aceitação do celibato, pelos padres, que se afastaram da vida clerical constituem uma opção de vida e devem ser respeitadas pela ousadia assumida de enfrentarem uma nova vida profissional, nem sempre contando com a garantia de melhores dias. Na realidade, a grande oportunidade de conseguir uma função profissional, no mundo secular, aos ex-seminaristas ou aos que abandonaram sua vida sacerdotal, não se restringiu ao nível intelectual de cada um deles. A solidariedade contínua, os laços de amizade, firmados na Prainha, não se limitaram ao período ali vivido. Nos mais diferentes espaços de trabalho, sempre há uma referência a um colega da Prainha, que o apoiou ou indicou para uma das chances de ocupação profissional.

Da mesma forma, os que permaneceram fiéis ao celibato, nas práticas cotidianas e não apenas nos sermões, alimentados pelo ideal de entrega total de uma vida, por amor, na busca de uma salvação dos seus irmãos, merecem ser respeitados pela coragem dessa posição assumida na "Era do Vazio" (LIPOVETSKY, 2005). A velocidade da via consumista, no mundo contemporâneo, esbarra na veleidade das relações sociais, que desbotam o colorido da vida humana, pungente, mas passageira como uma sombra que nos acompanha.

Os laços de solidariedade e o respeito aos outros, desde que não maculem o potencial da "individuação", merecem sem preservados como legado valioso do velho casarão da Prainha. Se a caridade cada vez mais se descaracteriza nos dias de hoje e a esperança pode ser

diluída pela falta de perspectivas de melhorias, no sentido do outrem, é preciso ter fé, que nos faça persistir na luta em prol do coletivo. Afinal,

> A aventura espiritual do nosso tempo consiste na entrega da consciência humana ao indeterminado e indeterminável, embora nos pareça — e não sem motivos — que o ilimitado também é regido por aquelas leis anímicas que o homem não imaginou, e cujo conhecimento adquiriu pela "gnose" no simbolismo do dogma cristão, e contra o qual só os tolos e imprudentes se rebelam; nunca, porém, os amantes da alma.[76] (JUNG, 1987, p. 112)

76. JUNG, C. G. Psicologia e Religião. 6.ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 112. À primeira vista, a afirmativa de Jung poderia ser considerada extemporânea, mas para reforçar a argumentação da sua validade, é importante considerar o papel das Religiões, nos dias atuais. O comentário do teólogo, padre Manfredo Oliveira bem o define: "Os grandes analistas, mesmo aqueles que não têm fé nenhuma, voltam a insistir na importância fundamental das religiões nas nossas sociedades e até advogam o papel que as religiões podem contribuir para ajudar no processo de humanização da vida. Eles dizem que as religiões têm uma longa tradição ética e que podem, se elas forem capazes de traduzir sua linguagem para uma linguagem secular, elas podem dar enormes contribuições na busca da construção de um mundo alternativo. As religiões para eles teriam uma enorme significação, sobretudo no nível da busca de princípios que possam orientar o ser humano no mundo" — As reservas da humanidade. Vida & Arte. Fortaleza - CE, O Povo, 24 abr. 2011, 4.

Fontes

Entrevistados

Prof. Aderson Graciano de Oliveira (João Pessoa-PB, 26/11/2006)
Pe. Afonso Queiroga da Silva (Iguatu-CE, 23/11/2006)
Pe. Albani Linhares de Figueiredo (Sobral-CE, 29/03/2006)
Prof. [Pe.] Alberto Barbosa Viana (Fortaleza-CE, 03/05/2000)
Monsenhor André Viana Camurça (Fortaleza-CE, 10/05/2000)
Padre Antônio Gomes Pereira (Belo Horizonte-MG, 03/03/2007)
Prof. [Pe.] Antonio Silveira Bastos (Fortaleza-CE, 03/10/1996)
Pe. Crisares Sampaio Couto (Acopiara-CE, 24/11/2006)
Monsenhor Dermival de Anchieta Gondim (Brejo Santo-CE, 21/10/2006)
[Pe.] Elmas Moreira de Carvalho (Fortaleza-CE, 20/12/2006)
Pe. Francisco Alves Teixeira (Iguatu-CE, 04/09/2006)
Prof. Francisco Camelo Nogueira (Fortaleza-CE, 04/10/2006)
Pe. Francisco de Assis Pitombeira (Limoeiro do Norte-CE, 19/10/2006)
Prof. Dr. Francisco José Loyola Rodrigues (Fortaleza-CE, 20/10/2006)

Monsenhor Francisco Manfredo Tomás Ramos (Fortaleza-CE, 01/09/2006)
Prof. Francisco Sampaio Sales (Sobral-CE, 29/08/2006)
Dr. Francisco Tomé Filho (Fortaleza-CE, 05/11/2006)
Prof. [Pe.] Gerardo José Campos (Fortaleza-CE, 03/11/2006)
Pe. Gilson Marques Soares (Fortaleza-CE, 13/09/2006)
Pe. Giovanni Sabóia Castro (Fortaleza-CE, 10/11/2006)
Pe. Gotardo Thomaz de Lemos (Fortaleza-CE, 13/06/2000)
Pe. Hemetério Alexandre de Santiago (Fortaleza-CE, 24/03/2000)
Pe. João Alves de Moura Filho (Teresina-PI, 20/11/2006)
Pe. João Firmino da Cruz (Iguatu-CE, 24/11/2006)
Prof. João Nogueira Mota (Fortaleza-CE, 17/11/1999)
Monsenhor João Olímpio Castelo Branco (Limoeiro do Norte-CE, 18/10/2006)
Prof. [Pe.] João Salmito Neto (Fortaleza-CE, 08/11/2006)
Pe. Joaquim Colaço Dourado (Fortaleza-CE, 27/03/2006)
Prof. [Pe.]José Colaço Martins Dourado (Beberibe-CE, 25/03/2006)
Prof. [Pe.] José Correia Lima Junior [Cajuaz] (Fortaleza-CE, 09/05/2000)
Monsenhor José Edson Magalhães (Sobral-CE, 30/10/2006)
Padre José Maria Cavalcante Costa (Fortaleza-CE, 14/10/2006)
Dom José Mauro Ramalho de Alarcon e Santiago (Iguatu-CE, 04/09/2006)
Padre José Nilson Oliveira Lima (Fortaleza-CE, 14/04/2000)
Prof. [Pe.] José Olavo Rodrigues (Fortaleza-CE, 23/03/2006)
Prof. [Pe.] José Ribamar Fernandes Brandão (Fortaleza-CE, 08/09/2006)
Prof. [Pe.] Lauro Nogueira Sá Mota (Fortaleza-CE, 16/03/2000)

Prof. [Pe.] Luiz Dias Rodrigues (João Pessoa-PB, 25/11/2006)
Prof. Luiz Orlando Rodrigues (Fortaleza-CE, 28/09/2006)
Dom Manoel Edmilson da Cruz (Fortaleza-CE, 27/06/2006)
Prof. [Pe.] Miguel Arcanjo Fernandes Brandão (Fortaleza-CE, 25/09/2006)
Pe. Moacir Cordeiro Leite (Cascavel-CE, 26/09/2006)
Prof. Modesto Siebra Coelho (João Pessoa-PB, 25/11/2006)
Pe. Osvaldo Carneiro Chaves (Sobral-CE, 29/08/2006)
Prof. [Pe.] Paulo Cartaxo Andriola (João Pessoa-PB, 05/12/2006)
Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte (São Luís-MA, 11/03/2007)
Pe. Raimundo Cassiano Feijão (Goaíras-CE, 31/10/2006)
Prof. Raimundo de Assis Holanda (Fortaleza-CE, 15/03/2000)
Dr. Roberto Caminha Cavalcante (Teresina-PI, 20/11/2006)
Pe. Sebastião Agatão Dias (Belo Horizonte-MG, 03/03/2007)
Dr. Tarcísio Holanda Costa (Pindoretama-CE, 29/10/2006)
Dom Vicente Joaquim Zico (Belém-PA, 05/02/2007)

Fontes documentais

A Despedida do Santo do Mucuripe. O Povo, 11 abr. 2010, p. 10.

ALBUQUERQUE, Nonato. "Seminário: a salvação está no tombamento" in Fortaleza, O Povo, 13 jan. 1988.

Atas do Centro das Vocações Sacerdotais da Prainha: 1946 – 1952. (man.). Sala da História Eclesiástica, Seminário da Prainha.

Atas do Centro Santa Terezinha da Obra das Vocações Sacerdotais (O.V.S.): 1953 – 1960 (man.) Sala da história Eclesiástica, Seminário da Prainha.

Circulares de Dom Antonio de Almeida Lustosa: 1941 – 1945. (man.) Sala da história Eclesiástica, Seminário da Prainha.

Correio Ecclesiastico, Orgão Official da Diocese do Ceará, publicado por ordem do Exmo. e Revmo. Bispo D. Manuel da Silva Gomes. Anno II, Fev. 1914, n. 9.

Correio Ecclesiastico, Orgão Oficial da diocese do Ceará, publicado por ordem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Dom Manuel da Silva Gomes. Anno I Dez. 1913, n. 8.

Correio Eclesiástico, publicado por ordem do Exmo. Revmo. Bispo D. Manuel da Silva Gomes. Anno II, Mar. 1914, n. 10.

Correio Eclesiástico, publicado por ordem do Exmo. Revmo. Bispo D. Manuel da Silva Gomes. Anno II, Jun. 1914.

Correio Eclesiástico, publicado por ordem do Exmo. Revmo. Bispo D. Manuel da Silva Gomes. Anno II, Out. 1914, n. 17.

DIAS, Débora. Fé e luta ultrapassam muros. Fortaleza, O Povo, Cotidiano, 18 out. 2004, p. 4.

ESTATUTOS DO SEMINÁRIO ARQUIDIOCESANO DE FORTALEZA, 25 out. 1959. FONTES, Eduardo. "Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Prainha". In Fortaleza, O Povo, 13 dez. 1981.

FORTALEZA, Câmara Municipal. Atas da CMF, XII: 1861 – 1865.

LIMA, Francisco. "Influência do Seminário da Prainha na Cultura Cearense" in Fortaleza, O Povo, 3-4 ago. 1980.

Livro de apontamentos sobre o Seminário de Fortaleza e sobre outras instituições eclesiásticas da diocese do Ceará, bem como sobre a Casa da Residência Episcopal. (man.) Sala da História Eclesiástica, Seminário da Prainha.

NOCRATO, Suzete. "Seminário faz 125 anos sem abrigar os futuros padres" in Fortaleza, O Povo, 22 out. 1989.

SAMPAIO, Sérgio. 114 anos do Seminário de Fortaleza. Fortaleza, O Povo, 18 out. 1978.

Seminário da Prainha faz palestras pelos 125 anos. Fortaleza, Diário do Nordeste, 24 out. 1989.

Seminário da Prainha: um acervo de 113 anos. Fortaleza, O Povo, 18 out. 1977.

Referências bibliográficas

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Orgs.) Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro; DP&A,2003.

AGASSIZ, Luís & AGASSIZ, Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil:1865-1866. São Paulo: Nacional, 1938. (Brasiliana. Série 5.ª Biblioteca Pedagógica Brasileira, 95).

ALBERIGO, Giuseppe. Breve história do Concílio Vaticano II. (1959-1965). Aparecida, SP: Editora Santuário, 2006.

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. Ouvi contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos & Abusos da História Oral. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ANDRADE,F. Alves de. O Seminário de Fortaleza e a Cultura Cearense. Revista do Instituto de Ceará, Tomo XXXIX. Ed. Instituto do Ceará, 1967.

ARRIÈS, P.; DUBY, J.; LE GOFF, J. História e nova história. Lisboa: Teorema, 1986.

AUGUSSTINUS Aurelius. (Santo Agostinho). Solilóquios. São Paulo: Editora Escala, s.d.

AZZI, Riolando e VAN DER GRIJP, Klauss. História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação ao partir do povo. Tomo II/3-2.Terceira época — Petrópolis: Vozes, 2008 (Coleção História Geral da Igreja na América Latina).

BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única. Obras Escolhidas, v. 2. 2.ª Ed. São Paulo: Brasiliense, s.d.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II.1959-1965. São Paulo: Paulinas, 2005.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. História Oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Manual de História Oral. 3.ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Palavras aos Jovens Oralistas: Entrevistas em História Oral. In Oralidades. Revista de história Oral/ Núcleo de estudos em história Oral do departamento de história da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. – ano I, n. 1 jan./jun. 2007. – São Paulo: NEHO, 2007, p. 141-150.

BORNHEIM, Gerd. Duas palavras para uma apresentação desnecessária in SARTRE, Jean – Paul, Crítica da razão dialética. Tomo I. Teoria dos Conjuntos Práticos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 7 – 10.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos. 3.ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOTTÉRO, Jean. Nascimento de Deus. A Bíblia e o Historiador. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

BRANDÃO, José Ribamar Fernandes. A Verdade Sobre Dom José de Medeiros Delgado, arcebispo de Fortaleza. Monografia. Universidade Estadual do Ceará. Curso de Especialização em Ciência da Religião: o fenômeno religioso. Fortaleza, 1999.

BRIGHENTI, Agenor. A igreja perplexa: a novas perguntas, novas respostas. São Paulo: Paulinas, 2004.
BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
BURKE, Peter. Hibridismo Cultural. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2006.
BURKE, Peter. História e Teoria Social. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
CALDAS, Alberto Lins. Oralidade, texto e história. Para ler a história oral. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
CAMINHA, Adolfo. A Normalista. Fortaleza: ABC, 2005.
CARDOSO SOBRINHO, Dom José. Perguntas e Respostas sobre o Celibato Sacerdotal. 2.ª ed. Recife: [sem indicação da editora], 2005.
CARVALHO, Jader de. Aldeota. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003 (Coleção clássicos cearenses) [1ª edição de 1963].
CASSIRER, Ernst. A Filosofia das Formas Simbólicas. I — A Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Coleção Tópicos).
CASSIRER, Ernst. Ensaio Sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994 (Coleção Tópicos).
CASTELO BRANCO, Edwar Alencar; NASCIMENTO, Francisco Alcides do e PINHEIRO, Áurea Paz (Orgs.) História: cultura, sociedade, cidades. Recife: Bagaço, 2005.
CASTELO, Plácido Aderaldo. O Seminário da Prainha in ____. História do Ensino no Ceará. Monografia n. 22. história do Ceará. Coleção Instituto do Ceará. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970, p. 151-174.

CELIBATO OBRIGATÓRIO. Erro e Imposição de sua obrigatoriedade. Os Maiores Erros da Humanidade: 39 decisões que não deveríamos ter tomado. In SUPER Interessante, São Paulo, Editora Abril, nov. 2011, p. 60.

CERTEAU, Michel de. A Cultura no Plural. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1995 (Coleção Travessia do Século).

CATROGA, Fernando. Entre deuses e Césares: secularização, laicidade e religião civil. Uma perspectiva histórica. Coimbra: Almedina, 2006.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer. 4.ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luc; MAYOL, Pierre. A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar. 3.ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel. A Escrita da História. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHALHOUB. Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Org.). A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. 2.ª ed. Lisboa: DIFEL, 2002 (Coleção Memória e Sociedade).

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. [et al.] Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 7.ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

COMBLIN, José. Uma novo amanhecer da igreja? 2ª.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

COMBY Jean. Para Ler a história da igreja II. Tomo II. Do século XV ao século XX. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BispoS DO BRASIL. Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. — diretrizes básicas — Documentos da CNBB 55. 3.ª ed. São Paulo: Paulinas, 2003. Corporeidade e teologia. Soter —Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org.) São Paulo: Paulinas, 2005.

COSTA FILHO, Luiz Moreira da. A Inserção do Seminário Episcopal de Fortaleza na Romanização do Ceará (1864-1912).Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

DE DECCA, Edgar Salvadori. Memória e Cidadania in O Direito à Memória: patrimônio, história e cidadania. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico. São Paulo: DHP, 1992.

DE DECCA, Edgar Salvadori. Questões Teórico-Metodológicas de História in SAVIANI, Demerval et al. história e história da educação: o debate teórico-metodológico atual. 2.ª ed. Campinas: Autores Associados Histedler, 2000.

DELEUZE, Gilles. Bergsonismo. São Paulo: Editora 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DELGADO, Dom José de Medeiros. Pedaços de Mim Mesmo. Fortaleza: Oficinas do Jornal A Fortaleza, 1973.

DERRIDA, Jacques e VATTIMOP, Gianni. (Orgs.) A Religião. O Seminário de Capri. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

DOSSE, François. A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Editora UNESP. 2001.

DOSSE, François. A história. Bauru — SP: Edusc, 2003.

DOSSE, François. História e Ciências Sociais. Bauru, SP: Edusc, 2004.

DOSSE, François. O império do sentido: a humanização das ciências humanas. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DRAAISMA, Douwe. Metáforas da memória: uma história das ideias sobre a mente. Bauru, SP: EDUSC, 2005 (Coleção História).

ELIAS, Nobert. O Processo Civilizador, vol. 2. Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1993.
ELIAS, Nobert. Sobre o Tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
ESTRADA, Juan Antonio. Para compreender como surgiu a igreja. São Paulo: Paulinas, 2005 (Coleção Ecclesia, XXI).
FENELON, Déa Ribeiro. O Papel da História Oral na Historiografia Moderna. In BOM MEIJY, José Carlos Sebe (Org.). (Re)introduzindo História Oral no Brasil. I Encontro regional de História Oral/ Sudeste – Sul. São Paulo, 26, 27 e 28 abr. 1995, São Paulo: Xamã, 1996, p. 22 – 32.
FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. Memória Social. Novas Perspectivas Sobre o Passado. Lisboa: Teorema, s.d. FIALHO, Padre Eduardo Bezerra. Uma memória. 2.ª ed. Cascavel-CE, s. e., 2003.
FONSECA, Rubem. O Seminarista. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
FRAGOSO, Dom Antônio Batista [et all.] Igreja de Crateús (1964-1998). Uma experiência popular e libertadora. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
FREITAG, Bárbara. Teorias da Cidade. Campinas-SP: Papirus, 2006.
FREITAS, Sônia Maria de. História Oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.
FREUD, Sigmund. O Mal-estar na Civilização. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
FREUND, Julian. A Sociologia de Max Weber. Rio de Janeiro, São Paulo: Forense, 1970.
FREYRE, Gilberto. Os Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948 (Documentos Brasileiros, 58).

GADELHA, Francisco Agileu de Lima. O Ceará na Trilha da Nova Fé: o presbiterianismo no Ceará. (1883-1930). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará — UECE, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e Narração em Walter Benjamin. 2.ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

GASTAL, Susana. Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio. Campinas — SP: Papirus, 2006.

GINZBURG, Carlo. CASTENUOVO, Enrico e PONTI, Carlo. A Micro-história e Outros Ensaios. Lisboa: Ed. Bertrand Brasil, 1991.

GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um oleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GLEDSON, John. Machado de Assis: ficção e história. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GODELIER, Maurice. O Enigma do Dom. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Por uma nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-modernidade. Cadernos Teologia Pública, ano II, número 17, 2005. Instituto Humanitas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra capa Livraria/Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GRAHAM, Richard. Grã-Bretanha e o Início da Modernização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1973.
GRÜN, Anselm. A Proteção do Sagrado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
GUIMARÃES, Bernardo. O Seminarista. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Fortaleza, 2002.
HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice Editora. Revista dos Tribunais, 1990.
HART, Helmut (Org.) Léxico dos Conceitos Junguianos Fundamentais. A partir dos originais de C. G. Jung. São Paulo: Edições Loyola, 2000. História e Religiões. Projeto história, 37. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História, da Pontifícia Universidade de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, Jul./Dez./2008.
HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 (Coleção Pensamento Crítico; v.55).
ISNARD, Dom Clemente. A experiência ensina o bispo. Recife: Comunigraf Editora, 2009. JACOBI, Jolande. Complexo Arquétipo Símbolo na Psicologia de C.G. Jung. São Paulo: Editora Cultrix, s.d.
JOSAFÁ, OP, Frei Carlos. Seminário da Prainha, traço de luz na história da igreja e da cultura. In: Kairós – Revista Acadêmica da Prainha. Ano I, n.1-2, Jan./Des. 2004, p. 77-101.
JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota Jucá. A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.
JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A memória social: a sobreposição do sagrado ao humano. O caso do Seminário da Prainha em Fortaleza. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et el. história da Educação. Vitrais da Memória: lugares, imagens e práticas culturais. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 476-497.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A Narrativa e a Oralidade como Opção Metodológica na Compreensão do Espaço Urbano do Seminário da Prainha in Anais VI Encontro de História Oral do Nordeste: culturas, memórias e Nordestes. Ilhéus-BA, 2007.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Na Trilha das Fontes, Relativas ao Seminário da Prainha, a Descoberta das Dimensões da Oralidade in Humanidades e Ciências Sociais. UECE, ano 2, v. 2, n. 2; jun /dez, 2000, p. 35-42.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O Seminário da Prainha na Memória Cearense. Anais do II Encontro de história Oral do Nordeste. Salvador-BA, 2000.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O Seminário da Prainha na Micro-História Urbana: individuação, memória social e múltiplas experiências reveladas pela oralidade in Anais do Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma Sociedade de Indivíduos? São Leopoldo-RS. Universidade do Vale do Rio dos Sinos — UNISINOS. 21 a 24 maio de 2007.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Seminário da Prainha: limites e possibilidades da "Ego-história" como opção metodológica in CLIO. Revista de Pesquisa Histórica, n. 25-2, 2007. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife: Ed. Universitária da UFPE,2008, p. 293-321.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza: 1945-1960. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Verso e Reverso do Perfil Urbano do Recife e de Fortaleza (1945-1960). Tese de Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1993.

JUCÁ. Gisafran Nazareno Mota. A Implantação dos Serviços Urbanos no Recife: O caso da Companhia do Beberibe: 1838 – 1911. Dissertação de Mestrado, 1979. Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco.

JUNG, C. G. A Natureza da Psique. 2.ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986. Obras Completas. Vol. VIII/2.

JUNG, C. G. O homem a descoberta da sua alma. Estrutura e funcionamento do inconsciente. Porto: Livraria Tavares Martins,1975.

JUNG, C. G. Psicologia e Religião. 6.ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

JUNG, C. G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 2002.

JUNG, Carl Gustav. Memórias, sonhos, reflexões. Org. e edição de Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

JUNG. C. G. O Eu e o Inconsciente. 8.ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987. Obras Completas de C.G. Jung, v .7 ,t. 2.

KEARNS, Lourenço. Teologia do Voto de Castidade. 2. ed. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2004 (Coleção Claustro, 6).

KIDDER, Daniel P. Reminiscências de viagens e permanência no Brasil. Províncias do Norte... São Paulo: Martins, 1951 (Biblioteca Histórica Brasileiras, 12).

KOSELECK, Reinhart. Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. São Paulo: Nacional, 1942 (Biblioteca Brasileira. Série 5.Brasiliana, 221).

KUNDERA, Milan. A Cortina: ensaio em sete partes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. KÜNG, Hans. Freud e a questão da religião. Campinas, SP: Verus Editora, 2006.

KÜNG, Hans. Igreja Católica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. KÜNG, Hans. Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1993.

KÜNG, Hans. Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns. Campinas-SP: Verus Editora, 2004.

KUSCHEL, Karl-Josef. Cadernos Teologia Pública. Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo. Instituto Humanitas. São Leopoldo-RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), s.d.

KUYUMJIAN, Marcia de Melo Martins & MELLO, Maria Thereza Negrão de (Orgs). Os espaços da história cultural. Brasília: Paralelo 15, 2008.

LE FRANC, Jean. Compreender Nietzsche. 2.ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

LE GOFF, Jacques. A história nova. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Editora da NICAMP, 1990 (Coleção Repertórios).

LE GOFF, Jacques. Uma Longa Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEAL, Ivanhoé Albuquerque. História e Ação na Teoria da Narratividade de Paul Ricoeur. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza-CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

LEAL, Vinicius Barros. D. Antônio de Almeida Lustosa: um discípulo do Mestre – Manso e Humilde. Fortaleza: Gráfica Dom Bosco, 1992.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. As razões de uma cidade: conflito e hegemonia. Fortaleza em questão. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

LENZENWEGWE, Josef et all. História da Igreja Católica. São Paulo: Edições Loyola, 2006

LIMA, Francisco. O Seminário da Prainha. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982.

LIMA, Henrique Espada. A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Marco Aurélio Vieira. A Construção do Discurso Católico: uma análise das Cartas Pastorais dos dois primeiros bispos do Ceará (1861-1912). Universidade Estadual do Ceará (UECE), curso de história. Monografia de Licenciatura. Fortaleza, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2005.

LORSCHEIDER, Dom Aloísio. Identidade e Espiritualidade do Padre Diocesano. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MALERBA, Jurandir (Org.) A História Escrita: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

MANCHESTER, Alan K. Preeminência Inglesa no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1973.

MATOS, Henrique Cristiano José. Nossa história: 500 anos de presença da igreja Católica no Brasil. Tomo 2. Período Imperial e Transição Republicana. São Paulo: Paulinas, 2007 (Coleção Igreja na História).

MENEZES, Antonio Bezerra de. A Descrição da Cidade de Fortaleza. Introdução e notas de Raimundo Girão. Fortaleza: Edições UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992.

MENEZES, Cynara. O pecado da omissão; MAIEROVITCH, Wálter Fanganiello. Linha de Frente. Lobo mau de batina. In Carta Capital. Política, Economia e Cultura. São Paulo, 24 mar. 2010, p. 42-46; p. 47.

MICELI, Sergio. A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MONTE, Airton. Crônica. Fortaleza. Vida & Arte, O Povo, 17 set. 2007, p. 2.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História, Metodologia, Memória. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Memórias, Percursos e Reflexões. Entrevista in Revista Saeculum n. 18, jan.-jun. 2008. Revista do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, UFPB. Dossiê história e oralidades, p. 187-208.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigações em psicologia social. 3ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. O anticristo: maldição ao cristianismo. Diritambos de Dionísio. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NOBERT ELIAS por Ele mesmo. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

NORA, Pierre. Ensaios de Ego-história. Lisboa: Edições 70, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares in PROJETO HISTÓRIA. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC — SP; (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP — Brasil, 1981, p. 7-28. NORA, Pierre. Les Lieux de Mémoire. Paris: Galilimard, 1984 - 1993, 7. v.

OLIVEIRA, Dennis de. Bauman, o caçador e o jardineiro. In Revista CULT - Revista Brasileira de Cultura, Edição Especial, São Paulo, n. 4, ano 15, p. 27-29.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Filosofia da religião e da teologia. In: A Filosofia na Crise da Modernidade. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p.183-195.

OLSON, David R. e TORRAN, Nancy. Cultura Escrita e Oralidade. São Paulo: Editora Ática, 1997.

ONG, Walter. Oralidade e Cultura Escrita. Campinas, SP: Papirus, 1998.

PECHMAN, Robert Mose. Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A construção de uma Porto Alegre imaginária — uma cidade entre a memória e a história. In: GRIJÓ, Luiz Alberto; KÚHN, Fábio; GUAZELLI, César Augusto Barcello; NEWMANN, Eduardo Souto (Orgs.) Capítulos da História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & história cultural. 2.ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In Estudos Históricos. Rio de Janeiro:, v. 8, n. 16, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano — Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre: Editora Universitária / UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma Outra Cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy.(Org.) Leituras Cruzadas: diálogos com a história da literatura. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jayahy e LANGUE, Frédrérique. Sensibilidades na história: singularidades e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

POMPEIA, Raul. O Ateneu. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

POMPEU, Thomaz. Importância da vida humana como fator ode riqueza: o desenvolvimento da população de Fortaleza: sua natividade e mortalidade: taxa excessiva desta. Revista da Academia. Fortaleza, n. 1, p. 3-67, 1896.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. A Cidade dos Clubes: modernidade e "glamour" na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

PORTO, Márcio de Souza. Dom Delgado na Igreja do Seu Tempo (1963-1969). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós- -Graduação em História, Mestrado em História Social. Fortaleza, 2007. Dissertação de Mestrado.

PRIEN, Hans-Jürgen. La Historia del Cristianismo em America Latina. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1985.

REIS, Edilberto Cavalcante. Pro Animarum Salute: a diocese do Ceará como "vitrine" da romanização no Brasil (1853-1911). Rio de Janeiro, 2000. Dissertação doe Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RICOEUR, Paul. A Memória, a História, o Esquecimento. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Tomo II. Campinas, SP: Papirus, 1995.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Tomo III. Campinas-SP: Papirus, 1997.

SALES, Francisco Sampaio. Sobral – Poder Público e o Poder Eclesiástico: um estudo comparativo (1910 – 1960). Dissertação de Mestrado em Gestão e Modernização Pública Municipal e Estadual, da Universidade Internacional de Lisboa, em parceria com a Universidade Vale do Acaraú (UVA). Sobral-CE, 2002.

SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto. Arquitetura e Instrução Pública: a reforma de 1922, concepção de espaços e formação de grupos escolares no Ceará. 2011. Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará.

SANTOS, Nádia Maria Weber. Histórias de Vidas Ausentes: a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2005.

SARAMAGO, José. As Pequenas Memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. SARANYANA, Josep-Ignasi. Cem Anos de Teologia na América Latina (1889-2001). São Paulo: Paulinas, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.) História, Memória e Literatura: o testemunho da era das catástrofes. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SERBIN, Kenneth P. Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (Org.). Dom Aloísio Lorscheider: doutor honoris causa da UECE. Fortaleza, EdUECE, 2005.

SILVEIRA, Aureliano Diamantino. Ungidos do Senhor na Evangelização do Ceará. (1700 a 2004). Vols. I (A-F); II (F-J); III (J-Z). Fortaleza: Premius, 2004. STEVENS, Anthony. Jung: sua vida e pensamento: uma introdução. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

TAKEYA, Denise Monteiro. Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil. São Paulo: HUCITEC, 1995.

TEIXEIRA, Evilázio. Modernidade e pós-modernidade: luzes e sombras. In: Cadernos IHU Ideias. Ano 4, n. 50, 2006. Instituto Humanas. Unisinos.

THOMPSOM, Paul. A Voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TURSI, Carlo e FRENCKEN, Geraldo. (Orgs.) Mantenham as Lâmpadas Acesas: revisitando o caminho, recriando a caminhada. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

VATICANO II. PAULO VI. JOÃO PAULO II. Congregação para a educação católica. Celibato sacerdotal: uma opção de amor. São Paulo: Edições Loyola, 1993 (Documentos Pontifícios).

VEYNE, Paul. Como se Escreve História. Lisboa: Edições 70, 1987.

VILLAÇA, Antonio Carlos. O Pensamento Católico no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. 4 ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.

WHITE, Hayden. A Questão da Narrativa na Teoria Histórica Contemporânea. In: NOVAIS, Fernando Antonio; DA SILVA, Rogério Forrastieri (org.). Nova História em Perspectiva. vol 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 438-483.

WHITE, Hayden. Trópicos do Discurso: Ensaios Sobre a Crítica da Cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 (Ensaios de Cultura; 6).

ZILBERMAN, Regina. Práticas narrativas, oralidade e memória. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; ZALLA, Josselito; D'AJELLO, Luis Fernando Telles (org.). Sobre as poéticas do dizer: Pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 28-41.

Anexo

Estatutos do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza

1.ª parte curso ginasial I

I. Condições de admissão

Art 1º. – O seminário Arquidiocesano de Fortaleza, dirigido, sob a autoridade e a orientação do Exmo. E Revmo. Sr. arcebispo Metropolitano, pelos padres da congregação da Missão, auxiliados por sacerdotes da arquidiocese, é uma casa de formação eclesiástica que só recebe jovens que aspirem ao Sacerdócio.

Art 2º. – Para poder matricular-se no Seminário Menor, deve o pretendente satisfazer aos seguintes requisitos:

1º. Ser filho legítimo de pais casados na igreja católica, que vivam cristãmente e gozem de bom conceito.

2º. Ter no mínimo 12 anos de idade. Não se aceitam candidatos de mais de 15 anos que devam começar pelo primeiro ano ginasial;

3º. Não ter defeito físico que constitúa ou possa vir a constituir irregularidade canônica, e gozar saúde;

4º. Possuir um preparo escolar suficiente para poder prestar com êxito o exame de admissão. O preparo múnimo exigido para os candidatos RESIDENTES NO INTERIOR é o curso completo de grupos escolar ou estudos equivalentes, queos habilitem para o exame de admissão ao 1º. Ano ginasial. Se, apesar desse preparo, não conseguirem no exame classificação no 1º. Ano ginasial, terão que fazer no Seminário o curso de adaptação, ou admissão a 1ª. Série ginasial. – Dos Candidatos ATUALMENTE RESIDENTES NA CAPITAL E NOS SUBÚRBIOS, só poderão ser admitidos no Seminário os que forem capazes de cursar logo o 1º. Ano ginasial. Os outros deverão fazer o curso de adaptação na ESCOLA PREPARATORIA CURA D'ARS, instituída pela arquidiocese em Fortaleza, rua Costa Barros, no. 339 (colégio Castelo)

5º. Ser apresentado por escrito pelo vigário da própria freguezia. Na carta de apresentação, o revmo. vigário dará ao reitor do Seminário informações minuciosas sobre a inteligência, a boa índole, os bons costumes e a piedade do pretendente;

6º. Trazer, além dessa carta de apresentação do vigário próprio, mais os seguintes documentos; a) Certidão de batismo, passada pelo vigário; b) certidão de crisma, passada pelo vigário o pela Secretaria do Arcebispado; c) certidão de casamento religiosos dos pais, passada pelo vigário; d) atestado de vacina recente; e) atestado médico de que o candidato não sofre moléstia incurável, contagiosa ou infecto-contagiosa; f) certificado de registro civil; g) a informação por escrito, passada pelo vigário, se o aluno pretender o auxílio da Obra das Vocações (cf. art. 17)

7º. O candidato que já tiver frequentado alguma casa de educação deverá apresentar também atestado de bom procedimento e de capacidade intelectual (por ex. os boletins de notas), passado pelo diretor respectivo.

8º. Não se aceitam alunos que se tenham retirado – voluntariamente ou compulsoriamente – de Ordens ou Congregações religiosas, de noviciados, de escolas apostólicas ou de outros seminários; nem os que por qualquer casa de educação, ou deste mesmo Seminário.

Art. 3º. – O menor cujos pais residirem noutra diocese e que pretender ingressar no Seminário amparado pela Obra das Vocações Sacerdotais de Fortaleza, só poderá ser admitido, se primeiro conseguir do seu bispo consentimento expresso, dado por escrito, para que, de futuro, caso persevere, fique pertencente ao clero da arquidiocese.

Art. 4º. – A transferência de aluno de outro Seminário para o de Fortaleza, embora ele continue no propósito de servir à própria diocese, não é admissível senão com prévio consentimento expresso do bispo cujo Seminário pretende retirar-se.

II. Exame de admissão

Art. 5 – O exame de admissão a que se refere o art. 2, n. 4, far-se-á no princípio do ano letivo, em dias e horas que serão oportunamente anunciados pela imprensa. A inscrição dos candidatos abre-se 3 a 1º. De outubro e encerra-se três dias antes do exame.

Art. 6 – O exame para admissão ao I. ano ginasdial constará das seguintes provas:

Português: a) exercício de leitura; b) ditado de 15 a 20 linhas de um texto fácil; c) conjugação de verbos regulares e irregulares; d) análise lógica de proposições simples.

Aritmética: a) numeração: representação gráfica e leitura de números; b) numeração decimal; c) problemas fáceis sobre as 4

operações em números inteiros; d) as 4 operações sobre decimais; e) frações ordinárias: simplificação e redução ao mesmo denominador; f) as 4 operações sobre frações ordinárias; g) frações decimais; problemas sobre as mesmas; h) redução de frações ordinárias e decimais e vice-versa.

Geografia: a) Noções gerais: forma e movimentos da terra; acidentes geográficos; as partes do mundo: pontos cardiais; pólos, equador, meridianos, trópicos, latitude e longitude; b) A América: seus países com as capitais, - c) o Brasil: limites, área, população; fórma de governo; estados e suas capitais; principais rios e sistemas de montanhas.

História do Brasil: Principais datas, fatos e vultos desde o descobrimento.

N. B. Recomenda-se como manual de preparação dos supracitados exames: "Preparatórios ao alcance de todos", por Antonio Gonçalves, da Editora Nacional, S. Paulo, que se encontra nas livrarias da Capital.

Art. 7 – Os candidatos ao 2. Ano e seguintes prestarão exame de admissão, que versará sobre todas as matérias estudadas no Seminário, durante, o ano escolar findo, na série anterior à série a que o candidato se destina.

Art. 8. – Não exige exame de admissão de alunos que, regularmente transferidos de outros seminários, apresentem certificado de exame finais satisfatórios.

III. Custeio do aluno

Art. 9 – A pensão anual de cada aluno, sujeita a ser aumentada se necessário for, é atualmente de Cr$ 25.000,00, assim distribuídas: a Ia. No momento da entrada, em fevereiro; a 2ª. Na 1ª. Quinzena de abril; a 3ª. Na 1ª. Quinzena julho; a 4ª. Na 1ª. Quinzena de

setembro. Outra modalidade de pagamento depende de combinação previa com o reitor. Quem tiver obtido a concessão de pagar mensalmente deverá efetuar os pagamentos no dia da entrada e no primeiro da cada um dos meses seguintes, até 1º. De novembro, data da ultima prestação.

Art. 10 – Cada aluno pagará anualmente, por ocasião da entrada, a joia de Cr$ 200,00 cruzeiros.

Art. 11. – Todo aluno tem direito à assistência do medico da Casa no caso de pequenas enfermidades. As despesas, porém, de consultas a especialistas, de farmácias, dentista, lavagem de roupa, livros, artigos escolares, selos, consertos, cortes de cabelo e outras extraordinárias etc. estão a cargo do aluno, e o Seminário não fará para elas adiantamento nenhum. Por isso, cada um deverá ter, nas mãos do prefeito de sua divisão um depósito permanente de Cr$ 200,00 cruzeiros.

Art. 12. – Se o aluno se retirar do Seminário no decurso do ano, ser-lhe-á restituída a parte da pensão já paga correspondente aos meses inteiros que ele não passará mais na casa. Ausências de menos de 90 dias não se descontam. Não se fará tampouco desconto para o aluno que chegar atrasado no começo do ano.

Art. 13 – O aluno que não tiver satisfeito aos seus compromissos com a Casa até a épocas dos exames, quer os do meio do ano quer os finais, não tem direito de fazer provas. Não são passíveis desta sanção os alunos de outras dioceses integralmente custeados pelos respectivos Srs. bispos.

Art. 14 – O custo da pensão será aumentada de uma 5ª. Prestação pagável na 1ª. quinzena de dezembro, quando as férias anuais começarem a ser passadas na casa de campo do Seminário.

IV. Auxílio da Obra das Vocações

Art. 15 – A Obras das Vocações sacerdotais auxilia, na medida dos seus recursos disponíveis em cada ano, os candidatos esperançosos que não tenham meios bastantes para custear integralmente a pensão.

Art. 16. – A O.V.S. subvenciona exclusivamente os candidatos destinados à arquidiocese. (cf. art.3).

Art. 17. – É necessário que o Vigário do candidato, na carta de apresentação (cf. Art.2, nos 5º. E 6º.) informe ao reitor do Seminário se o pretendente é deveras merecedor do amparo da O.V.S. De posse dessa informação, o reitor, em entendimento com a família do interessado, fixará a quota com que a O.V.S. poderá concorrer.

Art. 18 – A O.V.S. limita o seu auxílio à pensão. Todas as demais despesas correrão por conta do aluno.

Art. 19 – O aluno cuja pensão fôr integralmente custeada pela O.V.S., contribuirá para as despesas comuns do Seminário com 100 cruzeiros anuais, em duas ou mais prestações.

Art. 20 – Se chegar ao conhecimento da Direção do seminário que algum candidato amparado pela O.V.S. não precisa, ou não precisa mais, ou ainda, não precisa tanto desse auxílio, este será sem demora cortado ou reduzido, conforme o caso.

V. O enxoval

Era. 22 – Cada aluno deve possuir o seguinte enxoval:

1 cadeira
6 camisas
4 cuecas

2 calções de mescla ou de riscado grosso e escuro, indo até os joelhos, para banho. – Calções com suporte.

6 Pares de meia.

1 batina de casemira.

1 par de sapato preto

1 par de alpercatas preta

1 par de chinelas (preferível sola de borracha)

2 ternos de pijamas

3 toalinhas de rosto

2 toalhas grandes de banho

2 lençóis

1 travesseiro com fronhas

2 colchas

1 colchão

3 lenços

4 guardanapos

2 sacos de 0,70 x 0,50 com cordão corrediço, para roupa

2 roquetes ou cottas (1)

1 barrete Escovas de dentes, de roupa, de cabelo, de sapatos, tesourinha para unhas.

1 copo de alumínio ou material plástico 1 saboneteira.

N.B. 1) o roquete ou cotta não deve ter gola, mas decote quadrado, mangas largas e descendo um pouco abaixo dos cotovelos sem nenhuma renda.

O colarinho pode ser adquirido no Seminário.

Art. 23 – Todas as peças de roupa devem vir marcadas com o nome do aluno por extenso em linha de cor

Art. 24 – Podem adquirir-se no Seminário mesmo os livros, os artigos escolares, os de toilete, e o barrete.

Art. 25 – É prudente não fazer despesa com enxoval antes de se conhecer o resultado do exame de admissão.

Art. 26 – O Seminário não se responsabiliza pelo extravio de peças de roupa nem pelos objetos deixados em abandono pelo aluno ao retirar-se. Ficam pertencendo ao Seminário os objetos não reclamados dentro do prazo de 90 dias contados a partir do momento em que o aluno tiver saído para não mais voltar.

Art. 27 – A lavagem de roupa de aluno residente em Fortaleza poderá ficar a cuidado da família. Quando a roupa dos que residem fora e a dos que assim o queiram, o Seminário encarrega- -se de entrega-la a lavadeiras de confiança.

Art. 28 - O movimento de roupa lavada ou a ser lavada faz-se às sextas-feiras, entre 7 horas da manhã e 3 da tarde. Se sexta-feira for dia santificado, o serviço antecipa-se na 5ª. feira, dentro do mesmo horário.

Art. 29 – A roupa lavada deve ser trazida em saco(não embrulhada em papael), tendo, amarrada por fora, a ficha com o nome do aluno. No meio da roupa não devem vir livros, comestíveis, correspondência ou outros quaisquer objetos.

VI. Regime de estudos e de férias

Art. 30 – O curso ginasial do Seminário abrange seis anos e regula-se pelo programa elaborado pela Santa Sé para os seminários do Brasil. As matérias são: Religião, Apologética, Língua e Literatura Portuguesa, Latim, Grego, Francês, Inglês, história Sagrada, história Geral, história do Brasil, Ciências Naturais, Geografia Geral, Corografia do Brasil, Aritmética, Álgebra, Geometria, Trigonometria,

Cosmografia, educação Física, Música, Canto Gregoriano, Civilidade, Caligrafia e Desenho.

Art. 31 – 1) O ano letivo compreende 10 meses, de 9 de fevereiro a 8 de dezembro, com exames na 1ª. quinzena de junho e na última de novembro.

§2- Durante o período letivo, não se permite ausentar-se o Seminarista, a não ser por motivo de saúde ou alguma outra razão extraordinária e grave.

Art. 32 – Depois dos exames de junho concede-se aos alunos um mês de férias que será passado com a família, até que o Seminário disponha de uma casa apropriada.

Art. 33 bis – No fim do ano há 60 dias de férias. Quando houver a casa de férias, os alunos da arquidiocese nela permanecerão e ser-lhes-ão concedidos 15 dias para visitarem suas famílias. Os alunos pertencentes a outras dioceses observarão neste particular as determinações dos respectivos Ordinários.

Art. 33 – De acordo com o que se contém nos decretos 337-338 das Constituições sinodais, quando o seminarista passa em família os dias de férias, há de ser em companhia de seus pais e não em casa de outros parentes, ou de conhecidos ou de colegas.

Art. 34 – Em fevereiro e em julho, há exames de 2ª. época. O aluno que nos exames finais tiver sido reprovado simultaneamente em latim e em português, ou em 3 materiais, sendo uma delas português ou latim, ou em quatro matérias quaisquer, não tem direito a exame de 2ª. época e deverá repetir o ano caso o mereça.

Art. 35 – Perderá o ano o aluno que não tiver assistido a 75% das aulas pelo menos.

VII. Pontos de disciplina

Art. 36 – Toda correspondência quer dos alunos quer a elas destinada está sujeita à inspeção do reitor, que dela tomará conhecimento por si mesmo ou por um dos padres especialmente encarregado desse mister. Deve também passar pelas mãos do reitor livros e impressos endereçados aos alunos.

Art. 37 – Os alunos podem ser visitados pelos pais, tutores ou pessoas por eles responsáveis. Não atendem a moças e meninas, ainda que sejam parentas e venham acompanhadas, nem a senhoras que se apresentem em trajes pouco conformes às normas da modéstia cristã, nem a colegas que deixaram o Seminário.

Art. 38 – Durante as aulas, os tempos de estudo, os exercícios comuns e nos dias de retiro, os seminaristas não podem ir à portaria.

Art. 39 – Pede-se encarecidamente aos srs. Visitantes, mesmo aos que residem no interior, que não insistam para falar com os seminaristas a não ser nos dias e horas seguintes:

SEMINÁRIO MAIOR

1º e 3º Domingos:

De 14 hs. Às 15:30

SEMINÁRIO MENOR

Pequenos: De 8:30 às 10:00 hs

Grandes: De 15 às 16:30 hs

Art. 40 – Pese-se também aos visitantes que não se façam acompanhar de crianças.

Art. 41 – Não se concede aos alunos licença de saírem à cidade para visitas de aniversário, nem para assistirem a batizados, casamentos, embarques e desembarques. As saídas para tratamento de saúde, afora os casos de necessidade evidente e urgente, só serão concedidas depois de ouvido o parecer do médico da casa.

Art. 42 – Há uma saída geral uma vez por mês. Aos alunos cuja família residir na capital e nos subúrbios, o reitor poderá permitir passem o dia todo com os pais. Aos de fora, que tiverem motivo justo de sair, o reitor, ao conceder-lhes a licença, lhes marcará as horas que julgar suficientes.

Art. 43 – Os seminaristas não podem encarregar-se de tratar na cidade de negócios de terceiros, nem ser correspondentes de alunos de colégio.

Art. 44 – Os alunos não recebem merendas. O Seminário aliás se empenha em dar-lhes alimentação boa, sadia e farta. Exceptua-se o caso de regime especial recomendado pelo médico.

Art. 45 – Os alunos não podem conservar nenhum dinheiro consigo. Toda quantia, própria ou de terceiros, deve ser entregue sem demora ao prefeito, incumbido de escritura-la e guarda-la cuidadosamente.

Art. 46 – Quando algum aluno, por falta de saúde ou de aproveitamento nos estudos, ou de adaptação ao regime do Seminário, não puder, a juízo do reitor, continuar, os pais serão avisados para providenciarem.

Art. 47 – São casos de exclusão imediata:

1º. Falar irreverente das coisas da Religião.

2º. Ofender os bons costumes.

3º. Mostrar por palavras ou por atos, espírito avesso ao ideal sacerdotal.

4º. Desrespeito à propriedade alheia.

5º. Desatender gravemente os superiores.

6º. Lançar mão violenta em um colega.

7º. Fomentar motins ou mau espírito.

8º. Sair do Seminário sem licença ou deixar de voltar no fim do tempo concedido, sem causa reconhecida pelo reitor.

2.ª parte

Seminário Maior
I. Admissão

Art. 48 – A admissão ao Seminário Maior de alunos do Seminário Menor Arquidiocesano depende, quer do resultado dos exames finais do curso ginasial, quer do voto favorável da congregação dos superiores e professores que será modificada aos interessados no meiado de novembro. Antes de conhecerem tal decisão não devem fazer quaisquer despesas que poderiam ficar inúteis. A alunos de outras proveniências que pretendessem entrar diretamente no Seminário Maior para pertencerem à arquidiocese aplica-se o que está estatuído acima para o Seminário Menor Arquidiocesano, art. 2,No. 5,6,7 e art. 3.

Art. 49 – O Seminário Maior de Fortaleza, aceita com prazer alunos de outras dioceses, contanto que sejam apresentados pelos respectivos Ordinários. Não recebe, porém, candidatos que, por deficiência de estudos ou desencontro de tratados, necessitem de aulas particulares. Em obediência ao Código de Direito Canônico (can. 1363, §3) e ao decreto das sagradas Congregações dos seminários e dos Religiosos (25 de julho de 1941) e para evitar muitos aborrecimentos que a experiência tem mostrado não serem nem hipotéticos nem pequenos, não admite os egressos, voluntários

ou não de outros seminários ou os que tenham pertencido QUOVIS TITULIO a comunidades religiosas. Não lhe convém tampouco admitir os que, por falta de saúde, não se achem em condições de observar o regulamento da Casa ou o seu regime alimentar.

II. Documentos Necessários

Art. 50 – Os documentos exigidos para a matrícula no Seminário maior de alunos que tiverem feito estudos em outro Seminário maior ou menor são os seguintes: 1º. (para todos) carta de apresentação do Ordinário do candidato, com menção do curso começado ou concluído, e da pessoa ou entidade responsável pela manutenção do mesmo; 2º. CERTIFICADO DE ALISTAMENTO ou de ADIAMENTO DE INCORPORAÇÃO ou CADERNETA DE RESERVISTA, quando o candidato tiver 17 anos ou mais. Abaixo desta idade, requer-se e basta o CERTIFICADO DE REGISTRO CIVIL; 3º. (para os que ainda não foram clérigos): CERTIDÃO DE BATISMO,CERTIDÃO DE CRISMA e CERTIDÃO DE CASAMENTO RELIGIOSO DOS PAIS; 4º. (para os que já forem clérigos) CERTIDÃO DE TOUSURA ou da ÚLTIMA ORDEM RECEBIDA.

III. Estudos, Exames e Férias

Art. 51 – Os cursos FILOSOFIA (2 anos) e TEOLOGIA (4 anos) obedecem às determinações da Santa Sé para os seminários Metropolitanos do Brasil.

Art. 52 – Como para o Seminário Menor, o ano letivo vai de 9 de fevereiro a 8 de dezembro. Recomenda-se instantemente aos alunos

a pontualidade nas entradas gerais. Não devem, porém, vir para o Seminário com antecedência, nem hospedar-se nas pensões de Fortaleza ou em casa de simples conhecidos. No fim de ano nenhum deve retirar-se antes da leitura de notas.

Art. 53 - Não se antecipa, exames em favor dos que por qualquer motivo, devam ausentar-se do Seminário antes da data regulamentar.

Art. 54 - O retiro para as ordenações no fim do ano deve ser feito no Seminário. Os ordenados de outras dioceses só poderão viajar depois de terem concluído.

IV. Pensão, Enxoval e Disciplina Geral

Art. 56 – A pensão, que é a mesma determinada para o Seminário Menor, deve ser paga adiantadamente em quatro prestações iguais nas seguintes épocas: no momento da entrada, em fevereiro; na 1ª. quinzena de setembro. No começa de cada ano pagam- -se Cr$ 200,00 cruzeiros de joia de matrícula. Cada aluno deve ter nas mãos do perfeito um depósito permanente de pelo menos 200 cruzeiros para as despesas particulares, para as quais não é possível ao Seminário adiantar dinheiro nenhum. Neste assunto vigora, para o Seminário Maior tudo quanto se contém nos arts. 9 a 14 e 15 a 21, destes estatutos.

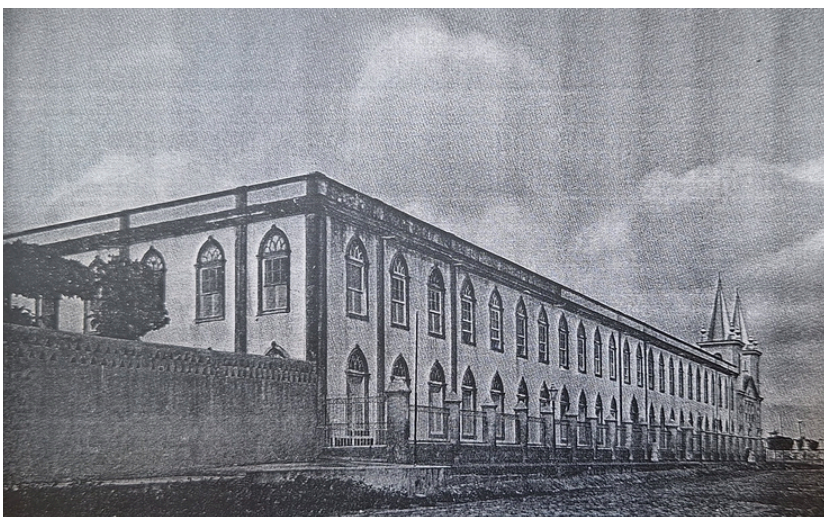
Art. 57 – Além da roupa branca e de cama e dos artigos de toilete, o enxoval inclui as seguintes peças: batinas pretas, uma de casemira, outra de brim; chapéu eclesiástico: faixa preta de lã ou seda com franjas; meias pretas; colarinho branco liso; barrete; sapatos de entrada baixa; cota do padrão exigido para o Seminário menor (art. 22). Cada um deve possuir sua cadeira.

Art. 58 – Os pontos de disciplina geral contidos nos artigos 36 e seguintes até 48 inclusive são obrigatórios também para o Seminário Maior.

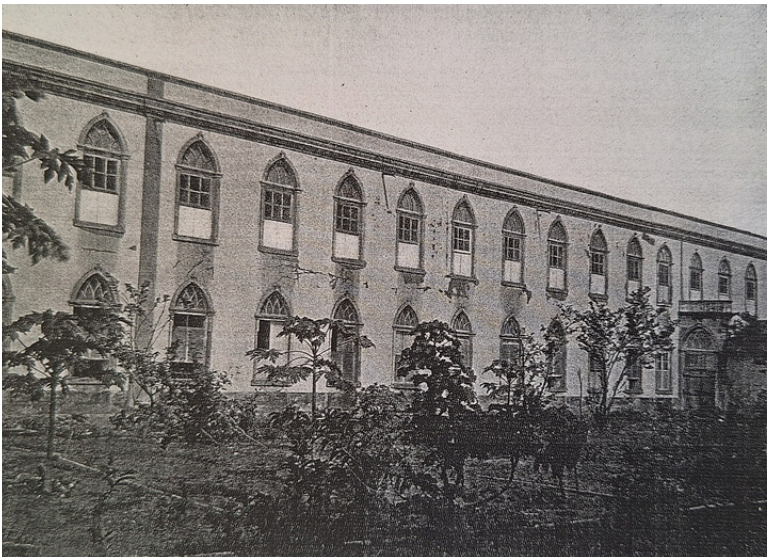
CUMPRA-SE
Fortaleza, 25 de Outubro de 1959.
+ ANTONIO, Arc. de Fortaleza.

Galeria do Seminário

Confira neste capítulo algumas das fotos dos primeiros anos do Seminário da Prainha presentes no "Album Historico do Seminario Episcopal do Ceara", lançado em 1914 em comemoração ao cinquentenário da instituição. O álbum se encontra no acervo histórico da Biblioteca Padre Luiz Gonzaga Magalhães Uchôa, localizada na Faculdade Católica de Fortaleza.



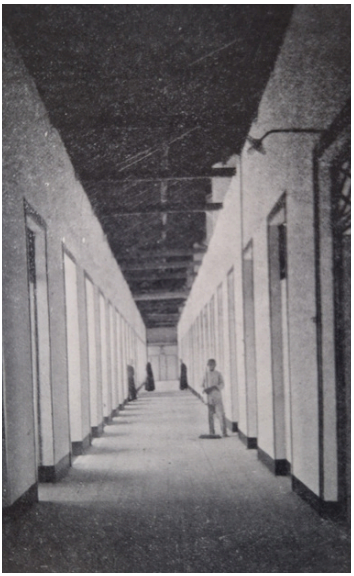
Fachada do Seminário Episcopal do Ceará



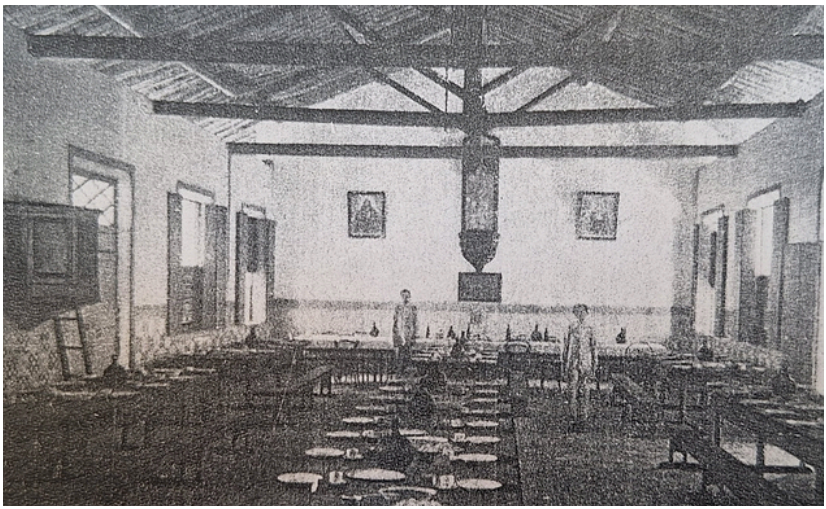
Seminário visto da horta



Interior da Prainha



Corredor do sobrado



Refeitório



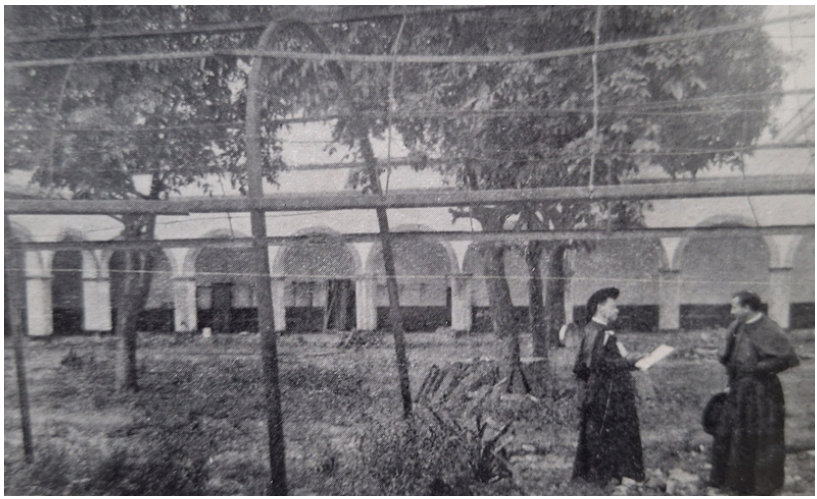
Pavilhão do refeitório



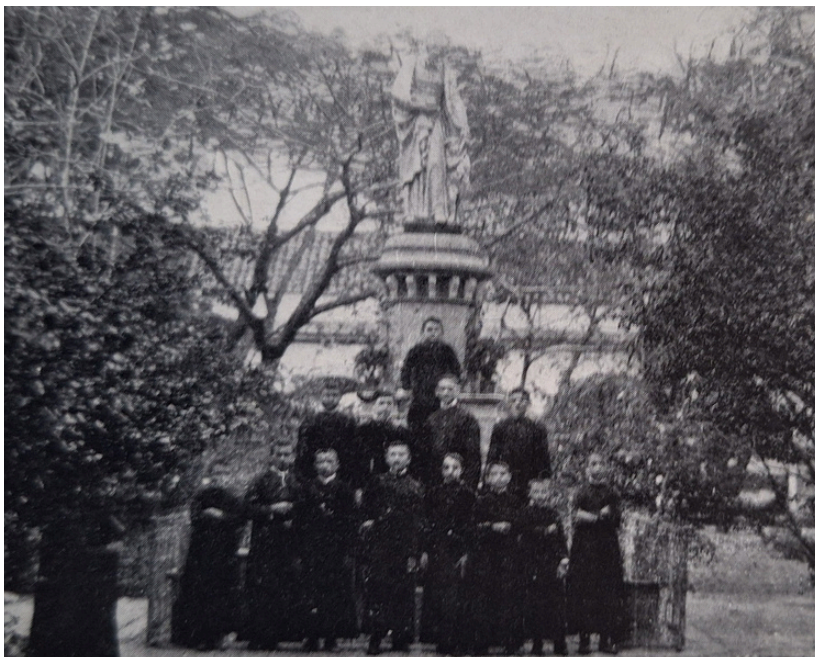
Grupo dos alunos em 1880



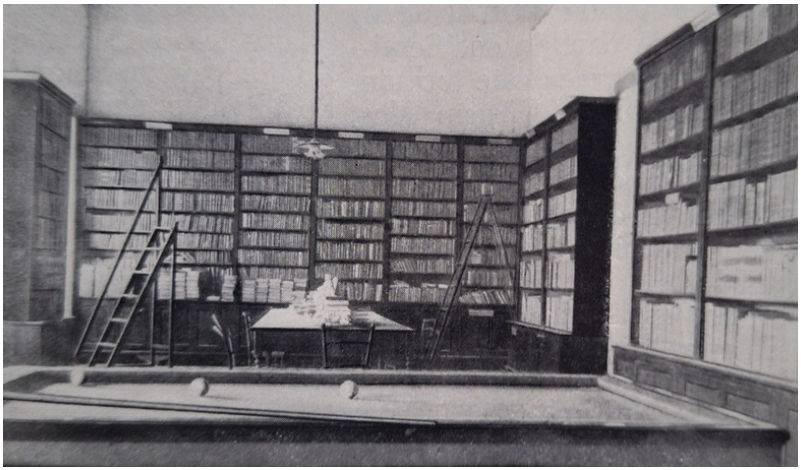
Salão de estudo



Recreio dos menores



Estátua de São Vicente de Paulo



Biblioteca e bilhar



Salão para as festas

Posfácio

Ao concluirmos a leitura desta obra, somos convidados a refletir sobre a vasta teia de experiências, vozes e relatos que a compõem. Cada capítulo não apenas registra, mas enaltece a complexidade da memória, tanto individual quanto coletiva, revelando como as histórias se entrelaçam para moldar identidades. Ao compartilhar vivências, o livro nos faz pensar em como o que é duradouro dialoga com a contingência. Como observou Giacomo Martina, "a história da Igreja se torna, então, uma tensão contínua entre dois polos: a tentação de confundir o cristianismo com as formas contingentes próprias de diversas épocas, defendendo-as desesperadamente, como se sua queda significasse o fim do cristianismo; e, por outro lado, a tendência de excluir a Igreja de qualquer relacionamento com a sociedade em que vive, com a pretensão de despir os valores cristãos de qualquer condicionamento histórico" (MARTINA, 2008, p. 20). Assim, o vetusto prédio evoca questões universais.

Do Seminário Episcopal do Ceará surgiram os institutos que lhe sucederam na missão de formar o clero. Em 1967, foi criado o ISCRE, e, em 1968, o ICRE assumiu a missão de formar não apenas o clero, mas também agentes de pastoral e cristãos de modo mais amplo. A fundação da FAFIFOR, criada por decreto da Presidência da República em 8 de novembro de 1972, foi um marco, preparando quadros para a produção e o ensino de filosofia. O ano de 1987 destacou-se pela aprovação definitiva dos estatutos do Instituto Teológico-Pastoral do Ceará, o ITEP, em 26 de março, sob a gestão do cardeal Dom Aloísio Lorscheider e a mantença do Regional Nordeste I da CNBB. Essas configurações históricas evidenciam a capacidade de diálogo com a fugacidade dos tempos.

Com sua arquitetura oitocentista, longa história e imponente presença, o Seminário é um símbolo cultural que perdura ao longo dos séculos. Erguido em um contexto específico, de ultramontanismo, criação de bispado e segundo reinado, suas paredes testemunharam a formação de várias gerações de líderes e pensadores, com ou sem a veste clerical. Seu significado vai além de um espaço físico; é um emblema de tradição e aprendizado, onde valores perenes e conhecimento se entrelaçam. Por meio de eventos, aulas e celebrações, ele se mantém vivo na memória coletiva da comunidade. A herança deixada por aqueles que passaram por suas salas reverbera no tempo, transformando-se em história e inspirando novas gerações a estabelecer diálogos e trilhar novas sendas de conhecimento. O Seminário da Prainha não é apenas um edifício; é um guardião da cultura e da espiritualidade, assegurando que a rica e antiga tradição que une fé e razão continue viva.

A memória é um bem que precisa ser preservado e valorizado. Em tempos de transformações culturais e sociais que nos deixam desnorteados pela rapidez das mudanças, a preservação das memórias coletivas torna-se não apenas necessária, mas essencial. Que o Seminário da Prainha, seus alunos, professores e colaboradores continuem a exercer a função sagrada do ensino, estimulando em todos nós a responsabilidade de conservar o passado e honrá-lo com respeito.

Prof. Me. Pe. Tiago Geyrdenn de Oliveira Gomes
Graduado em Teologia e Especialista em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza
Diretor Acadêmico, Professor de Teologia e Coordenador de Filosofia da FCF

Sobre o autor



Gisafran Nazareno Mota Jucá

Nascido em Várzea Alegre, Ceará, em 1948, é licenciado em História pela Faculdade de Filosofia do Ceará (FAFICE). Professor Adjunto, aposentado, do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Professor Titular, aposentado, do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE), atualmente é Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFC. Concluiu o Mestrado em História na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1975, e o Doutorado em História Social, na Universidade de São Paulo (USP), em 1992. Entre 2006 e 2007 realizou o estágio de pós-doutorado em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a supervisão do Profª. Dra. Sandra Jatahy Pesavento. A sua experiência inicial no magistério de nível superior foi no sertão paraibano, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras (FACIC), Paraíba, instituição mantida pela Diocese local, onde lecionou de 1972 a 1976, quando ingressou no Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como professor e pesquisador do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), ali permanecendo até 1984, ao ser transferido para a UFC.

Lecionou no Mestrado de Políticas Públicas e no Mestrado em História (MAHIS) da UECE, trabalhando na linha temática "Memória, Oralidade e Cultura Escrita", e coordenou o grupo de pesquisa "Oralidade, Cultura e Sociedade".

Dentre as publicações de sua autoria, merecem destaque:

- "Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Ceará: 1618–1832", publicado com o apoio do Ministério da Cultura, do Instituto do Ceará, do qual é sócio, da Fundação Waldemar Alcântara, da UFC e da Fundação Demócrito Rocha;
- Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza (1945–1960), lançado em 2000 pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT) e com a sua segunda edição esgotada;
- orientação da obra "Memórias Entrecruzadas: experiências de pesquisa", composta por artigos de autoria do grupo de pesquisa "Oralidade, Cultura e Sociedade", com participação de autores de outras instituições universitárias do Nordeste, e lançada pela EdUECE em 2009;
- o trabalho "A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana", originalmente apresentado como tese para concurso de Professor Titular do Departamento de História da UECE, foi lançado pela Imprensa Universitária, da UFC, em 2003 e reeditado em 2011, com o apoio da SECULT, como resultado do Prêmio Otacílio de Azevedo, que lhe foi concedido.

“Munido com as ferramentas de um verdadeiro investigador, o autor transita nesta rede imbricada de valores e sentidos, mostrando os verdadeiros significados simbólicos do Seminário da Prainha, entre modernizações e conservadorismos. Aliás, esta “tensão” ou quem sabe uma verdadeira dicotomia (modernização X conservadorismo) — é muito bem trabalhada no texto, ao historicizar os “meandros da memória” desta instituição cearense.

Nádia M. W. Santos



FACULDADE CATÓLICA DE FORTALEZA